Maria Manuel Baptista
Alexandre Rodolfo Alves de Almeida
Helena Carla Gonçalo Ferreira
Organização

Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais

cllc
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

Maria Manuel Baptista
Alexandre Rodolfo Alves de Almeida
Helena Carla Gonçalo Ferreira
Organização

Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais

cllc
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

FICHA TÉCNICA

Título
Culturas, ativismos e mudanças culturais

Organização
Maria Manuel Baptista
Alexandre Rodolfo Alves de Almeida
Helena Carla Gonçalo Ferreira

Capa
Rodolfo Pereira

Foto da capa
Charles Deluvio / visuals do site Unsplash

Edição
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas - CLLC

Contacto
dlc-cllc@ua.pt
Campus Universitário de Santiago
3810-193 Aveiro
Portugal

ISBN
978-989-35932-0-2

Data
Novembro de 2024

Os conteúdos apresentados e a formatação dos artigos são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

Este livro está licenciado sob uma licença Creative Commons CC BY 4.0.
Texto da licença: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt

Esta obra foi financiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04188/2020 e UIDP/04188/2020.

programa doutoral em estudos culturais universidade de aveiro

NECO Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio

GECE Grupo Género e Performance

cllc universidade de aveiro centro de línguas, literaturas e culturas

fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Comissão Científica

Adriano Gonçalves da Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Alexandre Rodolfo Alves de Almeida
Universidade de Aveiro, Portugal

Aline Ferreira
Universidade de Aveiro, Portugal

António Pernas
Universidade de Aveiro, Portugal

Antunes Pinto
Universidade de Aveiro, Portugal

Carina Cerqueira
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Portugal

Cathia Alves
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFSP/ Salto, Brasil

Cleiton Martins Duarte da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

Diana Gonçalves
Faculdade de Ciências Humanas / Universidade Católica Portuguesa, Portugal

Eduarda Rabaçal
Universidade Portucalense, Portugal

Fernando Moreira
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Gabriela Nicolau dos Santos
Universidade de Aveiro, Portugal

Helder Isayama
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Isabel Freitas
Universidade Portucalense, Portugal

Larissa Latif
Universidade Federal do Pará, Brasil

Luísa Paolinelli
Universidade da Madeira, Portugal

Maria Leonor Sampaio Silva
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, Portugal

Maria Manuel Baptista
Universidade de Aveiro, Portugal

Maria de Maria Quialheiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Brasil

Marie Luce Tavares
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais/Oricolé/UFMG, Brasil

Marta Leitão
Universidade de Aveiro, Portugal

Nelson Pinheiro
Universidade de Lisboa, Portugal

Orquídea Ribeiro
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Rita Himmel
Universidade de Aveiro, Portugal

Rosely Cubo
Instituto Iniciático Dinâmica Energética do Psiquismo, Brasil

Rui Grácio
Universidade de Aveiro, Portugal

Silvia Cristina Franco Amaral
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Silvio Figueiredo
Universidade Federal do Pará, Brasil

Sumário

Introdução - Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais: Cartografias de Transformação 1
Helena Ferreira, Maria Manuel Baptista

Introduction - Cultures, Activisms and Cultural Changes: Cartographies of Transformation 5
Helena Ferreira, Maria Manuel Baptista

Os periódicos ChanaComChana e Revista Brejeiras 9
Thamires Magalhães Motta

The ChanaComChana Bulletin and Brejeiras Magazine 17
Thamires Magalhães Motta

Travessias feministas: os papeis colados na jornada de um corpo teatral poético e político, Brasil – Portugal 25
Maria De Maria A. Quialheiro

Feminist crossings: the roles glued together in the journey of a poetic and political theatrical body, Brazil – Portugal 37
Maria De Maria A. Quialheiro

Nós e os Homens: multiplicando vozes 49
Izabela de Faria Miranda, Eni de Faria, Rosely Cubo

We and the Men: multiplying voices 59
Izabela de Faria Miranda, Eni de Faria, Rosely Cubo

Acessibilidade das estruturas museológicas em território nacional 69
Ana Rita Lucas Rodrigues

Accessibility of museum structures in national territory 79
Ana Rita Lucas Rodrigues

Sociomuseologia como Ativismo Museológico: vozes insurgentes e transformadoras 89
Ana Paula Carvalho

Sociomuseology as Museological Activism: Insurgent and Transformative Voices 99
Ana Paula Carvalho

Perfomances Culturais em Foco: Um Olhar Sobre a Mostra no Museu de Arte do Rio 107
Sthéfanny Melyssa Dourado Silva

Cultural Performances in Focus: A Look at the Exhibition at the Museum of Art in Rio 117
Sthéfanny Melyssa Dourado Silva

O Artivismo no Corpo e na Voz dos Slammers em Portugal.....127
Rita Capucho

Artivism against indifference.....135
Margarida Pereira Martins

Ativismo de Género no Teatro: desejo afirmativo como motor criativo 143
Helena Gonçalo Ferreira

Gender Activism In Theatre: affirmative desire as a creative force..... 151
Helena Gonçalo Ferreira

Movimento Cultural Manguebeat: ativando reflexões sobre o lazer, o corpo e a cidade..... 159
Aline Britto Rodrigues

Manguebeat Cultural Movement: turning on reflections on leisure, the body and the city..... 165
Aline Britto Rodrigues

Da Revolta ao Afundamento: ativismo, colapso e antifascismo 173
Jack Bratich

From Uprising to Downsinking: activism, collapse, and antifascism.....183
Jack Bratich

Ativismo palestiniano no TikTok: diferentes abordagens e utilização de filtros em solidariedade com a população em Gaza..... 193
Raquel Vinhas

#disabilitySouthAfrica: critical reflections on TikTok.....201
Fabiana Battisti, Lorenzo Dalvit

Considerações para o ensino de literatura negra por docente branca.....211
Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

Considerations for Teaching Black Literature by a White Professor.....219
Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

A Presença de Surdos e a Mobilização de Ações Afirmativas em Programas de Pós-Graduação... 227
Juliana de Oliveira Pokorski, Lodenir Becker Karnopp

Arte, Ciência e Ativismo em convergência: estratégias criativas para disseminação científica feminista 237
Ana Sofia Pereira, Vanessa Ribeiro-Rodrigues, Carla Cerqueira, Célia Taborda

Art, Science, and Activism in convergence: creative strategies for feminist scientific dissemination... 247
Ana Sofia Pereira, Vanessa Ribeiro-Rodrigues, Carla Cerqueira, Célia Taborda

Uma Reflexão dos Processos Culturais e as Mulheres da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal nos Projetos de Educação Ambiental Pea Pescarte, Embarque e Guardiãs da Pesca no Estado do Rio de Janeiro/Brasil 257
Manuela Chagas Manhães, Márcia Siqueira Cordeiro, Clara Mara Chaves, Yuri Walter

Urban wildlife photography as activism: A visual translation of solastalgia 267
Xany Jansen van Vuuren, Helen-Mary Cawood

Mulheres indígenas: reflexões sobre aspectos etnicos, género e empoderamento feminino 279
Fabiene Moraes Araújo

Autonomia indígena para Kimberley, Noroeste da Austrália 287
Stephen Muecke

Indigenous Autonomy for the Kimberley, North-West Australia 293
Stephen Muecke

Chris Eubank Jr., Armband Activist? Sport Events, Social Justice, and 'Soft' Athlete Activism 299
Neil O'Boyle

Resistance, rebellion, renunciation: Ultra trail running as an act of civic dissidence 305
Helen-Mary Cawood

A escuta do lógos em Foucault 315
Giovane do Nascimento

Translating the more-than-human: an ecosemiotic approach to animal activism as translation 323
Xany Jansen van Vuuren

Narratives Of Working-Class Lives Across the North-South Divide: 333
Jelena Gligorijević, Tamara Kolarić

Narrar memórias do futuro e ativar "inabilidades" políticas 343
Juliano André Kreutz, Raquel Trentin Oliveira

Introdução - Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais: Cartografias de Transformação

Helena Ferreira,
Maria Manuel Baptista

O IX Congresso Internacional em Estudos Culturais, sob o tema "Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais", convida-nos a refletir sobre as relações complexas e por vezes tensas entre academia e ativismo. Inspirado pela urgência em questionar e desconstruir as normas estabelecidas que estruturam o conhecimento e a ação, este encontro procura abrir espaço para uma exploração profunda das interseções entre teoria e prática ativista. Sob uma perspetiva pós-estrutural e decolonial, o congresso ambiciona expandir a compreensão dos ativismos, reconhecendo-os não apenas como intervenções esporádicas, mas como forças rizomáticas que desafiam as hierarquias de poder e as identidades sedimentadas.

Como afirma Svirsky (2010, p. 163), o ativismo pode ser entendido como um conjunto de "instigações locais" que se entrelaçam com o real, dando origem a novas enunciações e práticas coletivas. Este ponto de vista, inspirado em Deleuze, convida-nos a ver o ativismo como uma intervenção que escapa à moral normativa e ao bom senso, movendo-se por entre os ritmos da cultura dominante e esculpindo novos territórios de resistência e transformação. Esta dinâmica de constante reinvenção e resistência é especialmente relevante nas sociedades pós-industriais e neoliberais, onde as ações ativistas enfrentam tanto a repressão como a amplificação pela mediação digital, criando um ambiente paradoxal que simultaneamente restringe e expande as possibilidades de ação e impacto (Changfoot, 2006; Long, 2013).

Ao mesmo tempo, o contexto cultural atual exige que reconheçamos e exploremos as múltiplas faces dos ativismos. De protestos normativos, que se encaixam em oportunidades de melhoria de status social, a manifestações mais disruptivas e não-normativas que desafiam a própria estrutura institucional, os ativismos representam uma geografia fluida e em mutação. É, por isso, crucial entender as nuances das reações às diversas formas de protesto (Teixeira et al, 2023), uma vez que o apoio de grupos mais favorecidos tende a alinhar-se com protestos normativos que não desafiam diretamente os privilégios estabelecidos (Grossberg, 2010).

Este Congresso propõe-se, assim, a explorar esta multiplicidade, promovendo uma abertura ao novo e ao imprevisível. É um convite para que as práticas académicas se entrelacem com a prática ativista, abandonando a pretensão de um saber universal e solipsista em favor de um compromisso cívico e ético-político com as realidades sociais. Neste sentido, queremos estabelecer um diálogo que não apenas reconheça a diversidade dos ativismos, mas que se comprometa com a criação de um conhecimento socialmente relevante e transformador (Baptista, 2009).

O IX Congresso Internacional em Estudos Culturais: Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais não só dá voz às múltiplas perspetivas que emergem nas culturas contemporâneas, como também sublinha a importância de se abordarem temáticas emergentes, como a interseccionalidade nos movimentos sociais, a dinâmica de protestos digitais e as resistências locais que transcendem as fronteiras nacionais. Numa época em

que a velocidade da informação e a fluidez das redes sociais amplificam a disseminação das lutas, este evento será uma oportunidade para debater de que forma os ativismos podem funcionar como forças de disrupção e transformação em larga escala (Mayer, 2009; Svensson et al, 2012).

Inspirando-nos na abordagem deleuziana, que vê o ativismo como um "devir" e não um produto final, somos chamados a refletir sobre como a ação política pode quebrar os ritmos dominantes e estabelecer novas vias de subjetividade e expressão (Svirsky, 2010). Este Congresso pretende, assim, explorar as multiplicidades de voz e resistência que se manifestam nas culturas, oferecendo um espaço de experimentação crítica e de interação entre academia e ativismo.

Convidamos os participantes a trazerem perspetivas que transcendam as fronteiras disciplinares e nacionais, fomentando o intercâmbio de ideias que reconheça a complexidade e a riqueza da prática ativista e o seu impacto nas mudanças culturais. Esta abertura à diversidade de pensamentos e práticas reflete a natureza rizomática dos ativismos, que não seguem trajetórias lineares, mas desbravam novos territórios de possibilidade.

À luz dos desafios que permeiam a investigação e a prática ativista, este evento destina-se a ser mais do que uma simples troca de teorias e metodologias. Pretendemos que seja uma plataforma para o encontro entre académicos e ativistas, onde se possam cruzar conhecimentos e experiências, e onde possamos juntos delinear novas cartografias de resistência e mudança cultural. É, em última análise, um convite para que todas e todos se juntem a nós na exploração de caminhos que permitam não apenas interpretar o mundo, mas efetivamente intervir nele e transformá-lo (Hytten, 2014).

O IX Congresso Internacional em Estudos Culturais quando se debruça sobre a temática da Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais constitui-se como um convite a revisitar as bases e os princípios do pensamento crítico e a encontrar novas formas de compromisso que reforcem o papel dos Estudos Culturais enquanto campo de resistência e intervenção no mundo contemporâneo, lembrando-nos da importância da ação coletiva e do poder transformador do ativismo. São as respostas a esse convite, nas mais diversas áreas, que poderão ser encontradas nestas atas.

Referências

Baptista, M.M. (2009) "Estudos culturais: o quê e o como da investigação", Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, nº especial, automne / hiver, 451-461.

Changfoot, N. (2006). Local activism and neoliberalism: performing neoliberal citizenship as resistance, Studies in Political Economy 80, pp. 129 – 149.

Ferreira, H. & Baptista, M.M. (2024). Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais In IX CIEC https://ixcongresso.estudosculturais.com/sobre/

Grossberg, L. (2010). Cultural Studies in the Future Tense. Durham, NC: Duke University Press.

Hytten, K. (2014). Teaching as and for activism: Challenges and possibilities. Philosophy of Education Archive, pp. 385-394.

Long, J. (2013). Sense of place and place-based activism in the neoliberal city. City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action, 17 (1), pp. 52 – 67.

Mayer, M. (2009). "The "Right to the City" in the Context of Shifting Mottos of Urban Social Movements." City 13 (2–3), pp. 362–374.

Svensson, J. et al., (2012); What kind of activist are you? Positioning, power and identity in political online activism in Europe. In N. Edelmann, & P. Parycek (Eds.), CeDem2012. Conference on E-Democracy and Open Government (pp. 165-177). Donau-Universität-Krems.

Svirsky, M. (2010). Defining Activism. In Svirsky, M. (Ed.) Deleuze and Political Activism. Deleuze Studies Volume 4: 2010 supplement: v, pp. 163-182.

Teixeira et al (2023). Qualified support for normative vs. non-normative protest: Less invested members of advantaged groups are most supportive when the protest fits the opportunity for status improvement. In Journal of Experimental Social Psychology 106 (2023) 104454. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022103123000112?via%3Dihub

Introduction - Cultures, Activisms and Cultural Changes: Cartographies of Transformation

Helena Ferreira,
Maria Manuel Baptista

The IX International Congress on Cultural Studies, under the theme "Cultures, Activisms and Cultural Changes", invites us to reflect upon the complex and sometimes tense relationships between academia and activism. Inspired by the urgency to question and deconstruct established norms that structure knowledge and action, this gathering seeks to create space for a profound exploration of the intersections between theory and activist practice. Through a post-structural and decolonial perspective, the congress aspires to expand the understanding of activisms, recognising them not merely as sporadic interventions, but as rhizomatic forces that challenge power hierarchies and sedimented identities.

As Svirsky (2010, p. 163) states, activism can be understood as a set of "local instigations" that interweave with reality, giving rise to new collective enunciations and practices. This viewpoint, inspired by Deleuze, invites us to see activism as an intervention that escapes normative morality and common sense, moving amongst the rhythms of dominant culture and sculpting new territories of resistance and transformation. This dynamic of constant reinvention and resistance is particularly relevant in post-industrial and neoliberal societies, where activist actions face both repression and amplification through digital mediation, creating a paradoxical environment that simultaneously restricts and expands the possibilities for action and impact (Changfoot, 2006; Long, 2013).

Simultaneously, the current cultural context demands that we recognise and explore the multiple faces of activisms. From normative protests that fit within opportunities for social status improvement to more disruptive and non-normative manifestations that challenge the institutional structure itself, activisms represent a fluid and mutating geography. It is, therefore, crucial to understand the nuances of reactions to various forms of protest (Teixeira et al, 2023), as support from more privileged groups tends to align with normative protests that do not directly challenge established privileges (Grossberg, 2010).

This Congress thus proposes to explore this multiplicity, promoting an openness to the new and unpredictable. It is an invitation for academic practices to interweave with activist practice, abandoning the pretension of universal and solipsistic knowledge in favour of a civic and ethical-political commitment to social realities. In this sense, we aim to establish a dialogue that not only recognises the diversity of activisms but commits to creating socially relevant and transformative knowledge (Baptista, 2009).

The IX International Congress on Cultural Studies: Cultures, Activisms and Cultural Changes not only gives voice to multiple perspectives emerging in contemporary cultures but also emphasises the importance of addressing emerging themes, such as intersectionality in social movements, the dynamics of digital protests, and local resistances that transcend national boundaries. In an era where information velocity and social network fluidity amplify the dissemination of struggles, this event will be an opportunity to debate

how activisms can function as forces of disruption and large-scale transformation (Mayer, 2009; Svensson et al, 2012).

Drawing inspiration from the Deleuzian approach, which views activism as a "becoming" rather than a final product, we are called to reflect upon how political action can break dominant rhythms and establish new pathways of subjectivity and expression (Svirsky, 2010). This Congress thus aims to explore the multiplicities of voice and resistance manifested in cultures, offering a space for critical experimentation and interaction between academia and activism.

We invite participants to bring perspectives that transcend disciplinary and national boundaries, fostering an exchange of ideas that recognises the complexity and richness of activist practice and its impact on cultural changes. This openness to diversity of thoughts and practices reflects the rhizomatic nature of activisms, which do not follow linear trajectories but rather forge new territories of possibility.

In light of the challenges that permeate research and activist practice, this event is intended to be more than a simple exchange of theories and methodologies. We aim for it to be a platform for the encounter between academics and activists, where knowledge and experiences can intersect, and where together we can delineate new cartographies of resistance and cultural change. It is, ultimately, an invitation for all to join us in exploring paths that allow us not only to interpret the world but to effectively intervene in it and transform it (Hytten, 2014).

When the IX International Congress on Cultural Studies addresses the theme of Cultures, Activisms and Cultural Changes, it constitutes an invitation to revisit the foundations and principles of critical thinking and to find new forms of commitment that strengthen the role of Cultural Studies as a field of resistance and intervention in the contemporary world, reminding us of the importance of collective action and the transformative power of activism. It is the responses to this invitation, across various areas, that may be found in these proceedings.

References

Baptista, M.M. (2009) "Estudos culturais: o quê e o como da investigação", Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, nº especial, automne / hiver, 451-461.

Changfoot, N. (2006). Local activism and neoliberalism: performing neoliberal citizenship as resistance, Studies in Political Economy 80, pp. 129 – 149.

Ferreira, H. & Baptista, M.M. (2024). Culturas, Ativismos e Mudanças Culturais In IX CIEC https://ixcongresso.estudosculturais.com/sobre/

Grossberg, L. (2010). Cultural Studies in the Future Tense. Durham, NC: Duke University Press.

Hytten, K. (2014). Teaching as and for activism: Challenges and possibilities. Philosophy of Education Archive, pp. 385-394.

Long, J. (2013). Sense of place and place-based activism in the neoliberal city. City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action, 17 (1), pp. 52 – 67.

Mayer, M. (2009). "The "Right to the City" in the Context of Shifting Mottos of Urban Social Movements." City 13 (2–3), pp. 362–374.

Svensson, J. et al., (2012); What kind of activist are you? Positioning, power and identity in political online activism in Europe. In N. Edelmann, & P. Parycek (Eds.), CeDem2012. Conference on E-Democracy and Open Government (pp. 165-177). Donau-Universität-Krems.

Svirsky, M. (2010). Defining Activism. In Svirsky, M. (Ed.) Deleuze and Political Activism. Deleuze Studies Volume 4: 2010 supplement: v, pp. 163-182.

Teixeira et al (2023). Qualified support for normative vs. non-normative protest: Less invested members of advantaged groups are most supportive when the protest fits the opportunity for status improvement. In Journal of Experimental Social Psychology 106 (2023) 104454. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022103123000112?via%3Dihub

Os periódicos ChanaComChana e Revista Brejeiras

Thamires Magalhães Motta

Desde as "primeiras lutas de seres sexuados contra o poder e contra o patriarcado" (Francisco; Santos; Rangel, 2022, p. 5), as mulheres lésbicas estiveram envolvidas na construção de movimentos pela conquista ou retomada de direitos das mulheres, bem como objetivando fortalecer as pautas referentes a gênero e sexualidade, tarefa que foi assumida com inúmeros desafios. Na história da construção do movimento feminista ocidental, boa parte das mulheres se recusava a tratar a lesbianidade como uma causa necessária; no movimento gay, suas necessidades eram marginalizadas. A escritora feminista Betty Friedan, autora de "A Mística Feminina", publicado em 1963, descreveu a massiva presença lésbica dentro do movimento feminista como "a ameaça lavanda". Neste livro, ela condena as mulheres lésbicas feministas, alegando que a sociedade reagia ao feminismo com medo, e que a crítica à feminilidade que as lésbicas promoviam corroborava para que as pessoas se afastassem do movimento.

Existir enquanto um corpo político lésbico recai em uma contradição, de acordo com Bacci (2016), já que ao mesmo tempo que precisa enfrentar a heterossexualidade imposta e a uma normatização patriarcal, é invisibilizado em sua condição e tratado como abjeto. Neste trabalho, recuperamos a definição de Clarke (1990) de ressignificação do corpo lésbico enquanto um corpo descolonizado, que subverte a norma e rechaça as condições que lhe foram impostas. A lesbianidade seria, portanto, um ato político.

A crítica ao heterofeminismo, entendido como elemento predominante nos fundamentos teóricos-feministas, esbarram em uma falta de reflexão, hierarquizando corpos masculinos. A identidade, no entanto, não pode ser o eixo fundamental de posicionamento social desses sujeitos. Não pode existir uma lesbianidade feminista limitada a reivindicar a identidade (Curiel, 2021). Conforme explica a autora:

> O reconhecimento da identidade lésbica, é importantíssimo para nossa ação política, mas nós entendíamos que não era possível pensar-nos, como lésbicas feministas, sem articular o tema de raça, o tema de classe, o tema de nacionalidade, o tema da migração etc., porque para nossas vidas, isso vai tudo junto. E, além disso, uma aposta lesbofeminista que somente foca na identidade lésbica é uma aposta limitada para poder confrontar os diferentes sistemas de opressão. Eu, como lésbica feminista negra, sempre tive, desde o princípio, uma aposta por derrubar todos os sistemas de opressão, não somente um, como o regime da heterossexualidade. (Curiel, 2021, p. 4)

O lesbofeminismo tem sido uma corrente "importantíssima dentro do feminismo que colocou a heterossexualidade obrigatória e o regime da heterossexualidade como parte dos regimes de opressão histórico-colonial que temos tido" (Curiel, 2021, p. 3), um olhar que observa a sexualidade hegemônica como um regime político de domesticação do corpo feminino.

Muitas autoras apreciaram a questão da existência lésbica como uma "quebra do binarismo social, da ordem do discurso patriarcal, pois ela recusa seu eixo fundamental: a heterossexualidade" (Lessa, 2021, p. 35). Ti-Grace Atkinson (1975) defende que as mulheres que questionam e recusam o sistema de subordinação à determinação de que o corpo feminino é inferior se tornam "lesbianas políticas", independentemente das práticas sexuais.

Este texto busca investigar de que forma mulheres que amam mulheres se apropriaram de ferramentas - neste caso, boletins e revistas -, para construir o conhecimento sobre lesbianidade no Brasil, objetivando em última instância romper uma política de silenciamento e colonização desses corpos e identidades. Olharemos especificamente para dois arquivos que construíram e constroem a memória lésbica brasileira: o boletim ChanaComChana, veiculado de 1981 a 1985, e a Revista Brejeiras, veiculada de 2018 a 2023, procurando compreender de que forma esses dois acervos subjetivam a partir de sua circulação. Consideramos que os meios de comunicação influenciam e contribuem ativamente para a formação da identidade individual, gerando representações e conhecimentos que moldam as percepções das pessoas. Ao explorar dois acervos que circularam em períodos temporais diferentes, no mesmo país, e com temáticas semelhantes, compreendemos também os desafios enfrentados pelas mulheres lésbicas no Brasil.

Ambos os arquivos foram selecionados por sua importância histórica e impacto na comunidade LGBT, e por destacarem-se ao dar voz a um grupo social marginalizado, frequentemente visto de forma discriminatória. Como aponta Silveira-Barbosa (2019), "a escolha de narrar a trajetória das produções lésbicas a partir dos periódicos editados por elas e de seus relatos orais (...) coloca as agentes desses eventos no centro da narrativa". Ao mergulharmos nesses arquivos, investigamos como essas mulheres utilizam suas ferramentas para construir o conhecimento sobre a lesbianidade no Brasil, rompendo com uma política de silenciamento de corpos e identidades.

O boletim ChanacomChana surgiu na cidade de São Paulo, a partir do afastamento do subgrupo Lésbicas Feministas (LF) do SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual, primeiro grupo político abertamente homossexual criado no Brasil. A militante e ativista Míriam Martinho, uma das fundadoras do subgrupo, foi também um dos nomes principais na criação do boletim. Ela revela que este foi pioneiro no Brasil durante o período militar, abordando exclusivamente a temática lésbica (Martinho, 2012). O boletim se destacou por sua dedicação às questões relacionadas às lésbicas, desempenhando um papel significativo na sociedade de São Paulo e do Brasil. Sua ênfase estava nas mulheres, explorando suas dúvidas, dores, sexualidades e prazeres, mas sobretudo, na intenção de ser um espaço que promovesse ações de mudança social.

> Por enquanto, seguimos trabalhando para fazer do ChancomChana um efetivo veículo de informação sobre a vivência lésbica e sobre o feminismo, numa perspectiva de quebrar o muro de preconceitos que isola as mulheres homossexuais e proporciona-lhes uma rede de contatos e apoio aqui e no exterior. (ChanaComChana, 1985, p. 1).

Já a Revista Brejeiras foi criada em 2018, na cidade do Rio de Janeiro, pelo esforço de cinco amigas ativistas de diversas frentes e provenientes de diferentes lugares do país. Produzida por mulheres lésbicas e para mulheres lésbicas, surgiu pela necessidade de falarem sobre sexualidade, gênero, opressão e cultura de forma não estigmatizada (Brejeiras, 2013). Definida como:

> Um movimento cooperativo de e para lésbicas que busca, nas páginas da nossa revista, trocar experiências e salivas, ampliar imaginários e contatinhos, ocupar línguas e linguagens, revisitar os becos da memória, enfrentar apagamentos, construir resistências e dar visibilidade às lutas lésbicas (Brejeiras, 2023, p. 2).

Ambos os periódicos foram criados por militantes organizadas em grupos e coletivos, que se autodefinem em sua maioria como mulheres lésbicas; priorizam em seu conteúdo assuntos pertinentes e pertencentes

ao universo lésbico; abordam tópicos construídos em primeira pessoa; discorrem temáticas do universo da cultura, música e entretenimento, para além do conteúdo jornalístico propriamente dito. Especialmente, essas mídias foram selecionadas diante da forte consciência política apresentada em suas matérias, de forma plural e contra-hegemônica (Bastos; Alves, 2023).

A crítica decolonial aos regimes políticos de dominação

Metodologicamente, são utilizadas as ferramentas de análise de conteúdo propostas por Laurence Bardin (2011), um conjunto de instrumentos aplicados aos diversos discursos, baseado na inferência dos dados que se apresentam. A partir de três etapas, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, os materiais são avaliados, enumerados, explorados e interpretados. A pesquisa se apoia sobretudo nas teorias feministas decoloniais propostas pelas dominicanas Ochy Curiel, que desafia o patriarcado ao considerar interseccionalidades como raça, classe e sexualidade, e Yuderkis Espinosa Miñoso, que examina a heterossexualidade como regime político de dominação. A partir das perspectivas da escritora norteamericana Adrienne Rich, discutimos os conceitos de lesbianidade política. Essas autoras contribuem para uma compreensão crítica das disputas em torno das questões de gênero e sexualidade, com ênfase na crítica ao eurocentrismo e na exclusão de grupos marginalizados na construção do conhecimento, nos ajudando a refletir sobre lesbianidade, feminismo, política, discriminação, cultura e arte. Conforme Swain (1999), a sociedade frequentemente impõe normas heterossexuais, criando barreiras para que as mulheres se aceitem como lésbicas, sendo a visibilidade um meio crucial de combater o estigma e promover a aceitação da diversidade sexual.

Assim como defendem Wittig e Rich (1992; 1980), Curiel observa a heterossexualidade como um regime político, procurando compreender a construção do Estado a partir disso. Curiel examina a heterossexualidade como uma ideologia compulsória para aqueles que vivem em sociedade, institucionalizada pelos signos sociais e legitimada nos mais diversos discursos, estejam eles no âmbito da religião, da ciência ou das leis - que seriam a expressão máxima dessa hegemonia.

A colonialidade aparece no mesmo locus do mecanismo de dominação. A partir da perspectiva epistemológica, supõe-se um apagamento de saberes e pensamentos quando este conceito define, por meio do discurso, quais saberes devem ser privilegiados. O que os grupos subalternos, marginalizados pelo olhar eurocêntrico, têm historicamente realizado é a recuperação de suas próprias epistemes e representações (Rangel; Francisco; Santos, 2022).

> Quando nos encontramos com a proposta do feminismo decolonial, acho que houve um salto importante, não em uma posição, digamos, ampliada em lugar de um lesbianismo feminista latinoamericano e caribenho, mas, sim, aquelas que estamos construindo o feminismo decolonial nos demos conta de que boa parte das nossas fontes éramos nós mesmas. Então, para construir o feminismo decolonial, era importante uma posição lesbofeminista, antirracista, anti-capitalista, antimilitarista, não? Isso é uma fonte importante do que vamos chamar feminismo decolonial (Curiel, 2023, p. 224).

Curiel propõe que a criação do feminismo decolonial supõe um posicionamento que desafie e enfrente a lógica binária de gênero. A heterossexualidade seria, portanto, mais um "artefato colonial" (p. 224, 2013) utilizado para determinar o lugar da mulher na sociedade. A partir dessa lógica é imposta a heterossexualidade como regime de poder, regime de controle do corpo feminino e determinação de que este corpo deve estar sexualmente e amorosamente submetido ao homem.

Visibilidade se torna, nos dois arquivos, o mote principal e um dos grandes catalisadores dos conteúdos trabalhados. Os dois periódicos possuem textos construídos em primeira pessoa, divididos entre artigos de opinião, depoimentos sobre situações vividas no cotidiano, charges e áreas "livres" para desabafos, quase como numa conversa de bar. É sobre os artigos em primeira pessoa que nos debruçamos, buscando compreender as situações que essas mulheres viviam. Ao debater sobre a narrativa em primeira pessoa feita por mulheres negras, Grada Kilomba fala sobre a reapropriação da língua e da voz no sentido de resistência e oposição ao discurso dominante, uma vez que o silêncio foi imposto dentro de "(...) uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podemos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes", e falar em primeira pessoa é "(...) sobre resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa história escondida" (Kilomba, 2019, p. 27).

Estes testemunhos, apresentados em primeira pessoa e inserindo as autoras como protagonistas de suas próprias narrativas, podem ser interpretados como uma reivindicação simbólica de suas histórias. Baseado no conceito de dispositivo da sexualidade (Foucault, 2005), avaliamos estes depoimentos como táticas de resistência adotadas por grupos marginalizados, que desafiam convenções sexuais e buscam autonomia, influenciando a percepção e o controle social sobre a sexualidade. Apropriar-se do discurso é uma forma de combate, e a concretude desses materiais, circulados em maior ou menor escala, foram capazes de incentivar mudanças significativas na sociedade, como a elaboração de leis que promovem a visibilidade lésbica, bem como incentivar mulheres lésbicas a se apropriarem de sua história e continuidade social, como define Rich:

> A existência lésbica tem sido vivida (ao contrário, por exemplo, da existência judaica ou católica), sem acesso a qualquer conhecimento de uma tradição, uma continuidade ou um esteio social. A destruição dos registros, da memória e das cartas que documentam as realidades da existência lésbica deve ser seriamente vista como uma forma de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres (...) (p 66, 2019)

Ao estabelecer esta definição, Rich solidifica a existência lésbica como um poder político que desafia a invisibilidade, partindo sobretudo de suas existências e locomoções no mundo, colocando conscientemente o poder das mulheres em se colocar como indivíduos e donas de suas histórias.

Violência, no entanto, é o segundo mote que se apresenta insistente e indissociável das experiências lésbicas. Observamos que, apesar do distanciamento temporal, os índices de violência contra mulheres lésbicas permanecem significativos, e que a consolidação da internet modificou a disseminação e alcance de determinados debates, mas que parte significativa das pautas permanecem as mesmas. Um exemplo é trazido no seguinte recorte (ChanaComChana, sem número, 1980):

> O lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente paga para curtir esse barato. Toda mulher lésbica que já se viu forçada a sentir vergonha por amar outra mulher sabe bem disso. A sociedade falocrata não nos perdoa e vive nos empurrando para os guetos da vida. Os guetos da vida são os lugares que o mundo instalou dentro e fora de nós onde se reproduzem os opressores estereótipos de masculinidade e feminilidade.

No trecho, a autora reproduz a sensação angustiante de ser feliz com sua orientação sexual, mas sentir que a pressão social e as violências impedem essa felicidade de ser completa. O editorial da Revista Brejeiras constroi narrativa similar, mostrando os atravessamentos entre luta e desejo, que permanecem quase 30 anos depois:

> (...) Pelo direito de amar mulheres / Pelo prazer de desejar mulheres, sendo mulheres / Pela dissidência dos corpos, sexualidades e belezas / Pelo fim dos tribunais de feminilidade / Para que nenhum homem esteja no centro de nossas discussões / Respeitamos o direito ao armário e afirmamos a potência da vida fora dele / Nos levantamos contra a heteronormatividade que nos precariza, exclui e mata (...) (p. 2, 2019)

Em 2022, a Liga Brasileira de Lésbicas e a Associação Lésbica Feminista de Brasília publicaram o dossiê "LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil". O levantamento ouviu em torno de 22 mil mulheres lésbicas no Brasil, utilizando a metodologia quali-quantitativa. O estudo observou que o assédio moral e sexual são os mais recorrentes contra as mulheres lésbicas: 92% relatam já ter sido interrompidas ao tentar falar; e mais de 50% já foram obrigadas a ter algum tipo de contato sexual de forma não consentida. Em 2019, a associação jornalística Gênero e Número publicou uma reportagem que revelava outra faceta da violência contra mulheres lésbicas. A partir de um levantamento realizado com os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, vinculado ao Ministério da Saúde, foi possível notar que em 2017, em média 6 mulheres lésbicas eram vítimas de estupro por dia. Em mais de 60% dos casos, a violência era recorrente. Outros dados significativos mostram que a maior parte dos crimes, ou seja, em torno de 61% aconteciam na residência da vítima e 96% dos algozes eram homens.

O Dossiê sobre lesbocídio no Brasil de 2014 até 2017, desenvolvido pelo grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) "Lesbocídio – As histórias que ninguém conta", mostra evidências de que a violência contra mulheres lésbicas apresentou crescimento desde o início dos anos 2000. Entre os anos de 2000 e 2017, foram contabilizados 180 homicídios de mulheres lésbicas; enquanto no período entre 2014 e 2017, registraram-se 126 homicídios. Estes números, no entanto, podem ser muito maiores, pois de acordo com Maria Clara Marques Dias, coordenadora do grupo, os resultados podem apresentar uma subnotificação, porque muitas vezes essas mortes não são registradas oficialmente.

Todas essas produções acadêmicas e jornalísticas têm em comum a observação de alguns fenômenos já discutidos por especialistas da área: a crescente violência contra mulheres lésbicas, a subnotificação dos casos, e a invisibilidade que o assunto enfrenta até os dias atuais. Como explica Bordieu (1999, p.34), "a opressão como forma de 'invisibilização' traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhe-

cida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade".

Estudos Culturais e mídia como ferramentas de transformação social

A mídia tem um papel fundamental na formação política do sujeito, exercendo influência sobre a opinião pública por meio da disseminação de notícias, reportagens e publicidade em diferentes formatos e veículos. As massas são expostas àquilo que a mídia produz de forma contínua e incessante, fundamentando o desenvolvimento da opinião pública coletiva. Sob a ótica do jornalismo, Morais e Gadini (2014) reforçam a necessidade de o indivíduo fazer uma leitura crítica do papel da mídia, para que esta possa ser utilizada de maneira a favorecer o potencial de emancipação do sujeito social.

O surgimento dos estudos culturais, que tratam da relação entre pensamento e realidade histórica, conhecimento e poder, e dos estudos pós-coloniais estimularam mudanças importantes na perspectiva das ciências sociais de forma teórica e política. As propostas principais dos Estudos Culturais propõem uma crítica ao eurocentrismo, historicismo e critica a ausência de grupos marginalizados na produção de conhecimento (Curiel, 2013, p. 19). Esse posicionamento epistemológico e político buscaria um processo de "descolonização do pensamento" e das relações de poder.

A identidade lésbica em discussão traz à tona problemas importantes para serem discutidos dentro do campo dos Estudos Culturais, criticando a hegemonia de discurso - heterossexualidade -, que posiciona as mulheres e o feminismo a partir de sua própria perspectiva. Conforme explica Lessa (2021), convocando o pensamento de Simone de Beauvoir, uma das teóricas pioneiras na crítica ao sujeito universal:

> (...) No mundo social, há aqueles que ocupam a posição não específica, sem marcações (sexual, racial, religiosa), universal, e aqueles que são definidos, reduzidos e marcados por sua diferença, aprisionados em suas especificidades e, por isso, designando o Outro. Assim foram definidas as posições de homens e de mulheres: o homem como Sujeito Absoluto, e a Mulher, o Outro do homem, ou seja, o masculino está investido dos significados, de uma representação totalitária. (Lessa, 2021, p. 57).

Os meios de comunicação possuem uma dimensão de significativa influência nas sociedades contemporâneas, mas também entra nesta equação o próprio regime político da sociedade, que, por meio da Constituição, assim como indica Curiel (2013), definiria por meio das leis quais sujeitos obtêm mais ou menos direitos.

Ainda utilizando como exemplo a metodologia de Curiel, que critica a teoria do conhecimento "hegemonicamente outrológico", que se posiciona de forma a tornar "o outro" o sujeito de investigação, sem compromisso ético ou sem analisar as relações de saber e poder entre eles (Curiel, 2013), nos interessa observar o enfrentamento da história pelo ponto de vista daquelas que estão em locais de subalternização, que enfrentam o acúmulo de opressões raciais, sexuais e de gênero e se dispõe a criar contranarrativas. O lesbofeminismo decolonial seria, portanto, a expressão que melhor desenvolve a crítica de que a heterossexualidade é um regime

político e que não se pode fazer as análises a partir de um feminismo essencialmente branco e europeu ou norte-americano.

Esperamos demonstrar que a disseminação e circulação desses arquivos e artefatos culturais, com suas perspectivas críticas, educativas e informativas, atuam como estratégias de enfrentamento às violências que as lésbicas enfrentam, estimulando debates públicos sobre performatividades lésbicas. Tanto ChanaComChana quanto Brejeiras se consolidam como ferramentas que desafiam e trazem à tona discussões sobre visibilidade, direito e pertencimento. A circulação desses arquivos exerce um efeito educativo e informativo, funcionando como um dispositivo de resistência ao silenciamento sistemático da identidade lésbica. Conforme argumenta Rosa Maria Bueno Fischer, baseando-se em Foucault, a mídia participa ativamente na constituição da subjetividade, produzindo imagens e saberes que educam as pessoas, moldando modos de ser e estar na cultura (2002).

Referências Bibliográficas

ATKINSON, Ti Grace. Odyssée d'une amazone, Paris, Des Femmes. 1975.

BACCI, Irina Karla. Vozes lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania LGBT. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 280 p. 2011.

BASTOS, R. C. M.; ALVES, G. S. Presença e materialidade de identidades lésbicas na mídia impressa brasileira entre 2014 e 2020. COR LGBTQIA+, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 58–76, 2023.

BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 1, 1982. BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 11, 1986-1987 BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 3, 1983.

BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 7, 1985. BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 8, 1985.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 1, n. 1 – Março/Abril/Maio/2018a.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 1, n. 2 – Junho/Julho/Agosto/2018b.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 2, n. 4 – Junho/Julho/Agosto/2019. Campinas: mulheres na filosofia, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

CLARKE, Cheryl. Lesbianism: An Act of Resistance. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, a Society, and Politics. Columbia University Press, 1990.

CURIEL, Ochy. A aposta teórico política do lesbofeminismo antirracista decolonial. [Entrevista realizada em 05 de outubro de 2020]. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 32, e0302. jan./abr. 2021. Entrevistadora: SILVA, Ariana Mara da.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa, v. 28, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. vl 1. Ed 16. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2005.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LESSA, Patricia. Chana com Chana e outras narrativas lesbianas em Pindorama. Rio de Janeiro: Luas, 2022.

LESSA, Patrícia. O FEMINISMO-LESBIANO EM MONIQUE WITTIG. Revista Ártemis, [S. l.], n. 7, 2007.

MARTINHO, Míriam. Agosto com orgulho: os primórdios da organização lésbica no Brasil. 2012.

MARTINHO, Míriam. Tributo a Rosely Roth e Livreto Dia do Orgulho das Lesbianas do Brasil. 2012.

MIÑOSO, Yuderkis Espinoza. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. MASP afterall, [S. l.], p. 1-13, 27 jun. 2023. Disponível em: https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf.

NAVARRO, Tânia Swain. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? 1999. Disponível outubro/Novembro/Dezembro/2018c.

RANGEL, Néstor Eliécer Moreno; FRANCISCO, Camila Rodrigues; SANTOS, Bruno Vieira dos. Antropologia da dominação, lesbianidade feminista decolonial e a re-direitização da sociedade: uma entrevista com Ochy Curiel. Cadernos Pagu, n. 64, p. e226406, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/PYzF4DrBjmfRWTfj67RGMdS/?lang=pt.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309.

SILVEIRA-BARBOSA, P. Trajetória da Imprensa Lésbica brasileira, uma história possível. Revista Aedos, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 142–163, 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/93003.

SOARES, Suane Felippe. "Procura-se Sapatão: Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro". In: REDOR, 18, 2014, Recife, UFRP. Anais... Recife: UFRP/UFPB, 2014. p. 1439-1451.

The ChanaComChana Bulletin and Brejeiras Magazine

Thamires Magalhães Motta

Since the "first struggles of sexualized beings against power and patriarchy" (Francisco; Santos; Rangel, 2022, p. 5), lesbian women have been involved in building movements for the achievement or reclamation of women's rights, as well as aiming to strengthen issues related to gender and sexuality, a task that has been undertaken with numerous challenges. In the history of the construction of the Western feminist movement, many women refused to treat lesbianism as a necessary cause; within the gay movement, their needs were marginalized. The feminist writer Betty Friedan, author of The Feminine Mystique, published in 1963, described the massive lesbian presence within the feminist movement as "the lavender menace." In this book, she condemned lesbian feminists, arguing that society reacted to feminism with fear, and that the critique of femininity promoted by lesbians contributed to people distancing themselves from the movement.

Existing as a political lesbian body entails a contradiction, according to Bacci (2016), since, while needing to confront imposed heterosexuality and patriarchal normalization, it is rendered invisible in its condition and treated as abject. In this work, we recover Clarke's (1990) definition of the re-signification of the lesbian body as a decolonized body, which subverts the norm and rejects the conditions imposed upon it. Lesbianism, therefore, would be a political act.

The critique of heterofeminism, understood as a predominant element in theoretical-feminist foundations, encounters a lack of reflection, hierarchizing male bodies. However, identity cannot be the fundamental axis of social positioning for these subjects. There cannot exist a feminist lesbianism limited to claiming identity (Curiel, 2021). As the author explains:

> The recognition of lesbian identity is crucial for our political action, but we understood that it was not possible to think of ourselves as feminist lesbians without addressing the themes of race, class, nationality, migration, etc., because in our lives, all of this is interconnected. Moreover, a lesbofeminist approach that solely focuses on lesbian identity is a limited approach for confronting the different systems of oppression. I, as a Black feminist lesbian, have always been committed, from the beginning, to dismantling all systems of oppression, not just one, such as the regime of heterosexuality. (Curiel, 2021, p. 4)

Lesbofeminism has been an "important current within feminism, which positioned compulsory heterosexuality and the regime of heterosexuality as part of the historical-colonial oppression regimes we have faced" (Curiel, 2021, p. 3), a perspective that views hegemonic sexuality as a political regime for the domestication of the female body. Many authors have considered lesbian existence as a "disruption of the social binarism of patriarchal discourse, as it rejects its fundamental axis: heterosexuality" (Lessa, 2021, p. 35).

Ti-Grace Atkinson (1975) argues that women who question and reject the system of subordination, in which the female body is deemed inferior, become "political lesbians," regardless of sexual practices.

This text seeks to investigate how women who love women have appropriated tools—such as bulletins and magazines—to construct knowledge about lesbianism in Brazil, ultimately aiming to break a policy

of silencing and colonizing these bodies and identities. We specifically look at two archives that built and continue to build Brazilian lesbian memory: the ChanaComChana bulletin, published from 1981 to 1985, and Brejeiras magazine, published from 2018 to 2023, seeking to understand how these two collections subjectivize through their circulation. We consider that the media actively influence and contribute to the formation of individual identity, generating representations and knowledge that shape people's perceptions. By exploring two collections that circulated in different temporal periods, within the same country, and with similar themes, we also understand the challenges faced by lesbian women in Brazil.

Both archives were selected for their historical importance and impact on the LGBT community, as well as for standing out by giving voice to a marginalized social group, often viewed in a discriminatory way. As Silveira-Barbosa (2019) points out, "the choice to narrate the trajectory of lesbian productions through the periodicals edited by them and their oral accounts (...) places the agents of these events at the center of the narrative." By delving into these archives, we investigate how these women use their tools to construct knowledge about lesbianism in Brazil, breaking with a policy of silencing bodies and identities.

The ChanaComChana bulletin emerged in São Paulo from the separation of the Lesbian Feminists (LF) subgroup from SOMOS - Homosexual Affirmation Group, the first openly homosexual political group created in Brazil. Activist Míriam Martinho, one of the founders of the subgroup, was also a key figure in the creation of the bulletin. She reveals that it was pioneering in Brazil during the military period, addressing exclusively lesbian themes (Martinho, 2012). The bulletin stood out for its dedication to lesbian issues, playing a significant role in the society of São Paulo and Brazil. Its emphasis was on women, exploring their doubts, pains, sexualities, and pleasures, but above all, intending to be a space that promoted actions for social change.

> For now, we continue working to make ChanacomChana an effective vehicle of information about lesbian experience and feminism, with the perspective of breaking down the wall of prejudice that isolates homosexual women and provides them with a network of contacts and support, both here and abroad. (ChanaComChana, 1985, p. 1).

Brejeiras magazine, on the other hand, was created in 2018 in Rio de Janeiro, through the efforts of five activist friends from various fronts and from different parts of the country. Produced by and for lesbian women, it emerged from the need to discuss sexuality, gender, oppression, and culture in a non-stigmatized way (Brejeiras, 2013). Defined as:

> A cooperative movement by and for lesbians that seeks, in the pages of our magazine, to exchange experiences and desires, expand imaginations and contacts, occupy languages, revisit the corners of memory, confront erasures, build resistance, and give visibility to lesbian struggles (Brejeiras, 2023, p. 2).

Both periodicals were created by activists organized into groups and collectives that mostly self-identify as lesbian women; their content prioritizes relevant topics belonging to the lesbian universe; they address topics written in the first person; they discuss themes from the worlds of culture, music, and entertainment,

beyond strictly journalistic content. These media were selected especially for their strong political consciousness, presented in a plural and counter-hegemonic manner (Bastos; Alves, 2023).

Decolonial Critique of Political Domination Regimes

Methodologically, the tools of content analysis proposed by Laurence Bardin (2011) are employed—a set of instruments applied to various discourses, based on the inference of the data presented. Through three stages—pre-analysis, exploration of the material, and treatment of the results—the materials are evaluated, enumerated, explored, and interpreted. The research is primarily based on decolonial feminist theories proposed by Dominican scholars Ochy Curiel, who challenges patriarchy by considering intersections such as race, class, and sexuality, and Yuderkis Espinosa Miñoso, who examines heterosexuality as a political regime of domination. Drawing from the perspectives of American writer Adrienne Rich, we discuss the concepts of political lesbianism. These authors contribute to a critical understanding of the disputes surrounding gender and sexuality issues, emphasizing the critique of Eurocentrism and the exclusion of marginalized groups in the construction of knowledge, helping us to reflect on lesbianism, feminism, politics, discrimination, culture, and art. According to Swain (1999), society often imposes heterosexual norms, creating barriers for women to accept themselves as lesbians, making visibility a crucial means to combat stigma and promote the acceptance of sexual diversity.

As Wittig and Rich (1992; 1980) argue, Curiel views heterosexuality as a political regime, seeking to understand state formation based on this framework. Curiel examines heterosexuality as a compulsory ideology for those living in society, institutionalized through social signs and legitimized across various discourses, whether in the realms of religion, science, or law—which represent the highest expression of this hegemony.

Coloniality emerges from the same locus as the mechanism of domination. From an epistemological perspective, an erasure of knowledge and thought is presumed when this concept defines, through discourse, which knowledge should be privileged. What subaltern groups, marginalized by the Eurocentric gaze, have historically undertaken is the recovery of their own epistemes and representations (Rangel; Francisco; Santos, 2022).

> When we encounter the proposal of decolonial feminism, I believe there was a significant leap, not towards an expanded position of Latin American and Caribbean feminist lesbianism, but rather those of us building decolonial feminism realized that much of our sources were ourselves. Therefore, to construct decolonial feminism, it was essential to adopt a lesbofeminist, anti-racist, anti-capitalist, anti-militarist stance, wasn't it? This is an important source of what we call decolonial feminism (Curiel, 2023, p. 224).

Curiel proposes that the creation of decolonial feminism requires a stance that challenges and confronts the binary logic of gender. Heterosexuality, therefore, is yet another "colonial artifact" (p. 224, 2013) used to determine a woman's place in society. Based on this logic, heterosexuality is imposed as a regime of power, a regime of control over the female body, and the determination that this body must be sexually and emotionally subjected to men.

Visibility becomes the main theme in both archives and one of the major catalysts for the content presented. Both periodicals feature texts written in the first person, divided into opinion articles, testimonies about everyday situations, cartoons, and "free" sections for venting, almost like a bar conversation. We focus on the first-person articles, seeking to understand the situations these women lived through. In discussing first-person narratives by Black women, Grada Kilomba talks about the reappropriation of language and voice as a form of resistance and opposition to dominant discourse, as silence was imposed within "a history of tortured voices, broken tongues, imposed languages, silenced discourses, and many places we cannot enter, nor remain, to speak with our voices," and speaking in the first person is "about resistance, about a collective hunger to gain a voice, write, and recover our hidden history" (Kilomba, 2019, p. 27).

These first-person testimonies, placing the authors as protagonists of their own narratives, can be interpreted as a symbolic claim to their histories. Based on the concept of the sexuality apparatus (Foucault, 2005), we evaluate these testimonies as resistance tactics adopted by marginalized groups that challenge sexual conventions and seek autonomy, influencing social perception and control over sexuality. Appropriating discourse is a form of combat, and the material circulated, in greater or lesser degrees, was capable of encouraging significant societal changes, such as the creation of laws that promote lesbian visibility, as well as encouraging lesbian women to reclaim their history and social continuity, as defined by Rich:

> Lesbian existence has been lived (unlike, for example, Jewish or Catholic existence) without access to any knowledge of a tradition, continuity, or social support. The destruction of records, memories, and letters that document the realities of lesbian existence must be seriously viewed as a way of maintaining compulsory heterosexuality for women (...) (p. 66, 2019).

By establishing this definition, Rich solidifies lesbian existence as a political power that challenges invisibility, particularly through their existence and movement in the world, consciously placing the power of women to position themselves as individuals and owners of their own stories.

Violence, however, is the second theme that presents itself insistently and inextricably from lesbian experiences. We observe that, despite temporal distance, the rates of violence against lesbian women remain significant, and the consolidation of the internet has altered the dissemination and reach of certain debates, yet many of the key issues remain the same. An example is provided in the following excerpt (ChanaComChana, no number, 1980):

> Lesbianism is a thrill. Expensive is the price we pay to enjoy this thrill. Every lesbian woman who has ever been forced to feel ashamed for loving another woman knows this all too well. The phallocentric society does not forgive us and keeps pushing us into life's ghettos. Life's ghettos are the places the world has installed within and outside us, where oppressive stereotypes of masculinity and femininity are reproduced.

In this passage, the author expresses the anguishing feeling of being happy with her sexual orientation but feeling that social pressure and violence prevent this happiness from being complete. Brejeiras magazine's editorial builds a similar narrative, highlighting the intersection between struggle and desire that persists almost 30 years later:

> (...) For the right to love women / For the pleasure of desiring women, as women / For the dissidence of bodies, sexualities, and beauties / For the end of femininity tribunals / So that no man is at the center of our discussions / We respect the right to the closet and affirm the power of life outside it / We rise against the heteronormativity that makes us precarious, excludes, and kills us (...) (p. 2, 2019).

In 2022, the Brazilian Lesbian League and the Feminist Lesbian Association of Brasília published the report "LesboCenso Nacional: Mapping Lesbian Experiences in Brazil." The survey gathered information from around 22,000 lesbian women in Brazil using qualitative-quantitative methodology. The study found that moral and sexual harassment are the most frequent forms of violence against lesbian women: 92% report having been interrupted when attempting to speak; and over 50% have been forced into non-consensual sexual contact. In 2019, the journalistic association Gênero e Número published a report revealing another facet of violence against lesbian women. Based on data from the Information System for Notifiable Diseases, linked to the Ministry of Health, it was found that, in 2017, an average of 6 lesbian women were victims of rape per day. In over 60% of cases, the violence was recurring. Other significant data shows that most crimes—around 61%—occurred in the victim's residence, and 96% of the aggressors were men.

The Dossier on Lesbianicide in Brazil from 2014 to 2017, developed by the research group "Lesbocídio – The Stories No One Tells" at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), shows evidence that violence against lesbian women has increased since the early 2000s. Between 2000 and 2017, 180 homicides of lesbian women were recorded, while from 2014 to 2017, 126 homicides were documented. These numbers, however, may be much higher, as Maria Clara Marques Dias, coordinator of the group, indicates that the results may reflect underreporting since many of these deaths are not officially recorded.

All these academic and journalistic productions share the observation of phenomena already discussed by specialists in the field: the growing violence against lesbian women, the underreporting of cases, and the invisibility that the issue still faces today. As Bordieu (1999, p. 34) explains, "oppression as a form of 'invisibility' translates into a refusal of legitimate, public existence, that is, known and recognized, especially by the law, and a stigmatization that only becomes fully declared when the movement demands visibility."

Cultural Studies and Media as Tools for Social Transformation

The media plays a fundamental role in the political formation of the subject, exerting influence on public opinion through the dissemination of news, reports, and advertisements in various formats and outlets. The masses are continuously and incessantly exposed to what the media produces, thus shaping the development of collective public opinion. From a journalistic perspective, Morais and Gadini (2014) emphasize the need for individuals to critically engage with the role of the media, so that it can be utilized to favor the potential for the social subject's emancipation.

The emergence of Cultural Studies, which deals with the relationship between thought and historical reality, knowledge, and power, as well as postcolonial studies, has stimulated significant theoretical and political changes in the perspective of the social sciences. The main proposals of Cultural Studies advocate a critique of Eurocentrism, historicism, and the absence of marginalized groups in the production of knowledge

(Curiel, 2013, p. 19). This epistemological and political stance seeks a process of "decolonizing thought" and power relations.

The discussion of lesbian identity raises important issues to be addressed within the field of Cultural Studies, critiquing the hegemonic discourse—heterosexuality—that positions women and feminism from its own perspective. As Lessa (2021) explains, invoking the thought of Simone de Beauvoir, one of the pioneering theorists in the critique of the universal subject:

> (...) In the social world, there are those who occupy the nonspecific position, without markings (sexual, racial, religious), universal, and those who are defined, reduced, and marked by their difference, imprisoned in their specificities, and thus designated as the Other. This is how the positions of men and women were defined: man as the Absolute Subject, and Woman, the Other of man, that is, the masculine is invested with the meanings of a totalitarian representation. (Lessa, 2021, p. 57).

The media holds significant influence in contemporary societies, but within this equation also lies the political regime of society itself, which, through the Constitution, as Curiel (2013) indicates, defines through laws which subjects receive more or fewer rights.

Using Curiel's methodology as an example, which critiques the theory of "hegemonically other-logical" knowledge that positions "the other" as the subject of investigation without ethical commitment or analyzing the relations of knowledge and power between them (Curiel, 2013), we are interested in observing the confrontation of history from the perspective of those in subaltern positions, who face the accumulation of racial, sexual, and gender oppressions and set out to create counter-narratives. Decolonial lesbofeminism would therefore be the expression that best develops the critique that heterosexuality is a political regime and that analyses cannot be based on an essentially white and European or North American feminism.

We hope to demonstrate that the dissemination and circulation of these archives and cultural artifacts, with their critical, educational, and informative perspectives, act as strategies to confront the violence faced by lesbians, stimulating public debates about lesbian performativities. Both ChanaComChana and Brejeiras consolidate themselves as tools that challenge and bring to the forefront discussions about visibility, rights, and belonging. The circulation of these archives exerts an educational and informative effect, functioning as a device of resistance against the systematic silencing of lesbian identity. As Rosa Maria Bueno Fischer argues, drawing on Foucault, the media actively participates in the constitution of subjectivity, producing images and knowledge that educate people, shaping ways of being and living in culture (2002).

Bibliographic References

ATKINSON, Ti Grace. Odyssée d'une amazone, Paris, Des Femmes. 1975.

BACCI, Irina Karla. Vozes lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania LGBT. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 280 p. 2011.

BASTOS, R. C. M.; ALVES, G. S. Presença e materialidade de identidades lésbicas na mídia impressa brasileira entre 2014 e 2020. COR LGBTQIA+, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 58–76, 2023.

BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 1, 1982. BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 11, 1986-1987 BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 3, 1983.

BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 7, 1985. BOLETIM CHANACOMCHANA, São Paulo, GALF, n. 8, 1985.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 1, n. 1 – Março/Abril/Maio/2018a.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 1, n. 2 – Junho/Julho/Agosto/2018b.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: Brejeiras, v. 2, n. 4 – Junho/Julho/Agosto/2019. Campinas: mulheres na filosofia, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

CLARKE, Cheryl. Lesbianism: An Act of Resistance. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, a Society, and Politics. Columbia University Press, 1990.

CURIEL, Ochy. A aposta teórico política do lesbofeminismo antirracista decolonial. [Entrevista realizada em 05 de outubro de 2020]. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 32, e0302. jan./abr. 2021. Entrevistadora: SILVA, Ariana Mara da.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa, v. 28, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. vl 1. Ed 16. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2005.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LESSA, Patricia. Chana com Chana e outras narrativas lesbianas em Pindorama. Rio de Janeiro: Luas, 2022.

LESSA, Patrícia. O FEMINISMO-LESBIANO EM MONIQUE WITTIG. Revista Ártemis, [S. l.], n. 7, 2007.

MARTINHO, Míriam. Agosto com orgulho: os primórdios da organização lésbica no Brasil. 2012.

MARTINHO, Míriam. Tributo a Rosely Roth e Livreto Dia do Orgulho das Lesbianas do Brasil. 2012.

MIÑOSO, Yuderkis Espinoza. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. MASP afterall, [S. l.], p. 1-13, 27 jun. 2023. Disponível em: https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf.

NAVARRO, Tânia Swain. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? 1999. Disponível outubro/Novembro/Dezembro/2018c.

RANGEL, Néstor Eliécer Moreno; FRANCISCO, Camila Rodrigues; SANTOS, Bruno Vieira dos. Antropologia da dominação, lesbianidade feminista decolonial e a re-direitização da sociedade: uma entrevista com Ochy Curiel. Cadernos Pagu, n. 64, p. e226406, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/PYzF4DrBjmfRWTfj67RGMdS/?lang=pt.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309.

SILVEIRA-BARBOSA, P. Trajetória da Imprensa Lésbica brasileira, uma história possível. Revista Aedos, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 142–163, 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/93003.

SOARES, Suane Felippe. "Procura-se Sapatão: Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro". In: REDOR, 18, 2014, Recife, UFRP. Anais... Recife: UFRP/UFPB, 2014. p. 1439-1451.

Travessias feministas: os papeis colados na jornada de um corpo teatral poético e político, Brasil – Portugal

Maria De Maria A. Quialheiro[1]

Resumo

O presente texto explora a relação entre o teatro e feminismos, argumentando que essas abordagens desafiam as estruturas de poder e opressão, interferindo tanto na prática feminista quanto na ação teatral. Descrevo aqui minha trajetória pessoal e profissional, marcada pela intersecção entre o teatro feminista e os Estudos Culturais. No projeto de pós-doutorado, realizado em Portugal, investiguei os processos para a criação de uma obra cênico-performativa centrada no corpo como elemento poético e político, em diálogo com os estudos de gênero. A pesquisa foi profundamente influenciada pelo contato com movimentos ativistas feministas, como o Coletivo Feminismos Sobre Rodas e envolveu atividades pedagógicas, performances experimentais e ativismo na cidade do Porto, durante os anos de 2021 a 2023.

Palavras-chave

teatro feminista, processo criativo, feminismos, ativismo cultural, estudos culturais

Introdução

Tanto as epistemologias quanto as práticas feministas são vistas como movimentos que desafiam as estruturas de poder e opressão em diferentes áreas da sociedade. Com o Teatro não poderia ser diferente. Acreditando nisso, movida por um sentimento pessoal e profissional de subverter o teatro que vinha fazendo, consonante com referências brasileiras disponíveis, no campo do teatro feminista, como Lúcia Romano, Stela Fischer, Grace Passô, Maria Brígida de Miranda e outras. Um entendimento comum entre elas é que uma abordagem por esse viés transforma não só a prática teatral em si, mas pode trazer também novas propostas para a criação, estratégias outras de resistência para o ativismo, e ser uma forma a mais de compreendermos as dinâmicas de poder em cena (Romano, 2024).

Nesse caminho, propus um pré-projeto que resultaria numa investigação pós-doutoral em Estudos Culturais na Universidade de Aveiro, nos anos de 2021 e 2022, que se estendeu até 2023. Tinha por objetivo a criação de obra cênico-performativa — pensada a partir do corpo, esse corpo-casa que podia levar comigo, como elemento poético e político, aonde quer que fosse —, em diálogo com o teatro feminista e que levasse em consideração parte da minha trajetória artística pelo melodrama e o circo-teatro.

O contexto e a motivação para a investigação de pós-doutoramento estavam ancoradas nas bases que me compõem como artista/docente/pesquisadora/mulher. Acredito que a formação de toda/o e qualquer artista é um amalgamado de técnicas que constituem e delineiam seu percurso profissional. Diante disso, não posso deixar de reconhecer que, desde a graduação, compreendi e defendi o melodrama francês, sobretudo

1. Instituto Federal de Goiás - Aparecida de Goiânia (Brasil)

do século XIX, como um potente recurso poético e pedagógico para o trabalho e a formação de atrizes e de atores na cena contemporânea.

As pesquisas apontam que, à medida que o trabalho com o melodrama explora pólos temáticos pela oposição e pelo exagero, podemos olhar para os elementos corpóreo/vocais, exigidos por esse modo de atuação, e reconhecer que passam pela percepção do corpo: em expansão e contração, em suas formas exageradas, voz amplificada, altamente expressivo e que utiliza recursos com alto nível de tônus. O trabalho com esses elementos possibilita à/ao estudante ou à/ao artista/intérprete/criadora/r conhecer e compreender os limites de seu equipamento corpóreo-vocal no que tange a aspectos da matéria: sensíveis, mecânicos e expressivos, e não só. Para além da matéria, esse corpo, que também é constituído por práticas discursivas, pode, a partir de aspectos técnicos e filosóficos, lançar mão de seu vasto acervo/vocabulário, narrativo pessoal, para manipular e equalizar a composição/criação que melhor lhe convier ou que assim quiser.

O processo de criação artística é um fenômeno inerente a todo ser humano, um fenômeno complexo que envolve não apenas a habilidade técnica, mas também a subjetividade de quem cria, influenciada por fatores culturais, sociais e históricos. As pesquisadoras Fayga Ostrower (1977) e Cecilia Almeida Salles(2006). abordam a criação como um processo dinâmico e contínuo, dando ênfase ao papel da cultura e do contexto externo para a construção do gesto criativo.

O ato de criar, nessa linha de raciocínio, não é visto como um ato de genialidade, mas um processo de construção de significados que está enraizado na experiência pessoal e coletiva. Para Ostrower, a criação artística é um processo de descoberta pessoal e inevitavelmente reflete as relações de quem cria com o mundo externo. O sujeito deve ser capaz de transcender barreiras impostas pela técnica e pela tradição e ser sensível ao seu entorno ao reelaborar, de forma crítica, os elementos da cultura com os quais interage.

No Teatro do Movimento, de Lenora Lobo e Cássia Navas (2003, p. 76), "a composição é a elaboração, ou tradução do imaginário criativo, que se manifesta no corpo cênico, produzindo e se expressando em movimentos estruturados". Para as autoras, cada corpo é um universo específico no qual artistas têm gravado histórias e experiências diversas que se traduzem em posturas, atitudes, gestos e tensões próprias. Parte importante do processo de criação pessoal é resultado da compreensão do nosso material expressivo articulado a uma determinada técnica impressa no corpo e em contato com nosso referencial lúdico.

Cecilia Salles, em seu livro Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística (2006), complementa essa visão ao afirmar que o processo criativo não é um caminho linear e finalizado, mas um percurso em transformação, sujeito a alterações e revisões e em constante negociação com o contexto pelo qual somos atravessadas/os.

Assim, toda a minha formação e investigação em torno do modo de atuação por meio dos códigos do melodrama, no mestrado e no doutorado, são responsáveis por grande parte da minha forma de ver e pensar o teatro, de sentir, de fazer e criar no campo das artes da cena e, entre erros e acertos, de reconfigurar esses elementos à luz das minhas subjetividades.

No entanto, minha travessia a Portugal foi marcada por inúmeras intempéries, descobertas e atravessamentos, afetações que alteraram o rumo da pesquisa que tinha estruturado antes de sair do meu país de origem. Assim, meu envolvimento com os movimentos ativistas feministas, com as lutas sociais por liberdade, por direito à moradia, contra o racismo e a xenofobia, assim como a minha participação no Grupo de Estudos de Género e Performance (GECE) e Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio (NECO) foram essenciais para o amadurecimento dos processos criativos que relato nesta pesquisa.

O presente texto que vos apresento pretende decupar os percursos tomados intuitivamente e por necessidade e ocasião. Propus-me a olhar para a experiência primeiramente vivida e só depois refletir, no campo teórico e conceitual, sobre o meu processo criativo, que se deu pelo viés do corpo com a finalidade de chegar a um material cênico-performativo em torno do lugar onde me vi ocupar: o da mulher, artista, docente, pesquisadora, lésbica, feminista, ativista e imigrante. Esse corpo, para além da matéria e dos limites da pele, é impregnado de narrativas e formado por práticas discursivas sociais (Butler, 2019).

Voltando um pouco para compreender onde tudo começa… ou continua

As travessias entre Portugal e Brasil foram um intercâmbio cultural importante no período pós-colonial, desde meados do século XIX. O teatro nacional brasileiro se constituiu a partir da influência teatral portuguesa, sendo o teatro de expressão popular e o circo-teatro brasileiro carregados de influência lusitana/europeia. Segundo Costa e Souza Junior (2012), o teatro que era encenado nos circos abusou tanto das referências do melodrama ibérico e francês, com a apropriação das pantomimas musicadas e sem diálogos, quanto da *Commèdia Dell' Arte* italiana, mais tarde transformada em comédia de situação com a presença de tipos como o *clown* e o excêntrico. Conforme Soffredini (1980, p. 3), "a linguagem teatral do Circo-Teatro [...] veio com as Companhias principalmente portuguesas, que, no século XIX, dominaram o panorama teatral do país". Vale lembrar que, em 1871, o cavaleiro e circense português Albano Pereira foi quem, pela primeira vez, uniu palco e picadeiro no Brasil com apresentações de pantomimas musicadas, o que foi atribuído por alguns estudiosos como a primeira manifestação de circo-teatro.

De todas as influências que compõem o circo-teatro, uma das que mais o caracterizou e lhe conferiu sucesso foi o melodrama, em virtude de seu forte apelo popular e grande encantamento visual. Gênero teatral de grande repercussão na França no fim do século XVIII e quase todo o século XIX, é composto por códigos e características interpretativas e dramatúrgicas bem definidas. A presença dos papeis/tipos ingênuos, cínicos e cômicos, amparados por uma estrutura dramatúrgica polarizada entre o bem e o mal, assim como as histórias rocambolescas e exageradas de traição, vingança, coragem, expertise, triunfos e reviravoltas foram, sem dúvida, responsáveis pela construção do imaginário coletivo cultural no país.

Caracterizado por grande capacidade de adaptação, esse modelo não ficou estanque. À medida que aderiu a outras tantas estruturas culturais, demarcadas por manifestações populares e religiosas originárias, europeias e africanas, de épocas e de contextos regionais distintos, desdobrou-se em um novo modo de fazer teatro – mais autoral e genuíno, consoante Soffredini (1980) –, sem abster-se dos elementos melodramáticos mais canônicos. É sabido que, na história da arte, sempre houve um trânsito contínuo

entre as/os artistas do espetáculo: as/os nômades de circo, as/os ambulantes de teatro, as/os intelectuais das Artes no geral. Dessa integração, adquiriram muitas semelhanças em seus modos de produção. Quando as companhias, principalmente portuguesas que aqui aportaram, viram-se perdendo espaço, em razão do movimento e do desejo de modernização teatral, foi no circo que essa teatralidade híbrida, composta de muitas técnicas, acomodou-se, de modo que, repleta, dialeticamente, de convenções e de inflexões, continuou a se desenvolver para além da tradição das companhias portuguesas que aqui chegaram. Na busca por uma pesquisa de linguagem que tem o melodrama como referência, não é raro encontrar montagens de grupos e de artistas teatrais brasileiros que, ainda nos dias atuais, dialogam com esse universo melodramático fazendo as devidas revisões.

O Encontro com os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, durante a década de 1960, como um campo acadêmico multidisciplinar. Sua abordagem é caracterizada por integrar diferentes áreas do conhecimento para investigar a cultura como uma característica social e política. Durante os anos de 1980, os Estudos Culturais ganharam projeção internacional, sendo adaptados e reinterpretados de acordo com as particularidades culturais de cada região, incorporando as dinâmicas e expressões culturais locais em seus discursos, práticas e expressões (Baptista, 2009; Hall, 2016; Mattelart & Neveu, 2004).

Independentemente do tema ou da área em que se situam as pesquisas no campo dos Estudos Culturais, há um elemento central que as une: a análise discursiva das relações de poder e das formas de resistência que geram (Hall, 2016). Esses estudos abordam questões de gênero, raça, classe e políticas culturais associadas à comunicação, linguagem e mídias. O foco principal é dar visibilidade às narrativas de grupos marginalizados ou excluídos das construções culturais e sociais dominantes. Nessa abordagem, revelam-se tanto as narrativas hegemônicas quanto as contra-hegemônicas, destacando o que é dito e o que é silenciado nesses processos (Baptista, 2009).

O contato com os estudos feministas e de gênero, em interseção com o teatro, evidenciou que essas abordagens não transformam apenas a prática teatral, mas também a maneira como compreendemos as dinâmicas de poder no palco, e que podem revelar um modo de fazer teatro mais democrático, inclusivo e horizontal. As práticas feministas são entendidas como movimentos que desafiam as estruturas opressoras em diversas áreas da sociedade e propõem novas estratégias de resistência e criação artística. Com o teatro não seria diferente. Com forte caráter político, revelava-se, para mim, uma nova possibilidade de fazer e pensar a Arte, com o objetivo de provocar, ainda que sutis, mudanças nas estruturas sociais e nas diferentes formas de ver o mundo por quem dela participa, estando na plateia ou no palco. Desejava uma ação comprometida que implicasse em uma prática de intervenção, uma via de mão dupla entre ativismo cênico e transformação da própria criação artística, buscava provocar fissuras tanto na pesquisa acadêmica quanto no mundo ao meu redor, contribuindo de maneira significativa para a sociedade à minha volta, ainda que em pequenas doses.

Com foco na mudança e na transformação, compreendi que o Teatro em diálogo com os Estudos Culturais surge como um potente recurso não apenas para o ensino do teatro em si, mas também para o ensino

dos estudos de gênero e de questões feministas e para a ampliação da autoconsciência, tendo em vista que os temas como a violência e a opressão contra mulheres e dissidentes de gênero, a liberdade sobre o próprio corpo e a luta por direitos mais igualitários, eram temas que atravessavam minhas própria experiência.

A pesquisa dividida por grupos que se interconectam

Minha pesquisa de pós-doutoramento foi assim dividida em 4 grupos que se interconectam. No primeiro estão as atividades pedagógicas de experimentação e observação de procedimentos metodológicos teatrais, no Curso de Teatro Livre & Feminista, que ministrei de modo independente nas cidades de Aveiro e Porto nos anos de 2021 a 2023. No segundo estão as apresentações cênicas experimentais e performativas que realizei para me afirmar enquanto artista em Portugal e mostrar minha identidade artística. O terceiro reflete meu envolvimento com a luta feminista e ativismos que se deu por meio do Coletivo Feminismos Sobre Rodas. No quarto, por sua vez, relato a aprovação no edital da DGARTES/2022, no qual recebi incentivo financeiro para planejar e ministrar uma residência artística para então criar uma encenação de teatro feminista performativo com mulheres imigrantes em Portugal.

GRUPO 1 - A investigação em seus aspectos pedagógicos: O curso de teatro livres & feministas[2]

Como forma de pôr em prática os experimentos que desejava fazer para a pesquisa, comecei a me articular para a organização de pequenos cursos de teatro em módulos que poderiam estar conectados ou não e que me permitissem um espaço para um laboratório experimental[3], metodologia que já tinha acessado na graduação e na pós-graduação. A essa altura morava em Aveiro, mas integrava o Coletivo Feminismos Sobre Rodas desde que cheguei a Portugal, O grupo se reunia majoritariamente no Porto, mas devido às regras de distanciamento da Covid 19, nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2021 acontecia de modo remoto. Foi o coletivo e algumas de suas integrantes que me incentivaram e auxiliaram com as conexões necessárias para viabilidade do Curso, desde contatos, espaço, pessoas, lugares onde pudesse encontrar o público de interesse etc.

Assim surgiu o Curso de Teatro Livres & Feministas. Livres porque não tinha um compromisso com a formação profissional em teatro, nem com nenhuma técnica em específico, eu iria investigar alguns dos processos com os quais eu já havia trabalhado nas pesquisas anteriores, dentre elas os procedimentos do Melodrama, dos *Viewpoints*[4] e do Teatro do Oprimido. E feministas porque tinha como foco um público

2. Os Cursos aconteceram ao longo de 2021 até 2024, nas cidades de Aveiro e do Porto. Curso de Teatro Livre & feminista Módulo 1 no Avenida café-concerto, em Aveiro-PT, no período de maio a julho 2021 (CH 12 horas) e no Espaço MIRA | artes performativas, Porto-PT, no mesmo período de 2021 (CH 12 horas); Curso de Teatro Livre & feminista Módulo 2: Espaço MIRA | artes performativas, Porto-Portugal no período de setembro a dezembro (CH 22 horas). Este resultou em uma apresentação pública intitulada "Esse Corpo é meu?", Porto-PT; Curso de Teatro Livre & feminista Módulo 3: Espaço A Travessa e na Macaréu Associação Cultural no período de março a maio de 2022 (CH 16 horas), Porto-PT; Curso de Teatro Livres & feministas Módulo 4: Macaréu Associação Cultural, no período de março a junho de 2023 (CH 20 horas), Porto-PT.

3. Ver mais sobre os laboratórios experimentais em Quialheiro, M.M. (2011). A contemporaneidade da interpretação melodramática: um olhar à luz de Almodóvar. Dissertação de Mestrado em Artes – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU.

4. Os *Viewpoints* de Anne Bogart trata-se de uma sistematização de técnicas que se mostram muito interessantes, podem tanto ser um recurso para o treinamento de atrizes e atores, quanto revelar uma poética de criação. Além do mais, eu já tinha investigado no

específico, sobretudo mulheres, cis, trans, pessoas não binárias, dissidentes de género e mirava em uma perspectiva mais inclusiva, acolhedora, e comprometida com a luta atipatriacal[5]. Também tive a oportunidade de realizar uma Oficina de Teatro Livre & Feminista dentro vinculada ao Grupo de Pesquisa GECE – Género e Performances. Ela aconteceu em setembro de 2022 no Auditório Mestre Helder Castanheira, na Universidade de Aveiro, PT. A oficina contou com a participação de 8 pessoas, entre elas estudantes da Pós-Graduação e pessoas da comunidade externa e contou com um apoio do financiamento do curso pela FCT.

A Oficina de Teatro Livre & feminista bem como os demais módulos do curso tiveram como objetivo contribuir para a compreensão dos estudos feministas de modo mais alargado e inclusivo, explorando diferentes abordagens e a linguagem da arte para aprofundar o conhecimento sobre as opressões estruturais que mulheres vivenciam no seu dia a dia buscando articular respostas poéticas e coletivas a essas questões.

A partir do corpo e de exercícios físicos a formação propôs explorar formas e modos de expressão exagerados, relacionados ao do modo de atuação do melodrama. Pôde-se observar que as práticas teatrais provocaram debates acerca dos próprios corpos, os pré-conceitos, os tabus, e ainda trouxeram à tona processos identitários em desconstrução.

Ao considerar que as linguagens artísticas, além de expressões históricas e estéticas, que são também instrumentos de investigação e produção de conhecimento, o curso propiciou um espaço de amadurecimento e avanços que proporcionaram uma experiência formativa individual e coletiva provocando novas reflexões sobre as diferentes opressões vividas pelas mulheres e pessoas fora da norma ao longo dos anos.

GRUPO 2 - Os Experimentos Artísticos

O segundo grupo é composto pelas apresentações experimentais artísticas que realizei ao longo dessa travessia, desde antes da minha partida. Ainda no Brasil, logo nos primeiros meses de isolamento, requeridos pela pandemia mundial Covid-19, foram alarmantes os números dos aumentos de casos de violência contra mulheres e crianças. O momento fez com as redes sociais fossem um dos únicos meios de interação e denúncia com a própria comunidade. Tivemos de nos reinventar para continuar mantendo nossa rede e nos mantermos minimamente ativas, foram muitas lives, aulas remotas, salas de chats, grupos de bate-papos, uso de plataformas de streaming, chamadas coletivas, etc. Depois de participar do VII Congresso Internacional em Estudos Culturais (out, 2020), em modo à distância, e obter contato com os dados da violência em Portugal e no mundo, realizei uma sequência de fotos que resultou na ação "Travessias Feministas: experimento 02"[6], (26/10/2020), que pensei, daria início às minhas investigações em travessia. O vídeo trata-se de um ex-

doutorado a articulação entre melodrama e viewpoints e concluí que a articulação entre eles potencializava o trabalho. Ver mais sobre essa articulação na tese, Quialheiro, M. M. (2020). Perspectivas melodramáticas na formação de atrizes e de atores: um olhar pelo viés do circo-teatro brasileiro. 2020. Tese de Doutorado em Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo: UNESP.

5. A luta antipatriarcal é uma forma de resistência ao patriarcado, que é entendida como um sistema de opressão estrutural que organiza as relações sociais a partir de uma posição de poder baseada no gênero. Nessa classificação, os homens têm poder e privilégio sobre as mulheres e outras identidades de gênero. A luta antipatriarcal se posiciona de forma crítica a essa estrutura, propondo alternativas que visam à equidade de gênero, à justiça social e à libertação aos oprimidos.

6. Para assistir clique no link: https://www.youtube.com/watch?v=4yWEGBiljH4&feature=youtu.be

perimento foto performativo a partir das pesquisas relacionadas aos estudos de gênero, mais especificamente sobre violência doméstica.

Ao longo da travessia me dei conta que uma outra cena que eu já fazia desde de 2017 intitulada "A feminista perfeita" era o início dessas investigações, e a renomeei de "Travessia Feminista: experimento 01"[7]. As demais cenas e performances que se seguiram em 2022 e 2023 em diferentes contextos, compuseram uma série de ações que chamo de "Travessias feministas". Já em Portugal realizei "Travessias Feministas-Experimento 03"[8], um desdobramento da cena curta de "A feminista perfeita" ao qual uni trechos de textos que põem em xeque alguns estereótipos atribuídos às mulheres e os enquadramentos a que são constantemente impostas e que, na maioria das vezes, objetivam restringir seus espaços, suas falas e reprimir seus corpos. Essa colagem com caráter mais performativo incluiu a ação do público presente e se tornou um desabafo, da mulher, atriz, artista, ativista, brasileira, lésbica, que coloca seu corpo como lugar de poético de discurso.

Em 2022, realizei a videoperformance "Experimento 04 "Entre a perfeição e a exaustão"[8], exposta no 2º Congresso Científico da RIEC (Rede Internacional de Estudos Culturais) 2022 e no Festival Porto Femme 6ª edição, propondo reflexões a respeito dos papéis sociais das mulheres, a partir do termo "papéis colados" cunhado por Flora Sussekind. A vídeo-performance sobrepõe trechos de dois momentos da mulher, no espaço doméstico e no ambiente da rua: o quarto e o palanque, a obediência e a desobediência. E ainda criei mais duas performances que realizei em edições da Festa da Xota[9], dentre elas a leitura manifesto, adaptação do artigo "Este sexo que não é um" de Luce Irigaray[10].

GRUPO 3 - O ativismo feminista

O terceiro grupo reflete meu envolvimento com a luta feminista e com os ativismos por meio do Coletivo Feminismos Sobre Rodas, no qual dei continuidade às minhas leituras de autoras feministas, fui para as ruas em marcha pelos direitos das mulheres no 8 de março, pela liberdade no dia 25 de Abril, pela comunidade LGBTQIA+, pela luta antirracista e antifascista, fizemos reuniões, propusemos debates, organizamos acampamento feminista, uma festival feminista com exposições, ofiricnas e debates "Quando o feminismo bate o pé o mundo treme" e a publicação do livro "Feminismos Sobre Rodas – Um Guia" pela Fundação Rosa Luxemburgo.

Os movimentos feministas desde o início surgiram como forma de buscar a transformação das relações sociais, historicamente marcadas por desigualdades entre homens e mulheres. Esses movimentos, que começaram com a luta pelos direitos civis, depois pela educação, o trabalho igualitário e sobretudo contra o con-

---

7. Criação: Rafael Lorran, Atuação: Maria De Maria.Textos: A Feminista Perfeita de Débora Sá. Música Todxs Putxs Ekena. Duração de 7 minutos. Currículo: Lançamento Jornal Adufu (2018), Festival Arte em Festa (2019), V Simpósio Regional S.O.S Mulher e Família: Feminismos e Masculinidades (2019).

8. Para assistir clique no link: https://youtu.be/QpidMmwK90s

9. A festa da Xota é um evento realizado por 3 mulheres brasileiras que vivem em Portugal e se propõe a ser uma festa feminista, um espaço seguro e de resitência para mulheres e dissidentes de gênero e sexo, com palco aberto a artistas sobretudo mulheres e brasileiras. Acontece na cidade do Porto desde 2021.

10. Texto publicado na coletânea Gênero e Performances - Textos essenciais Vol.I. pelo centro de línguas, literaturas e culturas (cllc) da Universidade de Aveiro (UA).

trole sobre os corpos, para questionar e resistir às estruturas sociais existentes que sustentam a desigualdade de gênero. Ou seja, uma visão pela perspectiva feminsita tem consonância com outros movimentos que lutam em prol da vida e da dignidade humana. Diante desse ponto de vista, é na arte que essa investigação adquire características feministas e transversais, na medida em que atravessa campos de conhecimento distintos, onde Arte, Cultura e Sociedade estão diretamente intercruzadas no elemento corpo, enquanto memória, imagem, discurso e sensibilidade, conectado com os elementos políticos que o formam e que são constantemente revistos pela sociedade.

GRUPO 4 - Outras: cartas de Longe[11]

E no quarto grupo coloco a aprovação no edital da DGARTES/2022 com o qual pude planejar e ministrar uma residência artística e criar uma encenação de teatro performativo com mulheres imigrantes em Portugal intitulado "Outras: cartas de longe", que estreou em 2023 e segue apresentando em 2024.

Inscrita na categoria pesquisa, juntamente com outras duas companheiras e amigas, o resultado saiu quando eu já tinha decidido finalizar minhas investigações pós-doutorais refletindo os percursos pedagógicos e ativistas os quais havia vivenciado. No entanto, a residência seria a oportunidade de concretizar o projeto inicial dessa pesquisa. Assim, a ideia era conduzir a formação e ao término, reunir material para a criação de uma obra solo. Mas, indo de encontro com o pensamento de Ostrower e Salles, o processo criativo é também uma negociação com o que acontece ao nosso entorno. Foi então que durante a residência convidei as participantes para integrar essa ação performativa pois já não conseguia me ver sozinha nessa proposta, para além de uma descoberta pessoal era uma experiência coletiva. Segundo Ileana Dieguez, as teatralidades do corpo exploradas por *performers* e criadores não adeptos do texto e da dramaturgia engendram uma cena outra, mais plástica e imagética, seguindo essa linha o processo resultou numa obra cênico-performativa.

Considerações

Percebi que quase todos os módulos havia a participação de pessoas dissidentes de sexo e gênero, pertencentes à comunidade LGBTQIA+, e o recorte dado oferecia um espaço-tempo seguro de aula onde pudessem existir, ser e estar sem medo, sem preconceitos, para poder criar. A partir dos exercícios teatrais, todas/os as/os participantes podem acessar tanto os papeis masculinos quanto os femininos sem ter que focar nos gestos e comportamentos codificados para cada papel à sua identidade de gênero, mas sim quanto à qualidade de movimento que cada papel demanda: em relação à energia, ao nível de tônus, à kinesfera, à necessidade de expansão e contração do corpo, relacionado à dimensão de peso e leveza, aspectos que me levaram à categoria de movimentos estruturados por Laban[12]. Essa estrutura ainda se mostrava binária, enquanto atuávamos no campo dos papeis masculinos e femininos de acordo com as convenções sociais de sexo/gêneno.

11. Para assistir o teaser click no link: https://www.youtube.com/watch?v=dn2VVA2a4nk

12. Rudolf Laban (1879-1958) foi um coreógrafo, dançarino e teórico do movimento húngaro, considerado um dos pioneiros da dança moderna. Sua contribuição mais marcante foi o desenvolvimento de uma abordagem sistemática para o estudo do movimento humano, que ele denominou "Labanotação", um sistema de notação do movimento que permite a análise e a escrita dos gestos corporais de maneira detalhada. Suas ideias influenciaram não só a dança, mas também o teatro, a educação física e a psicologia.

A partir de uma perspectiva feminista, mais consciente destas relações de poder, pude pensar que assim como há possbilidades de desvio da norma, ou como Judith Butler diz, de agenciamento, também o fazemos na atuação à medida que podemos ajustar e "navegar" entre um papel e outro. De modo prático isso se dá quando, de posse desse repertório técnico e dessa consciência, permite-se no jogo cênico, transitar entre os papeis e agenciar essas atuações. Afrouxam-se as regras rígidas e bem definidas com consciência delas, mas sem desconsiderá-las. Negocia com a estrutura teatral assim como se negocia com as estruturas sociais. A diferença aqui é que no jogo cênico fazemos escolhas conscientes e no campo social essa relação é bem mais complexa. Para Judith Butler, não se trata de olhar para o seu armário e decidir qual será a performance do dia, pois ela se dá por uma série de fatores que também são construídos socialmente e que se diferem de acordo com os contextos. Se a arte fala do e para o ser de seu tempo, ela também vai espelhar essas contradições tanto no seu conteúdo quanto na sua forma.

A conclusão dessa pesquisa, que não reflete de modo algum o fim da travessia, evidencia a contribuição dos Estudos Culturais no cruzamento com as Artes, o que auxilia na compreensão de que os modos de construção políticos e sociais das identidades, sob a ótica do gênero, da sexualidade e das questões raciais, estão diretamente relacionado às diásporas e colonialismos. A arte e a pedagogia teatral podem ser influenciadas por um modo de pensar feminista e podem igualmente ser uma ferramenta de transformação social, como numa via de mão dupla, à medida que questionam e desafiam estruturas de poder que oprimem e subjugam mulheres e outros grupos minoritários. Para a atriz e pesquisadora Lúcia Romano:

> "... caberá às mulheres a tarefa de impulsionar essas mudanças, uma vez que aqueles que detém benefícios dificilmente querem abrir mão daquilo que os favorece, para dividir com outrem o que seja. Essa transformação, os feminismos constatam, virá quando houver uma compreensão ampla de que a rigidez e compulsoriedade dessas posições é prejudicial para homens e mulheres" (ROMANO, 2024, p.03).

Como diz a célebre frase de Rosa Luxemburgo que ganhou o mundo, "A revolução será feminista, ou não será",pois se o feminismo, visto como uma lente que pode ser aplicada a várias áreas para promover mudanças, por que não com o teatro?

A arte sempre foi reflexo da sociedade e configura-se enquanto material legítimo para o entendimento da história. Dessa forma, a investigação por meio da experiência artística, de um corpo cênico, poético, estético e político, valida o desejo e a necessidade substancial de abordar acerca dos direitos das mulheres e dissidentes de sexo e gênero, em diferentes contextos, entre eles o artístico e o científico. O teatro feminista performativo, mostra-se uma potente via de resistência e luta que pode alargar as análises no campo dos Estudos Culturais dentro e fora da academia.

Ainda que o feminismo seja considerado um conceito perigoso, e suas ações ainda correm o risco de não serem aceitas, por tratarem de "*questões de mulheres e não de questões humanas*", embora muitas narrativas estejam sendo reformuladas, o ponto de vista do homem ainda é universal, enquanto o da mulher é constantemente particularizado, relativizado, descredibilizado, por ser o outro. Muitas das experiências artísticas realizadas nesse contexto, por atrizes, artistas, *performers*, artivistas e coletivos artísticos, mostram-nos que a arte contribui para os avanços que vêm acontecendo e que é urgente continuar problematizando representa-

ções cristalizadas pelo imaginário masculino, de modo a provocar novas formas de relações sociais ainda não imaginadas, por meio da arte.

Referências

Barata, J. O., Oliveira, F. M., Santana, M. H. (Eds.). (2006). "O melodrama – I". Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras.

Barbon, M. C. V. (2011). "Caminhos do melodrama em Portugal" (Doctoral dissertation). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP: UNESP.

Barnsley, J. (2013). "El cuerpo como territorio de la rebeldía" (2nd ed.). UNEARTE.

Bogart, A. (2011). "A preparação do diretor: Sete ensaios sobre arte e teatro". Editora WMF Martins Fontes.

_____, & Landau, T. (2017). "O livro dos Viewpoints: Um guia prático para viewpoints e composição". Editora Perspectiva.

Braga, C. (2003). "Em busca da brasilidade: Teatro brasileiro na primeira república". Perspectiva. Butler, J. (1990). "Problemas de gênero: Feminismo e a subversão da identidade". Routledge.

_____(2019). "Corpos que importam: Sobre os limites discursivos do sexo". Crocodilo.

Costa, M. C. C., & Sousa Junior, W. de. (2012). Travessias: Trocas cênicas e culturais entre Brasil e Portugal. Revista Baleia na Rede - Estudos em Arte e Sociedade, 9(1), 52-68.

Diéguez, L. (2008). Prácticas de visibilidad. Ethos, teatralidad y memoria. In M. Rubio Zapata, "El cuerpo ausente (performance política)". Grupo Cultural Yuyachkani.

Fischer, S. (2013). "Expressões de gênero: A ressignificação do feminismo nos processos criativos de performers, artistas teatrais e ativistas latino-americanas na atualidade". In 'Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos* (pp. 1-13). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Fischer, S. (2017). "Mulheres, performance e ativismo: A ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana" (Doctoral dissertation). Universidade de São Paulo, São Paulo: USP.

Huppes, I. (2000). "Melodrama: O gênero e sua permanência". Ateliê Editorial. Kilomba, G. (2019). "Memórias da plantação". Cobogó.

Lugones, M. (2014). "Rumo a um feminismo descolonial". "Revista Estudos Feministas", 22(3), 935-952.

Millán, M. (Ed.). (2014). "Más allá del feminismo: Caminos para andar". Red de Feminismos Descoloniales.

Ostrower, F. (1977). "Criatividade e processos de criação". Vozes.

Quialheiro, M. de M. (2011). "A contemporaneidade da interpretação melodramática: Um olhar à luz de Almodóvar" (Master's thesis). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU.

_____(2020). "Perspectivas melodramáticas na formação de atrizes e de atores: Um olhar pelo viés do circo-teatro brasileiro" (Doctoral dissertation). Universidade Estadual Paulista, São Paulo: UNESP. Ribeiro, D. (2017). "O que é lugar de fala?". Letramento.

Rocha, V. L. P. (2003). "Melodrama circense: A caracterização do personagem por tradição". In "III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas" (pp. 178-180). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Salles, C. (2006). "Gesto inacabado: Processo de criação artística". Intermeios. Sussekind, F. (1993). "Papeis colados". UFRJ.

Taylor, D. (2012). "Performance". Asunto Impreso Ediciones.

Varley, J. (2016). "Uma atriz e suas personagens: Histórias submersas do Odin Teatret" (M. Nunes, Trans.). É Realizações.

Vascouto, L. (n.d.). "A feminista espantalho e a propaganda antifeminista na cultura pop". Nó de Oito. Retrieved from http://nodeoito.com/feminista-espantalho/

Xavier, I. (2003). "O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues". Cosac Naify.

Feminist crossings: the roles glued together in the journey of a poetic and political theatrical body, Brazil – Portugal

Maria De Maria A. Quialheiro[1]

Abstract

This text explores the relationship between theater and feminism, arguing that these approaches challenge power structures and oppression, influencing both feminist practice and theatrical action. I describe here my personal and professional journey, marked by the intersection between feminist theater and Cultural Studies. In my postdoctoral project, conducted in Portugal, I investigated the processes for creating a performative theatrical work centered on the body as a poetic and political element, in dialogue with gender studies. The research was deeply influenced by my engagement with feminist activist movements, such as the "Feminismos Sobre Rodas' Collective, and involved pedagogical activities, experimental performances, and activism in the city of Porto from 2021 to 2023.

Keywords

feminist theater, creative process, feminisms, cultural activism, cultural studies

Introduction

Both feminist epistemologies and practices are seen as movements that challenge structures of power and oppression in different areas of society. Theater couldn't be any different. Believing this, I was moved by a personal and professional feeling of subvert the theater I had been doing, in line with available Brazilian references, in the field of feminist theater, such as Lucia Romano, Stela Fischer, Grace Passô, Maria Brígida de Miranda and others. A common understanding among them is that an approach from this perspective transforms not only the theater practice itself, but can also bring new proposals for creation, other strategies of resistance in activism, and be another way of understanding the dynamics of power on stage (Romano, 2024).

Along the way, I proposed a pre-project that would result in a post-doctoral research in Cultural Studies at the University of Aveiro in 2021 and 2022, which lasted until 2023. My aim was to create a scenic--performative work — based on the body, this body-home that I could take with me, as a poetic and political element, wherever I went — , in dialogue with feminist theater, while also considering aspects of my artistic trajectory through melodrama and circus- theatre.

The context and motivation for my postdoctoral research were anchored in the foundations that make me up as an artist/teacher/researcher/woman. I believe that every artist's training is an amalgamation of techniques that constitute and outline their professional career. In view of this, I can't help but recognize that, since graduating, I have understood and defended French melodrama, especially from the 19th century, as a powerful poetic and pedagogical resource for the work and training of actresses and actors in the contemporary scene.

1. Instituto Federal de Goiás - Aparecida de Goiânia (Brasil)

Research shows that, as work with melodrama explores thematic poles through opposition and exaggeration, we can look at the corporeal/vocal elements required by this mode of performance and recognise that they involve the perception of the body: in expansion and contraction, in its exaggerated forms, amplified voice, highly expressive and using resources with a high level of tone. Working with these elements enables the student or artist/performer/creator to get to know and understand the limits of their corporeal-vocal equipment in terms of aspects of matter: sensitive, mechanical and expressive, but not only.

Beyond matter, this body, which is also made up of discursive practices, can use its vast personal narrative collection/vocabulary, based on technical and philosophical aspects, to manipulate and equalize the composition/creation that best suits it or that it wants.

The process of artistic creation is a phenomenon inherent to every human being, a complex phenomenon that involves not only technical skill, but also the subjectivity of those who create, influenced by cultural, social and historical factors. Researchers Fayga Ostrower (1977) and Cecilia Almeida Salles (2006) approach creation as a dynamic and continuous process, emphasizing the role of culture and the external context in the construction of the creative gesture.

The act of creating, in this line of reasoning, is not seen as an act of genius, but a process of constructing meanings that is rooted in personal and collective experience. For Ostrower, artistic creation is a process of personal discovery and inevitably reflects the relationship between the creator and the external world. The subject must be able to transcend barriers imposed by technique and tradition and be sensitive to their surroundings by critically reworking the elements of the culture with which they interact.

In "Teatro do Movimento" by Lenora Lobo and Cássia Navas (2003, p. 76), "composition is the elaboration or translation of the creative imagination, which manifests itself in the scenic body, producing and expressing itself in structured movements." According to the authors, each body is a specific universe in which artists have recorded different stories and experiences that translated their own postures, attitudes, gestures, and tensions. An expressive part of the personal creative process results from understanding our expressive material in conjunction with a certain technique imprinted on the body and connected to our playful references.

Cecilia Salles, in her book "Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística" (2006), complements this view by stating that the creative process is not a linear and finalized path but one in constant transformation, subject to alterations and revisions, and in constant negotiation with the contexts through which we are traversed.

Thus, my entire formation and research into acting approach through the codes of melodrama,during my master's and doctorate, are responsible for a large part of my way of seeing and thinking about theater,of feeling, of doing and creating in the field of the performing scenic arts and, between mistakes and successes, of reconfiguring these elements in light of my subjectivities.

However, my journey to Portugal was marked by countless storms, discoveries, and crossings, affections that altered the course of the research I had structured before leaving my home country of origin. Thus,

my involvement with feminist activist movements, with social struggles for freedom, housing rights, against racism and xenophobia, as well as my participation in the Gender and Performance Study Group (GECE) and the Culture and Leisure Study Group (NECO), were essential to the maturation of the creative processes I report in this research.

The purpose of this text is to summarize the paths I took intuitively, out of necessity and opportunity. I set out to look at the experience first and only then reflect, in the theoretical and conceptual fields, on my creative process, which took place through the body in order to arrive at a scenic performative material around the place I found myself occupying: that of a woman, artist, teacher, researcher, lesbian, feminist, activist, and immigrant. This body, beyond the matter and the limits of the skin, is impregnated with narratives and formed by social discursive practices (Butler, 2019).

Going back a little to understand where it all begins

The crossing between Portugal and Brazil was an important cultural exchange in the post-colonial period, from the mid-19th century onwards. Brazilian national theater was formed from Portuguese theatrical influence, with popular theater and Brazilian circus-theater bearing Lusitanian/European influence. According to Costa and Souza Junior (2012), the theater was staged in circuses abused the references of Iberian and French melodrama, incorporating musical pantomimes without dialogue, as well as Italian *Commedia Dell' Arte*, later transformed into situation comedy with the presence of types like the *clown* and the eccentric. According to Soffredini (1980, p. 3), "the theatrical language of Circus-Theater [...] came with the mainly Portuguese companies that dominated the country's theatre scene in the 19th century". It is worth remembering that, in 1871, the Portuguese horseman and circus performer Albano Pereira was the one who, for the first time, unite the stage and arena in Brazil with performances of musical pantomime, which has been attributed by some scholars as the first manifestation of circus-theater in the country.

Of all the influences that make up circus-theater, one that has most characterized it and given it success is melodrama, due to its strong popular appeal and visual allure. A prominent theatrical genre in France from the late 18th century through most of the 19th century, it is defined by distinct interpretive and dramaturgical codes. The presence of naive, cynical, and comic roles/types supported dramaturgical structure polarized between good and evil, as well as the wild exaggerated stories of betrayal, revenge, courage, expertise, triumphs and twists and turns were undoubtedly responsible for building the cultural collective imagination in Brazil.

Characterized by a great capacity for adaptation, this model did not remain watertight. As it adhered to so many other cultural structures, demarcated by popular and religious manifestations of native peoples, Europeans and Africans, from different eras and regional contexts, it unfolded into a new, way of making theater - more authorial and genuine, according to Soffredini (1980), without abandoning its canonical melodramatic elements.

It is well known tha, in the history of art, there has always been a continuous transit between the artists of the spectacle: the circus nomads, the theater itinerants, the performing artists, traveling theater troupes, and intellectuals of the Arts in general. This integration resulted in many shared production methods. When the mainly Portuguese companies that arrived here found themselves losing ground due to the movement and the desire for theatrical modernization, it was in the circus that this hybrid theatricality, made up of manu techniques, was accommodated, so that, dialectically full of conventions and inflections, it continued to develop beyond the tradition of the Portuguese companies that arrived here. In the search for a language that takes melodrama as a reference, it is not uncommon to find contemporary productions by Brazilian theater groups and artists that, even today, dialogue with this melodramatic universe, making the necessary revisions and updates.

The Encounter with Cultural Studies

Cultural Studies emerged at the University of Birmingham, England, during the 1960s as a multidisciplinary academic field. Its approach is characterized by integrating different areas of knowledge to investigate culture as a social and political construct. During the 1980s, Cultural Studies gained international prominence, being adapted and reinterpreted according to the cultural specificities of each region, incorporating local cultural dynamics and expressions into their discourses, practices, and representations (Baptista, 2009; Hall, 2016; Mattelart & Neveu, 2004).

Regardless of the topic or area of research within Cultural Studies, a central element that unites them is the discursive analysis of power relations and the forms of resistance they generate (Hall, 2016). These studies address issues of gender, race, class, and cultural policies associated with communication, language, and media. The main focus is to give visibility to the narratives of marginalized or excluded groups from dominant cultural and social constructions. In this approach, both hegemonic and counter-hegemonic narratives are revealed, highlighting what is spoken and what is silenced in these processes (Baptista, 2009).

Contact with feminist and gender studies, in intersection with theater, has show that these approaches not only transform theatrical practice but also the way we understand power dynamics on stage. They can reveal a more democratic, inclusive, and horizontal way of making theater. Feminist practices are understood as movements that challenge oppressive structures in various areas of society, proposing new strategies of resistance and artistic creation. The same applies to theater. With a strong political character, it revealed, for me, a new possibility for making and thinking about Art, with the aim of provoking, even if subtly, changes in social structures and in the different ways of seeing the world for those who participate in it, whether in the audience or on stage. I wanted a committed action that involved a practice of intervention, a two-way street between theatrical activism and the transformation of artistic creation itself. I wanted to cause ruptures in both, academic research and the world around me, contributing meaningfully to the society around me, even if in small doses.

With a focus on change and transformation, I realized that Theater, in dialogue with Cultural Studies, emerges as a powerful resource not only for the teaching theater itself but also for the teaching of

gender studies and feminist issues and for broadening self-awareness. Themes such as violence and oppression against women and gender dissidents, freedom over one's body, and the fight for more equal rights were themes that ran through with my own experiences.

The Research is Divided into Interconnected Groups

My postdoctoral research was thus divided into four interconnected groups. The first group includes the pedagogical activities of experimentation and observation of theatrical methodological procedures in the "Curso de Teatro Livre & Feminista", which I taught independently in the cities of Aveiro and Porto between 2021 and 2023. The second group involved experimental and performative Theater presentations that I made to assert my identity as an artist in Portugal. The third group reflects my involvement with feminist struggle and activism, primarily through the "Coletivo Feminismos Sobre Rodas". The fourth group, in turn, relates to the approval of the DGARTES/2022 grant, which provided financial support for planning and conducting an artistic residency that culminated in the creation of a feminist performative theater piece with immigrant women in Portugal.

GROUP 1 - Research in Its Pedagogical Aspects: "Curso de Teatro Livre & feminista"[2]

As a way of implementing the experiments I sought to conduct in my research, I started organizing small theater courses in modules that could be interconnected or independent, creating a space for an experimental laboratory[3]. This methodology had already been part of my undergraduate and postgraduate education. I was living in Aveiro at the time, but had been part of the "Coletivo Feminismos Sobre Rodas" since my arrival in Portugal. Although the group predominantly met in Porto, due to COVID-19 restrictions, meetings were held remotely from January to April 2021. It was the collective and some of its members who encouraged and assisted me with the necessary connections for the course's feasibility, from contacts to spaces, people, and places to find the target audience.

This is how the "Curso de Teatro Livre & Feminista" came about. "Free" because it wasn't committed to professional theater training or any specific technique; I was going to investigate some processes I had already explored in my research, including Melodrama, *Viewpoints*[4], and "Teatro do Oprimido". And "Feminista" because it focused on a specific audience, mainly women cis, trans, non-binary people, gender dissidents

2. Free and feminist theater course: the courses took place from 2021 to 2024 in the cities of Aveiro and Porto. Curso de Teatro Livre & Feminista Module 1 at Avenida Café-Concerto, Aveiro-PT, from May to July 2021 (12 hours) and at Espaço MIRA | Artes Performativas, Porto-PT, during the same period in 2021 (12 hours); Curso de Teatro Livre & Feminista Module 2 at Espaço MIRA | Artes Performativas, Porto-PT, from September to December 2021 (22 hours). This resulted in a public presentation titled "Esse Corpo é Meu?", Porto-PT; Curso de Teatro Livre & Feminista Module 3 at Espaço A Travessa and Macaréu Associação Cultural from March to May 2022 (16 hours), Porto-PT; Curso de Teatro Livre & Feminista Module 4 at Macaréu Associação Cultural from March to June 2023 (20 hours), Porto-PT.

3. See more about the experimental laboratories in Quialheiro, M. M. (2011). "A contemporaneidade da interpretação melodramática: um olhar à luz de Almodóvar". Master's dissertation in Arts – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU.

4. Anne Bogart's Viewpoints is a systematization of techniques that are highly interesting, serving both as a resource for training actors and actresses and as a tool for revealing a poetics of creation. Furthermore, I had already explored the intersection between melodrama and Viewpoints in my doctoral research and concluded that their articulation enhanced the work. For more on this articulation, see the doctoral thesis Quialheiro, M. M. (2020). "Perspectivas melodramáticas na formação de atrizes e de atores: um

and aimed for a more inclusive, welcoming perspective aligned with the anti-patriarchal struggle[5]. I also had the opportunity to conduct a "Teatro Livre & feminista Workshop" as part of the Gender and Performance Study Group (GECE). The workshop took place in September 2022 at the Mestre Helder Castanheira Auditorium at the University of Aveiro, PT. It involved eight participants, including postgraduate students and individuals from the local community, and was financially supported by FCT.

Both the "Teatro Livre & Feminista" Workshop and the course modules aimed to broaden and deepen understanding of feminist studies in an inclusive manner, exploring different approaches and the language of art to enhance knowledge of the structural oppressions women experience daily and articulating poetic and collective responses to these issues.

Through the body and physical exercises, the course sought to explore exaggerated forms and modes of expression related to Melodrama acting techniques. It became clear that theatrical practices triggered discussions about bodies, preconceptions, and taboos, while also bringing to the surface identity processes undergoing deconstruction.

By recognizing that artistic languages, in addition to being historical and aesthetic expressions, are also instruments for research and knowledge production, the course fostered a space for growth and progress. It provided an individual and collective formative experience, provoking new reflections on the different oppressions experienced by women and individuals outside normative standards over the years.

GROUP 2 - Artistic Experiments

The second group consists of the artistic experimental performances I have made throughout this journey, since before my departure. Still in Brazil, during the first few months of isolation required by the global COVID-19 pandemic, the numbers of cases of violence against women and children rose alarmingly. At that moment, social media became one of the few available means of interaction and reporting within the community. We had to reinvent ourselves to keep our networks and keep ourselves minimally active. There were many engaged through various digital tools: *lives*, remote classes, chat rooms, discussion groups, streaming platforms, collective calls, etc.

After taking part in the VII International Congress on Cultural Studies (Oct, 2020) remotely, and getting in touch with the data on violence in Portugal and around the world,, I made a sequence of photos that resulted in the action "Travessias Feministas: Experimento 02"[6] (10/26/2020). This experiment, which I initially conceived as the start of my investigations into crossing. The video is a performative photo experiment based on research related to gender studies, specifically domestic violence. During this process, I realized that a scene I had been doing since 2017, titled "A Feminista Perfeita" (The Perfect Feminist), was actually

olhar pelo viés do circo-teatro brasileiro". Doctoral Thesis in Arts, Universidade do Estado de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho," São Paulo: UNESP.

5. The anti-patriarchal struggle is a form of resistance to patriarchy, understood as a structural system of oppression that organizes social relations based on a power hierarchy tied to gender. In this structure, men hold power and privilege over women and other gender identities. The anti-patriarchal struggle critically positions itself against this structure, proposing alternatives that aim for gender equity, social justice, and the liberation of the oppressed.

6. To watch, click on the link: https://www.youtube.com/watch?v=4yWEGBjljH4&feature=youtu.be

the start of these investigations, leading me to rename it "Travessia Feminista: Experimento 01."[7] The other scenes and performances that followed in 2022 and 2023, in different contexts, composed a series of actions I refer to as "Travessias Feministas."

While in Portugal, I presented "Travessias Feministas – Experimento 03"[8], a development of the short scene "A Feminista Perfeita." I incorporated excerpts of texts that challenge some of the stereotypes attributed to women and the frames imposed on them, which often aim to restrict their spaces, voices, and control over their bodies. TThis collage, with a more performative character, included the action of the audience and became an outburst of a woman, actress, artist, activist, Brazilian, and lesbian, who uses her body as a poetic space for discourse.

In 2022, I created the video-performance "Experimento 04: Entre a Perfeição e a Exaustão"[9] (Between Perfection and Exhaustion), exhibited at the 2nd Scientific Congress of RIEC (Rede Internacional de Estudos Culturais) in 2022 and at the 6th edition of the Porto Femme Festival of Women. The performance proposed reflections on the social roles of women, drawing on the concept of "papeis colados" (pasted roles), coined by Flora Sussekind. The video performance superimposes excerpts scenes of two moments in a woman's life, in domestic and public spaces: the bedroom and the stage, obedience and disobedience. Additionally, I created two more performances that I presented at editions of the "Festa da Xota"[10], including a manifesto reading that was an adaptation of the article "This Sex Which Is Not One" by Luce Irigaray[11].

GROUP 3 - Feminist Activism

The third group reflects my involvement with the feminist movement and activism through the "Coletivo Feminismos Sobre Rodas", were I continued my readings of feminist authors, took to the streets to march for women's rights on 8 March, for freedom on 25 April, for the LGBTQIA+ community, against racism and fascism. We held meetings, proposed debates, organized a feminist camp, a feminist festival with exhibitions, workshops, and discussions called "Quando o Feminismo bate o pé, o mundo treme" (When Feminism Stomps, the World Trembles), and published the book "Feminismos Sobre Rodas – Um Guia" (A Guide), through the Rosa Luxemburg Foundation.

---

7. Creation: Rafael Lorran , Acting: Maria De Maria. Texts : The Perfect Feminist by Débora Sá. Music: All Damn Ekena . Duration: 7 minutes. Curriculum: Launch of the Adufu Newspaper (2018), Festival Arte em Festa (2019), V Regional Symposium SOS Women and Family: Feminisms and Masculinities (2019).

8. Creation and Performance: Maria De Maria. Texts by: Débora Sá, Maria De Maria, and Arístides Vargas. Music: "Todxs Putxs" by Ekena. Duration: 15 minutes. Curriculum: Quinta das Pereirinhas (2021), Avenida Café Concerto (2021), Maus Hábitos (2021), Porto Femme International Women's Film Festival, 5th Edition (Sept/2022); Feminist Camp (Sept/2022); "Salve o Corre da Arte" Festa – Xota Produções (Sept/2022); "Quando o feminismo bate o pé, o mundo treme" - Feminismos Sobre Rodas Collective Exhibition (Feb/2023) / Portugal; Presentation at ETA - Anápolis School of Theater (Jan/2023); International Women's Day, March 8, at the Municipal Theater Hall of Anápolis, Festival "Aprumando a Matula" (March, 2024); 6th Class Meeting of Performing Arts, Tiradentes (August/2024) / Brazil.

9. To watch click on the link: https://youtu.be/QpjdMmwK90s

10. The Xota party is an event organized by three Brazilian women living in Portugal and aims to be a feminist party, a safe and resistant space for women and gender and sex dissidents, with a stage open to artists, especially women and Brazilians. It has been taking place in the city of Porto since 2021.

11. Text published in the collection Gender and Performances - Essential Texts Vol.I. by the Center for Languages, Literatures and Cultures (CLLC) of the University of Aveiro (UA).

Feminist movements, from their inception, have emerged as a means to transform social relations, historically marked by inequalities between men and women. These movements began with the fight for civil rights, then for education, equal work opportunities, and, above all, the struggle against control over women's bodies, to question and resist the existing social structures that sustain gender inequality. In other words, a view from the feminist perspective is in line with other movements that fight in favour of life and human dignity. From this standpoint, art is where this investigation acquires feminist and transversal characteristics, as it crosses different fields of knowledge where Art, Culture, and Society are directly intertwined in the element of the body as memory, image, discourse, and sensitivity, connected to the political elements that form it and which are constantly revised by society.

GROUP 4 - Outras: cartas de Longe (Others: letters from afar)[12]

And in the fourth group, I include the approval of the DGARTES/2022 grant, which allowed me to plan and conduct an artistic residency and create a performative theater piece with immigrant women in Portugal entitled "Outras: Cartas de Longe," which premiered in 2023 and is still being presented into 2024.

Submitted under the research category, along with two fellow artists and friends, the results came out when I had already decided to conclude my postdoctoral investigations, reflecting on the pedagogical and activist paths I had experienced. However, the residency would be the opportunity to realize the initial project of this research. The idea was to conduct the training, and, at the end of it, gather material to create a solo piece. But, in line with Ostrower and Salles, the creative process is also a negotiation with what happens around us. It was then that during the residency I invited the participants to join this performative action because I could no longer see myself alone in this proposal; beyond a personal discovery but a collective experience. According to Ileana Diéguez, the corporeal theatricalities explored by performers and creators who do not adhere to text or dramaturgy give rise to a different, more plastic and imagistic scene. Following this line, the process resulted in a performative theatrical work.

Considerations

I realized that nearly all the modules included participants who were gender and sex dissidents, belonging to the LGBTQIA+ community, and that the approach provided a safe space-time where they could exist, be, and express themselves without fear, without prejudice, enabling them to create freely. Through the theatrical exercises, all participants could access both masculine and feminine roles without having to focus on the codified gestures and behaviors associated with each role according to their gender identity, but rather in terms of the movement qualities each role demanded: in relation to energy, the level of tone, the kinesphere, the need for the body to expand and contract, related to the dimensions of weight and lightness, aspects that led me to category of movements structured by Laban[13]. However. This structure was still

12. To watch the teaser click on the link: https://www.youtube.com/watch?v=dn2VVA2a4nk

13. Rudolf Laban (1879-1958) was a Hungarian choreographer, dancer and movement theorist, considered one of the pioneers of modern dance. His most notable contribution was the development of a systematic approach to the study of human movement,

appeared binary as we acted in the field of the framework of male and female roles according to the social conventions of sex/gender.

From a feminist perspective, more aware of these power relations, I realized that just as there are possibilities for deviating from the norm — or as Judith Butler says, for agency — this also applies to acting as we can adjust and "navigate" between roles and another. In practical terms, this occurs when, armed with this technical repertoire and awareness, one is allowed in the theatrical game to transition between roles and exert agency over these performances. The rigid and well-defined rules are loosened, understood but not disregarded. There is a negotiation with the theatrical structure just as there is a negotiation with social structures. The difference here is that in the theatrical game, conscious choices are made, whereas in the social sphere, this relationship is far more complex. For Judith Butler, it's not about looking in your wardrobe and deciding the performance of the day will be, because it's made up of a series of factors that are also socially constructed and that differ according to context. If art speaks to and about the people of its time, it will also reflect these contradictions in both its content and its form.

The conclusion of this research, which by no means reflects the end of this journey, highlights the contribution of Cultural Studies intersecting with the Arts. It helps to understand that the political and social construction of identities, through the lens of gender, sexuality, and racial issues, is directly related to diasporas and colonialism. Art and theater pedagogy can be influenced by feminist way of thinking and can also be a tool for social transformation, as a two-way street, questioning and challenging the power structures that oppress and subjugate women and other minority groups. As the actress and researcher Lúcia Romano states:

> "... it will be up to women to push for these changes since those who benefit are unlikely to want to give up what favors them to share whatever it is with others. This transformation, Feminists note, will come when there is a broad understanding that the rigidity and compulsion of these positions is harmful to both men and women" (Romano, 2024, p.03).

As the famous phrase from Rosa Luxemburg, which has resonated worldwide, states: "The revolution be feminist, or it won't be," because if feminism is seen as a lens that can be applied to various areas to promote change, why not in theater?

Art has always been a reflection of society and constitutes legitimate material for understanding history. Thus, investigating through the artistic experience of a scenic, poetic, aesthetic, and political body validates the desire and the substantial need to address the rights of women and sex and gender dissidents in different contexts, including artistic and scientific. Feminist performative theater proves to be a powerful means for resistance and struggle that can broaden the analyses in the field of Cultural Studies, both inside and outside academia.

Even though feminism is still considered a dangerous concept, and its actions remain at risk of not being accepted because they are seen as "women's issues and not human issues," even though many narratives are being redefined, the man's perspective is still universal, while the woman's perspective is constantly

which he called " Labanotation ", a system of movement notation that allows the analysis and writing of body gestures in a detailed manner. His ideas influenced not only dance, but also theater, physical education, and psychology.

particularized, relativized, and discredited for being the "other." Many artistic experiences conducted in this context by actresses, artists, performers, artivists, and artistic collectives, show us that art contributes to the progress being made and that there is an urgent need to continue problematizing the crystallized representations created by the male imagination in order to provoke new forms of social relations that have not yet been imagined, through art.

References

Barata, J. O., Oliveira, F. M., Santana, M. H. (Eds.). (2006). "O melodrama – I". Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras.

Barbon, M. C. V. (2011). "Caminhos do melodrama em Portugal" (Doctoral dissertation). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP: UNESP.

Barnsley, J. (2013). "El cuerpo como territorio de la rebeldía" (2nd ed.). UNEARTE.

Bogart, A. (2011). "A preparação do diretor: Sete ensaios sobre arte e teatro". Editora WMF Martins Fontes.

_____, & Landau, T. (2017). "O livro dos Viewpoints: Um guia prático para viewpoints e composição". Editora Perspectiva.

Braga, C. (2003). "Em busca da brasilidade: Teatro brasileiro na primeira república". Perspectiva. Butler, J. (1990). "Problemas de gênero: Feminismo e a subversão da identidade". Routledge.

_____(2019). "Corpos que importam: Sobre os limites discursivos do sexo". Crocodilo.

Costa, M. C. C., & Sousa Junior, W. de. (2012). Travessias: Trocas cênicas e culturais entre Brasil e Portugal. Revista Baleia na Rede - Estudos em Arte e Sociedade, 9(1), 52-68.

Diéguez, L. (2008). Prácticas de visibilidad. Ethos, teatralidad y memoria. In M. Rubio Zapata, "El cuerpo ausente (performance política)". Grupo Cultural Yuyachkani.

Fischer, S. (2013). "Expressões de gênero: A ressignificação do feminismo nos processos criativos de performers, artistas teatrais e ativistas latino-americanas na atualidade". In 'Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos* (pp. 1-13). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Fischer, S. (2017). "Mulheres, performance e ativismo: A ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana" (Doctoral dissertation). Universidade de São Paulo, São Paulo: USP.

Huppes, I. (2000). "Melodrama: O gênero e sua permanência". Ateliê Editorial. Kilomba, G. (2019). "Memórias da plantação". Cobogó.

Lugones, M. (2014). "Rumo a um feminismo descolonial". "Revista Estudos Feministas", 22(3), 935-952.

Millán, M. (Ed.). (2014). *Más allá del feminismo: Caminos para andar". Red de Feminismos Descoloniales.

Ostrower, F. (1977). "Criatividade e processos de criação". Vozes.

Quialheiro, M. de M. (2011). "A contemporaneidade da interpretação melodramática: Um olhar à luz de Almodóvar" (Master's thesis). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU.

____(2020). "Perspectivas melodramáticas na formação de atrizes e de atores: Um olhar pelo viés do circo-teatro brasileiro" (Doctoral dissertation). Universidade Estadual Paulista, São Paulo: UNESP. Ribeiro, D. (2017). "O que é lugar de fala?". Letramento.

Rocha, V. L. P. (2003). "Melodrama circense: A caracterização do personagem por tradição". In "III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas" (pp. 178-180). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Salles, C. (2006). "Gesto inacabado: Processo de criação artística". Intermeios. Sussekind, F. (1993). "Papeis colados". UFRJ.

Taylor, D. (2012). "Performance". Asunto Impreso Ediciones.

Varley, J. (2016). "Uma atriz e suas personagens: Histórias submersas do Odin Teatret" (M. Nunes, Trans.). É Realizações.

Vascouto, L. (n.d.). "A feminista espantalho e a propaganda antifeminista na cultura pop". Nó de Oito. Retrieved from http://nodeoito.com/feminista-espantalho/

Xavier, I. (2003). "O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues". Cosac Naify.

Nós e os Homens: multiplicando vozes

Izabela de Faria Miranda[1],
Eni de Faria[2],
Rosely Cubo[3]

Resumo

O Projeto *Nós e os Homens* é o guarda-chuvas de iniciativas voltadas a desenvolver intervenções e diálogos com homens, para incidência em diversas áreas. Neste contexto, nasce a Formação de Mulheres Feministas ou Não, que visa instrumentalizá-las para se multiplicarem no diálogo com os homens. As oficinas *Multiplicando Vozes*, objetivam a) popularizar entre as mulheres o debate sobre gênero e masculinidades; b) desenvolver coletivamente ferramentas de diálogo com homens; c) potencializar a militância feminista. Com o avanço histórico dos movimentos ativistas, mais mulheres assumem o enfrentamento ao machismo e seus diversos desdobramentos; no entanto, é ainda recente e incipiente a percepção de que os *homens* e as *masculinidades*, são grandes entraves aos avanços das lutas sociais. A *Indômitas Coletiva Feminista* desempenha papel determinante no deslocamento desse olhar, pois entende-se que homens e masculinidades devem ser objetos centrais das políticas feministas. Considerando que a violência é uma das linguagens mais constantes e aceitas entre aqueles que se identificam como homens, o abuso contra as mulheres é um sistema complexo, que não se reduz ao binômio agressor e vítima. Sendo assim, a pergunta de partida deste estudo se insere no campo reflexivo-crítico "- como você mostra para um homem, que a violência doméstica e familiar é uma pauta que requer engajamento dos homens?" Nesta pesquisa, seguimos as indicações de Paraíso (2004) asseverando em âmbito dos Estudos Culturais, que metodologicamente os procedimentos de análise qualitativa proporcionam uma ampla visão das questões levantadas, demarcando relevância aos sentidos que as pessoas atribuem aos seus artefatos diversos; seguimos os parâmetros de Bolivar Botia, Domingo Segovia & Fernández Cruz (2001) segundo os quais, as narrativas qualificam a experiência percebida, pois captam a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências refletidas sobre o vivido/sucedido.

Palavras-chave

gênero; políticas de masculinidade; patriarcado, interseccionalidade; hegemonia

---

1. Mestra em Educação e Docência UFMG. Especialista em Gênero e Masculinidades. Cofundadora da Organização da Sociedade Civil (OSC) *Indômitas Coletiva Feminista*. Coordenadora dos Projetos *Bravissímo*: um convite ao diálogo sob masculinidades e criminalidade e *Nós e os Homens: multiplicando vozes*. *Participa na direção/coordenação deste trabalho como EDUCADORA SOCIAL e mencionada como (E.S). E-mail: iza.bravissima@gmail.com

2. Doutora em Educação. Professora aposentada. Pesquisadora da Organização não governamental (ONG) Indômitas Coletiva Feminista. Subcoordenadora e tutora do curso de extensão em EaD - Dislexia: causas e consequências ofertadas pela Faculdade de Psicologia da UFMG. Membro do Conselho Municipal de Educação da cidade de Contagem. E-mail: enifaria@uol.com.br

3. Doutora em Ócio e Desenvolvimento Humano - Universidad de Deusto/Espanha. Mestre em Psicologia - Universidade de Fortaleza/Brasil. Pesquisadora Colaboradora no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro/Portugal. Professora do IICDEP Instituto Iniciático da Consciência Dinâmica Energética do Psiquismo de São Paulo/Brasil. Temáticas Pesquisa: Gênero e Performances. E-mail: roselycubo@gmail.com

Introdução

A hegemonia masculina é certamente o marcador social mais destoante dentro das estatísticas que mensuram e categorizam as distintas formas de violências. Do imperialismo às guerras mundiais, dos grupos de extermínio e terroristas ao narcotráfico e às milícias, das disputas de futebol aos acidentes e brigas de trânsito, o sujeito *homem* é um componente que salta aos olhos. É também de conhecimento público e mundial que jovens homens são o grupo de maior vulnerabilidade no quesito violência letal, contudo, o fenômeno raramente é refletido sobre a perspectiva de gênero e masculinidades. Importa em dizer que a violência atrelada ao que se entende por *homem*, é um entendimento naturalizado e consolidado nessa sociedade.

A violência é um legado europeu que marca a história do Brasil e da *Nossa América*[4], presente, pelo menos, desde o início das invasões, seguido pela dominação das classes oligárquicas e dos regimes militares durante grande parte do século XX. Acrescenta a colombiana Mara Viveiros Vigoya (2018, p. 78) que "na Nossa América, a construção das identidades masculinas tem se realizado em um contexto de violência histórica, estrutural e cotidiana".

Encontrar formas de se pautar o fenômeno da violência, de maneira complexificada, bem como se implicar no seu enfrentamento, não é tarefa simples. Dentre os obstáculos, está entender que homens, masculinidades e suas subjetividades são a chave de uma política de gênero que tem a violência como ferramenta de manutenção do patriarcado. *Gênero* por nós compreendido como "um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder" (SCOTT, 2019, p. 73). As masculinidades são, portanto, práticas organizadas dentro dessa estrutura das relações de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259), que se reorganizam também em diversos outros eixos de poder, como raça, colonialidade, classe, religião, território.

Nas sociedades ocidentais, "os padrões de comportamento generificados amplamente difundidos visam a manutenção do poder nas mãos dos homens, que é mantido pelo uso de diversas formas de violência" (MIRANDA, 2021, p. 27). Paralelamente, constrói-se a imagem da mulher frágil, fraca, indefesa, alguns dos signos atrelados aos padrões de feminilidade. Dessa relação se impõe a cultura do medo, que retroalimenta políticas da masculinidade que mantêm o acúmulo de poder nas mãos *dos homens*.

A violência deve então ser compreendida como um componente estruturante do patriarcado, e não como uma expressão da biologia dos homens, ou uma dicotomia fixa relacionada à ideia de caráter. "É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão" (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47). Bell hooks assimila *patriarcado* a uma outra forma de nomear o sexismo institucionalizado e explora outras dimensões das hierarquias por este sistema produzidas, como racismo, colonialidade, sexualidade etc. *Homens* podem então ser compreendidos como uma categoria política que detém privilégios em relação às mulheres (HOOKS, 2018, p. 13), mas *homens* individuais se beneficiam de formas diferentes desse patriarcado supremacista branco e capitalista (HOOKS, 2019, posição 1457 e posição 1832).

4. Dentro de uma perspectiva de estudo pós-colonial, para contrapor o conceito de América Latina reivindica-se um olhar das américas sobre si mesmas (Viveros Vigoya, 2018).

Historicamente debatida entre homens, os fenômenos sociais, a criminologia e a segurança pública têm orbitado sob a lógica de que crime e violência são fenômenos sociais normais e esperados em qualquer sociedade (DURKHEIN, 1983). No interior dos estudos feministas essa premissa é questionável. Ler o fenômeno sob a perspectiva de gênero é trazer para a centralidade os homens e suas masculinidades, que podem ser compreendidos como sujeitos que desfrutaram das vantagens patriarcais, mas que também caminham em "direção à crítica de sua participação e responsabilidade neste ordenamento de gênero" (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 18). Os debates feministas têm se mostrado de particular importância no contexto das violências praticadas contra as mulheres, bem como para a devida responsabilização dos homens. Apesar de todo tensionamento e tentativa de silenciamento, os feminismos são uma realidade para as mulheres ocidentais.

A criação de grupos reflexivos e de responsabilização, a publicização do debate de gênero, as notícias sobre as conquistas das mulheres e até mesmo os recursos legais que dão algum tipo de resposta às violências de gênero, já são uma realidade que provoca, inclusive, contraofensivas de gênero exemplificada pelos movimentos masculinistas.

1. A Construção de histórias - caminhos e diálogos

Os debates feministas têm focado na compreensão de questões ligadas às mulheres. Contudo, é incipiente e muito pouco trabalhado o entendimento dessas questões, sob o viés das masculinidades. Uma sociedade patriarcal é gerida e administrada essencialmente por homens. Assim, os problemas e as desigualdades vividas pelos grupos minorizados são consequências das políticas da masculinidade.

A guisa destas premissas, surgiu o Projeto Bravíssimo, pressupondo o debate como uma importante ferramenta de prevenção à criminalidade. A busca de analisar e refletir sobre a complexidade deste processo, várias ações foram desenvolvidas, entre elas, a realização de oficinas para discussão de gênero, masculinidades e violência, com adolescentes homens privados de liberdade, na cidade de Belo Horizonte, no Brasil.

Como todo processo de questionamentos se direciona para novos caminhos, o trabalho dissertativo[5] "Bravíssimo! Abandona as ideias e chuta o balde: olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo", emergiu de novas indagações. Esta investigação analisa os processos de socialização ligados ao gênero masculino que conflitam com a lei e passam pela privação de liberdade. O seu objeto se pauta na ideia de que a adesão à criminalidade faz parte de um processo de resistência e valorização de um modelo de hegemonia local, a masculinidade do bandido, por homens historicamente violentados e subalternizados pelas dinâmicas de hegemonia regional e global.

A busca de inúmeras ações e intervenções políticas qualificadas, culmina com a criação do Projeto *Nós e os Homens,* o guarda-chuvas de iniciativas voltadas a desenvolver intervenções e diálogos com homens e mulheres, sob a perspectiva das políticas da masculinidade. Foram no total ofertados três ciclos de oficinas, tendo seu início marcado pela pandemia da Covid-19. Dois foram realizados na modalidade virtual e um presencial. A proposta original resguardava a presença equânime ou majoritária de homens. Entretanto,

5. Dissertação de Mestrado defendida em 2021- Universidade Federal de Minas Gerais.

constatou-se que a adesão, frequência e mobilização dos homens era baixíssima, se comparada às mulheres. Como recurso estratégico, a realização do último ciclo foi uma formação voltada apenas para as mulheres, e teve sua metodologia, linguagem e estratégias direcionadas à sua qualificação para a construção de diálogos individuais e políticos relativamente aos homens.

1.1 Ciclo das Oficinas – Nós e os homens: multiplicando vozes

A 1ª formação *'Nós e os homens*: *multiplicando vozes'* é uma intervenção da *coletiva*[6] feminista brasileira *Indômitas Coletiva Feminista* em parceria com o *Instituto Viva*[7]. Em formato de Oficinas com ênfase na interação aberta e dinâmica, visando a construção de saberes de forma compartilhada. As atividades online, subdivididas em oito módulos temáticos semanais, perfazendo 16 horas desenvolvidas entre maio e junho de 2024.

Participam em média 20 mulheres que se reconhecem como cis e algumas se dizem feministas, maioritariamente se identificam como brancas, na faixa etária entre 30 e 65 anos, com nível de escolarização de nível superior especialização, mestrado e doutorado, cuja profissionalização as integram nas áreas de direito, justiça criminal, psicologia, jornalismo, enfermagem em campos de assessoria, analista e coordenação de grupos.

Este processo formativo objetiva criar espaços de discussão coletiva, para elaboração de análises políticas e de ferramentas de diálogo com homens, contribuindo para o fortalecimento dos movimentos feministas. Tem como princípios ético e estético popularizar o debate de gênero e de masculinidades; entre mulheres, instrumentalizando-as para ações contínuas na perspectiva de ampliar a produção de saberes, através das reflexões de situações concretas e significativas, pautadas pelos relatos das experiências e representações sociais. Neste contexto, um leque de questões instigam os debates abordando: *feminismo como ferramentas de transformação social, feminismo de esgoto*[8]*, desestabilizando o sujeito universal, patriarcado, colonialidade, racismo e capitalismo, masculinidade hegemônica e subalternizada, complexificando hierarquias, humanizando homens, políticas de masculinidade e o monopólio da violência, crimes sexuais enfrentamento da violência contra as mulheres, militância feminista e resposta dos homens na política, homens - diálogos possíveis, emancipação feminista e corresponsabilidade, feministas antirracistas, antiproibicionistas, abolicionistas e libertárias*.

A pergunta de partida deste estudo que se insere no campo reflexivo-crítico, que busca responder como a mulher mostra ao homem que a violência doméstica e familiar é uma pauta que requer seu engajamento. Considerando o estágio preliminar de análise deste estudo busca-se demarcar relevância aos sentidos que as participantes atribuem aos seus diversos artefatos, segundo os quais, suas narrativas qualificam a experiência percebida, pois captam a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evi-

6. Adotamos como recurso político a utilização da linguagem feminina, para a palavra *coletivo*.

7. Associação sem fins lucrativos formada por mulheres, que atende mulheres em situação de violência e promove ações diversas; voltadas para a sua emancipação coletiva.

8. Analogia criada por Miranda (2024) para decifrar a subalternização das experiências que submergem de situações sociais complexas normalizadas pela sociedade. Em contraponto, estas questões devem ser contempladas pelas lutas feministas.

dências refletidas sobre o vivido/sucedido. Neste trabalho investigativo, concordando com Minayo (1993), que afirma que o processo de um trabalho de pesquisa, não se esgota, pois ela é uma atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade, sendo uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, analisa-se a 1ª e a 6ª Oficinas.

1.2 O ponto de chegada

Constata-se que a 1ª oficina tem um significado especial porque é o ponto de partida das relações interpessoais, onde o contrato dos processos de organização expõe os objetivos da proposta, mapeia os conhecimentos prévios, interesses e as expectativas das participantes em relação a refletirem: por que e como chegamos até aqui? E ademais, a relevância das interpelações precedidas da assertiva = '*No fazer feminista tudo parece (e é) diferente; vire em toda esquina; se quiser, pare um momento e sente na calçada; não precisa chegar, só precisa ir*'. Para tal, desenvolve-se a dinâmica da metáfora das sete *esquinas* como sendo as oportunidades de fazer diferente, fazendo analogia com os caminhos, os sentidos e os significados das escolhas, o ponto chave de mudanças de ideias e encontros. Outras esquinas propostas a reflexões temáticas: "Esquinas do Hoje": 1ª Se existe, é normal; 2ª Dicotomia individual e coletivo; 3ª Nem todo amor é de mãe; 4ª É preciso existir todos os dias; 5ª O mundo não é binário; 6ª Quais os privilégios do Ryan?; 7ª Feminismo de esgoto.

Neste processo de desenvolvimento das oficinas, cria-se um grupo no WhatsApp que amplia as reflexões através de filmes, vídeos, documentários, leituras e sugestões de livros e outros. A intensidade das ações desdobra-se em um grupo de estudos, com encontros mensais.

2. O Percurso metodológico

Paraíso (2004) assevera que no âmbito dos Estudos Culturais, metodologicamente os procedimentos de análise qualitativa proporcionam uma ampla visão das questões levantadas, demarcando relevância aos sentidos que as pessoas atribuem aos seus artefatos diversos. Nesta perspectiva, seguimos os parâmetros de Bolivar Botia, Domingo Segovia & Fernández Cruz (2001) segundo os quais, as narrativas qualificam a experiência percebida, pois captam a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências refletidas sobre o vivido/sucedido.

Os relatos destas dinâmicas, frutos da nascente corporal-subjetiva para além das verdades instituídas, representadas pela experimentação e recheadas de possibilidade de dizer de si, possibilitam que os afetos fluam e se descortinem. As participantes após auto apresentação respondem: Quem Sou 'Eu'/ 'Nós'/ 'Eles'.-

Neste processo dialógico emergem intervenções e reflexões que identificam os vários caminhos a serem explorados; opta-se pela análise de uma imagem de uma família,

(FIG. 1)

Imagem extraída do jornal elobjetivo.com.ar

Quem Sou 'Eu'?

'Eu' nunca passei por violência doméstica, entretanto me identifico com esta mãe porque às vezes vejo as coisas em casa, na família entre tios e primos e não posso falar (P. Anne) [9].

Quem Somos 'Nós'?

'Nós' para mim somos mulheres, que de alguma forma foram silenciadas para não nos expor, a nossa violência e a dos outros. (P. Emília)[10]

Quem São 'Eles'?

'Eles' são todos os homens, não só os que dominam, explicitam, omitem; que permanecem dentro dos clubes dos homens, dizendo: - eu não sou tudo isto que 'Elas' pregam nas redes sociais. Inclusive, 'Eles' são 'Elas' que também preferem viver no comodismo e ignorância. (P. Gerusa)

O que está por de trás da imagem e das narrativas expõem a inflexão ou um transviamento que irrompe como um abcesso maldisfarçado do regimental. Betty Friedman em *The Feminine Mystique* (in AHMED, Sara; tradução de Cubo, Piva, Baptista et. all, 2020, p. 120) poder-se-ia ressignificar uma diversificação dos afetos, que conferem às mulheres vidas combalidas mais complexas e que presumem colonizar 'naquilo que representam', mesmo em descrições de relativa autonomia de pensar, sentir e agir. Argumentamos que deflagrá-las, seria como a fantasia da normose[11] apreendida da situação global contemporânea, afinal as explicitações da submissão relativizam o poder ao tudo e ao todo que está a volta da mulher e em detrimento da posição que o feminino ocupa em relação a origem da 'fome de atos' do ser que nasce homem.

É importante notar que a questão política do que torna o feminino 'algo como silenciado' adquire certa urgência, na qual como qualquer 'crise anunciada', conseguimos observar nas entrelinhas das narrativas. Sen-

9. Os relatos são incluídos no texto, visando dar ênfase às narrativas das participantes (P.1; P.2; P.3.... P.20).

10. Nomes fictícios.

11. Normose ou normopatia como sendo a tendência patológica para condicionar o próprio comportamento, por molde a seguir os trâmites e as normas de conduta socialmente estabelecidas, em prejuízo da autoexpressão pessoal e individual, sobrevalorizando-se a aceitação social universalizada.

do assim, o acervo de resistência do qual a mulher lança mão tem derribado o acervo de violência de gênero, principal indicador de barbárie, pois associada a indignidade, deslealdade e desumanidade. Quando o 'Eu', 'Nós' e 'Eles' é revelado, os 'algos' que delineiam os laços que constituem o 'Que Somos' vêm à tona, muito além de quem somos, pois atravessa a necessidade de enfrentamento da situação, a reivindicação da integridade e a autodeterminação como essenciais para derivar vida no seio das afirmações de inclusão de gênero.

O caminho percorrido e as esquinas viradas na 6ª Oficina levam as participantes a um ponto de particular relevância para os movimentos feministas, a violência contra as mulheres. Neste território de discussão se fez necessário sentar-se e voltar alguns passos, pois a proposta transgrede os modelos de debate sobre o tema. Desafiadas à maturidade das reflexões, possibilita lidar com o fenômeno da violência de maneira complexificada, não reduzida ao binarismo e vítimas e algozes.

Em sociedades patriarcais, é flagrante a violência como monopólio dos homens. Assim, pode ser acessada e exercida contra mulheres ('Eu - Nós') e outros homens ('Eles'), sempre que seja necessária uma afirmação de poder, masculinidade e manutenção de estruturas. Se aprofunda a discussão sobre se implicar na construção de políticas públicas de segurança e enfrentamento à violência contra as mulheres, sendo que o engajamento isolado, ademais, concentra a atenção na mulher em detrimento de coibir os homens de praticá-las.

Prosseguindo nas discussões, o grupo se debruça sobre as questões referentes às violências sexuais e seus impactos sobre a subjetividade das mulheres; são provocadas pela afirmação que "a analogia sexual, vazamento de nudez, assédio e ameaça de estupro te desestabilizam porque o sexo te envergonha". Nessa seara, os homens assumem um enorme poder de controle, à medida em que ofender mulheres por seus comportamentos sexuais – reais ou inventados - representam uma ação possível de ser exercida por qualquer um. Neste momento há um deslocamento dos debates para a compreensão de que as violências sexuais trabalham em função da manutenção dos tabus e se questionam a instituição casamento e as relações monogâmico-cristãs.

> O estupro é uma arma de estado, né? A guerra é feita de estupro! Quando um exército chega e estupra, está demarcando o quê? A dimensão do poder! 'Ele' está tomando a propriedade dos homens daquele território, para si. E quando 'Eles' vão para outra dimensão, estupram homens também, para demostrar que aqueles homens não são homens! É sobre gênero! E é sobre como este povo controla território, corpos e exprime poder (E.S).

A seguir é apresentado um relato de caso em que a policial participante demonstra como a mulher, nesta noção de fragilidade, se desestabiliza e sucumbe ao medo diante da ameaça masculina.

> "a menina estava saindo de um pré-carnaval, no centro da cidade lotada, conversando com o namorado no celular. Aí vem um homem e a segura pela cintura. 'Ele' não tinha arma, faca, não tinha nada, mas. disse assim: "fica calada, senão te mato", as duas mãos dele estavam livres e uma delas segurando-a pelo braço. 'Ele' prensou-a num carro. Passou gente, passou carro! Pareceu, inclusive para as pessoas passando, que talvez 'Eles' sejam um casal de namorados. Aí 'Ele' começa a passar a mão debaixo da saia dela; acaricia o seio dela, enfia o dedo na vagina dela que fica quieta não grita, não empurra, não faz nada. Quando 'Ele' acaba, fala assim: você vai virar de costas e descer correndo; não olha para trás, senão te mato! 'Ela' desce, chega lá, pega o telefone, chora, liga para o namorado, enfim, nada" (P. Ofélia).

A violência pelo silenciamento funciona aqui como um sinal de estar a ser 'privada' ou 'impedida' de sentir, pensar e agir frente àquilo que de fato a espelha internamente e a regula em questões dos ideais sociais, explicativos do fracasso institucional, político e de poder. Héléne Cixous em *O Sexo ou a Cabeça?* (in BAPTISTA, Maria Manuel; tradução de Almeida e Datner, 2018, p. 75) assinala através do conto de fadas de Chapeuzinho Vermelho, que inserido no personagem do Lobo Mau, "a mulher sempre sabe, que algures, sempre é esperada, num grande leito por um grande-mau Lobo". Portanto, a mulher presa na cadeia de metáforas, aquelas que organizam o masculino cultural, está reconhecida sempre lua para o sol masculino, concavidade pra a convexidade masculina, receptáculo na terra sobre o qual anda o masculino, em que a oposição clássica está a dizer homem/mulher é grande/pequeno, superior/inferior, natureza/história, transformação/inércia colocações que sustentam e arrebatam os estândares hierarquizados pelo discurso em par, onde uma certa guerra está declarada e a mulher sempre é espoliada e termina por morrer.

O que a mulher tem a dizer? Engajadas nas Oficinas, as participantes são convidadas a viver sua sexualidade livremente e dialogar sobre seus cotidianos. A premissa adotada é de que se gasta toda energia para odiar o estupro, atribuindo a ele o título de pior coisa que pode acontecer a uma mulher, mas, 'Nós' não tratamos verdadeiramente de impedi-lo, sendo que muito pouco nos questionamos sobre os relacionamentos contratuais, afetivos e sexuais inerentes às sociedades monogâmico-cristãos e intrínsecos ao patriarcado europeu colonial-imperialista.

> Se você, mulher se porta como alguém que não exerce sua sexualidade livre, 'Ele', o homem vai decidir quando, como e com quem você vai exercê-la. Destitua os homens do poder que 'Ele' exerce. Você é uma pessoa que pode se colocar no mundo como um ser sexual. 'Nós' mulheres não 'Somos' sexualizadas o tempo todo pelo patriarcado? 'Eles' não sexualizam 'Nós' na mídia? 'Eles' não sexualizam 'Nós' na internet? Todo mundo sexualiza a 'Nós', menos 'Nós' mesmas (E.S).

Segundo bell hooks em *Feminismo: Uma política transformacional* (in BAPTISTA, Maria Manuel; tradução de Castro, 2018, p. 172) o sexismo molda e determina diretamente as relações de poder em espaços sociais familiares refletidos e com reflexos no mundo exterior; a autora acredita que mulheres e homens devem partilhar um entendimento comum – um conhecimento básico sobre o que é o feminismo – se é para ser um poderoso movimento político baseado nas massas e assim criar as bases sobre as quais construir a solidariedade.

Se faz imprescindível criar territórios através de pequenos grupos para ampliar e amplificar esta consciência crítica, por ser espaço onde o "pessoal é político", lugar de diálogo, partilha de informações e expressão libertadora. É este o trabalho-base do movimento feminista; a verdadeira politização exige que nos abramos ao desconhecido, que experimentemos a dignidade e a integridade do ser que surge com a mudança revolucionária.

Conclusão

Nesta etapa desse trabalho investigativo que se iniciou com as Oficinas, evidencia-se pelas intervenções das participantes, que a cultura do silenciamento ainda é um forte obstáculo enfrentado pelas mulheres, pois seu caráter complexo e multifacetado envolvem fatores sociais, culturais, psicológicos e estruturais. Estes determinantes em confluência com a cultura patriarcal predominante, perpetua a ideia de que os homens são superiores e que as mulheres são incapazes de implementar uma política feminista.

A relevância de contribuir para que as mulheres sejam protagonistas de suas ações e intenções é um projeto, que visa superar a dinâmica de poder dos homens. Assim, os movimentos feministas inventam e reinventam ações em contextos diversos, cujas abordagens são promovidas por propostas desafiadoras que instiguem as mulheres a refletirem e criarem soluções inovadoras, resultando em uma compreensão mais profunda da realidade concreta.

A luta contra a violência de gênero e o silenciamento, deve ser uma prioridade coletiva não envolvendo apenas as mulheres, mas, toda sociedade e em particular os homens que devem ser envolvidos nos diálogos que tenham como componente a justiça social para todos.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. **Gênero e Performance. Textos Essenciais 1.** Coimbra: Grácio Editor. 2018.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Gênero e Performance. Textos Essenciais 5.** Coimbra: Grácio Editor. 2022.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, 21(1), p. 241-282, 2013.

doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014.

CONNELL, Raewyn W.; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: **uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019. [recurso eletrônico]

MIRANDA, Izabela de Faria. **Bravíssimo, abandona as ideias e chuta o balde: olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo**, 2021. (Dissertação) – Univ. Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec,1993.

PARAISO, Marlucy Alves. **Contribuições dos Estudos Culturais para a Educação. Presença Pedagógica**, v.10, n. 55, jan/fev, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-76.

VERGÈS, Françoise. **Uma teoria feminista da proteção**. São Paulo: Ubu, 2020. [recurso eletrônico]

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

We and the Men: multiplying voices

Izabela de Faria Miranda[1],
Eni de Faria[2],
Rosely Cubo[3]

Abstract

The Project We and the Men is the umbrella of initiatives aiming the development of interventions and dialogues with men, concerning different areas. Within this context the Formation of Feminist and non-feminist women arises, with the purpose of instrumentalize them so that they can multiply in the dialogue with men. The workshops Multiplying Voices (*Multiplicando Vozes)* aims to a) popularize among the women the debate on gender and masculinities; b) collectively develop dialogue tools with men, c) potentialize the feminist militance. With the historic advance of activist movements, more women face-off male chauvinism and its diverse consequences; however, it is still recent and incipient the perception that *men* and *masculinities*, are great hindrances to the advances of social struggles. The Feminist Collective Indomitable (*Indômitas Coletiva Feminista)* performs a determinant role concerning the shift from this perspective, once it is understood that men and masculinities must be the central objects of feminist policies. Considering that violence is one of the most constant and accepted languages among those who identify themselves as men, the abuse against women is a complex system, which does not reduce itself to the binomial aggressor and victim. As such, the starting question of the present study is inserted in the reflexive-critical field "- how do you show a man that domestic and familiar violence is an agenda that requires engagement of men?" In the present research we follow the indications by Paraíso (2004) asserting in the scope of the Cultural Studies, that methodologically the procedures of qualitative analysis provide a wide view of the questions raised, delimiting relevance to the meanings that people attribute to their diverse artifacts; we follow the parameters by Bolivar Botia, Domingo Segovia & Fernández Cruz (2001) who state that the narratives qualify the perceived experience, once they capture the riches and the details of the meanings in the human subjects, based on the evidences reflected about the experienced/succeeded.

Keywords

gender; masculinity policy; patriarchy, intersectionality; hegemony

1. Master's degree in Education and Teaching UFMG. Specialist in Gender and Masculinities. Cofounder of the Civil Society Organization (OSC) *Indômitas Coletiva Feminista*. Coordinator of the Projects *Bravissímo*: an invitation to the dialogue on masculinities and criminality and *We and the Men: multiplying voices*. *Participates in the Direction/coordination of the present study as SOCIAL EDUCATOR and mentioned as (E.S). E-mail: iza.bravissima@gmail.com

2. PhD in Education. Retired professor. Researcher of the Non-Governamental Organization (NGO) *Indômitas Coletiva Feminista*. Sub-coordinator and tutor of the e-learning extension course - Dyslexia: causes and consequences offered by the School of Psychology at UFMG. Member of the Municipal Education Counsil in the city of Contagem. E-mail: enifaria@uol.com.br

3. PhD, Leisure and Human Development - Universidad de Deusto/Spain. Master's degree in Psychology - Universidade de Fortaleza/Brasil. Research collaborator at Centro de Línguas, Literaturas e Culturas at Universidade de Aveiro/Portugal. Professor at IICDEP Instituto Iniciático da Consciência Dinâmica Energética do Psiquismo de São Paulo/Brasil. Research Theme: Gender and Performances. E-mail: roselycubo@gmail.com

Introduction

The masculine hegemony is certainly the most discordant social marker within the statistics that measure and categorize the distinct forms of violences. From the imperialism to the world wars, from the death squads and terrorist groups to the narcotraffic and the militias, from soccer matches to the accidents and road rage, the subject *man* is a component that strikes the eye. It is also of public and world knowledge that young men are the most vulnerable group concerning lethal violence, however, the phenomenon is rarely thought about in a gender and masculinity perspective. It is necessary to say that the violence linked to what is understood by *man*, is a naturalized and consolidated understanding in this society.

Violence is a European legacy that marks the history of Brazil and that of *Nossa América*[4], present, at least, since the beginning of the invasions, followed by the oligarchic class domination and the military regimens during most of the 20th century. The Colombian Mara Viveiros Vigoya (2018, p. 78) adds that "in Our America, the construction of the masculine identities has been carried out within a context of historical, structural and everyday violence".

To find ways to put on the agenda the phenomenon of violence in a complexified manner, as well as to implicate in its confrontation, is not a simple task. Among the obstacles, is the understanding that men, masculinities and their subjectivities are the key to a gender policy that has violence as a tool of patriarchy maintenance. *Gender* as we understand it as "a constitutive element of social relations based on the perceived differences between the sexes, and gender is a first way of signifying the power relations" (SCOTT, 2019, p. 73). The masculinities are, therefore, organized practices within this structure of gender relations (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259), that also reorganize themselves in diverse other axes of power, like race, coloniality, class, religion, territory.

In occidental societies "the standards of gendered behavior widely spread aims the maintenance of the power in the hands of men, which is kept by the use of diverse forms of violence" (MIRANDA, 2021, p. 27). In parallel, the image of the fragile, weak, defenseless woman is constructed, some the signs linked to the patterns of femininity. From that relation the culture of fear is imposed, which reinforces masculinity policies that maintain the accumulation of power in the hands of *men*.

Violence must therefore be understood as a structuring component of the patriarchy, and not as an expression of man biology, or a fixed dichotomy related to the idea of character. "It is a standard in our social arrangements, and the activities of daily life are formatted by that standard" (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47). Bell Hooks assimilates *patriarchy* to another form of naming the institutionalized sexism and explores other dimensions of the hierarchies produced by this system, such as racism, coloniality, sexuality, etc. *Men* may therefore be understood as a political category that possesses privileges with respect to women (HOOKS, 2018, p. 13), but individual *man* are differently benefited from white supremacist and capitalist patriarchy (HOOKS, 2019, position 1457 and position 1832).

4. Dentro de uma perspectiva de estudo pós-colonial, para contrapor o conceito de América Latina reivindica-se um olhar das américas sobre si mesmas (Viveros Vigoya, 2018).

Historically debated among men, social phenomena, criminology and public security have orbited under the logic that crime and violence are natural social phenomena that are present in any society (DURKHEIN, 1983). Within the feminist studies, this premise is questionable. To read the phenomenon in the perspective of gender is bringing the centrality the men and their masculinities, who may be understood as subjects that enjoyed the patriarchal advantages, but who also march "towards the criticism of their participation and responsibility in this gender arrangement" (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 18). The feminist debates have been shown of particular importance within the context of the violences perpetrated against the women, as well as for the due responsibilization of men. Despite all the tensioning and attempt of silencing, the feminisms are a reality for the western women.

The creation of reflection and responsibilization groups, the publicization of the gender debate, the news about women's achievements, and even the legal resources that provide some kind of solution to gender violences, are already a reality that provokes, inclusive, gender counteroffensives by gender masculinist movements.

1. The Constrution of histories - pathways and dialogues

The feminist debates are focused on the understanding of subjects linked to women, the understanding of these issues, under the bias of masculinities is incipient and scarcely worked upon. A patriarchal society is managed and run essentially by men. Thus, the problems and inequalities experienced by minoritized groups are consequences of masculinities policies.

Under these premises, the *Bravíssimo* Project came about, assuming the debate as an important tool to prevent criminality. The search for analyzing and thinking about the complexity of this process, several actions have been carried out, among them, the implementation of workshops to discuss gender, masculinities and violence, with incarcerated male teenagers, in the city of Belo Horizonte, Brazil.

Once all the questioning process is directed to new pathways, the dissertation work[5] "*Bravíssimo*! discards the ideas and throws everything up in the air: feminist perspectives on men and masculinities of the socio-educational youths", emerged from new inquires. The present investigation analyzes the processes of socialization linked to male gender that conflicts with the law and is deprived of freedom. Its object is based on the idea that the adhesion to criminality is part of a process of resistance and valorization of a model of local hegemony, the masculinity of the bandido, by men historically violented and subalternized by regional and global hegemony dynamics.

The search for a number of qualified political actions and interventions, culminates in the creation of the Project *We and the Men,* the umbrella of initiatives aiming the development of interventions and dialogues with men and women, in the perspective of the masculinity policies. a total of three cycles of workshops were offered, having their beginning marked by the Covid-19 pandemics. Two of them were carried out in the online modality and one performed in-person. The original proposal safeguarded the equal or majori-

5. Master's degree dissertation presented in 2021- Universidade Federal de Minas Gerais.

tarian presence of man. However, it was evidenced that the compliance, frequency and mobilization of the men was very low, in comparison to those of women. As a strategic resource, the accomplishment of the last cycle was a formative stage only for women, and it has its methodology, language and strategies directed to their qualification to construct individual and political dialogues concerning men.

1.1 Workshops cycles – We and the men: multiplying voices

The 1st formative stage *'We and the men*: *multiplying voices'* is an intervention 0f the Brazilian feminist *collective*[6] *Feminist Collective Indomitable* in a partnership with the *Instituto Viva*[7]. In the form of workshops with an emphasis on the open and dynamic interaction, seeking the construction of knowledge in a sharing format. The online activities, subdivided in eight weekly thematic modules, totaled sixteen hours from entre May to June 2024.

In average, twenty women that recognize themselves as cis and some allegedly feminists participate. Most of them identify themselves as white, 30 and 65 years old, with had a higher education level with specialization, master's degree and Ph.D., whose professionalization put them in the areas of law, criminal justice, psychology, journalism, and nursing, in fields of consultancy, analyst and group coordination.

This formative process has the purpose of creating collective discussion spaces meant to elaborate political analyses and dialog tools with men, adding to the strengthening of the feminist movements. It has as ethical and aesthetical principles the popularization of the gender debate and masculinities among women, providing them with tools for continuous actions in a perspective of increasing the productions of knowledge, by means of reflections of concrete and significative situations, based on reports of social experiences and representations. Within this context, an array of questions instigate the debates approaching: *feminism as tools of social change, sewage feminism*[8]*, destabilizing the universal subject, patriarchy, coloniality, racism and capitalism, hegemonic and subalternized masculinity, complexifying hierarchies, humanizing men, masculinity policies and the monopoly of violence, sexual crimes, face-off violence against women, feminist militancy and response of men in politics, men - possible dialogues, feminist emancipation and co-responsibility, antiracist feminists, anti-prohibitionists, abolitionists and libertarians*.

The starting question of the present study that is inserted in the reflexive-critical field, which tries to answer how a woman shows the man that domestic and familiar violence is an agenda that requires his engagement. Considering the preliminary analysis stage of this study, it looks for to demarcate relevance to the senses that the participants attribute to their diverse artifacts, according to which, their narratives qualify the perceived experience, once they capture the riches and the details of the meanings in human subjects, based

6. We adopted as a political resource the use of a feminine language for the word collective.

7. Non-profit association formed by women that assist women in situation of violence and promote several actions intended for their collective emancipation.

8. Analogy created by Miranda (2024) to decipher the subalternization of the experiences that submerge from complex social situations normalized by society. In counterpoint, those questions must be contemplated by the feminist struggles.

on the evidences reflected about the experienced/succeeded. In the present investigative work, agreeing with Minayo (1993), who states that the process of a research work does not exhaust itself, once it is the basic activity of sciences concerning its questioning and unveiling of reality, being an attitude and a theoretical practice of an endless search that defines an intrinsically unfinished and permanent process, the 1st and the 6th Workshops are examined.

1.2 The arrival point

It is evidenced that the 1st workshop has a special meaning because it is the starting point of the interpersonal relations Where the contract of the organization processes exposes the goals of the proposal, map the previous knowledges, interests and the expectations of the participants to think: why and how do we arrive here? And additionally, the relevance of the interpellations preceded by the assertive = '*In the feminist practce everything seems (and it is) different; turn every corner; if you want to, stop for a moment and sit down on the sidewalk; you do not need to arrive, you only need to go*.' For such, the dynamics of the seven *corners* metaphor develops as being the opportunities of making different, making an analogy with the pathways, the senses and the meanings of the choices, the key point of ideas changing and meetings. Other corners proposed a thematical reflections: "Today Corners": 1st If it exists, it is normal; 2st individual and collective Dichotomy; 3rd Not all love is mother's love; 4th It is necessary to exist every day; 5th The world is not binary; 6th What are Ryan`s privileges?; 7th Sewage Feminism.

In the present process of workshop development, a group was created in the WhatsApp which amplifies the reflections by means of films, videos, documentaries, readings and suggestions of books and others. The intensity of actions is unfolded in a study group meeting once a month

2. The methodological course

Paraíso (2004) asserts that in the scope of the Cultural Studies, methodologically the procedures of qualitative analysis provide a wide view of the questions raised, delimiting the relevance to the meanings that the people assign to their different artifacts. Under this perspective, we follow the parameters by Bolivar Botia, Domingo Segovia & Fernández Cruz (2001) who state that the narratives qualify the perceived experience, once they capture the riches and the details of the meanings in human subjects, having as a base the evidences reflected about the experienced/succeeded.

The reports of those dynamics, because of the emerging corporal-subjective beyond the instituted truths, represented by experimentation and filled with the possibility of talking about oneself, cause the affections to flow and unveil themselves. The participants following the self-introduction answer: Who am 'I'/ 'We/ 'They'.-

In this dialogical process interventions and thoughts that identify the several roads to be explored emerge: the option is the analysis of an image of a family,

(FIG. 1)

Image extracted from elobjetivo.com.ar

Who Am 'I'?

'I' have never suffered domestic violence. However, I identify myself as this mother because sometimes I see things at home, in family, among uncles and cousins, and I cannot talk about it (P. Anne) [9].

Who are 'We'?

'We' for me are women, who somehow have been silenced not to expose ourselves, our violence and that of others. (P. Emília)[10]

Who are 'They'?

'They' are all the men, not only those who dominate, explicit, omit; who stay in the men's clubs, saying: - I am not everything 'They' say in the social media. Inclusive, 'They'(the men) are 'They'-(the women) who also prefer to live in selfishness and ignorance. (P. Gerusa)

What is behind the image and the narratives exposes the inflection or a deviation that irrupts as a barely disguised regimental abscess. Betty Friedman in *The Feminine Mystique* (in AHMED, Sara; translated by Cubo, Piva, Baptista et. all, 2020, p. 120) states that it could resignify a diversification of the affections, which confer to women more complex frail lives and that assumes to colonize 'in that they represent', even in descriptions of relative autonomy of thinking, feeling and acting. We argue that triggering them, would be like the fantasy of the normosis[11] apprehended from the contemporary global situation. After all the explicitations of submission relativize the power to the all and to the whole that is around the woman, and in detriment of the position that the feminine occupies in relation to the origin of the 'hunger of acts' of the being who is born a man.

9. The reports are included in the text, in order to emphasize the narratives of the participants (P.1; P.2; P.3.... P.20).

10. Fictitious names.

11. Normosis or normopathy is a pathological tendency to condition one' s behavior, by mold, to follow the procedures and the norms of conduct socially established, in detriment of the personal and individual self-expression, overvaluing the universalized social acceptance.

It is important to notice that the political question of what makes the feminine 'something like silenced' acquire a certain urgency, in which, as in any 'announced crisis', we manage to observe in the subtext of the narratives. Thus, the collection of resistance of which the woman make use has overthrown the heritage of gender violence, the main indicator of barbarism, once it is associated to indignity, disloyalty and inhumanity. When the 'I', 'We' and 'They' are revealed, the 'somethings' that delineate the bonds that made 'What We Are' surface, far beyond from who we are, once it crosses a need of facing the situation, the revindication of integrity and the self-determination as essential to derive life in the heart and soul of the statements of gender inclusion.

The path traveled and the corners turned in the 6th Workshop take the participants to a point of relevance for the feminist movements, violence against women. Within this discussion territory it was necessary to sit down and go back a few steps since the proposal transgress the models of debate on the theme. Challenged to the maturity of the reflections, it makes possible to deal with the phenomenon of violence in a complexified way, not reduced to the victims-perpetrator binarism.

In patriarchal societies it is flagrant that violence is a monopoly of men. Thus, it can be accessed and exerted against women. ('I - We') and other men ('They'), as long as an affirmation of power, masculinity and maintenance of the structures is necessary. The discussion on implicating oneself in the construction de public security policies and facing violence against the women is deepened, since the isolate engagement, moreover, concentrates the attention on the woman instead of preventing men to perpetrate it.

Continuing the discussions, the group se dedicate itself to the subjects related to sexual violences and their impacts on the subjectivity of the women, the issues concerning sexual violences and their impacts on the subjectivity of women; are provoked by the statement that "the sexual analogy, nude leak, harassment and rape threat destabilize you because sex is a shame on you". In this area, men take on a great control power, once insulting women because of their sexual behaviors– real or invented – represent an action possible of being exerted by anyone. At this moment, there is a displacement of the debates towards the understanding that sexual violences work to maintain the taboos, and they cast doubts on the marriage institution and the monogamous-christian relationships.

> Rape is a weapon of state, isn't it'? The war is made of rape! When an army arrives and rape, what is it delimiting? The dimension of power! 'It' is taking the property of the men of that territory, for itself. And When 'They' go to other dimension, they also rape men, to demonstrate that those men are not men! It is about gender! It is about how that people control territory, bodies and express power (E.S).

The following is a case report in which the participant policewoman demonstrates how a woman, in that notion of fragility, destabilizes herself and succumbs to fear in the face of the masculine threat.

> "The girl was leaving a pre-carnival party , in midtown of city, talking to his boyfriend in the cell phone. Then a man came and grab her by the waist. 'He' did not have a gun or a knife. He did not have anything, but he said: "be quiet or I kill you". His hands were free, and he was holding her by the arm. 'he' pressed her against a car. People passed by, cars passed by! It seemed for the people passing by that maybe they were a couple dating. Then 'He' starts to rub his hand underneath her skirt; he caresses her breast, put his finger inside her vagina. She stays quiet and do not push, do not do anything. When 'He' finishes he says: you are going to turn Around and run; do not look back, otherwise I will kill you! 'She' runs down the street, stops, gets her cell phone, cries, calls her boyfriend, at last, nothing" (P. Ofélia).

The violence by silencing works here as a signal of being 'deprived' or 'impeded' of feeling, thinking and acting in the face of what in fact mirror it internally and regulates it in issues of social ideals, explaining the institutional, political and power failure. Héléne Cixous in *The Sex or the Head?* (in BAPTISTA, Maria Manuel; translated by Almeida and Datner, 2018, p. 75) demonstrates through the fairy tale Little Red Riding Hood, that put into the character of the Big Bad Wolf, "a woman always knows that, somewhere, she is awaited, on a large bed by a big bad wolf". Therefore, the woman imprisoned in the chain of metaphors, those that organize the cultural masculine, is always recognized moon to the masculine sun, concavity to the masculine convexity, receptacle on Earth upon which the masculine walks where the classical opposition is saying the man/woman is big/small, superior/inferior, nature/history, transformation/inertia, statements that support and snatch the standards hierarchized by the discourse in par9, where a certain war is declared and the woman is always spoliated and eventually dies.

What does a woman have to say? Engaged in the workshops, the participants are invited to freely live their sexuality and dialogue about their daily routines. The adopted premise is that all energy is spent to hate the rape, assigning to it the title of the worst thing that may happen to a woman, but 'We do not truly try to avoid it, and we scarcely question ourselves about the sexual, emotional and contractual relationships inherent to the monogamous-christian societies and intrinsic to the colonial-imperialist European patriarchy.

> If you, Woman, behave as someone who does not exerts your sexuality freely, 'He', the man, will decide when, how, and with whom you will exert it. Depose men from the power that 'He' exerts. You are a person that can place yourself in the world as a sexual being. 'We' women are not sexualized all the time by the patriarchy? 'They' do not sexualize 'Us' on the social media? 'They' do not sexualize 'Us' on the internet? Everybody sexualizes 'Us', but 'Us' (E.S).

According to Bell Hooks in *Feminism: A transformational politics* (in BAPTISTA, Maria Manuel; translated by Castro, 2018, p. 172) sexism directly shapes and determines the relations of power in reflected familiar social spaces and with reflections on the outside world; the author believes that women and men must share a common understanding – a basic knowledge on what is feminism – if it is to be a powerful political movement based on the masses, and thus create the bases upon which solidarity may be construct.

It is essential to create territories by means of small groups to expand and amplify this critical conscience, once it is a space where the "personal is political" a place of dialogue, information sharing and liberating expression. This is the base work of the feminist movement; the true politization requires that we are open

to the unknown and experience the dignity and the integrity of the being that emerge with the revolutionary change.

Conclusions

In this step of the present investigative work that have started with the Workshops, it is evident, according to the interventions of the participants that the culture of silencing is still a strong obstacle faced by women, since its complex and multifaceted character involve social, cultural, psychological and structural factors. Those determinants in confluence with the predominant patriarchal culture, perpetuate the idea that men are superior and that women are incapable of implement a feminist policy.

The relevance of contributing for the women to be the protagonists of their actions and intentions is a Project that aims to overcome the dynamic of men power. Thus, the feminist movements invent and reinvent actions in different contexts, whose approaches are promoted by challenging proposals that instigate women to reflected and create innovative solutions, resulting in a deeper comprehension of concrete reality.

The struggle against gender violence and silencing must be a collective priority, involving not only the women, but all society and, particularly the men that must be involved in the dialogues that have as component social justice for all.

References

BAPTISTA, Maria Manuel. ***Gender e Performance. Textos Essenciais 1.*** Coimbra: Grácio Editor. 2018.

BAPTISTA, Maria Manuel. ***Gender e Performance. Textos Essenciais 5.*** Coimbra: Grácio Editor. 2022.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. ***Revista Estudos Feministas***, 21(1), p. 241-282, 2013. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014.

CONNELL, Raewyn W.; PEARSE, Rebecca. ***Gender***: ***uma perspectiva global***. São Paulo: nVersos, 2015.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOOKS, bell. ***O feminismo é para todo mundo***: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. ***Teoria Feminista***: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019. [recurso eletrônico]

MIRANDA, Izabela de Faria. **Bravíssimo, abandona as ideias e chuta o balde: olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo**, 2021. (Dissertação) – Univ. Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec,1993.

PARAISO, Marlucy Alves. **Contribuições dos Estudos Culturais para a Educação. Presença Pedagógica**, v.10, n. 55, jan/fev, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender**: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-76.

VERGÈS, Françoise. ***Uma teoria feminista da proteção***. São Paulo: Ubu, 2020. [recurso eletrônico]

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

Acessibilidade das estruturas museológicas em território nacional

Ana Rita Lucas Rodrigues[1]

Resumo

No artigo a apresentar será abordada a questão da acessibilidade em Portugal e a forma como esta impacta a perceção do público face às instituições museológicas nacionais e o acesso à cultura. Recorrendo à legislação vigente acerca das normas de acessibilidade a serem implementadas em espaços abrangidos e usufruídos pela esfera pública, será possível averiguar não só a viabilidade da implementação destas medidas através da legislação nacional assim como de analisar se estas medidas são satisfatórias para mudar o panorama cultural nacional.

Palavras-chave

museologia acessível; acessibilidade; património cultural; acessibilidade da cultura

Introdução à temática

Os museus desempenham um papel fundamental na preservação e divulgação da cultura e do património, oferecendo aos visitantes uma oportunidade única de explorar diversas formas de expressão humana. No entanto, durante muito tempo, a acessibilidade a esses espaços fundamentais para o setor da cultura tem sido uma questão negligenciada - deixando de fora uma parte significativa da população. Deste modo, tem se tornado cada vez mais necessário para as instituições conhecerem os seus variados públicos e integrarem-se na comunidade de modo a conseguir compreender como as mesmas podem ser representadas (República Portuguesa, 2021).

Com base no relatório "Acessibilidade na Cultura: Experiências de Pessoas com Deficiências e Surdas", realizado pelo AcessLab em março de 2024, foi concluído que dos indivíduos inquiridos cerca de 32% tiveram dificuldade em encontrar infraestruturas pertencentes ao setor da cultura que fossem acessíveis e estivessem adaptadas de modo a receber pessoas com deficiência. Acrescentando, 28% desta amostra teve dificuldade na interpretação e obtenção das informações relativas à acessibilidade a um dado espaço. Na última experiência cultural, foi também concluído que cerca de 85% dos inquiridos experienciaram dificuldades no acesso à programação, concluindo-se assim que "*a dificuldade mais sentida pelos inquiridos relaciona-se com a ausência ou a fraca qualidade da informação dirigida aos públicos com deficiência*" (AcessLab, 2024).

A falta de acessibilidade física, sensorial e cognitiva pode assim criar barreiras significativas para um grupo vasto de visitantes, impedindo-as de desfrutar plenamente das riquezas que os museus têm a oferecer. Posto isto, é cada vez mais imperativo investigar e solucionar equações de modo a combater a desigualdade aos acessos e fomentar a fruição cultural por parte de todos.

---

1. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Mestrado de Museologia e Museografia.

Deste modo, e de forma a combater essas desigualdades, o atual projeto visa investigar e analisar criticamente o estado atual da acessibilidade nas instituições museológicas em território nacional, focando-se sobretudo na legislação vigente para o efeito. Serão exploradas as diferentes dimensões da acessibilidade sobretudo no que concerne à acessibilidade física e motora, assim como averiguar a acessibilidade dos conteúdos publicitados pelos museus (informações disponíveis nas páginas *web*, folhetos, etc.). Será também analisada a forma como as instituições museológicas abordam a temática da acessibilidade e inclusão de variados tipos de público.

Além disso, investigaremos as políticas, regulamentos e diretrizes existentes relacionadas à acessibilidade em museus, bem como os desafios enfrentados na implementação dessas medidas.

Ao compreendermos a acessibilidade nas instituições, poderemos identificar lacunas e oportunidades de melhoria, contribuindo para a criação de espaços culturais mais inclusivos e acessíveis a todos os públicos.

Apropriando-me da Carta do Porto Santo - um mapa orientador de diretrizes e recomendações a aplicar de modo a desenvolver o paradigma da democratização da cultura em Portugal - é possível afirmar e compreender que "é prioritário garantir a acessibilidade integrada nas instituições culturais, quer na relação com as comunidades, quer na sua organização interna. É preciso negar todas as utilizações da cultura como sinal de distinção social, recusar hierarquizações estigmatizantes, que funcionam como violência simbólica de um grupo social com poder sobre outros, que se sentem deslocados, excluídos e não representados." (República Portuguesa, 2021).

Assim se coloca a questão: Como é que os museus podem potenciar a fruição cultural de pessoas com mobilidade reduzida?

Enquadramento histórico - Os Museus e o surgimento da Museologia enquanto disciplina

Os museus e dispositivos culturais têm as suas origens profundamente enraizadas na história da Humanidade, remontando à Antiguidade. Desde os tempos da Grécia Antiga, com o surgimento do *mouseion* - um espaço dedicado ao saber e à filosofia - denota-se uma crescente preocupação com a valorização do saber artístico e a forma como esses artefactos são expostos e valorizados. Também no Egipto, o mesmo conceito de *mouseion* surgia como um espaço que comportava salas de reunião, observatórios, espaços de estudo e de cultivo do conhecimento. Era neste contexto que muitas vezes se inseriram obras de arte, artefactos geológicos e tantos outros elementos representativos da história do Homem e da história das sociedades para usufruto da população.

Durante a Idade Média, durante um período em que a criação de peças artísticas tinha como objetivo demonstrar a adoração a Deus e promover a conversão à religião cristã diante da população, foram desenvolvidos novos elementos litúrgicos e novas coleções com vista a representar a paixão por Cristo

- recorrendo assim à representação de grandes retábulos repletos de cor e de história de modo a captar a cenografia associada ao divino. Estas peças, consideradas igualmente materiais de estudo para a população

iletrada, eram expostas em igrejas e conventos de modo a poderem ser admiradas por todos os seguidores da fé cristã.

Numa fase posterior, no período do Renascimento, surgem os gabinetes de curiosidades com vista a expor obras de arte e objetos com maior raridade, artigos exóticos e tantos outros elementos de relevância para a época. Surgiram também as primeiras coleções privadas mantidas por governantes, nobres e elites, exibindo artefactos raros e curiosidades naturais ao público. Era um contexto de intimidade, que demonstrava o interesse pela cultura e colecionismo, mas que revelava e tinha como objetivo demonstrar a ostentação e riqueza das classes mais abastadas. Foi neste período que se começou a dar uma maior atenção à exposição de artefactos históricos e artísticos, marcando o início ao que atualmente conhecemos como *prática museológica*.

Desde então, os museus evoluíram significativamente nas suas funções, tornando-se locais essenciais para a educação, inspiração e preservação do património cultural e científico da humanidade.

Um grande exemplar de como os museus se tornaram um forte motor social surgiu em 1667, em Paris, nos primeiros *salons* de arte, criados por iniciativa real, de modo a mostrar a melhor pintura e escultura produzida segundo os seus promotores. Posteriormente, a museologia - que anda de par em par com o sucesso dos museus ao longo dos séculos - surge oficialmente no final do século XVII, com a criação do Louvre, em 1793. É um museu aberto ao público e aos artistas, promovendo assim a fruição cultural e artística na sociedade parisiense da época, sendo assim algo inovador na área da cultura, considerando o antecessor dos *salons* que, como mencionado anteriormente, surge mais como um reflexo do colecionismo e da ostentação da burguesia.

Assim, a partir da abertura do Louvre, a arte é tida como um objeto de contemplação pública, o que cria a necessidade de reunir e difundir conhecimento sobre as artes, surgindo assim a função de preservação das obras e coleções - assim como o papel da apresentação ao público dessas mesmas coleções.

É no século XIX que são dados passos inovadores no campo da curadoria, nomeadamente através de Wilhelm Von Bode, que desenvolve tabelas para as obras expostas, oferecendo contexto histórico e informação acerca das mesmas. O número de obras por sala é igualmente reduzido de modo a poder auxiliar positivamente a experiência dos visitantes no espaço, na medida em que com menos obras em cada sala, os visitantes seriam capazes de melhor compreender e interligar as obras expostas.

Atualmente, os museus e instituições promotoras da cultura têm vindo a questionar e apropriar o seu papel na sociedade e tentando acompanhar as variadas evoluções a nível social, cultural e tecnológico. Com a crescente tendência para abandonar os meios tradicionais e adotar um estilo de vida mais dependente das tecnologias, os museus e os seus colaboradores vêm se num impasse, sendo cada vez mais forçados a adotar outras abordagens de modo a cativar o público.

O museu, que no século XIX se demonstrava como um espaço belo, onde se exibem as grandes conquistas da Humanidade, está a tornar-se - em pleno século XXI - num espaço político e didático, incapaz de ficar indiferente aos acontecimentos que se desenrolam no mundo, assumindo a função de educar o público

acerca de todos os acontecimentos e temáticas da história da Humanidade - não omitindo o lado negro da mesma.

A Acessibilidade e os Estudos sobre a Deficiência

A história da acessibilidade aos serviços públicos essenciais no século XXI surge também como uma narrativa de progresso, desafios e conquistas em direção à inclusão e igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência. Os Estudos sobre a Deficiência - uma disciplina com o objetivo de promover a discussão e o pensamento crítico sobre as origens, significado e consequências da deficiência - nasce oficialmente nos anos sessenta do século XX a partir da organização política e social dos indivíduos portadores de deficiência. Este movimento iniciou-se nos Estados Unidos, com o crescimento do *Independent Living Movement* (que tem a sua origem nos anos sessenta e setenta), o *Self-Advocacy Movement* na Suécia assim como as lutas pela igualdade na Grã-Bretanha - nomeadamente por parte de indivíduos institucionalizados que lutavam por mais direitos e uma vida mais digna (Pereira, 2008).

Para além dos grandes esforços para colmatar e cada vez mais desenvolver a sensibilização para a temática da acessibilidade na sociedade, os avanços tecnológicos também desempenharam um papel fundamental na melhoria da mesma, proporcionando inovações que ajudam a superar barreiras físicas e facilitar o acesso às infraestruturas.

No entanto, apesar da história da acessibilidade ter um "começo" nos anos sessenta e setenta, a noção do indivíduo portador de deficiência já existia na sociedade. Patrícia Roque Martins apoia-se na teorização de Lowenfeld de modo a melhor compreender a dinâmica e o percurso histórico experienciados pelos indivíduos portadores de deficiência. De acordo com o autor, a Humanidade tem perspetivado a deficiência segundo quatro panoramas diferentes, sendo que cada um deles corresponde a um período histórico distinto. Estes períodos dividem-se entre: separação, proteção, emancipação e integração.

O primeiro período remete para as sociedades primitivas em que era socialmente aceite abandonar e excluir todos os membros da sociedade que fossem considerados incapazes de contribuir para a sua subsistência e para o sucesso da sua comunidade. O segundo período - referente à proteção - corresponde à Era Medieval sobretudo devido à propagação do Cristianismo que assume a deficiência como objeto merecedor de caridade.

Os indivíduos eram ainda alvo de escrutínio, considerando que não eram vistos como pessoas individuais com atributos e qualidades, mas sim como pessoas mais fracas e incapazes que mereciam ser alvo de proteção por parte da população.

Nos séculos XVIII e XIX ocorre o terceiro período de acordo com Lowenfeld - o período da emancipação, onde se começa a valorizar o indivíduo portador de deficiência como alguém com capacidades e atributos próprios que transcendem a sua própria condição. Para obter este resultado e esta mudança de mentalidade recorreu-se fortemente ao apoio dos filósofos empiristas da época - nomeadamente Denon - que defende que o processo cognitivo tem origem na experiência dos sentidos.

O período final corresponde à integração e surge apenas no século XX ao se considerar finalmente a integração plena da pessoa com deficiência na sociedade. Esta mudança de paradigma ocorre sobretudo após a 1ª Guerra Mundial (1914 - 1915) e a 2ª Guerra Mundial (1939 - 1945) por resultar num grande número de indivíduos portadores de deficiência socialmente integrados. A Declaração dos Direitos do Homem (publicada em 1948) e a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (promulgada em 1975) são igualmente fatores que contribuíram para esta mudança radical de mentalidade por parte da sociedade como um todo.

Para além deste aspeto, Patrícia Roque Martins afirma que é só a partir dos anos oitenta que ocorre uma mudança de caráter linguístico - associando o termo "*pessoa*" e o termo "*deficiente*". O termo "*pessoa deficiente*" vem assim reconhecer a existência de um indivíduo antes do reconhecimento da sua deficiência, valorizando a sua essência enquanto pessoa. Reforça também a "*existência de uma pessoa com necessidades especiais face a um mundo com adaptações socialmente diferentes*" (Martins, 2008). Todos estes aspetos incentivam assim o reconhecimento dos direitos dos indivíduos portadores de deficiência e da responsabilidade coletiva em colmatar estas desigualdades.

No entanto, apesar dos progressos realizados e da crescente preocupação com a temática da acessibilidade, a luta pela igualdade de acessos e experiências socioculturais continua, com o objetivo de criar um mundo verdadeiramente inclusivo e acessível para quase todos, independentemente da sua condição física, motora e psicológica.

Introdução à acessibilidade - No que consiste a acessibilidade?

A acessibilidade apresenta-se como uma condição que permite a transposição das dificuldades e obstáculos que representam potenciais impedimentos a uma determinada amostra de pessoas - que poderá impossibilitar a participação das mesmas num contexto social. Deste modo, é possível afirmar que este conceito - adaptado à museologia e à importância que a mesma tem para a cultura de uma sociedade - se revela fundamental desde a origem das coleções e das exposições divulgadas em contexto nacional e internacional. A sua ocorrência constitui um fator importante para a fruição cultural por parte da sociedade enquanto um todo - sejam os indivíduos pertencentes a essa mesma sociedade portadores de um estado biomédico normal ou não -, permitindo que todos tenham acesso às mesmas experiências, independentemente das suas condições socioeconómicas, impedimentos físicos, entre outros.

Deste modo, a acessibilidade em sentido estrito consiste num conjunto de práticas e medidas implementadas de modo a assegurar que o acesso a determinados espaços - sejam eles interiores ou exteriores - possa ser feito por pessoas com incapacidade. Estas práticas são adjudicadas e legalmente impostas pela autarquia local e respetivo Governo de forma a assegurar o cumprimento das mesmas, visando assim auxiliar todos os indivíduos. É importante mencionar que quando é mencionado o termo "indivíduo com incapacidade", se está a incluir todas as pessoas que têm algum tipo de impedimento que impossibilita a utilização normal de determinados espaços e dispositivos, sendo que esses mesmos impedimentos podem advir de condições e problemas permanentes ou temporários (como no caso de grávidas, crianças e idosos que por vezes necessitam

de recorrer a rampas e tantos outros dispositivos de modo a facilitar a sua vida). Para o efeito deste artigo, no entanto, serão apenas considerados os indivíduos com impedimentos e incapacidades ao nível motor e físico.

A deficiência, que se encontra intrinsecamente relacionada com o conceito de acessibilidade - apesar de não ser o único fator que permite a existência e prática da mesma - é um conceito que surge após o século XVIII.

Apenas após a Segunda Guerra Mundial, no século XX é que este estigma começou a ser dissolvido pela sociedade e foi substituído por uma visão mais positiva, que por sua vez iria levar à luta da igualdade de acessos e oportunidades por parte destes indivíduos.

De modo a melhor classificar e analisar a deficiência enquanto conceito recorre-se a dois métodos de análise: o *modelo médico* e o *modelo social* (Henriques, 2016). O *modelo médico* analisa as dificuldades do indivíduo face à deficiência que tem - assim como o seu grau (de 0% a 100%).

Pelo contrário, o *modelo social* credibiliza a pessoa com deficiência e assume que o erro se encontra nas estruturas sociais por não disponibilizarem os equipamentos necessários para os indivíduos portadores de deficiência poderem viver uma vida plena.

De modo a conjugar estes dois modelos de análise, a Organização Mundial de Saúde desenvolveu outro método: o *modelo psicossocial*. Este modelo assume que a deficiência é compreendida entre as capacidades - ou incapacidades - do indivíduo portador de deficiência e o meio em que se encontra e as dificuldades experienciadas quando nesse mesmo meio.

Deste modo, e de maneira a poder estabelecer um conceito bem estruturado de acessibilidade de modo a fundamentar a pesquisa que se segue nos próximos capítulos, será considerado que a acessibilidade, e consequentemente as boas práticas de acessibilidade, consistem num conjunto de práticas que têm como objetivo salvaguardar os indivíduos mais fragilizados, devido a incapacidades que impossibilitem um determinado número de ações por parte dos mesmos; assim como os indivíduos que, ainda de forma temporária, estão incapazes de realizar essas mesmas ações.

Acessibilidade no panorama legal português

Atualmente, a acessibilidade no panorama legal nacional é tida como uma prioridade de modo a assegurar uma experiência equitativa e igualitária para todos os membros da sociedade portuguesa, assegurando que todos têm acesso aos mesmos espaços e infraestruturas públicas. Com base na Lei n.º 38/2004, de 18 de agosto (Lei de Bases da Pessoa com Deficiência), na alínea *d)* do artigo 3.º, é determinado que a "*(...) promoção de uma sociedade para todos através da eliminação de barreiras e da adoção de medidas que visem a plena participação da pessoa com deficiência*" seja tida como uma prioridade, sendo este aspeto fiscalizado pelas entidades competentes, assim como pelas organizações não governamentais das pessoas com deficiência e das pessoas com mobilidade condicionada.

Assim, este documento afirma a importância da igualdade de acessos para todos na sociedade, estabelecendo as bases gerais de forma a assegurar a participação justa destes indivíduos na comunidade. Inicia por descrever a pessoa com deficiência, "*aquela que, por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de funções ou de estruturas do corpo, incluindo as funções psicológicas, apresente dificuldades específicas susceptíveis de, em conjugação com os fatores do meio, lhe limitar ou dificultar a actividade e a participação em condições de igualdade com as demais pessoas*" (Lei n.º 38/2004, Artigo 2.º - Noção). Assumem-se variados princípios aos quais a sociedade se deve reger face à acessibilidade, nomeadamente na questão do acesso aos bens e serviços que a sociedade oferece, assim como é assumido um papel ativo na sociedade, para o qual todos - incluindo as pessoas de mobilidade reduzida - devem contribuir.

Igualmente, em contexto nacional afirma-se a não descriminação da pessoa com deficiência, estando este tópico mencionado no Artigo 6.º da Lei n.º 38/2004, de 18 de agosto. Este especto menciona que a "*pessoa com deficiência deve beneficiar de medidas de ação positiva com o objetivo de garantir o exercício dos seus direitos e deveres, corrigindo uma situação factual de desigualdade que persista na vida social.*". Para tal suceder, a mesma deverá participar ativamente em todas as medidas que possam auxiliar ou melhorar a política de intervenção de modo a que a pessoa com incapacidade seja menos afetada pelas desigualdades de acesso aos espaços públicos.

Os principais órgãos, que, com base no Decreto Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto, poderão intervir em todos os aspetos que sejam relevantes para a comunidade (Lei n.º 38/2004, Artigo 18.º - Intervenção de Entidades Públicas e Privadas), são os seguintes:

- Câmaras Municipais - quanto aos deveres impostos aos particulares;
- Inspeção Geral das Finanças - quanto aos deveres impostos à Administração Pública Local;
- Instituto Nacional para a Reabilitação - quanto aos deveres impostos à Administração Pública Central e aos Institutos.

Igualmente, tantas outras instituições e organizações não governamentais portuguesas têm vindo cada vez mais a desenvolver e alertar para a importância da acessibilidade em contexto público e privado, tentando consistentemente derrubar as variadas barreiras físicas e psicológicas que existem (Lei n.º 38/2004, Artigo 20.º - Coesão Social). Em discussão com um representante da Associação Portuguesa de Deficientes, foram abordadas estas questões e foi reforçada a importância que todos os cidadãos têm para com as questões de acessibilidade, não só no sentido de melhorar as acessibilidades para todos os espaços - públicos e privados - e de essa mesma melhoria contribuir positivamente para o bem comum da sociedade, como é fundamental ter a consciência das dificuldades passadas pelas pessoas com mobilidade condicionada até porque, por vezes devido aos momentos inoportunos da vida, nos possamos também ver numa situação semelhante. Assim, cada vez mais a missão destas instituições - nos quais se inclui a APD - consiste não só em melhorar os acessos mas sobretudo sensibilizar a sociedade para temáticas que acabam por passar despercebidas no dia a dia, como a falta de acessibilidade nos espaços públicos e a falta de incentivos à empregabilidade de indivíduos com mobilidade condicionada, entre outros.

Assim, e com base no Artigo 25.º - Habilitação e Reabilitação, é mencionado que as "*(...) medidas, nomeadamente nos domínios do emprego, trabalho e formação, consumo, segurança social, saúde, habitação e urbanismo, transportes, educação e ensino, cultura e ciência, sistema fiscal, desporto e tempos livres, que tenham em vista a aprendizagem e o desenvolvimento de aptidões, a autonomia e a qualidade de vida da pessoa com deficiência*" devam ser assegurados.

Considerando a área da cultura, e a importância que a mesma tem para a unificação de uma sociedade, é fundamental assegurar que todas as condições necessárias estejam reunidas para que a fruição deste bem indispensável possa ser feito por cidadãos com mobilidade reduzida ou portadores de deficiência - seja ela de cariz permanente ou temporário.

De forma a garantir a unificação destes valores, e o usufruto dos mesmos, foi desenvolvido e aprovado o Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto, que "*(...) define o regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais*", de modo a assegurar que são implementadas medidas-padrão para integrar as pessoas com mobilidade condicionada na sociedade.

Este Decreto-Lei não aborda apenas as questões referentes aos museus, mas sim a todas as infraestruturas, sejam elas privadas ou públicas. São mencionados critérios, regras e princípios a seguir de forma a assegurar que todas as infraestruturas que recebem público a nível nacional se encontram aptas para assegurar que as pessoas com mobilidade reduzida possam visitar os espaços de forma confortável e segura. O antecedente do Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto é o Decreto- Lei n.º 123/97, de 22 de maio, que identifica de forma concisa as questões chave da acessibilidade mas de forma menos sucinta que o presente decreto-lei.

Afirma "*o imperativo da progressiva eliminação das barreiras, designadamente urbanísticas e arquitetónicas, que permita às pessoas com mobilidade reduzida o acesso a todos os sistemas e serviços da comunidade, criando condições para o exercício efetivo de uma cidadania plena, decorre de diversos preceitos da Constituição, quando proclama, designadamente, o princípio da igualdade, o direito à qualidade de vida, à educação, à cultura e ciência e à fruição e criação cultural e, em especial, quando consagra os direitos dos cidadãos com deficiência.*" (Decreto-Lei n.º 123/97, de 22 de maio). Institui as mesmas políticas de acessibilidade a serem implementadas em edifícios públicos e privados, adotando igualmente a importância do recurso à sinalética específica - como apresentada abaixo - nos locais em que a acessibilidade é comprovada, mencionando que a mesma deverá ser fixada em "*(...) local bem visível nos edifícios, instalações, equipamentos e via pública*" (Decreto-Lei n.º 123/97, de 22 de maio, Artigo 1.º - Objeto, Alínea 3).

No Decreto-Lei n.º 123/97, de 22 de maio é também mencionado o artigo da Constituição referente aos cidadãos portadores de deficiência onde se descreve o seguinte:

"Parte I > Título III > Capítulo II

Artigo 71.º

(Cidadãos portadores de deficiência)

> Os cidadãos portadores de deficiência física ou mental gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados.
>
> O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos cidadãos portadores de deficiência e de apoio às suas famílias, a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e a assumir o encargo da efectiva realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos e deveres dos pais ou tutores.
>
> O Estado apoia as organizações de cidadãos portadores de deficiência."

Deste modo, é possível salientar a importância que é estabelecida em contexto legal nacional relativamente acessibilidade e à capacidade de assegurar que tanto infraestruturas públicas como privadas seguem legislações e critérios de construção e de manutenção para assegurar que as mesmas se encontram padronizadas de modo a proporcionar uma experiência digna e confortável para os cidadãos portadores de deficiência e de mobilidade reduzida. Este aspeto tem um impacto direto na perceção da museologia e da fruição da cultura na esfera nacional, permitindo que através destas medidas cada vez mais indivíduos tenham um acesso e experiência digna dentro destes espaços.

Ainda assim, é fundamental mencionar que apesar da legislação ser fundamental para a implementação e fiscalização da acessibilidade das infraestruturas, omite um fator extremamente importante para a concretização e efetivação de serviços verdadeiramente acessíveis – a dimensão humana da acessibilidade.

Para a acessibilidade se concretizar, nomeadamente a acessibilidade motora, é fundamental assegurar a dispositivos que facilitem a locomoção e a deambulação dentro de um dado espaço. Ainda assim, é fundamental mencionar que não é apenas a instalação destes dispositivos que vai tornar a experiência dentro de um museu verdadeiramente acessível. Apesar das medidas formais serem fundamentais para os indivíduos portadores de deficiência, é importante ressalvar que estas mesmas medidas andam diretamente de par em par com a dignidade com que esses visitantes são recebidos, e sobretudo o que esses mesmos indivíduos sentem quando estão no espaço.

Bibliografia

Access Lab (consultado a 27 de junho de 2024). "Relatório Acessibilidade na cultura: Experiências de Pessoas com Deficiência e Surdas";

Turismo de Portugal (consultado a 27 de junho de 2024). "Como tornar o seu Museu ou Monumento mais acessível";

APD (consultado a 27 de junho de 2024). "Acessibilidade em Museus - Conversas na Torre de São Sebastião, 13 de Abril de 2024";

FARIAS, Valéria (consultado a 5 de maio de 2024). "Como Potenciar a Fruição Cultural das Pessoas com Deficiência Visual em Museus";

Instituto Nacional de Estatística (consultado a 8 de abril de 2024). "O que nos dizem os Censos - Sobre as dificuldades sentidas pela população com incapacidades";

República Portuguesa (consultado a 27 de junho de 2024). "Carta do Porto Santo - A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia";

PEREIRA, Ana (consultado a 27 de junho de 2024). "Viagem ao Interior da Sombra - Deficiência, Doença Crónica e Invisibilidade numa Sociedade Capacitista";

Decreto Lei nº. 163/2006, de 8 de agosto (consultado a 2 de outubro de 2023);

TELES, Paula (consultado a 2 de outubro de 2023). "Acessibilidade e mobilidade para todos: apontamentos para uma melhor interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto";

Turismo de Portugal (consultado a 6 de junho de 2024). "Guia de Boas Práticas de Acessibilidade: Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus";

Lei nº 38/2004, de 18 de agosto (consultado a 2 de outubro de 2023);

HENRIQUES, Rita (consultado a 21 de abril de 2024). "Os Sentidos nos Museus - Acessibilidade para o Público Cego";

Turismo de Portugal (consultado a 16 de maio de 2024). "Itinerários Turísticos Acessíveis de Portugal";

MARTINS, Patrícia (consultado a 16 de maio de 2024). "A Inclusão pela Arte: Museus e Públicos com Deficiência Visual";

Centro de Estudos Sociais (consultado a 15 de julho de 2024). "Estudo de Avaliação do Impacto dos Custos Financeiros e Sociais da Deficiência";

World Health Association (consultado a 31 de julho de 2024). "World Report on Disability";

TOJAL, Amanda (consultado a 29 de maio de 2024). "Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus";

MARTINS, Patrícia (consultado a 27 de junho de 2024). "A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência";

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro (consultado a 2 de outubro de 2023);

Decreto-Lei nº 123/97, de 22 de maio (consultado a 2 de outubro de 2023);

Diário da República. (consultado a 20 de fevereiro de 2024); [Decreto de aprovação da Constituição] (https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-aprovacaoconstituicao/1976-34520775-49472475);

ICOM Portugal. (2022, 30 de setembro) (consultado a 20 de fevereiro de 2024) [Nova definição de museu] (https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/);

República Portuguesa. (consultado a 3 de julho de 2024) (https://www.acessibilidade.gov.pt/);

Accessibility of museum structures in national territory

Ana Rita Lucas Rodrigues[1]

Abstract

The article to be presented will address the issue of accessibility in Portugal and the way in which it impacts the public's perception of national museum institutions and access to culture. Using current legislation regarding accessibility standards to be implemented in spaces covered and enjoyed by the public sphere, it will be possible to ascertain not only the feasibility of implementing these measures through national legislation, but also to analyze whether these measures are satisfactory for changing the cultural panorama.

Keywords

accessible museology; accessibility; cultural heritage; accessibility of culture

Introduction to the topic

Museums play a fundamental role in preserving and disseminating culture and heritage, offering visitors a unique opportunity to explore diverse forms of human expression. However, for a long time, accessibility to these fundamental spaces for the culture sector has been a neglected issue - leaving out a significant part of the population. Therefore, it has become increasingly necessary for institutions to know their varied audiences and integrate into the community in order to understand how they can be represented (República Portuguesa, 2021).

Based on the report "Relatório Acessibilidade na cultura: Experiências de Pessoas com Deficiência e Surdas", carried out by AcessLab in March 2024, it was concluded that of the individuals surveyed, around 32% had difficulty finding infrastructure belonging to the culture sector that was accessible and were adapted to accommodate people with disabilities. In addition, 28% of this sample had difficulty interpreting and obtaining information regarding accessibility to a given space. In the last cultural experience, it was also concluded that around 85% of respondents experienced difficulties in accessing programming, thus concluding that "the difficulty most experienced by respondents is related to the absence or poor quality of information aimed at audiences with disability" (AcessLab, 2024).

The lack of physical, sensorial and cognitive accessibility can therefore create significant barriers for a wide group of visitors, preventing them from fully enjoying the riches that museums have to offer. That said, it is increasingly imperative to investigate and solve equations in order to combat inequality in access and encourage cultural enjoyment on the part of everyone.

In this way, and in order to combat these inequalities, the current project aims to investigate and critically analyze the current state of accessibility in museum institutions in the national territory, focusing main-

1. Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon; Masters in Museology and Museography

ly on current legislation for this purpose. The different dimensions of accessibility will be explored, especially with regard to physical and motor accessibility, as well as investigating the accessibility of content advertised by museums (information available on web pages, leaflets, etc.). The way museum institutions approach the issue of accessibility and inclusion of different types of audiences will also be analyzed.

Additionally, we will investigate existing policies, regulations and guidelines related to accessibility in museums, as well as the challenges faced in implementing these measures.

By understanding accessibility in institutions, we will be able to identify gaps and opportunities for improvement, contributing to the creation of more inclusive and accessible cultural spaces for all audiences. Appropriating the Carta do Porto Santo - a guiding map of guidelines and recommendations to be applied in order to develop the paradigm of democratization of culture in Portugal - it is possible to affirm and understand that "it is a priority to guarantee integrated accessibility in cultural institutions, whether in relationship with communities, both in their internal organization. It is necessary to deny all uses of culture as a sign of social distinction, to reject stigmatizing hierarchies, which function as symbolic violence by a social group with power over others, who feel displaced, excluded and unrepresented." (República Portuguesa, 2021).

This raises the question: How can museums enhance the cultural enjoyment of people with reduced mobility?

Historical framework - Museums and the emergence of Museology as a discipline

Museums and cultural devices have their origins deeply rooted in the history of Humanity, dating back to Antiquity. Since the times of Ancient Greece, with the emergence of the *mouseion* - a space dedicated to knowledge and philosophy - there has been a growing concern with the valorization of artistic knowledge and the way in which these artefacts are exposed and valued. Also in Egypt, the same concept of *mouseion* emerged as a space that included meeting rooms, observatories, spaces for study and cultivation of knowledge. It was in this context that works of art, geological artefacts and many other elements representing the history of mankind and the history of societies were often inserted for the population to enjoy.

During the Middle Ages, during a period in which the creation of artistic pieces aimed to demonstrate the worship of God and promote conversion to the Christian religion among the population, new liturgical elements and new collections were developed with a view to representing the passion for Christ - thus resorting to the representation of large altarpieces full of color and history in order to capture the scenography associated with the divine. These pieces, also considered study materials for the illiterate population, were displayed in churches and convents so that they could be admired by all followers of the Christian faith.

At a later stage, during the Renaissance, curiosity cabinets emerged with the aim of displaying more rare works of art and objects, exotic items and many other elements of relevance to the time. The first private collections maintained by rulers, nobles and elites also emerged, displaying rare artefacts and natural curiosities to the public. It was a context of intimacy, which demonstrated an interest in culture and collecting, but

which revealed and aimed to demonstrate the ostentation and wealth of the wealthier classes. It was during this period that greater attention began to be paid to the exhibition of historical and artistic artefacts, marking the beginning of what we currently know as museum practice.

Since then, museums have significantly evolved in their functions, becoming essential places for education, inspiration and preservation of humanity's cultural and scientific heritage.

A great example of how museums became a strong social engine appeared in 1667, in Paris, in the first art salons, created on royal initiative, in order to showcase the best painting and sculpture produced according to their promoters. Subsequently, museology - which goes hand in hand with the success of museums over the centuries - officially emerged at the end of the 17th century, with the creation of the Louvre, in 1793. It is a museum open to the public and artists, thus promoting cultural and artistic enjoyment in parisian society at the time, thus being something innovative in the area of culture, considering the predecessor of the salons which, as previously mentioned, appears more as a reflection of the collecting and ostentation of the bourgeoisie.

Thus, from the opening of the Louvre, art is seen as an object of public contemplation, which creates the need to gather and disseminate knowledge about the arts, thus emerging the function of preserving works and collections - as well as the role of presentation to the public of these same collections.

It was in the 19th century that innovative steps were taken in the field of curation, namely through Wilhelm Von Bode, who developed tables for the works on display, offering historical context and information about them. The number of works per room is also reduced in order to positively assist visitors' experience in the space, as with fewer works in each room, visitors would be able to better understand and connect the works on display. Currently, museums and institutions that promote culture have been questioning and appropriating their role in society and trying to keep up with the various social, cultural and technological developments. With the growing tendency to abandon traditional means and adopt a lifestyle more dependent on technology, museums and their collaborators find themselves at an impasse, being increasingly forced to adopt other approaches in order to captivate the public. The museum, which in the 19th century demonstrated itself as a beautiful space, where the great achievements of Humanity are displayed, is becoming - in the 21st century - a political and didactic space, incapable of remaining indifferent to the events unfolding in the world, assuming the role of educating the public about all the events and themes in the history of Humanity.

Accessibility and Disability Studies

The story of accessibility to essential public services in the 21st century also appears as a narrative of progress, challenges and achievements towards inclusion and equal opportunities for people with disabilities. Disability Studies - a discipline with the aim of promoting discussion and critical thinking about the origins, meaning and consequences of disability - was officially born in the sixties of the 20th century from the political and social organization of individuals with disabilities. This movement began in the United States, with the growth of the Independent Living Movement (which has its origins in the sixties and seventies), the

Self-Advocacy Movement in Sweden as well as the struggles for equality in Great Britain - notably by of institutionalized individuals who fought for more rights and a more dignified life (Pereira, 2008).

In addition to the great efforts to overcome and increasingly develop awareness of the issue of accessibility in society, technological advances have also played a fundamental role in improving it, providing innovations that help to overcome physical barriers and facilitate access to infrastructure. However, although the history of accessibility had a "beginning" in the sixties and seventies, the notion of an individual with a disability already existed in society. Patrícia Roque Martins relies on Lowenfeld's theorization in order to better understand the dynamics and historical path experienced by individuals with disabilities. According to the author, Humanity has viewed disability according to four different perspectives, each of which corresponds to a distinct historical period. These periods are divided between: separation, protection, emancipation and integration.

The first period goes back to primitive societies in which it was socially accepted to abandon and exclude all members of society who were considered incapable of contributing to their subsistence and the success of their community. The second period - referring to protection - corresponds to the Medieval Era, mainly due to the spread of Christianity, which assumes disability as an object worthy of charity.

Individuals were still the target of scrutiny, considering that they were not seen as individual people with attributes and qualities, but rather as weaker and more incapable people who deserved to be the target of protection by the population.

In the 18th and 19th centuries, according to Lowenfeld, the third period occurs - the period of emancipation, where individuals with disabilities begin to be valued as someone with their own capabilities and attributes that transcend their own condition. To obtain this result and this change of mentality, we strongly relied on the support of empiricist philosophers of the time - namely Denon - who argue that the cognitive process originates in the experience of the senses.

The final period corresponds to integration and only appears in the 20th century when the full integration of people with disabilities into society is finally considered. This paradigm shift occurred mainly after the 1st World War (1914 - 1915) and the 2nd World War (1939 - 1945) as it resulted in a large number of socially integrated individuals with disabilities. The Declaration of Human Rights (published in 1948) and the Declaration of the Rights of Disabled Persons (promulgated in 1975) are also factors that contributed to this radical change of mentality on the part of society as a whole.

In addition to this aspect, Patrícia Roque Martins states that it was only after the eighties that a linguistic change occurred - associating the term "person" and the term "disabled". The term "disabled person" thus recognizes the existence of an individual before recognizing their disability, valuing their essence as a person. It also reinforces the "existence of a person with special needs in a world with socially different adaptations" (Martins, 2008). All these aspects thus encourage the recognition of the rights of individuals with disabilities and the collective responsibility to overcome these inequalities.

However, despite the progress made and the growing concern with the issue of accessibility, the fight for equal access and socio-cultural experiences continues, with the aim of creating a truly inclusive and accessible world for almost everyone, regardless of their physical, motor or physical condition. and psychological.

Introduction to accessibility - What does accessibility consist of ?

Accessibility presents itself as a condition that allows the overcoming of difficulties and obstacles that represent potential impediments to a certain sample of people - which could make it impossible for them to participate in a social context. In this way, it is possible to affirm that this concept - adapted to museology and the importance it has for the culture of a society - has proven to be fundamental since the origin of collections and exhibitions published in a national and international context. Its occurrence constitutes an important factor for cultural enjoyment by society as a whole - whether individuals belonging to that same society have a normal biomedical state or not -, allowing everyone to have access to the same experiences, regardless of their conditions. socioeconomic issues, physical impediments, among others.

Therefore, accessibility in the strictest sense consists of a set of practices and measures implemented to ensure that access to certain spaces - whether indoor or outdoor - can be done by people with disabilities. These practices are adjudicated and legally imposed by the local authority and respective Government in order to ensure compliance with them, thus aiming to help all individuals. It is important to mention that when the term "individual with disability" is mentioned, it is including all people who have some type of impediment that makes it impossible to normally use certain spaces and devices, and these same impediments can arise from conditions and problems permanent or temporary (as in the case of pregnant women, children and the elderly who sometimes need to use ramps and many other devices to make their lives easier). For the purposes of this article, however, only individuals with motor and physical impairments and disabilities will be considered.

Disability, which is intrinsically related to the concept of accessibility - despite not being the only factor that allows its existence and practice - is a concept that emerged after the 18th century. It was only after the Second World War, in the 20th century, that this stigma began to be dissolved by society and was replaced by a more positive vision, which in turn would lead to the fight for equal access and opportunities for these individuals.

In order to better classify and analyze disability as a concept, two methods of analysis are used: the medical model and the social model (Henriques, 2016). The medical model analyzes the individual's difficulties in relation to their disability - as well as its degree (from 0% to 100%). On the contrary, the social model gives credibility to people with disabilities and assumes that the error lies in social structures for not providing the necessary equipment for individuals with disabilities to live a full life. In order to combine these two analysis models, the World Health Organization developed another method: the psychosocial model. This model assumes that disability is understood as the capabilities - or incapacities - of the individual with a disability and the environment in which they find themselves and the difficulties experienced when in that same environment.

In this way, and in order to establish a well-structured concept of accessibility in order to support the research that follows in the next chapters, it will be considered that accessibility, and consequently good accessibility practices, consist of a set of practices that have as objective of safeguarding the most fragile individuals, due to disabilities that make a certain number of actions on their part impossible; as well as individuals who, even temporarily, are unable to carry out these same actions.

Accessibility in the portuguese legal landscape

Currently, accessibility in the national legal landscape is considered a priority in order to ensure a fair and equal experience for all members of portuguese society, ensuring that everyone has access to the same public spaces and infrastructure. Based on Law No. 38/2004, of August 18 (Basic Law for Persons with Disabilities), in paragraph d) of article 3, it is determined that the "(...) promotion of a society to all through the elimination of barriers and the adoption of measures aimed at the full participation of people with disabilities" is taken as a priority, and this aspect is monitored by the competent authorities, as well as by non-governmental organizations of people with disabilities and people with mobility conditioned.

Thus, this document affirms the importance of equal access for everyone in society, establishing the general bases to ensure the fair participation of these individuals in the community. It begins by describing a person with a disability, "one who, due to loss or anomaly, whether congenital or acquired, of body functions or structures, including psychological functions, presents specific difficulties likely to, in conjunction with environmental factors, limit or hinder your activity and participation on equal terms with other people" (Law no. 38/2004, Article 2 - Concept). Various principles are assumed to which society must adhere to in terms of accessibility, particularly in terms of access to goods and services that society offers, as well as an active role in society, for which everyone - including people with mobility reduced - must contribute.

Likewise, in the national context it is stated that there is no discrimination against people with disabilities, with this topic mentioned in Article 6 of Law no. 38/2004, of 18 August. This section mentions that "people with disabilities must benefit from positive action measures with the aim of guaranteeing the exercise of their rights and duties, correcting a factual situation of inequality that persists in social life." For this to happen, they must actively participate in all measures that can assist or improve the intervention policy so that people with disabilities are less affected by inequalities in access to public spaces.

The main bodies, which, based on Decree Law no. 163/2006, of August 8, will be able to intervene in all aspects that are relevant to the community (Law no. 38/2004, Article 18 - Intervention of Public and Private Entities), are as follows:

- Municipal Chambers - regarding duties imposed on individuals;
- General Inspection of Finances - regarding the duties imposed on the Local Public Administration;

- National Institute for Rehabilitation - regarding the duties imposed on the Central Public Administration and the Institutes.

Likewise, many other portuguese institutions and non-governmental organizations have increasingly developed and raised awareness of the importance of accessibility in public and private contexts, consistently trying to break down the various physical and psychological barriers that exist (Law No. 38/2004, Article 20 - Social Cohesion). In discussion with a representative of the Portuguese Association of the Disabled (APD), these issues were addressed and the importance that all citizens have towards accessibility issues was reinforced, not only in terms of improving accessibility for all spaces - public and private - and that this same improvement contributes positively to the common good of society, as it is essential to be aware of the difficulties faced by people with restricted mobility because, sometimes due to inopportune moments in life, we can also find ourselves in a similar situation. Thus, increasingly the mission of these institutions - which includes the Portuguese Association of the Disabled - consists not only of improving access but above all raising society's awareness of issues that end up going unnoticed in everyday life, such as the lack of accessibility in public spaces and the lack of incentives for the employability of individuals with restricted mobility, among others.

Thus, and based on Article 25 - Qualification and Rehabilitation, it is mentioned that "(...) measures, namely in the areas of employment, work and training, consumption, social security, health, housing and urban planning, transport, education and teaching, culture and science, tax system, sport and leisure time, which aim at learning and developing skills, autonomy and quality of life of people with disabilities" must be ensured.

Considering the area of culture, and the importance it has for the unification of a society, it is essential to ensure that all the necessary conditions are met so that citizens with reduced mobility or people with disabilities can enjoy this essential asset - whether permanent or temporary. In order to guarantee the unification of these values, and the enjoyment of them, Decree-Law No. 163/2006, of August 8, was developed and approved, which "(...) defines the accessibility regime for buildings and establishments that receive the public, public roads and residential buildings", in order to ensure that standard measures are implemented to integrate people with reduced mobility into society.

This Decree-Law does not only address issues relating to museums, but to all infrastructures, whether private or public. Criteria, rules and principles to be followed are mentioned in order to ensure that all infrastructures that receive the public at national level are capable of ensuring that people with reduced mobility can visit spaces comfortably and safely. The antecedent of Decree-Law no. 163/2006, of August 8th is Decree-Law no. this decree-law. It states "the imperative of the progressive elimination of barriers, namely urban and architectural ones, that allow people with reduced mobility access to all community systems and services, creating conditions for the effective exercise of full citizenship, arises from several precepts of the Constitution , when it proclaims, in particular, the principle of equality, the right to quality of life, education, culture and science and cultural enjoyment and creation and, in particular, when it enshrines the rights of citizens with disabilities." (Decree-Law no. 123/97, of May 22).

Establishes the same accessibility policies to be implemented in public and private buildings, also adopting the importance of using specific signage - as presented below - in places where accessibility is proven, mentioning that it should be fixed at "(...) clearly visible location in buildings, installations, equipment and public roads" (Decree-Law no. 123/97, of May 22, Article 1 - Object, Paragraph 3).

In Decree-Law No. 123/97, of May 22, the article of the Constitution referring to citizens with disabilities is also mentioned, which describes the following:

> "Part I > Title III > Chapter II
>
> Article 71 (Citizens with disabilities)
>
> Citizens with physical or mental disabilities fully enjoy the rights and are subject to the duties set out in the Constitution, with the exception of the exercise or fulfillment of those for which they are
>
> incapacitated.
>
> The State is obliged to implement a national policy of prevention and treatment, rehabilitation and integration of citizens with disabilities and support for their families, to develop a pedagogy that raises society's awareness of the duties of respect and solidarity towards them and to assume
>
> the responsibility for the effective realization of their rights, without prejudice to the rights and duties of parents or guardians.
>
> The State supports organizations of citizens with disabilities."

In this way, it is possible to highlight the importance that is established in the national legal context regarding accessibility and the ability to ensure that both public and private infrastructures follow legislation and construction and maintenance criteria to ensure that they are standardized in order to provide a dignified and comfortable experience for citizens with disabilities and reduced mobility. This aspect has a direct impact on the perception of museology and the enjoyment of culture at the national level, allowing through these measures more and more individuals to have access and a dignified experience within these spaces. Still, it is essential to mention that although legislation is fundamental for the implementation and monitoring of infrastructure accessibility, it omits an extremely important factor for the implementation and implementation of truly accessible services – the human dimension of accessibility.

For accessibility to be achieved, particularly motor accessibility, it is essential to ensure devices that facilitate locomotion and ambulation within a given space. Still, it is essential to mention that it is not just the installation of these devices that will make the experience inside a museum truly accessible. Although formal measures are fundamental for individuals with disabilities, it is important to note that these same measures

go directly hand in hand with the dignity with which these visitors are received, and above all what these same individuals feel when they are in the space.

Bibliography

Access Lab (consultado a 27 de junho de 2024). "Relatório Acessibilidade na cultura: Experiências de Pessoas com Deficiência e Surdas";

Turismo de Portugal (consultado a 27 de junho de 2024). "Como tornar o seu Museu ou Monumento mais acessível";

APD (consultado a 27 de junho de 2024). "Acessibilidade em Museus - Conversas na Torre de São Sebastião, 13 de Abril de 2024";

FARIAS, Valéria (consultado a 5 de maio de 2024). "Como Potenciar a Fruição Cultural das Pessoas com Deficiência Visual em Museus";

Instituto Nacional de Estatística (consultado a 8 de abril de 2024). "O que nos dizem os Censos - Sobre as dificuldades sentidas pela população com incapacidades";

República Portuguesa (consultado a 27 de junho de 2024). "Carta do Porto Santo - A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia";

PEREIRA, Ana (consultado a 27 de junho de 2024). "Viagem ao Interior da Sombra - Deficiência, Doença Crónica e Invisibilidade numa Sociedade Capacitista";

Decreto Lei nº. 163/2006, de 8 de agosto (consultado a 2 de outubro de 2023);

TELES, Paula (consultado a 2 de outubro de 2023). "Acessibilidade e mobilidade para todos: apontamentos para uma melhor interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto";

Turismo de Portugal (consultado a 6 de junho de 2024). "Guia de Boas Práticas de Acessibilidade: Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus";

Lei nº 38/2004, de 18 de agosto (consultado a 2 de outubro de 2023);

HENRIQUES, Rita (consultado a 21 de abril de 2024). "Os Sentidos nos Museus - Acessibilidade para o Público Cego";

Turismo de Portugal (consultado a 16 de maio de 2024). "Itinerários Turísticos Acessíveis de Portugal";

MARTINS, Patrícia (consultado a 16 de maio de 2024). "A Inclusão pela Arte: Museus e Públicos com Deficiência Visual";

Centro de Estudos Sociais (consultado a 15 de julho de 2024). "Estudo de Avaliação do Impacto dos Custos Financeiros e Sociais da Deficiência";

World Health Association (consultado a 31 de julho de 2024). "World Report on Disability";

TOJAL, Amanda (consultado a 29 de maio de 2024). "Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus";

MARTINS, Patrícia (consultado a 27 de junho de 2024). "A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência";

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro (consultado a 2 de outubro de 2023);

Decreto-Lei nº 123/97, de 22 de maio (consultado a 2 de outubro de 2023);

Diário da República. (consultado a 20 de fevereiro de 2024); [Decreto de aprovação da Constituição] (https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-aprovacaoconstituicao/1976-34520775-49472475);

ICOM Portugal. (2022, 30 de setembro) (consultado a 20 de fevereiro de 2024) [Nova definição de museu] (https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/);

República Portuguesa. (consultado a 3 de julho de 2024) (https://www.acessibilidade.gov.pt/);

Sociomuseologia como Ativismo Museológico: vozes insurgentes e transformadoras

Ana Paula Carvalho[1]

Resumo

Os Estudos Culturais surgiram como um campo interdisciplinar que busca compreender a cultura como uma prática social, interligada com as estruturas de poder e dinâmicas políticas. No contexto dessa abordagem, o ativismo emerge como uma prática de intervenção direta nas estruturas sociais, desafiando desigualdades e propondo transformações. Este artigo explora como a Sociomuseologia se manifesta como uma forma de ativismo museológico, promovendo a inclusão e a participação das comunidades em processos museológicos voltados à justiça social e ao empoderamento. Para investigar se a Sociomuseologia é percebida como ativismo museológico, aplicou-se um questionário a 21 sociomuseólogos, e os dados foram analisados qualitativamente para identificar padrões de engajamento e ativismos no campo.

Palavras-chave

Estudos Culturais; Sociomuseologia; Ativismo Museológico.

Introdução: Contextos e Perspetivas

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por profundas transformações políticas, sociais e culturais que influenciaram o mundo de forma irreversível. Durante este período, emergiram movimentos de contestação e de luta por direitos civis, igualdade de género, justiça racial e contra as guerras coloniais e o imperialismo, que lutam ainda hoje pela reestruturação do papel das instituições culturais e académicas no tecido social.

Este cenário de efervescência social estimulou o desenvolvimento de abordagens académicas e culturais críticas, a exemplo dos Estudos Culturais e a Nova Museologia, que se posicionaram como respostas a uma necessidade crescente de análise e intervenção face às estruturas de poder e hegemonia. Estas disciplinas não se limitaram à observação ou à teoria, mas inseriram-se ativamente no contexto social, procurando promover a mudança e a justiça.

Os Estudos Culturais, surgidos na década de 1960, sob a liderança de Stuart Hall, se estabeleceram como uma resposta às limitações das ciências sociais tradicionais, que frequentemente ignoravam as dinâmicas de poder subjacentes às práticas culturais. Segundo Hall, a cultura deveria ser analisada como produto das relações de poder e hegemonia, sendo um espaço de contestação e construção identitária (Baptista, 2009).

1. Doutoranda em Sociomuseologia no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona/Portugal, com bolsa da Cátedra UNESCO "Educação, Cidadania e Diversidade Cultural" e pesquisa financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com referência PRT/BD/155026/2023. Mestra em Estudos Culturais, Memória e Património, UEG/Brasil. Graduada em Geografia, UFU/Brasil. gestaocultural.ambiental@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-5386-9370

Este compromisso com a prática social e política dos Estudos Culturais reflete-se no conceito de ativismo, que emerge como resposta a desigualdades estruturais, propondo a transformação social por meio da intervenção direta. O ativismo cultural, nesse sentido, busca não apenas descrever as dinâmicas de poder, mas transformá-las por meio de práticas críticas e participativas. Esse ativismo, aplicado ao campo museológico, deu origem ao conceito de ativismo museológico: uma extensão dessa lógica de intervenção que busca o envolvimento dos museus em questões contemporâneas e que não apenas propõe a preservação do património cultural, mas também utiliza a sua atuação e estrutura como plataforma para promover justiça social.

No conceito de ativismo museológico, Janes e Sandell (2019) proclamam que "a neutralidade do museu é, atualmente, encarada como demissão", uma vez que as instituições culturais, ao não se posicionarem diante das crises sociais e políticas, tornam-se cúmplices na manutenção de estruturas de opressão. O ativismo museológico, portanto, propõe uma prática museológica ética, comprometida com mudanças sociais, políticas e ambientais. Nesse contexto, os museus tornam-se agentes ativos de transformação, comprometidos com a justiça social, a diversidade e a inclusão.

Importa destacar que esse ativismo museológico foi diretamente influenciado pelo movimento da Nova Museologia, que teve o seu marco inicial na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, organizada pela UNESCO e o ICOM. Durante esse evento, foram estabelecidos os princípios do "Museu Integral", nos quais os museus deveriam atuar "a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento". Essa nova abordagem buscava romper com o elitismo tradicional dos museus, enfatizando o envolvimento direto com as comunidades e a necessidade de democratizar a cultura.

O ápice desse movimento ocorreu com a Declaração de Quebec em 1984, que consolidou o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), formalizado em 1985, que propunha aos museus, em vez de serem meramente guardiões de objetos, assumir uma função proativa na transformação social, voltando-se para o desenvolvimento das comunidades e o fortalecimento das suas identidades culturais (Duarte, 2013 in Malchow, 2023). No entanto, museus tradicionais adotaram práticas superficiais sem abraçar totalmente as suas propostas. Em resposta, a Nova Museologia foi refundada nos anos 1990 sob o conceito de Museologia Social, reafirmando o seu caráter anticolonial e anticapitalista, o que ficou ratificado no I Encontro Internacional de Ecomuseus, realizado no Rio de Janeiro em 1992. Em sequência, a Sociomuseologia, suscitada na década de 1990, em Portugal, hoje consolidada como uma Escola de Pensamento, representa a continuidade desse movimento, com um enfoque ainda mais crítico. De fato, a Sociomuseologia rejeita a ideia do museu como uma instituição isolada e elitista, propondo, em vez disso, que ele se torne um espaço de interação entre comunidades, memórias e identidades.

Assim, a Sociomuseologia assume um caráter militante ao incorporar o ativismo social como prática museológica, o que ressoa com os princípios dos Estudos Culturais ao propor uma ética de responsabilidade social e política nos museus. Ambas as disciplinas alinham-se no seu compromisso com a justiça social, utilizando o conhecimento, o património e a cultura como ferramentas de transformação. Tal como afirmam Chagas et al. (2018), "a compreensão do museu como prática social e ferramenta de luta e o crescente ativismo social de indivíduos e grupos imbricados com iniciativas museológicas transformadoras são elementos que permitiram a assunção da Sociomuseologia de forma alargada e militante" (p 98).

Portanto, tanto os Estudos Culturais quanto a Sociomuseologia, ao questionarem as estruturas de poder e promoverem uma ação crítica e insurgente, se integram num movimento mais amplo de transformação. Juntos, consolidam a visão de que as instituições culturais não podem ser neutras ou passivas, mas devem engajar-se ativamente na construção de um futuro mais inclusivo e equitativo.

No entanto, até hoje, a Sociomuseologia não foi amplamente reconhecida como um ativismo museológico. Este trabalho busca justamente preencher essa lacuna, argumentando que a Sociomuseologia deve ser entendida como ativismo museológico, ao propor uma prática museológica moldada por valores humanos, cuja finalidade é promover mudanças sociais e culturais. A sua essência está em desafiar as hierarquias tradicionais e colocar as comunidades no centro das decisões museológicas, permitindo que diferentes vozes e narrativas sejam representadas e se façam presente na construção de uma museologia não silenciada e não hegemónica.

Sociomuseologia e Ativismo Museológico

A Sociomuseologia distingue-se por sua postura ativa frente às demandas sociais e políticas contemporâneas, propondo uma reconfiguração do papel dos museus como agentes de transformação social. Sandell (2007, p. 3) argumenta que "os museus contemporâneos devem ser concebidos não apenas como espaços de preservação e exibição, mas como 'instituições morais', responsáveis por promover mudanças sociais significativas." Essa conceção reflete o ativismo museológico, que utiliza o museu como uma plataforma para questionar desigualdades sociais e promover justiça cultural.

Essa vertente propõe que os museus sejam espaços inclusivos, onde as vozes historicamente silenciadas possam ser ouvidas. Judite Primo (2019) afirma que a Sociomuseologia deve estar "atenta à 'reciprocidade de saberes', especialmente em contextos historicamente marcados pela exclusão e pela ausência de representatividade" (p. 12). Esse foco na inclusão, central para o ativismo museológico, transforma o museu num espaço de resistência contra opressões culturais, sociais e políticas.

A prática sociomuseológica como ativismo encontra apoio em Geanine Escobar (2021), que reforça a ideia de que o ativismo museológico é um "processo contínuo de transformação, onde as práticas museológicas devem se alinhar com a luta por reconhecimento e pela visibilidade das populações historicamente excluídas" (p. 25). Isso implica dizer que o museu não é apenas um espaço para preservar o passado, mas também um lugar de contestação, onde novas narrativas e identidades podem ser construídas e legitimadas. Ao promover uma museologia crítica, a Sociomuseologia engaja-se diretamente com as questões sociais e políticas, proporcionando um espaço onde as comunidades podem articular as suas demandas e narrativas, desafiando as representações tradicionais e hegemónicas.

Paulo Freire (2013) destaca que "a aprendizagem é um processo construído, não de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo" (p. 92). Aplicando esta ideia na sua metodologia, a Sociomuseologia promove uma educação libertadora e uma postura ativista comprometida com a transformação social e cultural, onde o museu constrói o seu trabalho não para a comunidade, não sobre a comunidade,

mas com a comunidade. Ou seja, a Sociomuseologia defende metodologias participativas, que se destacam como questões centrais para sua prática. Mário Moutinho (2010) observa que "o processo de construção de uma museologia socialmente engajada exige metodologias que rompam com a gestão centralizada e promovam um diálogo contínuo e horizontal com as comunidades" (p. 87). Isso inclui práticas como a curadoria colaborativa, em que as comunidades não são apenas consultadas, mas se tornam co-produtoras das exposições e narrativas. Essas metodologias não apenas democratizam o processo museológico, mas também desafiam as tradições museológicas excludentes.

Para Tony Boita (2021), essas metodologias participativas têm sido especialmente importantes na inclusão de narrativas LGBTQIA +. Ele destaca que os museus devem atuar como espaços que promovam a visibilidade de género e sexualidade, utilizando o espaço museológico para contestar normatividades culturais e promover a inclusão. De acordo com Boita e Baptista (2017), o papel dos museus na luta por esses direitos e como iniciativas museológicas, especialmente as que seguem os preceitos da Sociomuseologia, têm ajudado a promover a inclusão e visibilidade dessas comunidades.

É também preciso pontuar as implicações éticas do ativismo museológico, pois ele traz consigo implicações profundas. Os museus, ao se engajarem no ativismo, não podem ignorar as dinâmicas de poder que permeiam as suas práticas e narrativas. Por isso, uma abordagem interseccional é essencial para garantir que as práticas museológicas não perpetuem as desigualdades que pretendem combater.

À conversa com ativistas museológicos

A relação entre Sociomuseologia e o ativismo museológico é cada vez mais evidente e relevante no contexto das práticas museológicas contemporâneas. Para compreender melhor esta relação, foi aplicado um questionário a 21 profissionais, investigadores, docentes e estudantes da Universidade Lusófona, ligados à área da Museologia. O objetivo era explorar se percebem a Sociomuseologia como ativismo, além de identificar as áreas e causas em que estão envolvidos. A análise das respostas revela visões diversas, centradas no compromisso ético e político de promover mudanças sociais através dos museus. Este tópico apresenta as contribuições dos participantes e reflete sobre como os resultados consolidam a ideia de que a Sociomuseologia é uma prática ativa e transformadora.

Participantes e as suas Contribuições:

1. Ativismo Social e Direitos Humanos

Um número significativo de participantes destacou a centralidade dos direitos humanos nas suas práticas museológicas.

Franco Reinaudo, doutorando e ativista LGBT+, sublinha que os museus devem romper com as lógicas coloniais e heteronormativas que historicamente dominaram as instituições culturais. Para ele, o ativismo museológico passa pela afirmação de identidades dissidentes, utilizando o museu como uma plataforma de resistência e visibilidade para as populações LGBT+.

Vânia Brayner, investigadora e docente, argumenta que a Sociomuseologia deve, à luz do pensamento de Paulo Freire, comprometer-se com as comunidades oprimidas, colaborando na construção de conhecimento e promovendo mudanças estruturais (Brayner, 2022). A sua visão coloca os direitos humanos no centro das práticas museológicas, com ênfase nas causas dos povos indígenas e oprimidos.

Luiza Trápaga, doutoranda, reforça essa perspetiva, afirmando que a própria escolha de trabalhar com Sociomuseologia já é um ato de ativismo. Para ela, valorizar o ser humano acima dos objetos e os direitos humanos acima das estruturas de poder é uma forma clara de intervenção social.

Clóvis Brito, pós-doutor em Estudos Culturais e também em Museologia, explora a decolonialidade e a influência dos movimentos sociais na produção museológica. Ele defende uma museologia pautada na ética da "pluriversalidade", um conceito que propõe novas formas de produzir conhecimento, rompendo com paradigmas tradicionais e colonialistas (Brito, 2019, p. 147).

Maristela Simão, docente e investigadora, considera que contra todas as práticas de discriminação, racismo, xenofobia e violências correlatas vivenciadas por tantos quotidianamente, não bastam a indignação, empatia, e/ou trabalhos académicos interessados em compreender o assunto. É crucial que, na prática, profissionais e académicos, enquanto trabalhadores sociais, conscientes do seu papel político e cidadão, procurem atuar na busca da garantia de direitos universais e justiça social em todos os contextos, e a Sociomuseologia e as Museologias Sociais, segundo ela, desempenham um papel importante nesse cenário.

Sara Carolina de Freitas, doutoranda, afirma que o sujeito objetivado se torna vetor de um conjunto de problemáticas inerentes ao campo da Sociomuseologia, onde se situam conceitos estruturantes como território, poder, mapeamento, vivência, trauma, arte, estética e património.

2. Inclusão e Acessibilidade Cultural

A inclusão é um tema que surge com destaque nas respostas de vários participantes.

Desirée Nobre Salasar, doutoranda e especialista em acessibilidade, enfatiza que a Sociomuseologia deve abraçar mais profundamente a questão do anticapacitismo, garantindo que as práticas museológicas sejam acessíveis a todos, independentemente das suas capacidades físicas ou intelectuais. Ela defende que os museus precisam promover a equidade na comunicação e criar espaços inclusivos para pessoas com deficiência, pois "quando um museu, ou ambiente cultural, continua a ignorar que pessoas com deficiência (...) não percebem a importância dos recursos de acessibilidade para a inclusão destes públicos" (2024, p. 30).

Na mesma linha, Roberta Gonçalves, psicanalista e mestra em Museologia, sublinha a importância de uma comunicação equitativa nos museus. Para ela, o ativismo museológico envolve criar experiências culturais inclusivas que respeitem e representem adequadamente as pessoas com deficiência, ampliando o acesso aos museus.

Daniela Vicedomini Coelho, doutoranda e arquiteta, destaca a importância de incluir as comunidades no processo de planeamento e gestão dos museus. Ela acredita que a Sociomuseologia, como uma prática

participativa, pode contribuir significativamente para a redução das desigualdades sociais e o desenvolvimento humano, garantindo que os museus sejam espaços de inclusão e justiça social.

3. **Preservação da Memória e Identidade Cultural**

Outro grupo de participantes foca-se na importância da preservação das memórias e das identidades culturais marginalizadas.

Átila Tolentino, doutor em Sociologia com forte atuação em museus e património, defende que o processo de "memoriação" presente em experiências de museologia comunitária e sociomuseológica consiste no apoderamento da instituição museu por tais grupos como uma ferramenta de valorização das suas identidades e referências culturais, mas também como um instrumento político e estético contra as opressões e injustiças sociais por que passam as comunidades e os territórios onde esses grupos vivem. (2023).

Mabel Cavalcanti, poeta e educadora, vê a Sociomuseologia como uma prática libertária, onde as causas humanas prevalecem sobre a mera preservação de objetos. Ela defende que o museu deve resgatar e valorizar as tradições orais e culturais que frequentemente são excluídas dos museus tradicionais.

Stevan Lekitsch, jornalista e mestrando em Sociomuseologia, valoriza a recolha de depoimentos orais de comunidades periféricas, acreditando que todo espaço é passível de musealização. Para ele, preservar essas memórias locais é fundamental para o ativismo sociomuseológico, ao conectar as histórias do território com as vivências dos seus habitantes.

Tiago Gomes, doutorando e profissional de museu em Portugal, atua na preservação da resistência cultural em áreas rurais. Ele argumenta que os museus podem ser um dos últimos refúgios de resistência à normalização dos valores neoliberais, preservando as heranças culturais locais e as narrativas comunitárias.

Germán Paley, mediador cultural e museólogo social na América Latina, idealiza que os museus sejam apenas uma desculpa para formar relações com pessoas, organizações de bairro, organismos internacionais, outros museus ou centros culturais, grupos que ativam as suas causas e causam ativações. Para ele o museu é pura potência social, que se constrói em cada encontro e que, longe de ser um contêiner, a sua essência é a de catalisar o encontro humano (2024).

4. **Educação e Museologia**

Moana Soto, doutora, especialista em educação museológica e expografia, defende que a educação é uma ferramenta poderosa de ativismo. Para ela, a Sociomuseologia assume uma posição clara ao lado dos oprimidos, utilizando a educação museológica como um meio de promover a justiça social e os direitos humanos (2023).

Cristina Bruno, docente e grande de referência em Museologia, reforça as "questões centrais dos processos museológicos contemporâneos: a urgência de diversidade de olhares sobre as memórias, o comprometimento político com as ações museais em todas as suas dimensões e temáticas e a relevância de apostarmos

em transformações a partir de resistências" (2021, p. 195). A Sociomuseologia, na sua visão, exige um compromisso público com a transformação social.

5. Turismo Comunitário e Sustentabilidade

Priscilla Marques, doutoranda, explora como o turismo comunitário pode ser um agente de inclusão social. Ela analisa processos museológicos em comunidades como a Ilha de Deus e a Bomba do Hemetério, no Brasil, destacando a importância do direito à memória e ao acesso às políticas culturais.

Lisa Pigozzi, investigadora em ecomuseus na Itália e Escócia, foca-se no turismo participativo como uma forma de democratizar o património cultural em áreas rurais. Para ela, os ecomuseus promovem o desenvolvimento sustentável e garantem a conexão entre as comunidades locais e os visitantes.

Os resultados do questionário revelam uma clara perceção entre os participantes da Sociomuseologia como ativismo museológico. Este ativismo reflete-se de várias maneiras, como na defesa dos direitos humanos, na inclusão e acessibilidade, na preservação de memórias e na participação comunitária. O ativismo é visível na forma como os museus são percebidos como agentes de transformação social.

Algumas reflexões

A ideia de que os museus podem desafiar as estruturas de poder estabelecidas é um fio condutor em muitas respostas analisadas. Os depoimentos dos 21 participantes revelam que a Sociomuseologia é amplamente reconhecida como uma forma sólida de ativismo museológico. Desde a defesa dos direitos humanos até à inclusão e acessibilidade, passando pela preservação da memória e pela educação museológica, existe um compromisso partilhado com a transformação social. A Sociomuseologia não se limita a preservar o património; propõe, antes, uma prática ativa e militante, colocando as comunidades no centro das decisões museológicas e defendendo a justiça social e a inclusão.

Este estudo sublinha que a Sociomuseologia é, sem dúvida, um ativismo museológico. Utiliza o museu como uma plataforma para combater desigualdades e promover mudanças sociais, culturais e políticas, reforçando o compromisso ético dos profissionais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A neutralidade dos museus é desafiada, sendo substituída por práticas participativas que se concentram na pluralidade de vozes e na representatividade das comunidades.

Ao romper com as estruturas de poder e dar voz às identidades silenciadas, os museus tornam-se agentes de mudança. Esta escola de pensamento afirma-se como um movimento que dialoga com as teorias culturais críticas e oferece um caminho para a construção de narrativas mais justas e representativas, cujos desafios manifestam-se em metodologias participativas; diversidade de narrativas; museus como espaços de ativismo; crítica ao poder institucional; compromisso com a transformação social.

Nesse contexto, a Sociomuseologia não apenas dialoga com as teorias dos Estudos Culturais, mas aplica esses princípios ao promover a inclusão, a pluralidade de vozes e o reconhecimento de identidades múltiplas em prol da emancipação social. A Sociomuseologia representa, portanto, mais que uma postura

crítica frente às práticas tradicionais dos museus; ela é uma ação transformadora que questiona as estruturas de poder e confere centralidade às vozes silenciadas. Não se trata de ser apenas uma escola de pensamento, um manual de boas práticas ou um cartaz de mobilização: é o reflexo de uma identidade coletiva que milita pela emancipação, alinhada às demandas urgentes de uma sociedade que busca equidade, justiça, respeito e representatividade.

Referências

Baptista, M. M. (2009). Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, 451-461.

Boita, T. (2021). Territórios Plurais: Representações de Gênero e Sexualidade em Museus LGBT.

Cadernos de Sociomuseologia, 61(17), 194-202.

Boita, T., & Baptista, J. (2017). Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 33-48.

Brayner, V. (2022). O museólogo como trabalhador social na construção de futuros inéditos.

Cadernos De Sociomuseologia, 63(19), 31-37.

Britto, C.C. (2019). "Nossa maçã é que come a Eva": a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Bruno, M.C. O. (2021). Cartografia das Memórias LGBTQI+ em Acervos, Arquivos, Patrimônios, Monumentos e Museus Transgressores. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 194-202.

Chagas, M., Primo, J., Storino, C., & Assunção, P. (2018). A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos De Sociomuseologia*, 55(11).

Escobar, G. V. (2021). Por uma Museologia Lésbica Negra. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 22-36.

Freire, P. (2013). Pedagogia do Oprimido (1. ed). Paz e Terra.

Janes, R. R., & Sandell, R. (2019). Posterity has arrived: the necessary emergence of museum activism. In *Museum Activism*, pp. 1-21. Routledge.

Malchow, É. A. (2023). Sociomuseologia no Museu Histórico de Frankfurt: cinema, participação e empoderamento. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Moutinho, M. (2010). Reflexões sobre a prática museológica participativa. *Cadernos de Sociomuseologia*, 20(10), 80-90.

Paley, G. (2024). Museu maus humano: pensamentos heréticos para a reinvenção museal. In M. Kobelinski (Orgs.), *História pública, museus e comunidades: Conexões Brasil-Argentina* (pp. 61-71). CRV.

Primo, J. (2019). A Reciprocidade de Saberes na Prática Sociomuseológica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 35(12), 12-22.

Salasar, D. N. (2024). Do que falamos quando falamos em capacitismo nos Museus? *Boletim ICOM Portugal*, Série III(21).

Sandell, R. (2007). Museums, Moralities and Human Rights. Routledge.

Soto, M. C. (2023). E a palavra se fez carne": A influência de Paulo Freire nos museus e na museologia. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Tolentino, A. (2023). Museologia social e comunitária na Paraíba: memoriação, lutas e resistências. Revista Ritur.

Sociomuseology as Museological Activism: Insurgent and Transformative Voices

Ana Paula Carvalho[1]

Abstract

Cultural Studies emerged as an interdisciplinary field that aims to understand culture as a social practice interconnected with power structures and political dynamics. In this context, activism emerges as a practice of direct intervention in social structures by challenging inequalities and proposing transformations. This article explores how Sociomuseology manifests itself as a form of museological activism, promoting community inclusion and participation in museological processes aimed at social justice and empowerment. To investigate whether Sociomuseology is perceived as a form of museological activism, a questionnaire was distributed to 21 sociomuseologists, and the data was qualitatively analyzed to identify patterns of engagement and activism in the field.

Keywords

Cultural Studies; Sociomuseology; Museological Activism.

Introduction: Contexts and Perspectives

The 1960s and 1970s were marked by profound political, social, and cultural transformations that irreversibly influenced the world. During this period, movements emerged that fought for civil rights, gender equality, and racial justice, as well as against colonial wars and imperialism. These movements continue today, pushing for the restructuring of the role of cultural and academic institutions in society.

This socially effervescent scenario stimulated the development of critical academic and cultural approaches, such as Cultural Studies and New Museology, which positioned themselves in response to a growing need for analysis and intervention in power structures and hegemony. These disciplines did not merely observe or theorize; they actively sought to promote change and justice in social contexts.

Cultural Studies, which emerged in the 1960s under the leadership of Stuart Hall, established themselves as a response to the limitations of traditional social sciences, which often ignored the power dynamics underlying cultural practices. According to Hall, culture should be analyzed as a product of power relations and hegemony, serving as a space for contestation and identity construction (Baptista, 2009).

This commitment to the social and political practice of Cultural Studies is reflected in the concept of activism, which emerges as a response to structural inequalities, proposing social transformation through

1. PhD candidate in Sociomuseology at the Department of Museology at Universidade Lusófona/Portugal, with a scholarship from the UNESCO Chair "Education, Citizenship, and Cultural Diversity" and research funded by the Foundation for Science and Technology (FCT) under reference PRT/BD/155026/2023. Master's degree in Cultural Studies, Memory, and Heritage from UEG/Brazil. Bachelor's degree in Geography from UFU/Brazil. gestaocultural.ambiental@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-5386-9370

direct interventions. In this sense, cultural activism seeks not only to describe power dynamics, but also to transform them through critical and participatory practices.

When applied to the museological field, this activism gave rise to the concept of museological activism: an extension of this logic of intervention that seeks to involve museums in contemporary issues, not merely proposing the preservation of cultural heritage, but instead using their activities and structures as platforms to promote social justice.

Sociomuseology and Museological Activism

Sociomuseology distinguishes itself by its active stance toward contemporary social and political demands, proposing a reconfiguration of the role of museums as agents of social transformation. Sandell (2007, p. 3) argues that "contemporary museums should not be conceived merely as spaces for preservation and display, but as 'moral institutions' responsible for promoting significant social change." This conception reflects museological activism, which uses the museum as a platform to question social inequalities and promote cultural justice.

This approach suggests that museums should be inclusive spaces where historically silenced voices can be heard. Judite Primo (2019) affirms that Sociomuseology must be "attentive to the 'reciprocity of knowledge,' especially in contexts historically marked by exclusion and lack of representation" (p. 12). This focus on inclusion, which is central to museological activism, transforms the museum into a space of resistance against cultural, social, and political oppression.

The practice of Sociomuseology as activism finds support in Geanine Escobar (2021), who reinforces the idea that museological activism is a "continuous process of transformation, where museological practices must align with the struggle for recognition and visibility of historically excluded populations" (p. 25). This implies that the museum is not only a space for preserving the past, but also a place of contestation where new narratives and identities can be constructed and legitimized. By promoting critical museology, Sociomuseology directly engages with social and political issues, providing a space where communities can articulate their demands and narratives, challenging traditional and hegemonic representations.

Paulo Freire (2013) emphasizes that "learning is a constructed process, not from A to B, nor from A over B, but from A with B, mediated by the world" (p. 92). Applying this idea to its methodology, Sociomuseology promotes a liberating education and an activist stance committed to social and cultural transformation, where the museum works not for the community, not about the community, but with the community. In other words, Sociomuseology advocates for participatory methodologies, which stand out as central issues for its practice.

Mário Moutinho (2010) observes that "the process of building a socially engaged museology requires methodologies that break away from centralized management and promote continuous, horizontal dialogue with communities" (p. 87). This includes practices such as collaborative curation, where communities are

not merely consulted, but rather become co-producers of exhibitions and narratives. These methodologies not only democratize the museological process but also challenge exclusionary museological traditions.

According to Tony Boita (2021), these participatory methodologies have been especially important in including LGBTQIA+ narratives. He emphasizes that museums should act as spaces that promote the visibility of gender and sexuality, using the museological space to challenge cultural norms and promote inclusion. Boita and Baptista (2017) argue that the role of museums in the struggle for these rights, and how museological initiatives, especially those that follow the precepts of Sociomuseology, have helped promote inclusion and visibility for these communities.

It is essential to highlight the ethical implications of museological activism, as it carries profound consequences. Museums, by engaging in activism, cannot ignore the power dynamics that permeate their practices and narratives. Therefore, an intersectional approach is essential to ensure that museological practices do not perpetuate the inequalities they aim to combat.

Dialogue with Museological Activists

The relationship between Sociomuseology and museological activism has become increasingly evident and relevant in the context of contemporary museological practices. To better understand this relationship, a questionnaire was distributed to 21 professionals, researchers, teachers, and students at Lusófona University connected to the field of Museology. The goal was to explore whether they perceive Sociomuseology as a form of activism, in addition to identifying the areas and causes they are involved in. The analysis of the responses reveals diverse perspectives, centered on the ethical and political commitment to promoting social change through museums. This section presents the contributions of the participants and reflects on how the results consolidate the idea that Sociomuseology is an active and transformative practice.

Participants and Their Contributions

1. Social Activism and Human Rights

A significant number of participants highlighted the centrality of human rights in their museological practices. Franco Reinaudo, PhD student and LGBT+ activist, emphasizes that museums must break with the colonial and heteronormative logics that have historically dominated cultural institutions. For him, museological activism involves affirming dissident identities, using the museum as a platform of resistance and visibility for LGBT+ populations.

Vânia Brayner, researcher and teacher, argues that Sociomuseology, in light of Paulo Freire's thought, must commit itself to oppressed communities, collaborating in the construction of knowledge and promoting structural changes (Brayner, 2022). Her vision places human rights at the center of museological practices, with an emphasis on the causes of indigenous and oppressed peoples.

Luiza Trápaga, PhD student, reinforces this perspective, stating that the mere choice to work with Sociomuseology is already an act of activism. For her, valuing human beings above objects and human rights above power structures is a clear form of social intervention.

Clóvis Brito, post-doctorate researcher in Cultural Studies and Museology, explores decoloniality and the influence of social movements on museological production. He advocates for a museology based on the ethics of "pluriversality," a concept that proposes new ways of producing knowledge, by breaking away from traditional and colonial paradigms (Brito, 2019, p. 147).

Maristela Simão, teacher and researcher, believes that against all practices of discrimination, racism, xenophobia, and related violence experienced by many daily, mere indignation, empathy, or academic work interested in understanding the subject are not enough.

In practice, it is crucial that professionals and academics, as socially conscious workers, aware of their political and civic roles, seek to act in the pursuit of universal rights and social justice in all contexts. According to her, Sociomuseology and Social Museologies play an important role in this scenario.

Carolina de Freitas, PhD student, argues that the objectified subject becomes a vehicle for a range of issues inherent to the field of Sociomuseology, where structuring concepts such as territory, power, mapping, lived experience, trauma, art, aesthetics, and heritage are situated.

2. Inclusion and Cultural Accessibility

Inclusion is a prominent theme in the responses of several participants. Desirée Nobre Salasar, PhD student and specialist in accessibility, emphasizes that Sociomuseology must more deeply embrace the issue of anti-ableism, ensuring that museological practices are accessible to all, regardless of physical or intellectual abilities. She advocates that museums need to promote equity in communication and create inclusive spaces for people with disabilities because "when a museum, or cultural environment, continues to ignore that people with disabilities (...) do not realize the importance of accessibility resources for the inclusion of these audiences" (2024, p. 30).

Similarly, Roberta Gonçalves, psychoanalyst and Master in Museology, emphasizes the importance of equitable communication in museums. For her, museological activism involves creating inclusive cultural experiences that respect and appropriately represent people with disabilities, expanding access to museums.

Daniela Vicedomini Coelho, PhD student and architect, emphasizes the importance of involving communities in the museum planning and management process. She believes that Sociomuseology, as a participatory practice, can significantly contribute to reducing social inequalities and fostering human development, ensuring that museums are spaces of inclusion and social justice.

3. **Preservation of Memory and Cultural Identity**

Another group of participants emphasizes the importance of preserving marginalized memories and cultural identities. Átila Tolentino, PhD in Sociology, actively involved in museums and heritage, argues that

the process of "memorialization" present in experiences of community and sociomuseological museology consists of the empowerment of the museum institution by such groups as a tool for valuing their identities and cultural references, but also as a political and aesthetic instrument against the social oppressions and injustices that these groups face where they live (2023).

Mabel Cavalcanti, poet and educator, sees Sociomuseology as a liberating practice, in which human causes prevail over the mere preservation of objects. She argues that the museum should rescue and value oral and cultural traditions that are often excluded from traditional museums.

Stevan Lekitsch, journalist and Master's student in Sociomuseology, highlights the importance of collecting oral testimonies from peripheral communities, believing that every space holds the potential for musealization. For him, preserving these local memories is fundamental to sociomuseological activism, as it connects the histories of the territory with the experiences of its inhabitants.

Tiago Gomes, PhD student and museum professional in Portugal, is involved in preserving cultural resistance in rural areas. He argues that museums can be one of the last refuges of resistance against the normalization of neoliberal values, preserving local cultural heritage and community narratives.

Germán Paley, cultural mediator and social museologist in Latin America, envisions museums as merely a pretext for forming relationships with people, neighborhood organizations, international bodies, other museums, or cultural centers—groups that champion their causes and catalyze actions. For him, the museum is pure social potential, constructed in each encounter and far from being a container; its essence is to catalyze human interaction (2024).

4. **Education and Museology**

Moana Soto, PhD, specialist in museological education and exhibition design, argues that education is a powerful tool for activism. For her, Sociomuseology takes a clear stance in support of the oppressed, using museological education as a means to promote social justice and human rights (2023).

Cristina Bruno, teacher and a prominent figure in Museology, reinforces the "central issues of contemporary museological processes: the urgency of diverse perspectives o memories, the political commitment to museological actions in all their dimensions and themes, and the importance of investing in transformations through resistance" (2021, p. 195).

5. **Community Tourism and Sustainability**

Priscilla Marques, PhD student, explores how community tourism can serve as an agent of inclusion. She analyzes museological processes in communities such as Ilha de Deus and Bomba do Hemetério in Brazil, highlighting the importance of the right to memory and access to cultural policy.

Lisa Pigozzi, researcher specializing in ecomuseums in Italy and Scotland, focuses on participatory tourism as a way to democratize cultural heritage in rural areas. For her, ecomuseums promote sustainable development and foster connections between local communities and visitors.

The idea that museums can challenge established power structures is a common thread in many of the responses analyzed. The testimonies of the 21 participants reveal that Sociomuseology is broadly recognized as a powerful form of museological activism. From the defense of human rights to inclusion and accessibility, through the preservation of memory and museological education, there is a shared commitment to social transformation. Sociomuseology does not limit itself to preserving heritage; instead, it proposes an active and militant practice, placing communities at the center of museological decisions and advocating for social justice and inclusion.

Concluding Thoughts

This study highlights that Sociomuseology undoubtedly represents a form of museological activism. It uses the museum as a platform to combat inequalities and to promote social, cultural, and political change, reinforcing the ethical commitment of professionals to building a more just and inclusive society. The neutrality of museums is challenged, replaced by participatory practices that focus on the plurality of voices and the representativeness of communities.

By breaking away from power structures and amplifying the voices of silenced identities, museums become agents of change. This school of thought establishes itself as a movement that engages with critical cultural theories and offers a path toward building more just and representative narratives, with challenges that manifest in participatory methodologies, diversity of narratives, museums as spaces of activism, criticism of institutional power, and a commitment to social transformation.

In this context, Sociomuseology not only engages with the theories of Cultural Studies, but also applies these principles by promoting inclusion, a plurality of voices, and the recognition of multiple identities in favor of social emancipation. Sociomuseology, therefore, represents more than a mere critical stance toward traditional museum practices; it embodies a transformative action that questions power structures and gives centrality to silenced voices. It is not simply a school of thought, a manual of best practices, or a call to action: it reflects a collective identity that advocates for emancipation, aligned with the urgent demands of a society seeking equity, justice, respect, and representation.

Through this study, it is evident that Sociomuseology has established itself as a form of museological activism that not only challenges established power structures, but also actively seeks to transform them. By engaging with critical cultural theories and prioritizing the voices of marginalized communities, Sociomuseology has emerged as a powerful tool in the pursuit of social justice and inclusivity within the museological field.

References

Baptista, M. M. (2009). Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, 451-461.

Boita, T. (2021). Territórios Plurais: Representações de Gênero e Sexualidade em Museus LGBT. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 194-202.

Boita, T., & Baptista, J. (2017). Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 33-48.

Brayner, V. (2022). O museólogo como trabalhador social na construção de futuros inéditos. *Cadernos De Sociomuseologia*, 63(19), 31-37.

Britto, C.C. (2019). "Nossa maçã é que come a Eva": a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Bruno, M.C. O. (2021). Cartografia das Memórias LGBTQI+ em Acervos, Arquivos, Patrimônios, Monumentos e Museus Transgressores. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 194-202.

Chagas, M., Primo, J., Storino, C., & Assunção, P. (2018). A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos De Sociomuseologia*, 55(11).

Escobar, G. V. (2021). Por uma Museologia Lésbica Negra. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17), 22-36.

Freire, P. (2013). Pedagogia do Oprimido (1. ed). Paz e Terra.

Janes, R. R., & Sandell, R. (2019). Posterity has arrived: the necessary emergence of museum activism. In *Museum Activism*, pp. 1-21. Routledge.

Malchow, É. A. (2023). Sociomuseologia no Museu Histórico de Frankfurt: cinema, participação e empoderamento. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Moutinho, M. (2010). Reflexões sobre a prática museológica participativa. *Cadernos de Sociomuseologia*, 20(10), 80-90.

Paley, G. (2024). Museu maus humano: pensamentos heréticos para a reinvenção museal. In M. Kobelinski (Orgs.), *História pública, museus e comunidades: Conexões Brasil-Argentina* (pp. 61-71). CRV.

Primo, J. (2019). A Reciprocidade de Saberes na Prática Sociomuseológica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 35(12), 12-22.

Salasar, D. N. (2024). Do que falamos quando falamos em capacitismo nos Museus?

Boletim ICOM Portugal, Série III(21).

Sandell, R. (2007). Museums, Moralities and Human Rights. Routledge.

Soto, M. C. (2023). E a palavra se fez carne": A influência de Paulo Freire nos museus e na museologia. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona].

Tolentino, A. (2023). Museologia social e comunitária na Paraíba: memoriação, lutas e resistências. Revista Ritur.

Perfomances Culturais em Foco: Um Olhar Sobre a Mostra no Museu de Arte do Rio

Sthéfanny Melyssa Dourado Silva[1]

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica acerca das mostrar "Funk: um grito de ousadia" e "*Nhe'ẽ Porã:* memória e transformação*",* que ocorreram simultâneamente no Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2024. Celebrar a mostra em uma perspectiva crítica analítica a coloca em um estado de reexposição intelectual permanente, possibilitando sua semeadura enquanto inspiração para reprodução do ativismo cultural para a democratização social e de acesso à arte. Remetendo à estética, são analisados os objetos da amostra, girando entre a arte visual, a música, a espacialidade, dentre outros itens artísticos ali presentes, que decoram e compõem o espaço, a ver; e o tempo, a ouvir.

As mostras Funk: um grito de ousadia e *Nhe'ẽ Porã*: memória e transformação – em guarani, "palavra boa" –, realizadas no Museu de Arte do Rio entre 2023 e 2024, abordam criticamente a resistência e a valorização de culturas marginalizadas. A primeira desproblematiza o funk, apresentando-o como uma expressão de identidade periférica e empoderamento, enquanto a segunda, com curadoria de Clarissa Diniz, Keyna Eleison e Sandra Benites, resgata memórias indígenas e afrodescendentes, revelando a potência dessas ancestralidades na luta contra a colonialidade[2]. Ambas as exposições desafiam estereótipos, reafirmam identidades e reivindicam espaço para vozes silenciadas, destacando a diversidade linguística e cultural como formas de resistência. Assim, se mostram enquanto práticas de ativismo cultural que iluminam a transformação da arte e da sociedade contemporânea.

Guillermo Gómez-Peña (2005), em *Ethno-Techno*, aborda o ativismo cultural como uma ferramenta de transformação social, levando à reflexão de como performances culturais questionam normas colonialistas e ressignificam identidades de comunidades marginalizadas. Autores como Stuart Hall (1990) e bell hooks (1990) também reforçam o papel da cultura enquanto crucial para a afirmação de identidades e promoção de mudanças sociais. A interculturalidade crítica, por sua vez, conforme Walsh (2009) e CRIC (2004), propõe um engajamento ativo com culturas historicamente oprimidas, desafiando hierarquias de poder e promovendo a valorização de diferentes epistemologias. Ela busca a horizontalização social, onde diversas cosmovisões se enriquecem mutuamente, fortalecendo as identidades culturais. Performance, ativismo cultural e arte se alinham à interculturalidade crítica ao desafiar estruturas coloniais e promover respeito, pluralidade e justiça social.

O Museu de Arte do Rio (MAR) exemplifica essa abordagem, sendo um espaço de democratização e valorização da cultura, oferecendo entrada gratuita para públicos assistidos e entradas acessíveis em demais ocasiões. A subversão de narrativas em um espaço como o museu é relevante para os estudos culturais, especialmente ao abordar como narrativas burguesas invisibilizam comunidades tradicionais. Exposições como Funk e *Nhe'ẽ Porã* revelam negociações sociais entre passado e futuro, desafiando estigmas. O funk carioca,

1. Universidade Federal de Goiás

2. Deve-se diferenciar colonialismo de colonialidade, sendo o primeiro um processo de imposição de poder de maneira administrativa, e o segundo um rastro estrutural e institucional do primeiro.

muitas vezes associado a violência, é ressignificado nessas exposições, mostrando sua complexidade como espaço de resistência e construção identitária.

As exposições itinerantes promovem o diálogo entre diferentes expressões artísticas e histórias culturais, transformando o museu em um espaço de democratização sociocultural em uma metrópole marcada por desafios de justiça social. O Rio de Janeiro, com sua população multicultural, reflete o contexto pós-colonial da América Latina. Segundo Aníbal Quijano (2005), a marginalização de povos tradicionais e subculturais latinos está enraizada na hierarquia racial e epistêmica imposta pela colonialidade, onde uma cultura eurocêntrica definiu os saberes e modos de vida não-brancos como inferiores. Isso perpetua estigmas e exclusões até hoje, desumanizando os que não se encaixam no padrão dominante (Maldonado-Torres, 2008). A resistência cultural, no entanto, persiste através de expressões artísticas que preservam a memória e identidade social, subvertendo a herança simbólica nesse espaço (Vale et al., 2021).

O MAR está localizado à beira do oceano Atlântico, onde desembarcaram ancestrais traficados e onde viviam nativos que não estão mais presentes na região, e que agora são protagonistas da mostra artística. O prédio contemporâneo contrasta com uma construção colonial, reunindo em uma única imagem a dualidade de um espaço que carrega histórias desde o período das invasões até os dias atuais. Esse contraste entre o antigo e o moderno levanta questões sobre a possibilidade de revolucionar a memória, permitindo a construção de um novo futuro ao resgatar símbolos do passado que são ressignificados para contar outra parte da história. Como reflete Charles Baudelaire (1863, p. 860), "a estética é uma representação da moral de uma época", e essa mescla é um signo poderoso para o ativismo cultural como agente de transformação social. Portanto, Funk: um grito de ousadia e liberdade e *Nhe'ẽ Porã*: memória e transformação se destacam por suas temáticas decoloniais e estéticas que desafiam a cultura dominante, resgatando tradições afro-indígenas brasileiras.

Figura 1: área externa do Museu de Arte do Rio.

A exposição começa no terceiro andar do prédio, em Funk, e se desce os andares para acompanhar as demais mostras até retornar a porta de entrada. Logo na chegada, é necessário passar por um corredor escuro, como uma entrada de uma boate, em que músicas populares do funk carioca tocam. Nas paredes, em tinta neon, se leem frases que são típicas da cultura de favela e do funk, exaltando o lugar de vivência dos sujeitos.

Figura 2: corredor de entrada da exposição Funk.

A mostra, composta por vídeos, fotografias, músicas e instalações, abordou temas como a criminalização cultural, o racismo, a luta de classes e, sobretudo, o protagonismo das mulheres dentro desse movimento. A exposição explora questões como a estetização do corpo, a ostentação e o empoderamento na cultura do funk carioca, mostrando como esse gênero musical serve como uma plataforma para discutir desigualdade social, preconceito e resistência cultural.

Ao percorrer a mostra, o visitante observa representações dos corpos do funk, suas danças, modas e tradições, em um resgate subversivo da memória negra que vai além da escravidão. A exposição critica a tendência de reduzir a diáspora africana ao trabalho forçado, oferecendo uma visão digna e completa da existência. A herança ancestral, simbolizada pela riqueza cultural egípcia, se conecta com as utopias de ostentação do funk, ressignificando o imaginário da periferia e ampliando a luta contra a colonialidade que desumaniza os corpos afrodiaspóricos.

Figura 3: pintura exposta na exposição.

Figura 4: pintura exposta na exposição.

Nas imagens acima, por exemplo, se mescla o tradicional, o moderno e o futurista, representando a atualizade dos corpos da estética do funk, ao fundo a favela e a herança rica, representada aqui por objetos tradicionais da história egípcia. Outro aspecto de representação ancestral que une tradição e inovação é a substituição dos símbolos da escrita egípcia por novos elementos que carregam significados relevantes para a cultura da favela. Esse processo reflete uma reescrita da história, agora construída sob a perspectiva dos próprios marginalizados, rompendo com a narrativa imposta pelo colonizador.

Figura 5: desenho exposto na exposição.

Entre os novos símbolos, destacam-se os corpos em movimento e os itens de ostentação, comuns na estética do funk, que são ligados à riqueza simbólica da realeza egípcia. Também são incluídos objetos do cotidiano, como a cadeira de plástico e o guarda-sol, típicos da periferia.

Um dos quadros mais marcantes da exposição é a representação de MC Carol, ícone do funk, em uma pintura que remete ao estilo clássico e monárquico. Ao associar uma mulher "preta, funkeira, da favela" à iconografia da realeza, a obra questiona as hierarquias de poder e a colonialidade do ser, como discutido por Nelson Maldonado-Torres (2008). O uso de uma estética tradicionalmente ligada às elites brancas e europeias, junto a uma figura forte de uma subcultura marginalizada, cria uma ruptura crítica com o imaginário eurocêntrico de beleza e poder, reforçando a resistência cultural.

Figura 6: pintura exposta na exposição.

Além disso, essa apropriação da estética real, que tradicionalmente valoriza elementos como a ostentação e o empoderamento periférico, desafia as narrativas coloniais que associam a alta cultura a valores europeus. Nesse contexto, as obras não apenas subvertem as expectativas visuais, mas também ressignificam o espaço social da periferia enquanto narradora de sua própria história e valorosa contribuinte com a cultura brasileira. Em reflexão, funk aqui tem papel como um campo de resistência cultural e instrumento de ativismo cultural, ao destacar como as populações periféricas constroem e reconstroem suas identidades em espaços de opressão, desafiando as estruturas de poder impostas pela colonialidade.

Ao concluir a visita à exposição, o visitante é direcionado ao segundo andar do museu, onde se encontra *Nhe'ẽ Porã*, que dialoga sinergicamente com a mostra anterior. Assim como a exposição de funk ressignifica signos frequentemente associados à marginalização, promovendo reflexões críticas sobre identidade e poder, Nhe'ẽ Porã também desafia estereótipos, com ênfase na valorização das culturas indígenas e afrodescendentes. Ambas as exposições compartilham o compromisso de construir narrativas que destacam a ancestralidade e a luta contínua por dignidade e representatividade, evidenciando a interconexão das experiências culturais no Brasil. Essa conexão não apenas revela a riqueza dessas manifestações, mas também ressalta a necessidade de uma reflexão crítica sobre as violências históricas enfrentadas por ambas as culturas, reafirmando a arte como um veículo poderoso de transformação social.

Figura 7: área da mostra *Nhe'ẽ Porã*.

A exposição *Nhe'ẽ Porã*: memória e transformação proporcionava uma experiência sensorial única, com espaços dedicados à audição de diversas línguas nativas indígenas, destacando uma diversidade linguística que, embora parte intrínseca do Brasil, frequentemente permanece invisível. Muitas dessas línguas foram perdidas durante a colonização, enquanto outras resistem no mundo contemporâneo, desafiando as narrativas monolíticas da identidade nacional. No chão da exposição, imagens fluíam como rios, carregando palavras em várias línguas, simbolizando a riqueza e a fluidez das culturas indígenas que ainda existem e se reinventam.

Essa celebração da diversidade linguística reafirma a singularidade de cada povo e enfatiza a importância de preservar e valorizar essas vozes, que transportam saberes ancestrais e visões de mundo que enriquecem o patrimônio cultural brasileiro. Ao ouvir essas línguas, o visitante é convidado a refletir sobre a riqueza das identidades indígenas e a urgência de respeitar e proteger esse legado cultural. A disposição poética das palavras no espaço estimula a interação dos visitantes e simboliza a fluidez da memória e da cultura, reforçando que resistência e identidade estão em constante reimaginação. Assim, esses versos no chão tornam-se um convite à contemplação e à valorização linguística brasileira, que carregam saberes históricos e culturais de grande estimo.

Na mostra, também são dispostos elementos e trechos históricos do truculento processo de colonização que dizimou a maior parte da população indígena do país. Para além da tomada de território, a colonização cultural é uma maneira de cometer epistemicídeo e desaparecer com saberes e diversidades. Por exemplo, a presença de uma bíblia, livro sagrado da religião tradicional dos colonizadores, escrito em língua indígena na exposição pode ser vista como um símbolo da utilização da linguagem como instrumento de poder colonial. Enquanto a exposição celebra a diversidade linguística e cultural das comunidades indígenas como formas de resistência e afirmação identitária, o uso de tal texto reflete a imposição histórica de narrativas dominantes sobre as línguas e culturas locais.

Figura 8: materiais expostos na mostra.

Esse contraste destaca como a linguagem tem sido historicamente manipulada para subjugar e assimilação forçada, em oposição ao atual esforço de valorização e preservação das línguas nativas. A exposição provoca a reflexão acerca das estruturas de poder estabelecidas, promovendo uma reflexão crítica sobre como a linguagem pode ser um meio de reivindicação e transformação cultural, como a exposição Funk: Um Grito de Ousadia utiliza a estética do funk carioca para desafiar a marginalização e reafirmar identidades periféricas, mostrando que a linguagem e a expressão cultural são ferramentas poderosas tanto para a opressão quanto para a resistência. Assim, na exposição anterior, vemos o futuro sendo escrito em novos símbolos por um povo que pode até ser declarado derrotado aos olhos dos colonos, mas que nunca morreu; enquanto nesta, vemos o passado recontado por línguas nativas, ressignificando a herança do país para que um novo futuro possa ser visualizado.

Essas exposições não apenas celebram as culturas marginalizadas, mas também evidenciam as violências históricas que permeiam suas trajetórias, como a escravidão e a colonialidade, que têm desumanizado e silenciado suas vozes ao longo do tempo. Ao trazer à tona essas narrativas, tanto Funk: um grito de ousadia quanto *Nhe'ẽ Porã* ressaltam a urgência de reconhecer e confrontar essas heranças opressivas, transformando a arte em um espaço de resistência e de afirmação identitária. Assim como a diversidade linguística indígena, que resiste e se reinventa apesar das violências históricas, a cultura funk também emerge como uma forma de expressão poderosa que desafia estereótipos, reafirma identidades e reivindica espaço para vozes frequentemente silenciadas nas narrativas hegemônicas.

Figura 9: pintura exposta na mostra.

As exposições *Nhe'ẽ Porã* e Funk vão além de simples exibições culturais; tornam-se palcos de resistência ativa. Nessas mostras, a arte deixa de ser apenas uma representação e se transforma em um ato revolucionário. O funk e as expressões indígenas não são apenas símbolos, mas realidades que enfrentam e subvertem a colonialidade, exigindo seu pleno reconhecimento. Essa revolução é concreta e visceral, transformando narrativas e corpos que se recusam a permanecer à margem.

Em suma, as exposições exemplificam como a arte pode ser um canal poderoso para subverter narrativas coloniais e opressivas. Ao abordar culturas marginalizadas, celebram suas manifestações e as ressignificam no contexto atual. Colocando funk e expressões indígenas em diálogo, promovem uma reflexão crítica sobre poder e resistência, transformando o museu em um espaço de ativismo cultural, onde identidades são reafirmadas e silenciamentos rompidos. Assim, o ativismo cultural, conforme descrito por Guillermo Gómez-Peña, se concretiza nessas exposições, onde a arte se torna uma ferramenta de resistência e transformação. A revolução cultural proposta não é uma metáfora, mas uma ação necessária que abre caminhos para a afirmação identitária e a construção de futuros mais justos. Ao descolonizar o espaço do museu e reimaginar

as possibilidades da arte, "Funk: um grito de ousadia" e "Nhe'ẽ Porã" inspiram a continuidade do ativismo cultural, revelando o potencial transformador da arte na sociedade contemporânea.

Referências

Baudelaire, C. (1863). Le peintre de la vie moderne. In L'art romantique.

Gómez-Peña, G. (2005). Ethno-techno: Writings on performance, activism, and pedagogy. Routledge.

hooks, b. (1990). Yearning: Race, gender, and cultural politics. Routledge.

Hall, S. (1990). Cultural identity and diaspora. In J. Rutherford (Ed.), Identity: Community, culture, difference (pp. 222-237). Lawrence & Wishart.

Maldonado-Torres, N. (2008). Against war: Views from the underside of modernity. Duke University Press.

Quijano, A. (2000). Colonialidade do poder, eurocentrismo e a necessidade de um novo mapa da cultura. In Cultura e colonialidade (pp. 45-70).

Cultural Performances in Focus: A Look at the Exhibition at the Museum of Art in Rio

Sthéfanny Melyssa Dourado Silva[1]

This article aims to propose a critical reflection on the exhibition "Funk: um grito de ousadia" and "Nhe'ẽ Porã: memória e transformação", which took place simultaneously at the Museum of Art of Rio (MAR) in Rio de Janeiro during the first semester of 2024. Celebrating the exhibitions from a critical analytical perspective places them in a state of permanent intellectual re-exposure, allowing for their dissemination as inspiration for the reproduction of cultural activism aimed at social democratization and access to art. Referring to aesthetics, the objects on display are analyzed, spanning visual art, music, spatiality, and other artistic items present, which adorn and compose the space, inviting both sight and sound.

The exhibitions "Funk: um grito de ousadia" and "Nhe'ẽ Porã: memória e transformação" — the latter meaning "good word" in Guarani — critically address the resistance and valorization of marginalized cultures. The former deproblematises funk, presenting it as an expression of peripheral identity and empowerment. At the same time, the latter, curated by Clarissa Diniz, Keyna Eleison, and Sandra Benites, recovers indigenous and Afro-descendant memories, revealing the strength of these ancestries in the struggle against coloniality. Both exhibitions challenge stereotypes, reaffirm identities, and claim space for silenced voices, highlighting linguistic and cultural diversity as forms of resistance. Thus, they manifest as practices of cultural activism that illuminate the transformation of contemporary art and society.

Guillermo Gómez-Peña (2005), in Ethno-Techno, discusses cultural activism as a tool for social transformation, prompting reflection on how cultural performances question colonialist norms and re-signify the identities of marginalized communities. Authors such as Stuart Hall (1990) and bell hooks (1990) also emphasize the role of culture as crucial for affirming identities and promoting social change. Critical interculturality, according to Walsh (2009) and CRIC (2004), proposes active engagement with historically oppressed cultures, challenging power hierarchies and promoting the valorization of different epistemologies. It seeks social horizontalization, where various worldviews enrich one another, strengthening cultural identities. Performance, cultural activism, and art align with critical interculturality by challenging colonial structures and promoting respect, plurality, and social justice.

The Museum of Art of Rio (MAR) exemplifies this approach, serving as a space for democratization and valorization of culture, offering free admission to assisted audiences and affordable entry on other occasions. The subversion of narratives in a space like the museum is relevant to cultural studies, especially in addressing how bourgeois narratives invisibilize traditional communities. Exhibitions like "Funk" and "Nhe'ẽ Porã" reveal social negotiations between past and future, challenging stigmas. Carioca funk, often associated with violence, is re-signified in these exhibitions, showcasing its complexity as a space of resistance and identity construction.

1. Universidade Federal de Goiás

The traveling exhibitions promote dialogue between different artistic expressions and cultural histories, transforming the museum into a space for sociocultural democratization in a metropolis marked by social justice challenges. Rio de Janeiro, with its multicultural population, reflects the post-colonial context of Latin America. According to Aníbal Quijano (2005), the marginalization of traditional and subcultural Latino peoples is rooted in the racial and epistemic hierarchy imposed by coloniality, where a Eurocentric culture defined non-white knowledge and ways of life as inferior. This perpetuates stigmas and exclusions to this day, dehumanizing those who do not fit the dominant standard (Maldonado-Torres, 2008). Cultural resistance, however, persists through artistic expressions that preserve memory and social identity, subverting symbolic heritage in this space (Vale et al., 2021).

The MAR is located on the shores of the Atlantic Ocean, where trafficked ancestors disembarked and where natives who are no longer present in the region once lived, now becoming the protagonists of the artistic exhibition. The contemporary building contrasts with a colonial structure, uniting in a single image the duality of a space that carries stories from the period of invasions to the present day. This contrast between the old and the modern raises questions about the possibility of revolutionizing memory, and constructing a new future by reclaiming symbols from the past that are re-signified to tell another part of the story. As Charles Baudelaire (1863, p. 860) reflects, "aesthetics is a representation of the morals of an era," and this blend is a powerful sign of cultural activism as an agent of social transformation. Therefore, Funk and Nhe'ẽ Porã stand out for their decolonial themes and aesthetics that challenge dominant culture, reclaiming Afro-Indigenous Brazilian traditions.

Figure 1: External area of the Museum of Art of Rio.

The exhibition begins on the third floor of the building, in Funk, and moves down the floors to follow the other shows until returning to the entrance. Upon arrival, visitors must pass through a dark corridor, reminiscent of a nightclub entrance, where popular songs from carioca funk play. On the walls, in neon paint, phrases typical of favela culture and funk can be seen, celebrating the lived experiences of the individuals.

Figure 2: entrance hallway of the Funk exhibition.

The exhibition, composed of videos, photographs, music, and installations, addresses themes such as cultural criminalization, racism, class struggle, and, notably, the role of women within this movement. It explores issues like the aestheticization of the body, ostentation, and empowerment in carioca funk culture, demonstrating how this musical genre serves as a platform to discuss social inequality, prejudice, and cultural resistance.

As visitors navigate through the exhibition, they encounter representations of funk bodies, their dances, fashions, and traditions, engaging in a subversive recovery of Black memory that extends beyond slavery. The exhibition critiques the tendency to reduce the African diaspora to forced labor, offering a dignified and comprehensive view of existence. Ancestral heritage, symbolized by the richness of Egyptian culture, connects with the utopias of ostentation found in funk, reimagining the narrative of the periphery and enhancing the struggle against coloniality that dehumanizes Afro-diasporic bodies.

Figure 3: painting displayed in the exhibition.

Figure 4: painting displayed in the exhibition.

In the images above, for example, traditional, modern, and futuristic elements blend together, representing the current state of bodies within the aesthetic of funk, with the favela and rich heritage illustrated by traditional objects from Egyptian history in the background. Another aspect of ancestral representation that connects tradition and innovation is the substitution of Egyptian writing symbols with new elements that carry significant meanings for favela culture. This process reflects a rewriting of history, now constructed from the perspective of the marginalized themselves, breaking away from the narrative imposed by the colonizer.

Figure 5: drawing displayed in the exhibition.

Among the new symbols, movement-filled bodies and items of ostentation, common in funk aesthetics, stand out, linking them to the symbolic wealth of Egyptian royalty. Everyday objects, such as plastic chairs and umbrellas typical of the periphery, are also included.

One of the most striking paintings in the exhibition is the representation of MC Carol, an icon of funk, in a piece that alludes to classic, monarchical style. By associating a "black, funk artist from the favela" with royal iconography, the artwork questions power hierarchies and the coloniality of being, as discussed by Nelson Maldonado-Torres (2008). The use of an aesthetic traditionally associated with white European elites, alongside a strong figure from a marginalized subculture, creates a critical rupture with the Eurocentric imagery of beauty and power, reinforcing cultural resistance.

Figure 6: painting displayed in the exhibition.

In addition, this appropriation of royal aesthetics, which traditionally values elements such as ostentation and peripheral empowerment, challenges colonial narratives that associate high culture with European values. In this context, the artworks not only subvert visual expectations but also re-signify the social space of the periphery as a narrator of its own history and a valuable contributor to Brazilian culture. Thus, funk plays a role as a field of cultural resistance and a tool for cultural activism, highlighting how peripheral populations construct and reconstruct their identities in spaces of oppression, challenging the power structures imposed by coloniality.

Upon concluding the visit to the exhibition, visitors are directed to the second floor of the museum, where Nhe'ẽ Porã is located, engaging synergistically with the previous show. Just as the funk exhibition re-signifies signs often associated with marginalization, promoting critical reflections on identity and power, Nhe'ẽ Porã also challenges stereotypes, emphasizing the valorization of indigenous and Afro-descendant cultures. Both exhibitions share a commitment to constructing narratives that highlight ancestry and the ongoing struggle for dignity and representation, underscoring the interconnectedness of cultural experiences in Brazil. This connection not only reveals the richness of these manifestations but also emphasizes the need for critical reflection on the historical violence faced by both cultures, reaffirming art as a powerful vehicle for social transformation.

Figure 7: area of the Nhe'ẽ Porã exhibition.

The Nhe'ẽ Porã exhibition offered a unique sensory experience, featuring spaces dedicated to listening to various indigenous native languages, highlighting a linguistic diversity that, while an intrinsic part of Brazil, often remains invisible. Many of these languages were lost during colonization, while others persist in the contemporary world, challenging the monolithic narratives of national identity. Images flowed like rivers on the exhibition floor, carrying words in multiple languages, symbolizing the richness and fluidity of indigenous cultures that still exist and reinvent themselves.

This celebration of linguistic diversity reaffirms the uniqueness of each people and emphasizes the importance of preserving and valuing these voices, which carry ancestral knowledge and worldviews that enrich Brazil's cultural heritage. By listening to these languages, visitors are invited to reflect on the richness of Indigenous identities and the urgent need to respect and protect this cultural legacy. The poetic arrangement of words in the space encourages visitor interaction and symbolizes the fluidity of memory and culture, reinforcing that resistance and identity are constantly reimagined. Thus, these verses on the floor become an invitation for contemplation and the appreciation of Brazilian linguistic diversity, which carries historical and cultural knowledge of great value.

The exhibition also includes elements and historical excerpts from the brutal process of colonization that decimated the majority of the indigenous population in the country. Beyond territorial conquest, cultu-

ral colonization is a means of committing epistemicide and erasing knowledge and diversity. For example, the presence of a Bible, a sacred text of the colonizers' traditional religion, written in an indigenous language, can be seen as a symbol of the use of language as a tool of colonial power. While the exhibition celebrates the linguistic and cultural diversity of Indigenous communities as forms of resistance and identity affirmation, the use of such a text reflects the historical imposition of dominant narratives over local languages and cultures.

Figure 8: materials displayed in the exhibition.

This contrast highlights how language has been historically manipulated for subjugation and forced assimilation, in opposition to the current efforts to value and preserve native languages. The exhibition prompts reflection on established power structures, promoting critical contemplation of how language can serve as a means of reclamation and cultural transformation. For instance, the exhibition Funk uses the aesthetics of carioca funk to challenge marginalization and reaffirm peripheral identities, demonstrating that language and cultural expression are powerful tools for both oppression and resistance. In the previous exhibition, we see the future being written in new symbols by a people who may be deemed defeated in the eyes of the colonizers but who have never died; while in this exhibition, we witness the past being retold through native languages, reinterpreting the country's heritage so that a new future can be envisioned.

These exhibitions not only celebrate marginalized cultures but also highlight the historical violence that permeates their trajectories, such as slavery and coloniality, which have dehumanized and silenced their voices over time. By bringing these narratives to light, both Funk and Nhe'ẽ Porã emphasize the urgency of recognizing and confronting these oppressive legacies, transforming art into a space of resistance and identity affirmation. Just as Indigenous linguistic diversity resists and reinvents itself despite historical violence, funk

culture also emerges as a powerful form of expression that challenges stereotypes, reaffirms identities, and claims space for voices often silenced in hegemonic narratives.

Figure 9: painting exhibited in the exhibition.

The exhibitions Nhe'ẽ Porã and Funk go beyond mere cultural displays; they become stages of active resistance. In these shows, art ceases to be just a representation and transforms into a revolutionary act. Funk and Indigenous expressions are not merely symbols but realities that confront and subvert coloniality, demanding full recognition. This revolution is concrete and visceral, transforming narratives and bodies that refuse to remain marginalized.

In summary, the exhibitions exemplify how art can be a powerful channel to subvert colonial and oppressive narratives. By addressing marginalized cultures, they celebrate their expressions and recontextualize them within the contemporary framework. By placing funk and indigenous expressions in dialogue, they foster critical reflection on power and resistance, transforming the museum into a space of cultural activism, where identities are reaffirmed and silences broken. Thus, cultural activism, as described by Guillermo Gómez-Peña, materializes in these exhibitions, where art becomes a tool for resistance and transformation. The proposed cultural revolution is not a metaphor but a necessary action that paves the way for identity affirmation and the construction of more equitable futures. By decolonizing the museum space and reimagining the possibilities of art, "Funk: um grito de ousadia" and "Nhe'ẽ Porã" inspire the continuity of cultural activism, revealing art's transformative potential in contemporary society.

References

Baudelaire, C. (1863). Le peintre de la vie moderne. In L'art romantique.

Gómez-Peña, G. (2005). Ethno-techno: Writings on performance, activism, and pedagogy. Routledge.

hooks, b. (1990). Yearning: Race, gender, and cultural politics. Routledge.

Hall, S. (1990). Cultural identity and diaspora. In J. Rutherford (Ed.), Identity: Community, culture, difference (pp. 222-237). Lawrence & Wishart.

Maldonado-Torres, N. (2008). Against war: Views from the underside of modernity. Duke University Press.

Quijano, A. (2000). Colonialidade do poder, eurocentrismo e a necessidade de um novo mapa da cultura. In Cultura e colonialidade (pp. 45-70).

O Artivismo no Corpo e na Voz dos Slammers em Portugal

Rita Capucho[1]

Resumo

O presente artigo pretende analisar em que medida o Poetry Slam poderá ser considerado uma prática artivista, pelo que teremos por base a definição de artivismo para analisar o movimento do Slam com foco em Portugal. A investigação partirá da revisão bibliográfica dedicada ao Poetry Slam e ao artivismo, apresentando o seu surgimento e caracterizando os conceitos. Para responder à questão da pesquisa, usa-se uma metodologia qualitativa utilizando procedimentos como a revisão da literatura conjugando com a análise de conteúdo do caso de estudo escolhido.

No que respeita à revisão da literatura, a investigação procurou na produção científica as publicações que abordavam a prática do Poetry Slam. O objetivo era investigar a sua estrutura e características, assim como para definir a sua organização no contexto português e internacional, que analisaremos tendo como referencial o conceito de artivismo para responder à pergunta de investigação.

O artigo foca-se no contexto português do Poetry Slam centrado na análise de conteúdo realizada aos poemas que Carol Braga, Dj Huba e Marina Campanatti, vencedores de finais nacionais do Portugal Slam Festival de Poesia e performance em 2021, 2022 e 2023, respectivamente.

Conclui com análise no sentido de perceber como este movimento poderá inserir-se no conceito de artivismo.

Palavras-Chave

artivismo, poetry slam, comunidade, artivismo

Introdução

O *Poetry Slam* poderá ser definido de várias formas e caracteriza-se por ser uma prática artística que assume diversos formatos. Porém, podemos, consensualmente, afirmar que o *Slam* é um evento de performance-leitura de poesia. Roberta Estela D´Alva, uma referência no *Slam* e responsável por levar o *Poetry Slam* para o Brasil, diz que pode ser entendido como "uma competição de poesia falada; um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entendimento" (D´Alva, 2014:109).

1. Universidade Lusófona, CICANT. É uma das fundadoras e co-directora do Porto Femme – Festival Internacional de Cinema, programadora das Femme Sessions e do Shortcutz Aveiro. Desempenha funções como produtora, curadora e formadora em várias organizações culturais. Desempenha funções como coordenadora e formadora no projecto Cinamiza-te, na formação de público juvenil na área de cinema. Participa como membro de Júri em vários festivais de cinema internacionais. É fundadora e faz parte da direcção da MUTIM - Associação das Mulheres Trabalhadoras da Imagem em Movimento. Doutoranda em Comunicação e Ativismos na Unversidade Lusófona. Licenciada e mestre em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É membro do grupo de trabalho Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra. Faz parte do projecto de investigação "SPECULUM – Filmar-se e Ver-se ao Espelho: O uso da escrita de si por documentaristas de língua portuguesa". É uma das organizadoras do Poetry Slam Aveiro e uma da coordenadoras da Plataforma Portugal Slam. Tem vários trabalhos publicados em revistas e coletâneas e mais recentemente no livro "Reconstituição Portuguesa". Foi um dos membros fundadores da AVANCA | CINEMA – Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação, e também do International Journal of Cinema, onde desempenhou funções como produtora editorial. Foi programadora do Cinema Dolce Vita de Ovar, das "Quintas de Cinema" do Cine-Teatro de Estarreja e de "Os Filmes das Nossas Terças" no Teatro Aveirense.

Em Portugal*, o Poetry Slam* terá aparecido em 2010, não sendo consensual qual foi o primeiro evento.

O *Poetry Slam* caracteriza-se por ser um evento competitivo, que tem, na sua generalidade, algumas regras em comum de declamação de poemas autorais: um limite de três minutos para a apresentação do poema, proibição do uso de acessórios e os jurados são membros do público escolhidos no momento. Por norma, existem organizações locais nacionais e internacionais que articulam os vários eventos. Em cada uma das várias sessões locais, nacionais e internacionais é escolhido um vencedor. O público tem um papel ativo em cada evento e é incentivado a manifestar- se perante as performances, o que cria ambientes participativos e de grande interação entre os vários intervenientes.

Interessa-nos olhar para o *Poetry Slam* na sua dimensão de "ágora" e perceber em que medida este poderá ser artivismo, que segundo o investigador Paulo Raposo:

> *"Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas (...)* Raposo (2015)

O presente artigo pretende analisar em que medida o *Poetry Slam* poderá ser considerado uma prática artivista, pelo que teremos por base a definição de artivismo para analisar o movimento do Slam com foco em Portugal. Assim, procedemos à análise dos poemas que foram apresentados nas últimas três finais nacionais, cujos vencedores foram: Carol Braga (2021), DJ Huba (2022) e Marina Campanatti (2023).

Será importante esclarecer que há uma ligação pessoal com o *Poetry Slam*, o que faz com que seja investigadora-participante, uma vez que estou envolvida com o movimento *Slam*, enquanto *slammer*, organizadora do *Poetry Slam* e como membro da equipa de coordenação nacional da Plataforma Portugal Slam.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo questionar em que medida o *Poetry Slam* pode ser considerado artivismo, mais especificamente em que medida o *Poetry Slam* em Portugal poder ser considerado uma prática artivista.

Para responder à questão da investigação, usa-se uma metodologia qualitativa utilizando procedimentos como a revisão da literatura conjugando com a análise de conteúdo do caso de estudo escolhido: o *Poetry Slam* português com a análise dos poemas das pessoas vencedoras das últimas três edições do Portugal Slam.

No que respeita a revisão da literatura, a investigação procurou na produção científica as publicações que abordavam a prática do *Poetry Slam*. O objetivo era investigar a sua estrutura e características, assim como para definir a sua organização no contexto português e internacional, que analisaremos tendo como referencial o conceito de artivimos para responder à pergunta de investigação.

O caso de estudo escolhido é o contexto português do *Poetry Slam* centrado na análise de conteúdo realizada aos poemas que Carol Braga, Dj Huba e Marina Campanatti, vencedores de finais nacionais do Portugal Slam Festival de Poesia e performance em 2021,2022 e 2023, respetivamente.

Artivismo

O Artivismo é a integração entre o ativismo político e a arte conceitual, que utiliza a arte em ações sociais e políticas, para sensibilizar a sociedade acerca de temas e causas, segundo a definição de Kuperman (2019). A autora menciona que o Artivimo surge nos finais da década de 60 no Estados Unidos, no fervor dos movimentos que surgiram pelos direitos humanos, queer, de liberdade sexual, racial e contra a guerra do Vietnam (Kuperman, 2019).

Segundo o investigador Paulo Raposo, artivismo é um neologismo conceptual ainda não consensual (Raposo, 2015). Relativamente à sua natureza, Raposo afirma:

> *A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística. (Raposo, 2015).*

O artivismo é assim caracterizado pela integração da prática artística que é ativa e engajada socialmente. É a expressão artística que vem reivindicar justiça social através da sua mensagem, apelando e utilizando linguagem que opera pela diferenciação e na rutura contra o hegemónico e aceite. Este apresenta um carácter comunitário e de presença no espaço público.

O Poetry Slam e o Poetry Slam em Portugal

O *Poetry Slam* surgiu no ano de 1986, no Green Mill Jazz Club, no norte de Chicago, nos Estados Unidos da América. Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta, é o criador do evento "Uptown Poetry Slam", que se tornou num movimento internacional. Smith, juntamente com outros artistas, organizava noites de performance poética e no sentido de as tornar mais atrativas apelidou-as de *slam,* usando um termo das competições de basebol e bridge. Assim, de forma orgânica e improvisada, nasce o *slam* (D´Alva, 2014), que rapidamente se espalhou por outros países, sendo agora um movimento internacional com forte presença em vários países. Atualmente, há diversas competições internacionais nas quais competem os melhores slammers nacionais. De referir que o *slam* é tão particular como cada local, sendo que várias produções científicas se têm dedicado a investigar as características que cada *slam* apresenta, sendo que as regras base são as referidas na apresentação.

Smith e Kraynak (2009) afirmam que a base do *slam* está em cinco elementos principais: poesia, performance, competitividade, interatividade e comunidade.

Somers-Willet (2009) refere que o *Poetry Slam*, desde o seu início, tem um carácter de identidade e de identidade política, devido ao tom confessional de muitos poemas e, desde sempre, este foi um espaço que inclui as pessoas marginalizadas pelo género, raça, classe ou orientação sexual. Muitas vezes, são estas performances as mais valorizadas pelo público. Ainda no seu artigo, a autora aborda o carácter de protesto e apaixonado que caracteriza muitas performances, assim como a postura política que muitos slammers adotam.

Refira-se ainda a existência de muitos *slams* dedicados a grupo marginalizados. Por exemplo, o Slam das Minas, que existe em várias cidades, dedicado a mulheres ou Slam Marginália, no Brasil, dedicado exclusivamente a pessoas trans e não bináries, ou ainda o Slam do Corpo, também no Brasil, dedicado a pessoas surdas.

Na sua tese de mestrado, Liliana Vasques (2016) apresenta a história do *Poetry Slam* em Portugal, na qual refere que o primeiro evento foi realizado em 27 de junho de 2009, no Festival Silêncio, em Lisboa, organizado por Alex Cortez. Em 2010, surge o Poetry Slam Lisboa, pela mão de Ana Reis e Mick Mengucci, e, em 2011, nascem o Poetry Slam Amadora, Poetry Slam Coimbra, Poetry Slam Sul e Slam LX.

Em 2014 foi criada a plataforma Portugal Slam com objetivo de articular e promover o movimento *slam* em Portugal. Esta plataforma é constituída pelos representantes dos coletivos e associações que dinamizam o *Poetry Slam* e, atualmente, existe uma coordenação que faz articulação entre todos. Um dos principais eventos dinamizados pela plataforma é a organização anual do Portugal Slam Festival de Poesia e Performance, no qual competem todas as pessoas vencedoras dos eventos locais, para se escolher a pessoa vencedora a nível nacional, que, posteriormente, irá representar o país nas competições internacionais.

Os coletivos que fazem parte da plataforma variam conforme as dinâmicas locais, sendo na sua maioria grupos informais, com poucos ou nenhum financiamento, e vivem da vontade voluntária dos seus organizadores. Atualmente, fazem parte do Portugal SLAM: *Poetry Slam* Almada, Amadora, Aveiro, Coimbra, Leiria, Porto, Sintra, Torres Vedras, Trafaria; "Poeta Qu'Pariu" (Loulé); "Slam das Minas-Coimbra" (Coimbra), "LabIO Slam" (Lisboa); e "Todo Mundo Slam" (Lisboa). Note-se que, hoje em dia, nem todos os coletivos estão ativos. Os coletivos do Porto, de Coimbra ou o Slam das Minas-Coimbra, embora continuem referenciados no site da Plataforma Portugal Slam, não têm atividade.

As comunidades do *Poetry Slam* nacional são muito diversas e variam de acordo com os seus contextos. Destacam-se dois *slams* pelas suas especificidades: o Slam das Minas- Coimbra, dedicado em exclusivo às mulheres; e o Todo o Mundo Slam dedicado às pessoas migrantes. Ambos provam que o *slam* é um espaço comunitário de visibilidade para grupos marginalizados.

Vasques (2016) refere que as dimensões da performance e da comunidade local num espaço público conceptualizam os eventos de "Poetry Slam como momentos de participação identitária num espaço que é público, político e cultural".

Podemos verificar que existe um nível de atuação local com e para a comunidade. Ainda assim as temáticas globais estão presentes através das narrativas dos slammers, que trazem para o local não só as problemá-

ticas locais, mas aquelas que respeitam aos movimentos sociais, criando, assim, um diálogo bidirecional entre local e o global.

Poéticas performáticas

As finais nacionais são espaços de celebração, tensão, encontro e comunicação. Como referimos, anualmente, desde 2014, realiza-se a final nacional do Poetry Slam nacional, o Portugal Slam Festival de Poesia e Performance. Este é o momento do encontro anual dos slammers, que se reúnem para um dos eventos mais esperados pela comunidade. Neste encontro nacional, os slammers vencedores das finais locais disputam entre si quem será o representante do país nas competições internacionais.

A primeira final realizou-se em 2014 e, desde esse ano até 2020, todas as finais nacionais foram realizadas em Lisboa. No ano de 2021, devido a dificuldades na coordenação e para descentralizar o evento, a final passou a ter um carácter itinerante, sendo que, em 2021, a final foi em Coimbra e, em 2022, realizou-se em Aveiro e a última edição foi em Almada, todos em cidades que já têm os seus Slams locais.

Focámos a análise nos poemas que as pessoas vencedoras apresentaram nestas finais para averiguarmos como pode sua escrita-dizer-performático ser uma forma artivista de intervenção.

Em 2021, na final de Coimbra, a vencedora foi Carol Braga, que representava Leiria. A slammer oriunda de Recife, no Nordeste do Brasil, imigrou para Portugal para estudar e foi uma das organizadoras, juntamente com Ana Luiza Tinoco, Greta Rocha e Jorgette Dumby, do Slam das Minas - Coimbra, o primeiro poetry slam do género em Portugal (Pinheiro, Marques & Peregrino, 2023).

A escrita de Carol traz consigo vários temas que se relacionam com causas de movimentos sociais. O seu poema "Despejo" inicia com um grito, uma chamada de atenção para denunciar os problemas relacionados com a habitação, a xenofobia, o racismo e o machismo e toda a opressão exercida sobre as pessoas migrantes. Veja-se os dois versos: "lugar de mulher é do lado de fora da minha casa/ lugar de imigrante é do lado de fora de Portugal".

O relatório de 2022 da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) indica que, em 491 queixas recebidas, 254 eram referentes à nacionalidade e 75 à cor da pele. Nota-se ainda o aumento de 20,3% do número de queixas, que passaram de 408, em 2021, para 491, em 2022. Dados que confirmam o problema da discriminação em relação à origem, raça ou classe, que continua a existir na sociedade portuguesa e que tem vindo a aumentar.

Carol, mulher migrante que vivencia na primeira pessoa a problemática, vem assim utilizar a palavra e a sua performance para fazer denúncia, para trazer o tópico para o palco, para o centro do foco. Durante três minutos faz uso da palavra e da expressão performática para que a devida atenção seja dada ao problema da discriminação. O poema termina com os versos: "que pra mim é uma honra/não ser uma de *vocês*". Desta forma, a autora traz a questão da alteridade e do outro, posicionado com orgulho e distanciado daqueles que oprimem e discriminam.

No seu poema "Vocês assistiram à final do europeu?", a slammer crítica o próprio movimento slam, deixando o alerta com a resposta à sua questão-título: "era tanto branco falando/branquice/que pra mim não deu". O poema é assim uma crítica ao racismo e à xenofobia que existe no contexto europeu, sem deixar de, mais uma vez, falar do machismo. E neste caso com a objetificação e com a violência que é exercida sobre o corpo da mulher negra ou indígena. Veja-se os versos: "a mulher branca é pra casar/a mulata é pra fuder/e a preta para trabalhar". O poema é um grito de raiva contra as desigualdades e as opressões que são vividas no espaço europeu.

No seu terceiro poema, "De homens brancos velhos para todos os animais", a poeta aborda o abuso sexual, uma vez mais, abordando uma questão feminista. A voz da poeta opera nas interseccionalidades da sua identidade, sendo assim uma voz- mulher migrante, que denuncia, sem medo, as violências que estão presentes nas sociedades portuguesa e europeia.

Em 2022, o vencedor foi DJ Huba, pseudónimo de Bruno Mateus, poeta nascido na Província de Luanda, em Angola, licenciado em teatro e mestre em Artes Cénicas (Pinheiro, Marques & Peregrino, 2023). No seu texto "Eu nunca fiz poesia", DJ Huba aborda o machismo, o racismo, a violência e várias outras opressões. O poeta fala de como a poesia salva e pode ser esse lugar de uma maior igualdade e de justiça. Veja-se, por exemplo, "(...) contou-nos que os homens não precisam ser fortes o tempo todo e que chorar nunca foi fraqueza (...)" ou "(...) contou-nos que a quantidade de melanina não determina a nossa importância e que ninguém precisa sentir-se mal por ser menos magro ou menos gordo, porque todas as diferenças fazem parte de um todo(...). No seu texto "Manual de vida", o poeta utiliza as sabedorias populares para criar esse manual que ensina como viver e, no qual, uma vez mais, apresenta o seu ideal humanitário, sem deixar de apontar as lutas contra o racismo ou o capitalismo. "Repara que é impossível falar de racismo sem mencionar o Mandela, ou Martín Luther King", ou ainda "Relações saudáveis sempre serão melhores do que contas cheias". No seu texto "Super-Heróina" narra a história de um filho que mata o pai abusivo para salvar a mãe, vítima de violência doméstica. DJ Huba é, assim, um poeta que aborda diferentes problemáticas sociais, apontado caminhos para a justiça e para uma sociedade mais igualitária.

Marina Campanatti, brasileira, atriz, artista-pedagoga e poeta, migrou para Portugal para fazer mestrado em Teatro e Comunidade, trabalha em bairros sociais na Amadora (Pinheiro, Marques & Peregrino, 2023). Vencedora da final nacional de 2023, no seu poema "Nada vem do nada" aborda a realidade a que assiste ao trabalhar nos bairros socias, uma realidade de violência e de pobreza que afeta crianças e jovens. Os seguintes versos são assim uma forma de apresentar essa realidade:" É sobre a criança que não consegue acordar cedo para ir para escola / Não sabe o que é um abraço/Mas reconhece de imediato/Uma bala de pistola". No seu texto continua a apresentar os problemas estruturais dos bairros, assim como as instituições que são opressoras e não inclusivas, para além de incapazes de apresentar soluções para este problema.

No poema "Feijuca", através da metáfora da comida, ela apresenta a cultura e identidade brasileira, sem deixar de esquecer a luta dos negros do Brasil. Leia-se os versos: "No grito de um povo oprimido/Que transformou a falta, em festa/Por isso, celebremos/É o que nos resta". Desta forma, a poeta traz o problema do racismo, do colonialismo, da opressão e das diferenças de classe, numa celebração musical da importância que tem o gesto do encontro, da partilha e do alimento.

No poema "Cigana", Campanatti aborda a questão da discriminação. Veja-se os versos: "E na contraditória beleza da força da identidade/Manifestava uma vontade/ De não parecer cigana". Marina traz, assim, na sua performance, uma vez mais, outra questão de discriminação pela etnia.

A análise apresentada baseia-se nos poemas escritos pelos slammers, mas falta referir a performance apresentada, que vive da copresença do poeta e do público. Em todos as apresentações, os performers dão o corpo para a interpretação do texto e é através deste que criam a interatividade com o público, que recebe as palavras e as vivencia, manifestando-se e reagindo a cada atuação. Este é um espaço comunicacional de uma comunidade que se reúne para ouvir, dizer e sentir poesia. Uma "ágora" que comunica as temáticas dos diversos movimentos sociais através da poesia e da performance. O que indica que estamos perante uma forma de artivismo nos espaços públicos dos bares, cafés, bibliotecas em que o Slam se apresenta e se constitui como evento artístico que cria visibilidades e amplia as vozes que trazem consigo a procura da justiça social.

Conclusões

O *Poetry Slam* situa-se, assim, entre o local e o global, a fala e a escuta, a palavra escrita e a palavra dita, o slammer e o público, o eu e a comunidade. Neste espaço público de acesso livre, em eventos organizados por coletivos ou outros organizadores, é através da expressão poética e performática que as pessoas intervêm, usando a força das palavras para expressão das suas identidades sociais e políticas. As performances são assim atos de resistência e subversão contra os poderes hegemónicas que oprimem as pessoas artistas.

No cenário das finais nacionais do Portugal Slam, podemos afirmar que os slammers produzem discursos e performances ativistas que procuram no público, que os vê e ouve, o reagir e o atuar. Procuram a construção de uma comunidade, de um movimento que possa dirigir para as mudanças sociais que pretendem. Os seus poemas são os manifestos das suas lutas sociais. As performances poéticas do Slam são resistência e atuam como ativismo social, cultural e político. As suas poesias atuam como denúncia e promovem a reflexão em questões como o racismo, o machismo, a xenofobia e outras formas de violência e discriminação.

Podemos, assim, afirmar que o *Poetry Slam* é uma forma de artivimo pelo seu formato de evento e pelos discursos poéticos produzidos, que visam sensibilizar e refletir sobre as temáticas dos seus contextos sociais, constituindo-se como espaços de mudança, denúncia e resistência.

Referência Bibliográficas

CICDR. (2022). *Relatório Anual sobre a situação da Igualdade e Não Discriminação em razão da origem racial e* étnica, *cor, nacionalidade, ascendência e território de origem.* Recuperado de https://www.cicdr.pt/documents/57891/0/Relat%C3%B3rio+Anual+CICDR+2022. pdf/589b161f-05d8-471f-bf12-f3857bfad171

Estrela D'Alva, R. (2014). *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Kuperman, D. (2019). *Fanzine feminista Noiz: Design como artivismo* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/38918

Pinheiro, M. G., Marques, A. C. S., & Peregrino, M. (2023). *A poesia imigrante campeã do Festival Portugal Slam entre 2019 e 2022. Terceira Margem*, 27(51), 181-204.

Raposo, P. (2015). *"Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências*. Cadernos de Arte e Antropologia, 4(2). https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909

Smith, M. (2009) *Take the mic: the art of performance poetry, slam and the spoken word*. Naperville: Sourcebooks MediaFusion.

Somers-Willet, S. B. A. (2009). Slam Poetry and the Cultural Politics of Performing Identity. The Journal of the Midwest Modern Language Association, V38(1), 51-73.

Vasques, Liliana Alexandra Ferreira (2016*), "3, 2, 1! – O Poetry Slam em Portugal: mapeamento e análise dos primeiros anos".* Dissertação de Mestrado em Educação Artística, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Artivism against indifference

Margarida Pereira Martins

I think hard times are coming when we will be wanting the voices of writers who can see alternatives to how we live now and can see through our fear-stricken society and its obsessive technologies and other ways of being. And even imagine some real grounds for hope. We will need writers who can remember freedom: poets, visionaries, the realists of a larger reality. Right now I think we need writers who know the difference between the production of a market commodity and the practice of an art. (Le Guin 2014)[1]

Introduction

Lawrence Grossberg defends that academics and intellectuals have the responsibility to engage in discourse that is articulated into the social and political changes occurring in contemporary society, in other words, "to produce knowledge that is disconnected from the demands of the contemporary world" (1997:5) seems to limit research and theorical work to the academic institution. Grossberg's arguments can be extended to the increasing number of scholars who are now involved in activism creating new relationships between disciplinary fields and the challenges of contemporary society. Grossberg states that "we need to take seriously the expectation that we (at least those of us at state-funded universities)[2] are supposed to contribute to the public good, an expectation that is only partly realized by the production of knowledge (or, in Gramsci's terms, knowing more than the other side) (1997, 3). The involvement of writers, intellectuals and artists in the public domain has an important and often positive impact both on local communities, in the promotion of peace, advocating for just causes, in the mobilizing of supporters and consequently in the struggle against indifference.

Extending Grossberg's arguments into the field of art, this paper aims at exploring the role of artivism, the fusion of art and activism, to raise awareness of what is happening in the world. My paper will focus on the work of Swiss/German artist, Yael Jamina who actively uses her Instagram profile to denounce the atrocities of the war in Gaza and advocate for peace in Gaza by publicly reacting to the killing of Palestinian children through her artwork. Her art and activism connect her to other artivists and followers who collectively identify through the defense of a common cause. Through close observation of Yael Jamina's work, the data gathered in an interview and an analysis of her work, this paper seeks to consider the role of the artist as an

1. This was taken from Ursula K. Le Guin's acceptance speech at the National Book Foundation's Medal for Distinguished Contribution to American Letters in 2014.

2. Note that Lawrence Grossberg was referring to the reality of the American system of higher education. Although his argument applies at a global level, the reference to state funded universities has national implications.

activist and the impact of their art when used to defend a cause, promote freedom, fight indifference through identification and contribute to a more just world.

Artivism – past and present

Artivism is a "recovery of artistic activity for the purpose of immediate social intervention" (Alardo--Vico et al 2018, 10) which is generally ephemeral and not commercialised. Art (murals, stencils, graffiti) used for activism is generally urban and anonymous and aims at provoking a reaction or causing an effect. Through the techniques employed it acts upon an audience to generate emotion and shape opinion. Artivism has the power to connect individuals in different geographical locations in a collective cause. In a contemporary technological and globalised context, social media platforms have become fundamental spaces for the sharing of information, the creation of networks and for activists to develop their activities. In a theoretical approach used by Judith Butler, Yael Jamina, as other artists using their work on social media to act against the war in Gaza is breaking with and from the context that frames the war to delineate a new context outside that frame (Butler 2016, 10) redefining both the frame and what is framed. The focus becomes human life and the impact that war has on that life due to the large numbers of innocent people who are killed in the process.

Steve Lambert, co-founder of the Centre for Artistic Artivism rejects the term "Artivism" because he claims it names a practice which existed long before it was acknowledged. To support his claim, one can look at Pablo Picasso's *Guernica*. In 1937 Picasso painted *Guernica* a huge iconic work of art (349 cm by 776,5 cm) depicting and denouncing the horror of the bombing of the town of Guernica in the Basque Country during the Spanish Civil War. The painting, which has become timeless in its anti-war message, depicts the brutality and atrocities of war. Amidst the flames, rubble and destruction caused by the bombing Picasso painted a woman holding her dead baby, a dismembered soldier and a stabbed horse as well as other figures whose screams can be heard through the canvas. The colours (or lack of colour), the size of the work (resembling a mural which overwhelms the viewer), the confusion and distorted shapes (Xifra and Heath 2018) are aspects of *Guernica* that contribute to its strong political statement on the devastating effect of war on human lives. Picasso was one of the many artists and writers, not to mention journalists, whose work was used to depict the horror of the war, some which were included in the Spanish Pavilion at the Paris 1937 International Exposition (Xifra & Heath 2018, 29). Through Picasso and other artists involved in the movement against Francoism, art was used to influence opinion and motivate political change for it "focuse[d] on the ability of voices to inform, frame, redefine, and refocus thoughts, values, facts, policies, and identifications on the side of humanity" (Xifra & Heath 2018, 29).

There are different forms of activism artists, writers and intellectuals can be involved in. They can be involved through first person experience. For example, sociologist Maria Rovisco interviewed migrant and refugee artists to investigate how artists express complex issues and their experience of these issues through their art and the themes portrayed (Rovisco 2019). Or they can be action orientated, or work through mobilizing and protesting for change. Even though artists may not acknowledge the title, or not initially, their work attracts and engages the public in social, humanitarian, environmental or political causes. Social media, such as Instagram or Twitter are increasingly gaining importance as providing the platform for artivism, re-

defining the civic participation and activism in present times. There are, nevertheless, aspects of social media which are also worthy of attention and which concern artists and intellectuals' work such as ethical limits of the type of visuals or messages that are shared (most social media platforms censor or exhibit warnings about sensitive content) as well as how media controls what is posted through blocking accounts and media blackouts.

On the upside, Instagram and social media make it possible to engage in conversation with the artists and activists and community, either through comment or direct message. I reached out to Yael Jamina and received a positive reply, so we had the opportunity to talk a little about her as an artist and activist and her work which is what I am now going to develop in the next part of this paper.

Yael Jamina – artist and activist

On Mother's Day here in Portugal, I came across an Instagram post of a Swiss/German artist, Yael Jamina painting two doves with olive branches in their beaks, the universal symbol of peace. These doves were painted red, on a white wall and contained within their outlines the following words: "Just a reminder that a Palestinian mother loves her children just as much as you love yours." The post showed the artist working on a mural- like painting to the poem by Palestinian writer Jenan Matari titled, "To the Other Palestinian Mother". The apparent simplicity of these words and images shared on social media carried a powerful message denouncing the violence happening in Gaza where, every day, innocent people, including mothers and children are dying. Yael Jamina's artwork made me reevaluate the meaning of Mother's Day from a Eurocentric perspective where mothers are not "pulling their child out of rubble while I rock mine safely to sleep". This post, along with others shared by the artist, the poet and their social media community reflects Grossberg's idea of belonging and identification through a common cause. It is the global struggle for a ceasefire, the suffering of the Palestinian people, but also the pain of the mother that loses her child which connects followers in the collaborative effort to promote peace.

Yael Jamina is a brave young artist and art student with a focus on aesthetics, art education and culture. She describes herself as a wife, mother of two children, with a third baby on the way, who started sharing her artwork on social media after her first child was born. In conversation with Yael, I asked her the following questions:

- How did social media (Instagram) had helped her to spread the message in her artwork.
- If she believed her art could be used to fight indifference? (Especially considering her focus on mothers and children.)
- If she believed artists had a role in raising awareness or is the purpose of art purely aesthetic?
- How art could be used ethically to raise awareness of humanitarian issues.

Yael told me she has never been a big fan of social media, and even today there are days when she feels she is not a fan. There is a facet of social media which does not appeal to her, mainly the amount of hate comments that are posted in response to media content, and the threats made to those who assume a critical position. Once she started engaging with social media content to denounce what is happening in Gaza every day to civilians – Palestinian men, women and children – Yael also started receiving hate messages and even threats.

Yael is neither Jewish nor Palestinian (despite her name), she is Swiss/German. Nevertheless, because of the nature of her work and its implications she has been labelled antisemitic and was even told she should change her Hebrew name Yael. However, does not regret having made the decision four years ago to start her Instagram account and for all the art and posts she has shared in these years and continues to share regularly. She told me that because of Instagram, she was able to connect to (and I quote),

> the most beautiful souls from all over the world I wouldn't have got to know without Instagram. So many inspiring women and mothers with whom I share my passion with and from whom I got to learn so much. It really is also a big, big inspiration place to me, as there are so many incredible, talented people out there who pour their heart and soul into their creations/art. (Jamina 2024).

As argued by Alardo-Vico et al, in Yael's art, "the genres, expressive modes, and communication tools, which a massive transcoding (Manovich, 2005) has blended into a new common space, laid the basis for experimentation and transformation of the ways of communicating". (2018, 10). Yael did not know who her followers would be or how they would connect and respond to her work when she decided to fuse painting, metaphors, universal symbols and writing to spread her message through social media. However, her artivism has connected her to many others advocating for the same cause and consequently mobilised other followers to join the cause.

There are three dimensions to what Yael posts on her Instagram account. First and foremost, she shares her own original artwork, her illustrations, her children's books and print designs. Her illustrations, which have a clear humanitarian message, promote peace and well-being. Another dimension to Yael Jamina's work is through the project she embarked on to honour Palestinian children and the grieving of mothers who have lost their children. Through her Instagram account she also shares other artists and activists' posts and as well as videos, clips of reports and posts on the atrocities being committed to innocent people in Gaza. Her artwork, which mostly portrays women, mothers and children is used as a platform to raise awareness, generate empathy and fight indifference towards conflict and its impact on human lives.

The artwork she displays and shares on her Instagram account uses universal symbols which are recognizable to all who interact with her art. By applying the normative conditions that render her images recognisable, Yael is redefining how the subjects she is speaking for are recognized, to apply Butler's theorical approach. Let me explain. Yael spreads her message through the use doves – symbol of peace, poppies – symbol of resilience and remembrance[3] and dots – which symbolize the deaths. Her art moves beyond the recognizability of war (where lives in Butler's arguments are acknowledged as precarious) to depict the many thousands

3. It is relevant to mention that poppies are worn on Remembrance Day or Armistice Day in the UK to honour soldiers who died in World War I.

of children who have died, a fact that can only be apprehended as a horrific outcome of the framework of war. Within and around her doves she writes poignant messages in capital letters which are impossible to ignore. Phrases such as, "Be silent when children sleep, not when they die", "14,000 dots for 14,000 children", "If the world isn't safe for children, then is the world really safe at all?", "You will never convince me that the solution to a problem is killing children" and "Saving children's lives should not be controversial". Even though it has been argued that Art for activism focusses more on the power of its intervention than on aesthetics, I would add that Yael Jamina's art also attracts attention for its beauty and purity of colours, images and metaphors.

There are endless examples of protest or political art, especially in urban settings, which are anonymous, and Banksy is a quintessential example of this. The artist's choice to remain anonymous is ideological in the sense that it is placing the art and the message projected in the art at the centre, rather than the artist. Yael Jamina's work uses a different approach. The artist shows herself at work, making her creative process available to the public. So, not only does she post her work on social media, but also films herself working, painting, using time lapses, often holding one of her children in one arm as she paints with the other. The process of creation becomes an active part of the engagement with the cause and of her own life, since she doesn't stop being a mother when she is engaged in her activism. Furthermore, when she paints a dot – a symbol she uses to honour children who have died, she shows the creative process and patience of painting each dot. By doing so, she involves her followers as spectators of what is happening and as collective witnesses of the number of deaths as she paints them one by one. Through her work and how she communicates the creative process, Yael places herself, the artist, as an active participant in her art, as a conscious agent of her actions and responsible for the impact it has on public opinion and on the possibilities for change in the world.

Even though she didn't plan to only focus on women, mothers and children, finding herself at that stage of her life, where she became a mother, there was something about that whole experience which changed her. Motherhood, combined with her art helped her to evolve and she allowed her feelings, thoughts, her pain and joy flow into the pieces she created. Witnessing what was happening in Gaza, and being a mother herself, she was unable to allow her art to slide into indifference.

Yael tells me she was also motivated by the internalised misogyny she still today witnesses in the world with the treatment of women and with the increased awareness of how women are not having their voices heard. Even before becoming a mother in 2019, she noticed the injustice in the whole system so many women and mothers were faced with. Misogyny, she says, starts with being judged as a woman in everyday things such as: the decision on whether to have children, on whether to focus on a career or not, on whether a woman chooses to get married young or not; it is further reflected in how women earn less than men and in how women are judged on their attitudes towards motherhood and parenting, be it during pregnancy or how they choose to raise their children, the injustice is also reflected in opportunities women have when compared with their male counterparts (also regarding their life and career choices as mothers). These are just some examples Yael mentioned, but as she added, the list goes on. When Yael became a mum, she experienced being judged and understood through her own experience, how women are still perceived today and felt this injustice.

Her focus on children, again ties in with her sensibility as a mother, and because "children - are just sacred to me", Yael states. She has been a witness to the lack of understanding towards children and children's

rights, especially when analysing humanitarian crises, the suffering of refugees and conflicts as those happening in Gaza and Lebanon. Children should always be protected unconditionally. This is what artist Yael Jamina stands for, the principles she lives by, and which she represents in her work.

Art and artists against indifference

Like many artists involved in activism, Yael believes that artists and art have a role - if not a duty - to raise awareness of political issues. To add to this, Steve Lambert, professor at SUNY and founder at the Centre for Artistic Artivism, believes that many artists underestimate the role they play in the defense of common causes, for artists with their art do much more than raise awareness. The way creativity and art works withing these movements goes beyond raising awareness into the field of change – changing attitudes, behaviours and possibly, the world. In his Artistic Statement, Lambert writes, "I have the unabashedly optimistic belief that art changes the way people look at the world. That belief fuels a pragmatic approach to bring about those changes."[4] In the same way, Yael tells me,

> Personally for me it is the main reason I do, or continue doing, art, because I hope to reach people through my art. Especially when I started speaking up for the Palestinian People on October last year, this was my intention. I got so angry seeing all those people not speaking up, and I wondered if they just weren't interested in it or if they were afraid to speak up. (Jamina 2024).

The artist who is involved in activism also moves beyond the gallery, making their art visible and available to people anywhere, whether in the street, on a wall, a poster, a billboard, a street sign or other formats. Their art is public and free to share because the aim is that it reaches as many people as possible and in all parts of the world. And social media has further extended this visibility. The use of the hashtag also allows artists and their followers to create global networks and engage in conversations which blur borders and boundaries. When Yael thought about doing her peace doves with messages written in them, she used Instagram to display her work. The first dove she created was posted on her Instagram in January 2024. I was a blue dove with the words "we are not free until everyone is free" painted in red. Around the dove who carried a green olive branch, she repeated the words, "Ceasefire now ceasefire now". The response she got to her work was incredible as she witnessed many of her followers sharing her doves. In Yael's words,

> the political message is wrapped in art, and I hoped that more people would be less afraid in sharing it. And it worked! So many shared it, even people (also family members and friends of mine) who didn't speak up until than about Palestine, Gaza - and that was the point. I knew then I would keep doing it. (Jamina 2024).

Through her work she was able to connect to many inspiring people, such as the Palestinian author and poet Jenan Matari (previously mentioned in this paper) who inspired her with her poetry. As she was receiving hate messages, was publicly called out as antisemitic, lostg job offers etc. "just for standing up for ALL human beings, including Palestinian People" (Jamina 2024) she too was afraid and questioned what

4. https://visitsteve.com/bio/

was doing. However, she knew this was the right thing to do because the situation was too difficult for her to accept. So, Yael says she,

> chose to keep standing up for ALL people in the world - this is my main goal in life, and what I teach my children - that all human beings are equally worthy and should be treated respectfully and have the same human rights. I am happy I stood my ground and continued to share my art about Palestine because it showed me once more that this is the right path to go, and one will always get rewarded when standing in for the right thing. I don't want People who do not share those values in my life and so, anyway, the right people will stay. So it is and will always the right thing to speak up when injustices are happening and we as artists especially have the duty to raise awareness. (Jamina 2024).

Possibly the greatest obstacle to the building of a more inclusive, just and caring world is indifference. From a European perspective we witness wars occurring around the world through the images and reports shown on the news and read about the causes and tragic events in articles and through social media posts. However, as soon as we switch off the television, put our phones away, or move onto the next post, the horror of what is happening in countries around the world to human beings like us is dismissed, indifference and powerlessness settle in, and our daily lives continue.

Even though our experience of the world is subjective, whether as artists, intellectuals, as students, or as citizens, we need to consider ways of connecting and fighting for a common cause, creating a sense of cultural belonging and identity which makes sense in the present state of the world. This means not dismissing what is happening beyond our homes and the borders which protect us, but to be involved and have a say in the fight for a common cause: peace and justice for mankind, everywhere.

Returning to Grossberg, there are artists, writers and intellectuals who remain in the comfortable position of the critique, without articulating theory into real social or political struggle (Grossberg 1998:2) and that is an informed decision. The world is a complex place and to escape the attempt to understand the intricate and uncontrollable nature of the world, artists and intellectuals may be more willing to reduce the world to a controllable level even though this can mean "rediscovering what [they] already know, with reinscribing in [their] institutional practice what [they] already do." Grossberg 1998, 1). However, if art, literature, music and intellectual work have the power to shape opinion, to encourage direct action and can lead to change, then it is worthy of the effort to be used in that way. As Ursula Le Guin, said of writers and the control that capitalism has on the creative process, "we live in capitalism. Its power seems inescapable. So did the divine power of kings. Any human power can be resisted and changed by human beings. Resistance and power often begin in art and very often in our art, the art of words." (Le Guin). Social media is also effective in that it allows artists to self-publish and to share whatever content they want. There are, of course, limits to the type of content that is posted, but the artists' judgement has a say in this aspect as well. As more and more artists share their work defending specific causes, this can increase or defy media blackouts which are used to suppress the sharing of information. However, even these attempts to manipulate or suppress content may have a counter effect, further enhance the aims of the artist or activist, enabling them to not only strengthen their connection with their public but also their activism by documenting and openly talking about oppressive practices. This will contribute to an increased consciousness not only of the movements themselves but of the power and the will to keep going despite the risks. Artists like Yael Jamina use their creativity to inspire

change and challenge indifference and art, as has been proved, can be more effective than regular activism. In a study called "The Copenhagen Experiment" Stephen Duncombe and Silas Harrebye from the Centre for Artistic Activism proved that creative activism has a greater impact on public opinion that conventional activism. The researchers tried to mobilise people to the same cause through conventional activism and creative activism. The results were surprising and can be read in the report and video on the Centre's website. Art raises awareness by drawing on the audience's curiosity, for its positive impact and because it is memorable, according to Duncombe and Harrebye.

I wish to conclude my paper with a recital of my own poem dedicated to refugees[5], those who have been forced to flee their countries, and those who have died in the process, inspired by a different kind of activist, but one who also uses creativity to express his position on different social and political subjects, Manu Chau and his song "Desaparecido" from his 1998 album Clandestino.

Works cited

Aladro-Vico, E., Jivkova-Semova, D., Bailey, O. "Artivism: A new educative language for transformative social action." *Comunicar*, n. 57, v. XXVI, 2018 | Media Education Research Journal | ISSN: 1134-3478; e-ISSN: 1988-3478

Duncombe, S. The Copenhagen Experiment. The Center for Artistic Activism. Retrieved from: https://c4aa.org/2018/05/the-copenhagen-experiment

Funderburk, A. (2021) "Artivism: Making a Difference Through Art." https://www.artandobject.com/articles/artivism-making-difference-through-art

Grossberg, L. (1997). *Bringing it all Back Home – Essays on Cultural Studies*. Duke University Press.

Jamina, Y & Martins, M. (2004) Online Interview.

Rovisco, M. (2019). "Staging citizenship: Artistic performance as a site of contestation of citizenship." *International Journal of Cultural Studies*, 22(5), 647-661. https://doi.org/10.1177/1367877919849962

Xifra, J., Heath, R.L. (2018) "Publicizing atrocity and legitimizing outrage: Picasso's *Guernica*." *Public Relations Review* 44 28–36. https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1192386.pdf

"Full Speech: Ursula K. Le Guin's Passionate Defense of Art over Profits." Retrieved from: https://www.youtube.com/watch?v=s2v7RDyo7os

5. The poem will be recited at the conference.

Ativismo de Género no Teatro: desejo afirmativo como motor criativo

Helena Gonçalo Ferreira[1]

Resumo

Este artigo analisa o ativismo de género no Teatro, a partir das perspetivas da negatividade constitutiva e do desejo afirmativo**.** Historicamente, as mulheres têm sido sub-representadas no setor cultural, e a pandemia de COVID-19 agravou as desigualdades de género, revelando a necessidade urgente de mudanças nas políticas e organizações artísticas. Através da lente da negatividade constitutiva (Bignall, 2010), inspirada por Lacan (2017)**,** o ativismo de género é visto como uma resposta a uma falta estrutural de reconhecimento e poder para mulheres e grupos marginalizados. No entanto, a luta feminista e *Queer* enfrenta constantemente as barreiras das estruturas patriarcais e heteronormativas, o que pode gerar apatia e frustração. Por outro lado, o artigo explora o desejo afirmativo de Deleuze & Guattari (1976), que oferece uma abordagem mais produtiva e criativa ao ativismo. Em vez de ser uma simples reação à exclusão, o desejo afirmativo promove a criação de novas formas de existência, subjetividades e práticas culturais. O ativismo de género, quando movido por esta força criativa, subverte as hierarquias culturais e reinventa as formas de organização no Teatro. O ativismo de género motivado pelo desejo afirmativo permite uma transformação profunda das estruturas culturais, promovendo não apenas a inclusão, mas a criação de novas realidades culturais, mais inclusivas e diversas.

Palavras-chave

Ativismo de género; Teatro; Negatividade constitutiva; Desejo afirmativo; Criação do novo

Contextualização temática

Historicamente, no Teatro, as mulheres encontram-se sub-representadas e enfrentam desafios que precisam de ser abordados e levados muito a sério. A pandemia COVID-19 aumentou exponencialmente as situações de desigualdade de género, levando muitas mulheres ao limite de extrema pobreza, ficando demonstrado a extrema necessidade de efetuar mudanças nas políticas e na organização artística que conduzam a mudanças efetivas (Ferreira, 2024).

As estatísticas europeias mostram claramente que, a nível europeu "as mulheres estão clara e vergonhosamente sub-representadas na grande maioria dos subsetores do setor cultural" (Corbat e González, 2020, p. 80) e da vida, em geral. Ao longo da história recente na Europa, as mulheres artistas e criadoras também têm sofrido com a falta de reconhecimento, com uma presença claramente menor nas listas dos mais prestigiados prémios internacionais e nacionais e em júris e festivais (Corbat e González, 2020). Tendencialmente, os Diretores Artísticos de Teatros ou Diretores de Teatros Nacionais são homens (Corbat e González, 2020). Como consequência destes dados, existem já na Europa diferentes redes, lobbies, movimentos e associações a recolher informações que demonstrem claramente este forte desequilíbrio no sector (Corbat e González, 2020), apesar de ainda haver quem defenda que "as mentalidades estão a evoluir e, portanto, não será necessário realizar um trabalho exógeno sobre o assunto" (Fraipont, 2016, p. 5). Os estudos no mercado de trabalho

1. Doutoranda em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: hcarla@ua.pt

da cultura, na Europa, sobre a perspetiva de género são necessários e urgentes para que a Comissão Europeia possa tomar medidas para colmatar as disparidades e desequilíbrios de género (Corbat e González, 2020).

Já em 2018, Júlia Pascal referia que bastava analisar a situação no teatro, onde trabalhou toda a vida, para concluir que é um excelente indicador da discriminação das mulheres nas artes performativas, porque a elite masculina dominante se recusa a partilhar o poder. A autora considera que esta é uma situação que não se resolve por si só, porque se as mulheres não têm representação igual nunca terão oportunidades iguais para ganhar prémios e, por sua vez, reconhecimento. Portanto, torna-se imperativo uma aproximação da igualdade no trabalho, 50/50 para atrizes, encenadoras, dramaturgas e diretoras e, por muito que se odeie "o conceito de um sistema de quotas (...) décadas de privação de direitos significam que as artistas e o público feminino foram enganados", e isso conduz à necessidade da sua implementação urgente (Pascal, 2018, s/p). De facto, a introdução de uma maior inclusão e paridade nos cargos de tomada de decisão, poderá realmente mudar a situação e oferecer mais oportunidades às mulheres, às pessoas racializadas, principalmente às mulheres, às pessoas da comunidade LGBT e pessoas com deficiência que trabalham no sector (Fraipont, 2016). Efetivamente, mesmo que sejam necessários aliados, a equidade só poderá ser alcançada quando houver representação das experiências de todas e todos os que foram marginalizados. A aliança só poderá existir se e quando "os profissionais privilegiados do teatro reconhecerem os espaços de privilégio que habitam e recuem para que outros possam criar e ocupar espaço e oportunidade" (Burton e Newman, 2016, p. 7).

Os grupos de trabalho que têm vindo a refletir sobre esta matéria revelaram que é extremamente importante encorajar mulheres a entrar para o setor cultural, bem como a promover as que já se encontram no meio, através de políticas que conduzam à igualdade de género (Barca e Murphy, 2019). Baseamo-nos aqui nos dados do *Fórum Women in Theatre*, que se realizou em 2020, no Reino Unido, primeiro porque são bastante reveladores e depois, porque nos dão conta das muitas associações e movimentos ativistas que um país como o Reino Unido possui preocupadas com as questões da desigualdade de género nos teatros. Em Portugal, não existe nem uma única associação ou movimento vocacionados para a defesa dos direitos das mulheres artistas ou até, que de algum modo, tenha colocado, publicamente, as questões de género como prioritárias e também não existem dados concretos sobre a desigualdade de género no Teatro.

O *Fórum Women in Theatre*, revelou profundas desigualdades de género no setor cultural, especificamente no teatro. O fórum, financiado pelo Conselho de Artes da Inglaterra teve a colaboração de várias entidades, como o *Sphinx Theatre*, *University Women in the Arts, The Writers' Guild of Great Britain, Equity, ERA 50:50, Black Womxn in Theatre, PIPA* e outras. As evidências apontam para a necessidade urgente de combater a desigualdade de género no teatro. *A Writers' Guild* salientou que, muitas vezes, esta questão é vista como resolvida, o que não corresponde à realidade (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

As pesquisas apresentadas neste Fórum sugerem que, sem medidas específicas, a situação das mulheres artistas tenderá a piorar, até porque não existem referências a mulheres ou à desigualdade de género na estratégia de dez anos do Conselho de Artes. Assim, o relatório baseado nas discussões que surgiram no Fórum apela ao governo do Reino Unido, aos decisores políticos e às organizações artísticas para que adotem uma perspetiva de género nas suas decisões e garantam equipas equilibradas em termos de género, assegurando que a reconstrução pós-pandemia beneficie todos. Os principais temas identificados incluem: a sub-represen-

tação das mulheres artistas, a necessidade de mudar atitudes em relação a estas mulheres, melhorar a transparência no recrutamento, seleção e acompanhamento das mulheres artistas nos locais de trabalho e formar os decisores chave, no sentido de promover mudanças nas políticas e organizações artísticas (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

Todas as associações e movimentos envolvidos no Fórum consideraram que os dados apresentados neste relatório são uma ferramenta essencial para o ativismo de género no setor cultural, uma vez que permitem que os ativistas fundamentem as suas exigências com base em evidências concretas, exponham as dinâmicas de exclusão, e exijam mudanças estruturais nas políticas culturais (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

Ativismo de género no sector cultural: Negatividade constitutiva

A negatividade constitutiva refere-se à noção de que o sujeito, ou o "eu", é formado por meio de uma sensação de falta ou divisão interna. Esta falta é algo que define a própria existência do sujeito, uma vez que estamos constantemente a tentar preencher ou resolver essa falta. O desejo, dentro desta óptica, é motivado por essa perceção de ausência ou carência — o sujeito deseja algo porque sente que algo lhe falta ou está incompleto (Lacan, 2017). Esta conceção é inspirada, em grande parte, por teorias como a de Lacan (2017), onde o desejo é sempre direcionado a algo que se pensa estar fora do alcance do sujeito.

O ativismo de género no Teatro emerge, então, como resposta a uma falta estrutural — uma falta de reconhecimento, de representação, de acesso e de poder para mulheres e grupos marginalizados (Lacan, 2017). Neste sentido, a negatividade constitutiva está no centro deste ativismo, uma vez que a luta feminista e *Queer* procura preencher os espaços de ausência com vozes, corpos e histórias que foram sistematicamente apagados ou desvalorizados (Bignall, 2010).

Segundo Lacan (2017), o desejo é sempre estruturado pela falta, e é este desejo de preencher o que está ausente que impulsiona a ação. O ativismo de género, assim, pode ser visto como um movimento impulsionado por este desejo de corrigir a falta de equidade de género no setor cultural. As ativistas artistas estão envolvidas num processo contínuo de tentar remediar as ausências — de representação, de visibilidade, de financiamento — que historicamente têm moldado o panorama artístico teatral. No entanto, a negatividade constitutiva também nos lembra que essas ausências nunca podem ser totalmente preenchidas. A estrutura patriarcal e as normas heteronormativas instituídas e rizomatizadas na cultura e na linguagem, garantem que o ativismo de género esteja sempre a lutar contra algo que nunca pode ser totalmente resolvido. O desejo de inclusão plena e de uma representatividade justa está sempre, de certa forma, confrontado com a impossibilidade de erradicar completamente as lógicas de poder excludentes.

Simone Bignall (2010) alerta para a negatividade ambivalente do desejo, que é a forma como o ativismo pode oscilar entre momentos de intensa ação e períodos de apatia. Este fenómeno pode ser observado no ativismo de género no teatro, onde há momentos de grande mobilização — seja para exigir mais visibilidade para artistas femininas, ou para desafiar o sexismo nas instituições culturais — seguidos por períodos de

desilusão ou cansaço. A luta contínua contra as estruturas patriarcais pode levar à frustração, especialmente quando os avanços parecem pequenos ou temporários. Como Bignall (2010) esclarece:

> O problema-chave para o ativismo é que tanto o desejo/ação quanto a apatia/inação são motivados pela negatividade constitutiva. A negatividade geradora tem o potencial de motivar ação e transformação, mas a evidência do mundo sugere que a resposta tende principalmente para a apatia e a inação. Na minha visão, este problema surge porque a apatia e o ativismo estão ambos ligados à mesma força motivadora: a negatividade ambivalente do desejo (Bignall, 2010, p, 11).

Aqui, a negatividade constitutiva pode ser vista como uma força ambivalente: ela tanto motiva o desejo de transformação quanto contribui para o sentimento de apatia quando as metas parecem inatingíveis. No setor cultural, as instituições teatrais mantêm, muitas vezes, formas de exclusão subtis, mesmo quando há esforços para aumentar a diversidade. Por exemplo, as mulheres artistas podem ser incluídas nos programas, mas ainda se encontram nas margens, sem o mesmo reconhecimento ou valorização que os homens. Essa inclusão parcial ou simbólica reflete a dificuldade de superar por completo as hierarquias existentes.

Outro ponto a destacar é a natureza estrutural da negatividade nos Teatros, que são frequentemente moldadas por normas eurocêntricas, patriarcais e heteronormativas. Mesmo quando existe o desejo de transformar essas instituições, os mecanismos internos de poder muitas vezes resistem a mudanças radicais. Isto cria uma tensão constante entre o ativismo e a realidade institucional.

A negatividade constitutiva pode, assim, ser vista como parte das próprias estruturas de poder dentro do setor cultural. A crítica feminista e decolonial frequentemente aponta para a maneira como as instituições culturais reproduzem formas de exclusão, mesmo enquanto promovem discursos de inclusão. O desejo de mudança está constantemente a enfrentar os limites impostos por essas estruturas, o que, por sua vez, pode levar à apatia ou ao desencanto por parte das ativistas e artistas (Bignall, 2010).

No entanto, essa mesma negatividade estrutural também pode servir como um ponto de partida para a ação crítica. Ao reconhecer que as instituições nunca serão completamente transformadas, o ativismo de género pode adotar uma postura de crítica contínua, onde a luta não valida um ponto final de inclusão perfeita, mas um processo contínuo de subversão e transformação. A luta por igualdade e representatividade é, então, marcada pela ambivalência. O desejo de inclusão e transformação está sempre mediado por uma falta estrutural, o que significa que o ativismo opera num terreno onde o sucesso total é impossível. No entanto, essa mesma negatividade pode ser uma força transformadora, uma vez que gera desejo e mantém o movimento vivo.

A chave está em redefinir o ativismo não apenas como uma correção de falhas passadas, mas como um ato criativo que afirma novas subjetividades, práticas culturais e modos de existir. Ao reconhecer a impossibilidade de uma resolução completa, o ativismo de género pode adotar uma abordagem afirmativa, onde a criação contínua e a subversão se tornam a verdadeira medida do sucesso (Bignall, 2010).

Ativismo de Género no sector cultural: Desejo afirmativo

A alternativa inspirada em Deleuze & Guattari (1976; 1995), oferece uma perspetiva diferente do desejo. Em vez de ser impulsionado pela falta, Deleuze & Guattari (1976; 1995) concebem o desejo como uma força afirmativa e produtiva, que denominam de produção desejante. Este modelo desloca o foco da falta para a criação e para o devir. O desejo não é movido pelo que falta, mas pelo que pode ser feito ou criado. Neste sentido, o desejo é positivo e não reativo.

De acordo com esta abordagem, o ativismo não é motivado pela necessidade de resolver uma falta, mas sim pela criação de novas possibilidades de existência, relações e modos de organização. A produção desejante, então, não está ligada à negatividade, mas à diferença afirmativa e à multiplicidade (Deleuze, 1988; Deleuze & Guattari, 1976; 1995). Em vez de ser uma resposta à opressão ou à alienação, o ativismo afirmativo cria novas realidades que não dependem de um ponto de partida negativo.

O ativismo de género no Teatro deve, impreterivelmente, deixar de ser motivado por uma perceção de falta ou negatividade. Tanto a apatia quanto o ativismo tradicional estão presos à mesma lógica de reatividade — uma lógica que é inerentemente limitante porque está sempre a tentar lidar com a negatividade em vez de transcender ou ultrapassar essa dinâmica (Bignall, 2010). A solução, então, seria repensar o ativismo não como uma resposta à falta, mas como um ato criativo em si, baseado numa ontologia do desejo que é afirmativa e geradora, e não vinculada à negatividade. Existe assim a necessidade de um modelo de ativismo que se baseie em desejo afirmativo, onde a transformação social e política não seja apenas uma resposta ao que está mal, mas uma criação ativa de novas formas de ser, que sejam orientadas por forças produtivas e criativas.

O ativismo de género no Teatro tem sido uma força motora essencial na promoção de equidade e visibilidade para artistas e profissionais das artes que, ao longo da história, foram marginalizados ou excluídos. No entanto, quando refletimos sobre esse ativismo conceituado como desejo afirmativo (Deleuze, 1988; Deleuze & Guattari, 1976; 1995) vemos que o movimento não deve ser entendido apenas como uma resposta reativa às estruturas patriarcais e de exclusão, mas como um processo criativo e inovador, que cria novas realidades culturais e subjetividades. Este cruzamento permite-nos olhar para o ativismo de género não apenas como uma luta contra opressões, mas como um movimento afirmativo, que constrói novos modos de ser e existir no espaço cultural.

O desejo afirmativo, ao contrário das conceções tradicionais de desejo como falta ou carência, é entendido como uma força positiva e produtiva, que gera novas formas de vida e subjetividade (Bignall, 2010). De acordo com Deleuze & Guattari (1976; 1995), o desejo não é uma resposta ao que falta, mas um impulso criativo que produz novas realidades. Aplicando esta ideia ao ativismo de género no teatro, podemos argumentar que este movimento não se limita a corrigir as desigualdades históricas, mas, mais importante, cria novos espaços de expressão, novos modos de existência e novos contextos culturais. O ativismo de género, quando visto através desta lente afirmativa, envolve a criação de novas representações e narrativas que desafiam as categorias tradicionais de género, identidade e poder. Por exemplo, artistas feministas e *Queer* não estão apenas a exigir o seu lugar nas instituições culturais tradicionais; elas estão a reinventar as próprias formas

de arte, questionando os cânones estabelecidos e propondo novas estéticas que subvertem a lógica patriarcal e heteronormativa.

Uma das principais distinções entre uma abordagem reativa e afirmativa no ativismo de género reside no foco no devir, em vez de uma simples resistência. A resistência é fundamental, é claro, e o combate contra as opressões patriarcais e colonialistas no setor cultural é uma parte vital do ativismo. No entanto, a abordagem afirmativa vai além dessa luta, enfatizando a capacidade de criar novas formas de expressão, novas práticas e modos de vida (Bignall, 2010). Artistas e ativistas de género no teatro ficam, deste modo, envolvidas numa prática que não apenas responde às desigualdades, mas que cria novos espaços culturais e subjetivos, onde as normas tradicionais são subvertidas e o novo se torna possível (Ferreira, 2024). Este ativismo não se reduz à negação do *status quo*, mas à afirmação de possibilidades radicais. Podemos ver isso em práticas artísticas feministas contemporâneas, que não apenas denunciam o sexismo e a misoginia, mas que também apresentam novas formas de expressão visual e performativa que desafiam a categorização binária de género e criam narrativas alternativas (Ferreira, 2024).

O ativismo de género no Teatro, impulsionado pelo desejo afirmativo, também subverte as hierarquias culturais tradicionais, criando novas formas de poder e de organização cultural (Ferreira, 2024). O desejo afirmativo permite que os ativistas e artistas feministas e *Queer* desafiem a ideia de que as mulheres e os corpos não conformes devem apenas lutar por inclusão dentro de estruturas culturais existentes, que, muitas vezes, permanecem patriarcais e eurocêntricas. Em vez de tentar alcançar inclusão num sistema que foi historicamente estruturado para excluir, os ativistas e artistas que trabalham com uma lógica de desejo afirmativo criam os seus próprios espaços, contextos e redes de solidariedade cultural (Ferreira, 2024). Estes espaços não são apenas uma reação à exclusão, mas são novas criações, onde novas formas de arte e novas modalidades de crítica cultural emergem. Aqui, o desejo afirmativo funciona como uma força que reorganiza o espaço do teatro, gerando modos alternativos de existência e de prática artística (Bignall, 2010).

Por exemplo, coletivos de arte feminista e *Queer* como o *Guerrilla Girls* não se limitam a criticar as instituições culturais tradicionais, elas utilizam o humor, a ironia e a criação de novas formas de arte para expor as desigualdades de género e, ao mesmo tempo, produzem novas narrativas que ampliam as possibilidades de envolvimento e crítica cultural (Guerrilla Girls, s.d.). A prática artística desses coletivos não é apenas uma forma de protesto, é uma forma afirmativa de gerar novas realidades culturais que rompem com o estabelecido.

O desejo afirmativo também permite uma abordagem ao ativismo de género que abraça a multiplicidade e a diferença. A subjetividade de género, tal como a sexualidade, é múltipla, fluida e variada (Butler, 1999). O ativismo de género, quando movido pelo desejo afirmativo, não tenta encaixar todas as pessoas dentro de categorias estáveis ou fixas, mas antes celebra a multiplicidade e a diversidade das subjetividades (Braidotti, 2000). Esta multiplicidade é evidente nas práticas culturais e artísticas contemporâneas, onde artistas e ativistas feministas e *Queer* frequentemente criam obras que desafiam as noções tradicionais de identidade e de representação. O desejo afirmativo permite que essas subjetividades múltiplas e fluídas sejam expressas e celebradas, em vez de serem vistas como uma ameaça à ordem social ou cultural estabelecida. Por exemplo, o trabalho de artistas transgénero e não binários não está apenas a resistir à normatividade de género, mas a criar novas estéticas e narrativas que afirmam modos alternativos de ser e de existir.

Quando aplicamos o desejo afirmativo ao ativismo de género no teatro, podemos ver uma mudança de foco que vai além da inclusão dentro de estruturas já existentes. Em vez de apenas exigir que as instituições incluam mais mulheres ou artistas *Queer* nas suas programações, o desejo afirmativo questiona as próprias bases dessas instituições. Ele desafia as hierarquias e valores que têm sustentado as exclusões históricas e propõe formas alternativas de organizar e realizar arte e cultura (Bignall, 2010). Por exemplo, o ativismo de género afirmativo no Teatro pode envolver a criação de novas produções teatrais, onde as tradições feministas, decoloniais e *Queer* moldam a forma como são estruturadas, desafiando a ideia de que o cânone cultural ocidental é o único referencial válido. O ativismo afirmativo também pode sugerir novas formas de gestão cultural, onde a colaboração, a solidariedade e a interseccionalidade moldam as práticas institucionais, rompendo com as formas hierárquicas tradicionais de organização.

O ativismo de género no Teatro motivado pelo desejo afirmativo sugere um movimento que não está apenas preocupado com a correção de injustiças passadas, mas que está orientado para a criação de novas realidades culturais e subjetivas. Em vez de ver o desejo como algo que responde a uma falta ou carência, este ativismo assume o desejo como uma força criativa, uma potência que gera novas possibilidades e abre novos caminhos (Deleuze & Guattari, 1976; 1995). O ativismo de género afirmativo não se limita a corrigir a exclusão ou a lutar por inclusão nas estruturas já existentes. Ele transforma o próprio campo cultural, criando novas práticas, novas estéticas e novas formas de existir. Neste sentido, o ativismo de género torna-se não apenas uma força de resistência, mas uma força criativa que está continuamente a expandir o horizonte do que é possível, transformando as estruturas teatrais em algo mais inclusivo, diverso e radicalmente novo.

Referências bibliográficas

Barca, F. e Murphy, A. (2019). Equal Access For Women To The Labour Market And Leadership Positions. In Christensen-Redzepovic, E. (Edit), *Gender Equality: Gender Balance in the Cultural and Creative Sectors Brainstorming Report Reflecting Group Discussions During Voices of Culture Session*, *Prague, 4-5 September 2019, Voices of Culture Gender Balance in the Cultural and Creative Sectors*, pp. 6-21.

Bignall, S. (2010). Desire, Apathy and Activism. In Svirsky, M (Edit.), *Deleuze and Political Activism*. Edinburgh University Press, pp. 7-28.

Braidotti, R. (2000). *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Paidós.

Burton, R. e Newman, L.Z. (2016). Equity in Theatre: A Project for Change. *University of Toronto Press,* Vol. 165, pp. 5-7. https://www.utpjournals.press/doi/full/10.3138/ctr.165.001

Butler, J. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge.

Corbat, Y e González, S.M. (2020). State of the Arts Report about the situation of women artists and professionals in the Cultural and Creative Industries sector in Europe. *Women´s Arts*. http://www.womarts.eu/upload/01-LI-WOMART-1-20-6.pdf

Deleuze, Gilles (1988). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 1. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix (1976). *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora 34.

Ferreira, H.G. (2024). *"Chatas, loucas e com mau feitio": Artistas de Teatro, Poder e Género [Tese de Doutoramento no Prelo].* Universidade de Aveiro.

Fraipont, A. (2016, julho 19). Identité de genre et discrimination: la culture n'est pas épargnée. *Smart.* https://smartbe.be/fr/comprendre/publications/education-permanente/identite-de-genre-et-discriminations-la-culture-nest-pas-epargnee/

Guerrilla Girls (s.d.). *Guerrillha Girls.* https://www.guerrillagirls.com/

Lacan, J. (2017). *O Seminário Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.

Pascal, J. (2018, April 24). Women are being excluded from the stage. It's time for quotas. *The Guardian* https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/apr/24/women-theatre-quotas-stage-gender

Women in Theatre Forum: Women Centre Stage (2020). *Women in Theatre Forum Report Part one Developing strategies to improve gender equality in theatre.* United Kingdom: Sphinx Theatre, University Women in the Arts and December Group. https://sphinxtheatre.co.uk/wp-content/uploads/2021/01/Women-in-Theatre-Forum-Report-2020.pdf

Gender Activism In Theatre: affirmative desire as a creative force

Helena Gonçalo Ferreira[1]

Abstract

This article analyzes gender activism in theatre from the perspectives of constitutive negativity and affirmative desire. Historically, women have been underrepresented in the cultural sector, and the COVID-19 pandemic exacerbated gender inequalities, highlighting the urgent need for changes in policies and artistic organizations. Through the lens of constitutive negativity (Bignall, 2010), inspired by Lacan (2017), gender activism is viewed as a response to a structural lack of recognition and power for women and marginalized groups. However, feminist and queer struggles constantly face the barriers of patriarchal and heteronormative structures, which can lead to apathy and frustration. On the other hand, the article explores the affirmative desire of Deleuze & Guattari (1976), which offers a more productive and creative approach to activism. Instead of being a mere reaction to exclusion, affirmative desire promotes the creation of new forms of existence, subjectivities, and cultural practices. Gender activism, driven by this creative force, subverts cultural hierarchies and reinvents organizational forms in theatre. Gender activism motivated by affirmative desire enables profound transformation of cultural structures, promoting not only inclusion but also the creation of new cultural realities that are more inclusive and diverse.

Keywords

Gender activism; Theatre; Constitutive negativity; Affirmative desire; Creation of the new

Thematic Context

Historically, women have been underrepresented in theatre and face challenges that require serious attention and action. The COVID-19 pandemic has exponentially worsened gender inequality, pushing many women to the brink of extreme poverty and demonstrating the urgent need for changes in policies and artistic organization to achieve effective transformations (Ferreira, 2024).

European statistics clearly show that "women are clearly and shamefully underrepresented in the vast majority of subsectors of the cultural sector" (Corbat & González, 2020, p. 80) and in life more generally. Throughout recent European history, female artists and creators have suffered from a lack of recognition, with a markedly lower presence on the lists of prestigious international and national awards and in juries and festivals (Corbat & González, 2020). Artistic or national theatre directors are predominantly men (Corbat & González, 2020). As a consequence, various networks, lobbies, movements, and associations in Europe are collecting data to clearly demonstrate this imbalance in the sector (Corbat & González, 2020). Nevertheless, some still argue that "mentalities are evolving, and therefore, it will not be necessary to undertake external work on the matter" (Fraipont, 2016, p. 5). Studies on the cultural labor market in Europe from a gender perspective are urgent and necessary for the European Commission to take measures to address gender disparities and imbalances (Corbat & González, 2020).

1. PhD Candidate in Cultural Studies, University of Aveiro. E-mail: hcarla@ua.pt

In 2018, Júlia Pascal pointed out that analyzing the situation in theatre, where she has worked all her life, is an excellent indicator of the discrimination faced by women in the performing arts, as the male-dominated elite refuses to share power. Pascal argues that this situation will not resolve itself, because without equal representation, women will never have equal opportunities to win awards and gain recognition. Thus, achieving workplace equality, with a 50/50 representation for actresses, directors, playwrights, and theatre managers, is imperative. As much as one may dislike the idea of quotas, "decades of disenfranchisement mean that female artists and audiences have been misled," leading to the urgent need for their implementation (Pascal, 2018, n/p). Indeed, greater inclusion and parity in decision-making positions could genuinely change the situation, offering more opportunities for women, racialized individuals (especially women), LGBT individuals, and people with disabilities working in the sector (Fraipont, 2016). Equity can only be achieved when the experiences of all marginalized individuals are represented. Alliances can only exist if and when "privileged theatre professionals recognize the spaces of privilege they inhabit and step aside so that others can create and occupy space and opportunity" (Burton & Newman, 2016, p. 7).

Working groups that have reflected on this issue have revealed the extreme importance of encouraging women to enter the cultural sector, as well as promoting those already present through policies aimed at achieving gender equality (Barca & Murphy, 2019). We base this analysis on data from the Women in Theatre Forum, held in 2020 in the United Kingdom. These data are highly revealing and provide insight into the numerous associations and activist movements in the UK that are concerned with gender inequality in theatre. In contrast, in Portugal, there is not a single association or movement focused on defending the rights of female artists, nor has gender inequality in theatre been publicly prioritized or documented.

The Women in Theatre Forum revealed deep gender inequalities in the cultural sector, specifically in theatre. Financed by the Arts Council of England, the forum involved several organizations, including Sphinx Theatre, University Women in the Arts, The Writers' Guild of Great Britain, Equity, ERA 50:50, Black Womxn in Theatre, PIPA, and others. The evidence highlights the urgent need to combat gender inequality in theatre. The Writers' Guild emphasized that this issue is often viewed as resolved, which does not reflect reality (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

Research presented at the forum suggests that, without specific measures, the situation for female artists will worsen, especially as there are no references to women or gender inequality in the Arts Council's ten-year strategy. The forum's report appeals to the UK government, policymakers, and artistic organizations to adopt a gender perspective in their decisions and ensure gender-balanced teams, guaranteeing that post-pandemic reconstruction benefits all. Key themes identified include the underrepresentation of female artists, the need to change attitudes towards these women, improving transparency in recruitment and selection processes, and training decision-makers to promote changes in artistic policies and organizations (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

All associations and movements involved in the forum considered the data presented in this report an essential tool for gender activism in the cultural sector. These data allow activists to base their demands on

concrete evidence, expose exclusionary dynamics, and demand structural changes in cultural policies (Women in Theatre Forum: Women Centre Stage, 2020).

Gender Activism in the Cultural Sector: Constitutive Negativity

Constitutive negativity refers to the notion that the subject, or "self," is formed through a sense of lack or internal division. This lack defines the very existence of the subject, as we are constantly trying to fill or resolve this absence. Desire, in this view, is driven by the perception of absence or incompleteness— the subject desires something because they feel they are missing something or are incomplete (Lacan, 2017). This concept is largely inspired by theories like Lacan's (2017), where desire is always directed towards something perceived as beyond the subject's reach.

Gender activism in theatre, then, emerges as a response to a structural lack—a lack of recognition, representation, access, and power for women and marginalized groups (Lacan, 2017). In this sense, constitutive negativity is at the heart of this activism, as feminist and queer movements seek to fill these gaps with voices, bodies, and stories that have been systematically erased or devalued (Bignall, 2010).

According to Lacan (2017), desire is always structured by lack, and it is this desire to fill the absence that drives action. Gender activism, therefore, can be seen as a movement motivated by the desire to correct the lack of gender equity in the cultural sector. Female artists are continuously engaged in trying to remedy the absences—of representation, visibility, and funding—that have historically shaped the theatrical landscape. However, constitutive negativity also reminds us that these absences can never be fully resolved. Patriarchal structures and heteronormative norms, deeply ingrained in culture and language, ensure that gender activism is always fighting against something that can never be completely eradicated. The desire for full inclusion and fair representation is constantly confronted with the impossibility of completely dismantling exclusionary power structures.

Simone Bignall (2010) warns of the ambivalent nature of desire, which can lead activism to oscillate between moments of intense action and periods of apathy. This phenomenon can be observed in gender activism in theatre, where moments of significant mobilization—for more visibility for female artists or to challenge sexism in cultural institutions—are often followed by disillusionment or exhaustion. The continuous struggle against patriarchal structures can lead to frustration, particularly when progress seems minor or temporary. As Bignall (2010) explains:

> The key problem for activism is that both desire/action and apathy/inaction are prompted by constitutive negativity. Generative negativity has the potential to drive action and transformation, but worldly evidence suggests that the response mostly tends towards apathy and inaction. In my view, this problem arises because apathy and activism are both tied to the same motivational force: the ambivalent negativity of desire (Bignall, 2010, p. 11).

Here, constitutive negativity can be seen as an ambivalent force: it motivates the desire for transformation while also contributing to apathy when goals seem unattainable. In the cultural sector, theatrical institutions often maintain subtle forms of exclusion, even when efforts are made to increase diversity. For instance,

female artists may be included in programs but still remain on the margins, without the same recognition or value accorded to men. This partial or symbolic inclusion reflects the difficulty of fully overcoming existing hierarchies.

Another important point is the structural nature of negativity in theatres, which are often shaped by Eurocentric, patriarchal, and heteronormative norms. Even when there is a desire to transform these institutions, internal power mechanisms often resist radical changes. This creates a constant tension between activism and institutional reality.

Constitutive negativity, therefore, can be seen as part of the power structures within the cultural sector itself. Feminist and decolonial critiques often point out how cultural institutions reproduce forms of exclusion, even while promoting inclusion discourse. The desire for change constantly encounters the limits imposed by these structures, leading to apathy or disillusionment among activists and artists (Bignall, 2010).

However, this structural negativity can also serve as a starting point for critical action. By recognizing that institutions will never be fully transformed, gender activism can adopt a stance of continuous critique, where the struggle does not validate a final point of perfect inclusion but becomes a continuous process of subversion and transformation. The fight for equality and representation, then, is marked by ambivalence. The desire for inclusion and transformation is always mediated by structural lack, meaning that activism operates in a space where total success is impossible. Yet, this same negativity can be a transformative force, as it generates desire and keeps the movement alive.

The key is to redefine activism not simply as a correction of past failures, but as a creative act that affirms new subjectivities, cultural practices, and ways of existing. By acknowledging the impossibility of a complete resolution, gender activism can adopt an affirmative approach, where continuous creation and subversion become the true measures of success (Bignall, 2010).

Gender Activism in the Cultural Sector: Affirmative Desire

The alternative perspective, inspired by Deleuze & Guattari (1976; 1995), offers a different understanding of desire. Rather than being driven by lack, Deleuze & Guattari (1976; 1995) conceive desire as an affirmative and productive force, which they call "desiring-production." This model shifts the focus from lack to creation and becoming. Desire is not motivated by what is missing, but by what can be made or created. In this sense, desire is positive and not reactive.

According to this approach, activism is not driven by the need to resolve a lack, but by the creation of new possibilities for existence, relationships, and organizational modes. Desiring-production is not tied to negativity but to affirmative difference and multiplicity (Deleuze, 1988; Deleuze & Guattari, 1976; 1995). Instead of being a response to oppression or alienation, affirmative activism creates new realities that do not depend on a negative starting point.

Gender activism in theatre must stop being motivated by a perception of lack or negativity. Both apathy and traditional activism are trapped in the same logic of reactivity—a logic that is inherently limiting because it is always trying to address negativity rather than transcend or overcome that dynamic (Bignall, 2010). The solution, then, would be to rethink activism not as a response to lack, but as a creative act in itself, based on an ontology of desire that is affirmative and generative, not bound to negativity. There is, thus, a need for a model of activism based on affirmative desire, where social and political transformation is not just a response to what is wrong, but an active creation of new ways of being, guided by productive and creative forces.

Gender activism in theatre has been a driving force in promoting equity and visibility for artists and cultural professionals who, throughout history, have been marginalized or excluded. However, when we reflect on this activism as affirmative desire (Deleuze, 1988; Deleuze & Guattari, 1976; 1995), we see that the movement should not be understood only as a reactive response to patriarchal and exclusionary structures, but as a creative and innovative process that creates new cultural realities and subjectivities. This intersection allows us to see gender activism not just as a struggle against oppression, but as an affirmative movement that builds new ways of being and existing in the cultural space.

Affirmative desire, as opposed to traditional conceptions of desire as lack or need, is understood as a positive and productive force that generates new forms of life and subjectivity (Bignall, 2010). According to Deleuze & Guattari (1976; 1995), desire is not a response to what is missing, but a creative impulse that produces new realities. Applying this idea to gender activism in theatre, we can argue that this movement is not merely about correcting historical inequalities, but, more importantly, creating new spaces for expression, new ways of existing, and new cultural contexts. Gender activism, when viewed through this affirmative lens, involves the creation of new representations and narratives that challenge traditional categories of gender, identity, and power. For example, feminist and queer artists are not just demanding their place within traditional cultural institutions; they are reinventing art forms, questioning established canons, and proposing new aesthetics that subvert patriarchal and heteronormative logic.

One of the main distinctions between reactive and affirmative approaches to gender activism lies in the focus on becoming rather than mere resistance. Resistance is fundamental, of course, and the fight against patriarchal and colonialist oppression in the cultural sector is a vital part of activism. However, the affirmative approach goes beyond this struggle, emphasizing the capacity to create new forms of expression, new practices, and ways of life (Bignall, 2010). Gender artists and activists in theatre, therefore, engage in a practice that not only responds to inequalities but creates new cultural and subjective spaces where traditional norms are subverted and the new becomes possible (Ferreira, 2024). This activism is not reduced to the negation of the status quo but to the affirmation of radical possibilities. We can see this in contemporary feminist artistic practices, which not only denounce sexism and misogyny, but also present new forms of visual and performative expression that challenge binary gender categorization and create alternative narratives (Ferreira, 2024).

Gender activism in theatre, driven by affirmative desire, also subverts traditional cultural hierarchies, creating new forms of power and cultural organization (Ferreira, 2024). Affirmative desire allows feminist and queer activists and artists to challenge the idea that women and non-conforming bodies should merely fi-

ght for inclusion within existing cultural structures, which often remain patriarchal and Eurocentric. Instead of trying to achieve inclusion in a system historically structured to exclude, activists and artists working with an affirmative desire logic create their own spaces, contexts, and networks of cultural solidarity (Ferreira, 2024). These spaces are not just a reaction to exclusion but are new creations, where new forms of art and new modes of cultural criticism emerge. Here, affirmative desire acts as a force that reorganizes the theatre space, generating alternative modes of existence and artistic practice (Bignall, 2010).

For example, feminist and queer art collectives like the Guerrilla Girls do not limit themselves to criticizing traditional cultural institutions; they use humor, irony, and the creation of new forms of art to expose gender inequalities while producing new narratives that expand possibilities for cultural engagement and critique (Guerrilla Girls, n.d.). Their artistic practice is not just a form of protest but an affirmative form of generating new cultural realities that break with the established order.

Affirmative desire also allows for an approach to gender activism that embraces multiplicity and difference. Gender subjectivity, like sexuality, is multiple, fluid, and varied (Butler, 1999). Gender activism, when driven by affirmative desire, does not attempt to fit all people into stable or fixed categories but instead celebrates the multiplicity and diversity of subjectivities (Braidotti, 2000). This multiplicity is evident in contemporary cultural and artistic practices, where feminist and queer artists and activists frequently create works that challenge traditional notions of identity and representation. Affirmative desire allows these multiple and fluid subjectivities to be expressed and celebrated rather than being seen as a threat to the established social or cultural order. For example, the work of transgender and non-binary artists does not merely resist gender normativity but creates new aesthetics and narratives that affirm alternative ways of being and existing.

When we apply affirmative desire to gender activism in theatre, we see a shift in focus that goes beyond inclusion within already existing structures. Instead of simply demanding that institutions include more women or queer artists in their programs, affirmative desire questions the very foundations of these institutions. It challenges the hierarchies and values that have sustained historical exclusions and proposes alternative ways of organizing and curating art and culture (Bignall, 2010). For example, affirmative gender activism in theatre might involve the creation of new theatrical productions, where feminist, decolonial, and queer traditions shape how they are structured, challenging the idea that the Western cultural canon is the only valid reference point. Affirmative activism can also suggest new forms of cultural management, where collaboration, solidarity, and intersectionality shape institutional practices, breaking with traditional hierarchical forms of organization.

Gender activism in theatre motivated by affirmative desire suggests a movement that is not only concerned with correcting past injustices but is oriented towards the creation of new cultural and subjective realities. Rather than seeing desire as something that responds to lack or need, this activism embraces desire as a creative force, a potency that generates new possibilities and opens new pathways (Deleuze & Guattari, 1976; 1995). Affirmative gender activism does not merely correct exclusion or fight for inclusion in already existing structures. It transforms the cultural field itself, creating new practices, new aesthetics, and new ways of existing. In this sense, gender activism becomes not only a force of resistance but a creative force that con-

tinuously expands the horizon of what is possible, transforming theatrical structures into something more inclusive, diverse, and radically new.

Bibliographic References

Barca, F. e Murphy, A. (2019). Equal Access For Women To The Labour Market And Leadership Positions. In Christensen-Redzepovic, E. (Edit), *Gender Equality: Gender Balance in the Cultural and Creative Sectors Brainstorming Report Reflecting Group Discussions During Voices of Culture Session*, *Prague, 4-5 September 2019, Voices of Culture Gender Balance in the Cultural and Creative Sectors*, pp. 6-21.

Bignall, S. (2010). Desire, Apathy and Activism. In Svirsky, M (Edit.), *Deleuze and Political Activism*. Edinburgh University Press, pp. 7-28.

Braidotti, R. (2000). *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Paidós.

Burton, R. e Newman, L.Z. (2016). Equity in Theatre: A Project for Change. *University of Toronto Press,* Vol. 165, pp. 5-7. https://www.utpjournals.press/doi/full/10.3138/ctr.165.001

Butler, J. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge.

Corbat, Y e González, S.M. (2020). State of the Arts Report about the situation of women artists and professionals in the Cultural and Creative Industries sector in Europe. *Women´s Arts*. http://www.womarts.eu/upload/01-LI-WOMART-1-20-6.pdf

Deleuze, Gilles (1988). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 1. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix (1976). *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora 34.

Ferreira, H.G. (2024). *"Chatas, loucas e com mau feitio": Artistas de Teatro, Poder e Género [Tese de Doutoramento no Prelo].* Universidade de Aveiro.

Fraipont, A. (2016, julho 19). Identité de genre et discrimination: la culture n'est pas épargnée. *Smart.* https://smartbe.be/fr/comprendre/publications/education-permanente/identite-de-genre-et-discriminations-la-culture-nest-pas-epargnee/

Guerrilla Girls (s.d.). *Guerrillha Girls.* https://www.guerrillagirls.com/

Lacan, J. (2017). *O Seminário Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.

Pascal, J. (2018, April 24). Women are being excluded from the stage. It's time for quotas. *The Guardian* https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/apr/24/women-theatre-quotas-stage-gender

Women in Theatre Forum: Women Centre Stage (2020). *Women in Theatre Forum Report Part one Developing strategies to improve gender equality in theatre.* United Kingdom: Sphinx Theatre, University Women in the Arts and December Group. https://sphinxtheatre.co.uk/wp-content/uploads/2021/01/Women-in-Theatre-Forum-Report-2020.pdf

Movimento Cultural Manguebeat: ativando reflexões sobre o lazer, o corpo e a cidade

Aline Britto Rodrigues[1]

> Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários[2].

Esse ensaio objetiva refletir sobre a constituição do Movimento Manguebeat a partir das relações entre a cidade, o lazer e o corpo. Durante a década de 1990, Recife afundou-se em um contexto de miséria que abrangia fome, altas taxas de mortalidade infantil, poluição do ar, violência, injustiças sociais, escassez de água, alagamentos provocados pelas chuvas, entre outros problemas. A cultura local ressentia esse mal-estar generalizado. Convém considerar ainda, que o estado se mantinha "prisioneiro de valores coloniais, como o latifúndio e o conservadorismo senhorial" (Melo Neto, 2003, p. 17).

Nesse período, inquietos e insatisfeitos com essa realidade, Chico Science[3] e um grupo de amigos se reuniram sob as lentes da geografia cultural e recorreram à música para (en)cantar esse lugar (Monte; Rosa, 2016). Fred Jordão indica que, tudo começou "com uma notícia catastrófica, né? Para o ego do pernambucano, que Recife era a 4ª pior cidade para se viver no mundo"[4] (*Chico Science: um caranguejo elétrico*, 2016). Esse dado estatístico não somente provocou o ego da população, como também aguçou a criatividade e potência de um grupo de amigos, que entoou

> O homem coletivo sente a necessidade de lutar. O orgulho, a arrogância, a glória enchem a imaginação de domínio. São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade. Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi! Antônio Conselheiro, todos os Panteras Negras, Lampião sua imagem e semelhança. Eu tenho certeza: eles também cantaram um dia.

O trecho acima compõe a vinheta *Monólogo ao pé do ouvido*, situada na primeira faixa do álbum *Da Lama ao Caos,* lançado em 1994, por Chico Science e Nação Zumbi. Com uma narrativa de tom afirmativo, o grupo sugere um ativismo militante, ao fornecer às/aos receptoras(es) um universo de força contestatória (Souza, 2013). Já na faixa *A cidade*, do mesmo disco, nota-se, por exemplo, uma crítica às desigualdades sociais entre a população periférica e a classe alta.

---

1. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Eunápolis. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2. Recife é a capital do estado de Pernambuco, que está situado na região geográfica do nordeste do Brasil. Esse texto refere-se um excerto de um release escrito por Fred Zero Quatro, nome artístico utilizado pelo cantor e compositor brasileiro Fred Rodrigues Montenegro, um dos precursores do Movimento Cultural Manguebeat.

3. Apelido do artista Francisco de Assis França (1966-1997).

4. Fred Jordão é um jornalista pernambucano que participou do projeto Manguebeat. A informação à qual ele se refere foi divulgada pelo instituto de estudos populacionais de Washington (Chico Science: um caranguejo elétrico, 2016).

> No meio da esperteza internacional. A cidade até que não está tão mal. E a situação sempre mais ou menos. Sempre uns com mais e outros com menos. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.

No entanto, o movimento conduzido por Chico Science não se caracteriza como um gênero musical, ao passo que se desnuda como uma cena cultural que recorre à processos de negociação em substituição ao confronto (Melo Neto, 2003). Dentre as características desse projeto, encontra-se "a interconexão da cultura popular local com ritmos mundializados" (Lara; Pimentel, 2005, p. 63). Science foi evidenciado como o maior expoente desse movimento, ele "vinha de experiências infantis com a ciranda e a coleta de caranguejos no mangue. Na adolescência, encantou-se com a *black music* e o *rock* dos anos 60. Também se envolveu com o *Hip Hop*, movimento que, partindo da música, engloba moda, atitude, dança", entre outros elementos (Lara; Pimentel, 2005, p. 65).

É válido dizer que identificar uma manifestação cultural tal como um frevo ou um maracatu ocorre não apenas pelo movimento em si, mas sim por uma variedade de elementos que também a caracterizam, assim como ritmos, letras, vestimentas ou expressões simbólicas. Para além disso, o modo com o qual o

> gestual popular é delineado está, sobretudo, relacionado à produção histórico-cultural da comunidade (seus ritos, sua religiosidade, sua forma de se relacionar com o antigo e o novo, suas construções normativas ético-estéticas para convivência em grupo e para o desenvolvimento de dada manifestação cultural) (Lara, 2007, p. 113).

Seria possível, então, pensar no engendramento de movimentos culturais a partir das relações entre a cidade, o lazer e o corpo? Na busca de uma interlocução com essa problemática, o referencial teórico que adoto nesse ensaio é somado à trechos dos documentários *Chico Science: um caranguejo elétrico* (2016) e *Manguebeat: esse som* é massa (2021) na busca de conexões que viabilizem o diálogo com as táticas (Certeau, 1996) assumidas pelos idealizadores do Manguebeat.

Ressalto que, uma aproximação com o tema permite o reconhecimento de ações que levaram a uma revitalização inédita do universo pernambucano com base em uma

poesia marcada por vanguardas culturais, a exemplo do *hip hop*, do *reggae* e do *punk*. Esses, entre outros aspectos somados à *Cena Recifense* dos anos 90, redimensionaram "o conceito de cidade e de identidade nas fronteiras culturais" e motivaram expressões culturais diversas (Melo Neto, 2003, p. 7).

De modo geral, o grupo contribuiu com a construção de um imaginário que identificou Recife como *Manguetown*. Essa associação foi inspirada no romance *Homens e Caranguejo* (1967), de autoria de Josué de Castro, um pesquisador pernambucano que delineou um perfil da pobreza recifense. *Manguetown* não correspondeu a uma mera substituição do ser Recife, mas sim, a uma invenção de um universo paralelo, cuja imagem poética associou a realidade com códigos de tipos variados, bem como "cibernéticos, psicodélicos, históricos, folclóricos, etc." (Melo Neto, 2003, p. 17).

Ancorado nessa realidade, Chico também elaborou uma *persona*, a figura do *mangueboy*, que detinha uma visão de mundo que se propunha a driblar as tensões inerentes às condições de existência das(os) pobres para ir ao encontro da recuperação da autoestima das(os) habitantes da cidade do Recife. O *mangueboy* é

"algo que oscila entre o malandro e o trabalhador esperto, invocado e 'antenado' com as boas vibrações e com diversão" (Melo Neto, 2003, p. 18).

As reflexões que enredam esse ensaio buscaram premissas nos Estudos Culturais. Dentre esses, Geertz (2008) fundamenta-se em Max Weber para defender que somos animais amarrados a uma teia de significados tecida por nós mesmos. Nesse sentido, a cultura é entendida como essa teia e suas análises diferem-se do que ocorre com uma ciência experimental a procura de leis, já que ela se configura como uma ciência interpretativa na busca por significados. Com isso, percebo que, as experiências do *mangueboy* Chico Science, inexoravelmente, compõem uma teia de significados e extrapolam a dimensão individual. Logo, podem corroborar com a tessitura de um movimento cultural que emerge das/nas relações entre os corpos e os espaços, sobretudo, aqueles que proporcionam (ou deveriam proporcionar) diversão e lazer.

Pesquisas e documentários que se debruçaram sobre o Manguebeat transitam pela temática, mesmo que indiretamente. Relatos de Chico Science e demais personagens de seu grupo musical evidenciavam que a escassez de equipamentos de lazer na cidade do Recife era um problema que se somava a todos os demais já citados, assim como a fome e a degradação dos rios. De antemão, recorro a uma concepção de lazer que o associa às necessidades humanas e às dimensões da cultura. Caminho por uma perspectiva que, normalmente, designa essa atividade relacionand0-a à ludicidade, como constituinte de "uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto – e não somente nas chamadas sociedades modernas, urbanizadas e industrializadas" (Gomes, 2014, p. 9). Não menos importante, defendo esse fenômeno como um direito social, assim como está no texto da Constituição Federal Brasileira:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao **lazer**, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, grifo meu).

Na contramão desse direito, Gilmar Bola 8[5] relembra que a cidade "não tinha uma pista de skate, os cinemas estavam fechando, não tinha casas de show, não tinha nem som, as bandas do sudeste vinham com um caminhão de som porque aqui não tinha nem isso". Fred Zero Quatro endossa essa ideia ao dizer que nos anos de 1990 Recife "era uma cidade realmente infernal, era um ambiente completamente hostil para esse tipo de linguagem que a gente se interessava" (*Manguebeat: Esse som* é *massa,* 2021). Ou seja, era uma cidade que sufocava a voz de seus jovens (Melo Neto, 2003).

A minha inquietação diante do tema que proponho surgiu no período que cursei a disciplina *Lazer, Corpo e Cidade*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ministrada pela professora Dra. Simone Aparecida Rechia[6]. As discussões fomentadas naquele momento me fizeram revisitar o Movimento Manguebeat e questionar quais foram as brechas encontradas pelos precursores do Movimento Manguebeat a ponto de elevarem a cultura local mesmo diante de tantas "estratégias" desfavoráveis?

5. Nome artístico de Gilmar Guimarães, que foi percussionista da banda Chico Science & Nação Zumbi.

6. Sou doutoranda do programa desde o ano de 2021 e estou sob a orientação do professor Dr. Hélder Ferreira Isayama.

Dentre essas brechas, destaquei a relação que o grupo estabeleceu entre a história do Recife e os rios e os mangues da cidade. Uma simbiose que pode ser justificada pelas experiências das infâncias daquele coletivo. O músico Gilmar Bola 8 nos conta que a vida nas comunidades ribeirinhas era constantemente associada à pesca, ao banho no rio e demais brincadeiras à sua margem. O rio Beberibe[7] inspirou, inclusive, o nome do bairro Peixinhos, pois as "lavadeiras diziam: 'vamo, vou lavar roupa no rio dos peixinhos e... mais à frente já começava o mangue, né? Que a gente ia pra pescar caranguejo" (*Manguebeat: Esse som é massa,* 2021).

Chico Science cresceu nessa região e, segundo sua irmã, "ele era levado, ele era da rua" (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). Não obstante, a degradação dos rios não passou despercebida nas obras de autoria de seu grupo musical: *Rios pontes e overdrives, impressionantes esculturas de lama. Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue!*[8] As vivências de Chico nesses espaços o permitiram observar que, ao longo dos anos os rios cresceram "junto com a marginalidade da fome que faz os caranguejos ficarem espumando e os homens babando ... É a espuma e a baba da fome. A geografia cotidiana mostra que o Recife está afundando na lama" (*Manguebeat: Esse som é massa,* 2021).

Nesse cenário, aponto como tática utilizada pelo grupo a união entre os músicos. De acordo com Fred Zero Quatro, "se a gente não se unisse a gente não tinha a menor chance pra chamar a atenção dos empresários, pra chamar a atenção da mídia e tal, a gente tinha que romper que uma cultura que existia aqui individualista" (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). Outra tática que assumiram foi a analogia que estabeleceram entre o mangue (enquanto um rico ecossistema biológico) e a necessidade de se compor um universo musical tão rico e diversificado como tal (Abrantes, 2011).

A composição desse universo musical foi possível devido às experimentações de culturas variadas ao longo da vida de Chico Science (Lara; Pimentel, 2005). Desse modo, o grupo criou canções que desenvolveram misturas pouco prováveis, "como de ensolaradas guitarras africanas, tambores, rock inglês, dub jamaicano e funk intergaláctico" (Abrantes, 2011, p. 25). Para tanto, o artista Chico dialogou com referências na própria comunidade. Ele foi até o *Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo* para intercambiar ideias com o Mestre Meia Noite[9]. Acerca desse encontro, o mestre rememorou que toda a movimentação "foi sendo construída no próprio **corpo** [do Chico]" (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico*, 2016, grifo meu).

Observamos, então, que nas brechas de uma realidade citadina,

> Os homens do mangue – os caranguejos com cérebro – recicla[ram] a cultura recifence, difundindo-a pelo mundo, e possibilitam focos [fossem] dados às manifestações populares antes marginalizadas. Instaura[ram] **representações corporais** próprias que não perde[ram] nem a ludicidade, nem seu potencial crítico-criativo (Lara; Pimentel, 2005, p. 72, grifo meu).

É preciso ressaltar que, essas táticas desviacionistas (entre outras assumidas pelo grupo) dependem de circunstâncias e possibilidades, pois

7. Um dos rios que compõem a área urbana de Recife.

8. Trecho da música *Rios, Pontes & Overdrives*, segunda faixa do álbum *Da Lama ao Caos*.

9. Gilson Santana é o nome do Mestre Meia Noite, que, além de mestre de capoeira é bailarino e fundador do centro cultural referenciado.

> Não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este. Sob esse ponto de vista, são tão localizáveis como as estratégias tecnocráticas (e escriturísticas) que visam criar lugares segundo modelos abstratos. O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar (Certeau, 1994, p. 92).

Ao condensar miséria, tecnologia, diversão e crítica, "tudo isso num tom de farsa e, de certa forma, humor", o Movimento Manguebeat estendeu suas raízes e multiplicou- se (Melo Neto, 2003, p. 19). Esse movimento de recuperação de elementos da cultura folclórica regional, a exemplo do maracatu, da embolada, dos caboclos de lança, das cantigas de roda e as suas interconexões com alguns ritmos da cultura pop mundial como o rock, reggae, funk e hip hop resgatou uma tendência estética e musical denominada híbrida (Abrantes, 2011, p. 27).

"Science teve o mérito de ter entendido a lógica massiva e a posto numa perspectiva crítica. Fez a hibridação entre o popular e o massivo, embora sem deixar que, hegemonicamente, o popular fosse influenciado pela ótica dominante" (Lara; Pimentel, 2005, p. 71). Contudo, preciso reforçar que "os processos de hibridização analisados pela teoria contemporânea nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos. Eles estão ligados à histórias de ocupação, colonização e destruição. Trata-se, na maioria dos casos, de uma hibridização forçada" (Silva, 2014, p. 87).

Em suma, diante das possibilidades e dos desafios atrelados ao processo de Globalização, o grupo aliou-se à musicalidade para tensionar aspectos políticos, sociais e culturais e, assim, desenhou uma paisagem que apresentou uma região para o mundo (Monte; Rosa, 2016). É importante lembrar "que problematizar a cultura é um ato político" (Melo Neto, 2003, p. 10). De modo lúdico e isento de inocência, o movimento Manguebeat revisitou as raízes culturais pernambucanas e "lançou seus tentáculos em direção aos outros continentes" (Melo Neto, 2003, p. 10).

O grupo levou a diversão a sério com a intenção de melhorar a cidade do Recife para se viver ali. Com essa postura, "Chico mudou a visão, o comportamento da juventude brasileira sobre a cultura popular" (André Jung, em *Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). Em um mesmo espaço da cidade, era possível observar *B- boys*, dançarinos de côco e cantores de *reggae*. Vozes e práticas corporais daquele período ainda hoje encantam o cenário artístico brasileiro e mundial, confirmando, assim, que a interconexão entre lazer, corpo e cidade pode provocar movimentos culturais que ressoam críticas, reflexões e diversão de modo atemporal.

Referências

ABRANTES, Terêsa Maria Otranto. Chico Science: a poesia e a dança. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 5, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2011. Disponível em: https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2914. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHICO Science, Um caranguejo elétrico. Direção: José Eduardo Miglioli Junior. Ancine: Agência Nacional do Cinema, 2016 (1h 44min).Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j299EbU-UnQ>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

FRANÇA, Francisco de Assis. A cidade. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Musica: 1994 (4min 47).

FRANÇA, Francisco de Assis. Monólogo ao pé do ouvido. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Musica: 1994 (5min 08).

FRANÇA, Francisco de Assis; MONTENEGRO, Fred Rodrigues. Rios, Pontes & Overdrives. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Musica: 1994 (4min 04).

GEERTZ. Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A., 1989.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer,** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430. Acesso em: 18 ago. 2023.

LARA, Larissa Michelle; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Movimento Manguebeat: Constructos do campo lúdico e das manifestações corporais. **Licere**, Belo Horizonte. v. 8. n. 2., p. 63-73, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1520. Acesso em: 23 de set. de 2024.

LARA, Larissa Michelle, O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 111-129, setembro/dezembro de 2007. Disponívelem: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3570/1970. Acesso em: 23 de set. de 2024.

MANGUEBEAT: Esse som é massa. Direção de Mateus Melo. Curumim Produções, 2021. (39 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e7lDtdp2Mck. Acesso em: 23 de set. de 2024.

MELO NETO, Moisés Monteiro de. **Manguetown:** A Representação do Recife (PE) na Obra de Chico Science e Outros Poetas do Movimento Mangue ("A Cena Recifense dos Anos 90). 2003. 135f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MONTE, Camilla Aryana da Silva; ROSA, Wedmo Teixeira. A geografia e música no Recife: representações socioespaciais da cidade a partir das letras das canções do Movimento manguebeat. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís, MA. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. São Paulo: AGB, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Hall, Stuart Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Editora vozes, 2014, p. 73-102.

SOUZA, Paulo Henrique Vieira de. Caminhos para uma análise de Chico Science & Nação Zumbi. Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades. **XVI Congresso Internacional de Humanidades.** Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: https://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza_lo19/11543. Acesso em 18 de set. de 2024.

Manguebeat Cultural Movement: turning on reflections on leisure, the body and the city

Aline Britto Rodrigues[1]

> Emergency! A quick shock or Recife dies of a heart attack! It's not necessary to be a doctor to know that the simplest way to stop somebody's heartbeat is clogging their veins. Also, the fastest way to have a congestive heart failure and empty the soul of a city like Racife is by killing their rivers and landing their firth.[2]

This essay aims to reflect on the formation of the Manguebeat Movement from relationships between the city, leisure and the body. During the 1990s, Recife drowned itself in a social misery that included hunger, high infant mortality rates, air pollution, violence, social injustices, water shortages, floods caused by rain, among other issues. The local culture was resented this general discomfort. It's also worth to consider that the state kept itself "prisoner of colonial values such as large rural properties and lordly conservatism" (Melo Neto, 2003, p. 17).

During this period, restless and dissatisfied with that reality, Chico Science[3] and a group of friends gathered under the lenses of cultural geography and resorted to music to sing and enchant this place (Monte; Rosa, 2016). Fred Jordão points out that all began "with catastrophic news, isn't it? For the ego of the people of Pernambuco, that Recife was the 4th worst city to live in the world"[4] (*Chico Science: um caranguejo elétrico*, 2016). This statistic data not only provoked the population's ego, as well as sparked creativity and power of a group of friends who chanted

> O homem coletivo sente a necessidade de lutar. O orgulho, a arrogância, a glória enchem a imaginação de domínio. São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade. Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi! Antônio Conselheiro, todos os Panteras Negras, Lampião sua imagem e semelhança. Eu tenho certeza: eles também cantaram um dia.
>
> (*The collective man feels the need of fighting. The pride, the arrogance, the glory fill the imagination of dominance. Devils are those that destroy the wild power of humanity. Hurrah Zapata! Hurrah Sandino! Hurrah Zumbi! Antônio Conselheiro, all the Black Panthers, Lampião and his image and likeness. I am sure: they also sang someday.*)

The excerpt above is part of the vignette *Monólogo ao pé do ouvido* (Monologue in the ear), in the first track of *Da Lama ao Caos* (From the mud to caos) album, released in 1994 by *Chico Science e Nação Zumbi* (Chico Science and Zumbi Nation). With a affirmative toned narrative the group suggests militant activism

---

1. Teacher at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia (IFBA), Eunápolis Campus. PhD student in the Interdisciplinary Program in Leisure Studies (PPGIEL) at the Federal University of Minas Gerais (UestuariesFMG).

2. Recife is the capital city of Pernambuco state, which is located in the geographic region of northeastern Brazil. This text refers to an excerpt from a release written by Fred Zero Quatro, the artistic name used by Brazilian singer and composer Fred Rodrigues Montenegro, one of the precursors of the Manguebeat Cultural Movement.

3. Artist's Francisco de Assis França nickname (1966-1997).

4. Fred Jordão is a journalist from Pernambuco who participated in Manguebeat project. The information which he refers to was spread by the *Washington Institute for Population Studies* (*Chico Science: um caranguejo elétrico*, 2016).

when providing to the receivers a universe of protesting strength (Souza, 2013). In the track *A cidade* (The city), on the same album, as an example it is noticeable a criticism to social inequalities between the peripheral population and the upper class.

> No meio da esperteza internacional. A cidade até que não está tão mal. E a situação sempre mais ou menos. Sempre uns com mais e outros com menos. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.
>
> *(In the midst of international cleverness. The city is not that bad. And the situation is always more or less. It's always some with more and some with less. The city does not stop, the city just grows. Those above go higher and those below go down.*)

However, the movement led by Chico Science is not characterized as a musical genre while undresses itself as a cultural scene that uses negotiation processes instead of confrontation (Melo Neto, 2003). Among the characteristics of the project there is "the local popular culture interconnection with globalized rhythms" (Lara; Pimentel, 2005, p. 63). Science was highlighted as the major exponent of this movement. He "came from child experiences with *ciranda* (a circle game) and self-sustainable crab collection in the mangrove. As a teenager, he was enchanted by black music and 60s rock. Was also involved with hip hop, movement that, going from the music, encompasses fashion, attitude, dancing" among other elements (Lara; Pimentel, 2005, p. 65).

It is worth saying that identifying a cultural manifestation such as *frevo* or *maracatu* occurs not only by the movement itself but also by a variety of elements that also characterize it, such as rhythms, lyrics, clothing or symbolic expressions. Beyond that, the way in which the

> popular gestures are outlined and are, above all, related to the historical-cultural production of the community (its rites, religiosity, way of relating to the old and the new, its ethical- aesthetic normative constructions for group coexistence and for the development of a given cultural manifestation) (Lara, 2007, p. 113).

Would it be possible, then, to think about the engendering of cultural movements based on the relationships between the city, leisure and the body? In the search for a dialogue with this problem, the theoretical framework that I adopt in this essay is added to excerpts from the documentary movies *Chico Science: um caranguejo elétrico* (2016) (Chico Science: an electrical crab) and *Manguebeat: esse som é massa* (2021) (Manguebeat: this is a cool sound) in the search of connections that enable the dialogue with the tactics (Certeau, 1996) assumed by the Manguebeat idealizers.

I emphasize that an approach to the theme allows the recognition of actions that led to an unseen revitalization of Pernambuco's universe, based in a poetry marked by cultural vanguards such as hip hop, reggae and punk. These, among other aspects added to the Recife Cultural Scene from the 1990s, reshaped "the concept of city and identity in cultural frontiers" and motivated diverse cultural expressions (Melo Neto, 2003, p. 7).

Overall, the group contributed to the construction of an imaginary that identified Recife as "Manguetown". This association was inspired by the novel *Homens e Caranguejo* (Men and crab)(1967), written by

Josué de Castro, a researcher from Pernambuco who outlined a profile of poverty in Recife. *Manguetown* did not correspond to a mere replacement of Recife as a being, but rather to an invention of a parallel universe whose poetic image associated reality with various types of codes, such as "cybernetic, psychedelic, historical, folkloric, etc." (Melo Neto, 2003, p. 17).

Anchored in that reality, Chico also constructed a *persona*, the mangueboy character, who had a worldview that proposed to dribble the tensions inherent to the conditions of existence of poor people to meet the self esteem from Recife city's residents. The mangueboy person is "someone oscillating between being a *malandro* (a rascal, cheater or crook) and the worker who is clever, is pissed about many things and is attuned with good vibrations and fun"(Melo Neto, 2003, p. 18).

The reflections that underlie this essay sought premises in Cultural Studies. Among these, Geertz (2008) draws on Max Weber to argue that we are animals tied to a web of meanings woven by ourselves. In this sense, culture is understood as this web and its analyses differ from what occurs with an experimental science in search of laws, since it is configured as an interpretative science in the search for meanings. With this, I realize that the experiences of the mangueboy Chico Science inexorably compose a web of meanings and go beyond the individual dimension. Therefore, they can corroborate the fabric of a cultural movement that emerges from/in the relationships between bodies and spaces, especially those that provide (or should do it) fun and leisure.

Research and documentaries that focused on Manguebeat touch on the theme, even if indirectly. Reports from Chico Science and other characters in his musical group showed that the lack of leisure equipment in the city of Recife was a problem that added to all the others already mentioned, as well as hunger and the degradation of rivers. Beforehand, I resort to a conception of leisure that associates it with human needs and the dimensions of culture. I follow a perspective that, normally, designates this activity by relating it to playfulness, as a constituent of "a complex social practice that encompasses a multiplicity of cultural experiences situated in each context – and not only in so-called modern, urbanized and industrialized societies" (Gomes, 2014, p. 9). No less important, I defend this phenomenon as a social right, just as it is in the text of the Brazilian Federal Constitution:

> It is the duty of the family, society and the State to ensure that children, adolescents and young people, with absolute priority, have the right to life, health, food, education, **leisure,** professional training, culture, dignity, respect, freedom and family and community life, in addition to protecting them from all forms of neglect, discrimination, exploitation, violence, cruelty and oppression. (Brasil, 1988, my emphasis).

Contrary to this right, Gilmar Bola 8[5] remembers that the city "had no skate park, the movie theaters were closing down, there were no concert halls, there were no sound equipment in place, the bands from the southeast of Brazil used to come in here with a truckload of sound equipments because we had nothing like it around here". Fred Zero Quatro endorses this idea that in the 1990s Recife "was a truly hellish city, it was a completely hostile environment for this type of language that we were interested in" (*Manguebeat: Esse som*

5. Stage name of Gilmar Guimarães, who was a percussionist for the band Chico Science & Nação Zumbi.

é *massa,* 2021). In other words, it was a city that suffocated the voice of its young people (Melo Neto, 2003, p. 25).

My concern regarding the theme I propose arose during the period when I was taking the subject Leisure, Body and City, linked to the Interdisciplinary Program in Leisure Studies (PPGIEL) at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), taught by Professor Dr. Simone Aparecida Rechia[6]. The discussions that took place at that time made me revisit the Manguebeat Movement and question what gaps were found by the precursors of the Manguebeat Movement to the point of elevating local culture even in the face of so many unfavorable "strategies"?

Among these gaps, I highlighted the relationship that the group established between the history of Recife and the rivers and mangroves of the city. A symbiosis that can be justified by the childhood experiences of that collective. Musician Gilmar Bola 8 tells us that life in riverside communities was constantly associated with fishing, bathing in the river and other activities along its banks. The Beberibe[7] river even inspired the name of the *Peixinhos* (little fishes) neighborhood, because the "washerwomeele era da ruan would say: 'Come on, I'm going to wash clothes in the river of the little fishes and... further ahead the mangroves began, right? We were going to fish for crabs'" (*Manguebeat: Esse som é massa,* 2021).

Chico Science grew up in this region and, according to his sister, "he was a mischievous kid, like a street urchin" (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). Nevertheless, the degradation of rivers did not go unnoticed in the works written by his musical group: *Rios pontes e overdrives, impressionantes esculturas de lama. Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue!*[8] Chico's experiences in these spaces allowed him to observe that, over the years, the rivers grew "along with the marginality of hunger that makes crabs foam and men drool ... It's the foam and drool of hunger. Everyday geography shows that Recife is sinking into the mud." (*Manguebeat: Esse som é massa,* 2021).

In this scenario, I point out that the group uses unity among musicians as a tactic. According to Fred Zero Quatro, "if we didn't unite, we wouldn't have the slightest chance of getting the attention of businessmen, of getting the attention of the media, etc. We had to break away from the individualistic culture that existed here." (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). Another tactic they adopted was the analogy they established between the mangrove (as a rich biological ecosystem) and the need to compose a musical universe as rich and diverse as such (Abrantes, 2011).

The composition of this musical universe was possible due to the experiments with different cultures throughout Chico Science's life (Lara; Pimentel, 2005). In this way, the group created songs that developed unlikely mixtures, "such as sunny African guitars, drums, English rock, Jamaican dub and intergalactic funk" (Abrantes, 2011, p. 25). To this end, the artist Chico dialogued with references in his community. He went to the *Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo* (Daruê Malungo Edu-

6. I have been a PhD student in the program since 2021 and am under the supervision of Professor Dr. Hélder Ferreira Isayama.

7. One of the rivers that make up Recife's urban area.

8. Gilson Santana is the name of Mestre Meia Noite, who, in addition to being a capoeira master, he is a dancer and founder of the cultural center referred to.

cation and Culture Center) to exchange ideas with Mestre Meia Noite[8]. Regarding this meeting, the master recalled that all the movement "was being built in [Chico's] own **body**" (*Chico Science, Um Caranguejo Elétrico*, 2016, my emphasys).

We then observe that in the gaps of an urban reality,

> the men of the mangrove – the"crabs with brains" – recycle(d) the culture from Recife, spreading it around the world, and allowing focus [to be] given to previously marginalized popular manifestations. They established their own **body representations** that lost neither their playfulness nor their critical-creative potential (Lara; Pimentel, 2005, p. 72, my emphasys).

It should be noted that these diversionary tactics (among others adopted by the group) depend on circumstances and possibilities, as

> They do not obey the law of the place. They are not defined by it. From this point of view, they are as localizable as the technocratic (and scriptural) strategies that aim to create places according to abstract models. What distinguishes the latter from the former are the types of operations in these spaces that strategies are capable of producing, mapping and imposing, while tactics can only use, manipulate and alter them. (Certeuau, 1994, p. 92).

By condensing poverty, technology, fun and criticism, "all of this in a tone of farce and, in a certain way, humor", the Manguebeat Movement extended its roots and multiplied (Melo Neto, 2003, p. 19). This movement of recovering elements of regional folk culture, such as *maracatu, embolada, caboclos de lança, cantigas de roda* and their interconnections with some rhythms of global pop culture such as rock, reggae, funk and hip hop rescued an aesthetic and musical trend called hybrid (Abrantes, 2011, p. 27).

"Science had the merit of having understood the logic of the masses and placed it in a critical perspective. He hybridized the popular and the mass, although without allowing, hegemonically, the popular to be influenced by the dominant perspective" (Lara; Pimentel, 2005, p. 71). However, I must emphasize that "the hybridization processes analyzed by contemporary theory arise from conflicting relationships between different national, racial or ethnic groups. They are linked to histories of occupation, colonization and destruction. In most cases, this is a case of forced hybridization." (Silva, 2014, p. 87).

In short, given the possibilities and challenges associated with the globalization process, the group allied itself with musicality to challenge political, social and cultural aspects and, thus, designed a landscape that presented a region to the world (Monte; Rosa, 2016). It is important to remember "that to problematize culture is a political act" (Melo Neto, 2003, p. 10). In a playful and innocent way, the Manguebeat Movement revisited the cultural roots of Pernambuco and "threw its tentacles towards other continents"(Melo Neto, 2003, p. 10).

The group took the fun seriously with the intention of improving the city of Recife as a place to live. With this attitude, "Chico changed the vision and behavior of Brazilian youth regarding popular culture." (André Jung, in *Chico Science, Um Caranguejo Elétrico,* 2016). In the same space in the city, you could see B-boys, coconut dancers and reggae singers. Voices and body practices from that period still en-

chant the Brazilian and global artistic scene today, thus confirming that the interconnection between leisure, body and city can provoke cultural movements that resonate criticism, reflection and fun in a timeless way.

References

ABRANTES, Terêsa Maria Otranto. Chico Science: a poesia e a dança. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 5, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2011. Available in: https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2914. Accessed on: Dec 14, 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHICO Science, Um caranguejo elétrico. Director: José Eduardo Miglioli Junior. Ancine: Agência Nacional do Cinema, 2016 (1h 44min). Available in: <https://www.youtube.com/watch?v=j299EbU-UnQ>. Accessed on: October 25, 2020.

FRANÇA, Francisco de Assis. A cidade. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Music: 1994 (4min 47).

FRANÇA, Francisco de Assis. Monólogo ao pé do ouvido. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Musica: 1994 (5min 08).

FRANÇA, Francisco de Assis; MONTENEGRO, Fred Rodrigues. Rios, Pontes & Overdrives. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Musica: 1994 (4min 04).

GEERTZ. Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A., 1989.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer,** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, Jan/Apr, 2014. Available in: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430. Accessed on: Aug 18, 2023.

LARA, Larissa Michelle; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Movimento Manguebeat: Constructos do campo lúdico e das manifestações corporais. **Licere**, Belo Horizonte. v. 8. n. 2., p. 63-73, 2005. Available in: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1520. Accessed on: Sep 23, 2024.

LARA, Larissa Michelle, O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 111-129, setembro/dezembro de 2007. Disponívelem: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3570/1970. Acesso em: 23 de set. de 2024.

MANGUEBEAT: Esse som é massa. Directed by Mateus Melo. Curumim Produções, 2021. (39 min). Available in: https://www.youtube.com/watch?v=e7lDtdp2Mck. Accessed on: Sep. 23, 2024.

MELO NETO, Moisés Monteiro de. **Manguetown:** A Representação do Recife (PE) na Obra de Chico Science e Outros Poetas do Movimento Mangue ("A Cena Recifense dos Anos 90). 2003. 135f. Dissertation (Master's Degree in Literary Theory) Federal University of Pernambuco. Postgraduate (Master's Degree) in Literature, Federal University of Pernambuco, Recife, 2003.

MONTE, Camilla Aryana da Silva; ROSA, Wedmo Teixeira. A geografia e música no Recife: representações socioespaciais da cidade a partir das letras das canções do Movimento manguebeat. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís, MA. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. São Paulo: AGB, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Hall, Stuart Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Editora vozes, 2014, p. 73-102.

SOUZA, Paulo Henrique Vieira de. Caminhos para uma análise de Chico Science & Nação Zumbi. Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades. **XVI Congresso Internacional de Humanidades.** Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Available in: https://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza_lo19/11543. Accessed on Sep 18, 2024.

Da Revolta ao Afundamento: ativismo, colapso e antifascismo

Jack Bratich

Este artigo começa com a proposição de que fazendo uma análise de estudos culturais do ativismo significa situar nossa perspetiva dentro de uma conjuntura de *declínio*.

Convencionalmente, o ativismo tem sido definido em termos de oposição a um status quo, uma transformação das instituições existentes para fins progressistas e/ou a construção de melhores organizações para substituir funções ou sistemas inteiros. Mas e se essas instituições já estiverem a desmantelar-se ou a ser rapidamente corroídas por forças "externas" como o colapso ecológico? O ativismo não está *em* declínio (há muito), mas existe num *contexto* de declínio.

Antonio Gramsci (2011) notoriamente nos chamou a atenção para o *interregno* (ou a passagem entre conjunturas). Ele anuncia que no interregno "o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer (...) *ocorrem fenómenos mórbidos* da mais variada espécie" (pp. 32-33; itálico acrescentado). Mas e se o novo não nascer? Quais são os "sintomas mórbidos" contemporâneos que procuram controlar a passagem para outro mundo ou, mais precisamente, para o fim do mundo?

Este artigo começa com uma visão geral da organização da extrema-direita (principalmente baseada nos EUA), principalmente através do exemplo do ativismo misógino manosférico. Defendo que este ativismo reacionário assumiu a cultura de formas necro- populistas. O que acontece quando as *fasces*, o elemento de ligação da unidade de um povo, são principalmente uma tendência homi-suicida, mesmo um abraço alegre de ruína e colapso?

O artigo então resume o que tem sido chamado de colapsologia, concentrando-se na Rebelião Xtinction como o ativismo resultante óbvio. Para concluir, farei alguns gestos em direção a outros exemplos de ativismo, enraizados na alegria coletiva e nas revoltas feministas transnacionais. Juntos, esses exemplos contrariam o ativismo necropolítico de direita ao postular que "outro fim do mundo é possível".

Composição fascista: ativismo patriarcal e fratriarca.

Enquanto o fascismo do século 20 dependia das massas, vivemos em uma era diferente de coletivos mediados e em rede. Podemos chamar isso de *composição* do corpo social que se engaja no ativismo. Um bom ponto de partida é o conceito de *grupúsculo*).

Grupúsculos

O estudioso do fascismo Roger Griffin identificou uma unidade de organização fascista que, ao contrário do foco convencional nas massas e num líder tirânico, é sobre uma resistência sem líder que ele chama de *grupúsculo*. Os grupúsculos (termo extraído de Felix Guattari) "podem ser definidos como entidades políticas numericamente insignificantes formadas para perseguir fins ideológicos, organizacionais ou ativistas palingené-

ticos" (2003, p. 30). São provisórios enquanto compõem um corpo social consistente através de "minúsculas explosões de criatividade espontânea" que circulam "numa teia de energia política radical alimentando a vitalidade e a viabilidade do organismo como um todo" (Griffin 2008, p. 199)

Os grupúsculos evitam nomes próprios e identidade ao longo do tempo: eles não têm a mesma organização formal que podemos ver em grupos ou mesmo células. Os grupúsculos não são a pequena unidade na base de uma pirâmide maior, mas sim conjuntos ativos que operam provisoriamente e de forma quase independente (embora estejam vinculados por disposições comuns). Griffin suplica aos leitores contemporâneos que prestem atenção aos grupúsculos como "miríades minúsculas e, por vezes, altamente efêmeras e eminentemente inmemoráveis, grupelhas" cujos pequenos números não devem ser vistos como "movimentos de massa abortivos", mas como "incubadora e reservatório de energias extremistas" (2003: 28-29; 41).

Os grupúsculos podem desenvolver-se como homens armados em rede, por vezes como justiceiros auto-organizados e noutras como ex-militares mímicos (milícias, boogaloo bois). Os grupúsculos não atuam como pequenas partes de uma organização estatal ou partidária maior, mas como temporários e celulares (embora estados e partidos tentem organizá-los).

Os grupúsculos encontraram agora um lar descentralizado nas plataformas digitais, pois suas "qualidades duplicam as próprias características da Internet" (Griffin 2000, p.171). Os grupúsculos podem ser atribuídos a ações táticas como flash mobs (reuniões temporárias por meio de logística e metas mínimas) e operações de enxame (por exemplo, vigilantes que rapidamente se mobilizam através de grupos de Facebook e WhatsApp para defender estátuas racistas). Os grupúsculos baseados em plataformas que chegam às ruas às vezes têm nomes (boogaloo, QAnon) e outras vezes são eventos compostos por unidades nomeadas ("The jan 6 storming"). Eles convergem e depois se dispersam, e a vida após a morte de suas conexões pode se reformar para ações futuras. Esses grupúsculos invocam tanto o esquadrismo da organização masculina fascista italiana quanto a formação de bandas temporárias que fazem campanhas (na cultura gamer, por exemplo, bem como brigas em outras esferas a la GamerGate) (Bratich 2022).

Ativismo gruuscular manosférico

A chave para a compreensão deste artigo do ativismo do colapso é como esses grupúsculos estão mergulhados na produção patriarcal das relações de gênero, especialmente através da *manosfera*. As origens da manosfera podem, em parte, ser atribuídas a um ativismo explícito: o ativismo pelos direitos dos homens (Ging p. 7). Ao longo das décadas, este movimento masculino transformou-se numa série de projetos masculinos, desde mentoria sexual a fitness e assédio online. Muito recentemente, tais grupúsculos têm sido vistos nos "clubes ativos" formados em torno da aptidão masculina e também da ideologia patriarcal (Guardian). Às vezes, esse ativismo tem resultados assassinos na forma de assassinos misóginos, explícita ou implicitamente articulados, e seja na forma de um massacre ou assassinatos de parceiros íntimos.

Uma forma de formação destes grupúsculos patriarcais é através do "redpilling". Redpilling é um despertar feito através de mentoria, uma iniciação e transformação espiritual com o objetivo de preparar os sujeitos recém-despertados para a batalha (Bratich 2022; 2024). Em particular, os homens manosféricos estão ligados contra a perniciosidade revelada das mulheres (especialmente do feminismo). Estes atores sentem-se

vítimas de uma ordem em declínio, do colapso da ideologia patriarcal e do fim da civilização, que depois exige renovação. Redpilling inspira esses homens transformados à ação: restaurar a ordem patriarcal.

A manosfera está repleta desses grupúsculos de auto-despertar masculino, usando frases memed (Rejeitar a Modernidade, Abrace a Tradição) e figuras sociais ("Retvrn Guys") usando imagens gregas, romanas e pastorais. Grupos masculinos reacionários como os Proud Boys se autodenominam chauvinistas ocidentais.

A filósofa Célia Amorós (2007) situa as iniciações masculinas na ascensão e proliferação do que ela chama de "pactos patriarcais": grupos nos quais "a liberdade prometida, a fraternidade, se representa como auto-geradora, numa espécie de mito da soberania" (Amorós, p. 123). Fraternidades universitárias, gangues, unidades policiais especializadas e grupos militares operam como esses grupos pactados.

Na união contemporânea da Pílula Vermelha, os pactos patriarcais vêm na forma de bandas de guerra e alcateias, até mesmo "irmandades"[1]. E com as culturas digitais online, a mentoria da pílula vermelha é menos institucionalizada, mais distribuída, como enxames casuais e "squads".

Os grupúsculos da manosfera formam-se através de uma bricolagem de mitos e imagens de diferentes períodos de tempo, por exemplo, através do martírio online e canonização de assassinos em massa. As embalagens ressoam através da imitação, inspiração e transmissão.

Pactos e irmandades são *fantasia* esquadrões compostos por amigos, desconhecidos, ídolos, intermediários, memes e imagens. Redpilling é, em última análise, uma preparação subjetiva para o ativismo, na verdade uma *batalha*. Como um despertar espiritual, o redpilling revive uma guerra santa, mesmo com crimes de honra. Redpilling é um recrutamento e treinamento para a guerra em curso contra as mulheres, que agora é uma guerra mais dispersa e comum na vida real. O resultado é a formação de um corpo social pronto para matar e morrer in toto (Bratich, 2022) – um ativismo que desencadeia a guerra. É esta dimensão necropolítica, homi-suicida, que precisa de ser compreendida.

Doomerismo fascista: um afundamento.

Não é controverso chamar o fascismo de culto à morte, especialmente ações estatais que poderiam ser vistas como necropolíticas. Muito se tem escrito sobre a orientação do fascismo europeu clássico entre guerras para a morte, por exemplo, o Totenkult nazi (culto dos mortos). A resposta do fascismo, um foco na Renovação e Renascimento (especialmente do Homem Novo), é bem conhecida. Hoje, vemos essa orientação necrótica por meio de ações online e offline. Os grupúsculos fascistas de hoje são sintomas mórbidos que produzem um *ativismo necrocultural*.

Os estudos sobre o necrótico na política e na cultura estão em pleno andamento desde a necropolítica central de Achille Mbembe [ver também *necrocultura* (Thorpe), *necrofilismo político* (Fromm, Daly), necrocidadania *Castronovo*, necrocapitalismo e *necroceno* (McBrien)]. Quando se trata de política patriarcal, o

1. Por exemplo, Pervert da Idade do Bronze orienta seus leitores a se tornarem "uma irmandade de homens". Rollo Tomassi, "Padrinho da Pílula Vermelha", fala de tribos masculinas enredadas na Guerra de Gênero. Jack Donovan escreve livros de restauração da masculinidade como The Way of Men and Blood Brotherhood e Other Rites of Male Alliance.

exemplo mais óbvio é como os grupúsculos da manosfera se unem através de uma hostilidade compartilhada contra as mulheres, resultando em assassinatos baseados em misoginia.

Os grupúsculos manosféricos são alimentados pelo que chamo de estilo de *morte* (em oposição ao estilo de vida), que se desenrola em *ação homi-suicida*, não apenas como negação, mas como "produtor de realidade destruidora da vida" (Theweleit p. 227). O Totenkult contemporâneo procura tornar-se realidade, mas como *desvivificação*. A renovação e a regeneração são *infrutíferas*, mesmo quando afirmam controlar o futuro. Este doomerismo necrótico contemporâneo não é uma resignação apática – é orientado para a ação. A ação é a eliminação, não apenas dos outros, mas muitas vezes do eu. Federico Finchelstein identifica a fixação fascista na dinâmica homi-suicida na "morte sacrificial, regeneração e salvação dos seus guerreiros" (pp.73-81). Para Deleuze e Guattari, essa autodestruição encontra seu apogeu no fascismo, que produz "um fluxo de guerra absoluta cujo único resultado possível é o suicídio do próprio Estado (...) [que] prefere aniquilar os seus próprios servos a parar a destruição" (pp.230-231). Nicholas Michelsen identifica "um impulso avassalador à abolição radical de si e dos outros que coopta o Estado e o coloca numa trajetória apocalíptica suicida" (p. 156).

A nossa terminologia política convencional tem de captar melhor este processo. Alguns chamaram a ascensão da extrema-direita de força *insurgente*. Mas este conceito está ligado a uma direção ascendente do povo para a ordem dominante. Dada a sua trajetória e velocidade, o fascismo é mais como um "downsurgency" em que o declínio se acelera rapidamente. Vemos esse vórtice descendente na dinâmica homi-suicida dos atiradores em massa, que matam enquanto muitas vezes são indiferentes à própria vida. O ativismo fascista contemporâneo compreende uma cultura de *doomerism*, que é mais um estado afetivo do que um sistema de crenças. O seu estado psicológico tem sido chamado de *desurgente* (desânimo e desespero). Quando as espirais descendentes se agitam e se aceleram, esses humores desurgentes tornam-se ativos, ou o que eu chamo de *downsurgency*: um *down-sinking* em vez de *up-riseing*.

O ativismo de direita, então, procura monopolizar a crise e o colapso futuro, acelerando-a. A direita procura a restauração no "fim da civilização", mas a implementação destes esquemas de renovação ocorre através de meios necróticos que estão fora do seu controlo. A direita precisa de ruínas para as transcender, mas elas estão demasiado ligadas à destruição. Ao mesmo tempo que reivindicam uma espécie de vitalismo e força, a sua desurgência necropolítica tem a sua própria força. Esta tendência homi-suicida significa que o "povo" no populismo não está ligado sequer à sua própria sobrevivência. A este "populismo" falta uma *bios*, muito menos uma *demos*.

Delineei os resultados sombrios destes sintomas mórbidos. Será este um momento de desespero e passividade face aos esforços totalizantes do doomerismo necropolítico? Como encontrar contraexemplos nesta conjuntura de declínio contra *o seu* vórtice descendente?

Sua guerra de restauração é apenas uma resposta ao *colapso* e eles forneceram sua versão de "aprender a morrer como um coletivo": onicídio (extermínio com impulso suicida). Para contrariar a versão fascista do doomerism, podemos retomar o apelo expresso em graffiti durante os protestos de Nuit Debout em 2016:

"outro do mundo é possível". Por outras palavras, como funciona o nosso ativismo ao serviço da luta contra o fascismo e o capitalismo patriarcal? Isto significa, em primeiro lugar, levar o *colapso* a sério.

Ativismo e colapso

Dois livros principais apontam o caminho: um intitulado, como o slogan, *Another End of The World is Possible: Living the collapse (and not meramente surviving it)* (Servigne, Stevens & Chapelle) e *Breaking Together: A Freedom-loving response to Collapse* (Bendell). Juntos, esses livros estabelecem uma agenda para o ativismo da era do colapso. Evitando o tecno- solucionismo, os modelos de crescimento, as noções modernas de progresso ou mesmo a "esperança" de um certo tipo, estes livros propõem que comecemos pela realidade de que "estamos a viver, neste momento, o colapso em curso das sociedades modernas".

Para Jem Bendell, isso significa abraçar *o doomsterismo* contra o "doomerism" generalizado do niilismo juvenil. Os condenados trazem consigo dissociação, depressão e desurgência, do tipo que pode levar à apatia, mas, mais importante, ao ativismo homi-suicida. Os condenados não se distraem das fraturas convergentes, mas também não estão impregnados da paralisia da indiferença ou da catálise da reação violenta. A imaginação doomster, ou 'collapsosophy' (de '-sophy' = sabedoria) aborda assim os elementos "emocionais, éticos, filosóficos e artísticos" do colapso. Que tipo de ativismo pode emergir de um imaginário coletivo que integre a consciência do colapso?

Rebelião da Extinção

O exemplo óbvio foi, em parte, gerado pelo próprio trabalho de Bendell. Extinction Rebellion (XR) é um movimento social multinacional que visa a conscientização sobre a crise ecológica urgente. Com origem no Reino Unido em 2018, é um "movimento descentralizado, internacional e politicamente apartidário que usa ação direta não violenta e desobediência civil" em questões de catástrofe climática (https://rebellion.global/). De acordo com Johnston e Bonnett, seu "objetivo é gerar consciência pública, pressionar os governos a agir e evocar uma coletividade efêmera". A XR enfatiza o imperativo de tomar medidas urgentes, o que Friberg chama de "método utópico disruptivo que visa romper o presente em vez de fornecer planos para o futuro que devem ser impostos ao presente".

As formas como procura comunicar esta urgência é através da desobediência civil, da ação direta e de intervenções criativas nos fluxos e espaços quotidianos. Entre suas ferramentas estão "atos performativos autoconscientes [que] interrompem o fluxo normal de tráfego, pessoas, tempo e governança" Johnston. Eles trazem ruturas públicas para encenar "eventos de imagem para divulgação social/mídia" (De Luca). A sua arte pública ou artivismo perturba a normalidade da vida quotidiana, seja num museu de arte ou no trânsito de rua, para obrigar a testemunhar a crise (Mononen; Sepultura; Stammen & Meissner).

O modelo da XR ressoa com os grupúsculos, pois é "uma estrutura altamente horizontal e descentralizada, permitindo que 'grupos de afinidade' de seis a doze ativistas planejem de forma independente ações de protesto não violentas. O movimento também não tem nenhum requisito formal de filiação e evita qualquer líder oficial ou eleito" (Seagrave). Por outras palavras, a extrema-direita não é dona da for-

ma grupúscula. Além disso, esse tipo de ativismo de intervenção cultural ficou evidente no ativismo Black Lives Matter de 2014-15, incluindo apresentações de ópera, compras em shoppings, eventos esportivos, formaturas universitárias e até mesmo o ponto de produção de notícias (cobertura ao vivo de motins). O objetivo do BLM aqui era evitar "voltar ao normal".

É essa linhagem compartilhada de técnicas entre os movimentos sociais que leva ao próximo exemplo recente, que parece à primeira vista muito distante do ativismo convencional.

Meetups e takeovers: Informalidade e logística como ativismo não reconhecido.

Nos últimos anos, as principais cidades dos EUA têm visto a reunião espontânea de pessoas para assistir e realizar acrobacias com carros. Esses encontros de carros, ou drifts, ou takeovers, são reuniões informais, não permitidas, baseadas na comunidade que envolvem automóveis enganados fazendo "donuts" enquanto as pessoas brincam sobre e ao redor deles. Há uma qualidade carnavalesca nesses eventos, já que as pessoas se vestem fantasiadas, explodem música e fazem acrobacias acrobáticas.

Eles também são fortemente mediados, tanto em termos de como as pessoas descobrem sobre eles, bem como a gravação e publicação dos eventos nas redes sociais. Na Filadélfia, Pensilvânia, em setembro de 2024, um evento de uma noite em vários locais gerou uma agitação na internet para a polícia local e especialistas de direita.

Estes encontros são (pelo menos em Filadélfia) um desdobramento de outras ações diretas e da sua mediação, nomeadamente de expropriação coordenada de propriedades, também chamadas de "saques" na sequência de abusos policiais. Em setembro de 2023, após o perdão de um policial que matou Eddie Izzard, ocorreram saques em vários locais. Enraizado tanto no BLM quanto em uma longa história de flash mobs (também conhecidos como flash robs), este evento foi completamente coordenado pela mídia social.

São formas de "ativismo"? Não no sentido tradicional de um esforço organizado para mudar a política, sensibilizar, peticionar o Estado ou defender um grupo. Em vez disso, são atos de apropriação cultural (das ruas e dos carros), uma postura coletiva sobre o território. Estes podem ser chamados de atos protopolíticos de insurreição (controle das ruas contra a ordem policial), parte do que Rasmussen chama de "Movimento de Recusa". A interrupção que esses eventos proporcionam é menos abertamente política do que BLM ou XR, mas não devemos descartá-los como atos imaturos ou espontâneos de atores apolíticos.

As aquisições certamente reforçam algumas normas nocivas (cultura automobilística, degradação ambiental, desempenho heteronormativo de gênero) que merecem escrutínio e crítica. A forma como estes atores de rua estão em "preparação e adaptação emocional e prática para um desastre" é extraída da série da franquia de *filmes Purge*, na qual as leis são suspensas por um dia e o caos se segue (principalmente violento nos filmes). Mas aqui quero me concentrar nas operações táticas e insurgentes do encontro em torno de dois vetores.

Primeiro, os *tons afetivos* dessas aquisições. Há uma alegria carnavalesca que enche os participantes de camaradagem e solidariedade. Os incidentes de violência entre pares são baixos ou inexistentes. Em vez disso,

há uma alegre expropriação comunitária, frequentemente encontrada em saques. Essa alegria é um poder que impede a repressão policial. Tal coragem não é, em si mesma, ativismo, mas forma um corpo social capaz de superar obstáculos e frustrar o derrotismo.

Em segundo lugar, a *informalidade* desses eventos auto-organizados. Não dependem de filiação ou de organizações estratificadas, mas produzem e defendem uma "coletividade efêmera" (Seagrave). "Essas operações informais podem ser vistas como manobras sociais e não como movimentos. Há todo um inventário de manobras que poderiam ser contabilizadas aqui: gestos operacionais hábeis com raízes na guerrilha, na guerra insurgente, anticolonial e centrada em redes. São atos protopolíticos de ontologia e estratégia, parte de uma estratégia de insurreição bem gasta: tornar-se *ingovernável*. São insurreições que "curto-circuitam o passado e o presente e suspendem a continuidade histórica" (Walter Benjamin in Rasmussen). Como essas formas de vida "potencialmente políticas" ou "pré-políticas" podem ser mobilizadas e usadas em protestos? (Wohlleben em Rasmussen).

Tom Nomad, entre outros, chama essas táticas baseadas em insurgência *de Guerra Social,* em que as hostilidades nas ruas reconfiguram o terreno e desempoderam a polícia e a política militarizadas. Tais operações de rua podem parecer "imediatismo" ou espontaneismo, mas são ativismos que se afastam do simbólico e entram na materialidade imanente do terreno das possibilidades. Isto torna-se importante, uma vez que deter território para o auto-gozo de um coletivo temporário pode tornar-se uma fonte subjetiva de poder no futuro.

Em última análise, eles desenvolvem as associações imanentes, afinidades, encontros (também conhecidos como composição) que podem levar a formas organizacionais ativistas mais reconhecíveis. O que eles destacam é que qualquer ativismo enfrenta uma força policial hostil que busca suspender e neutralizar os protestos. Em outras palavras, essas operações desenvolvem um corpo social (ou redes grupulares) incapaz de ser *pacificado*. Embora atualmente não exibam substância ideológica política, contestam informalmente a tentativa da direita de monopolizar o fim do mundo e seus afetos.

Feminismo e reexistência contra a necropolítica

O último desenvolvimento recente enfrenta especificamente a necropolítica patriarcal. Vou apenas gesticular aqui, pois não faltam obras sobre a onda de organização feminista transnacionalista para prevenir o feminicídio e gerar formas alternativas de vida, ou o que várias feministas, seguindo Adolfo Albán Achinte, chamam de "reexistência" (Gago; Federici et al).

As incríveis manifestações massivas na Argentina, Espanha, Chile e Itália a partir de 2015 são algumas das articulações mais claras desses contraexemplos contra o eliminacionismo masculinista. As ruas têm sido importantes para manifestações de massa contra a cultura do estupro e o feminicídio, bem como por salários dignos e direitos reprodutivos. Com #YouOkSis, *Ni Una Menos*, #MeToo, Sisters Uncut, e *Tranquila, hermana, aquí está tu manada* [Tudo bem, irmã, sua alcatida de lobos está aqui], as mulheres encontraram suas solidariedades em rede nas ruas, ao redor das mesas e nas conversas de WhatsApp. O último slogan reapropriou-se da "alcateia de lobos", o nome grupúsculo patriarcal que os violadores de gangues sediados em Madrid – que incluíam polícias – se deram.

Muitos desses movimentos ativistas estão enraizados na reprodução social: "defendendo formas de vida, como assembleias coletivas concretas, que exigem meios para (re)produzirem- se". A reprodução social implica um tipo de *autodefesa* e autopossessão, não de indivíduos soberanos, mas "corpos e territórios, ou corpos-territórios, como espaços geradores de vida, memória, relações e luta pela sua autodeterminação". A vida aqui é mais do que *bios*, o que nos permite moderar qualquer tendência para reduzir as mulheres ao tipo materno ou bio- reprodutivo. Mais do que uma simples afirmação da vida, o conceito "reexistência" conjuga a resistência com a necessidade de "reinventar e reafirmar outras formas de existência para *reivindicar uma humanidade negada* (Federici, Mason-Deese, Draper, p.3). A reexistência como ativismo coletivo vai "além da resistência e da reprodução de formas de vida já existentes para imaginar outras formas de existência coletiva" (p.3).

Esta combinação de autodefesa e cultivo da solidariedade são formas ativistas não para pedir políticas e permissões ao Estado, mas para moldar ativamente a sobrevivência e as condições de prosperidade diante do colapso da infraestrutura que é acompanhado por violência acelerada (estatal e não estatal). Também poderíamos conectar essa reexistência à "cultura regenerativa" que Seagrave identifica dentro e fora da XR. Esta regeneração "preocupa-se em fomentar uma cultura de cuidado alternativa, baseada na renovação da consciência e das relações sociais através da abertura emocional, empatia, resiliência e consciência holística".

A reprodução social nesse modo antagônico/composicional também torna a comunicação e os meios de comunicação centrais. Histórias, performances e gestos encontrados em campanhas como #MeToo e *#cuéntalo*, por exemplo, mediaram o compartilhamento de experiências para fazer "uma memória coletiva da violência patriarcal". Isso tem implicações para a temporalidade do ativismo em tempos de colapso. Slogans de campanha como "*Ni una menos*" e "*Vivas nos queremos*" conectam o passado ao presente para antecipar uma eliminação patriarcal e ganhar a vida. São heranças de resistência através de histórias e gestos, as infinitas manobras micrológicas que recusaram a violência patriarcal e o controle necrofílico.

A vida diante do colapso, uma reexistência formada dentro e através de uma defesa militante da reprodução social, mas não do tipo que repete ou restaura as condições que levaram ao colapso. Eles afastam o arco no âmago do patriarcado.

O ativismo já está se remodelando em meio ao colapso de instituições e sistemas de poder. O que surge dessas cinzas está indeciso, pois várias forças disputam para determinar o fim do mundo. Enquanto as forças necropolíticas da manosfera e outras tendências microfascistas procuram controlar o fim do mundo através do homi – downsurgente suicida, encontramos formas de ativismo que estão trabalhando para controlar *como* o velho está morrendo. E talvez o que nasce, quando muito, nem seja novo.

Obras citadas

Amorós, C. (2007). Thinking Patriarchy. In M.L. Femenías & A.A. Oliver (Eds.), *Feminist Philosophy in Latin America and Spain* (pp. 109–126). Editions Rodopi.

Bendell, Jem. (2023). *Breaking Together*: a freedom-loving response to collapse. Good Works.

Bratich, J. (2022). *On Microfascism: Gender, War, Death*. Common Notions.

Bratich, J. (2024). Redpilling and the Archaic Roots of Patriarchal Post-truth. Pp.89-108 in *Re-thinking Mediations of Post-truth Politics and Trust: Globality, Culture, Affect,* edited by Jason Harsin. Routledge.

Deluca, Kevin (2021). "Extinction Rebellion, Image events, social media and the eclipse of the earth." *Social Anthropology/Anthropologie Sociale* 29, 1 216–218.

Federici, Silvia, Liz Mason-Deese, & Susana Draper. 2021. Introduction. *Feminicide and Global Accumulation: Frontline Struggles to Resist the Violence of Patriarchy and Capitalism.* Edited by: Otras Negras . . . y ¡Feministas!; Elba Mercedes Palacios Córdoba, María Mercedes Campo, Martha Liliana Rivas Orobio, Natalia Andrea Ocoró Grajales, Betty Ruth Lozano Lerma

Finchelstein, Federico. *A Brief History of Fascist Lies*. Oakland: University of California Press, 2020.

Friberg, Anna. 2022. "Disrupting the Present and Opening the Future: Extinction Rebellion, Fridays For Future, and the Disruptive Utopian Method." *Utopian Studies*, Vol. 33, No. 1,

Gago, V. (2020). *Feminist International: How to Change Everything*. Translated by Liz Mason- Deese. Verso.

Ging, D. (2017). Alphas, betas and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, 22, 638–657.

Gramsci, A. (2011). *Prison Notebooks, Volume II.* Edited and translated by Joseph A. Buttigieg. Columbia University Press.

Griffin, R. (2008). *A Fascist Century: Essays by Roger Griffin*, edited by Matthew Feldman. Palgrave Macmillan

Griffin, R. (2003). "From Slime Mould to Rhizome: An Introduction to the Groupuscular Right." *Patterns of Prejudice* 37, no. 1: 27–50.

Griffin, R. (2000). "Interregnum or Endgame? The Radical Right in the 'Post-Fascist' Era," *Journal of Political Ideologies* 5, no. 2.

Johnston, Caleb & Aphra Holland Bonnett. 2023."Picturing these days of love and rage: Extinction Rebellion's 'Impossible Rebellion.'" *cultural geographies* Vol. 30(2) 315–323

Michelsen, Nicholas. "Fascist Lines of the Tokkotai." In *Deleuze & Fascism: Security, War, Aesthetics*, edited by Brad Evans and Julian Reid, 148–172. London and New York: Routledge, 2013.

Rasmussen, Mikkel Bolt. (Oct 2023) "The Movement of Refusal". Ill Will. https://illwill.com/print/the-movement-of-refusal

Seagrave, Jacob. 2023. "Protest in the face of catastrophe: extinction rebellion and the anti-politics of grief " *suomen antropologi* | 47: 2.

Servigne, Pablo; Raphaël Stevens and Gauthier Chapelle .*ANOTHER END OF THE WORLD IS POSSIBLE; Living the collapse (and not merely surviving it)* . Translated by Geoffrey Samuel .English edition © Polity Press, 2021

Stammen, Lara & Miriam Meissner. (2024). Social movements' transformative climate change communication: extinction rebellion's artivism. *Social Movement Studies*, 23:1, 19-38.

Theweleit, K. (1989). *Male Fantasies, Volume 2: Male Bodies: Psychoanalyzing the White Terror*. University of Minnesota Press.

Wohlleben, Adrian May 17, 2021. "Memes without End," *Ill Will*, https://illwill.com/memes-without-end

From Uprising to Downsinking: activism, collapse, and antifascism

Jack Bratich

This paper begins with the proposition that doing a cultural studies analysis of activism means situating our perspective within a conjuncture of *decline*. Conventionally, activism has been defined in terms of opposition to a status quo, a transformation of existing institutions for progressive ends, and/or building better organizations to replace functions or entire systems.

But what if those institutions are already dismantling themselves or being rapidly eroded by "external" forces like ecological collapse? Activism is not *in* decline (there's plenty of it) but exists in a *context* of decline.

Antonio Gramsci (2011) famously pointed our attention to the *interregnum* (or the passage between conjunctures). He announces that in the interregnum "the old is dying and the new cannot yet be born . . . *morbid phenomena* of the most varied kind come to pass" (pp. 32– 33; italics added). But what if the new won't be born? What are the contemporary "morbid symptoms" that seek to control the passage to another world or, more accurately, the end of world.

This paper begins with an overview of (primarily US-based) Far Right organizing, mainly via the example of manospheric misogynistic activism. I argue that this reactionary activism has taken up culture in ways that are *necro-populist*. What happens when the *fasces*, the binding element of a people's unity, is primarily a homi-suicidal tendency, even a gleeful embrace of ruination and collapse?

The paper then summarizes what has been called collapsology, focusing on Xtinction Rebellion as the obvious resulting activism. By way of conclusion, I will make some gestures towards other examples of activism, rooted in collective joy and transnational feminist uprisings. Together, these examples counteract the rightwing necropolitical activism by positing that "another end of the world is possible."

Fascist composition: patriarchal and fratriarchal activism.

While 20th century fascism relied on masses, we live in a different era of mediated and networked collectives. We can call this the *composition* of the social body that engages in activism. One good starting point is the concept of the *groupuscule*).

Groupuscules

Fascism scholar Roger Griffin identified a unit of fascist organization that, contrary to conventional focus on masses and a tyrannical leader, is about a leaderless resistance that he calls the *groupuscule*. Groupuscules (a term drawn from Felix Guattari) "can be defined as numerically negligible political entities formed to pursue palingenetic ideological, organizational, or activist ends" (2003, p. 30). They are provisional while composing a consistent social body via "minute bursts of spontaneous creativity" that circulate "in a web of radical political energy fueling the vitality and viability of the organism as a whole" (Griffin 2008, p. 199)

Groupuscules eschew proper names and identity over time: they don't have the same formal organization that we might see in groups or even cells. Groupuscules are not the small unit at the bottom of a larger pyramid; instead, they are active assemblages that operate provisionally and quasi-independently (while being bound by common dispositions). Griffin beseeches contemporary readers to pay attention to groupuscules as "myriad minute, and at times highly ephemeral and eminently unmemorable, grouplets" whose small numbers should not be viewed as "as abortive mass movements" but as "an incubator and reservoir of extremist energies" (2003 28-29; 41).

Groupuscules can develop as networked armed men, sometimes as self-organized vigilantes and at others as ex-military mimics (militias, boogaloo bois). Groupuscules do not act as small parts of a larger state or party organization, but as temporary and cellular (though states and parties do attempt to organize them).

Groupuscules have now found a decentralized home on digital platforms as their "qualities duplicate the very features of the Internet" (Griffin 2000 p.171). Groupuscules can be traced to tactical actions like flash mobs (temporary gatherings via minimal logistics and goals) and swarm operations (e.g., vigilantes who quickly mobilize through Facebook and WhatsApp groups to defend racist statues). Platform-based groupuscules that make their way onto the streets sometimes have names (boogaloo, QAnon) and other times are events made up of named units ("The Jan 6 storming"). They converge and then scatter, and the afterlife of their connections can reform for future actions. These groupuscules invoke both the squadrismo of fascist Italian masculine organizing as well as the internet-enabled formation of temporary bands that wage campaigns (in gaming culture, e.g., as well as brigading in other spheres a la GamerGate) (Bratich 2022).

Manospheric groupuscular activism

Key for this paper's understanding of collapse activism is how these groupuscules are steeped in the patriarchal production of gender relations, especially via the *manosphere*. The manosphere's origins can in part be traced to an explicit activism: Men's Rights Activism (Ging p. 7). Over the decades, this men's movement has morphed into an array of masculine projects from sexual mentorship to fitness to online harassment. Quite recently, such groupuscules have been seen in the "active clubs" formed around masculine fitness and also patriarchal ideology (Guardian). Sometimes this activism has murderous results in the form of misogynistic killers, whether explicitly or implicitly articulated, and whether in the form of a massacre or intimate partner murders.

One way these patriarchal groupuscules form is via "redpilling." Redpilling is an awakening done through mentorship, an initiation and spiritual transformation with the goal of preparing the newly awakened subjects for battle (Bratich 2022; 2024). In particular, manospheric men are bonded against the revealed perniciousness of women (especially of feminism). These actors feel themselves to be victims of a declining order, the collapse of patriarchal ideology, and an end to civilization which then requires renewal. Redpilling inspires these transformed men to action: to restore patriarchal order.

The manosphere is replete with these groupuscules of masculine self-awakening, using memed phrases (Reject Modernity, Embrace Tradition) and social figures ("Retvrn Guys") using Greek, Roman and pastoral imagery. Reactionary masculine groups like Proud Boys call themselves Western chauvinists.

Philosopher Celia Amorós (2007) has situated masculine initiations in the rise and proliferation of what she calls "patriarchal pacts": groups in which "pledged liberty, fraternity, represents itself as self-engendering, in some kind of sovereignty myth" (Amorós, p. 123).

College fraternities, gangs, specialized police units, and military groups all operate as these pacted groups.

In contemporary Red Pill bonding, patriarchal pacts come in the form of warbands and packs, even "brotherhoods". And with online digital cultures, red pill mentorship is less institutionalized; more distributed, like casual swarms and "squads."

Manosphere groupuscules form themselves via a bricolage of myths and images from different time periods, e.g. through the online martyrization and canonization of mass killers. The packs resonate via imitation, inspiration, and transmission. Redpilled pacts and brotherhoods are *fantasy* squads composed of friends, strangers, idols, intermediaries, memes, and images.

Redpilling is ultimately a subjective preparation for activism, in fact a *battle*. As a spiritual awakening, redpilling revives a holy war, even with honor killings. Redpilling is a recruitment and training for the ongoing war on women, which is now a more dispersed and ordinary war in real life. The result is the formation of a social body ready to kill and die in toto (Bratich, 2022)--an activism that unleashes war. It is this necropolitical, homi-suicidal dimension that needs comprehension.

Fascist doomerism: a downsinking.

It is not controversial to call fascism a death cult, especially state actions that could be seen as necropolitical. Much has been written about classic interwar European fascism's orientation to death, e.g. the Nazi Totenkult (cult of the dead). Fascism's response, a focus on Renewal and Rebirth (especially of New Man), is well known. Today, we see this necrotic orientation via online and offline actions. Today's fascist groupuscules are morbid symptoms that produce a *necrocultural activism*.

Studies of the necrotic in politics and culture have been in full swing since Achille Mbembe's pivotal *necro-politics* [see also *necroculture* (Thorpe), political *necrophilism* (Fromm, Daly), necro-citizenship *Castronovo*, necro-capitalism, and *necrocene* (McBrien)]. When it comes to patriarchal politics, the most obvious example is how manosphere groupuscules bond through a shared hostility towards women, resulting in misogyny-based killings.

Manospheric groupuscules are fueled by what I call a *deathstyle* (as opposed to lifestyle); it plays out in *homi-suicidal* action, not just as negation but the "producer of life-destroying reality" (Theweleit p. 227). The contemporary Totenkult seeks to become reality, but as *devivification*. Renewal and regeneration are *fruitless* even when they claim to be controlling the future. This contemporary necrotic doomerism is not an apathetic resignation—it is action- oriented. The action is elimination, not just of others but often of the self. Federico Finchelstein identifies the fascist fixation on homi-suicidal dynamics in "the sacrificial death, regeneration, and salvation of their warriors" (pp.73-81). For Deleuze and Guattari, this self-destruction finds

its apogee in fascism, which produces "a flow of absolute war whose only possible outcome is the suicide of the State itself [one that] would rather annihilate its own servants than stop the destruction" (pp. 230-231). Nicholas Michelsen identifies "an overwhelming urge to radical abolition of self and others which co-opts the State and sets it upon an apocalyptically suicidal trajectory" (p. 156).

Our conventional political terminology needs to capture this process better. Some have called the rise of the far right an *insurgent* force. But this concept is tied to an upwards direction from the people to the ruling order. Given its trajectory and speed, fascism is more like a "downsurgency" in which decline accelerates rapidly. We see this downward vortex in the homi- suicidal dynamics of mass shooters, who kill while often being indifferent to their own life. The contemporary fascist activism comprises a culture of *doomerism*, which is more of an affective state than a belief system. Their psychological state has been called *desurgent* (bottoming out in despondency and despair). When downward spirals get agitated and accelerated, these desurgent moods become active, or what I call a *downsurgency*: a *down-sinking* rather than *up- rising*.

Right wing activism, then, seeks to monopolize the crisis and future collapse by accelerating it. The Right seeks restoration at "the end of civilization" but their implementation of these renewal schemes comes via necrotic means that are out of their control. The Right needs ruins in order to transcend them, but they are too tied to destruction. While claiming a kind of vitalism and strength, their necropolitical downsurgency has its own pull. This homi- suicidal tendency means the "people" in populism is not attached even to its own survival. This "populism" is lacking a *bios*, much less a *demos*.

I have outlined the bleak outcomes of these morbid symptoms. Is this a moment for despair and passivity in the face of the totalizing efforts of necropolitical doomerism? How do we find counter examples in this conjuncture of decline against *their* downsurgent vortex?

Their war of restoration is but one response to *collapse* and they have provided their version of "learning to die as a collective": omnicide (extermination with suicidal impulse). To counter the fascist version of doomerism, we can take up the call expressed in graffiti during the 2016 Nuit Debout protests: "another of the world is possible. "In other words, how does our activism work in the service of fighting against fascism and patriarchal capitalism's method of collapse? This first means taking *collapse* seriously.

Activism and collapse

Two main books point the way: one titled, like the slogan, *Another End of The World is Possible: Living the collapse (and not merely surviving it)* (Servigne, Stevens & Chapelle) and *Breaking Together: A Freedom-loving response to Collapse* (Bendell). Together these books set an agenda for collapse-era activism. Eschewing techno-solutionism, growth models, modern notions of progress, or even "hope" of a certain kind, these books propose we begin with the reality that "we are living within, right now, the unfolding collapse of modern societies."

For Jem Bendell, this means embracing *doomsterism* against the pervasive "doomerism" of youth nihilism. Doomers bring with them dissociation, depression, and desurgency, the kind that can lead to apathy but more importantly the homi-suicidal downsinking activism.

Doomsters don't distract themselves from the converging fractures, but they are also not infused with the paralysis of indifference or the catalysis of violent reaction. Doomster imagination, or 'collapsosophy' (from '-sophy' = wisdom) thus addresses the "emotional, ethical, philosophical an artistic" elements of collapse. What kind of activism can emerge from such a collective imagination that integrates collapse awareness?

Extinction Rebellion

The obvious example has been in part spawned by Bendell's own work. Extinction Rebellion (XR) is a multinational social movement aimed at consciousness-raising about urgent ecological crisis. Originating in the UK in 2018, it is a "decentralized, international and politically non- partisan movement using non-violent direct action and civil disobedience' on issues of climate catastrophe (https://rebellion.global/). According to Johnston and Bonnett, their "aim is to generate public awareness, to pressure governments into action, and to conjure an ephemeral collectivity." XR stresses the imperative of taking urgent action, what Friberg calls a "disruptive utopian method that aims to disrupt the present rather than providing blueprints for the future that are to be imposed on the present."

The ways it seeks to communicate this urgency is through civil disobedience, direct action, and creative interventions into everyday flows and spaces. Among its tools are "self- consciously performative acts [that] interrupt the normal flow of traffic, people, time and governance" Johnston. They bring public disruptions to stage "image events for social/media dissemination" (De Luca). Their public art or artivism disturbs the normalcy of everyday life, whether in an art museum or in street traffic, to compel the witnessing of crisis (Mononen; Seagrave; Stammen & Meissner).

XR's model resonates with groupuscules as it is "a highly horizontal and decentralized structure, allowing 'affinity groups' of six to twelve activists to independently plan nonviolent protest actions. The movement also has no formal membership requirement and eschews any official or elected leaders" (Seagrave). In other words, the far right does not own the groupuscular form. Also, this kind of cultural intervention activism was evident in the 2014-15 Black Lives Matter activism, including disrupting opera performances, mall shopping, sports events, college graduations, even the point of news production (live coverage of riots). BLM's goal here was to prevent "returning to normal."

It's this shared lineage of techniques across social movements that leads to the next recent example, one that seems at first blush very removed from conventional activism.

Meetups and takeovers: Informality and logistics as unrecognized activism.

In the past few years, major cities in the US have seen the spontaneous gathering of people to watch and perform stunts with cars. These car meetups, or drifts, or takeovers, are informal, non-permitted, communi-

ty-based gatherings that involve tricked out automobiles doing "donuts" while people play on and around them. There is a carnivalesque quality to these events, as people dress in costume, blast music, and do acrobatic stunts.

They are also heavily mediated, both in terms of how people find out about them as well as the recording and posting of the events to social media. In Philadelphia, PA in September 2024, a multi-sited one-night event generated an internet stir for local police and right wing pundits.

These meetups are (at least in Philadelphia) an outgrowth of other direct actions and their mediation, namely of coordinated property expropriation, also called "looting" in the wake of police abuse. In September 2023, after the pardoning of a police officer who killed Eddie Izzard, multi-locale looting took place. Itself rooted in both BLM and a longer history of flash mobs (aka flash robs), this event was thoroughly socially media coordinated.

Are these forms of "activism?" Not in the traditional sense of an organized effort to change policy, raise awareness, petition the State, or advocate for a group. Instead, these are acts of cultural appropriation (of the streets and cars), a collective stance over territory. These might be called proto-political acts of insurrection (control of the streets against police order), part of what Rasmussen calls "The Movement of Refusal." The interruption that these events provide is less overtly political than BLM or XR but we should not dismiss them as immature or spontaneous acts of apolitical actors.

The takeovers certainly reinforce some harmful norms (car culture, environmental degradation, heteronormative gender performance) that deserve scrutiny and critique. The way these street actors are in "preparation and adaptation both emotionally and practically for a disaster" is drawn from the *Purge* movie franchise series, in which laws are suspended for a day and chaos ensues (primarily violent in the films). But here I want to focus on the meetup's tactical, insurgent operations around two vectors.

First, the *affective* tones of these takeovers. There is a carnivalesque joy that fills the participants with camaraderie and solidarity. Incidents of peer violence are low to non-existent. Instead there is a joyful communal expropriation, one often found in looting. That joy is a power that stops police repression . Such courage is in itself not activism, but forms a social body capable of overcoming obstacles and thwarting defeatism.

Second, the *informality* of these self-organized events. They do not depend on membership or stratified organizations, but produce and defend an "ephemeral collectivity" (Seagrave). "Such informal operations can be seen as social maneuvers rather than movements. There is a whole inventory of maneuvers that could be accounted for here; skillful operational gestures with roots in guerrilla, insurgent, anti-colonial, and network-centric warfare. These are proto-political acts of ontology and strategy, part of a well-worn insurrection strategy: *Become ungovernable*. These are insurrections that "short-circuit both past and present, and suspend historical continuity" (Walter Benjamin in Rasmussen). How might these "potentially-political" or "ante-political" life forms be mobilized and put to use in protests. (Wohlleben in Rasmussen).

Tom Nomad among others call such insurgency-based tactics *Social War,* in which hostilities on the streets reconfigure the terrain and disempower militarized police and policy. Such street operations might

look like "immediatism" or spontaneism, but they are activisms that move away from the symbolic and into the immanent materiality of the terrain of possibilities. This becomes important, as holding territory for the self-enjoyment of a temporary collective can become a subjective source of power in the future.

Ultimately, they develop the immanent associations, affinities, encounters (aka composition) that can lead to more recognizable activist organizational forms. What they foreground is that any activism faces a hostile police force that seeks to suspend and defuse protests. In other words, these operations develop a social body (or groupuscular networks) incapable of being *pacified*. While they don't currently exhibit political ideological substance, they informally challenge the right's attempt to monopolize the end of the world and its attendant affects.

Feminism and re-existence against the necropolitical

The final recent development specifically stands up to the patriarchal necropolitics. I will only gesture here to it, as there are plenty of works on the wave of transnationalist feminist organizing to prevent feminicide and generate alternative forms of life, or what a number of feminists, following Adolfo Albán Achinte, calls "re-existence" (Gago; Federici et al).

The incredible massive demonstrations in Argentina, Spain, Chile, and Italy from 2015 onwards are some of the clearest articulations of these counterexamples against masculinist eliminationism. Streets have been important for mass expressions against rape culture and feminicide as well as for living wages and reproductive rights. With #YouOkSis, *Ni Una Menos*, #MeToo, Sisters Uncut, and *Tranquila, hermana, aquí está tu manada* [It's okay, sister, your wolf pack is here] women found their networked solidarities on streets, around tables, and in WhatsApp chats. The last slogan reappropriated the "wolf pack," the patriarchal groupuscule name that the Madrid-based gang rapists—who included cops—gave themselves.

Many of these activist movements are rooted in social reproduction: "defending forms of life, as concrete collective assemblages, that demand the means to (re) produce themselves." Social reproduction entails a type of *self-defense* and self-possession; not of sovereign individuals but "bodies and territories, or body-territories, as spaces that generate life, memory, relations, and the struggle for their self-determination." Life here is more than *bios*, which allows us to temper any tendency to reduce women to the maternal or bio-reproductive type. Rather than a simple affirmation of life the concept "re-existence" pairs resistance with the need "to reinvent and reaffirm other forms of existence to *vindicate a negated humanity* (Federici, Mason-Deese, Draper, p.3). Re-existence as collective activism goes" beyond resistance and the reproduction of already-existing forms of life to imagine other forms of collective existence" (p.3).

This combo of self-defense and solidarity cultivation are activist forms not to petition the State for policies and permissions, but to actively shape survival and thriving conditions in the face of collapsing infrastructure that is accompanied by accelerated violence (state and non- state). We could also connect this re-existence to the 'regenerative culture' Seagrave identifies within and outside XR. Such regeneration "is concerned with fostering an alternative caring culture both based on renewing consciousness and social relations through emotional openness, empathy, resilience, and holistic awareness".

Social reproduction in this antagonistic/compositional mode also makes communication and media central. Stories, performances, and gestures found in campaigns like #MeToo and #*cuéntalo*, for instance, mediated the sharing of experiences to make "a collective memory of patriarchal violence." This has implications for the temporality of activism in times of collapse. Campaign slogans like "*Ni una menos*" [Not one less (woman)] and "*Vivas nos queremos*" [We want ourselves alive] connect past to present to preempt a patriarchal elimination and to make a living future. These are inheritances of resistance through stories and gestures, the infinite micrological maneuvers that have refused patriarchal violence and necrophilic control.

Life in the face of collapse, a re-existence formed within and through a militant defense of social reproduction but not the type that repeats or restores the conditions that led to collapse. They ward off the arche at the core of patriarchy.

Activism is already reshaping itself amid collapsing institutions and power systems. What arises from these ashes is undecided, as various forces vie to determine the end of the world. While necropolitical forces of the manosphere and other microfascist tendencies seek to control the end of the world via homi—suicidal downsurgency, we find forms of activism that are working to control *how* the old is dying. And maybe what is born, if anything, is not even new.

Works cited

Amorós, C. (2007). Thinking Patriarchy. In M.L. Femenías & A.A. Oliver (Eds.), *Feminist Philosophy in Latin America and Spain* (pp. 109–126). Editions Rodopi.

Bendell, Jem. (2023). *Breaking Together*: a freedom-loving response to collapse. Good Works.

Bratich, J. (2022). *On Microfascism: Gender, War, Death*. Common Notions.

Bratich, J. (2024). Redpilling and the Archaic Roots of Patriarchal Post-truth. Pp.89-108 in *Re-thinking Mediations of Post-truth Politics and Trust: Globality, Culture, Affect,* edited by Jason Harsin. Routledge.

Deluca, Kevin (2021). "Extinction Rebellion, Image events, social media and the eclipse of the earth." *Social Anthropology/Anthropologie Sociale* 29, 1 216–218.

Federici, Silvia, Liz Mason-Deese, & Susana Draper. 2021. Introduction. *Feminicide and Global Accumulation: Frontline Struggles to Resist the Violence of Patriarchy and Capitalism.* Edited by: Otras Negras . . . y ¡Feministas!; Elba Mercedes Palacios Córdoba, María Mercedes Campo, Martha Liliana Rivas Orobio, Natalia Andrea Ocoro Grajales, Betty Ruth Lozano Lerma

Finchelstein, Federico. *A Brief History of Fascist Lies*. Oakland: University of California Press, 2020.

Friberg, Anna. 2022. "Disrupting the Present and Opening the Future: Extinction Rebellion, Fridays For Future, and the Disruptive Utopian Method." *Utopian Studies*, Vol. 33, No. 1,

Gago, V. (2020). *Feminist International: How to Change Everything*. Translated by Liz Mason- Deese. Verso.

Ging, D. (2017). Alphas, betas and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, 22, 638–657.

Gramsci, A. (2011). *Prison Notebooks, Volume II.* Edited and translated by Joseph A. Buttigieg. Columbia University Press.

Griffin, R. (2008). *A Fascist Century: Essays by Roger Griffin*, edited by Matthew Feldman. Palgrave Macmillan

Griffin, R. (2003). "From Slime Mould to Rhizome: An Introduction to the Groupuscular Right." *Patterns of Prejudice* 37, no. 1: 27–50.

Griffin, R. (2000). "Interregnum or Endgame? The Radical Right in the 'Post-Fascist' Era," *Journal of Political Ideologies* 5, no. 2.

Johnston, Caleb & Aphra Holland Bonnett. 2023."Picturing these days of love and rage: Extinction Rebellion's 'Impossible Rebellion.'" *cultural geographies* Vol. 30(2) 315–323

Michelsen, Nicholas. "Fascist Lines of the Tokkotai." In *Deleuze & Fascism: Security, War, Aesthetics*, edited by Brad Evans and Julian Reid, 148–172. London and New York: Routledge, 2013.

Rasmussen, Mikkel Bolt. (Oct 2023) "The Movement of Refusal". Ill Will. https://illwill.com/print/the-movement-of-refusal

Seagrave, Jacob. 2023. "Protest in the face of catastrophe: extinction rebellion and the anti-politics of grief " *suomen antropologi* | 47: 2.

Servigne, Pablo; Raphaël Stevens and Gauthier Chapelle *.ANOTHER END OF THE WORLD IS POSSIBLE; Living the collapse (and not merely surviving it)* . Translated by Geoffrey Samuel .English edition © Polity Press, 2021

Stammen, Lara & Miriam Meissner. (2024). Social movements' transformative climate change communication: extinction rebellion's artivism. *Social Movement Studies*, 23:1, 19-38.

Theweleit, K. (1989). *Male Fantasies, Volume 2: Male Bodies: Psychoanalyzing the White Terror*. University of Minnesota Press.

Wohlleben, Adrian May 17, 2021. "Memes without End," *Ill Will*, https://illwill.com/memes-without-end

Ativismo palestiniano no TikTok: diferentes abordagens e utilização de filtros em solidariedade com a população em Gaza

Raquel Vinhas

Introdução

Com mais de 1700 milhões de utilizadores no final de 2023 (GilPress, 2023), um número que se prevê aumentar, nos últimos anos o TikTok tornou-se uma das redes sociais mais populares, e também uma das mais influentes. Embora mais de metade dos utilizadores se encontre na faixa etária entre os 18 e os 34, um dado que poderia sugerir que de forma geral os conteúdos seriam de teor leve e de consumo casual, na verdade, o TikTok tem- se provado tanto palco como ferramenta para a abordagem a temas sérios e atuais, tendo vindo a ser alvo de múltiplos estudos académicos, produção noticiosa e debate público. Esta observação é particularmente relevante, e torna-se central no presente artigo, quando falamos de movimentos sociais e ativismo.

No dia 7 de outubro de 2023, meras horas após o ataque conduzido pelo grupo militante Hamas, iniciou-se em Gaza uma retaliação de grande escala executada pelo estado de Israel. A 28 de janeiro de 2024, em Gaza, a reescalada do conflito resultava na morte de pelo menos 26,751 pessoas, incluindo mais de 10,000 crianças, mais de 65,636 feridos, e mais de 8,000 pessoas desaparecidas e soterradas nos escombros dos bombardeamentos israelitas. Do lado oposto, assinalando uma enorme discrepância, Israel contava com cerca de 1,139 mortes e de pelo menos 8,730 feridos (AJLabs, 2024).

Com o conflito ainda ativo à data da redação, e face a um crescente ceticismo sobre a imparcialidade da comunicação social no relato dos acontecimentos relacionados com a guerra Hamas-Israel, cada vez mais o público se vira para as redes sociais, e em particular para o TikTok, para se informar sobre este tema. Esta migração (Amy Watson, 2023), à medida que a narrativa sobre *fake news* continua a ganhar tração, é interessante do ponto de vista dos estudos de comunicação. Neste artigo, no entanto, viramo-nos para o despoletar de comportamentos ativistas e em solidariedade com a população palestiniana, que a tanto a informação partilhada no TikTok como as próprias caraterísticas e recursos da aplicação têm vindo a gerar.

Metodologia

A comunidade palestiniana tem utilizado a internet e os meios de comunicação digital para partilhar a sua história e fortalecer a sua identidade desde a Segunda Intifada, servindo-se desde então destes recursos para estabelecer um elo entre a população que permanece nos territórios palestinianos e a comunidade palestiniana em diáspora, impedida ou restringida de voltar e visitar as suas origens (Cervi & Marín-Lladó, 2022; Ghabra & Hasian, 2018; Miriyam Aouragh, 2003).

Na contextualização da dimensão do ativismo palestiniano online, focamos a nossa atenção na recente adoção do TikTok como meio de partilha de informação e de produção de jornalismo cívico, enquanto tentamos atualizar algumas das observações feitas pelos autores originais sobre assunto à luz da atual reescalada do conflito palestino-israelita. Esta primeira abordagem teórica permite-nos avançar para uma análise a uma seleção de vídeos e contas de TikTok que, desde 7 de outubro de 2023, se têm dedicado à cobertura do conflito no terreno e aos desenvolvimentos políticos e ao nível das relações internacionais, e à partilha da cultura palestiniana, no sentido mais etnográfico da palavra. Finalmente, centramos a questão no ativismo praticado pelos utilizadores do TikTok através da criação e utilização de 'filtros' inseridos no TikTok Effect House (n.d.) – um recurso de monetização criado pelo TikTok para compensar os criadores de filtros e efeitos da plataforma –, e que promoviam a angariação de fundos para organizações e instituições de apoio em Gaza.

TikTok, Ativismo e Palestina

> "There is na implicit sense within this text [*The Popular Arts*, (Hall & Whannel, 1964)] that popular culture might politicise youth." (Procter & Hall, 2004, p. 20).

Com efeito, no TikTok encontramos um espaço simultaneamente capaz de promover o entretenimento e de desencadear ação, interesse ou participação política (Moffett & Rice, 2023) e não só. Durante o período da pandemia COVID-19, depois da morte de George Floyd e consequente afirmação do movimento Black Lives Matter nas redes sociais, passando por uma tendência anti-capitalista mais recente (Seema R [@artlust], 2024) e e pelas cada vez mais multifacetadas abordagens aos riscos das alterações climáticas (maksim ∞ [@maksim_unlimited], 2023), o teor dos conteúdos partilhados do TikTok foram alvo de uma enorme ramificação.

Embora ainda se caraterize em grande parte por vídeos com coreografias virais ou pelo *lip-syncing* a partir de clipes de som 'memetizados', as caraterísticas da aplicação – em particular, o seu algoritmo – podem ser consideradas fatores determinantes que levam à diversificação dos conteúdos consumidos pelos seus utilizadores. A página inicial *For You*, por exemplo, funciona com um algoritmo de recomendação que fornece aos utilizadores um *feed* personalizado e contínuo de vídeos baseados no seu comportamento de interações na aplicação (Rein, 2023, p. 192), que não se relacionam, necessariamente e como acontece em outras redes sociais, com as contas seguidas pelos utilizadores (Guinaudeau et al., 2022). Dependendo do grau de utilização, a personalização do algoritmo pode tornar-se extremamente detalhada, resultando em muita especulação sobre a verdadeira forma de funcionamento e arquitetura da aplicação. Desta forma, algoritmo do TikTok é capaz de simultaneamente afunilar e causar um efeito de bola de neve a cada interação ou vídeo visto até ao final.

Caraterísticas como estas, ou como as que facilitam e incentivam a produção e partilha de vídeos, fazem do TikTok o meio perfeito para a disseminação de agendas políticas, para o crescimento de movimentos sociais, e para o incentivo à ação.

No caso palestiniano, como os estudos comprovam, os conteúdos produzidos e integrados em hashtags como #freepalestine ou #gazaunderattack oscilam entre dois géneros – *playfull activism* (Cervi & Marín-Lladó, 2022) e vídeos de teor informativo ou expositivo, onde se inclui muito do jornalismo cívico que ocorreu desde 7 de outubro de 2023.

Numa introdução ao primeiro género, Cervi e Marín-Lladó (2022) fazem uma contextualização que atravessa ambos. Considerando as contribuições de uma série de investigadores (Ghabra & Hasian, 2018; Li & Prasad, 2018; Mislán & Shaban, 2019; Monshipouri et al., 2018), os autores chamam à atenção para a contribuição das redes sociais na 'narração da Palestina' (p. 3) e explicam como o jornalismo cívico – um formato que permite à comunidade palestiniana partilhar o seu 'quotidiano sob ocupação e documentar violações dos direitos humanos' – se tornou numa 'ferramenta poderosa para humanizar as vítimas e refugiados palestinianos'. Aspetos que, como elaboram, se têm vindo a provar fundamentais para 'inspirar seguidores e simpatizantes a organizar manifestações e protestos tanto nos territórios ocupados, como nas comunidades da diáspora palestina em todo o mundo' (p. 3-4).

O artigo, e outro publicado um ano depois (Cervi & Divon, 2023), continuam a reflexão sobre o ativismo digital palestiniano relacionando o conceito de 'ativismo performático' com uma nova ideia, a de ativismo 'lúdico' (*playful activism*), um modelo que argumentam refletir aquilo que acontece no TikTok. A relação, ou, mais especificamente, a deslocação de uma forma de ativismo para a outra, acontece da seguinte forma: enquanto no ativismo performático a performance é utilizada como ferramenta de comunicação, os autores caraterizam o ativismo lúdico que ocorre no TikTok pela sua 'inovadora forma de participação por meio da criação de conteúdo lúdico e criativo' ((Cervi & Marín-Lladó, 2022, p. 3). É nesta categoria, como exemplificam nos dois artigos, que incluem a utilização e mimetização de certos estilos e tendências virais na aplicação, tais como desafios de maquilhagem com as cores da bandeira palestina, reações a vídeos de propaganda do exército israelita, ou compilações de imagens de ativistas palestinianos. É neste modelo de ativismo que, como veremos, também se insere a criação e utilização de filtros inseridos no TikTok Effect House para a angariação de fundos com o objetivo de apoiar a população em Gaza.

Análise a vídeos e contas: "Do you condemn Hamas?"

O Vietname foi a primeira guerra a ser transmitida na televisão, um momento que, como Procter e Hall (Procter & Hall, 2004) explicam, 'enfatizou a necessidade de prestar maior atenção às estruturas sociais e institucionais mais amplas através dos quais a experiência das pessoas é construída' (p. 51). Mais tarde, vinte e seis anos depois da guerra no Vietname e no rescaldo do ataque de 11 de setembro de 2001, a televisão voltou a ser um instrumento fulcral na construção de uma narrativa em torno da ideia de 'terrorismo' e 'mundo civilizado' (p. 68). De acordo com os autores, este fenómeno de construção de significados e interpretações depende da existência de um 'senso-comum' que reflete a 'ordem cultural dominante, ao nível institucional, político e ideológico'.

Nos meios de comunicação social, nas primeiras semanas do reescalar do conflito em Gaza, uma das questões mais colocadas era "Do you condemn Hammas?". A questão foi colocada de forma insistente e, por

vezes, descabida a um conjunto de convidados onde se incluíam embaixadores, políticos, comentadores, humoristas, entre outros profissionais e figuras de interesse para o debate sobre o tema. Nessa altura, no norte de Gaza, já se sentia uma retaliação israelita de grande escala, desproporcional, no impacto e no número de vítimas mortais, ao resultado do ataque organizado pelo grupo militante Hamas no dia 7 de outubro de 2023. Ao mesmo tempo, nas redes sociais, crescia a impaciência por uma abordagem jornalística imparcial que estendesse o mesmo tipo de solidariedade às vítimas palestinianas. Ao longo dos dias e semanas que se seguiram, emergiu no TikTok uma onda de vídeos que ora criticavam, ora colmatavam a brecha deixada pelos órgãos noticiosos tradicionais. Os conteúdos dos vídeos variavam, indo desde o jornalismo cívico de pessoas que estavam a ser afetadas pelos acontecimentos em Gaza, a apelos humanitários, ao comentário social, cultural e político. Outros dedicavam-se a dar a conhecer as tradições e costumes, como os vídeos que partilhavam receitas da gastronomia palestiniana.

Nesta seção do artigo centramos a nossa atenção em três contas e fazemos uma reflexão sobre os conteúdos de cada uma delas. A primeira, Gaza Press Heros (n.d.), atualmente com mais de um milhão de seguidores e 633 vídeos partilhados, usa a sua plataforma para partilhar sobretudo os vídeos de jornalistas e cidadãos jornalistas em Gaza. O foco é especialmente colocado nas reportagens feitas por Motaz Azaiza, de 24 anos, e Plestia Alaqad, de 22 anos – ambos já evacuados de Gaza –, e por Bisan Owda, de 25 anos – que ainda permanece no território.

Num artigo de opinião publicado no blogue de notícias da New York Magazine, Zaina Arafat (2023) fala da sua experiência como palestiniana-americana a consumir os vídeos partilhados pelos três jovens, fazendo algumas observações interessantes. A jornalista chama a atenção para forma como os seus colegas começaram a tratar Bisan, Plestia e Motaz pelo primeiro nome, e como os vídeos permitiram colocar um rosto a 'uma categoria de pessoas que, até agora, eram representadas apenas como números, ou envoltas em keffiyehs'. Segundo Arafat, esta identificação auxiliou na criação de um sentimento de compaixão: 'Passamos a ter por eles as mesmas expetativas que temos por nós mesmos, expressamos a mesma indignação pela injustiça que enfrentam como faríamos se enfrentássemos a mesma'. Além disso, reforçando o ponto do presente artigo, explica como o público ocidental passou a assistir a este tipo de cobertura como fonte de 'notícias'. O conteúdo dos vídeos é idêntico. Bisan, Plestia e Motaz, entre outros nomes que vieram a protagonizar o jornalismo em Gaza, mostram o dia-a-dia sob ataque, imagens gráficas e pessoas em desespero. Mostram também as formas de resistência possível.

Num vídeo de partilhado pela segunda conta que aqui destacamos, gerida por Nuha (n.d.), a criadora de conteúdos mostra uma gravação de ecrã na qual uma jornalista, conhecida de Motaz, cozinha e partilha uma refeição com a família de Motaz no sul de Gaza. A 'normalidade', o quotidiano, contrapõem a violência, e mostram aos utilizadores do TikTok outra perspetiva do conflito e da comunidade palestiniana.

Em abril de 2023, Nuha partilha um vídeo em que fala da sua vida até esse momento. Conta aos utilizadores do TikTok, através de uma montagem de vídeos acompanhada por *voice-over*, que é mãe solteira, com dois filhos, e como num momento economicamente instável começou a partilhar naquela plataforma vídeos relacionados com *pop culture* e celebridades. No espaço de seis meses o conteúdo dos vídeos partilhados pela criadora de conteúdos americana com ascendência egípcia passou a ser dominado por vídeos que relatavam o

que estava a acontecer em Gaza, no território palestiniano, e politicamente pelo mundo. Recorrendo sobretudo ao 'filtro' *green screen* – uma função que permite aos criadores colocar a sua silhueta em sobreposição a imagens ou vídeos –, Nuha começou a partilhar as notícias e desenvolvimentos que se iam passando, muitas vezes apelando à ação dos seguidores, governos e organizações internacionais no sentido de um cessar-fogo imediato. O sucesso dos vídeos e da conta – que presentemente conta com mais de um milhão de seguidores – pode ser explicado, em parte, pela relação de confiança e empatia estabelecida previamente através de vídeos mais atrativos para a demografia jovem do TikTok.

A última conta que analisamos neste artigo é de um criador de conteúdos de origem palestiniana e filipina. A utilização de Subhi (n.d.) do TikTok assemelhava-se à utilização comum dos utilizadores mais ativos na aplicação. Frequentemente acompanhados de hashtags como #muslim ou #arab, os vídeos mostravam o autor do conteúdo a falar diretamente para a câmara enquanto partilhava situações do dia-a-dia, numa espécie de diário digital aberto, ou a interpretar num tom humorístico clipes de som populares. Outros, revelavam já um certo grau de ativismo, denunciando violações de direitos humanos que aconteciam nos territórios ocupados em Gaza e na Cisjordânia. Quando a retaliação israelita despoletou, em Gaza, os conteúdos de Subhi passaram a adotar um tom pedagógico. Como Nuha, recorrendo às funcionalidades do TikTok, como o 'filtro' que permite adicionar imagens à gravação, Subhi começou a partilhar vídeos que contextualizavam o conflito palestiniano-israelita, a divisão e gradual ocupação dos territórios, enquanto partilhava informação atual. À medida que o exército israelita lançava uma nova ordem de evacuação em Gaza, por exemplo, Subhi orientava os utilizadores no mapa do território, expondo a crescente concentração de pessoas no sul da cidade.

Os exemplos que usamos aqui mostram a forma como diferentes tipos de conteúdos – o jornalismo cívico, a exposição emotiva e o apelo direto à ação, e uma abordagem mais pedagógica –, em contas de diferentes dimensões, podem aumentar o interesse do público, possivelmente ajudando-os a desconstruir narrativas dominantes e parciais, e, levar à ação, tanto no espaço físico como no digital.

'Filtros' pró-palestina e angariação de fundos

A 6 de novembro de 2023, Jourdan Johnson (n.d.), criadora de conteúdos, filtros e efeitos no TikTok, lançou na aplicação o 'Filter for Good', um filtro, como Chase DiBenedetto (2023) explica, de utilização gratuita, sem risco, e uma chamada à ação para auxiliar na crise humanitária que se fazia, e faz, sentir em Gaza.

Na prática, o filtro é um jogo que convida os utilizadores a deslizar uma fatia de melancia – um símbolo da resistência palestiniana – por um caminho ondulado que atravessa o ecrã. Os utilizadores movem a fatia com o dedo, enquanto tentam intersetar as sementes de melancia distribuídas pelo percurso, como mostra a Figura 1. Na descrição do vídeo que apresentava o filtro, Jourdan (2023) explica que faz parte do programa de recompensas aos criadores de filtros do TikTok e que pretende doar o dinheiro angariado a instituições de caridade em Gaza. A criação deste filtro desencadeou a criação de muitos outros com o mesmo objetivo.

O modo de funcionamento do programa de recompensas do TikTok, como Chase DiBenedetto (2023) sumaria, é o seguinte: o programa permite que criadores reconhecidos, ou seja, utilizadores que tenham pelo

menos cinco efeitos publicados no TikTok e três efeitos utilizados em mil vídeos, cada, sejam recompensados monetariamente pela utilização dos filtros. Considerando uma série de critérios que qualificam as publicações, cada efeito pode gerar até 14 mil dólares. No caso de Johnson, o dinheiro angariado foi dividido em partes iguais entre os Médicos Sem Fronteiras (Figura 2) e na compra de cartões eSIM, no sentido de mitigar as frequentes falhas de comunicação e ajudar a população de Gaza a partilhar com o mundo as consequências dos ataques israelitas.

A utilização viral destes filtros chama a atenção para uma possível performatividade falsa, sendo alvo de críticas – como aconteceu com o movimento #blackouttuesday depois da morte de George Floyd (Chase DiBenedetto, 2023). No entanto, podemos argumentar que os resultados práticos, isto é, a angariação de fundos com o objetivo de serem aplicados especialmente no apoio humanitário, sobrepõe-se às motivações que levam os utilizadores a utilizar este tipo de efeitos.

Conclusão

Ao longo do artigo foi feita uma tentativa de contextualizar o ativismo digital palestiniano, prestando especial interesse ao que tem sido praticado na rede social TikTok. Tratando-se de uma aplicação em crescimento, caraterizada por elevado número de utilizadores jovens, o TikTok têm-se provado terreno fértil para mais do que danças virais, desencadeando a produção de discurso sobre temas atuais, com implicações práticas na vida social, cultural, ambiental ou económica.

Perante a retaliação israelita sobre Gaza, depois do ataque do grupo militante Hamas a 7 de outubro de 2023, e resultando de uma insatisfação do público a uma cobertura não parcial dos acontecimentos, verificou-se no público uma movimentação e consequente onda de solidariedade no TikTok para com a população palestiniana em Gaza e nos territórios ocupados. O crescente interesse do público nos desenvolvimentos do conflito levou à criação ou reconfiguração de contas na aplicação, identificando-se conteúdos que iam do jornalismo cívico, à exposição emotiva dos acontecimentos e ao apelo à ação, a abordagens mais pedagógicas ao assunto. Em simultâneo, recorrendo às ferramentas disponibilizadas pela aplicação, alguns criadores viram uma oportunidade de criar filtros e efeitos com o objetivo de angariar fundos para apoiar a população em Gaza.

Esta análise permite-nos compreender como é que determinadas utilizações do TikTok podem revelar diferentes formas de ativismo ou até de o levar para lá do universo digital. Seja através das metodologias utilizadas pelos criadores destacados ao longo do artigo, ou através de formatos mais mediáticos, interativos e de carater lúdico, como as próprias danças virais, o TikTok valida a afirmação de Zaina Arafat (2023) quando diz que a 'alegria pode ser em si uma forma de resistência'.

Referências

AJLabs. (2024, January 30). *Israel-Gaza war in maps and charts: Live tracker*. Al Jazeera. https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/10/9/israel-hamas- war-in-maps-and-charts-live-tracker

Amy Watson. (2023, September 25). *Share of adults who use social media as a source of news in selected countries worldwide as of February 2023*. Statista. https://www.statista.com/statistics/718019/social-media-news-source/

Apresentando as recompensas do Effect Creator. (n.d.). TikTok Effect House. Retrieved January 10, 2024, from https://effecthouse.tiktok.com/rewards

Cervi, L., & Divon, T. (2023). Playful Activism: Memetic Performances of Palestinian Resistance in TikTok #Challenges. *Social Media and Society*, *9*(1). https://doi.org/10.1177/20563051231157607

Cervi, L., & Marín-Lladó, C. (2022). Freepalestine on TikTok: from performative activism to (meaningful) playful activism. *Journal of International and Intercultural Communication*, *15*(4). https://doi.org/10.1080/17513057.2022.2131883

Chase DiBenedetto. (2023, November 15). *How TikTok's "Filter for Good" is raising money for Palestine*. Mashable. https://mashable.com/article/watermelon-filter- for-good-tiktok-explained

Gaza Press Heroes [@gazapressheroes]. (n.d.). *Help us in Gaza on the link below [TikTok profile]*. TikTok. Retrieved January 20, 2024, from https://www.tiktok.com/@gazapressheroes?is_from_webapp=1&sender_device= pc

Ghabra, H. S., & Hasian, M. A. (2018). Tough Love: A Diasporic Critique of the Palestinian Boycott, Divestment, and Sanctions Movement. *Journal of Communication Inquiry*, *42*(4). https://doi.org/10.1177/0196859918783459

GilPress. (2023, November 29). *Tiktok Statistics For 2024: Users, Demographics, Trends*. What'sthebigdata. https://whatsthebigdata.com/tiktok-statistics/

Guinaudeau, B., Munger, K., & Votta, F. (2022). Fifteen Seconds of Fame: TikTok and the Supply Side of Social Video. *Computational Communication Research*, *4*(2). https://doi.org/10.5117/CCR2022.2.004.GUIN

Hall, S., & Whannel, P. (1964). The Popular Arts. In *The Popular Arts*.

Jourdan Johnson [@xojourdanlouise]. (n.d.). AR Creator in LA Creative Tech. *TikTok*. Retrieved January 10, 2024, from https://www.tiktok.com/@xojourdanlouise?is_from_webapp=1&sender_device= pc

Jourdan Johnson [@XoJourdanLouise]. (2023, November 1). *USE THIS FILTER to help the people of Gaza.* TikTok. https://www.tiktok.com/@xojourdanlouise/video/7298527451922189599?is_fro m_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7328471027187877408

Li, E. P. H., & Prasad, A. (2018). From Wall 1.0 to Wall 2.0: Graffiti, Social Media, and Ideological Acts of Resistance and Recognition Among Palestinian Refugees.

American Behavioral Scientist, *62*(4). https://doi.org/10.1177/0002764218759582

maksim ∞ [@maksim_unlimited]. (2023, January 29). *interesting #climatechange & #mentalhealth story*. TikTok. https://www.tiktok.com/@maksim_unlimited/video/7329576474367773994

Miriyam Aouragh. (2003). Cyber Intifada and Palestinian Identity. *ISIM Newsletter*, *12*(1), 42–43.

Mislán, C., & Shaban, S. (2019). "To Ferguson, Love Palestine": Mediating life under occupation. *Communication and Critical/ Cultural Studies*, *16*(1). https://doi.org/10.1080/14791420.2019.1594325

Moffett, K. W., & Rice, L. L. (2023). TikTok and Civic Activity Among Young Adults. *Social Science Computer Review*. https://doi.org/10.1177/08944393231188470

Monshipouri, M., Prompichai, T., & Edu, B. M. (2018). Digital Activism in Perspective: Palestinian Resistance via Social Media. In *International Studies Journal (ISJ)* (Vol. 14).

Nuha [@devotedly.yours]. (n.d.). EGUS *I cover stories [TikTok profile]*.

TikTok. Retrieved January 20, 2024, from https://www.tiktok.com/@devotedly.yours?is_from_webapp=1&sender_device= pc

Procter, J., & Hall, S. (2004). Stuart Hall - Routledge Critical Thinkers. In *English Studies*.

Rein, B. (2023). Making Science Education More Accessible: A Case Study of TikTok's Utility as a Science Communication Tool. In *Neuroscience* (Vol. 530). https://doi.org/10.1016/j.neuroscience.2023.08.021

Seema R [@artlust]. (2024, January 29). *#medialiteracy #visualliteracy #historytok*.

TikTok. https://www.tiktok.com/@artlust/video/7329613762288241962

subhi [@iamsbeih]. (n.d.). *servant of Allah palestinian PS filipino PH [TikTok profile]*.

TikTok. Retrieved January 20, 2024, from https://www.tiktok.com/@iamsbeih?is_from_webapp=1&sender_device=pc

Zaina Arafat. (2023, November 20). *Witnessing Gaza Through Instagram*. New York Magazine. https://nymag.com/intelligencer/article/bisan-plestia-motaz-gaza- through-my-instagram-feed.html

#disabilitySouthAfrica: critical reflections on TikTok

Fabiana Battisti,
Lorenzo Dalvit

Abstract

In this study we present a critical reflection on the TikTok platform and the results of the search for the hashtag disability in the South African context. As the legacy of Apartheid is still visible in offline and online inequalities along racial, gender, and disability lines, the study aims to shed light on the representative potential considering the massive increase in active users on the platform over the past year. We conducted a multimodal content analysis of the first 20 #disabilitysouthafrica videos. The emerging three narrative styles (Emotional-Inspirational, Experimentation–Fun, Reflexive–advocacy) are critically discussed as the result of human-algorithm interactions. At the intersection of exposure and performativity, nonconforming identities seem to find a space that limits as much as it allows for the lightness of self-expression. The construction of a daily crip space seems to give voice to the claiming of one's legitimate and individual space of existence.

Keywords

TikTok; South Africa; visual activism; crip performativity; intersectionality

Introduction

Considering the massive increase in active TikTok users over the past year (Data Reportal, 2023), TikTok has become a relevant resource for investigating the post-apartheid South African context. Such context is still characterised by structural inequalities in terms of race and social vulnerability. Despite progressive legislation, people with disabilities suffer from differential treatment and unequal conditions in terms of educational access, digital skills, economic resources and public representation (Dalvit, 2021; Dalvit, 2023; Battisti and Dalvit, 2024). The (in)visibility experienced by various minority groups and their innovative mobilizations of social media have been highlighted in digital spaces. In parallel, it is possible to recognize how, beyond intermediaries, disabled bodyminds have developed forms of digital media practices of self-representation, allowing for a broader collective sense of personhood and audience.

(In)visible crip performativity

Social media platforms allow for an ever-increasing public presence and discussion of underrepresented issues, identities and groups carrying the demands of the world's existing social diversity (Abidin and Lee, 2022). As Foster and Pettinicchio (2023, p.274) also make explicit in the case of disability:

> On these platforms, visibility and fame are, ostensibly at least, fair game for all.

TikTok constitutes a prime example of a democratic platform in terms of the possibility of going viral and being discovered by a wide audience for each individual creator or content (Schellewald, 2021; Cervi and Divon, 2023; Mendelson, 2023). Strategies such as the use of trending audios or hashtags thus become the resource for gaining visibility and in fact guide the production of content, the consequent interactions activated with affective publics and the construction of one's own but similar platform-format identity (Zulli and Zulli, 2022). By engaging in participatory digital media practices, TikTok users construct, negotiate, and understand selves and collectives through affective belonging, strengthened by the logics of algorithms (Muchitsch, 2024). Several studies have found that the strategies adopted by users enable those categories belonging to the vulnerable and marginalised population, such as those with a migration background, to cope with algorithmic (in)visibility (see Jaramillo- Dent, 2022). In fact, the algorithm seems more democratic, but in reality responds to opaque and enabling selection logics, which may lead to the temporary or permanent shadowban of profiles and content related to topics deemed controversial (Raucheberg, 2022). Although this contradiction also involves disability, the use of TikTok both facilitates and constrains opportunities for diversity and inclusion online (Foster and Pettinicchio, 2024). The emphasis on individual rather than collective narratives favours the emergence of disabled bodyminds and their digital media practices of self--representation. This possibility broadens the collective sense of personhood and audience (Ginsburg, 2012) through the restitution of personal and non-medical stories related to ADHD, for example, (Leveille, 2024) or the attested diffusion of crip epistemiologies by girlhoods that deepens the understanding of the ever-evolving social and political meaning(s) attached to disability (Todd, 2024). This struggle of negotiation for (in)visibility can be termed crip performativity (Sheppard, 2020) because of the intersection of technology and everyday practices of self-narrative, of polyphonic contributions that are not necessarily coherent with each other.

Something that resembles the challenge that disability represents for common sense and that Shildrick traced in

> the articulation of the heterogeneous voices among themselves both causes one to think and causes the language to think (Derrida, 1995 in Shildrick, 2002).

On TikTok not all videos are self-explanatory and due to speed of use and brevity of content much is left to the user, who may or may not reconstruct internal meanings (Hautea et al., 2021). This process takes place through the tools and knowledge the user has, which is why the case of disability is relevant. Identities wage a battle of public affirmation and definition for themselves, with the algorithm and with the end user, exposing themselves physically and with a much greater commitment of energy than in platforms such as instagram (Battisti and Dalvit, 2023). This article aims to investigate the potential for self-representation in depth from an insider perspective within the Global South. In the wake of the growing strand of scholarship claiming the urgency of disavowing disability as a uniform category that can be studied in the same way everywhere and recognising the distinction of its culturally specific conceptions and perceptions (Ned et al., 2022). The challenge is to apply this perspective to digital environments where the difficulty of interpretation is heightened by the need to infer communicative intention, however in the case of TikTok this diffi-

culty is moderated by the full body visual preponderance, supported by audio or voice over by the creator which will be the subject of the analysis articulated in the next section.

Methods

Digital spaces are objects and instruments of inquiry (Delli Paoli, 2022), in this sense the TikTok search query is only a gateway to the data creation, sharing and selection environment that platforms encapsulate. In this genesis of data, a discover-searchability is configured, oriented by the platform but constrained by user interactions, whereby searching by hashtags (Battisti and Dalvit, 2024; Highfield and Leaver, 2015) allows for more systematically identifying memetic media such as TikTok content. This is possible because what we can call a hashtag page functions as a repository of users' audiovisual engagements (Cervi and Divon, 2023) and reveals the specific detection difficulties of searching for instances of self-representation of disability, as discussed elsewhere (Battisti and Dalvit, 2024). Our detection strategy was to:

1. Create an anonymous TikTok profile with South African sim therefore without exerting influence in accessing the stream of content proposed by the algorithm through specific interests or past interactions.

2. Explore the content proposed in the Top video page during May 2024 for the hashtag #disability-SouthAfrica, monitoring its variability over several weeks. Although this hashtag is quite broad, as it encompasses the many worlds of disability (visible and non-visible), we realized that it proposes content that is specific and better geolocalized in the context of South Africa in comparison to more specific hashtags (e.g., #autismsouthafrica or #ADHDsouthafrica) and English language usage, which instead refer to profiles of international origin (e.g., USA or UK).

Over the time period under consideration, the consistency in the top 20 returned videos allowed these to be confidently chosen as a purposive sample (see Elo et al., 2014), adopting the visibility attested by the algorithm as the criterion. The fact that these videos appear among the top section signals that the videos were indeed of interest to users. Among these videos, the wide use of the English language is attested as indicative of a broader user choice that conforms to the platform template in style and practices. The dual cultural affiliation of the authors, external and internal to the South African context, allowed for in-depth and critical discussion of emerging meanings. All the selected videos are publicly visible on the platform and they are by different individual creators. All were posted between 2021 and 2023, with a minimum of 11 seconds to a maximum of 2 minutes. We chose to anonymize the referenced public profiles as they can be traced back to ordinary users whose privacy and respect for the ownership they exercise as authors over that content (Franzke et al., 2020).

We employed a multimodal content analysis (Kress and Van Leeuwen, 2020), we focused on spoken and written language, sound, gesture, body posture, type of disability represented, the message, the function of the message, and the presence of humor/irony. This approach allowed for reflections on the specific aesthetic styles and languages of TikTok intertwined with users' meaning-making practices (Schellewald,

2021). The multimodalities inherent in the audio-video content format of the platform push imitative forms in addition to requiring technical and creative and temporal skills entirely relevant to the case of disability.

Results and discussion

The results are organised into three main sections, related to the emergence of the main narrative styles and the use of trends or not by users. Overall, we found mostly black female users with visible disabilities (mostly physical). Narrative styles emerge from the entanglement between the accompanying audio track, the theme and message conveyed and the proxemics of the creators. Although presenting similar and not necessarily mutually exclusive elements, each of the identified styles conveys different communicative intentions. This makes it possible to detect, in an increasingly fragmented and audience-oriented digital environment such as TikTok, proposals for self-narration that are placed on a continuum ranging from emotionality to reflexivity, finding as a halfway the formula of lightness and fun.

Emotional-Inspirational

Within this narrative style, the accompanying audio reinforces an emotional dimension close to a rhetoric of body positivity and self-empowerment. The women in the videos tend to show and celebrate themselves in their beauty with slideshows, a constant smile and motivational phrases inserted as text in the video or in the caption of the content. The video of a young black woman who writes "Had to show my little limp at the end 💕 #disabilitytiktok #southafricatiktok #selfconfidence" is emblematic, employing the trend of the video text:

> Show your self, then show your disability.

A close-up of the face of a beautiful woman smiling with confidence is followed by a google search screen with a definition of her condition - mild celebral palsy -. Next appears the video in which the creator walks smiling together with a friend on the gateway connecting to the aeroplane, showing how cerebral palsy impacts her. This is emphasised by the emotional music, hinting at overcoming difficulties and celebrating inner resilience. The musical crescendo suggests the positive evolution of the daily heroic cycle, recognisable as an affective negotiations of ordinary feelings (Muchitsch, 2024). This proactive attitude brings out the clear separation proposed by the trend between self and disability in the possibility of intermediate presentation. In the first seconds, in fact, disability is invisible and imperceptible and the creator presents herself. Initially such presentation appears to be complete, only to discover a few moments later that it is not and the following frames of the video complete the woman's identity. In this way, the dichotomy between self and disability seems to be reconciled in a desirable crisis that suggests a more complex nuance of individual identity. Disability is proposed in a positive light, as a positive attitude as well as a representation, linked to everyday self-confidence. This partly clashes with a relatively elitist possibility for the South African context. Being at the airport, for example, reveals a certain social status, which allows one to generally experience the condition better and enjoy more social advantages (Graham et al., 2012). Furthermore, the strong emphasis on the distinction between self and disability in terms of the visual, verbal and temporal level reinforces di-

sability as a non-conclusive/exhaustive attribute of the totality of subjectivity that can be overcome. A kind of "despite" effect occurs, i.e. the overcoming of a condition that is in itself negative. This takes the form of serenity as a form of encouragement and self-confidence. The body is proposed as unconditionally positive and a a tool for expressing one's identity as well as an example for others. An example of this is the video of a creator with mobile crutches walking in front of the camera, shot full body, with positivity and a smile, with audio that is aimed at all users who will watch:

> you are freaking beatiful, you are amazing, remind you today.

Inner and outer beauty are claimed as equal in dignity and self-explanatory. Examples of this are the videos of two creators (one white and one black both with physical disabilities) who simply show the best version of themselves in elegant clothes. Although they claim the beauty of disability, both do not show their disability, indeed the one without a leg tends to share photos (even on her profile) that mostly show the other side of her body. This aspect reveals the problematic nature and limits of the struggle for self-representation (Buysse and Borcherding, 2010; Battisti and Dalvit, 2023). The statement therefore appears to be a search for aesthetic conformity to the already established and viral canons for the platform (i.e. Todd, 2024).

Experimentation – fun

The experimental narrative style aims to engage with platform formats in order to achieve greater visibility and re-signification (Jaramillo-dent, 2022) of the proposed content. In this formula, lightness and freedom of expression drive the creation of the content and constitute its communicative intention. Implicit amusement comes through experimentation with formats that combine the use of humour and memetic sharing of personal experiences (Zulli and Zulli, 2022; Leveille, 2024). The contents lend themselves to the logic of platform visibility (e.g. with the insertion of hashtags such as #contentcreator #foryoupage #afro that facilitate appearance) but are also proposed as a relevant expression of the potential of the body seen as vulnerable. This is the case of the black creator with a visible disability in an electric wheelchair who with over 1 million views on the song Tshwala Bam (feat. S.N.E, EeQue) - TitoM & Yuppe posts the video of his performance, writing:

> I had to do this song! 😂
> #antwon #antwontheofficial #contentcreator #omg#funny #hilarious #dancing #afro #fyp

Filmed full-body, he looks straight into the camera and takes off his glasses as he starts to dance, gradually moving his body more and more to the music. The creator indulges in the unbridled rhythm, defying the viewer's gaze. As Shildrick (2002, p.2) suggests:

> the body remains a politically necessary site of contestation.

Vulnerability and socially constructed monstrosity are the fruit of a pre-constituted world, which as conceptualised by the author can be questioned because the body is constantly becoming in the world, like its sexuality, and morphological diversity is not reducible to questions of sameness and difference. With his

participation in the trend, the creator subverts the hierarchical scale of exclusion and invisibility in the relevant community, with which he is commonly associated and which as noted is internalised by persons with disabilities (Ngubane-Mokiwa, 2018; Thabethe, 2021). The creator exposes himelf by dancing in front of the camera with extreme sensuality and self-possession while freely moving his body that would seem much more fragile and static in appearance. A strong carnality emerges that also latently claims the sexual tension of the disabled body, in continuity with what has been noted in the literature as forms of response to the stereotype of asexuality (Gerschick and Miller, 2013).

Expressive facial irony is used to overcome negative feelings, normalising the narrativisation and recognition of ableist experiences. In fact, the young and white girl creator with phocomelia uses the trend of the song "It's the hard knock life (Anne Movie)", with the caption "Sometimes these things try to tear me down but I rise up and overcome 🙌❤️✨ #disabilitytiktok #disability-awareness #fyp #adaptandovercome #limbdifference #limbdifferenceawareness #congenitalamputee #foryou". With a mimic of ironic surprise, the young creator pretends to juggle the continuous microaggressions that appear as text in the video. These are similar to traffic accidents that force her to change direction, so she pretends to move from the centre of the shot to the right or left, each time encountering the writing with facial expressions of discomfort, perseverance and false optimism. The video reads, for example:

> what it's sometimes like living with a disability: how do you go to the bathroom? You're pretty BUT you're disabled; Asks inappropriate sexual questions; Doesn't even want to shake my hand

The ironic reversal has already been highlighted as an identity factor of collective benefit for public reflection and shared awareness of people with disabilities (Todd, 2024). Furthermore, it can be seen as a mild counter-response that can emphasise the subject's agency in relation to the strong levels of depression and low self-esteem associated with stigma (Trani et al., 2020). In this case, the presence of the video in the top section signals a strong effectiveness of this content, possibly due to the emerging visibility of what has been hidden, and therefore a collective sense of silent and peaceful denunciation that can have an impact on offline interpersonal exchanges (Mendelson, 2023).

Employing humour to mock disability is quite relevant. This is the case of a video in the TOP 20 section with the second highest number of views in which even in the caption the the non-disabled creator writes " 😂🤌🤌😭 #disabledtiktok #disabledchallenge #SAMA28 #queenlelo #fyp #jollofinas#disabledvideos #foryou #umona #umonadancechallenge" in the text of the video:

> Date a South African man 🇿🇦 or be disabled. Me: 😭

Against the background of the song 'Umona Toby x Chley x Major x Yuppe - Major Keys', the creator taps on negative stereotyping by pretending to be disabled, pretending to walk badly, dragging her left leg, gesturing with outstretched arms, which have fake spasms and the facial expression is one of exaggeration of the involuntary gestures of people with conditions such as paralysis. By resorting to offensive humour, the stereotype of disability as excluded from the sexual sphere/intimate relations as a condition that does not make the body desirable is taken for granted. Moreover, the love experience is crushed on the purely aesthetic

dimension of 'normal' physical functionality. The creator exasperates this idea and reinforces the widespread attitudinal barriers against disabled people (Foster and Pettinicchio, 2023), which can be detected in the success of the video, which is enhanced by the platform as it is appreciated by users. This is particularly consistent with the harshness of the South African digital public sphere, which features widespread but subtle forms of discrimination in contradiction to relatively progressive legislation (Dalvit, 2021; Battisti and Dalvit, 2024).

Reflexive – advocacy

Creators share intimate reflections on their life experience, central or revelatory to their identity. They therefore tend to show only their face in the foreground or full body without following trends but posing questions relevant to their everyday life (e.g. accessibility of public places). Proposing themselves in a dialogical key with questions or suggestions, they open themselves up to the potential response of users, seeking it and hoping for a stimulus- response linked to the most intimate and profound sharing of their awareness. For example, the creator-black mother with celebral palsy writes in the caption of the video "I'm proudly living with disability and my disability is not my inability #disabilityawareness" saying:

> "Yes I'm living with disability, some people can find hard when I say I can do everything and I move like 'm drunk - she laughs with self-mockery and serenity - but I'm not crazy at all."

The spiritual balance that transpires can be read through the lens of South African existentialism (*Ubuntu*), that is, a strong spiritual connection of one's embodied existence with the surrounding environment and social networks. People living with psychosocial disabilities typically seek to rebalance their sense of spiritual connection with social networks (Ned et al., 2022). This indigenous interconnection with others, the spiritual world and the social structure is largely under-investigated in the case of disability and in the digital context the search for this balance risks being a form of positive but suspended connection with a potential community of strangers. A further example is the black creator who writes

> I have been in a wheelchair for almost all my life so sometimes i can't help but wonder what its like to walk on my two feet. I have faith that one day God is going to let me experience it all and so much more ♿❤️🙏 #faith #tiktoksouthafrica #disabledtiktok #wheelchair

She asks herself, almost fantasising, while taking a close-up of her face in an intimate tone "is that comfortable for people dance? Walk? How is that?", as if it were a confession between friends. The documentary narrative typical of TikTok in this case expresses the strong faith in God's grace, as a form of coping for the aspiration for a possible future (Schellewald, 2021; Mugeere et al., 2020). Furthermore, religiosity becomes a constructive form of self-acceptance and construction of one's identity through connection with the environment. This is the case of the young creator with phocomelia (Farmer without arms) who says:

> I prayed to God every day to ask him to make my hands grow, I tried to kill myself several times, taking pills, as I grew up things got better, at 21 I'm done crying, I'm done trying to change, just enjoy what I am, who I am, I spent a lot of time with my grandmother she was a farmer and one time she was planting mielies and all these seeds surprised me I started pushing it on the ground with my toes, I felt proud that I did something without somebody assisting me, I was honestly like I'm in control of my life so I started my farming officially in 2018 by doing all sorts of vegetables, so I'm seen, are you?

The intimacy invoked by the creators suggests they perceived TikTok as a safe platform (Sot, 2022). This offers a space for dialogue, but this is limited by the algorithm. Indeed, visibility is rather limited in terms of likes, comments and shares, despite appearing in the top videos section. This contradicts the transformative potential of TikTok (Mendelson, 2023), but it is in line with the ableist opacity of algorithmic selection (Rauchberg, 2022).

Conclusions

In the present study, we investigated the memetic form of TikTok in which disability is proposed as crip performativity by the creators, i.e. at the intersection of negotiation and algorithmic selection. To do this, we relied on the top video page, dedicated to the most successful videos for the hashtag #disabilitySouthAfrica. This process returns only the top platformed crip narratives but has the advantage of guaranteeing an initial critical- exploratory investigation that can then be expanded by further qualitative vertical studies on specific profiles. Furthermore, the rather small amount of total content for the hashtag being investigated should be considered. This is attributable both to the dynamics of inequality in access to digital tools, and to the desire to identify and declare oneself disabled on the platform. Despite the algorithmic practices of the platform promoting similar videos to the top page (Leveille, 2024), we have identified three narrative styles (Emotional-Inspirational, Experimentation–Fun, Reflexive–advocacy). These signal a need to better investigate everyday forms of expression, those of cripistemiologies compared to prostheses etc., which increasingly speak of individuality from the Global South with its own cultural resources but do not exclude that they create worlds of reference also for the non-disabled public. This, especially in the context of strong inequalities, could increasingly benefit from horizontal socialization in terms of bottom-up normalization. Possible topics for future research include: 1) the perspectives of creators and their approach to interactions with the platform, human and non-human; 2) the general response of the audience with an analysis of the comments.

References

Abidin C., Lee J. (2022). *Social justice through social media pop cultures: Case studies and reading resources on influencers and TikTok*. TikTok Cultures Research Network (TCRN) & Social Media Pop Cultures Programme, Centre for Culture and Technology (CCAT), Curtin University. https://tiktokcultures.com/socialjustice2022/

Battisti F., Dalvit L. (2023). Celebrating authentic bodies: Instagram (self)representations of models with disabilities in South Africa, *H-ermes. Journal of communication*, 25: 7-22, DOI: 10.1285/i22840753n25p7

Battisti F., Dalvit L. (2024). "Exploring Methodological Challenges of Researching Disability and Social Media in South Africa" in Maiello G. and Masullo G. (eds.) The Fields of Digital Research: Theoretical, Methodological and Application Challenges, New York, McGraw-Hill, pp.181-206.

Buysse, J. A. M., Borcherding, B. (2010). Framing gender and disability: A cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, *3*(3), 308-321.

Cervi, L., & Divon, T. (2023). Playful Activism: Memetic Performances of Palestinian Resistance in TikTok #Challenges. *Social Media + Society*, *9*(1). https://doi.org/10.1177/20563051231157607

Dalvit, L. (2021). The voice of the voiceless? Decoloniality and online radical discourses in South Africa. In B. Karam & B. Mutsvairo (Eds.), *Decolonising political communication in Africa* (pp. 207–223). Routledge.

Dalvit, L. (2023). A Decolonial Perspective on Online Media Discourses in the Context of Violence Against People With Disabilities in South Africa, *Comunicação e sociedade*, 41, 169-187.

Data Reportal (2023). Digital 2023: South Africa. https://datareportal.com/reports/digital-2023-south-africa Delli Paoli, A. (2022). The Potential of Digital Ethnography for Sensitive Topics and Hidden Population. *Italian Sociological Review*, *12*(7S), 729. https://doi.org/10.13136/isr.v12i7S.579

Elo S., Kääriäinen M., Kanste T., Pölkki T., Utrainen K., Kyngäs H. (2014). Qualitative Content Analysis: A Focus on Trustworthiness. *SAGE Open*, 4(1). https://doi.org/10.1177/2158244014522633

Foster, J., Pettinicchio, D. (2023). #DisabilityTikTok. In: Jeffress, M.S., Cypher, J.M., Ferris, J., Scott-Pollock, JA. (eds) The Palgrave Handbook of Disability and Communication. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-14447-9_17

Franzke A. L., Bechmann A., Zimmer M., Ess C., & The Association of Internet Researchers. (2020). *Internet research: Ethical guidelines 3.0*. https://aoir.org/reports/ethics3.pdf

Gerschick, T. J., & Miller, A. S. (2013). Gender identities at the crossroads of masculinity and physical disability. In Toward a new psychology of gender (pp. 455-475). Routledge.

Ginsburg, F. (2012). Disability in digital age. In Horst, H.A., & Miller, D. (Eds.). Digital Anthropology (1st ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003085201

Graham, L., Moodley, J., & Selipsky, L. (2012). The disability–poverty nexus and the case for a capabilities approach: evidence from Johannesburg, South Africa. *Disability & Society*, *28*(3), 324–337. https://doi.org/10.1080/09687599.2012.710011

Hautea S., Parks P., Takahashi B., Zeng J. (2021). Showing they care (or don't): Affective publics and ambivalent climate activism on TikTok. *Social Media + Society*, 7(2), 1–12.

Highfield T., Leaver T. (2015). A methodology for mapping Instagram hashtags. *First Monday*, 20(1), 1–11. Jaramillo-Dent, D. (2022). Algorithmic (in)visibility tactics among immigrantTikTokers. Mediální studia, 16(2), 215–235.

Kress G., Van Leeuwen T. (2020). *Reading images: The grammar of visual design*. Routledge.

Leveille, A. D. (2024). "Tell Me You Have ADHD Without Telling Me You Have ADHD": Neurodivergent Identity Performance on TikTok. *Social Media + Society*, *10*(3). https://doi.org/10.1177/20563051241269260

Mendelson, E. A. (2023). Sensemaking and public intimacy on TikTok: How viral videos influence interpersonal relationships offline. *New Media & Society*, *0*(0). https://doi.org/10.1177/14614448231163231

Muchitsch, V. (2024). Sad Girls on TikTok: Musical and Multimodal Participatory Practices as Affective Negotiations of Ordinary Feelings and Knowledges in Online Music Cultures. *Popular Music and Society*, *47*(2), 231–247. https://doi.org/10.1080/03007766.2024.2320589

Mugeere, AB., Omona, J., State, AE. & Shakespeare, T. (2020). "Oh God! Why Did You Let Me Have This Disability?": Religion, Spirituality and Disability in Three African countries, Journal of Disability & Religion, 24:1, 64-81, DOI: 10.1080/23312521.2019.1698387

Ned, L., Kpobi, L., & Ohajunwa, C. (2022). Thinking about mental health and spirituality from the Indigenous knowledge systems frame of reference. *Disability Studies Quarterly*, *41*(4). https://doi.org/10.18061/dsq.v41i4.8450

Ngubane-Mokiwa, S. A. 2018. "Ubuntu Considered in Light of Exclusion of People with Disabilities." *African Journal of Disability* 7: 460–467. doi:https://doi.org/10.4102/aj

Rauchberg, JS. (2022). #Shadowbanned: queer, trans, and disabled creator responses to algorithmic oppression on TikTok. In: Pain P (ed.) *LGBTQ Digital Cultures: A Global Perspective*. London: Routledge, pp. 196–209.

Schellewald A. (2021). Communicative forms on TikTok: Perspectives from digital ethnography. *International Journal of Communication*, 15, 1437–1457.

Sheppard, E. (2020). Performing Normal But Becoming Crip: Living with Chronic Pain. *Scandinavian Journal of Disability Research*, *22*(1), 39–47. https://doi.org/10.16993/sjdr.619

Shildrick, M. (2002). *Embodying the monster: Encounters with the vulnerable self*. SAGE Publications Ltd, https://doi.org/10.4135/9781446220573

Şot, I. (2022). Fostering Intimacy on TikTok: A Platform That 'Listens' and 'Creates a Safe Space'. *Media, Culture & Society*, 44 (8), 1490–507. doi:10.1177/01634437221104709

Thabethe, N. (2021). 'We have no power over perceptions': the lived experiences of women with disabilities in a rural South African community. *Disability & Society*, *37*(2), 345–350. https://doi.org/10.1080/09687599.2021.1976109

Todd, A. (2024). Cripping Girlhood on Service Dog Tok. *Societies*. 14(2):30. https://doi.org/10.3390/soc14020030

Trani, J. F., Moodley, J., Anand, P., Graham, L., & Thu Maw, M. T. (2020). Stigma of persons with disabilities in South Africa: Uncovering pathways from discrimination to depression and low self-esteem. *Social science & medicine (1982)*, *265*, 113449. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113449

Zulli D., Zulli D. J. (2022). Extending the Internet meme: Conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the TikTok platform. *New Media & Society*, 24(8), 1872–1890. https://doi.org/

Considerações para o ensino de literatura negra por docente branca

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa[1]

Inicialmente, quero afirmar que aproveito passagens argumentativas de um texto que recentemente publiquei (2024) intitulado "Exercício de crítica antirracista: um poema de Conceição Evaristo" no qual a partir da leitura de um poema de Conceição Evaristo, grande escritora e pesquisadora de literatura, uma das intelectuais mais influentes de nossa contemporaneidade, faço uma argumentação sobre o realismo de sua obra com base no filosofo marxista György Lukács. Também gostaria de lembrar, antes de iniciar essas considerações, que a pesquisa que estou fazendo ganha muito por ser uma pesquisa feita de modo coletivo no Grupo de pesquisa Literatura e Corpo da pós-graduação em Literatura do Instituto de Letras/UnB. Nosso histórico, especialmente nos últimos cinco anos, com a escolha do estudo detido sobre a obra de Conceição Evaristo, ladeado pela leitura de grandes intérpretes da sociedade brasileira como Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento nos impulsiona a questionar os modos racistas de estudo da literatura no que se refere ao cânone de obras estudadas nos cursos de Letras Português e nas aulas de Português no ensino básico.

Linha de investigação já bem consolidada pelas/os intelectuais de autoria negra, inclusive com respaldo na Lei 10639/2003, atualizada pela Lei 11645,/2008, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que versa sobre a obrigatoriedade de inclusão em todo o currículo, mas com atenção nas disciplinas de Literatura, História e Artes, a história e a cultura negra, da África e dos africanos e afro-brasileiros para a formação da sociedade e da história brasileiras. No entanto, embora já haja bastante material didático construído e publicado pela intelectualidade negra, o resultado em termos de políticas públicas para a implementação da lei ainda caem nas mão de projetos e iniciativas individuais no âmbito de cada estabelecimento de ensino, seja na educação básica ou superior.

Basta um rápido levantamento das listas de obras obrigatórias nos cursos de Licenciatura em Letras Português para comprovarmos o racismo, o sexismo e o etnocentrismo de seus cânones. É com a perspectiva de reconstrução de uma atuação profissional que não reproduza racismo a motivação mais forte de nosso grupo de pesquisa. Um grupo de maioria negra, liderado por mim, pessoa branca. Como nos mostra bell hooks (2019) no capítulo "De mãos dadas com minha irmã", de *Ensinando a transgredir* (2017), é preciso colocar em análise o quanto mulheres brancas em posição de poder se apoiam nas estruturas racistas e sexistas de dominação para reforçar e manter seu poder. Em sua argumentação, hooks explica que as mulheres brancas em seus trabalhos sobre diversidade e "diferença" não usam as experiências das mulheres brancas para análise de raça. Segundo a autora, as mulheres brancas que ainda não entenderam criticamente o "ser branca" se colocam a explicar a "negritude" ignorando a supremacia branca determinante do seu lugar social de pessoa branca em uma sociedade racista. É preciso, segundo hooks, não negar, em contextos contemporâneos de relações interraciais, o histórico da relação senhora e serva, em que as mulheres brancas voltavam as costas para os abusos sexuais contra mulheres negras e também para as cruéis separações entre mães e filhos.

1. Professora Dra. de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB/IL/TEL). Líder do grupo de pesquisa Literatura e Corpo do Poslit/UnB. e-mail: adriana.alexandrino@unb.br

É comum que as mulheres brancas em contextos contemporâneos queiram fingir inocência não se comprometendo com a sua responsabilidade nesse histórico e também é comum a reação de raiva que as mulheres negras podem ter diante dessas atitudes de desresponsabilização e não legitimação de suas dores e experiências. hooks ainda menciona que mesmo mulheres brancas que nunca tiveram empregadas domésticas negras, herdam de seu histórico supremacista o medo de serem desmascaradas. Por outro lado, as mulheres negras têm medo de que a branca vá a qualquer momento afirmar seu poder.

No grupo de pesquisa, sendo eu docente e líder do grupo, diante da maioria discente e negra, já estava colocada em situação de poder pela própria condição que nos proporcionou a condição de fazer a pesquisa em grupo. Posso afirmar que hoje em dia, esse grupo inicial já se encontra com cada uma em seu próprio caminho, já em seus doutoramentos, e eu também fui avançando mais lentamente, acredito, no conhecimento que eu tinha do meu "ser branca".

Tornou-se urgente para mim estudar mais a fundo o racismo que toma lugar quando pesquisadores/as brancas estudam o tema da negritude e querem saber mais que a própria pessoa negra, falar pela pessoa negra ou querem um reconhecimento especial por sua atitude de estudar uma pessoa negra. Fui entender que o histórico dessa situação é muito longo, mas recupero aqui no contexto brasileiro alguns trechos de argumentos de Beatriz Nascimento (1942-1945), Guerreiro Ramos (1915-1982) e Tatiana Nascimento (1981).

Beatriz Nascimento no texto "Por uma história do homem negro", publicado originalmente em 1974 na Revista de Cultura Vozes, escreve:

> Este projeto é difícil. É um desafio. Este desafio, aceitei-o totalmente a partir do momento em que um intelectual branco me disse que era mais preto do que eu. Foi para mim a afirmação mais mistificadora, mais sofisticada e mais desafiadora. Pensa ele que basta entender ou participar de algumas manifestações culturais para se ser preto: outros pensam que quem nos estuda no escravismo nos entendeu historicamente. Como se a História pudesse ser limitada no "tempo espetacular ", no tempo representado, e não o contrário: o tempo é que está dentro da história. Não se estuda, no negro que está vivendo, a História vivida. Somos a História Viva do Preto, não números. Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos.
>
> Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática. Num país onde o conceito de raça está fundado na cor, quando um branco diz que é mais preto do que você, trata-se de manifestação racista bastante sofisticada e também bastante destruidora em termos individuais. (RATTS, 2006, p. 97)

A citação é longa mas bastante reveladora dessa tragédia que é o sentimento de superioridade que a branquitude expressa quando estuda a questão negra - inclusive incidindo nesse tipo de racismo *destruidor,* essa a palavra que Beatriz Nascimento usa, que é a pessoa branca começar a se passar por negra. Penso que é diferente o movimento da pessoa branca assumir sua ascendência negra/ameríndia, assumir as complexidades de sua condição racializada. Outra coisa é expressão máxima da branquitude em seu delírio de poder ser tudo, até de achar que tem, por estudar "o negro como tema", como diz Guerreiro Ramos, destruir o negro vida roubando, mais uma vez, a vida do outro.

Guerreiro Ramos na década de 1950 inicia o clássico texto Patologia Social do <<Branco>> Brasileiro com a seguinte reflexão:

> Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literators e pelos chamados <<antropólogos>> <<sociólogos>>. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa e o negro-tema; outra, o negro vida. (RAMOS, 1957, p. 171)

Estudar a complexidade das relações interraciais, conhecê-la em seus meandros e vieses subjetivos e objetivos nos dá condição para considerar o tamanho das diferenças de experiências de vida e aprender a ter uma sensibilidade antirracista que tenha recursos para lidar com essa complexidade. E lembrando os argumentos de bell hooks colocados anteriormente, reconhecendo o histórico da crueldade e do supremacismo branco no contexto colonial, reconhecendo o histórico dos mecanismos de dominação brancos que geram lugares de privilégio em nossas vidas e nas análises de textos literários em sala de aula.

tatiana nascimento tem uma vasta produção intelectual sobre o privilégio branco e traz uma explicação sobre a necessidade que a pessoa branca tem de se sentir protagonista ou salvadora quando se dá conta que seu privilégio branco é racismo. Daí a pessoa branca busca desesperadamente, equivocadamente, se redimir instantaneamente solicitando perdão para, ajuda de ou mesmo validação de seu antirracismo por pessoas negras. Pensadora fundamental para a crítica da branquitude, no texto Leve sua culpa branca para a terapia, tatiana nascimento (2020) argumenta:

> aí, mesmo que afirme não sentir orgulho por ser branca, há algum brio no sentir dessa específica culpa ("*mea, mea, maxima*"), um certo viço, alguma expectativa de reconhecimento da dor vinda do sentir culpa por ser pessoa branca – eu sei, parece um exagero. mas vi isso muito recorrentemente a ponto de poder esboçar essa reflexão –, levando-a a um tipo de protagonismo, ou desejo de protagonismo, branco, no plano geral de seu empenho antirracista (que também poderia vir entre aspas). a culpa sole ser usada como uma daquelas cartas que dão muito poder numa rodada de uno, uma espécie de passe-livre que faz, por exemplo, pessoas brancas se sentirem à vontade pra expressar como se sentem tristes, culpadas, terríveis, sem-saber-o-que-fazer, quando estão em reuniões com pessoas negras, ou em eventos públicos sobre cultura negra ou com protagonismo negro, y até mesmo quando estão com uma única pessoa negra numa conversa. elas parecem se esquecer, as pessoas brancas que fazem esse tipo de carpidação de suas próprias dores-advindas-da-culpa-oriunda-de-serem-brancas, que o foco da nossa libertação, enquanto pessoas negras, não é elas. mais que isso, sinto, meio passada mas não surpreendida, que não é só que esqueçam disso, mas fazem questão de trilhar, pela **performatização** da culpa – a qual deve sempre ser alastrada em público, devassada em detalhes experienciais e oferecida numa forma de espetáculo que conjura expressões faciais a gestuário específico & tons de voz que muitas vezes beiram o choro, quando não desembocam abertamente aí –, o caminho de seu protagonismo no que elas consideram como a luta antirracista. a própria naturalidade com que pessoas brancas parecem esperar que pessoas negras estejamos sempre dispostas a ouvir suas lamentações & tristezas & arrependimentos & memórias-de-quando-eram-crianças-racistas-com-suas-empregadas é indício bastante demonstrativo dessa forma pela qual (algumas d)elas parecem considerar a culpa como um sentimento que as deixa além de aptas a, necessitadas de, receberem toda a atenção, y as faz acionar uma expectativa de cuidado paliativo: querem que estejamos prontas a acolhê-las, cuidá-las, ouvi-las, emitir pareceres redentores, auxiliá-las no processo de compreensão de "o quê quando como onde houve racismo ali", enfim: oferecê-las alívio afetivo pro momento catártico de escoamento sentimental, subsídio político pra seu desenvolvimento moral e/ou status de ativista, e, lógico, perdão pela culpa por serem brancas. (nascimento, 2020, não paginado)

Sempre muito sagaz, Tatiana Nascimento é fundamental para o debate sobre a branquitude. Aprender a não cair em todas essas armadilhas, dos lugares comuns das expressões racistas ou da defesa do ego que apenas causam mais mal para as pessoas negras, é preciso conhecer o tamanho de sua ignorância quando não tem recurso nenhum para lidar com a acusação de ser racista. E quando acontece de ouvir "isso é racismo", é preciso saber calar e trabalhar em seu desenvolvimento pessoal sobre seu "ser branca".

Grada Kilomba trata dessas questões da defesa do ego quando ela relembra o discurso de Paul Gilroy em que ele descreve os movimentos pelos quais a pessoa branca passa quando se dá conta de que é racista "... para que possa se tornar consciente de sua própria branquitude e de si própria/o como perpetradora/perpetrador do racismo: *negação*; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação" (KILOMBA, 2019, p. 43). Por reparação, ela explica:

> *Reparação,* então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo nega a realidade. Nesse sentido, esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono dos privilégios. (KILOMBA, 2019, p. 46).

Primeiro passo é o combate à negação do racismo, principal dano do mito da democracia racial. E aqui é que podemos avançar no exercício de um ensino de literatura antirracista, quando nos damos conta das limitações de nossa educação e aprendemos sobre as poéticas/estéticas/cosmovisão da arte literária negra por nossa própria iniciativa. Há muito material já produzido, incluindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnico-Raciais. A questão não é a falta de materiais de estudo e pesquisa, mas a falta de estudo e pesquisa dos materiais. Poderemos ensinar quando tivermos nós mesmas, docentes brancas, vivido esse processo de aprendizado. É nossa responsabilidade nos autoatualizar nos conhecimentos de matrizes de pensamento negro, da cultura afro-brasileira, de nossa afro-brasilidade que não conhecemos. Precisamos investir de modo intencional e organizado no estudo/conhecimento/reconhecimento de nossas próprias matrizes. Não tivemos esse conhecimento em nossa formação etnocêntrica então a tarefa é começar a estudar.

Dois campos de interesse precisaram ser mobilizados e começaram a impactar não apenas como temas de pesquisa, mas também como metodologia: o pensamento e a literatura negra e os estudos sobre a branquitude. Entre 2019 e 2022, expandi minha prática docente para disciplinas da área de Laboratório de Literatura para Ensino Fundamental e Médio e também para o Estágio Obrigatório da Licenciatura em Língua Portuguesa, o que me proporcionou uma atualização que há muito tempo eu desejava fazer no campo do Ensino da Literatura. Queria pesquisar a presença da autoria de mulheres nos currículos e também os caminhos da aplicação da lei 10639/2003, atual 11645/2008, que modificou a LDB com a inclusão, em todo o currículo escolar, da obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, em especial nos componentes de educação artística, de literatura e história brasileiras. Também fui motivada pelo desejo de compreender as repercussões práticas da reforma do ensino médio e da recém publicada Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental e para o ensino médio.

A experiência de ser orientadora de projetos de Residência Pedagógica (2018-2020) e de PIBID (2020-2022) me proporcionou um ponto de vista bastante favorável para observar as mudanças que esses dispositi-

vos legais estão provocando no contexto da educação básica. Em nossas intervenções como núcleo, tanto na Residência Pedagógica quanto no Pibid, pudemos mobilizar um conhecimento sobre o ensino da literatura que se pauta no chamado letramento literário, no conceito de leitura literária e na literatura de autoria negra que pode conduzir as primícias de um letramento racial. Pudemos experimentar, nesses projetos de estudo, esses dois instrumentos teóricos, o letramento literário e o racial, como práticas e estratégias que deslocam a antiga cultura escolar do ensino médio de ter uma aula de literatura baseada em características de períodos literários e em saberes sobre as obras literárias que já vem prontos para serem decorados e testados em provas. Mesmo o acesso às obras literárias acontece no mais das vezes por meio de trechos e fragmentos que servem de ilustração para as características dos períodos literários e de "características" de autores. Isso quando o acesso às obras não é feito por resumos apenas. Repete-se uma história literária extremamente diluída e uma certa crítica literária simplificada ao máximo que substitui a leitura dos textos, como muito bem diagnosticou Todorov no seu já clássico, *A literatura em perigo* (2009).

Este e muitos outros estudos da área de Ensino da Literatura, nos últimos vinte anos, têm mobilizado esforços no sentido de refletir sobre a passagem do ensino da literatura - com referência nessa cultura escolar fossilizada da aula tradicional de literatura - para o ensino da *leitura*. Metodologias e estratégias com base no letramento literário e na leitura literária têm se multiplicado nos espaços da aula de Português e na produção teórica. Temos buscado aprender com essas experiências e mobilizar discentes para investirem em projetos didáticos a partir do fomento de leituras de obras de autoras negras.

Nesse sentido, escolher obras de autoria negra tem o potencial de promover o debate sobre o racismo. A escolha da obra movimenta as ideias. O conto Maria, de *Olhos d'água* (2016), por exemplo, foi muito escolhido por discentes em sequências didáticas na minha experiência aqui na UnB nesses últimos anos, é obra do PAS (Programa de Avaliação Seriada para ingresso na UnB). O que sempre lembro é que é fundamental como ato pedagógico incluir a reflexão sobre a qualidade artística-estética da obra, investindo em uma análise que enfoque elementos da construção narrativa tornando possível para a turma se aproximar da relação dialética de forma literária/processo social para perceber que o grande impacto da obra e a discussão acalorada que ele promove só é possível pela grande potência da forma artística. Entender junto com as/estudantes a construção dessa elaboração formal, investigar os elementos da linguagem literária, pesquisar suas referências, sua história e seus fundamentos é tarefa das mais prazerosas capaz de construir e ampliar conhecimento sobre a literatura como arte da palavra, e inclusive como literatura realista em seu sentido inspirado pela obra e estudos de Gyogy Lukács no Brasil - ideia que desenvolvo no texto citado no início deste artigo.

Como mencionei anteriormente, é preciso não deixar a aula render apenas no plano da discussão que promove, coisa igualmente importante, porém lembrar de retomar o aspecto artístico, estético, poético é fundamental. E daí reconhecer o grande poder da literatura de autoria negra como arte, como literatura, não deixar nunca que esse potencial seja diminuído como poesia social, engajada e de protesto, quando essas palavras da crítica são usadas para minorar a obra. Ela é social, engajada e de protesto como arte literária das mais refinadas por sua elaboração formal, porque capta dinâmicas complexas nos movimentos entre o que está dado e o que está oculto, entre a aparência e a essência, em nossa percepção da realidade subjetiva e objetiva, individual e coletiva, constituindo-se assim como a mais verdadeira forma artística, segundo o intelectual húngaro.

Estive trabalhando, portanto, na formação docente com a perspectiva de integrar no trabalho didático de conteúdos curriculares do componente de Português os elementos da linguagem literária como uma etapa inescapável de sequências didáticas de promoção da leitura de obras literárias integrais. Importante observar que os aspectos da linguagem literária não são conteúdos para serem trabalhados em si mesmo, destacados do trabalho de construção dos sentidos da leitura de um texto literário. Lembro, por exemplo, a ferramenta conceitual da escrevivência, como é importante estudar esse conceito para fazer uma leitura mais completa de obras literárias de mulheres negras. Considero esse o maior desafio da formação profissional para a docência do Português nas etapas do ensino fundamental e médio hoje, ou seja, o desafio de integrar o letramento literário e o racial.

Assim, aquilo que é muito teórico, os elementos da linguagem literária e seus desdobramentos históricos e sociais podem ser aprendidos de modo prático na construção mesma de sentidos para a leitura. Dessa forma, os elementos constitutivos da linguagem literária não são trabalhados em si, descontextualizados da história e da sociedade ou mesmo da própria leitura de uma obra literária, de modo a-histórico ou abstrato, mas como um momento de formação da leitura literária realizada em um projeto didático de formação de leitoras e leitores antirracistas que seja pensado de modo consequente e com intencionalidade pedagógica.

Tenho aprendido que o mais importante para ser uma docente branca que veio de classe média, que mora em parte branca de sua cidade e que é comprometida com os desafios da luta antirracista e com a luta contra a destruição do planeta é saber reconhecer seu privilégio branco, seu histórico ancestral de estar no lugar em que está porque historicamente recebe um legado que foi construído pela exploração brutal do trabalho escravizado e da campanha desmoralizadora do povo preto pelo racismo e pelo mito da democracia racial que inculca a falácia de que no Brasil não há racismo. Antonio Bispo dos Santos (2023), o Mestre Bispo, coloca como principal tarefa na educação das crianças e jovens brancos o ensinamento sobre o passado que mude os rumos do futuro:

> O grande debate hoje é o debate decolonial, que só consigo compreender como a depressão do capitalismo, como a sua deterioração, decomposição. Cabe às pessoas decoloniais, em qualquer lugar do mundo, educar sua geração neta para que não ataque a minha geração neta. Elas só são necessárias se fizerem isso, porque é isso que é necessário fazer. E a nós, os contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda dos decoloniais e dos colonialistas. O mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para que as pessoas não se atropelem. (SANTOS, 2023, p. 53-54)

É muito importante pensarmos na denúncia que Mestre Bispo faz do decolonial não estar tão longe quanto pensa que está do colonial. O mestre ressalta a característica do decolonial de deterioração e decomposição do colonial. Tenho certeza que o histórico do debate decolonial avança no conhecimento dessa degeneração do colonialismo. Por outro lado, pensando com Mestre Bispo, me pergunto sobre a capacidade que as abordagens decoloniais têm de ensinar nossa geração filha e neta a não repetir os ataques aos povos

indígenas e às populações negras. É a partir dessa pergunta que faço para mim mesma que busco aperfeiçoar meu trabalho de docência, pesquisa e orientação de mestrandas e doutorandas.

Referências

BARBOSA, Adriana de Fátima Alexandrino Lima. Exercício de crítica antirracista: um poema de Conceição Evaristo. In: BARBOSA, Adriana de Fátima Alexandrino Lima; MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; SILVA, Susana Souto. (orgs). A literatura entre múltiplos gêneros, tempos e perspectivas. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva (orgs). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Mec/Semtec, 2016.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Básica. Brasília: Mec/Semtec, 2013.

BRASIL. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Brasília: Mec, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. V. Linguagens, Códigos E Suas Tecnologias.

CERRADOS. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literatura, 2011. n. 31 (Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina)

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014. COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.* Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da PUC/RJ. Mestre em Literatura Brasileira, Data da defesa 8/2/1996.

EVARISTO. Conceição. **Poemas malungos** - cânticos irmãos. 2011. 172p. Doutorado em Literatura Comparada. UFF: Rio de Janeiro, 2011.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In:* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (orgs.). *Escrevivência*: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários* à *prática educativa*. 43. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FONSECA, Fernanda Irene. Da inseparabilidade entre o ensino de língua e o ensino de literatura. Disponível em < http://area.dge.mec.pt/gramatica/Inseparabilidade_entre_ensino_da_lingua_e_da_literatura.pdf> acesso em 10 de ago 2019.

GONZALES, Lélia Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244, 1984.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LÚKACS, Gyogy. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. *In:* LÚKACS, Gyogy (org.). **Arte e sociedade:** escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

nascimento, tatiana. Leve sua culpa branca para a terapia. **Revista *omanelik2ato,*** São Caetano do Sul, maio de 2020. Disponível em: http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/leve-sua-culpa-branca-pra-terapia

RAMOS, Guerreiro. O Problema do Negro na Sociologia Brasileira, Patologia Social do "Branco Brasileiro, O Negro desde Dentro, Políticas de Relações de Raça no Brasil. Em: *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento***.** São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Soares. Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58097/35523

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA,, Florentina da Silva. Escritoras negras. *Revista Crioula* (USP), n. 20, p 19-30, 2017. disponível online em https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina da Silva. Relações étnico-raciais e ensino de literatura. *Temas em educação*, v. 25, p. 96-106, 2016.

SOUZA,, Florentina da Silva. Literatura e História: saberes em diálogo. *Cadernos Imbomdeiro*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 15-28, dez 2015. Disponível on-line em https://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/28118/15080, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina; Pereira, Letícia M. S. Implementação da Lei 10639/03: mapeando embates e percalços. *Educar em revista,* n. 47, p. 51-63, Curitiba, jan-mar 2013. Disponível online em https://www.scielo.br/j/er/a/MNXGXGyqnGXycJF4WZvfLqP/?format=pdf&lang=pt, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina da Silva. *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, 2019.

TODOROV. Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Considerations for Teaching Black Literature by a White Professor

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa[1]

I want to begin by stating that I draw on argumentative passages from a text I recently published (2024) titled "Exercício de crítica antirracista: um poema de Conceição Evaristo", in which, based on the reading of a poem by Conceição Evaristo—a renowned writer and literature researcher, one of the most influential intellectuals of our time—I argue about the realism in her work using the Marxist philosopher György Lukács as a reference. I would also like to point out, before starting these considerations, that my research is significantly enriched by being conducted collectively within the Literature and Body Research Group at the Master's and Doctarate in Literature at the Institute of Languages/ UnB. Our group's history, especially in the past five years, with a deep study of Conceição Evaristo's work alongside readings of significant interpreters of Brazilian society like Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, and Beatriz Nascimento, drives us to question the racist approaches in the study of literature, especially concerning the literary canon in Brazilian Portuguese Languages courses and Brazilian Portuguese classes in Basic Education.

This line of inquiry, well-established by Black intellectuals, aligns with the directives of Law 10.639/2003, later updated by Law 11.645/2008, which amended the Brazilian Education Guidelines and Framework Law to mandate the inclusion of Black and African history and culture in curricula, with a focus on the subjects of Literature, History, and the Arts. Despite the wealth of didactic material produced and published by Black intellectuals, public policies implementing the law remain fragmented, often relying on individual projects and initiatives within each educational institution, whether at the elementary, secondary, or higher education levels.

A brief survey of the required reading lists for undergraduate Brazilian literature programs quickly reveals the racism, sexism, and ethnocentrism embedded in their canons. Our research group, primarily composed of Black scholars and led by myself, a white professor, is motivated by a desire to reconstruct a professional practice that does not reproduce racism. As bell hooks (2019) argues in her chapter "Holding My Sister's Hand," from *Teaching to Transgress* (2017), it is essential to critically examine how white women in positions of power rely on racist and sexist structures to reinforce and maintain their authority. Hooks explains that in their work on diversity and "difference," white women rarely use their own experiences to analyze race. Instead, they often attempt to explain Blackness without recognizing how their whiteness shapes their social position within a racist society. According to hooks, in interracial contexts, white women must not deny the historical dynamics between mistress and servant, particularly the ways white women have ignored the sexual abuse of Black women and the violent separations of Black mothers from their children.

In contemporary settings, it is common for white women to feign innocence and avoid taking responsibility for this historical legacy. It is also common for Black women to react with anger when faced with such

1. Professor of Brazilian Literature at the University of Brasília (UnB/IL/TEL). Leader of the Literature and Body Research Group at the Doctorate Program in Literature (Poslit/UnB). Email: adriana.alexandrino@unb.br

attitudes of denial and dismissal of their pain and experiences. Hooks notes that even white women who have never had Black domestic workers inherit a supremacist fear of being exposed. On the other hand, Black women fear that at any moment, a white woman may assert her power.

As the leader of a research group, being a white professor in a position of authority over a majority of Black students, I was placed in a position of power by the very circumstances that allowed us to conduct research as a group. Today, the group has evolved, with each member pursuing their own doctoral path, while I have also advanced—albeit more slowly, I believe—in my understanding of my own whiteness.

It became urgent for me to study the racism that arises when white scholars study Blackness and seek to know more than Black people themselves, to speak on behalf of Black people, or to expect special recognition for studying Black subjects. I came to understand that this dynamic has a long history, which I will contextualize through the arguments of Beatriz Nascimento (1942-1995), Guerreiro Ramos (1915-1982), and Tatiana Nascimento (1981) in the Brazilian context.

In her 1974 article "For a History of the Black Man," originally published in *Revista de Cultura Vozes*, Beatriz Nascimento writes:

> "This project is difficult. It is a challenge. I accepted this challenge wholeheartedly when a white intellectual told me that he was blacker than I was. For me, it was the most mystifying, sophisticated, and challenging statement. He believes that by understanding or participating in certain cultural expressions, he becomes black. Others think that those who study us through slavery understand us historically, as if history could be confined to the 'spectacular time,' the represented time, rather than the reverse: it is time that resides within history. Black history is not studied in the living Black person. We are the Living History of Blackness, not numbers. We cannot accept that the History of Blackness in Brazil be understood only through ethnographic and sociological studies. We must write our own history, delving into ourselves, confronting our unconscious, our frustrations, our complexes, and studying them rather than deceiving ourselves. Only then can we understand and make ourselves accepted as we are, first and foremost as Black, Brazilian, without being confused with Americans or Africans, for our history is distinct, as is our problem. In a country where race is defined by color, when a white person says they are blacker than you, it is a manifestation of a highly sophisticated and individually destructive form of racism" (Ratts, 2006, p. 97)[2].

This lengthy quotation reveals the tragedy of white superiority when studying Black issues, particularly the destructive racism—Nascimento's term—of a white person attempting to pass as Black. There is a difference between a white person embracing their Black or Indigenous ancestry and acknowledging the complexities of their racial identity and the extreme manifestation of whiteness, in which a white person believes

2. Original in Portuguese: Este projeto é difícil. É um desafio. Este desafio, aceitei-o totalmente a partir do momento em que um intelectual branco me disse que era mais preto do que eu. Foi para mim a afirmação mais mistificadora, mais sofisticada e mais desafiadora. Pensa ele que basta entender ou participar de algumas manifestações culturais para se ser preto: outros pensam que quem nos estuda no escravismo nos entendeu historicamente. Como se a História pudesse ser limitada no "tempo espetacular ", no tempo representado, e não o contrário: o tempo é que está dentro da história. Não se estuda, no negro que está vivendo, a História vivida. Somos a História Viva do Preto, não números. Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática. Num país onde o conceito de raça está fundado na cor, quando um branco diz que é mais preto do que você, trata-se de manifestação racista bastante sofisticada e também bastante destruidora em termos individuais. (RATTS, 2006, p. 97)

they can, by studying Blackness as a subject, appropriate Blackness itself. This, as Guerreiro Ramos puts it, is the destruction of Black life by once again taking from another's life.

In the 1950s, Guerreiro Ramos opened his classic essay *Social Pathology of the Brazilian White* with the following reflection:

> "There is the theme of Blackness and there is the life of Blackness. As a theme, Blackness has been, among us, the object of scalpel-wielding by literators and so-called 'anthropologists' and 'sociologists.' As life or actual reality, Blackness has been claiming its destiny, shaping itself according to the particular conditions of Brazilian society. But one thing is Blackness as a theme; another is Blackness as life" (Ramos, 1957, p. 171).

Studying the complexity of interracial relations, understanding their subjective and objective intricacies, equips us with the sensitivity needed to engage with anti-racism in a meaningful way. As bell hooks previously emphasized, this requires acknowledging the historical cruelty and white supremacy in the colonial context, as well as the structures of domination that confer privilege in our lives and in literary analysis in the classroom.

tatiana nascimento a key intellectual voice on white privilege, explains how white people often feel the need to become protagonists or saviors when they realize their white privilege is racism. They then seek immediate redemption, requesting forgiveness, help, or validation of their anti-racist efforts from Black people. In her essay *Take Your White Guilt to Therapy* (2020), nascimento argues:

> "Even if one claims not to feel pride in being white, there is some satisfaction in feeling this specific guilt ('mea, mea, maxima'), a certain energy, a kind of expectation for recognition of the pain stemming from feeling guilt over being white—I know, it may seem exaggerated. But I've seen this happen so frequently that I can sketch out this reflection: this guilt often becomes a form of protagonism or a desire for white protagonism in the broader scope of their anti-racist efforts (which could also be put in quotes). Guilt tends to be used like one of those high-value cards in a game of Uno, a kind of free pass that makes white people feel entitled to express how sad, guilty, terrible, or confused they feel in meetings with Black people, in public events about Black culture, or even in private conversations with a single Black person. White people who indulge in these public displays of their guilt for being white tend to forget—or perhaps intentionally ignore—that the focus of Black liberation is not them" (nascimento, 2020, no pagination).[3]

3. Original in Portuguese: aí, mesmo que afirme não sentir orgulho por ser branca, há algum brio no sentir dessa específica culpa ("*mea, mea, maxima*"), um certo viço, alguma expectativa de reconhecimento da dor vinda do sentir culpa por ser pessoa branca – eu sei, parece um exagero. mas vi isso muito recorrentemente a ponto de poder esboçar essa reflexão –, levando-a a um tipo de protagonismo, ou desejo de protagonismo, branco, no plano geral de seu empenho antirracista (que também poderia vir entre aspas). a culpa sole ser usada como uma daquelas cartas que dão muito poder numa rodada de uno, uma espécie de passe-livre que faz, por exemplo, pessoas brancas se sentirem à vontade pra expressar como se sentem tristes, culpadas, terríveis, sem-saber-o-que-fazer, quando estão em reuniões com pessoas negras, ou em eventos públicos sobre cultura negra ou com protagonismo negro, y até mesmo quando estão com uma única pessoa negra numa conversa. elas parecem se esquecer, as pessoas brancas que fazem esse tipo de carpidação de suas próprias dores-advindas-da-culpa-oriunda-de-serem-brancas, que o foco da nossa libertação, enquanto pessoas negras, não é elas. mais que isso, sinto, meio passada mas não surpreendida, que não é só que esqueçam disso, mas fazem questão de trilhar, pela **performatização** da culpa – a qual deve sempre ser alastrada em público, devassada em detalhes experienciais e oferecida numa forma de espetáculo que conjura expressões faciais a gestuário específico & tons de voz que muitas vezes beiram o choro, quando não desembocam abertamente aí –, o caminho de seu protagonismo no que elas consideram como a luta antirracista. a própria naturalidade com que pessoas brancas parecem esperar que pessoas negras estejamos sempre dispostas a ouvir suas lamentações & tristezas & arrependimentos & memórias-de-quando-eram-crianças-racistas-com-suas-empregadas é indício bastante demonstrativo dessa forma pela qual (algumas d)elas parecem considerar a culpa como um sentimento que as deixa além de aptas a, necessitadas de, receberem toda a atenção, y as faz acionar uma expectativa de cuidado paliativo: querem que estejamos prontas a acolhê-las, cuidá-las, ouvi-las, emitir pareceres redentores, auxiliá-las no processo de compreensão de "o quê

tatiana nascimento's work is crucial for understanding whiteness. To avoid falling into the traps of ego defense or racial clichés, white people must recognize the extent of their ignorance when they have no tools to deal with accusations of racism. When told, "this is racism," they must know how to remain silent and engage in personal growth regarding their whiteness.

Grada Kilomba addresses these issues of ego defense, recalling Paul Gilroy's description of the stages white people go through when they realize they are racist: "denial; guilt; shame; recognition; reparation" (Kilomba, 2019, p. 43). She explains reparation as follows:

> "Reparation, then, means negotiating recognition. The individual denies reality. In this sense, this final stage is the act of repairing the harm caused by racism through changing structures, agendas, spaces, positions, dynamics, relationships, vocabulary—in other words, by abandoning privileges" (Kilomba, 2019, p. 46).[4]

The first step is to confront the denial of racism, which constitutes the central harm of the myth of racial democracy. It is within this context that we can advance toward anti-racist literary pedagogy, once we recognize the limitations of our education and take the initiative to learn about the poetics, aesthetics, and worldviews embedded in Black literary art. A wealth of material already exists, including the National Curriculum Guidelines for Ethnic-Racial Relations Education. The issue is not the lack of resources for study and research, but the lack of engagement with these materials. We will only be able to teach effectively when we, as white educators, have gone through this process of self-education. It is our responsibility to update our knowledge of Black intellectual traditions, Afro-Brazilian culture, and our own Afro-Brazilian identity, which remains largely unknown to us. We must commit to an intentional and organized effort to study, understand, and recognize these intellectual frameworks. Given that our ethnocentric education did not include this knowledge, it is now imperative that we begin this learning process.

Two key areas of inquiry have been mobilized and have begun to shape not only research topics but also methodology: Black thought and literature, and studies of whiteness. From 2019 to 2022, I expanded my teaching to include courses in the Literature Laboratory for Elementary and Secondary Education, as well as the mandatory Teaching Internship for Brazilian Portuguese Language majors. This expansion allowed me to pursue an update I had long sought in the field of literature pedagogy. My aim was to investigate the presence of women authors in curricula, as well as to examine the implementation of Law 10.639/2003 (now Law 11.645/2008), which amended the National Education Guidelines Law (LDB) to mandate the inclusion of Afro-Brazilian and Indigenous history and culture throughout the school curriculum, particularly in the subjects of art education, literature, and Brazilian history. I was also motivated by the desire to understand the practical implications of high school reform and the recently published National Common Core Curriculum (BNCC) for both elementary and secondary education.

---

quando como onde houve racismo ali", enfim: oferecê-las alívio afetivo pro momento catártico de escoamento sentimental, subsídio político pra seu desenvolvimento moral e/ou status de ativista, e, lógico, perdão pela culpa por serem brancas. (nascimento, 2020, não paginado)

4. Original in Portuguese: *Reparação,* então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo nega a realidade. Nesse sentido, esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono dos privilégios. (KILOMBA, 2019, p. 46).

The experience of supervising Pedagogical Residency projects (2018–2020) and PIBID (2020–2022) offered me a valuable vantage point to observe the transformations these legal mechanisms have prompted in the realm of basic education. Through our collective interventions, both in Pedagogical Residency and PIBID, we were able to activate a body of knowledge centered on the teaching of literature, rooted in the concepts of literary literacy, literary reading, and Black-authored literature, which can serve as a foundation for fostering racial literacy. In these study projects, we engaged with these two theoretical tools—literary and racial literacy—as practical strategies that challenge the traditional high school model, where literature classes are often built around characteristics of literary periods and pre-packaged knowledge about works that are to be memorized and tested. Often, access to literary works is restricted to excerpts or fragments used merely to illustrate literary periods or authorial characteristics—if not reduced to summaries altogether. This approach perpetuates a diluted literary history and an oversimplified literary criticism, which, as Todorov incisively diagnosed in his seminal *Literature in Peril* (2009), substitutesfor the actual reading of texts.

Over the past two decades, various studies in the field of literature pedagogy have advocated for a shift from this ossified culture of traditional literature classes toward a more engaged focus on teaching reading. Methodologies and strategies grounded in literary literacy and reading practices have proliferated within Portuguese language classrooms and academic discourse. We have sought to learn from these experiences, encouraging students to invest in educational projects that promote the reading of works by Black women authors.

In this context, selecting works by Black authors holds significant potential to catalyze discussions around racism. The act of choosing such works provokes new ideas and opens important avenues of inquiry. For example, the short story *Maria* from *Olhos d'Água* (2016)—frequently chosen by students for didactic sequences in my experience at UnB in recent years—is featured in the PAS (UnB's Serial Admission Program) curriculum. As I often stress, it is crucial, as a pedagogical practice, to include reflection on the artistic and aesthetic merits of the work, concentrating on the narrative construction in ways that enable students to explore the dialectical relationship between literary form and social process. This approach helps students realize that the powerful impact of the work, and the vibrant discussions it generates, are made possible by its artistic mastery. The investigation of formal structures, language elements, references, history, and foundational contexts alongside students is a deeply rewarding task, one that expands knowledge of literature as the art of the word. This perspective also resonates with the concept of realist literature as inspired by the work of György Lukács, an idea I develop in the text mentioned earlier in this article.

As previously noted, it is essential not to allow classroom discussions to focus solely on the themes they provoke—important though they are—but to consistently return to the artistic, aesthetic, and poetic dimensions. Acknowledging the profound power of Black-authored literature as both art and literature is fundamental. We must never let this potential be diminished by reducing it to labels such as "social," "engaged," or "protest" literature, which are sometimes used to downplay a work's artistic value. Black-authored literature is indeed social, engaged, and protest-driven, but it is also refined literary art, characterized by formal complexity that captures the intricate dynamics between the visible and the hidden, between appearance and essence, and in our subjective and objective experiences of reality, both individual and collective. As Lukács has argued, such works constitute one of the most authentic forms of artistic expression.

In my work in teacher education, I have concentrated on integrating elements of literary language into the pedagogical framework of the Brazilian Portuguese curriculum, treating these elements as essential stages in the instructional pedagogical sequences that promote the reading of complete literary works. It is crucial to note that these elements of literary language should not be treated as isolated topics, detached from the process of constructing meaning through the reading of literary texts. For instance, the conceptual tool of *escrevivência* (Evaristo's concept that relates to Black women's art production, including works of literature) is essential for a more comprehensive reading of Black women's literary works. I regard this as the most significant challenge in professional teacher training for Brazilian Portuguese instruction at the elementary and secondary levels today: the challenge of integrating both literary and racial literacy.

Thus, what may appear highly theoretical—elements of literary language and their historical and social implications—can be practically learned through the process of constructing meaning via reading. In this way, the constitutive elements of literary language are not studied in isolation, disconnected from history, society, or the literary work itself. Rather, they are part of the process of literary reading, accomplished within a pedagogical project aimed at developing anti-racist readers, designed with intentionality and pedagogical purpose.

I have come to understand that a crucial aspect of being a white, middle-class professor residing in a predominantly white area of the city—and one committed to the challenges of the anti-racist struggle and the fight against environmental destruction—is recognizing my own white privilege. It is essential to acknowledge the ancestral history that situates me where I am today, a legacy built on the brutal exploitation of enslaved labor and the dehumanizing campaign against Black individuals through racist's stereotypes and the myth of racial democracy, which perpetuates the fallacy that racism does not exist in Brazil. Antonio Bispo dos Santos (2023), known as Mestre Bispo, articulates the primary task in educating children and youth as the imperative to convey a historical truth capable of altering the future's trajectory. He asserts:

> "The great debate today is the decolonial debate, which I can only understand as the decline of capitalism, its deterioration, its decomposition. It is up to decolonial people, anywhere in the world, to educate their grandchildren so they will not attack mine. They are only necessary if they do that, because that is what needs to be done. And for us, the counter-colonialists, our task is to inspire our grandchildren to defend themselves from both the decolonials and the colonials. The world is vast and there is room for everyone. The world is round precisely so that people do not trample each other." (SANTOS, 2023, pp. 53–54)[5]

It is imperative to reflect on Mestre Bispo's critique regarding the proximity of the decolonial movement to colonial domination, which it may be difficult to understand. He underscores that decolonial thought signifies the deterioration and decomposition of the colonial. I am convinced that the historical trajectory of decolonial discourse enhances our understanding of the degeneration of colonialism.Nevertheless, in contemplating Mestre Bispo's insights, I question whether my efforts in teaching teacher education courses

5. Original in Portuguese: O grande debate hoje é o debate decolonial, que só consigo compreender como a depressão do capitalismo, como a sua deterioração, decomposição. Cabe às pessoas decoloniais, em qualquer lugar do mundo, educar sua geração neta para que não ataque a minha geração neta. Elas só são necessárias se fizerem isso, porque é isso que é necessário fazer. E a nós, os contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda dos decoloniais e dos colonialistas. O mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para que as pessoas não se atropelem. (SANTOS, 2023, p. 53-54)

effectively prevent future educators from replicating the historical attacks on Indigenous peoples and Black communities within the context of school education. This inquiry motivates me to continually refine my work in teaching, research, and mentoring master's and doctoral students.

References

BARBOSA, Adriana de Fátima Alexandrino Lima. Exercício de crítica antirracista: um poema de Conceição Evaristo. In: BARBOSA, Adriana de Fátima Alexandrino Lima; MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; SILVA, Susana Souto. (orgs). A literatura entre múltiplos gêneros, tempos e perspectivas. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva (orgs). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Mec/Semtec, 2016.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Básica. Brasília: Mec/Semtec, 2013.

BRASIL. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Brasília: Mec, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. V. Linguagens, Códigos E Suas Tecnologias.

CERRADOS. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literatura, 2011. n. 31 (Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina)

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014. COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.* Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da PUC/RJ. Mestre em Literatura Brasileira, Data da defesa 8/2/1996.

EVARISTO. Conceição. **Poemas malungos** - cânticos irmãos. 2011. 172p. Doutorado em Literatura Comparada. UFF: Rio de Janeiro, 2011.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In:* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (orgs.). *Escrevivência*: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários* à *prática educativa*. 43. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FONSECA, Fernanda Irene. Da inseparabilidade entre o ensino de língua e o ensino de literatura. Disponível em < http://area.dge.mec.pt/gramatica/Inseparabilidade_entre_ensino_da_lingua_e_da_literatura.pdf> acesso em 10 de ago 2019.

GONZALES, Lélia Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244, 1984.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LÚKACS, Gyogy. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. *In:* LÚKACS, Gyogy (org.). **Arte e sociedade:** escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

nascimento, tatiana. Leve sua culpa branca para a terapia. **Revista *omanelik2ato,*** São Caetano do Sul, maio de 2020. Disponível em: http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/leve-sua-culpa-branca-pra-terapia

RAMOS, Guerreiro. O Problema do Negro na Sociologia Brasileira, Patologia Social do "Branco Brasileiro, O Negro desde Dentro, Políticas de Relações de Raça no Brasil. Em: *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento***.** São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Soares. Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58097/35523

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA,, Florentina da Silva. Escritoras negras. *Revista Crioula* (USP), n. 20, p 19-30, 2017. disponível online em https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina da Silva. Relações étnico-raciais e ensino de literatura. *Temas em educação*, v. 25, p. 96-106, 2016.

SOUZA,, Florentina da Silva. Literatura e História: saberes em diálogo. *Cadernos Imbomdeiro*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 15-28, dez 2015. Disponível on-line em https://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/28118/15080, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina; Pereira, Letícia M. S. Implementação da Lei 10639/03: mapeando embates e percalços. *Educar em revista,* n. 47, p. 51-63, Curitiba, jan-mar 2013. Disponível online em https://www.scielo.br/j/er/a/MNXGXGvqnGXvcJF4WZvfLqP/?format=pdf&lang=pt, acesso em 30/11/2021.

SOUZA,, Florentina da Silva. *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, 2019.

TODOROV. Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

A Presença de Surdos e a Mobilização de Ações Afirmativas em Programas de Pós-Graduação[1]

Juliana de Oliveira Pokorski[2],
Lodenir Becker Karnopp[3]

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir a presença de surdos em cursos de Mestrado e Doutorado, no Brasil, em articulação ao projeto de pesquisa BAOBÁ: INSPIRAÇÕES PARA O ENRAIZAMENTO DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO, em andamento (2024 a 2028). A implementação das políticas de ações afirmativas foi impulsionada, no Brasil, a partir da Portaria Normativa do MEC nº 13, de 11 de maio de 2016. A expansão da presença de estudantes pretos, pardos, indígenas, quilombolas e de pessoas com deficiência, em cursos de mestrado e doutorado, é fomentada pelas lutas e reivindicações de movimentos e de coletivos sociais diversos, em várias partes do país. No caso dos surdos, há uma luta histórica pelo direito de uso da língua de sinais em espaços sociais e educacionais. Entretanto, esse reconhecimento pelo uso da Língua Brasileira de Sinais é recente e ainda, precariamente ofertado em Programas de Pós-graduação. Nossa proposta, no âmbito do projeto Baobá, é analisar e discutir a implementação das políticas afirmativas em Programas de Pós-graduação *stricto sensu* e seus impactos, considerando mecanismos, instâncias, processos e práticas voltadas a consolidar o acesso, a permanência, a titulação dos sujeitos de direito. Além disso, busca-se, de maneira a complementar o objetivo proposto, identificar teses e dissertações defendidas por surdos, rastreando nos textos as reflexões feitas pelos autores sobre a sua experiência acadêmica, dificuldades enfrentadas no percurso, estratégias de permanência, entre outros aspectos que podem contribuir para uma avaliação da efetividade das ações afirmativas e de suas fragilidades em cada contexto.
Neste trabalho apresentamos uma abordagem inicial dos impactos que a presença de surdos têm causado nos espaços institucionais, tais como: a ampliação e diversificação de temáticas de pesquisa que pensam sobre a educação de surdos, a linguística das línguas de sinais, terminologias sinalizadas de campos temáticos específicos, produções culturais; o desenvolvimento de demandas de tradução e interpretação inerentes à vida acadêmica, a formação e a valorização do tradutor e intérprete de Libras - Português; a constituição de grupos de investigação, redes entre pesquisadores bilíngues que subsidiam as condições de emergência de identidades surdas acadêmicas.
Percebe-se que a presença de surdos nos Programas de Pós-graduação tem gerado a potencialização de um espaço plurilíngue, pluriletrado e pluritecnológico. Em articulação com estudantes indígenas e migrantes, pode-se perceber a diversidade de línguas nos espaços acadêmicos. No caso em estudo, a presença de surdos e da língua de sinais desafia práticas educacionais e amplia a noção de língua e de uso da língua em produções acadêmicas. A utilização de videogravações e da textualidade diferida se apresenta como uma reivindicação de surdos em trazer suas produções acadêmicas em outros formatos e registros, indicando outras formas de se constituir uma cultura letrada, abrangendo as línguas de sinais e suas tecnologias em espaços acadêmicos. Neste sentido, outras tecnologias de escrita e de registro são mobilizadas, trazendo implicações pedagógicas, sociais e linguísticas.

Palavras-chave

Ações afirmativas. surdos. Pós-graduação. Textualidade diferida. Línguas de sinais.

---

1. Este artigo contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/PQ 1D/Processo nº 317132/2021-0)

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Políticas afirmativas em programas de pós-graduação no Brasil

A expansão da presença de estudantes pretos, pardos, indígenas, quilombolas e de pessoas com deficiência, em cursos de mestrado e doutorado brasileiros, tem sido impulsionada pelas lutas e reivindicações de movimentos e de coletivos sociais diversos, em várias partes do país. As universidades têm sido mobilizadas a dar respostas a estas demandas, notadamente após a edição da Portaria Normativa n°13/2016 do Ministério da Educação, que dispõe sobre a indução de Políticas de Ações Afirmativas neste nível da formação acadêmica. Há também um conjunto de leis estaduais que, antes mesmo da edição da Portaria Normativa, determinavam um percentual mínimo de vagas reservadas para diferentes grupos sociais, ausentes e/ou pouco representados em cursos de mestrado e doutorado de instituições públicas e privadas.

Um levantamento realizado em 2015 por Grupo de Trabalho (GT) criado no âmbito do Ministério da Educação (MEC), utilizou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para indicar o perfil racial da população brasileira: 47,7% de brancos, 50,7% de negros (pretos e pardos), 1,1% de amarelos e 0,4% de indígenas. O GT examinou dados de ingresso na pós-graduação e, em março de 2016, concluiu que 70,86% de estudantes neste nível eram brancos, 27,08% de negros, 1,76% de amarelos e 0,31% de indígenas. Tais conclusões colaboraram para impulsionar a adoção de ações afirmativas de modo a fazer valer o princípio constitucional que prevê a igualdade nas condições de acesso aos recursos educacionais entre os grupos sociais que conformam a nação (Art. 206, I).

Em termos conceituais, ações afirmativas podem ser pensadas como conjuntos de medidas adotadas para redistribuição de bens e recursos para grupos específicos, que, por razões históricas, sociais, e/ou culturais têm sido desfavorecidos, discriminados, excluídos (Feres Júnior; Zoninsein, 2006). Nos termos de Munanga (2003), ações afirmativas compreendem toda política compensatória ou afirmativa, pública ou privada, destinada a sujeitos ou coletivos historicamente prejudicados em situações de ampla concorrência a vagas estudantis e profissionais, por exemplo. Já em termos legais, as ações afirmativas estão respaldadas por princípios fundamentais de cidadania e dignidade da pessoa humana, inscritos na atual Constituição brasileira (Art. 1º, II, III), e pelos objetivos fundamentais de "construir uma sociedade livre, justa e solidária", de "erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais" e, ainda, o de "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (Art. 3º, incisos I, III e IV). Há que se considerar, também, o disposto no artigo 5º - "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza" - e no artigo 206º, Inciso I, que estabelece a "igualdade de condições para o acesso e permanência" como princípio que rege o ensino em todos os níveis, e que também é reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

As políticas afirmativas nos Programas de Pós-Graduação no Brasil são um passo importante para que as Universidades sejam cada vez mais democráticas, plurais e comprometidas com as demandas sociais. Isso passa pelo acesso e permanência de sujeitos de direito das políticas afirmativas nas Instituições de Ensino Superior, na Graduação e na Pós-Graduação. A Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, foi decisiva para a materialização dessas políticas. Fruto de muitas lutas dos movimentos negros e indígenas, a Lei tornou-se um marco. Contudo, é preciso avançar, principalmente, na estruturação de políticas e ações voltadas à permanência desses estudantes, com estratégias concretas para que sujeitos que vêm de diferentes realidades sociais

e culturais sintam-se acolhidos, que sintam reconhecidas suas ontologias e epistemologias e assim sugerir, por exemplo, bibliografias e currículos que dialoguem com modos mais plurais de pensar e viver a Universidade.

No ano de 2020, acompanhamos a aprovação na Câmara dos Deputados do Projeto de Lei 5384/2020, que reformula a Lei de Cotas no ensino federal. A proposta faz avançar as políticas afirmativas na medida em que nomeia explicitamente e, desse modo, reconhece os direitos dos quilombolas à reserva de vagas, tornando obrigatória a adoção destas políticas também em Programas de Pós-Graduação. Entende-se que a medida exigirá a realização de estudos de fôlego sobre as políticas já implementadas pelos diferentes Cursos de Pós-Graduação no Brasil, para que possamos mapear os contextos, gargalos e demandas e, desse modo, favorecer a implementação de ações efetivas e de processos de diálogo e compreensão das realidades geográficas, culturais, educativas brasileiras.

No que se refere às políticas afirmativas voltadas às pessoas com deficiência, o aparato educacional na perspectiva inclusiva é constituído por meio de importantes legislações, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996); a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); a Lei Brasileira da Inclusão (2015), entre outras. Tais diretrizes inclusivas são pautadas nos princípios da democratização da educação e preconizam a garantia do direito à Educação Especial em todos os níveis (Brasil, 2008). Entretanto, a implementação das referidas legislações, bem como a avaliação do impacto de políticas afirmativas na pós-graduação stricto sensu, no que tange ao acesso, permanência, titulação e participação dos discentes com deficiência carece de pesquisas acadêmico-científicas que acompanhem os processos inclusivos e que abordem temáticas das políticas afirmativas e diversidade, contribuindo para a produção de evidências e dados que embasam políticas públicas voltadas para igualdade de direitos e oportunidades.

No caso dos surdos uma importante legislação é a Lei 10436/2002 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, e o seu decreto regulamentador (5626/2005) a partir do qual passa-se a pensar na formação de intérpretes e professores de Libras em nível superior, o que acarreta em um aprimoramento do status da Libras nacionalmente. Não são raros os relatos, no entanto, da falta de intérpretes suficientes para atender a crescente demanda resultante da presença surda na universidade e nos programas de pós-graduação, demanda esta que inicia na tradução dos editais de seleção, permanece na interpretação das aulas e até mesmo dos momentos de orientação, até a tradução das dissertações e teses para o português escrito.

O projeto BAOBÁ: INSPIRAÇÕES PARA O ENRAIZAMENTO DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO, pensado em rede e coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, submetido ao Edital n° 17/2023 - Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG)/Políticas Afirmativas e Diversidade, foi aprovado e sua execução será de 2024 a 2028. A proposta versa sobre a implementação das políticas de ações afirmativas em Programas de Pós-graduação stricto sensu, impulsionadas, no Brasil, a partir da Portaria Normativa do MEC nº 13, de 11 de maio de 2016.

O enraizamento das políticas afirmativas é pensado a partir da imagem inspiradora dos baobás, presentes nas cosmologias dos povos africanos e indígenas, signo que remete à vitalidade da memória, da ances-

tralidade e da conexão entre o mundo material e imaterial. Deste modo, o título do projeto utiliza a palavra baobá, como inspiração para o desenvolvimento da pesquisa em rede, projeto em que as autoras deste artigo participam.

O grupo de pesquisa é constituído por pesquisadores de programas de pós-graduação das seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Pelotas; Universidade Federal de Santa Maria; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade de Santa Cruz do Sul; Universidade Estadual de Londrina; Universidade Federal da Integração Latino-americana; Universidade Católica Dom Bosco; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal de São Carlos; Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto; Universidade Federal de Rondônia.

Os propósitos principais do grupo de pesquisadores envolvem a análise da implementação das políticas afirmativas em Programas de Pós-graduação *stricto sensu* e seus impactos, considerando mecanismos, instâncias, processos e práticas voltadas a consolidar o acesso, a permanência, a titulação dos sujeitos de direito, bem como a promoção de ações voltadas à escuta dos sujeitos coletivos de direito (comunidades, associações, articulações, movimentos) e à ampliação das formas de participação em todo o processo, visando fertilizar as políticas de ações afirmativas nos diferentes programas de pós-graduação envolvidos na proposta de pesquisa.

A investigação soma-se aos esforços empreendidos no país para fortalecer ações afirmativas voltadas a grupos sociais historicamente excluídos do acesso à educação. Neste artigo, nosso foco é a população surda e o ingresso em Programas de Pós-graduação. Para isso, apresentamos e ampliamos resultados de uma pesquisa de doutorado de Juliana Pokorski (2020), a qual subsidia análises para a implementação de políticas afirmativas na pós-graduação.

Políticas afirmativas em programas de pós-graduação para pessoas surdas

Ainda que não se tenha um levantamento detalhado a respeito de quantos seriam os mestres e doutores surdos formados a partir de vagas reservadas por políticas afirmativas, dados mais gerais apontam caminhos para pensar nos possíveis efeitos dessas políticas institucionalizadas a partir de 2016 e a análise das teses e dissertações produzidas por surdos incitam reflexões acerca dos impactos que a presença surda nos programas de pós-graduação tem causado nos espaços institucionais.

O levantamento, aqui apresentado, foi desenvolvido a partir da ampliação dos dados da pesquisa desenvolvida por Pokorski (2020), na qual foram analisadas narrativas de teses e dissertações produzidas por surdos desde a primeira dissertação publicada (Perlin, 1998) até o ano de 2018. Para o presente artigo, ampliamos o período investigado - de 2018 até 2024 - a partir de informações fornecidas por orientadores/as e Programas de Pós-Graduação, atingindo um total de 219 dissertações e 82 teses encontradas. As Universidades Federal de Santa Catarina (UFSC), Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de Brasília (UnB) se destacaram como as instituições que mais formaram mestres e doutores surdos no período investigado. O quadro a se-

guir, apresenta o número de teses e dissertações por instituição, com o ranking das instituições com a maior quantidade de produções surdas publicadas em nível de pós-graduação.

Quadro 1: Quantidade de teses e dissertações defendidas nas universidades brasileiras

Instituição	**N.º de dissertações de mestrado finalizadas**	**Número de teses de doutorado finalizadas**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	70	27
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	20	10
Universidade de Brasília (Unb)	15	6
Universidade Federal Fluminense (UFF)	13	2
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	6	2
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	6	5
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	5	1
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	5	4

Fonte: As autoras

Os dados quantitativos indicam um movimento de ampliação das publicações ao longo dos anos. Na primeira década, de 1998 até 2007 foram encontradas 8 dissertações e 3 teses. Na década seguinte, de 2008 a 2017, já com a Libras reconhecida nacionalmente, com a conquista do direito à presença do intérprete de Libras nas universidades, concomitante ao início da implementação das políticas afirmativas, foram registrados um total de 154 dissertações e 25 teses. Por fim, na terceira década do recorte temporal da análise, iniciada em 2018 e ainda em andamento, foram encontradas 57 dissertações e 54 teses concluídas. Esses dados possibilitam refletir sobre um movimento de continuidade no percurso acadêmico, uma vez que após a conclusão do mestrado, se observa uma ampliação no ingresso de doutores nos Programas de Pós-graduação.

Um último dado quantitativo relevante demonstra os campos nos quais as pesquisas têm sido desenvolvidas. Do total de 301 dissertações e teses encontradas, 115 (pouco mais de ⅓) foram produzidas na área da Educação[4]; 98 na área da Linguística, Letras e Literatura; e 39 nos Estudos da Tradução. O desenvolvimento de pesquisas prioritariamente nessas áreas pode se relacionar sobremaneira a três aspectos: (a) escolha por estudos sobre língua de sinais e educação bilíngue, pois o pesquisador surdo traz sua experiência linguística e educacional para sua investigação; (b) continuidade de estudos em cursos de pós-graduação, que se vinculam com a formação no curso de graduação em Letras-Libras ; (c) vínculo com a atividade profissional de muitos dos estudantes surdos que atuam como docentes de Libras nas universidades.

4. Foram considerados os programas de pós-graduação em ensino, informática na educação e outros mais específicos, mas relacionados à educação, como educação especial, por exemplo.

Em relação às temáticas pesquisadas, ao observar os títulos das teses e dissertações produzidas ao longo dos anos, é possível encontrar abordagens inovadoras e recortes específicos de temáticas mais amplas. Neste sentido, enquanto as primeiras pesquisas discutiam alteridade, diferença e identidades, comunidades, docência e cultura surdas, pesquisas posteriores tiveram a possibilidade de referir resultados dessas investigações para focalizar temáticas específicas, como o uso da voz passiva em Libras (Miranda, 2014), gírias (Silva, 2015), ensino de Libras no Ensino Superior (Oliveira, 2018), dentre outros.

Além disso, a escolha dos temas de pesquisa parece surgir de uma resposta a uma demanda da comunidade da qual esses sujeitos pertencem. Ser um pesquisador surdo implica em não investigar sozinho, uma vez que, ao adentrar no ambiente acadêmico, o estudante surdo representa sua comunidade de pertencimento. O excerto de uma investigadora surda, a seguir, corrobora este argumento: "Para finalizar, destaco que escrevo aqui no plural porque sou da comunidade surda, com ela cresci e acredito que a sua existência é de extrema importância na vida dos surdos e dos ouvintes que participam dela. Emprestei a minha pessoa e as minhas experiências a essa pesquisa." (Dall'Alba, 2013, p. 20). Outros pesquisadores trazem comentários semelhantes em seus textos ao afirmar que o registro de suas pesquisas são uma forma de preservar a própria existência surda (Schallenberger, 2010), ou que a pesquisa possibilita que as histórias e vivências dos sujeitos surdos sejam visibilizadas (Moreira, 2014).

Investigações desenvolvidas por surdos se conectam com vidas de outros surdos, com experiências nas escolas e nos movimentos surdos. Além disso, as pesquisas fortalecem e dão visibilidade à comunidade, conforme evidenciamos no espaço da dedicatória de diversas teses e dissertações.

> O esforço no percurso acadêmico não é visto como individual, mas algo que surge da coletividade e que também ganha significado a partir dela e, portanto, é uma questão de justiça que a pesquisa seja devolvida como um presente a esta coletividade. Além disso, uma pesquisa que possibilita ver os surdos como sujeitos para além do âmbito da deficiência é um presente para a comunidade surda que ganha ao ter pesquisas que podem amparar as suas reivindicações e lutas. Pode-se ainda imaginar que muitos sujeitos considerem que são representantes de uma comunidade e que carregam consigo essa totalidade ao adentrar os muros acadêmicos, além disso, é nesta comunidade que eles se constituem enquanto surdos e, por diversas vezes, é esta comunidade que lhes dá suporte para realizar a pesquisa. (Pokorski, 2020, p. 125)

Essa coletividade também é destacada nas pesquisas como suporte para a permanência na pós-graduação, pois propicia trocas entre pares linguísticos e a possibilidade de produzir conhecimento em língua de sinais. Diversos grupos de pesquisa são citados nos agradecimentos das teses e dissertações surdas como espaço de encontro entre pares, lugar de conforto linguístico e de resistência. A diferença passa a ser notada e as demandas individuais ganham força no coletivo. Além disso, com o ingresso e permanência dos surdos no espaço acadêmico, ingressa também a língua de sinais "que quanto mais espaços ocupa, mais cresce, mais o léxico se amplia, mais as possibilidades de pensar sobre ela [e a partir dela] se dilatam" (Pokorski, 2020, p. 226).

Ainda sobre a língua que adentra o espaço da pós-graduação junto com seus sujeitos, cabe destacar que diversas foram as estratégias produzidas pelos surdos para trazer a Libras em suas produções acadêmicas. Na análise do material (teses e dissertações), encontramos diversos exemplos: a seção de agradecimentos com fotos de sinais, resumos na escrita de sinais (sistema *Signwritting*) e *QRcode* com acesso a vídeo em Libras.

Por fim, destacamos produções com ênfase na Libras: uma dissertação totalmente produzida em formato bilíngue - Português e *Signwritting* - (Ampessan, 2015); uma tese publicada totalmente em Libras, no campo dos Estudos da Tradução(Machado, 2017) e; mais recentemente, uma segunda tese também produzida em Libras, no campo da linguística e disponibilizada no Youtube (Porto, 2023).

Há outros movimentos de valorização e marcação de experiências bilíngues, nas teses e dissertações, por exemplo:relatos sobre processos de tradução e interpretação vivenciados ao longo do percurso acadêmico; diversas narrativas que destacam as lutas e reivindicações pela presença de intérpretes em sala de aula; a indicação dos nomes de tradutores em fichas catalográficas, em notas de tradução, na abertura dos textos e até mesmo nas capas, compondo a autoria do texto traduzido.

Conclusão

Percebe-se que, enquanto as políticas afirmativas se consolidam, diversos movimentos são feitos dentro dos programas de pós-graduação pelos próprios sujeitos dessas políticas. Adentrar o espaço acadêmico não implica automaticamente em uma noção de pertencimento a este espaço. As possibilidades de permanência se fortalecem em coletivos diversos, a partir do ativismo de orientadores, pós-graduandos e políticas afirmativas em programas de pós-graduação. Muitas conquistas já foram feitas, mas ainda há muitas outras a realizar. No entanto, permanece a relevância da luta pela garantia do que se conquistou, bem como a realização de movimentos maiores, em mais espaços, feitos por mais mãos. Tais lutas buscam a potencialização de um espaço plurilíngue, pluriletrado e pluritecnológico.

Para finalizar, destacamos que, para que o estudante da pós-graduação se torne um acadêmico, é imperativo, no caso dos surdos, construir lutas coletivas. Na análise em questão, envolve a relação do estudante surdo com o orientador, a presença do intérprete, a participação no grupo de pesquisa e a troca entre pares e a luta coletiva com outros sujeitos de direito das ações afirmativas.

Referências

AMPESSAN, João Paulo. *A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL . *Decreto nº 5.626.* Regulamenta a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. DOU, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. *Lei 10.436.* Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. DOU, 24 de abril de 2002.

BRASIL. *Lei nº 9.394/1996.* Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, . Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: outubro 2024.

BRASIL. *Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.* Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 de julho de 2015.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL/CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Projeto de Lei 5384/2020.* Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para tornar permanente a reserva de vagas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. (Em tramitação). Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2266069

BRASIL/MEC. *Portaria Normativa n. 13/2016*. Diário Oficial da União, Edição nº 90 de 12 de maio de 2016, seção 1, p. 47.

DALL'ALBA, Carilissa. *Movimentos Surdos e Educação*: Negociação da Cultura Surda. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Santa Maria, 2013.

FERES JÚNIOR, João; ZONINSEIN, Jonas (Org.). *Ação afirmativa e universidade:* experiências nacionais comparadas. Brasília: UnB, 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Sinopse estatística da educação superior 2015.* Brasília, 2016. planilha 1.10. Disponível em: <Disponível em: http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2015.zip >. Acesso em: 7 set. 2017.

MACHADO, Fernanda de Araújo. *Antologia da poética em Língua de Sinais Brasileira*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MIRANDA, João Paulo Vitório. *Voz passiva em Libras? ou outras estratégias de topicalização?* 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UnB, Brasília, 2014.

MOREIRA, Falk Soares Ramos. *História de vida e concepção de docentes surdos acerca das políticas de inclusão na Educação Superior no DF*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Política de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil:* um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha B. Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Inep, 2003. p. 115-128.

OLIVEIRA, Reany. *Professor surdo: negociações de identidade no Ensino Superior.* 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda*: Identidades em questão. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

POKORSKI, J. de O. *Narrativas Surdas de Percursos Acadêmicos.* 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PORTO, Marcelo. *Ações manuais em narrativas contadas por surdos em Libras*: Problematizando a dicotomia "língua e gesto". 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SCHALLENBERGER, Augusto. *Ciberhumor nas comunidades surdas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitoza. *Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*: processo e interpretação. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Arte, Ciência e Ativismo em convergência: estratégias criativas para disseminação científica feminista[1]

Ana Sofia Pereira[2],
Vanessa Ribeiro-Rodrigues[3],
Carla Cerqueira[4],
Célia Taborda[5]

Resumo

Este artigo pretende explorar a interseção entre arte, ativismo e ciência, refletindo sobre como estas áreas podem contribuir para promover mudanças sociais. A arte e o ativismo são importantes ferramentas para abrir espaços de fala para pessoas marginalizadas e comunidades vulneráveis, bem como para disseminar e amplificar os resultados de investigações científicas, tornando os conceitos e resultados de projetos académicos mais acessíveis a públicos diversos. O projeto de investigação FEMglocal – Movimentos feministas globais: interações e contradições tem como objetivo recuperar a memória histórica dos feminismos em Portugal e analisar as invisibilidades que os movimentos feministas têm enfrentado no país. Para ampliar o alcance dos seus resultados, dando-lhes visibilidade e chegando a públicos para além do meio académico, o projeto tem vindo a investir na criação de *outputs* diversos e criativos que combinam, justamente, o poder da arte, ativismo e comunicação. O *podcast Feminismos em Ação* surge como uma plataforma de discussão crítica sobre o ativismo feminista, tanto local como global, e como repositório da História dos movimentos feministas em Portugal. O documentário FEMglocal, por sua vez, apresenta uma narrativa interseccional dos feminismos no país, revelando estórias e vozes esquecidas, ou invisibilizadas. Ambos os meios visam inspirar o pensamento crítico, promover o diálogo e contribuir para um futuro mais inclusivo no que diz respeito à igualdade de género e aos direitos humanos. Reconhecendo o poder do *artivismo*, que conjuga a imaginação artística com o envolvimento político, este artigo reflete sobre as funções do *artivismo* como meio de disseminação científica e como catalisador de mudanças sociais e culturais.

Palavras-chave

feminismos; *artivismo*; disseminação científica; *podcast*; documentário

Introdução

Desde os seus primórdios, a arte tem vindo a ser usada (de forma intencional ou não) como catalisador de mudanças socioculturais e políticas. Do passado ao presente, os movimentos sociais, nomeadamente os feministas, têm-se munido igualmente do poder da arte como uma força disruptiva e criativa contra culturas

1. Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "FEMglocal – Movimentos feministas glocais: interações e contradições" (PTDC/COM-CSS/4049/2021 / DOI: 10.54499/PTDC/COM-CSS/4049/2021), financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

2. Universidade Lusófona, CICANT, Porto, Portugal

3. Universidade Lusófona, CICANT, Porto, Portugal

4. Universidade Lusófona, CICANT, Porto, Portugal

5. Universidade Lusófona, CICANT, Porto, Portugal

hegemónicas e monolíticas (cf. Danko, 2018; Mesías-Lema, 2018). Desde manifestações artísticas, como exposições, organizadas por grupos feministas, como o *Group Material* ou *Guerrilla Girls*, em Nova Iorque (Mesías-Lema, 2018, p. 21), a intervenções de rua, como as das *Pussy Riot*, na Rússia, a arte tem proporcionado um espaço crítico, onde vozes marginalizadas podem desafiar opressões sistémicas e reclamar uma presença no espaço público. O *artivismo* feminista, porém, não se limita a criticar as estruturas de poder dominantes, mas antes permite criar canais acessíveis de comunicação através dos quais grupos sub-representados podem aumentar a sua visibilidade e consciencializar a esfera pública para questões prementes, como as barreiras à sua integração social. É o que refere Sofia Sousa, por exemplo, em relação a mulheres migrantes e ao que o *artivismo* lhes pode "oferecer" (cf. Sousa, 2020).

O papel da arte vai, pois, muito além do de protesto. A arte pode ser também uma poderosa ferramenta de educação e de disseminação de conhecimento, sobretudo quando conjugada com o ativismo e a investigação académica (cf. «Collaborations with artists go beyond communicating the science», 2021). No campo das ciências sociais e humanas, a arte pode comunicar a complexidade dos movimentos sociais de formas que transcendem os limites da academia, envolvendo públicos mais amplos e gerando empatia, diálogo e ação.

Ao considerar a arte quer como uma forma de protesto, quer como um método de disseminação científica, este artigo pretende observar as interseções entre arte, ativismo e investigação académica, explorando as relações entre estes domínios e o seu potencial combinado para promover transformações sociais (tais como a promoção da literacia e da consciencialização para os feminismos, a criação de espaços de diálogo e contra-narrativas que desafiem narrativas hegemónicas, entre outras). Como podem estes elementos, quando usados em sinergia, funcionar como motores de mudança? De que forma é que objetos artísticos, como *podcasts* e documentários, podem amplificar e democratizar os resultados de projetos de investigação? E poderá a criatividade emergir como uma força revolucionária, construindo novas narrativas que galvanizem o apoio a causas feministas e movimentos de justiça social mais amplos? Estas são as questões de base que orientam uma reflexão inspirada no *artivismo* e como este pode ser usado para visibilizar e promover mudanças nos movimentos feministas portugueses, objeto de estudo do projeto de investigação FEMglocal – Movimentos feministas globais: interações e contradições. Poderá o *artivismo* criar novos espaços para o ativismo feminista em Portugal? E que futuros caminhos poderão emergir desta interseção entre criatividade, investigação e ação social?

Artivismo: Ao serviço de movimentos sociais e da disseminação científica

> A arte tem a capacidade de mudar as nossas mentes-inspirando-nos a adotar diferentes perspetivas e a reimaginar os nossos mundos. Se podemos concordar que a capacidade da arte para transformar a psique individual é profunda e inegável, porque é que nós, ativistas, que nos dedicamos a mudar a mente coletiva, hesitamos em usá-la diretamente? (Nossel, 2016, p. 103)

Num artigo sobre a "utilidade da arte" para o ativismo, Suzanne Nossel incentiva ativistas e artistas a explorar sem medos o poder da arte para promover mudanças sociais e políticas. Segundo a autora, numa era em que a liberdade de expressão está a ser ameaçada (p. 104), os e as ativistas de direitos humanos devem ver na arte, e no *artivismo*, uma ferramenta poderosa para promover alterações de consciência na esfera pública através

do seu potencial para apelar às emoções humanas. "Emocionar uma pessoa, torna a mudança social possível. Não devemos hesitar em relação ao efeito da arte, mas antes abraçá-lo e aproveitá-lo." (p. 105).

O que é então este *artivismo* que pode mover pessoas e promover mudanças socioculturais e políticas? Pese embora seja um conceito ambíguo e complexo, entre arte, política e movimentos sociais (cf. Danko, 2018), na sua conceção mais simples, *artivismo* é um neologismo híbrido que combina "arte" e "ativismo", representando uma prática criativa enraizada tanto na expressão artística, como no engajamento sociopolítico. O *artivismo* tem o potencial de funcionar como ferramenta de resistência e expressão em prol da justiça, sobretudo em contextos socioculturais e políticos dominados pelo silenciamento e por estruturas de poder que limitam a liberdade de expressão (Abouelnaga, 2020, p. 165). *Artivismo* é, assim, "uma sensibilização social para problemas coletivamente partilhados que dizem respeito à vida das pessoas" (Mesías-Lema, 2018, p. 22). Conjuga a imaginação ilimitada da arte com o engajamento político (Jordan, 2020), materializando um impulso democrático que amplifica as vozes marginalizadas e que leva a arte a públicos mais vastos e inclusivos (Felshin, 2006, p. 10). Adicionalmente, promove mudanças socioculturais e políticas, podendo mesmo funcionar como uma ferramenta pedagógica (Roig-Palmer & Pedneault, 2019, p. 18). Este "movimento", que não é bem um movimento, mas antes uma atitude, uma prática (Jordan, 2020), não tem, contudo, como objetivo fazer arte política ou sobre um problema.

> Não se trata de mostrar novas perceções do mundo, mas de o mudar. Ao recusar a representação, o artivismo escolhe a ação direta. [...] A ação direta consiste em transformar o mundo aqui e agora, em conjunto. (Jordan, 2020, p. 60)

Intrinsecamente ligado aos movimentos sociais e em prol da defesa dos direitos humanos, o *artivismo* foi significativamente influenciado por teorias feministas e *queer* que promoveram estratégias de comunicação mais eficientes dentro da arte contemporânea. Estes movimentos exigiram o reconhecimento e a institucionalização dos direitos de grupos marginalizados, particularmente daqueles em situação de exclusão social. As *artivistas* feministas tentaram construir e sustentar redes discursivas, artísticas e institucionais que desafiam estruturas de poder rígidas e homogéneas, em nome da diversidade e multiplicidade (Abouelnaga, 2020, p. 165; Mesías-Lema, 2018, p. 21).

O potencial transformador do *artivismo* vai, porém, além do ativismo sociopolítico e pode estender-se ao campo da comunicação científica. O envolvimento do público tornou-se cada vez mais central para projetos de investigação que recorrem a artistas para ajudar a comunicar os seus resultados a audiências mais amplas e a criar conexões emocionais que enriquecem a aprendizagem («Collaborations with artists go beyond communicating the science», 2021, p. 528). Estas colaborações entre arte e ciência sublinham o potencial libertador (e educacional) do *artivismo*, não apenas como um meio de resistência política, mas também como uma ponte entre sistemas de conhecimento que podem inspirar novas linhas de investigação e de criação artística.

Não é possível, neste artigo, explorar todas as formas através das quais a arte, e o *artivismo*, poderão funcionar como forças transformadoras, impulsionando a justiça social, produção e disseminação de conhecimento. Neste caso, focar-nos-emos no *podcast* e no cinema documental.

Podcasts: Arte sonora e mudança

Na era de informação, e da sociedade "em rede" (cf. Castells, 2007), os *media mainstream* têm vindo a perder progressivamente o seu monopólio como mediadores de lutas e conquistas sociais. Novos meios de comunicação e artísticos, nomeadamente alguns que surgiram e cresceram na *internet*, têm vindo a emergir como espaços de debate público mais eficazes para a construção da opinião e, consequentemente, da participação (Peruzzo & Brittes, 2002). Entre essas ferramentas, os *podcasts* destacam-se como uma plataforma inovadora de ativismo e de educação, sobretudo no campo das artes. Embora ainda pouco explorados como objeto de estudo, os *podcasts* oferecem um meio criativo para contar estórias, fomentar diálogos e fortalecer laços de solidariedade. Funcionam como espaços de aprendizagem tanto para quem os ouve, como para quem neles participa (Wilbur et al., 2022). Para além da sua função pedagógica, os *podcasts* são uma plataforma de expressão artística que democratiza o acesso a vozes e narrativas marginalizadas (*Podcasting as a Tool for Social Change and Advocacy*, sem data). Com baixo custo de produção e sem a necessidade de equipamentos sofisticados, tornam-se acessíveis a artistas e coletivos que não encontram espaço para se comunicar nos meios convencionais, desestabilizando a exclusividade (e elitismo) que, por vezes, permeia o mundo das artes, e abrindo caminho para uma pluralidade de expressões.

Todavia, apesar do seu potencial, os *podcasts* enfrentam desafios no que diz respeito à inclusão, uma vez que o formato exclusivamente auditivo pode excluir pessoas que precisam de outros suportes para acompanhar o conteúdo. Ainda assim, são espaços únicos para o exercício do "contrapoder" (cf. Castells, 2007), proporcionando um tipo de comunicação autónoma, livre do controlo institucional, que amplifica a participação social.

Os *podcasts* podem funcionar, portanto, como ferramentas de disrupção, pedagogia pública e *práxis* (Wilbur et al., 2022), atuando como arte e ativismo, construindo uma ponte entre a arte, a comunicação e as lutas sociais.

Cinema documental: A revolucionar culturas

Desde o advento do cinema, várias teorias e reflexões têm surgido sobre o seu potencial educativo. Münsterberg, no seu artigo publicado originalmente em 1917 na *Mother's Magazine*, descreveu o cinema como um "grande professor de conhecimento" (Münsterberg, 2002, p. 196), particularmente para estudantes. Segundo o autor, a linguagem única deste meio de comunicação e artístico – realista, mas não uma mera imitação da realidade – envolve a mente e as emoções humanas, tornando o público mais aberto a aprender (Münsterberg, 1916). Derrida, por seu turno, introduziu o termo *hantologie* (em oposição a ontologia) para captar a natureza assombrosa do cinema que atrai espectadores para uma espécie de "fascinação hipnótica"

(Baecque & Jousse, 2015) que promove a conexão emocional. Compreender os nossos "fantasmas" (e os do filme) poderia, pois, conduzir a formas alternativas de entender e de ver o mundo.

No caso específico dos documentários – filmes não-ficcionais que refletem e problematizam de perto a realidade – a conexão emocional que se estabelece entre o público e o filme é, não só, significativa, como fundamental dado que é esta que pode levar a mudanças de consciências e de comportamentos. A perceção do conteúdo do documentário como factual pode contribuir para a criação de novas visões do mundo, porém, segundo Grierson, este género cinematográfico permite "o tratamento criativo da atualidade" (in McLane, 2012, p. 6). Este binómio facto/criatividade, a forma como os documentários constroem narrativas que representam a realidade (mas que não são factuais), reforça a sua capacidade de informar, educar, persuadir e preservar registos históricos, conferindo a este género cinematográfico o potencial de rejuvenescer e transformar culturas (cf. Bernard, 2022).

Os documentários permitem que o seu público interaja com aspetos específicos da realidade (indivíduos, eventos, momentos históricos), levando-o a reconsiderar as suas conceções do mundo (Nichols, 1991). Adicionalmente, segundo Nichols (1991), a representação de ideologias através de imagens e conceitos contribui para moldar a forma como o público experiencia a realidade (p. 8). Cunningham (2005), por seu turno, argumenta que os documentários servem como referências culturais através das quais espectadores aprendem sobre experiências humanas diversas e refletem sobre as suas próprias. Não são apenas coleções de factos, mas interpretações que podem reforçar ou desafiar compreensões pré- estabelecidas, renegociando-as (Cowie, 2011, p. 63).

Atendendo ao seu potencial de promover novas aprendizagens e conceções do mundo, os documentários podem, pois, desencadear mudanças sociais ao desafiar narrativas dominantes e destacar as vozes de comunidades marginalizadas (e.g., Bruzzi, 2000; Nichols, 1991; Renov, 2004). Renov (2004) refere mesmo que os documentários podem inspirar a ação social ao expor injustiças, encorajando o público a tomar uma posição. O seu conceito de "active witnessing" (testemunha ativa) enfatiza o papel do documentário como ferramenta que incentiva espectadores a envolver-se com as questões sociais apresentadas na tela.

O projeto FEMglocal: Remapear os feminismos portuguesas com arte

O projeto de investigação FEMglocal – Movimentos feministas glocais: interações e contradições (cf. *FEMglocal*, sem data) pretende colmatar uma lacuna na investigação nacional, explorando a interseção entre o ativismo digital em rede e os movimentos feministas glocais (globais e locais). Os movimentos feministas contemporâneos em Portugal, moldados pela interação entre dinâmicas globais e locais, ativismo digital e presencial, e diversas formas de ação coletiva, apresentam desafios únicos que exigem uma análise situada (Haraway, 1988, 1995). O FEMglocal explora esses desafios através de uma perspetiva interdisciplinar, estudando como os movimentos feministas transnacionais influenciam e se articulam com as especificidades do ativismo feminista português. Um dos objetivos centrais do projeto é recuperar a memória histórica, frequentemente silenciada, dos movimentos feministas em Portugal e mapear os grupos ativistas. Adicionalmente, o FEMglocal pretende visibilizar o ativismo feminista e estórias esquecidas, procurando alcançar públicos diversificados,

para além do meio académico. Com esse propósito, tem vindo a investir em *outputs* e estratégias de disseminação diversas, com o intuito de envolver pessoas que, de outra forma, poderiam não ter acesso aos resultados da investigação. Entre esses *outputs*, destacam-se o *podcast* e o documentário.

***Feminismos em Ação*: Um *podcast* FEMglocal**

Feminismos em Ação é o *podcast* desenvolvido no âmbito do projeto de investigação FEMglocal que oferece uma plataforma dinâmica para a discussão de temas ligados aos ativismos feministas, tanto locais como globais, integrando as esferas digital e presencial em Portugal. O objetivo central deste *podcast* é promover uma reflexão crítica sobre as complexas *nuances* dos feminismos, adotando uma abordagem situada que reconhece os diferentes contextos em que estes se manifestam. Como tal, conta com intervenientes de diferentes lugares de fala (pessoas de diversos géneros, classes sociais, raças, etnias, orientações sexuais) e de múltiplas esferas sociais (academia, movimentos sociais, jornalismo, cinema, curadoria artística, entre outras). Ao aprofundar estas dinâmicas e interseccionalidade dos feminismos em contexto nacional, *Feminismos em Ação* pretende enriquecer a compreensão das ideologias feministas e do seu potencial transformador na resposta a questões sociais. Adicionalmente, o *podcast* atua como um importante repositório de memória, registando e preservando a ideologia, a História e estórias dos movimentos feministas. Através das conversas que promove, de intervenientes a quem dá voz e do seu trabalho de preservação histórica, que parte da investigação teórica e empírica desenvolvidas no âmbito do projeto de investigação, *Feminismos em Ação* visa inspirar o pensamento crítico, promover o diálogo e contribuir para a construção de um futuro mais inclusivo e equitativo, sustentado nos valores dos feminismos. O *podcast* tem, assim, um pendor *artivista*, já que, como instrumento artístico, pretende promover mudanças socioculturais no que diz respeito aos feminismos, quebrar com estereótipos e com dinâmicas de poder masculinizadas.

Documentário FEMglocal: registo e arquivo de memória

O documentário *FEMglocal* será o culminar do projeto, resultado da revisão de literatura e da investigação empírica desenvolvidas. Tem como propósito oferecer uma narrativa plural e abrangente dos feminismos em Portugal, visando destacar as particularidades nacionais do movimento feminista e evidenciar as dinâmicas que lhe são próprias. Para além de sensibilizar diversos públicos sobre a complexidade e diversidade dos feminismos em Portugal, o documentário terá como objetivo questionar as narrativas dominantes, desafiando perspetivas redutoras dos feminismos. Neste processo, contribuirá para a recuperação da memória histórica dos feminismos no país, revelando estórias e trajetórias que têm sido esquecidas e/ou marginalizadas. Nesse sentido, o documentário contará com os testemunhos de ativistas feministas, pessoas da academia que têm vindo a estudar estas temáticas, jornalistas que nos poderão ajudar a compreender como os feminismos têm sido mediatizados em Portugal e jovens estudantes, o futuro dos feminismos. Através de diferentes perspe-

tivas, interseccionais e intergeracionais, o documentário visa, não só, preservar as lutas atuais, mas também garantir um legado para as futuras gerações.

Reflexões Finais

O potencial do *artivismo* para revolucionar culturas é significativo e pode ser eficazmente utilizado em projetos de investigação, particularmente nos que se dedicam a estudar movimentos sociais e a destacar estórias marginalizadas. A arte dá voz, cor e expressão ao que foi silenciado, enquanto o ativismo incita à mudança de consciências e comportamentos. Projetos de investigação como o FEMglocal, ou outros semelhantes, podem combinar estas forças para amplificar as vozes marginalizadas em culturas dominantes, podendo contribuir para a transformação social através de um papel que promove a literacia e consciencialização para os feminismos, abrindo espaços de diálogos e contranarrativas perante narrativas dominantes e hegemónicas, enfatizando temas e problemáticas de comunidades mais vulneráveis. Esta intersecção entre arte e ciência evidencia o potencial supramencionado do *artivismo*, não só como resistência, mas também como elo de ligação entre conhecimentos e valores que pode abrir caminhos para novas linhas de investigação e de criação artística.

No contexto dos feminismos, nomeadamente em Portugal, a História é marcada por longos períodos de silêncio. No mundo da arte, as mulheres artistas têm enfrentado (e continuam a enfrentar) desafios significativos em termos de representatividade e representação. Muitas vezes, é necessário redescobrir e reintegrar artistas mulheres na narrativa da História da Arte. E a arte "imita" a vida. Também as estórias das mulheres feministas, as suas causas e papéis, têm de ser redescobertas e devolvidas à História, contribuindo para compreender o impacto dos feminismos nacionais, enquadrados numa perspetiva glocal (local e global). É neste contexto que surge o projeto de investigação FEMglocal. Reconhecendo o potencial transformador da arte como ativismo, para nos fazer conceber novos mundos, bem como a sua capacidade para tornar conceitos científicos mais acessíveis e inteligíveis para públicos diversos, o FEMglocal integra a arte como componente central da sua estratégia de comunicação científica. Por meio do cinema documental e de um *podcast*, entre outros *outputs*, o projeto dissemina conhecimentos sobre feminismos e movimentos sociais feministas. Através da colaboração com artistas, investigadores/investigadoras e ativistas, o FEMglocal cria, *per se*, produtos *artivistas* que vão além da mera crítica às estruturas de poder hegemónicas. Este *artivismo* feminista estabelece canais de comunicação acessíveis, e.g., disponíveis *online*, permitindo que grupos sub-representados aumentem a sua visibilidade e contribuam para a consciencialização da esfera pública. Desta feita, o FEMglocal abre espaços de comunicação que fomentam um diálogo inclusivo e interseccional e que contribuem, a montante, para a integração e o reconhecimento desses grupos e, a jusante, para criar mudanças sociais ao nível de crenças e valores sobre o conhecimento que se tem destes grupos mais vulneráveis e marginalizados.

Neste artigo refletimos sobre a interseção entre arte, ativismo e ciência. Há, porém, ainda muito a explorar no que diz respeito ao futuro do *artivismo* e do ativismo feminista em Portugal. Os *outputs* do

projeto FEMglocal poderão, potencialmente, vir a oferecer importantes contributos para a abertura de novos caminhos nestes domínios.

Referências bibliográficas

Abouelnaga, S. (2020). Feminist Artivism: Curating Women's Memory. *Studi Magrebini*, *18*(2), 164–179. https://doi.org/10.1163/2590034X-12340025

Baecque, A. de, & Jousse, T. (2015). Cinema and Its Ghosts: An Interview with Jacques Derrida (K. Kamuf, Trad.). *Discourse*, *37*(1–2), 22. https://doi.org/10.13110/discourse.37.1-2.0022

Bernard, S. C. (2022). *Documentary Storytelling: Creative Nonfiction on Screen* (5.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003289678

Bruzzi, S. (2000). *New documentary: A critical introduction*. Routledge.

Castells, M. (2007). Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, *1*, 238–266.

Collaborations with artists go beyond communicating the science. (2021). *Nature*, *590*(7847), 528–528. https://doi.org/10.1038/d41586-021-00469-2

Cowie, E. (2011). *Recording reality, desiring the real*. University of Minnesota Press.

Cunningham, M. (2005). *The art of the documentary: Ten conversations with leading directors, cinematographers, editors, and producers*. New Riders.

Danko, D. (2018). Artivism and the Spirit of Avant-Garde Art. Em V. D. Alexander, S. Hägg,

S. Häyrynen, & E. Sevänen (Eds.), *Art and the Challenge of Markets Volume 2* (pp. 235–261). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319- 64644-2_9

Felshin, N. (2006). Introduction. Em N. Felshin (Ed.), *But is it art? The spirit of art as activism* (3. print, pp. 9–30). Bay Press.

FEMglocal. (sem data). FEMglocal. https://www.femglocal.pt

Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, *14*(3), 575. https://doi.org/10.2307/3178066

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, *5*, Artigo 5.

Jordan, J. (2020). Artivism: Injecting imagination into degrowth. Em M. Burkhart, M. Schmelzer, & N. Treu (Eds.), *Degrowth in movement(s): Exploring pathways for transformation* (pp. 59–72). Zero Books.

McLane, B. A. (2012). *A new history of documentary film* (2. ed., repr). Bloomsbury Acad.

Mesías-Lema, J.-M. (2018). Artivism and social conscience: Transforming teacher training from a sensibility standpoint. *Comunicar*, *26*(57), 19–28. https://doi.org/10.3916/C57-2018-02

Münsterberg, H. (1916). *The photoplay: A psychological study* (D. Appleton and Company). Münsterberg, H. (2002). *Hugo Münsterberg on film: The photoplay--a psychological study, and other writings* (A. Langdale, Ed.). Routledge.

Nichols, B. (1991). *Representing reality: Issues and concepts in documentary*. Indiana University Press.

Nossel, S. (2016). Introduction: On «Artivism,» or Art's Utility in Activism. *Social Research*, *83*(1, The Fear of Art), 103–105.

Peruzzo, C. K., & Brittes, J. G. (Eds.). (2002). *Sociedade da informação e novas mídias: Participação ou exclusão?* Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, São Paulo: [Vitória, Espírito Santo, Brazil]. INTERCOM; Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Comunicação Social, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo.

Podcasting as a Tool for Social Change and Advocacy. (sem data). Podium. https://hello.podium.page/blog/podcasting-as-a-tool-for-social-change-and- advocacy

Renov, M. (2004). *The subject of documentary*. University of Minnesota Press.

Roig-Palmer, K., & Pedneault, A. (2019). Promoting Higher Learning Through Artivism.

Journal of Criminal Justice Education, *30*(1), 91–113. https://doi.org/10.1080/10511253.2018.1439514

Sousa, S. (2020). In-cóg-ni-tas (n.f.). Mulheres, migrações e artivismo na sociedade portuguesa contemporânea. Em P. Guerra & R. Campos (Eds.), *COMbART: Arte, artivismo e cidadania. Utopias e futuros imaginados* (pp. 148–162). Universidade do Porto. Faculdade de Letras. https://doi.org/10.21747/978-989-9082-54- 0/comba9

Wilbur, A., Rahemtulla, Z., Amburgey, E., Karim, S., Khalid Marif, D., McMillan Rambharat, C., & Alsaleh, M. (2022). The power of narrative storytelling: How podcasts as an arts-based practice enhance solidarity and social activism in adult education. *Studies in the Education of Adults*, *54*(2), 161–176. https://doi.org/10.1080/02660830.2022.2096798

Art, Science, and Activism in convergence: creative strategies for feminist scientific dissemination[1]

Ana Sofia Pereira[2],
Vanessa Ribeiro-Rodrigues[3],
Carla Cerqueira[4],
Célia Taborda[5]

Abstract

This article aims to explore the intersection of art, activism and science, reflecting on how these areas can contribute to promoting social change. Art and activism are important tools for creating spaces of speech for marginalized voices and vulnerable communities, as well as for disseminating and amplifying the results of scientific research, making academic concepts and project outcomes more accessible to diverse audiences. The FEMglocal – Global feminist movements: interactions and contradictions research project seeks to recover the historical memory of feminisms in Portugal and analyze the invisibilities that feminist movements have faced in the country. To broaden the reach of its findings, giving them visibility and reaching audiences beyond academic circles, the project has invested in creating diverse and creative outputs that combine the power of art, activism and communication. The podcast *Feminismos em Ação* [*Feminisms in Action*] emerges as a platform for critical discussion on feminist activism, both local and global, and as a repository of the History of feminist movements in Portugal. The FEMglocal documentary, on the other hand, presents an intersectional narrative of feminisms in the country, revealing stories and voices that have been forgotten or rendered invisible. Both mediums aim to inspire critical thinking, promote dialogue, and contribute to a more inclusive future regarding gender equality and human rights. Recognizing the power of artivism, which merges artistic imagination with political engagement, this article reflects on the role of artivism as a means of scientific dissemination and as a catalyst for social and cultural change.

Keywords

feminisms; artivism; scientific dissemination; podcast; documentary

Introduction

Since its beginnings, art has been used (intentionally or not) as a catalyst for sociocultural and political change. From past to present, social movements, namely feminist ones, have equally leveraged the power of art as a disruptive and creative force to challenge hegemonic and monolithic cultures (cf. Danko, 2018;

1. This article was developed within the scope of the project "FEMglocal - Glocal feminist movements: interactions and contradictions" (PTDC/COM-CSS/4049/2021 / DOI: 10.54499/PTDC/COM-CSS/4049/2021), supported by national funds through FCT — Foundation for Science and Technology, I.P.

2. Lusófona University, CICANT, Porto, Portugal

3. Lusófona University, CICANT, Porto, Portugal

4. Lusófona University, CICANT, Porto, Portugal

5. Lusófona University, CICANT, Porto, Portugal

Mesías-Lema, 2018). From artistic expressions, such as exhibitions organized by feminist groups, like *Group Material* or *Guerrilla Girls*, in New York (Mesías-Lema, 2018, p. 21), to street interventions, like the ones by *Pussy Riot* in Russia, art has provided a critical space where marginalized voices can challenge systemic oppressions and demand a presence in the public sphere. Feminist artivism, however, goes beyond critiquing dominant power structures; rather, it enables the creation of accessible communication channels through which underrepresented groups can increase their visibility and raise public awareness of pressing issues, such as barriers to their social integration. This is what Sofia Sousa refers to, for example, regarding migrant women and what artivism can "offer" them (cf. Sousa, 2020).

Thus, the role of art extends far beyond that of protest. Art can also be a powerful tool for education and knowledge dissemination, particularly when combined with activism and academic research (cf. «Collaborations with artists go beyond communicating the science», 2021). In the fields of social and human sciences, art has the ability to communicate the complexity of social movements in ways that surpass academic confines, engaging broader audiences and fostering empathy, dialogue and action.

By viewing art as both a form of protest and a method of scientific dissemination, this article aims to examine the intersections between art, activism and academic research, exploring the relationships between these domains and their combined potential to promote social transformations (such as advancing literacy and awareness of feminisms, creating spaces of dialogue and counter-narratives that challenge hegemonic narratives, among others). How might these elements, when used in synergy, act as agents of change? How can artistic mediums, such as podcasts and documentaries, amplify and democratize the findings of research projects? And could creativity emerge as a revolutionary force, generating new narratives that galvanize support for feminist causes and broader social justice movements? These questions guide a reflection inspired by artivism and how it can be used to highlight and promote changes within Portuguese feminist movements, the focus of the FEMglocal - Glocal feminist movements: interactions and contradictions research project. Can artivism forge new spaces for feminist activism in Portugal? And what future paths might emerge from this intersection of creativity, research, and social action?

Artivism: At the service of social movements and scientific dissemination

> Art has the ability to change our minds-inspiring us to take on different perspectives and to reimagine our worlds. If we can agree that art's ability to change the individual psyche is profound and undeniable, why have we activists, who are in the business of changing the collective mind, shied away from employing it directly? (Nossel, 2016, p. 103)

In an article discussing the "usefulness of art" for activism, Suzanne Nossel encourages activists and artists to fearlessly explore the power of art to effect social and political change. According to the author, in an era when freedom of expression is under threat (p. 104), human rights activists should view art and artivism as powerful tools for promoting shifts in public consciousness due to their ability to appeal to human emotions. "To move an individual makes social change possible. We should not shy away from the aeffect of art but embrace and harness it." (p. 105).

What, then, is this artivism that can mobilize people and promote sociocultural and political change? While it is an ambiguous and complex concept, that intersects art, politics and social movements (cf. Danko, 2018), at its most basic, artivism is a hybrid neologism that merges "art" and "activism", representing a creative practice rooted both in artistic expression and sociopolitical engagement. Artivism has the potential to serve as a tool for resistance and expression in the name of justice, particularly in sociocultural and political contexts dominated by silencing and power structures that limit free expression (Abouelnaga, 2020, p. 165). Artivism is, therefore, "a social sensitisation towards collectively shared problems that concern peoples' lives." (Mesías-Lema, 2018, p. 22). It combines art's boundless imagination with political engagement (Jordan, 2020), embodying a democratic impulse that amplifies marginalized voices and brings art to broader and more inclusive audiences (Felshin, 2006, p. 10). Also, it encourages sociocultural and political change and can even serve as a pedagogical tool (Roig-Palmer & Pedneault, 2019, p. 18). This "movement", that is not exactly a movement but rather an attitude or practice (Jordan, 2020), does not, however, seek to create political art or art centered on a specific issue.

> It is not about showing new perceptions of the world, but about changing it. Refusing representation, artivism chooses direct action. [...] Direct action is about transforming the world in the here and now, together. (Jordan, 2020, p. 60)

Artivism, which is inextricably linked to social movements and the defense of human rights, has been heavily influenced by feminist and queer theories, which have fostered more effective communication strategies within contemporary art. These movements have advocated for the recognition and institutionalization of marginalized groups' rights, especially those facing social exclusion. Feminist artivists have sought to build and sustain discursive, artistic, and institutional networks that challenge rigid and homogenous power structures in the name of diversity and multiplicity (Abouelnaga, 2020, p. 165; Mesías-Lema, 2018, p. 21).

However, artivism's transformative potential extends beyond sociopolitical activism and can reach into the field of scientific communication. Public engagement has become increasingly important in research projects that collaborate with artists to help convey their findings to a wider audience and create emotional connections that enhance learning («Collaborations with artists go beyond communicating the science», 2021, p. 528). These collaborations between art and science highlight artivism's liberating (and educational) potential, serving not only as a form of political resistance, but also as a link between knowledge systems that might inspire new avenues of research and artistic creation.

This article cannot cover all the ways in which art and artivism can work as transformative forces for social justice, knowledge production, and dissemination. Instead, we will focus on podcasts and documentary cinema.

***Podcasts*: Sound art and change**

In the information era, and that of "network society" (cf. Castells, 2007), mainstream media have gradually lost their monopoly as mediators of social struggles and achievements. New communication and

artistic mediums, particularly those that have emerged and grown on the internet, have become more effective spaces for public debate and opinion making and, consequently, for participation (Peruzzo & Brittes, 2002). Among these tools, podcasts stand out as an innovative platform for activism and education, particularly within the arts. While still underexplored as a subject of study, podcasts provide a creative means for storytelling, fostering dialogue and strengthening bonds of solidarity. They serve as learning environments for both listeners and participants (Wilbur et al., 2022). Aside from their pedagogical role, podcasts also serve as a platform for artistic expression, democratizing access to marginalized voices and narratives (*Podcasting as a Tool for Social Change and Advocacy*, n.d.). With low production costs and no need for sophisticated equipment, they become accessible to artists and collectives who struggle to find place in mainstream media, destabilizing the exclusivity (and elitism) that, sometimes, pervades the art world and paving the way for a plurality of expressions.

Nonetheless, despite their potential, podcasts face inclusion challenges because the exclusively auditory format may exclude individuals who require other mediums to engage with the concept. Even so, they serve as unique spaces for exercising "counterpower" (cf. Castells, 2007), providing a form of communication that is autonomous and free from institutional control, which amplifies social participation.

Podcasts can, therefore, function as tools of disruption, public pedagogy, and praxis (Wilbur et al., 2022), acting as both art and activism, while building a bridge between art, communication and social struggles.

Documentary cinema: Revolutionizing cultures

Since the advent of cinema, various theories and reflections have emerged regarding its educational potential. In an article originally published in 1917 in *Mother's Magazine*, Münsterberg described cinema as "great teachers of knowledge" (Münsterberg, 2002, p. 196), especially for students. According to the author, the medium's unique language – realistic yet not merely an imitation of reality – engages both the mind and emotions, making audiences more receptive to learning (Münsterberg, 1916). Derrida, on the other hand, introduced the term *hantologie* (as opposed to ontology) to capture the haunting nature of cinema that lures viewers into a state of "hypnotic fascination" (Baecque & Jousse, 2015) that fosters an emotional connection. Understanding our "ghosts" (as well as those of the film) could, then, lead to alternative ways of understanding and perceiving the world.

In the specific case of documentaries – non-fiction films that closely reflect and problematize reality – the emotional connection formed between the audience and the film is not only significant but also essential, as it can lead to changes in consciousness and behavior. While the perception of documentary content as factual can contribute to the creation of new worldviews, Grierson argues that this cinematic genre allows for "the creative treatment of actuality" (in McLane, 2012, p. 6). This dichotomy between fact and creativity, in how documentaries construct narratives that represent reality (but are not strictly factual), enhances their ability to inform, educate, persuade, and preserve historical records, giving this genre the potential to rejuvenate and transform cultures (cf. Bernard, 2022).

Documentaries allow their viewers to engage with specific aspects of reality (individuals, events, historical moments), prompting them to reconsider their worldviews (Nichols, 1991). Furthermore, according to Nichols (1991), the ways in which ideologies are represented through images and concepts has a significant impact on how the audience perceives reality. (p. 8). Cunningham (2005), on the other hand, contends that documentaries serve as cultural references through which viewers learn about diverse human experiences and reflect on their own. Rather than being mere collections of facts, they offer interpretations that can either reinforce or challenge pre-existing understandings, renegotiating them (Cowie, 2011, p. 63).

Given their potential to foster new understandings and perceptions of the world, documentaries thus have the ability to trigger social change by challenging dominant narratives and highlighting the voices of marginalized communities (e.g., Bruzzi, 2000; Nichols, 1991; Renov, 2004). Renov (2004) even suggests that documentaries can inspire social action by exposing injustices, encouraging the audience to take a stand. His concept of "active witnessing" emphasizes the role of documentaries as tools for encouraging viewers to engage with the social issues depicted on screen.

The FEMglocal project: Remapping Portuguese feminisms through art

The FEMglocal - Glocal feminist movements: interactions and contradictions research project (cf. *FEMglocal*, n.d.) seeks to address a gap in national research, exploring the intersection between digital network activism and glocal feminist movements (global and local). Contemporary feminist movements in Portugal, shaped by the interplay of global and local dynamics, digital and in-person activism, and various forms of collective action, present unique challenges that require a situated analysis (Haraway, 1988, 1995). FEMglocal examines these challenges through an interdisciplinary lens, studying how transnational feminist movements influence and intersect with the specificities of feminist activism in Portugal. One of the project's primary objectives is to recover the often-silenced historical memory of feminist movements in Portugal and to map activist groups. Additionally, FEMglocal aims to bring visibility to feminist activism and forgotten stories, striving to reach diverse audiences beyond the confines of academia. To this end, the project has invested in a range of outputs and dissemination strategies designed to engage individuals who might not otherwise have access to its research findings. Among these outputs, the podcast and documentary are particularly noteworthy.

Feminisms in Action: A FEMglocal *podcast*

Feminismos em Ação [*Feminisms in Action*] is the podcast developed as part of the FEMglocal research project, serving as a dynamic platform for discussing issues related to feminist activism, both local and global, integrating digital and in-person spheres in Portugal. The primary goal of this podcast is to foster critical reflection on the complex nuances of feminisms, adopting a situated approach that acknowledges the different contexts in which they manifest. To that end, it features participants from a variety of backgrounds (individuals of different genders, social classes, races, ethnicities, and sexual orientations) and social spheres

(academia, social movements, journalism, cinema, artistic curatorship, among others). By delving into these dynamics and the intersectionality of feminisms within the national context, *Feminisms in Action* seeks to deepen the understanding of feminist ideologies and their transformative potential in addressing social issues. Moreover, the podcast serves as a valuable repository, recording and preserving feminist movements' ideology, History, and stories. Through the conversations it fosters, the voices it amplifies, and its historical preservation efforts, rooted in theoretical and empirical research developed within the project, *Feminisms in Action* aims to inspire critical thinking, promote dialogue, and contribute to building a more inclusive and equitable future grounded in feminist values. Hence, the podcast embodies an artivist inclination, as it uses artistic means to promote sociocultural changes concerning feminisms, challenging stereotypes and masculinized power dynamics.

FEMglocal documentary: Recording and archiving memory

The FEMglocal documentary will serve as the culmination of the research project, synthesizing the findings from the literature review and empirical research. Its purpose is to provide a plural and comprehensive narrative of feminisms in Portugal, aiming to highlight the national particularities of the feminist movement and to illustrate its unique dynamics. Beyond raising awareness among diverse audiences about the complexity and diversity of feminisms in Portugal, the documentary will strive to challenge dominant narratives, confronting reductive perspectives on feminisms. This process will help to recover the country's historical memory of feminisms, revealing stories and trajectories that have been forgotten and/or marginalized. To this end, the documentary will feature testimonies from feminist activists, academics who have researched these topics, journalists who can provide insights into how feminisms have been represented in Portugal, and young students, who embody the future of feminism. Through various perspectives, both intersectional and intergenerational, the documentary aims to preserve current struggles while also ensuring a legacy for future generations.

Final Thoughts

The potential of artivism to revolutionize cultures is significant and can be effectively harnessed in research projects, particularly those dedicated to studying social movements and highlighting marginalized stories. Art gives voice, color, and expression to what has been muted, whereas activism urges changes in consciousness and behavior. Research projects like FEMglocal, or similar initiatives, can combine these forces to amplify marginalized voices within dominant cultures, contributing to social transformation by fostering literacy and awareness of feminisms. They can create spaces for dialogue and counternarratives in response to dominant and hegemonic narratives, emphasizing the themes and issues faced by more vulnerable communities. This intersection of art and science underscores artivism's aforementioned potential not only as a form of resistance, but also as a bridge between knowledge and values, paving the way for new lines of research and artistic creation.

In the context of feminisms, namely in Portugal, History is marked by long periods of silence. In the art world, women artists have faced (and continue to face) significant challenges in terms of representation and visibility. It is often necessary to rediscover and reintegrate women artists into the narrative of Art History. And art "mimics" life. The stories of feminist women, their causes, and their roles, must also be rediscovered and returned to History, contributing to an understanding of the impact of national feminisms within a glocal (local and global) perspective. It is within this context that the FEMglocal research project emerges. Recognizing the transformative potential of art as activism, which helps us conceive new worlds, as well as its ability to make scientific concepts more accessible and understandable to a wide range of audiences, FEMglocal integrates art as a key component of its scientific communication strategy. Through outputs such as documentary cinema and a podcast, the project disseminates knowledge about feminisms and feminist social movements. Through collaborations with artists, researchers, and activists, FEMglocal creates artivist products, *per se*, that go beyond mere critique of hegemonic power structures. This feminist artivism establishes accessible communication channels, available, for example, online, allowing underrepresented groups to increase their visibility and contribute to public awareness. In doing so, FEMglocal opens communication spaces that encourage inclusive and intersectional dialogue, contributing to the integration and recognition of these groups, while also promoting social change in beliefs and values related to the understanding of these vulnerable and marginalized groups.

In this article, we reflect upon the intersection of art, activism and science. Nevertheless, significant avenues remain to be explored regarding the future of artivism and feminist activism in Portugal. FEMglocal's outputs are posed to, possibly, provide substantial contributions that may pave the way for new developments in these fields.

References

Abouelnaga, S. (2020). Feminist Artivism: Curating Women's Memory. *Studi Magrebini*, *18*(2), 164–179. https://doi.org/10.1163/2590034X-12340025

Baecque, A. de, & Jousse, T. (2015). Cinema and Its Ghosts: An Interview with Jacques Derrida (K. Kamuf, Trad.). *Discourse*, *37*(1–2), 22. https://doi.org/10.13110/discourse.37.1-2.0022

Bernard, S. C. (2022). *Documentary Storytelling: Creative Nonfiction on Screen* (5.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003289678

Bruzzi, S. (2000). *New documentary: A critical introduction*. Routledge.

Castells, M. (2007). Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, *1*, 238–266.

Collaborations with artists go beyond communicating the science. (2021). *Nature*, *590*(7847), 528–528. https://doi.org/10.1038/d41586-021-00469-2

Cowie, E. (2011). *Recording reality, desiring the real*. University of Minnesota Press.

Cunningham, M. (2005). *The art of the documentary: Ten conversations with leading directors, cinematographers, editors, and producers*. New Riders.

Danko, D. (2018). Artivism and the Spirit of Avant-Garde Art. Em V. D. Alexander, S. Hägg,

S. Häyrynen, & E. Sevänen (Eds.), *Art and the Challenge of Markets Volume 2* (pp. 235–261). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319- 64644-2_9

Felshin, N. (2006). Introduction. Em N. Felshin (Ed.), *But is it art? The spirit of art as activism* (3. print, pp. 9–30). Bay Press.

FEMglocal. (n.d.). FEMglocal. https://www.femglocal.pt

Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, *14*(3), 575. https://doi.org/10.2307/3178066

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, *5*, Artigo 5.

Jordan, J. (2020). Artivism: Injecting imagination into degrowth. Em M. Burkhart, M. Schmelzer, & N. Treu (Eds.), *Degrowth in movement(s): Exploring pathways for transformation* (pp. 59–72). Zero Books.

McLane, B. A. (2012). *A new history of documentary film* (2. ed., repr). Bloomsbury Acad.

Mesías-Lema, J.-M. (2018). Artivism and social conscience: Transforming teacher training from a sensibility standpoint. *Comunicar*, *26*(57), 19–28. https://doi.org/10.3916/C57-2018-02

Münsterberg, H. (1916). *The photoplay: A psychological study* (D. Appleton and Company). Münsterberg, H. (2002). *Hugo Münsterberg on film: The photoplay--a psychological study, and other writings* (A. Langdale, Ed.). Routledge.

Nichols, B. (1991). *Representing reality: Issues and concepts in documentary*. Indiana University Press.

Nossel, S. (2016). Introduction: On «Artivism,» or Art's Utility in Activism. *Social Research*, *83*(1, The Fear of Art), 103–105.

Peruzzo, C. K., & Brittes, J. G. (Eds.). (2002). *Sociedade da informação e novas mídias: Participação ou exclusão?* Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, São Paulo: [Vitória, Espírito Santo, Brazil]. INTERCOM; Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Comunicação Social, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo.

Podcasting as a Tool for Social Change and Advocacy. (n.d.). Podium. https://hello.podium.page/blog/podcasting-as-a-tool-for-social-change-and- advocacy

Renov, M. (2004). *The subject of documentary*. University of Minnesota Press.

Roig-Palmer, K., & Pedneault, A. (2019). Promoting Higher Learning Through Artivism.

Journal of Criminal Justice Education, *30*(1), 91–113. https://doi.org/10.1080/10511253.2018.1439514

Sousa, S. (2020). In-cóg-ni-tas (n.f.). Mulheres, migrações e artivismo na sociedade portuguesa contemporânea. Em P. Guerra & R. Campos (Eds.), *COMbART: Arte, artivismo e cidadania. Utopias e futuros imaginados* (pp. 148–162). Universidade do Porto. Faculdade de Letras. https://doi.org/10.21747/978-989-9082-54- 0/comba9

Wilbur, A., Rahemtulla, Z., Amburgey, E., Karim, S., Khalid Marif, D., McMillan Rambharat, C., & Alsaleh, M. (2022). The power of narrative storytelling: How podcasts as an arts-based practice enhance solidarity and social activism in adult education. *Studies in the Education of Adults*, *54*(2), 161–176. https://doi.org/10.1080/02660830.2022.2096798

Uma Reflexão dos Processos Culturais e as Mulheres da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal nos Projetos de Educação Ambiental Pea Pescarte, Embarque e Guardiãs da Pesca no Estado do Rio de Janeiro/Brasil

Manuela Chagas Manhães[1],
Márcia Siqueira Cordeiro[2],
Clara Mara Chaves[3],
Yuri Walter[4]

Resumo

Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzida pelo IBAMA. Além disso, é apoiado pelo Projeto Embarque (FUNBIO/TAC FRADE/PRIO) e a Universidade Estácio de Sá (UNESA).Tendo como objetivo, esse artigo, faz uma reflexão sobre as transformações históricas a respeito da relação de poder dos homens sobre as mulheres e o papel feminino na cadeia produtiva da pesca. Para tanto elenca-se alguns Projetos de Educação Ambiental do Estado do Rio de Janeiro, especificamente na Região dos Lagos, são eles: Guardiãs da pesca, Embarque e Pescarte. Por conseguinte , tais projetos foram selecionados devido aos seus registros e princípios norteadores para sua construção e execução, a saber: a equidade de gênero assim como os direitos e beneficios das mulheres que estão no dia dia enfrentando situações de desrespeito sociais. Ao falarmos a respeito de relações de gênero, estamos remetendo a relação de poder, à medida que as relações existentes entre homens e mulheres são assimétricas, isto é, desiguais e geradoras de dominação/subordinação. No entanto, evidencia-se o protagonismo das mulheres na pesca artesanal, seja das guardiãs da pesca, seja novas mulheres que vivenciam a cadeia produtiva da pesca e estão no espaço da construção naval artesanal, seja mulheres que ao longo de suas vivências foram silenciadas pelo Patriarcado ainda muito forte nas comunidades de pesca. Logo, as mulheres da pesca artesanal, vivenciam situações de desrespeito social para além do espaço doméstico.Tais situações estão na vida profissional, as remetem a invisibilidade social, nos levando ao questionamento da substancialidade das leis, costumes ao longo da historicidade e novas perspectivas que colaboram para o protagonismo e autonomia de tais mulheres.

Palavras chave

Violência contra a mulher – Relações de Gênero - garantias de direito e proteção, mulheres da cadeia produtiva da pesca

1. UNESA/UENF/PEAPESCARTE/Projeto EMBARQUE

2. Projeto EMBARQUE/UVA. Email: dramarciacordeiro@gmail.com

3. Projeto EMBARQUE/FUNBIO Email: clclarachaves55@gmail.com

4. UFES/ Projeto EMBARQUE/FUNBIO. Email: waltyuri.walter@ufes.br

Introdução

Iniciamos nossa discussão a partir da dualidade que é definida pelo Patriarcado, que para além do sexo, define papéis, identidades e assim espaços no que se refere aos homens e mulheres, a partir de uma hierarquização, definições ultrapassadas, que persistem no imaginário social e são a base para que diferentes tipos de violências e desrespeitos sociais sejam exercidos sobre as diferentes mulheres do Brasil. Assim sendo, entender o lugar que a mulher ocupou na sociedade desde as primeiras fontes até os dias atuais, é necessária uma investigação sobre a história que as levou a sua organização em diferentes momentos, e, assim as ondas dos movimentos feministas.para tanto devemos ter um olhar que nós possibilite compreender os caminhos e descaminhos que possibilitaram algumas mudanças, a coesão do movimento, quando ela se percebe como protagonista de sua história, enredos, em diferentes épocas,

Apenas a partir da Revolução Francesa e do surgimento dos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade junto com as primeiras Cartas de Direitos foram impulsionadas as revoluções abolicionistas, dos trabalhadores e das mulheres, como resultado disso as mulheres passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos e surgiu a categoria violência de gênero. No Brasil, por sua vez, segundo Maria Amélia de Almeida Teles (2021), a divisão de trabalho por sexo se consolidou desde a invasão/processo colonizador no Brasil, ou seja, na fase colonial, o que fortaleceu a opressão da mulher por dois grandes motivos: de sexo e a classe social, mediado pelos dogmas religiosos, sociais e culturais eurocentrados no Patriarcado.·

Ou seja, o patriarcado é de origem histórica, sendo um processo construído por homens e mulheres que levou quase 2.500 anos para ser concluído. As definições de gênero que afetavam a formação do Estado precisavam ser construídas e estabelecidas para definição de papéis sociais. O que temos é uma construção social, baseada nas relações de poder e dominação travadas cotidianamente na organização das sociedades, que trazem as distinções e desigualdades de gêneros em diferentes modos de vida, entre eles nas comunidades de pesca artesanal, estudados e analisados por diferentes perquisadores do PEA PESCARTE, Projeto Embarque e Guardiãs da Pesca. Há, então, processo que foi muito bem-organizado, afinal, não era somente a construção de um estilo de vida, mas a construção de um processo de poder dos homens sobre as mulheres em todas as esferas da vida privada e social, pública e coletiva.

Num primeiro momento procedemos com uma pesquisa teórica, com levantamento bibliográfico. Para tanto, articulou-se determinados conceitos como: elementos estruturantes significativos, diversidade cultural, bens culturais, identidade cultural, sentimento de pertencimento, bens primários, justiça social como equidade, reconhecimento social comunitário e societário, comunidades tradicionais, mulheres da pesca, direitos e benefícios e questões legais do Direito positivo brasileiro.

Nesse aspecto, em nossa metodologia foi realizado levantamento de dados para obtermos informação sobre a formação cultural e possíveis mudanças culturais, sociais, ambientais e econômicas assim como aquelas que definem os papeis sexuais nas comunidades de pesca artesanal, as quais o PEA PESCARTE atua assim como o subprojeto Guardias da Pesca do Funbio e o Projeto Mestres Barqueiros: EMBARQUE. Desse modo, buscou-se exemplificar alguns dados do censo PESCARTE, para que fosse possível identificar

as problemáticas e desafios que as mulheres pescadoras enfrentam em seu cotidiano e analises qualitativas a partir das considerações e vivências dos Projetos da Guardi ãs da Pesca e EMBARQUE.

Mulheres da pesca um pequeno recorte do PEA PESCARTE, PROJETO EMBARQUE e GUARDIÃS DA PESCA RJ/Brasil

Diante de nossas reflexões entendemos os movimentos sociais feministas em diferentes contextos, momentos históricos e o quanto cada qual com sua especificidade de pauta promoveu a ruptura, lenta e gradual. Mas ainda assim, é de extrema relevância para que haja a consciência de si e, cosnequentemente, a coesão social entre as diferentes mulheres, entre as diferentes classes, culturas, etnias continuem a discussão e sigam demostrando a perversidade que ainda traz em seu bojo, fundamentado histotricamente este mundo equivocado baseado nnuma relação de poder e dominação entre os gêneros. Seja pelo sufrágio, seja pelo direito a estar no espaço público, a educação, ao corpo, a luta contra as diversas violências, como o abuso sexual, o estupro, a violência psicológica, violência afetiva, hoje com mais uma frente de luta, trazemos para o espaço público a discussão da equidade na vida profissional em pleno século XXI. Mais do que urgente, quantas desistem por não serem reconhecidas, por serem silenciadas? Quantas estão a mercê de uma nova definição legal, para que tenham seus direitos garantidos e não subtraídos constitucionalmente e não entendem o que isso significa, por consequência dos descasos do Estado seja por descasos ou negação aos direitos.

Já sobre as classificações de Direitos, discorre Jayme (2015, p.9):

> Direitos humanos fundamentais são uma via, um método a ser desenvolvido por toda a humanidade em direção à realização da dignidade humana, fim de todos os governos e povos. Por meio dos direitos humanos, assegura-se o respeito à pessoa humana e, por conseguinte, sua existência digna, capaz de propiciar-lhe o desenvolvimento de sua personalidade e de seus potenciais, para que possa alcançar o sentido da sua própria existência (JAYME, 2015, p.9).

Concordando com essa concepção, referente aos direitos fundamentais, os quais compreendemos como inerentes ao ser humano e que estão, a cada dia, mais alicerçados na história da humanidade, em particular, do Estado Democrático de Direito Brasileiro, não há possibilidade de entendê-lo como algo imóvel , definitivo, engessado, fixo.

O que factual do Direito Positivo é seu caráter mutável e adaptável. A humanidade está em constante movimento, não podemos defender que hajam verdades definitivas, ecomo a própria roda da história demonstra, há verdades definidas, consequentes de debates, discussõe e construções socioculturais, políticas e econômicas, que se fazem presentes no direito escrito, legal, positivo e, por conseguinte, no direito não escrito, costumes, hábitos, elementos estruturantes significativos que compõem sentidos, significações e representações no tecido social, especificamente, para tratarmos das atribuições definidas nos papéis sociais sexuais.

> [...] para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que incontestavelmente fazem parte da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des- historicização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente desde que existem homens e mulheres, e por meio, da quala ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos. Emoutros termos, uma "história de mulheres", que faz parecer, mesmo à sua revelia, uma grande parte de constância, de permanência, se quiser ser consequente, tem que dar lugar, e sem dúvida o primeiro lugar, à história dosagentes e das instituições que concorrem permanentemente para garantir essas permanências, ou seja, Igreja, Estado, Escola, etc., cujo peso relativo e funçõespodem ser diferentes, nas diferentes épocas. Tal história não pode se contentarcom registrar, por exemplo, a exclusão das mulheres de tal ou qual profissão,de tal ou qual carreira, de tal ou qual disciplina; ela também tem qu e assinalare levar em conta a reprodução e as hierarquias (profissionais, disciplinares, etc.), bem como as disposições hierárquicas que elas favorecem e levam as mulheres a contribuir para sua própria exclusão dos lugares que elas são sistematicamente excluídas (BOURDIEU,2021 p. 137/138).

Salientamos algumas questões sobre a nossa lei. Desse modo, a lei 11. 718/2008, preconiza a seguinte redação:

O art. 9º da Lei no 8.212, de 24 de julho de 1991, passa a vigorar com asseguintes alterações:

Em seu inciso VII, alínea b) pescador artesanal ou a este assemelhado, que faça da pesca profissão habitual ou principal meio de vida; e

c) cônjuge ou companheiro, bem como filho maior de 16 (dezesseis) anos de idade ou a este equiparado, do segurado de que tratam as alíneas a e b deste inciso, que, comprovadamente, trabalhem com o grupo familiar respectivo.

§ 1º Entende-se como regime de economia familiar a atividade em que o trabalho dos membros da família é indispensável à própria subsistência e ao desenvolvimento socioeconômico do núcleo familiar e é exercido em condições de mútua dependência e colaboração, sem a utilização de empregados permanentes (BRASIL, 2008).

Seguindo a pesquisa para os dias atuais com o recorte espacial voltado para as mulheres da pesca artesanala discussão a respeito de gênero e relações de poder é notório, já que essas mulheres ainda vivem a subordinação em seu espaço, no seu dia a dia, quando, por exemplo, se encontra como resposta aos recenseadores do CENSO da pesca artesanal do PEA Pescarte 2016/2022 que elas só responderiam ao questionário em companhia do seu esposo, ou seja, a própria voz lhe falta, a própria concepção de mundo, de trabalho é dita por outro, ou silenciado por olhares por outro. Outra situação evidenciada seria a própria percepção que elas têm sobre seu trabalho, que não é visto como trabalho. Ou seja, elas , uma maioria, não se reconhecem e não são reconhecidas em relação ao seu trabalho, não como pescadoras artesanais ou outra concepção qualquer de profissão, ao longo da cadeia produtiva, no trabalho familiar, marcante em comunidades tradcionais. Na verdade, elas são vislumbradas e definidas como ajudantes, como esposa de pescador,familiares de pescadores artesanais.

Assim, sendo, nas palavras de MANHÃES (2023, p. 45):

> Apesar de suas condições inferiorizadas no exercício de suas atividades laborais, se veem responsáveis pelo sustento de suas famílias e exercem a condição deprovedoras de suas famílias em condições muito piores e desfavoráveis quando comparado a situação dos homens, pois recebem menos monetariamente, ainda que exercendo a mesma atividade, não conseguem ter acesso sua maior parte aos direitos previdenciários e convivem cotidianamente com práticas que ratificam processos de invisibilidade na cadeia da pesca artesanal.

Seguindo o censo do PEA Pescarte, afirma que às mulheres que participam desse Projeto de Educação Ambiental, apesar de sua baixa renda, cerca de 60% das entrevistadas afirmaram ser responsáveis por mais de 50% da renda familiar, e, outras 30% são responsáveis por 100% da renda da família. Isso significa dizer que, atualmente, as mulheres desmistificaram essa relação nos diferentes espaços, e, consequentemente, muitas chefes de família, outras tão provedoras quanto os homens, mas, ainda enfrentam diferentes estereótipos, estigmas. Ou seja, encontram-se em condições de sualternadas, quando não invisivéis diante da própria comunidade. Entendemos a força desse iamginário social, que culturalmente, socialmente e muitas vezes, legislado diferenciam as relações de trabalho, mantendo a poder, e de identifcação na vida profissional, de construção identitária.

Em contrapartida encontra-se nas pequisas de campo, um desdobramento do PEA Pescarte com a formação do subprojeto Guardiãs da Pesca no município de Armação dos Búzios pelo Funbio, o qual, teve a constituição de três representatividades: Associação das Marisqueiras, Associação das Caiçaras e, por fim, das Bonecas negras. Ao longo da execução desse subprojeto a equipe enfrentou diferentes dificuldades, entre elas promover a conscientização do protagonismo feminino que se torna mais forte com a constituição coletiva.

Entre as oficinas e discussões coletivas o escopo do trabalho trazia a necessidade de romper com velhas barreiras, alicerçadas no velha cultura patriarcal e monocultural, para que essas mulheres entendessem umas as outras, assim, ganharem novos espaços na busca de seus direitos, representações e geração de trabalho e renda. Uma tarefa árdua, já que estar no campo é entender a dinâmica, promover a reflexão para que se possa garantir o mínimo de autonomia.

Assim sendo, entre indas e vindas ao longo da execução do projeto Guardiãs da Pesca que foi um desdobramento da pesquisa efetuada pelo Pea pescarte, houve uma escuta compartilhada, a qual permitiu que essas mulheres pudessem se enxergar e se entender como guradiãs da pesca, enfrentando os desafios da natureza na pesca dos mariscos, no beneficiamento do pescado, onde foi incorporado na cadeia da pesca o papel feminino, e quando não em alto mar, quando permitiam que elas fossem pescar, já que este espaço seria dos homens. Enquanto guardiãs da pesca, com primazia, elas trazem em seu bojo os elementos estruturantes significativos, determinantes das particularidades dos modos de vida, os quais em microrregiões se mantém a culinária, seus artesanatos, suas memórias, suas histórias, seus espaços de sociabilidade, suas danças e porque não dizer, sua autoestima. Formadoras de novas gerações, que buscam a visibilidade social, estão nos espaços de disputa de poder e território, tentando se desvincilhar de velhos paradigmas, propondo novas perspectivas para organização comunitária pelo associativismo, e, consequentemente, geração de trabalho e renda por meio de sua cultura material e imaterial.

Projeto Embarque, por sua vez, outro desdobramento do Pea Pescarte, alicerçados no campo, estudos culturais, dos processos sociais e relação teórico prática sobre a Construção Naval artesanal definiu persona-

gens centrais, protagonistas na cadeia da pescar artesanal , na construção de seu intrumento, a saber: mestres barqueiros, os carpinteiros navais artesanais. Esses denominados mestres barqueiros compuseram *in loccus* a relação da constiuição do conhecimento e saberes artesanais junto aos aprendizes.

Assim sendo, a equipe técnica do Subprojeto EMBARQUE realizou ações integradas que ocorreram ao longo de sua execução. O EMBARQUE faz parte do Projeto Implementação de projetos de educação ambiental e geração de renda voltados para a qualidade ambiental das comunidades pesqueiras do estado do Rio de Janeiro, do Fundo Brasileiro para Biodiversidade (FUNBIO), que é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ." Diante do histórico da construção de embarcações pesqueiras no Brasil como um vasto e rico patrimônio histórico-cultural e, também, elo essencial na cadeia produtiva da pesca artesanal, além de ser fonte de trabalho e renda em comunidades tradicionais, o EMBARQUE busca através da educação para o trabalho digno de jovens e adolescentes da pesca artesanal, e do desenvolvimento e difusão de tecnologias ecoeficientes, preservar e fortalecer a Construção Naval Artesanal (CNA) de embarcações pesqueiras na Região dos Lagos, auxiliando no incremento de sua sustentabilidade social, econômica e ambiental. Nesse sentido, a área de abrangência do EMBARQUE se dá nos municípios de Arraial do Cabo e Armação dos Búzios, mais necessariamente nas comunidades de pesca da Prainha e Monte Alto e, também, da Praia da Armação.

Assim sendo, percorrendo as comunidades e as reflexões da equipe técnica, composta pelo Coordenado Técnico e três coordenadoras: campo, comunicação/audiovisual e pedagógica um ponto sempre foi compartilhado a necessidade de se ater ao princípio de equidade, tendo então, 40% de mulheres e 60% de homens no processo de formação de uma nova geração de construtores navais artesanais. Entretanto, na segunda etapa de execução houve a alteração para 60% de mulheres e 40% de homens. O protagonismo das mulheres nesse projeto foi desde o primeiro instante na formação da equipe, um olhar diferenciado pelo coordenador técnico. 3 mulheres que executaram, planejaram e vivenciaram no campo, na comunicação e articulação pedagógica coma educação não formal crítica seus desafios e dificuldades para a mobilização, reflexão e ação. No entanto, por meio da relação dialógica e buscas de alternativas para a problemática vivenciada, o projeto Embarque teve seus objetivos alcançados, a saber: Troca de saberes, registro de saberes, enriquecimento de saberes e, por fim, ampliação e perenidade e aplicação.

Isso nos leva a pensar sobre a eficácia da lei, não basta existir, a lei por si só não se realiza. Ela se realiza a partir de planejamento, ações estruturadas que possam consolidar a cidadania, o Estado Democrático, baseado no princípio de equidade e liberdade. Assim projeta-se novas concepções inclusivas e alteras, elementos estruturantes culturais para que possam favorecer a concretude legal de equidade em diferentes esferas e espaços. Desse modo, o Projeto Embarque possibitou a ruptura de velhos paradigmas que defiram como

masculino o espaço da construção naval, permitindo que essas mulheres se vissem, se reconhecem e se orgulhassem de seus novos aprendizados e qualificações.

Considerações finais

Evidencia- se a relação a questão de gênero e de poder, de uma retomada de velhas discussões que colaboram para visibilidade feminina e assim, evidencia o protagonismo em suas comunidades de pesca, de maneira geral. Destaca-se nas análises às mulheres inseridas na pesca artesanal que participam das ações do Nùcleo de Direitos e Benefícios - NDB do PEA Pescarte nos municípios de sua abrangência, e dos Projetos efetuados pelo Tac Frade (FUNBIO): Mestres Barqueiros e Guardiãs da Pesca , na Região dos Lagos, nos município de Arraial do cabo e Armação dos Búzios, partilham experiências de trabalho, de saberes e novas necessidades que são colocadas diante das suas realidades sociais, seja os impactos socioambientais, as diferentes situações de desreitos reproduzidas, seja a invisbilidade social de seu papel diante do seu modo de vida. Isso, nos permitiu o levantamento de dados e melhor compreensão sobre as lutas, direitos e benefícios que são fundamentais para as mulheres que pertencem as comunidades pesqueiras artesanais.

Entende-se a necessidade de uma reflexão crítica, para que a cada dia essas mulheres possam se tornar protagonistas, donas de si, compreendidas pelo príncipio básico constitucional: equidade nas distintas funções e papéis que possam executar no dia a dia, seja como construturas navais artesanais,s eja como guardiãs de tradições e diferentes elementos estruturantes dos modos de vida seja como eixo fazedoras e sabedoras tradicionais.

Desse modo, é factual que o trabalho feminino dessas mulheres ainda é diminuido, não apenas por seus pares, mas por elas mesmas em sua percepção de mundo, de identidade, de fatos, de lugar, de construção de sonhos e direitos, já que muitas não se percebem como protagonistas de.suas histórias, muito menos como profissionais da pesca, que pertencem a todo um contexto econômico de geração de trablho erenda, diante do contexto familiar, social e comunitário.

Isso significa dizer que muitas dessas mulheres que laboram diretamente com a pesca artesanal ou com as atividades que se relacionam a essa profissão na cadeia produtiva, ratificam o pensamento social construído pelo sistema do patriarcado que suas atividades laborais não são consideradas como trabalho, logo, elas não são profissionais e ficam aquém dos direitos e benefícios . São definidas como auxílio ao trabalho do companheiro, ainda, que sua renda seja uma contribuição significativa em seu lar. E as poucas que se reconhecem como trabalhadoras, gostariam de ter os seus direitos laborais reconhecidos tanto no que se refere às condições de trabalho que são precarizadas quanto no que se refere ao direito de receber por suas atividades o mesmo salárioque aqueles homens que exercem as mesmas funções que elas.

O desdobramento das pesquisas do Pea pescarte foram essenciais para a constiuição do subprojeto do FUNBIO intitulado como Guardiãs da Pesca e Embarque. Nesse, por sua vez, a forma que foi alicerçado permitiu que essas mulheres se organizassem e formassem associações, como meio de garantia de protagonismo, autonomia e novas demandas possam ser sanadas coletivamente, fortalecendo seus laços, sua cultura e, conse-

quentemente, seu modo de vida, dando visibilidade ao papel dessas mulheres enquanta verdadeiras Guardiãs da pesca no município de Armaçaõ dos Búzios. Já no Projeto Embarque, desde o início de suas discussões, aum dos pontos centrais foi a busca de equidade de gênero e raça.

Assim, o público feminino foi de 60%, possibilitando a mudança paradigmal na função de carpintaria naval artesanal. É nesse aspecto, ao longo do desenvolvimento do projeto, que a maioria das mulheres podê se perceber na relação de trocas de saberes com os mestres barqueiros, como mulheres que sabem porque estão ali, o que querem e como podem se constiuir como carpinteiras artesãs da pesca. Logo, a construção naval artesanal e a produção de artesanato se tornam formas de geração de trabalho e renda, além de favorecer a continuidade e perenidade dos saberes artensanais. Para as mulheres que vivenciaram o projeto, sejam as oficineiras, coordenadoras e traineers a visibilidade e garantia de protagonismo permitiram o fortalecimento dessas mulheres, para novas perspectivas da organização comunitária diante dos conflitos territoriais, garantindo espaços, vozes e autonomia.

Referência

ALVARENGA, Darlan. Mulheres ganham em média 20,5% menos que homens no Brasil. G1, 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/dia-das- mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos- que-homens-no-brasil.ghtml. Acesso em: 14 maio 2022.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. **História do direito no Brasil** / Gilberto AparecidoAngelozzi. - Rio de Janeiro: Maria Augusta Delgado, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituição.htm. Acesso em: 14 maio 2022.

CHAKIAN, Silvia. A **construção dos direitos das mulheres : histórico, limites e diretrizes para uma proteção penal eficiente** / Silvia Chakian. - 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro : Lumen Juris, 2020.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**.São Paulo: Ed. 34, 2003. Pp. 117-224 (parte I).

JAYME, Fernando Gonzaga. **Direitos humanos e sua efetivação pela Corte Interamericana de Direitos Humanos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.] JENAINATI, Cathia, **FEMINISMO: Um guia Gráfico**, Rio de Janeiro, Editora Sextante,2020.

LERNER, Gerda, 1920-2013. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens** / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. - São Paulo: Cultrix, 2019.

PALMA, Rodrigo Freitas. **História do direito** / Rodrigo Freitas Palma. - 6. ed. – São Paulo: Saraiva, 2017.

SILVA, Carmen. **Os Sentidos da Ação Educativa no Feminismo**. In: SILVA, C. (Org)Experiências em Pedagogia Feminista. Recife: edições SOS Corpo, 2010.

SILVA, Carolina Dias Martins da Rosa e. **Igualdade formal x igualdade material: a buscapela efetivação da isonomia Conteudo Juridico**, Brasilia-DF: 11 jun 2021. Disponivel em: https://conteudojuridico.

com.br/consulta/Artigos/48550/igualdade- formal-x-igualdade- material-a-busca-pela-efetivacao-da-isonomia. Acesso em: Jan/2023.

STADTLER, Hulda**. Lideranças Femininas e Identidade de Gênero na Pesca Artesanal**.In: CALLOU, A. B. F. (Org.). Movimentos Sociais na Pesca. 1 ed. Recife: FASA, 2014, p. 187-199.

SANTOS. V. J. **Relatório da Linha de Pesquisa 3**: A Cadeia Produtiva do Pescado e a (In)visibilidade Femina: *Prática, Representação e Apropriação*. Pea Pescarte. 2016 (Mimeo).

SANTOS. V. J. **Relatório da Linha de Pesquisa 3**: *Invisibilidade Feminina*. Pea Pescarte.2018 (Mimeo).

SOARES, V. **Mulher, Autonomia e Trabalho.** In: Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. p. 281-301.

ZAPATER, Maira Cardoso *apud CHAKIAN, Silvia.* **A construção dos direitos das mulheres : histórico, limites e diretrizes para uma proteção penal eficiente** */ Silvia* Chakian. - 2. ed. rev. e atual.Rio de Janeiro : Lumen Juris, 2020.

Urban wildlife photography as activism: A visual translation of solastalgia

Xany Jansen van Vuuren,
Helen-Mary Cawood

Introduction

As with other forms of wildlife photography, urban wildlife photography attempts to visually represent the ways in which wildlife interact with and navigate their habitats. However, rather than depicting the vast range of affordances offered by the natural world, contemporary, critical wildlife photographers often aim to document "the invasion of modernity affecting humanity and the environment" (Seelig 2015, 47). Falling under this category, urban wildlife photographers therefore not only document the non-human animals, but also, we argue, portray the loss of a belonging as a result of urbanisation/human settlement – or the sense of solastalgia. Originally defined as "distress that is produced by environmental change impacting on people while they are directly connected to their home environment" (Albrecht et al. 2007, Albrecht 2019), solastalgia, as it will be argued in this paper, should be extended to include the experience of the non-human as well. In other words, existential distress of the non-human should be reevaluated according to a non-anthropocentric (biocentric) normative framework in order to be able to provide a non- elitist critique of ecological destruction in urban areas.

Against this background, this paper attempts to conceptualise urban wildlife photography as translation by reconceptualising the photographer as a translator who acts as "a mediator in an experiential process that allows the recipient (viewer, listener, reader or participant) to re-create the sense [...] of the source artefact for him or herself" (Cultural Literacy in Europe, in Bennett 2019, 3). By situating the study within the semiotics of translation (Marais, 2019) we take for granted that "translation theory, semiotically conceptualised, provides a real postmodern and international way of thinking about social reality" (Marais, 2021). This paper, as such, intends to ecosemiotically explore the post-anthropocentric[1] role of urban wildlife photography from a more biocentric perspective. In particular, it will do so by delving into Water Benjamin's critical analysis of photography as capturing a moment of knowledge, and how the photographer translates that moment to a potential audience. By doing so it will align the discussion with the loss of place and belonging experienced by non-human animals in urban ecologies as a "transvaluation of all values" (See Steigler 2018, 38; 67; 209), and, by extension, a translation of solastalgia. Originally defined as "distress that is produced by environmental change impacting on people while they are directly connected to their home environment"

1. The era of the 'Anthropocene', a term popularised by Paul Crutzen, refers to human-driven changes in the geological structure of the earth.

(Albrecht *et al.* 2007; 2019), solastalgia, as it will be argued in this paper, should be extended to include the experience of the non-human as well.

Studying human/non-human relations within ecosemiotics

Semiotics, or the study of sign processes, entails the study of meaning, and in particular, meaning-making (also known as semiosis). We approach this paper from the foundation of the semiotics of Charles Peirce, who argued that semiotics should not be restricted to the human, and that a sign is anything (both verbal and non-verbal) "which stands to somebody for something in some respect or capacity" (CP2.228). In Peircean semiotics, a sign always consists of three elements: a *representamen* (the sign vehicle that links an object to an interpretant), an *object* (that to which the sign refers) and an *interpretant* (the effect of the sign).

Figure 1 shows the sign as a triadic relationship between these three elements, for which a process of meaning-making needs to take place if the sign is to make sense to the also previously mentioned "somebody" (CP2.228). Ultimately, semiosis is a continuous process where one sign follows another for meaning-making to occur. In terms of a photograph of a pigeon in an urban space, for example, the representamen would be the photograph, the object would be the pigeon, and the interpretant would be the effect of this photograph on the viewer (this will be discussed in depth later in this paper). In this light, it becomes evident that a sign "can be understood as a mediator, a connector between the various aspects of the world" (Maran 2020, 3).

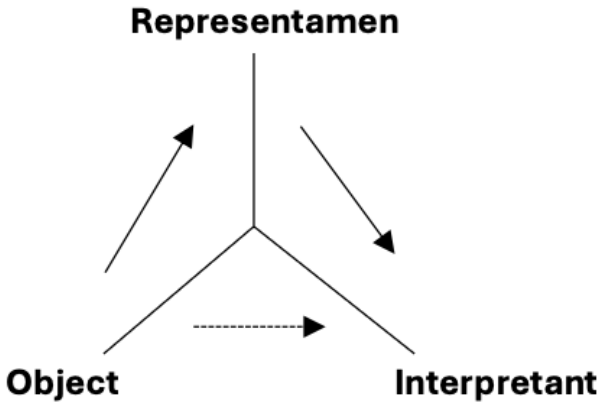


Figure 1

As such, semiosis (and by extension translation - as will be seen later in this paper) is not a singular occurrence, but rather a continuous process in which each of the elements can become any of the other elements. Simply put, the representamen can become the object, which can become the interpretant, and become the representamen again.

"Signs", Merrell says "evoke and provoke more signs, which in turn bring on more signs, without end" (2000, 15). He uses the term *translations* when referring to the so-called *transformations* of signs, where the meaning of a sign takes on a different meaning, "depending on the set of experiences and the expectations of

the signs' interpreters" (2000, 17). In addition to Merrell, several scholars have referred to the interpretant as the translation of the sign (see Savan 1988; Liszka 1996; Marais, 2019). In line with this, by arguing that a photograph is a translation of a complex emotion we also equate the interpretant to a translation. Furthermore, an interpretant (or, then, the translation) is not a purely cognitive reaction, but can also be another object or an action (such as the act of taking a photo of the aforementioned pigeon, for instance).

Stemming from Peircean semiotics, ecosemiotics explores semiosis between humans and the natural environment. In particular, it focuses on the relations "between cultural phenomena and the environment and analyses their types, hierarchy, outcomes and dynamics" (Maran and Tüür 2016, 189). As a theoretical field it can be applied across various disciplines, and its relevance to a study such as this lies in its ability to transcend 'Cartesian', conceptual dichotomies (Hornborg 2001, 122). Linking with this, ecosemiotician Timo Maran (2020, 4) argues that "[c]ultural creativity and material realities are not seen here as excluding or conflicting with one another, but rather their encounters are the very condition for the meanings and significance to unfold."

An ecosemiotic approach to studying human/nature relations allows for the analysis of respective translational processes as semiotic, communicative processes without the burden of dualism.

The semiotics of translation

In this paper we take for granted that translation is semiosis. As such, in terms of Peirce's triad discussed above, it is also a triadic process (see Figure 1), in which the sign acts as the medium through which form is communicated to the interpretant (Vitral, Aguiar and Queiroz, 2016). Translation takes place when the photograph (the representamen) is taken of a pigeon (the object) by a photographer to be interpreted by a viewer to mean something (the interpretant) (see figure 2). However, we can also argue that, before being a representamen, the photograph was an interpretant of a preceding triadic process in which the pigeon's positioning in an urban environment was an object for a loss of natural space (see figure 3)[2].

2. See Aguiar and Queiroz (2010), who provide a comprehensive discussion on the triadic nature of intersemiotic translation in which they describe how the representamen relates to the object through interpretation, by proposing two different triadic models of intersemiotic translation.

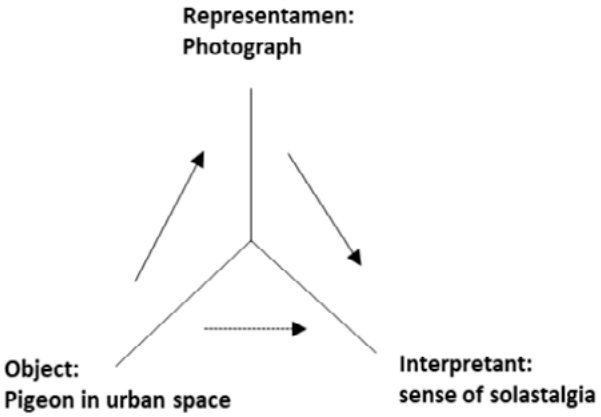


Figure 2

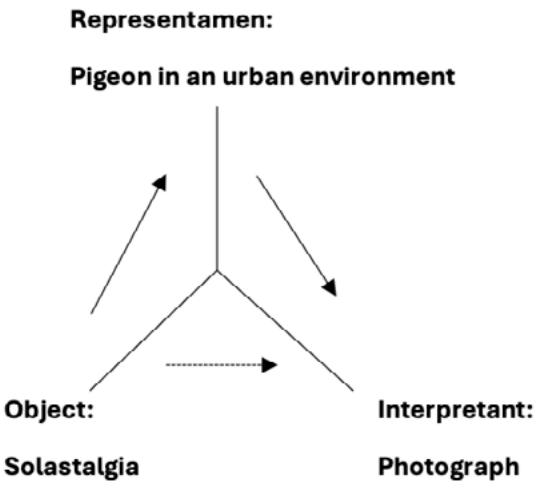


Figure 3

While for most of history it was assumed that language should form part of the translation process, contemporary approaches to translation do not regard language as an essential component of this process, thereby affording equal weight to non-verbal translation. Biosemiotic translation scholar, Kobus Marais summarises this shift in perspective clearly (Marais 2019, 123):

> From a semiotic perspective, translation is not a process that takes a structure (text) as its point of departure and then tries to destructure and restructure that structure into a different structure. Rather, translation is a process that creates relationships between existing meanings, thereby creating new meanings.

Translation, according to contemporary reconceptualisations, is therefore a continuous process in which meaning is created and conveyed, and practices of translation can range from, for example, verbal translation of something visual, like the poetry of Gertrude Stein, who applied the visual elements of cubism in her poetry, to the conversion of a book into a film, and even ballet as "translation into kinesthetic/visual medium of a work previously encoded in verbal or musical form" (Bennett 2007). In these examples, the *process* of translation becomes the main focus, rather than one final, ultimate, *product*. If we take Marais' description in the preceding paragraph into account, such instances translation are purposeful processes, which were executed with the purpose of changing the semiotic source of the meaning.

Equating translation to semiosis (Petrilli 2016; Marais 2021), then, brings to light the continuing process of meaning-making by moving away from translation as a product. For instance, Susan Petrilli proclaims that "translation is everywhere" on the basis that if meaning-making takes place, translation takes place (Petrilli 2016). Similarly, Kobus Marais argues that "Tom, Dick and Harry, as well as Fido and Puss in Boots are translators" (Marais 2021), in a similar approach to Petrilli, in that if translation equals meaning-making, then not only can the non-verbal be translated, but non-humans also become translators. By equating translation to

semiosis, translation is regarded as "the very process that drives meaning, the process through which meaning emerges" (Marais 2019, 122), rather than moving from one instance of meaning (such as a source language) into another instance of meaning (such as a target language). It is within this frame of thought that we approach this paper: translation is a continuous process of meaning-making. Based on this discussion then, seen in terms of translation, photographs can serve as translations of many things. However, in this paper we would like to explore the way in which solastalgia, in particular, is translated visually by means of photographs that depict the loss of place, and the potential this process has for activist responses to ecological devastation and the resultant ecological distress.

The photographer as translator of meaning

Photographs, as images, are symbolic and textual interpretations, shifting between different aspects of experience between the viewer and the viewed, as mentioned above. Interpretation occurs in different historical and social contingencies, and in line with and expanding upon Peircean semiotics and intersemiotic translation, the photograph, for Walter Benjamin, extends beyond "representation but to a simultaneous cognition (Erkenntnis) or insight (Einsicht)" (Weigel in Racy 2018, 9), a continuously dialectical process between what the photographer sees and thinks, and how they translate it through an image. In other words, a photograph is a produced image that also presents and exposes something that the photographer wishes to share. Heinz Puppe notes that "[p]hotographs are never inert objects rendering reality objectively – reality as the thing in itself – but always meet the viewer in a context of signification" (Puppe 1979, 287).

There are a number of points made by Benjamin which allow for a deeper analysis of the role of urban wildlife photography as translation of captured moments which would not normally be visible to the human eye. Moreover, these captured images have the potential to change human perception, transform experience, and possibly expand our awareness towards non-human (wildlife) issues, such as desolation and despair in urban environments, which could bring about social and political action and activism. Three notable points that will be addressed here are as follows: (i) how human perception is transformed through photography; (ii) the photographer as an agent in revivifying experience; and (iii) the role of photography in social and political transformation.

i) The transformation of human perception

Photography entails an interaction between the human and a technological apparatus, namely the photo-camera. Many contemporary philosophers of technology (rightly) critique the determinative role of contemporary technologies in dulling the human cognitive and noetic processes. However, from another perspective, experience is often technologically mediated. In other words, photography, and photographic techniques, can capture and reveal to us new ways of seeing – and thus thinking about – the most mundane or ordinary objects. We can conceive of the world in different ways, ultimately contributing to the transformation of human perception. Eli Friedlander (2017, 301) notes that often, for Benjamin, "the primal images resting in nature can be revealed, or better realised in art rather than by direct observation of nature itself." The technology of the camera thus contains the ability to reveal things that are invisible to the human eye.

Furthermore, in relation to the focus of this paper, which is the translation of ecological or environmental despair, Friedlander (2017, 295) points out that Benjamin conceives of the relationship between the human and non-human world in the human capacity to "heed the mute language of nature and realise it in his own language". This creates a crucial task, which is that of using human language to recognise, translate, and respond to communication of the nonhuman, to address anew this need for the re-transcendence of the Cartesian dualism of human and non- human in a world of increasing technological noise. In an interesting move, Benjamin posits that "[i]t is within the experience that photography makes room for the recognition of that intelligence which is not a matter of consciousness, that is, of the intelligence of nature." (in Friedlander 2017, 302) Benjamin is thus seeking a new way to conceive of technology such as photography to allow for the expression and realisation of these communicative systems rather than generally viewing technology as wholly subjugating nature.

Photography is thus an interaction between not only subject and object, but also those who view it (or in semiotic terms, between representamen, object – which would be the photographic subject, and the interpretant – which would be the meaning assigned to it by those who view it). There is a constellation of experience, signification, judgement (or interpretation), a collective product that recentres the transformation of experience instead of consumption. Subsequently, photography opens up a space for engagement, reflection, and ultimately criticism, which is ultimately "a sociable art" (Friedlander 2017, 295).

ii) The revivification of experience

A number of social theorists in the early twentieth century bemoan the neglect or even death of authentic and considered experience, usually as a result of the externalisation of knowledge to technological apparatuses. However, other theorists point to the immensely powerful emotions that photographs can capture and that remain with us as "afterimages', igniting and reigniting emotional reactions to and reflections on the interaction with the original image, such as in the Holocaust Museum (see Arnold-de Simine and Leal 2018, 1).

Furthermore, the representation of such a captured moment of memory is dependent upon language, symbols, stories and texts (mnemotechnologies). Representation is thus mediated, interpreted, and articulated, before it is re-presented. For example, Alison Landsberg (2004, 19) lauds the potential of technology as a "prosthetic memory" in that it is able to assist in creating "transferential spaces" in which the individual is encouraged, through an experiential mode of immediacy, to witness "...memories of events through which [one] did not live".

This is where photography as technique could be considered as important in transforming human perception through the photograph. One example of this could be Robert Smithson and Michael Heizer's "marked sites," a term employed by art critic Rosalind E. Krauss (1979, 30-44) to describe works in which landscape and not-landscape coincide.

Unlike the "earthworks' project of the late 1960s and early 1970s (see Lewis 1977), which tended to employ the latter [non-landscape] as a focal point of the former [landscape] (such as in Figure 4 below), this confrontation between nature and urban space opens up an instance of the landscape scored into the

city, where it could not previously be experienced or easily imagined (see Figure 5 below). Defining such a physical boundary, whether corresponding to sea level rise or to climate change, is not an encounter with the power of nature so much as an encounter with the limits of experience in the face of trauma, albeit in this case not collective trauma.

In relation to the potential for urban wildlife photography to revivify experience, we could consider the above images. By foregrounding an aspect of the non-human world, such as in Figure 5, the urban landscape becomes a jarring and even intrusive background to the spider, which needs to spin its web in hostile, alien environments in order to merely survive, let alone flourish. The sterility of the background, with its geometrical outlines and lack of natural colour, hints at an inhospitable world for the spider which relies on the presence of flying insects to eat, which themselves are negatively affected by urban development. Parking lots, tarred roads, concrete pavements, and urban sprawl all affect this precarious balance between flourishing and struggling. In contrast, in Figure 4, the non-human landscape is merely an artistic background against which the sense of desolation of the human environment is highlighted. Likewise, without foregrounding the spider in Image 5, it would probably not even be noticed in a photograph of the city, its existence and wonder minimised in relation to the mundane urban cityscape.

Figure 4[3]

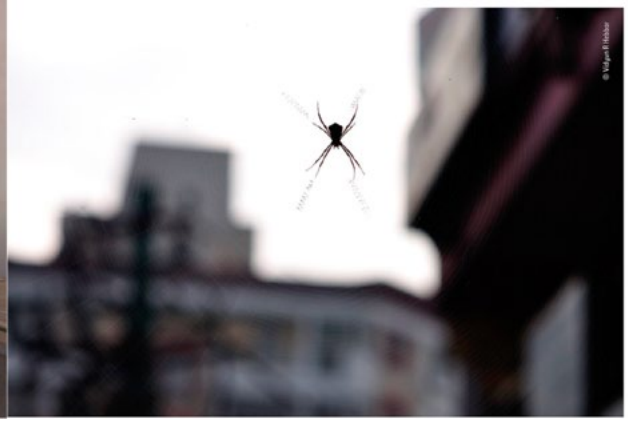


Figure 5[4]

iii) Photography as catalyst of social and political change

The final point in this section briefly alludes to Benjamin's attention to the importance of how we relate to photography politically and socially (and by extension, in this paper, ecologically). Because photography is socially-embedded, because it is already removed from any ritualistic aura of its creation, its function, according to Benjamin, is less about capitulation to fashionable creativity than it is to capture a moment of meaning and knowledge. The translation of this captured moment intersemiotically is a space of potential transformation, in the sense of the Stieglerian transvaluation of existing values through critical reflection. It

3. https://www.moma.org/collection/works/185912

4. https://www.nhm.ac.uk/wpy/gallery/2020-city-signature

is this space that is politicised and in which we are encouraged to be agents of social change, actively transforming the forms and institutions of culture: "...it is one of its political functions to renew from within- that is, fashionably the world as it is" (Benjamin 1934, 775).

This is crucial to understanding the core of Benjamin's theoretical engagement with photography, conceiving of it as potentially a practice that could potentially bring about social and political (and ecological) transformation through the altering of human perception and the awakening of experience. For Puppe, one cannot conceive of Benjamin's engagement with photography without this awareness:

> What mattered to Benjamin was that photography had to be a means to an end, a means for discovery, to create new modes of perception, to reveal the factors that make the facts. And the priority for him was unequivocally the uncovering of the brutal realities of the social and political order of his day. What matters in photography is the product. Does it serve a purpose? Does it reform consciousness?... In other words: the photograph is... a collective product. (Puppe 1979, 286–287)

With these crucial points in mind, we now turn to the interaction of human and nonhuman in the environment of urban development, and, finally, how photography can potentially transform our perceptions of the non-human that we cannot usually see.

Urban wildlife: human and non-human interaction in a volatile space

The consequences of collective human action on the ecology (and by extension nonhuman animals) are hardly disputable. Humans affect entire ecosystems by "changing land cover, using resources, producing waste, and changing native communities of fauna and flora" (Clucas and Marzluff 2012, 8). Overtly noticeable results of these actions are urban areas, where natural habitats have almost completely been eradicated to make place for human settlements. The effects of urban sprawl have resulted in such settlements "encroaching into animal habitats [which has] resulted in increased interactions and conflicts between humans and animals" (Yeo and Neo 2010, 684).

While human settlements have caused many non-human animals to migrate to spaces less populated by humans, some animals still manage to remain in urban areas despite their natural habitats being depleted. As such, humans in urban environments are, often without being aware of this, surrounded by a myriad of wildlife, ranging from insects, arachnids, avians, reptiles and mammals.

The reasons for this vary; however the availability of shelter, water and food are some of the most prominent. Conversely, in other areas, climate change has forced animals to move into urban areas in search of food. Some studies even point to the thriving of non-human animals in urban spaces. However, while the animals may thrive, an increase in animals in human spaces could lead to an increase in human/animal conflicts (Ditchkoff, Saalfeld, and Gibson 2006).

As linguistic animals, humans live by certain narratives that have been created and moulded over decades, even centuries. Arran Stibbe refers to these narratives as "stories [that] we live by" (2015), which "we are exposed to [...] without consciously selecting them or necessarily being aware that they are just stories [...]

[that] appear between the lines of the texts which surround us in everyday life: in news reports, advertisements, conversations with friends, the weather forecast, instruction manuals or textbooks" (Ibid., 5). As such, our perceptions of urban wildlife, for example, have mostly been made for and on behalf of us by our cultures, the media, our family members, and social connections, amongst others. These stories, Stibbe argues, have to be "exposed, subjected to critical analysis, and resisted if they are implicated in injustice and environmental destruction" (Ibid.). In this light, urban wildlife photography not only allows for the re-creation of perceptions of urban animals, but can also translate their non-verbal circumstances or experiences by visually conveying what texts cannot, hopefully resulting (through the continuous process of translation of the non-human urban animal) in a renewed relationship between human and nonhuman.

Solastalgia-beyond-the-human

The Australian transdisciplinary philosopher and professor of sustainability, Glenn Albrecht, explores the lived experience of ecological and environmental degradation and destruction, and its "psychoterratic" (psyche-earth) effects upon mental health. In particular, he engages with the notion of "solastalgia", which is:

> ...the pain or distress caused by the ongoing loss of solace and the sense of desolation connected to the present state of one's home and territory...the existential and lived experience of negative environmental change, manifest as an attack on one's sense of place.

Globally, studies into "Earth Emotions' (Albrecht 2019) are beginning to gain important academic exploration, specifically in relation to human-related climate and environmental change (and especially relating to the phenomenology of place, indigenous experiences of place and environment, the development of eco-psychology, and ecosemiotics, as some examples; see Beery et al. 2019). However, in line with our arguments above relating to the role of photography and the photographer, the intersemiotic translation of signs in the form of images into meaning for the photographer and viewer, and the potential for urban wildlife photography to centre the non- human in the translation of traumatic environmental loss, we would like to posit with Albrecht, in a radical move, that the experience – and thus translation – of solastalgia can be found amongst nonhuman wildlife. Albrecht (2019, 47) himself notes: "I see no reason why a sense of disorientation and distress in animals should not be called solastalgia."

In relation to this claim, the crucial question then becomes: Can photography, specifically urban wildlife photography help us to translate a situation of non-human distress and trauma into a collective experience through representation? Answering this question would without doubt require the transvaluation of our current values to consider both the well-being and flourishing of non-human animals as well as the natural environment.

Crucially, for example, Holland and Linch (2016, 425) recognise that more radical work will need to be undertaken with regard to "[t]he political conditions that render people capable of valuing others in relation to the natural environment and the natural environment as an end in itself" and re-emphasise the need

for the transvaluation of our current anthropocentric politics of justice as requiring "...a more specific articulation of what it means to value non-human beings as ends in themselves" (Holland and Linch 2016) Albrecht also argues that "[a]rt and artists [including photographers], have a hugely important role in helping others understand what is going on in their surroundings" (2019, 46).

Photography is thus able to help us see, translate, interpret, experience, and respond and react to that which is often hidden to the naked eye, that which is untranslatable into language but can be felt and experienced. Photography could play a role in revivifying experience by bringing to consciousness what was unconscious, by foregrounding what was for too long backgrounded, and by confronting us to interact with experiences beyond merely our own lived experiences. Furthermore, "[a]rtists can also heighten our psychic discomfort in the confrontation with environmental disturbance" (Albrecht 2019, 45). And, as argued in this paper, the potentiality of urban wildlife photography as an agent to bring about the recognition of the experience of distress of the non-human world in the face of human development needs to be explored.

Concluding remarks

Photography, it is argued here, is one way in which a non-human solastalgic experience can be critically depicted and translated to a human audience. This paper has been an introductory attempt at reconceptualising the role of the urban wildlife photographer as active post- anthropocentric agent and activist.

Furthermore, in such a post-anthropocentric world we need to reconceptualise the dualism of the purely human and purely non-human in order to reassess our role towards and positioning within the non-human world. One of the ways in which this can be done, is to repurpose processes and activities such as photography (also originally regarded as a human cultural, social and political activity) as a way to connect the human and nonhuman, or ultimately translate the non-human(and the experiences of the non-human) for the human. Furthermore, besides for photography often being linked to activism, an ecosemiotic approach to photography would imply that it not only conveys meanings, it also creates meaning. The photographer not only becomes an intermediary, but rather a translator of the moment and the meaning of the moment. By capturing exactly what is visible, the photographer critically engages with the immediate context, but also the possibility of what the context means and could mean.

Urban wildlife photography can, then, be brought into an ecological frame of thought by recognising the interconnectedness between the non-human animal, the photographer and her camera, and the viewer (amongst others). The purpose of photography, we argue, has naturally, and gradually moved towards this new role in the ecology by starting to critically look at the "non- beautiful", or what would previously not be regarded as good photography subjects such as urban wildlife and their place in the urban environment, and, conversely, our place within the natural and non-natural environment. Exploring the photographer as an eco-

logical translator enables an exploration into her agentative, activist, subjective, and ultimately translational role in the post- Anthropocentric world.

References

Albrecht, G., Sartore, G.-M., Connor, L., Higginbotham, N., Freeman, S., Kelly, B., Stain, H., Tonna, A. and Pollard, G. (2007) 'Solastalgia: The Distress Caused by Environmental Change', Australasian Psychiatry, 15(1_suppl), pp. S95–S98. Available at: https://doi.org/10.1080/10398560701701288.

Albrecht, G. (2019) Earth Emotions: New words for a new world. Ithaca: Cornell University Press.

Arnold-de Simine, S. and Leal, J. (2018) In S. Arnold-de Simine and J. Leal (Eds.), Picturing the Family: Media, Narrative, Memory. London: Bloomsbury Academic.

Benjamin, W. (2005a) '"News About Flowers' (1928)."' In Walter Benjamin. Selected Writings (Vol. 2, part 2, 1927-1930), edited by M. W. Jennings, H. Eiland, and G. Smith. Cambridge: The Belknap Press.

Benjamin, W. (2005b) '"The Author as Producer' (1934)."' In Walter Benjamin. Selected Writings. (Vol. 2, part 2, 1931-1934), edited by M. W. Jennings, H. Eiland, and G. Smith. Cambridge: The Belknap Press.

Benjamin, W. (2005c) '"Little History of Photography' (1931)."' In Walter Benjamin. Selected Writings (Vol. 2, part 2, 1931-1934), edited by M. W. Jennings, H. Eiland, and G. Smith. Cambridge: The Belknap Press.

Benjamin, W. (2006) 'The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction.' In Media and Cultural Studies: Keyworks, edited by M. G. Durham, and D. Kellner. Oxford: Blackwell Publishing.

Bennett, K. (2019) 'Editor's Introduction. The new iconicity: Challenges for translation theory and practice', Translation Matters, 1(2), pp. 1–8.

Bennett, K. (2007) 'Words into Movement: The Ballet as Intersemiotic Translation', in Teatro e Tradução: Palcos de Encontro. Lisbon: Colibri, pp. 125–138.

Clucas, B., and J. M. Marzluff. (2012) 'Attitudes and Actions Toward Birds in Urban Areas: Human Cultural Differences Influence Bird behavior.' The Auk, 129(1), pp. 8–16. Available at: https://doi:10.1525/auk.2011.11121.

Ditchkoff, S. S., S. T. Saalfeld, and C. J. Gibson. (2006) 'Animal Behavior in Urban Ecosystems: Modifications due to Human-Induced stress.' Urban Ecosystems, 9(1), pp. 5–12. Available at: https://doi:10.1007/s11252-006-3262-3.

Friedlander, E. (2017) 'Walter Benjamin on Photography and Fantasy.' Critical Horizons, 18(4), pp. 295–306. Available at: https://doi:10.1080/14409917.2017.1374912.

Holland, B., and A. Linch. (2016) 'Cultivating Human and non-Human Capabilities for Mutual Flourishing.' In The Oxford Handbook of Environmental Political Theory, edited by T. in Gabrielson, C. Hall, J. M. Meyer, and D. Schlosberg. Oxford: Oxford University Press.

Hornborg, A. (2001) 'Vital signs: An ecosemiotic perspective on the human ecology of Amazonia', Sign Systems Studies, 29(1).

Landsberg, A. (2004) Prosthetic Memory: The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture. New York: Columbia University Press.

Lewis, J. (1977) '"Earthworks," the Landscape of Art for the '70s', in The Washington Post. Available at: https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1977/10/30/earthworks-the- landscape-of-art-for-the-70s/00d174c5-50a2-4b14-a383-edf0ddee576a/.

Liszka, J.J. 1996. A General Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce. Bloomington: Indiana University Press.

Marais, K. (2021) '"Eleven different names, one practice": towards a phenomenology of translation', Perspectives, 29(3), pp. 311–325. Available at: https://doi.org/10.1080/0907676X.2020.1726419.

Marais, K. (2019) A (Bio)semiotic theory of translation: the emergence of social cultural reality. New York: Routledge.

Maran, T. (2020) Ecosemiotics: The Study of Signs in Changing Ecologies. Cambridge: Cambridge University Press.

Maran, T. and Tüür, K. (2016) 'From birds and trees to texts: An ecosemiotic look at Estonian nature writing.', in A Global History of Literature and the Environment. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 286–300.

Merrell, F. (2000) Change through Signs of Body, Mind, and Language. Prospect Heights: Waveland Press, Inc.

Peirce, C.S. (1935) The Collected Papers of Charles. S Peirce (Vol 2). Cambridge: Harvard University Press.

Petrilli, S. (2016) 'Translation everywhere', Signata, 7, pp. 23–56.

Puppe, H. W. (1979) 'Walter Benjamin on Photography.' Colloquia Germanica, 12(3), pp. 273– 291.

Racy, G. (2018) 'City-Photography-Modernity. Visualizing Antwerp and São Paulo through the lenses of Fierlants (1819-1869) and Azevedo (1837-1905).' PhD Diss., University of Antwerp. Available at: https://repository.uantwerpen.be/docman/irua/e85dfc/156030.pdf.

Savan, David. 1988. An Introduction to C.S Peirce's Full System of Semeiotic. Toronto: Toronto Semiotic Circle.

Seelig, M.I. (2015) 'Advocating Environmental Issues Beyond Photography', Qualitative Research Reports in Communication, 16(1), pp. 46–55. Available at: https://doi.org/10.1080/17459435.2015.1086420.

Stibbe, A. (2015) Ecolinguistics: Language, Ecology and the Stories We Live By. London: Routledge.

Stiegler, B. (2018) The Neganthropocene (D. Ross, Trans., Ed.). London: Open Humanities Press.

Vitral, L.A., Aguiar, D. and Queiroz, J. (2016) 'An Intersemiotic Translation of a Mobile Art Project to a Photographic Essay', Photographies, 9(1), pp. 91–107. Available at: https://doi.org/10.1080/17540763.2016.1146627.

Yeo, J. H., and H. Neo. (2010) 'Monkey Business: Human–Animal Conflicts in Urban Singapore.' Social & Cultural Geography, 11(7), pp. 681–699. Available at: https://doi:10.1080/14649365.2010.508565.

Mulheres indígenas: reflexões sobre aspectos etnicos, género e empoderamento feminino

Fabiene Moraes Araújo[1]

Resumo

Este estudo propôs -se em refletir sobre as repercussões na questão do gênero feminino e a interpretação do feminismo na cultura a partir do universo feminino indígena, e a colocar em discussão a pouca representatividade indígena na sociedade; dar visibilidade aos estudos indígenas; investigar o protagonismo da mulher indígena na cultura e sua importância e representação para a narrativa.

Palavras-chave

feminismo; género; mulheres indígenas;

Introdução

Dentro dos Estudos Culturais, o conceito de cultura é entendido de forma ampla e multifacetada, refletindo a complexidade das práticas sociais e das formas de vida. Hall (2016) argumenta que a cultura é um campo de luta e resistência, onde diferentes grupos exercem poder e influência, e onde identidades são formadas e reformuladas. O autor também destaca a importância das práticas culturais nas relações de poder e nas estruturas sociais, sugerindo que a cultura não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um campo ativo que molda e é moldado por contextos sociais, económicos e políticos. Ainda segundo (Hall, 2016), os Estudos Culturais é uma abordagem interdisciplinar que examina como a cultura é produzida, disseminada e consumida, e como ela se relaciona com estruturas de poder na sociedade. Para Hall, cultura não se refere apenas às formas tradicionais de arte e literatura, mas abrange um conjunto de práticas e significados que estruturam a vida cotidiana das pessoas.

Uma característica fundamental dos estudos culturais, conforme Hall, é a ligação entre cultura e poder. Ele argumenta que as práticas culturais estão intrinsecamente ligadas às relações de poder, em que certos significados e valores são dominantes (ou hegemônicos), enquanto outros são marginalizados. A questão da identidade é um tema central para Hall, especialmente como ela é formada, representada e negociada na cultura. Ele destaca que as identidades são construídas e fluidas, moldadas por fatores como classe, raça, gênero, sexualidade e nacionalidade. Portanto, segundo Stuart Hall, os estudos culturais são uma ferramenta para entender a cultura como uma arena de disputa onde significados, identidades e relações de poder são continuamente negociados.

E, partindo de alguns princípios norteadores da pesquisa em Estudos Culturais, tais como: O olhar do investigador dos estudos culturais precave-se da tentação de dar soluções definitivas aos problemas, soluções que revelariam a sua verdadeira natureza, mas não prescinde, no entanto, de trazer as respostas que se lhe afiguram como pertinentes. E ainda, questões próprias da investigação em Estudos Culturais multiplicam-se

1. Doutoranda em Estudos Culturais – Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro.

e constituem focos problemáticos de luta intelectual contínua, que têm apenas como ponto unificador o conceito, equívoco e problemático, de cultura, compreende-se que o objetivo primeiro dos Estudos Culturais é sobretudo, construir um discurso crítico e autorreflexivo que procure constantemente redefinir e criticar o trabalho já feito, repensar mecanismos de descrição, de definição, e controle das conclusões a que se chega, bem como ter um papel desmistificante em face de textos culturalmente construídos e dos mitos e ideologias que lhes subjazem.

Compreendendo ainda que, no caso dos estudos culturais, o ponto de partida é o significado de situações particulares, de modos de vida, de representações e práticas específicas incrustadas no quotidiano, sendo a interrogação desse significado um dos pontos focais de qualquer investigação, e ainda, a investigação em Estudos Culturais trabalha essencialmente com problemas de "tradução e justificação", não procurando propriamente a "verdade objetiva", mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais. Este estudo propôs -se em refletir sobre as repercussões na questão do gênero feminino e a interpretação do feminismo na cultura a partir do universo feminino indígena, a partir da ótica dos Estudos Culturais. Pois, é sabido que as mulheres indígenas no mundo apresentam diferentes situações sociais, causadas principalmente por seus usos e costumes, assim como pela influência da sociedade externa. Contudo, elas a diferença da mulher ocidental, tem uma tripla discriminação causada por sua raça/etnia, ser mulher e sua condição geral de pobreza. Estudar as mulheres indígenas implica considerar, sobretudo, a recente organização política que começaram a desenvolver tanto internamente e, em instâncias internacionais

Reflexões sobre o conceito de género

Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente?

Gênero seria um mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas ou gênero seria o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. Dizer que gênero é uma norma não é exatamente o mesmo que dizer que existem visões normativas de feminilidade e masculinidade.

De acordo com (Rubin, 1975 citado por Curiel, 2018, p. 221). Género é o conjunto de disposições pelas quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana".

Butler (1990), no seu livro *Problemas de Género: Feminismo e Subversão da Identidade*, destaca que não se pode definir o género como a interpretação cultural do sexo: "O género não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural".

Em seu ensaio de 1905, intitulado Crítica da feminilidade, Mayreder, trazia uma nova interpretação sobre as razões da emergência do feminismo. Constatava uma profunda crise da identidade masculina na modernidade e o abandono por parte dos "guerreiros" dos espaços e modelos que tradicionalmente ocupavam. Isso sim estaria levando e até mesmo exigindo maior presença das mulheres na vida pública e social, conside-

rava ela. A emergência do feminismo seria, então, explicada como uma luta das mulheres pela liberdade. As feministas, têm usado seu poder recém-adquirido nas sociedades ocidentais para transformar o que antes eram vistos como os problemas particulares das mulheres em questões públicas. Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo.

Para Simone de Beauvoir (1970) "não se nasce mulher, torna-se". Butler dirá que essa afirmação parece sugerir que o gênero é variável e volitivo, comportando uma dimensão de escolha e de agência por parte do sujeito, na possibilidade de tornar- se algo que não está dado a priori. Essa suposta possibilidade de escolha nos leva a perguntar: o que determina o que nos tornamos? De que maneira nos tornamos isso? Em que medida alguém escolhe seu gênero? De acordo com Butler, Beauvoir afirma que "se torna mulher", mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. Nesse momento do texto, Butler não aprofunda essa ideia de escolha feita sob uma compulsão cultural. No entanto, Beauvoir (1970), nos leva a pensar que a suposta escolha implícita no "tornar-se" é sempre feita no contexto de um imperativo cultural a fazê-la.

Segundo Butler (2003, p.37) "as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero." Por isso, a discussão sobre a identidade não pode vir antes da discussão sobre a identidade de gênero. Se as pessoas precisam ser reconhecidas como homens ou mulheres para "ter" uma identidade de gênero e consequentemente uma identidade inteligível, e essas categorias – homem e mulher – dizem respeito a uma produção discursiva, tem-se que a própria identidade é uma produção discursiva, um efeito do discurso. Nesse sentido, o sujeito não é anterior ao que ele expressa, mas é justamente um efeito do que ele expressa.

A epistemologia feminista, como mostra Sandra Harding (1996:13), apontou para a necessidade da descentralização do foco da atenção da masculinidade no interior do pensamento e nas práticas sociais: o masculino, embora instituído culturalmente, deveria deixar de ser o único padrão existente para o assim chamado ser humano, uma vez que os homens não são os únicos habitantes humanos do planeta. Centrar a atenção exclusivamente nas necessidades masculinas, nos seus interesses, desejos, concepções, garante apenas uma compreensão distorcida e parcial das práticas sociais.

Segundo outra feminista, Eleonora Menicucci de Oliveira (1990), as mulheres politizaram praticamente o privado, desfazendo as tradicionais barreiras que opõem o público-masculino ao privado-feminino. Ao trazerem as questões privadas para o espaço público, ao assumirem a discussão pública de sua sexualidade, entre os anos 70 e 80, forçaram sua incorporação e produziram uma profunda transformação naquilo que era considerado os direitos de cidadania. Nesse sentido, a sexualidade, antes silenciada e considerada questão de pouca importância política e social, foi trazida para o cenário político, levando a uma discussão sobre os pressupostos hierárquicos que regem nossas representações sexuais e nossas definições do lícito e do ilícito para toda a sociedade.

O feminismo expandiu sua crítica para as bases de constituição da racionalidade que norteia as práticas sociais e sexuais. Estendeu a crítica às próprias formas da cultura, revelando como a dominação se constitui muito mais sofisticadamente nas próprias formas culturais que instituem uma leitura da política e da vida em sociedade, convergindo com outras correntes do pensamento pós-moderno, como "o pensamento da diferen-

ça" hoje as feministas dificilmente aceitariam falar em nome de um único feminismo, pluralizando, portanto, suas definições e campos de atuação.

Mulheres indígenas: aspectos étnicos, gênero e empoderamento.

Para Scott (1995), o conceito de género é fundamentalmente uma construção social que influencia as relações de poder na sociedade. O gênero feminino "universal" está marcado pela dualidade ou seu oposto, o aspecto masculino, o qual constitui uma "diferença" que no transcurso histórico foi incorporando características totalmente diferentes ao feminino. De acordo com Joan Scott (1995), o termo "género" foi introduzido inicialmente por feministas americanas que desejavam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, rejeitando assim o determinismo biológico implícito em termos como sexo ou diferença sexual.

Considerando as mulheres indígenas como parte de um sistema maior, isto é, a humanidade, elas passaram a sofrer também as condições sociais hegemônicas ocidentais, as quais como se indicou têm particularidades muito próprias (coisificação da mulher, pornografia, prostituição, etc.) mas sem esquecer que as mulheres indígenas também têm problemas próprios baseadas em algumas tradições ou costumes, como são o patriarcado, o machismo, alguns ritos religiosos que denigram à mulher, etc. Contudo existem algumas sociedades indígenas que possuem modelos equitativos de gênero nos que homens e mulheres se complementam em suas tarefas dentro da família e na sociedade (Wessendorf, 2004, p.4). Assim a maioria das experiências relatadas na revista Assuntos Indígenas, dedicada ao tema Mulheres indígenas (n.1- 2. 2004), sublinham o fato de que as influências das sociedades dominantes, através da colonização e a repressão, hão reestruturado estes papéis equitativos. Muitas mulheres indígenas se veem agora enfrentadas a condições injustas impostas pelas sociedades dominantes e posteriormente adotadas por suas próprias comunidades.

A visão geral dos diferentes tipos de opressões que sofrem as mulheres indígenas se deve em parte a sua condição social de serem mulheres, de etnias minoritárias e estarem numa condição pelo geral de pobreza, mas esta situação se deveu, sobretudo, no encontro que tiveram com a sociedade ocidental, isto traz uma reflexão sobre a sua situação na história universal pois como já foi em parte indicado as sociedades indígenas já constituem sistemas com sua s tradições, costumes e cosmovisões, mas que foram impactadas pelos colonialismo e racismo que modificou radicalmente aqueles valores que poderiam ter valorizado à estas mulheres, impondo novas pautas de organização. Fernandes & Baptista no artigo, "as Mulheres do Meu País: um estudo sobre mulheres" consideraram que: A mulher tem sobre si mesma um enorme peso da história, pois socialmente, ao longo de muitos séculos, foi considerada como um ser inferior, um objeto e propriedade do homem, cuja função era, em primeira linha a de procriar e satisfazer as vontades e desejos do homem, devendo-lhe obediência e a ele inteiramente submissa.

Visualiza-se que o protagonismo recente de algumas mulheres indígenas no campo político, se deve em parte à influência do feminismo (como ideologia) e pela temática do gênero, que procura a igualdade e equidade na diferença. Contudo, existem poucos estudos de como o tema de gênero e o feminismo têm impactado às comunidades indígenas. No caso do feminismo, como se sabe este pensamento surgiu fundamentalmente

em países centrais de economias capitalistas, aonde as mulheres sofriam fundamentalmente uma exclusão ou opressão que foi interpretada desde o ponto de vista sexual ou econômico, dependendo da corrente do feminismo. Esta situação determinou que o feminismo fosse contextualizado nesse campo, excluindo as vivências de outros segmentos de mulheres, como as indígenas. Assim o conceito de feminismo foi recebido de distintas formas pelas mulheres indígenas organizadas, sendo incorporado em diversos graus no seu discurso político. Desta forma as mulheres indígenas organizadas estão criando formas diversas de política cultural, através das quais descentram os discursos de poder sobre a cidadania e a nação, e os discursos hegemônicos do movimento indígena e do feminismo sobre a modernidade e tradição. Num sentido amplo, estão redefinindo o que se entende por política e por empoderamento, desde suas lutas coletivas e desde suas práticas cotidianas (Hernandez, 2008, p.18). Poder-se-ia dizer que estas mulheres têm vindo a enriquecer as agendas políticas feministas latino-americanas e do mundo em geral, forçando a uma reflexão sobre a necessidade de construir uma política de solidariedade que parta do estabelecimento de alianças que reconheçam e respeitem a diversidade de interesses das mulheres.

As mulheres indígenas sempre estiveram inseridas nos espaços de poder, mesmo que de maneira limitada ou indireta, lidando cotidianamente com as lutas empreendidas por sua comunidade. A fim de fortalecer a resistência indígena e trazer uma reflexão específica de gênero, elas estão cada vez mais buscando autonomia dentro e fora de suas comunidades, muitas vezes dialogando com os princípios defendidos pelo feminismo tradicional. Os estudos feministas de raça e etnias são necessários para esclarecer e desmistificar a categorização imposta às mulheres não caucasianas, com o intuito de dar maior aporte e visibilidade à representatividade da nação feminina indígena tão pouco conhecida pela sociedade contemporânea.

Conclusão

Conclui-se a partir das reflexões neste estudo que, vários são os questionamentos postos por estudiosos que indagam como o gênero é regulado, e como essas regulações foram impostas, e como elas foram incorporadas e vividas pelos sujeitos sobre os quais elas se impuseram. Gênero seria assim uma norma reguladora, mas também seria uma das regulações produzidas a serviço de outras formas de regulações. Visualizou-se também que, as mulheres indígenas são um componente da sociedade ocidental, que ao serem parte de outras entidades, como são os povos indígenas, tiveram de fazer frente à imposição de um sistema moral e político que se foi filtrando nos seus costumes e tradições, modificando a maioria das vezes radicalmente suas vivencias de gênero e de etnia. Assim, se poderia indicar que as mulheres indígenas têm sofrido no transcurso da sua história diversas opressões, acrescentando-se às vividas nas suas próprias comunidades, baseadas numa tradição cultural, mas pelo fato de ser algo histórico estrutural podem ser modificadas.

Acredita-se que não seja possível realizar uma análise da participação das mulheres no campo artístico das dramatizações e performances, como em outras profissões cuja predominância é masculina, sem considerar os avanços vivenciados nas sociedades ocidentais provenientes das lutas feministas. A relevância do estudo sobre o empoderamento feminino nas mulheres indígenas proposto, está em expor uma situação que precisa ser discutida e estudada, pois existe um discurso, padronizado e continuamente reproduzido, sem que haja

uma busca por mudanças nas identidades femininas que são representadas na contemporaneidade. Estudar a mulher indígena é de grande importância teórica, acadêmica, antropológica, social e cultural, partindo dessa representatividade indígena que normalmente é feita a partir do olhar de não-indígenas.

A questão do empoderamento feminino entre as mulheres indígenas está diretamente relacionada à interseção entre gênero, etnia e luta por direitos. O conceito de empoderamento, no caso das mulheres indígenas, transcende as questões de gênero e é inseparável das demandas por reconhecimento de seus territórios, preservação de suas culturas e justiça social. E para compreender melhor essa realidade, é necessário considerar as especificidades históricas, sociais e culturais dessas mulheres e como elas articulam suas lutas dentro e fora de suas comunidades. O empoderamento das mulheres indígenas é um movimento crescente que traz uma nova perspectiva para os debates feministas. Muitas delas não se identificam com o feminismo ocidental tradicional, mas sim com um feminismo indígena, que integra as lutas de gênero com a luta pela terra, pelos direitos coletivos e pela preservação da cultura. Esse feminismo indígena propõe uma visão de mundo que valoriza a interdependência entre a comunidade, a natureza e a espiritualidade, em contraposição às visões mais individualistas e capitalistas.

As mulheres indígenas têm mostrado que sua luta por empoderamento é, ao mesmo tempo, uma luta pela sobrevivência de seus povos e pela preservação da terra e da biodiversidade. Elas estão, em muitos casos, na linha de frente das batalhas contra a exploração ambiental e pela sustentabilidade, afirmando que a proteção da natureza está intrinsecamente ligada à proteção de seus corpos e de suas culturas. E, ao articularem suas demandas, trazem para o debate público uma perspectiva única, que desafia as formas convencionais de entender o feminismo e a emancipação feminina. Pois elas reivindicam não só o direito de existir como mulheres em suas comunidades, mas também de existir como povos autônomos e respeitados.

Referencias bibliográficas

BANDEIRA, L. **A contribuição da crítica feminista** à **ciência.** Revista Estudos Feministas. vol. 16, n.º 1, p. 207-228, jan.-abr. 2008.

BEAUVOIR, S. (1970). O segundo sexo – fatos e mitos (Difusão Europeia do Livro, Ed. 4ª.).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. FERNANDES, A & BAPTISTA, M. (2022). As Mulheres do Meu País: um estudo sobre mulheres. Em Maria Manuel Baptista (Ed.), *Género e Performance - Textos essenciais Vol. V* (pp. 169-189). Grácio Editor, Ed.; 1ª. https://gece.estudosculturais.com/.

GONÇALVES, A. L. **História & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.º 5, p. 07-41, 1995.

HARDING, S. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista, Estudos Feministas**. vol.7, nº 1., p. 7-31, 1993.

HERNANDEZ, R. (Edit) **Etnografias e histórias de resistência. Mujeres indígenas, procesos organizativos y nuevas identidades políticas**. México: Centro de Investigaciones y Estudios em Antropologia Social: UNAM, Programa Universitário de Estudios de Gênero, 2008.516 p.

PINTO, Alejandra Aguilar. **Reinventando o feminismo: as mulheres indígenas e suas demandas de gênero**. Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Porto Alegre: Educação & Realidade. vol. 16, nº 2, p. 5-22, jul.-dez. 1990.

WESSENDORF, K. Editorial (**Asuntos Indígenas**) n.1-2, 2004.

Outras obras:

ASUNTOS INDÍGENAS, (**número dedicado** às **mulheres indígenas**) n.3, 2000.

Autonomia indígena para Kimberley, Noroeste da Austrália[1]

Stephen Muecke[2]

'Somos teóricos porque ainda não temos um mundo'.
Lauren Berlant

'A autonomia é o corpo sem órgãos da política, anti-hierárquico, anti-dialético, anti-representativo...
é um projeto de existência".

Posição do orador: Como descendente de colonos alemães e escoceses da Austrália do Sul, não posso falar pelos meus amigos indígenas de Kimberley. A maior parte do que se segue é uma completa fantasia.

Hitória: O Kimberley é o lar de cerca de 25.000 povos indígenas, que remontam, tanto quanto os arqueólogos podem determinar, a 65.000 anos. Existem muitas comu-nidades que falam línguas de cinco famílias principais: Nyulnyulan, Bunuban, Worrorran, Jarrakan e Pama-Nyungan. Só na década de 1880 é que o Kimberley começou a ser povoado por pastores, cem anos depois de os invasores europeus terem estabelecido a primeira colónia na Austrália, no país de Eora, no local atu-almente conhecido como Sydney. Embora os

1. Tradução de DeepL

2. Senior Research Fellow, Nulungu Research Institute, The University of Notre Dame, Australia, Broome.

povos de Kimberley afirmem que a sua soberania "nunca foi cedida", continuam sob o controlo político do governo estadual da Austrália Ocidental e do governo federal de Camberra.

Um romance: Autonomia.

Prólogo: O maquinista do comboio rodoviário nunca viu nada assim e, quando começa a passar as mudanças, o escape ruge em protesto. Ele só vai conseguir parar antes de atingir o bloqueio. Há uma fila de pessoas ao longo do betume, em frente a carros e camiões estacionados do outro lado da autoestrada. Não há forma de dar a volta. É uma fila cor de laranja. Homens com t-shirts cor de laranja, bonés cor de laranja, calções pretos, e transportam - caramba - espingardas de assalto. Ele consegue agora ler as letras pretas nas T- shirts: KAZ. São todos compatriotas. Mas que raio se está a passar? Não tinha qualquer aviso no UHF.

Quando encosta, é convidado a descer, apenas um gesto com a arma.

'Desculpa, amigo', o compatriota está mesmo a sorrir. Só preciso de verificar o que traz consigo. Fechámos a fronteira e temos de verificar tudo o que entra.

O quê? Que fronteira?

Esta é a fronteira de Kimberley, amigo. Zona Autónoma de Kimberley. E ele aponta para a sua t-shirt. Só quero que os rapazes vejam os vossos atrelados. Woolworths, eh.'

De onde é que vocês vieram?

'Saí da cadeia esta manhã', ri-se Countryman. Quando forem para Broome, sintonizem a rádio ABC; vão ouvir tudo sobre isso.

O camionista está a suar ligeiramente quando volta a entrar na cabina. E ainda nem sequer estamos na estação das chuvas. Recuam um par de carros e ele passa pelo bloqueio, engrenando as mudanças. Passado algum tempo, liga o rádio. Há silêncio, depois um pouco de ruído de fundo, depois:

Esta é a rádio da Zona Autónoma de Kimberley, transmitida a partir dos estúdios da ABC em Broome e Kununurra, na Austrália Ocidental, com actualizações de hora a hora sobre a libertação de Kimberley da ocupação pelo governo australiano.

Estamos a fornecer informações aos proprietários tradicionais e aos residentes não indígenas sobre o que podem ou precisam de fazer para se manterem seguros durante o período de transição. Não há necessidade de entrar em pânico enquanto recuperamos os nossos países da ocupação ilegal.

Ao início da manhã de hoje, ocupámos esquadras de polícia em todos os centros e assumimos as funções de aplicação da lei. A maioria dos agentes entregou voluntariamente as suas armas e uniformes, outros foram mantidos na prisão para sua própria segurança. Os prisioneiros não violentos e os que tinham acusações menores foram libertados e a maioria juntou-se às forças de libertação do KAZ. Estes homens e mulheres

juntar-se-ão a outros já estacionados em pontos de fronteira nas auto-estradas que entram em Kimberley. Os aeroportos foram encerrados e os voos suspensos. Por favor, coopere em todos os momentos com os membros da força KAZ em uniformes laranja.

Eis a mensagem enviada por correio eletrónico há algumas horas ao Primeiro- Ministro Dunkirk por John Lee, em representação do Círculo de Liderança da KAZ: "Bom dia, Paul. Apenas uma mensagem inicial rápida sobre a retomada pacífica dos nossos próprios países em Kimberley. Já aconteceu. Estamos cientes de que haverá muita administração envolvida na transferência de governo. Esperamos a vossa cooperação. A ONU e outras jurisdições internacionais foram informadas deste acontecimento, com todos os antecedentes históricos e legais sobre a vossa colonização violenta no final do século XIX. Aconselhamos vivamente que não ponham à prova a nossa paciência com qualquer tentativa de envolvimento das vossas forças armadas. Quaisquer veículos terrestres, aviões ou barcos serão parados e devolvidos, ou destruídos com as armas que temos à nossa disposição. A perda de vidas, concordarão, não é um resultado desejável. A partir deste momento, serão estabelecidas negociações entre os vossos chefes de departamento e os membros da nossa administração".

O camionista continua a conduzir e abana a cabeça em sinal de descrença.

Que se lixe.

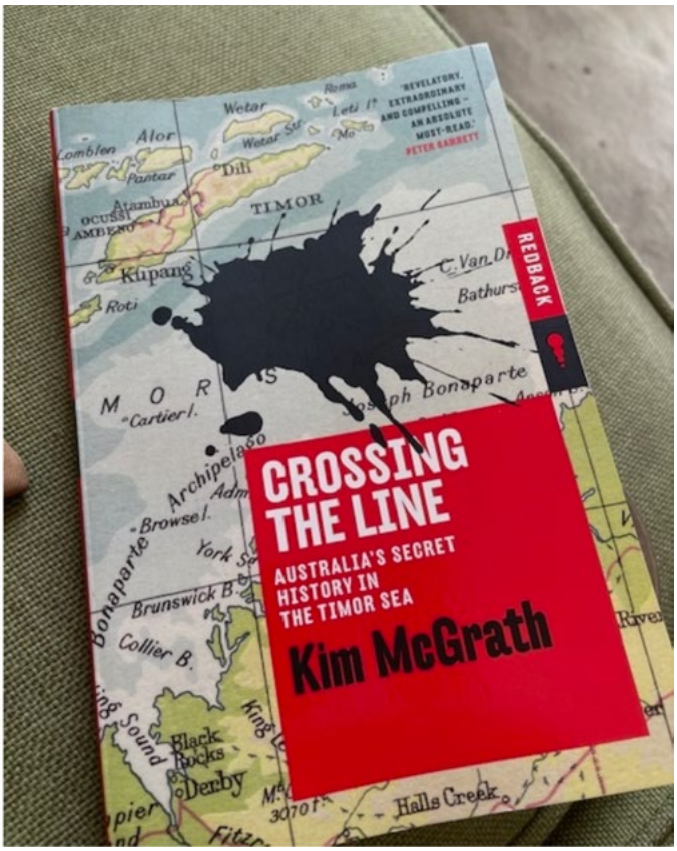
O género: Uma "fantasia completa", disse eu, mas não é bem assim. Este livro será um texto fictício-crítico, talvez um romance, que combina de forma tentadora o real - ou seja, a "referência a acontecimentos reais" - e o realmente inventado, e não sei qual é o mais real. Depois, há a crítica, ou "teoria" no género ficto-crítico, e é por isso que levo a peito a noção de Lauren Berlant de que ainda não temos um mundo: "o que está em causa é a luta que é a vida e o seu retrato é o tom e o sentido de realidade que potenciam as ideias que nos movem". Não as ideias que conduziram a este espetáculo de merda que é o mundo do business as usual. Refiro-me à crítica dessas más ideias, como a invenção da noção de indivíduo livre (tiveram de fazer muito trabalho intelectual e criativo para chegar a essa má ideia que capturou essa cultura a que chamam "o Ocidente" no século XX). Lançou um feitiço, por isso temos de encontrar um contra-feitiço, como um passo para encontrar o nosso mundo.

Em Kimberley, colonizado apenas há cerca de 130 anos, eles tinham um mundo, mas foi invadido por más ideias. Os compatriotas lembram-se desse mundo, por isso estão numa posição de resistência, ou de crítica, ou simplesmente de continuarem o melhor que podem. Alguns deles abraçaram as ideias dos invasores; serão personagens secundárias no meu texto.

Espero que fiquem encantados com as minhas personagens principais, que lançam contra-feitiços. Espero que tenham magia suficiente para comover o leitor, que a sua força de carácter e o poder das suas ideias persistam em imagens posteriores que "brilham em momentos de perigo", como disse Walter Benjamin, que continuam a brilhar nas próprias lutas dos leitores por um mundo.

Veja-se o caso de Sandy Cathcart. Ela é uma mulher Ngarinyin, herdeira de uma vasta fortuna obtida com a mina de diamantes do seu pai gardiya (branco). Tem uma ideia para financiar a revolução e convida

Chris Andrews para almoçar no Roebuck Bay Hotel, em Broome. Ele interroga-se sobre o significado da escrita russa na sua T-shirt preta. Ela diz- lhe: "Somos todas Pussy Riot", e ri-se. O almoço é repleto de risos e alegria e de uma espécie de erotismo que o atrai, mas ele não sabe para onde. Quando o almoço termina, ainda nem sequer falaram da revolução, mas ele dá por si a caminho do aeroporto para embarcar num avião para Timor-Leste com um endereço no bolso...



Estrutura: O meu texto será estruturado como uma história, e histórias dentro de histórias. Mas também terá um argumento ao mesmo tempo, e argumentos dentro do argumento geral. Esta é uma definição de escrita ficto-crítica. A história geral é a seguinte: o nosso narrador na primeira pessoa, Chris Andrews, é recrutado para ser um pequeno elo numa rede que irá pôr em marcha o movimento de autonomia de Kimberley. É um ex-funcionário público de Sydney, com um casamento desfeito e uma conta bancária em baixo. Sandy Cathcart envia-o para Díli, em Timor-Leste, para estabelecer contacto com o exército de guerrilha que ainda se esconde nas montanhas após a luta pela independência. Estes rebeldes entraram em confronto com a Força de Defesa de Timor-Leste e estão dispostos a formar uma aliança internacional, no nosso caso com Kimberley, que fica a apenas 700 quilómetros de distância, do outro lado do Mar de Timor. Estes rebeldes vão entregar equipamento militar comprado no Médio Oriente num local secreto da costa de Kimberley.

A outra história (verdadeira) que liga Timor-Leste à Austrália é o escândalo da extração de petróleo e gás do campo Greater Sunrise no Mar de Timor, a apenas 150 km de Timor-Leste. Estes combustíveis fósseis são a principal fonte de receitas da pequena nação recém- independente. A empresa de combustíveis fósseis com os meios para explorar o campo é a Woodside Energy, que foi impedida, em 2013, por uma campanha liderada por indígenas, de construir uma fábrica de processamento de gás liquefeito na costa de Kimberley, a

norte de Broome. Os timorenses nutrem desconfiança em relação à Austrália e à Woodside por causa de um dos actos mais controversos de Camberra em matéria de negócios estrangeiros. Não foi esquecido que agentes dos Serviços Secretos de Informação australianos, vestidos de comerciantes, colocaram escutas no gabinete do primeiro-ministro em Díli. Estes dispositivos permitiram à Austrália escutar os líderes políticos de Timor Leste durante as suas discussões privadas antes das negociações com a Austrália para a divisão da fronteira marítima do Mar de Timor em torno do Sunrise. Agindo sob o pretexto de ser um vizinho amigável a ajudar uma nação emergente pobre - a Austrália tinha de facto ajudado diplomaticamente durante a luta pela independência - a Austrália recorreu à espionagem principalmente para benefício das empresas petrolíferas e de gás sediadas na Austrália (Woodside, Shell) desejosas de desenvolver o Greater Sunrise. A Austrália fez um bom negócio para si própria, 50/50. O Ministro dos Negócios Estrangeiros da altura, Alexander Downer, afirmou que não tinha conhecimento da espionagem. Depois de deixar a política, começou a trabalhar na Woodside.

O outro lado da história é mais uma fantasia. Como é que os povos indígenas de Kimberley formariam um movimento de autonomia e porque é que correriam esse enorme risco? A minha história afirma que reconstruíram o seu modelo de governação tradicional com base no consenso dos anciãos, seguindo a lei bugarrigarra, ou seja, leis que estão em sintonia com a rica vida multi-espécies do País. O país está vivo e incorpora a lei; existe para que os humanos e os não-humanos cuidem uns dos outros. Não há hierarquia de governação na lei bugarrigarra; o consenso dos anciãos decreta uma autoridade distribuída e parcial; é uma espécie de anarco-indigenismo, uma recusa de governar e uma recusa de ser governado.

O Impossível Possível: Os povos de Kimberley estão a lutar para manter o seu "mundo" e querem reclamá-lo politicamente. As lutas actuais, em muitas frentes, contra a destruição capitalista apoiam o seu argumento. Sempre soubemos que o capitalismo era essencialmente destrutivo, mas estamos agora numa situação de crise, numa "era de colapso". Temos de escolher entre a ecologização e a modernização, dois mundos diferentes. Não é possível ecologizar e modernizar ao mesmo tempo, no mesmo "mundo", porque muitos conceitos de modernização têm de ser derrubados para que a primeira possa ter algum valor.

Por isso, o desafio impossível é pensar e agir "cosmopoliticamente", como diz Isabelle Stengers, porque há mundos inteiros em jogo e que têm de ser reconstruídos, neste caso, de acordo com os preceitos e conceitos da filosofia indígena australiana, evitando energicamente a reprodução da política do Estado que legitima o extractivismo (neo-) colonial. Assim, humanos e não-humanos (os habitantes do 'País', i.e.: territórios específicos) impõem as suas agências através de redes vivas (Latour), recusando-se a aceitar que as consequências da destruição para a acumulação de riqueza sejam ainda mais destruição.

Autonomia pessoal/política: Autonomy, A autonomia, a liberdade - "outra palavra para nada mais a perder" - é algo que as nossas personagens têm de negociar individual e coletivamente. A razão pela qual escolhemos escrever no género "romance" é que o político pode tornar-se um drama pessoal, e o pessoal pode ser encenado politicamente. Uma das nossas personagens, Chris Andrews, encontra-se "livre" dos constrangimentos do seu casamento e da sua família, mas é infeliz e acaba por se apaixonar por Sandy Cathcart. A sua sobrinha, a bela Sophie, uma estudante universitária, organiza uma conferência académica no centro da

Austrália com Max, o ativista Arrernte: Autonomia Hoje: Liberdade, Resistência, Sobrevivência, e criam uma ligação. Veremos como se desenrolam estas relações amorosas.

Também é importante repensar o conceito de liberdade, recuperá-lo do liberalismo e do neo-liberalismo, especialmente nas suas manifestações americanas: liberdade individual, mercado livre, liberdade de regulação governamental, liberdade de expressão... etc. A recusa em aceitar qualquer tipo de restrição de princípio é perturbadora no sentido em que afasta as pessoas de articularem o que é importante para elas, aquilo a que estão ligadas. Se alguém considera intolerável um conjunto de restrições (trabalhar para uma empresa de alta tecnologia, por exemplo), não sai pela porta do espaço livre; liga-se inevitavelmente a ligações mais toleráveis: a família, um grupo de activistas, trabalhar numa quinta...

O meu texto tentará explorar a forma como os indivíduos negoceiam as suas ligações pessoais e depois forjam uma ação colectiva. As personagens indígenas de Kimberly vão perguntar-se o que é mais importante para elas. Talvez até façam uma lista. Escolherão a lei bugarrigarra, o parentesco, os rios limpos, a abundância de peixe no oceano... Ao contrário da Woodside Energy; no topo da sua lista está a liberdade de extração de recursos, ou a chamada liberdade do mercado. E os seus acionistas podem escolher "um estilo de vida confortável", ou seja, riqueza. Mas é claro que não estão ligados de forma alguma às actividades destrutivas que tornam possível esse estilo de vida: estão dissociados, cognitiva e materialmente.

Quando os habitantes de Kimberley somam tudo aquilo a que estão apegados e que precisam de conservar para manter vivo o seu mundo precário, apercebem-se de que a autonomia política em relação ao Estado australiano será uma possibilidade impossível, mas poderão despojar-se de todo o tipo de coisas que não lhes trouxeram qualquer benefício, às quais não estão de modo algum apegados, que são muitas vezes opressivas. E forjarão novas alianças, com o povo de Timor-Leste, com outros grupos indígenas em todo o mundo, que também se autogovernam por consenso lentamente alcançado, sem obediência. Autonomia é o nome de vínculos mais toleráveis.

Indigenous Autonomy for the Kimberley, North-West Australia

Stephen Muecke[1]

'We are theorists because we don't have a world yet.'[2]
Lauren Berlant

'Autonomy is the body without organs of politics, anti-hierarchical, ant-dialectic, anti-representative…
it is a project for existence.'[3]
Sylvère Lotringer

Speaking position: As a descendent of German and Scottish settler-colonists in South Australia, I cannot speak for my Indigenous friends in the Kimberley. Most of what follows is a complete fantasy.

History: The Kimberley is home to about 25,000 Indigenous peoples, going back as far as archaeologists can determine, 65,000 years. There are many communities speaking languages in five main families: Nyulnyulan, Bunuban, Worrorran, Jarrakan and Pama-Nyungan. It wasn't until the 1880s that the Kimberley began to be settled by pastoralists, a hundred years after European invaders established the first colony in Australia in the Country of the Eora, at the place now known as Sydney. While Kimberley peoples assert that

1. Senior Research Fellow, Nulungu Research Institute, The University of Notre Dame, Australia, Broome.

2. Attributed to Lauren Berlant.

3. Sylvère Lotringer/Christian Marazzi, 'The Return of Politics,' *Italy: Autonomia. Post-Political Politics.* New York: Semiotext(e), 1980, p. 8.

their sovereignty was 'never ceded', they remain under the political control of the State government of Western Australia and the Federal government in Canberra.

A novel: Autonomy.

Prologue: The road train driver has never seen anything like it, and as he starts changing down through the gears the exhaust roars in protest. He'll just be able to pull up before he hits the blockade. There is a line of people across the bitumen, standing in front of cars and trucks parked right across the highway. No way to get around. They are a line of orange. Men in orange T-shirts, orange caps, black shorts, and they are carrying—fuck me—assault rifles. He can now read the black lettering on the T-shirts: *KAZ.* These are all Countrymen. What the hell is going on? He had no warning on the UHF.

When he pulls up he is invited to get down, just a gesture with the gun.

'Sorry, mate,' Countryman is actually smiling. 'Just need to check what you are carrying. We've closed the border and need to check everything coming in.'

'What? What border?'

'This is the Kimberley border, mate. Kimberley Autonomous Zone. And he points to his T- shirt. I just want the boys to look in your trailers. Woolworths, eh.'

'Where did you mob come from?'

'Got out of gaol this morning,' Countryman laughs. 'When you head off to Broome, tune in to the ABC radio; you'll hear all about it.'

The truck driver is sweating slightly as climbs back into his cab. And it's not even the wet season. They pull back a couple of cars and he drives through the blockade, changing up through the gears. After a while he turns on the radio. There is silence, then a bit of background noise, then:

'This is Kimberley Autonomous Zone radio, broadcasting from the ABC studios in Broome and Kununurra, Western Australia, with hourly updates on the liberation of the Kimberley from occupation by the Australian government.

We are providing information for Traditional Owners and non-Indigenous residents about what they can do or need to do to remain safe during the transition period. There is no need for panic as we take back our Countries from illegal occupation.

Early this morning we occupied police stations in all centres, and have taken over law-enforcement duties. Most officers have willingly given up their weapons and uniforms, others have been held in jail for their own safety. Non-violent prisoners and those on minor charges have been released and most have joined the

KAZ liberation forces. These men and women will join others already stationed at border points on highways entering the

Kimberley. Airports have been closed and flights suspended. Please cooperate at all times with KAZ--force members in orange uniforms.

Here is the message that was emailed a few hours ago to Prime Minister Dunkirk from John Lee, representing the KAZ Leadership Circle: "G'day Paul. Just a quick initial message about the peaceful takeback of our own Countries in the Kimberley. It has now happened. We realise that there will be a lot of administration involved in the transfer of government. We expect you to cooperate. The UN and other international jurisdictions have been informed of this development, with full historical and legal background about your violent colonisation in the late nineteenth century. We strongly advise you not to test our patience with any attempt at involving your armed forces. Any ground vehicles, planes or boats will be stopped and turned back, or destroyed with the weapons we have at our disposal. Loss of life, you will agree, is not a desirable outcome. From this point on, negotiations will be set up between your departmental heads and members of our administration."'

Driving on, the truckie shakes his head in disbelief.

Fuck me.

Genre: A 'complete fantasy' I said, but not quite. This book will be a ficto-critical text, maybe a novel, tantalisingly combining the real—by which is meant 'reference to real events'—and the really made-up, and I am at a loss to know which is more real. Then there is critique, or 'theory' in the ficto-critical genre, which is why I take to heart Lauren Berlant's notion that we don't have a world yet: 'what's at issue is the struggle that is life and its portrayal is the tone and the sense of reality that empower the ideas that move you'.[4] Not the ideas that have led to this shit show that is the world of business as usual. I mean the critique of these bad ideas, like the invention of the notion of the *free individual* (they had to do a lot of intellectual and creative work to come up with that bad idea that has captured that culture they call 'the West' in the twentieth century). It has cast a spell, so we have to find a counter- spell, as one step to finding our world.

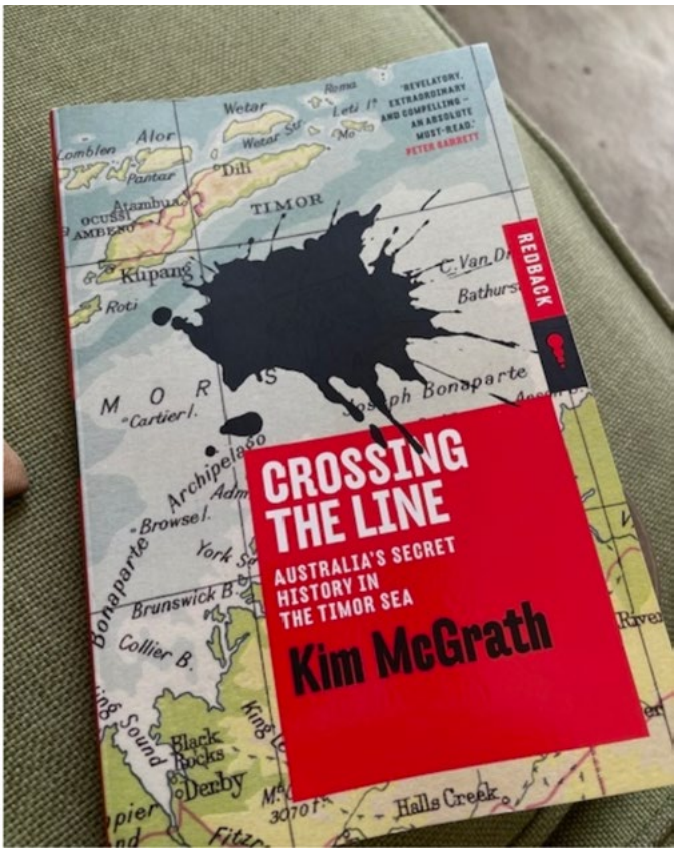
In the Kimberley, colonised only about 130 years ago, they *had a world,* but it has been invaded by bad ideas. Countrymen remember that world, so they are in a position of resistance, or critique, or just carrying on as best they can. Some of them have embraced the ideas of the invaders; they will be minor characters in my text.

I am hoping you will be enchanted by my main characters, who cast counter-spells. I hope they will have enough magic to move the reader, that their strength of character and the power of their ideas will persist in after-images that 'flash up in moments of danger' as Walter Benjamin said, that keep flashing up in readers' own struggles for a world.

---

4. Michael Taussig, *And the Garden is You: Essays on Fieldwork, Writingwork and Readingwork,* Chicago: University of Chicago Press, 2024, p. ix.

Take Sandy Cathcart. She is a Ngarinyin woman, inheritor of a vast fortune made from the diamond mine her *gardiya* (whitefella) father had. She has an idea about funding the revolution, and invites Chris Andrews to lunch at the Roebuck Bay Hotel in Broome. He wonders about the meaning of the Russian script on her black T-shirt. She tells him: 'We are all Pussy Riot', and laughs. Their lunch is full of laughter and joy and some kind of erotic undertow that is drawing him in but he doesn't know where. By the time their lunch is finishing, they haven't even discussed the revolution, but he finds himself on the way to the airport to board a plane for East Timor with an address in his pocket...



Structure: My text will be structured as a story, and stories within stories. But it will also run an argument at the same time, and arguments within the overall argument. This is one definition of ficto-critical writing.[5] The overall story is that our first-person narrator, Chris Andrews, is recruited to be one small link in a network that will get the Kimberley autonomy movement going. He is a washed-up ex public servant from Sydney, with a broken marriage and a broken bank account. Sandy Cathcart sends him to Dili in East Timor to make contact with the guerrilla army that is still hiding out in the mountains after the struggle for independence. These rebels have clashed with the Timor Leste Defence Force, and are open to forming an international alliance, in our case with the Kimberley, which is only 700km away across the Timor Sea. These rebels will deliver military hardware purchased in the Middle East to a secret location of the Kimberley coastline.

The other (true) story that links Timor Leste and Australia is the scandal about the extraction of oil and gas from the Greater Sunrise field in the Timor Sea, only 150km from Timor Leste. These fossil fuels are

5. Stephen Muecke, *Joe in the Andamans and Other Fictocritical Stories,* Sydney: Local Consumption Publications, 2008, pp. 85, 113.

the major source of revenue for the small newly- independent nation. The fossil fuel company with the means to exploit the field is Woodside Energy, which was stopped, in 2013, by an Indigenous-led campaign, to build a liquified gas processing plant on the Kimberley coast north of Broome.[6] The East Timorese harbour mistrust towards Australia and Woodside over one of Canberra's most contentious acts in foreign affairs.[7] It has not been forgotten that Australian Secret Intelligence Service officers, dressed as tradesmen, planted listening bugs in the prime minister's office in Dili. These devices enabled Australia to eavesdrop on East Timor's political leaders during their private discussions prior to negotiation with Australia for dividing the Timor Sea maritime boundary around Sunrise. Acting under the guise of a friendly neighbour helping a poor emerging nation—Australia had actually helped diplomatically during the independence struggle— Australia had resorted to espionage mainly for the benefit of Australian-based oil and gas corporations (Woodside, Shell) keen to develop Greater Sunrise. Australia cut a good deal for itself, 50/50. The Foreign Minister at the time, Alexander Downer, claimed he had no knowledge of the spying. He took up a job with Woodside after leaving politics.

The other side of the story is more of a fantasy. How would Kimberley Indigenous peoples form an autonomy movement, and why would they take that enormous risk? My story claims that they have rebuilt their traditional governance model based on the consensus of elders following *bugarrigarra law*, that is laws that are attuned to the rich multi-species life of Country. Country is alive and embodies the law; it is there for humans and non-humans alike to look after each other. There is no governance hierarchy with *bugarrigarra* law; the consensus of elders enacts *distributed and partial authority*; it is a kind of anarcho-indigenism[8], a refusal to govern and a refusal to be governed.[9]

The Impossible Possible: The Kimberley peoples are struggling to retain their 'world' and want to reclaim it politically. Today's struggles, on many fronts, against capitalist destruction support their argument. We always knew that capitalism was essentially destructive, but we are now in a crisis situation, an 'age of meltdown'.[10] We have to choose between ecologisation and modernisation,[11] two *different worlds*. It is not possible to ecologise and modernise at the same time, in the same 'world', because so many modernisation concepts have to be overthrown for the former to have any purchase.

So the impossible challenge is to think and act 'cosmopolitically', as Isabelle Stengers[12] puts it, because a whole worlds are at stake, and have to be rebuilt, in this case, according to the precepts and concepts of

6. Stephen Muecke and Paddy Roe, *The Children's Country: The Creation of a Goolarabooloo Future in North-West Australia,* Rowman and Littlefield International, London, 2020.

7. https://www.afr.com/companies/energy/gas-money-and-spies-time-running-out-for-timor-woodside-deal-20220808-p5b85o

8. Francis Dupuis-Déri and Benjamin Pillet, eds. *Anarcho-Indigenism: Conversations on Land and Freedom,* London: Pluto Press, 2019.

9. James Scott, *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia*, Yale U.P. 2009.

10. Michael Taussig, *Mastery of Non-Mastery in the Age of Meltdown*. University of Chicago Press, 2020.

11. Bruno Latour, 'To modernize or to ecologize? That's the question,' in N Castree and B Willems-Braun, Eds., *Remaking Reality: Nature at the Millenium* (London and New York: Routledge) 1998, pp. 221-242

12. Isabelle Stengers, *Cosmopolitics*, University of Minnesota Press, 2011.

Indigenous Australian philosophy,[13] strenuously avoiding the reproduction of the politics of the State that legitimises (neo-) colonial extractivism. Accordingly, humans and non-humans (the denizens of 'Country', i.e.: specific territories) impose their agencies across living networks (Latour), refusing to accept that the consequences of destruction for wealth-accumulation will be even more destruction.

Personal/Political Autonomy: Autonomy, freedom—'just another word for nothing left to lose'—is something our characters have to negotiate individually and collectively. The reason for choosing to write in the genre of a 'novel' is that the political can become a personal drama, and the personal can become staged politically. One of our characters, Chris Andrews, find himself 'free' from the constraints of his marriage and family, but he is miserable, and he finds himself falling in love with Sandy Cathcart. His niece, the beautiful Sophie, a university student, organises an academic conference in central Australia with Max, the Arrernte activist: *Autonomy Today: Freedom, Resistance, Survival,* and they form an attachment. We shall have to see how these love affairs turn out.

It is also important is how to rethink the concept of freedom, to *reclaim it* from liberalism and neo-liberalism, especially in their US manifestations: individual freedom, the free market, freedom from government regulation, free speech...etc. The refusal to accept any kind of restraint *on principle* is deranged in the sense it takes people away from articulating what is important to them, what they are attached to. If one finds one set of restraints intolerable (working for a hi tech company for instance) one doesn't walk out the door into free space; one inevitably connects with more tolerable attachments: one's family, an activist group, working on a farm...

My text will try to explore how individuals negotiate their personal attachments and then forge collective action. The Indigenous characters in the Kimberly will be asking themselves what is most important to them. They might even make a list. They will choose *bugarrigarra* law, kinship, clean rivers, abundant fish in the ocean...Unlike Woodside Energy; at the top of their list is the freedom to extract resources, or the so-called freedom of the market place. And their shareholders might choose 'a comfortable lifestyle', i.e.: wealth. But of course they are not attached in any way to the destructive activities that make such lifestyles possible: from these they are dissociated, cognitively and materially.

When the Kimberley people add up everything they are attached to and need to retain to keep their precarious world alive, they realise that political autonomy from the Australian State will be a possible impossible, but they will be able to divest themselves of all kinds of things that were of no benefit to them, that they are not attached to in any way, that are very often oppressive. And they will forge new alliances, with people of Timor Leste, with other Indigenous groups around the world, who also self-govern by slowly-reached consensus, without obedience. Autonomy is the name for more tolerable attachments.

13. Mary Graham, 'Some Thoughts about the Philosophical Underpinnings of Aboriginal Worldviews,' *Australian Humanities Review,* 2008; Max Brierty, 'We Don't Need a Map: On Australian Aboriginal Philosophy and Critique' *Cultural Studies,* (forthcoming).

Chris Eubank Jr., Armband Activist? Sport Events, Social Justice, and 'Soft' Athlete Activism

Neil O'Boyle[1]

Abstract

This short paper considers an example of 'soft' activism within the broader space of athlete activism. Although soft activism is sometimes derided as meaningless and ineffectual, I argue that even purely symbolic gestures can potentially have 'hard' consequences. The focus here is on the British boxer Chris Eubank Jr., who wore a rainbow armband to a highly publicized boxing event in 2023 and posted a message of support for the LGBTQ+ community on Instagram in response to homophobic insinuations by his opponent. While Eubank Jr.'s actions hardly position him alongside illustrious sporting activists such as Muhammad Ali or Billie Jean King, they nevertheless highlight that even symbolic gestures can have meaningful consequences – such as challenging attitudes and norms, providing positive and inclusive representation, and igniting conversations within political and policymaking circles.

Athlete activism

Activism can assume many forms, both 'hard' and 'soft'. In addition to 'hard' forms of activism, such as violent protests, sit-ins, and blockades, recent years have witnessed the emergence of 'soft' forms of activism, such as so-called 'artivism' and 'craftivism' (Greer 2007). Moreover, what *counts* as activism and how any particular form or manifestation relates to wider efforts towards social justice, remain fundamental questions of interest for researchers in the field. Some scholars have attempted to construct typologies of activism. For example, Neumayer and Svensson (2014) differentiate four types of activists (the salon activist, the contentious activist, the law-abiding activist, and the Ghandian activist) based, firstly, on an individual's willingness to engage in civil disobedience, and secondly, on the degree to which they view the opposing party as an adversary or enemy. For instance, while the Gandhian and contentious activist are both ready and willing to act in civil disobedience, the former regards their opponent as an adversary who deserves to be listened to, while the latter regards their opponent as a non-acceptable enemy. By comparison, soft forms of activism can sometimes appear rather meaningless and ineffectual – as 'slacktivism' rather than activism. In Neumayer and Svensson's (2014) terms, those involved in such activities can be labelled 'salon' activists insofar as they are generally unwilling to engage in any sort of risky civil disobedience and are much less likely to identify as 'an activist' in the first place. Nevertheless, I argue in this short paper that soft forms of activism can potentially have 'hard' consequences.

Just as it is possible to differentiate hard and soft forms of activism generally, it is also possible to differentiate hard and soft forms *within* particular social fields. For example, in the case of 'athlete' or 'sport' activism (Cooper, Macaulay, Rodriguez 2019) – our focus here – there is a clear difference between an athlete who merely 'likes' a particular tweet or donates to a particular cause and one who endures significant personal hardship and loss in fighting against social injustice. Notable examples of the latter include Jackie Robinson

1. Associate Professor, Dublin City University (DCU).

(baseball), Billie Jean King (tennis), and Colin Kaepernick (American football). Some, such as the footballer Marcus Rashford, have played a direct role in tackling *multiple* social issues, in his case racism and child food poverty. In the case of boxing – the sport examined in this paper – Muhammad Ali remains an outstanding example of 'hard' athlete activism. As a result of his refusal to serve in the US army during the Vietnam War, Ali's boxing license was suspended, his world title was stripped from him, and he became a hate figure for many Americans. Indeed, despite his considerable athletic achievements, Cooper, Macaulay, Rodriguez (2019: 152) argue that Muhammad Ali remains mostly celebrated 'for his courage outside of the ring'.

In what follows I examine the actions of the British boxer Chris Eubank Jr at a boxing event in the Manchester Arena in January 2023 and reflect briefly on their significance. At a press conference two days before the fight, Eubank Jr.'s opponent, Liam Smith, raised questions about Eubank Jr.'s sexuality without *explicitly* calling him gay or homosexual. Elsewhere, I have analyzed the allusive nature of Smith's discourse (O'Boyle 2023). However, in this paper, I consider Eubank Jr.'s response to his opponent's insinuations, notably his decision to wear a rainbow armband at the following day's weigh-in and post a message of support for the LGBTQ+ community on Instagram. Eubank Jr. can hardly be considered an athlete activist in the sense of Muhammad Ali, Billie Jean King, Colin Kaepernick, or Marcus Rashford. Indeed, he might even be casually dismissed as an 'armband activist'. However, I argue that sport events can ignite wider debates about socially important issues and that even 'soft' gestures of this sort can still have meaningful and potentially far--reaching consequences.

Eubank Jr. versus Smith

On January 21, 2023, Chris Eubank Jr. and Liam Smith faced off in a highly anticipated middleweight boxing match, which was overshadowed by controversial events leading up to it. At the press conference two days before the fight, Smith made insinuations about Eubank Jr.'s sexuality. Although he did not openly call Eubank Jr. gay or use any slurs, Smith's language and behavior was unambiguously homophobic and caused widespread offence amongst the LGBTQ+ community. On January 20, 2023 – the day before the fight – a weigh- in event was held before a large audience of fans and media representatives. Just like the press conference, the event garnered significant media attention and sparked widespread activity on social media. Liam Smith was the first to go on stage and was greeted enthusiastically by the crowd. After disrobing, he successfully made weight, flexed his muscles and smiled broadly at the supportive audience. Chris Eubank Jr. followed, receiving more boos than cheers, which appeared to amuse him. Upon removing his sweatshirt, he revealed that he was wearing a Manchester United football jersey along with a rainbow-colored captain's armband – the latter clearly symbolizing his support for the LGBTQ+ community. While it remains unclear if Eubank Jr. is a genuine supporter of Manchester United, the jersey was undoubtedly intended to goad Smith, a known Liverpool fan. Soon after his appearance, Eubank Jr. shared a photo from the weigh-in on Instagram, accompanied by a caption that read: "We don't discriminate… we don't alienate. We want boxing & sport as a whole, to be all-inclusive."

Eubank Jr. vs Smith was a short-lived boxing contest with Smith winning by a controversial technical knockout in the fourth round. Elsewhere, I have described some of the abusive and homophobic online com-

ments directed at Eubank Jr. For example, beneath the official Sky Sports YouTube video of the weigh-in, a user named '236' commented, "He resembled the colors on his right arm very well in the fight". Another, named 'Arthur Ssebuwufu', commented, "Good Eubank was hammered you can't put on those silly colors and win" (see O'Boyle 2023). It is important to add that as he left the ring, Eubank Jr. was subjected to intense homophobic abuse by a spectator who had somehow managed to bypass security. In terms of size, scale, and audience numbers for a mediasport event, Eubank Jr. vs Smith paled considerably when compared to, say, coverage of the Olympics or the World Cup. However, in its own limited way, it powerfully demonstrates how sport events are imbricated in wider processes of social inclusion and exclusion. 'Meaning making' and 'making sense', as Deacon et al. (1999: 305) highlight, are always 'occasioned'. However, these processes are neither shaped nor dependent entirely on any one, single occasion, since all occasions 'interrelate and are woven into a broader social fabric' (ibid.). In this sense, Eubank Jr. vs Smith simply amounts to yet another link in the long historical chain of homophobia in men's sport. However, this boxing event also produced a new and surprisingly game *queer advocate* in the shape of Chris Eubank Jr.

Discussion

The boxing press conference and weigh-in described above demonstrate how sport events can serve as catalysts for public discussions of socio-political issues. This is especially true when events are heavily publicized and when the athletes involved are particularly well known. As Andrews and Jackson (2001: 9) suggest, sport celebrities are 'imbued with symbolic power' and the more famous they are, the more symbolic power they wield. These authors also point out that sport celebrities are often perceived as more *authentic* than other kinds of celebrities because of their natural (rather than manufactured) talent and the unpredictability of sporting contests. In these and other respects, Chris Eubank Jr. is rather 'a rich figure' for analysis (McIntyre 2020: 281). He is the son of Chris Eubank Sr. – an excentric and flamboyant former boxing world champion and a household name in Britain and in boxing circles internationally. Like his father, Eubank Jr. is known for his remarkable self-confidence, some would say arrogance, which has made him something of a polarizing figure amongst boxing fans. Eubank Jr. also has a considerable online following. At the time of writing (October 2024), he has more than 438k followers on X, and more than 700k followers on Instagram. Importantly, the post mentioned above that signaled his support for the LGBTQ+ community received almost 45,000 'likes'.

It is perhaps instructive to compare Eubank Jr.'s 'symbolic activism' (Cooper, Macaulay, Rodriguez 2019) to a much more famous and historically significant example – namely, the victory stand gesture by Tommie Smith and John Carlos at the 1968 Mexico City Olympics, a gesture that remains one of the most powerful symbols of protest in sports history. As they stood on the podium after winning medals in the 200-metre race, both athletes raised black- gloved fists during the playing of the U.S. national anthem in a gesture of solidarity with the civil rights movement and as a protest against racial injustice. This silent, yet powerful gesture drew global attention to the struggles faced by African Americans and remains a lasting symbol of resistance and courage. Indeed, it has been memorialized in several statues and sculptures, including one housed in San Jose State University, California, where both athletes were students. Smith and Carlos's

act of defiance ultimately cost them their careers, yet it remains a timeless representation of athlete activism. At Hartman (2019: 8) puts it:

> The enduring power of the victory stand gesture crystalizes sport's expressive potential and unique ability to focus cultural attention to issues of race and racial injustice (rather than force any particular material or institutional change). It shows us the remarkable ritual, cultural power of sport to capture attention and send messages – regardless of what other concrete, tangible results may or may not accrue.

Compared to the brave actions of Smith and Carlos, Eubank's Jr.'s decision to wear a rainbow armband and post a message of support for the LGBTQ+ community on Instagram seem much less significant and hardly amount to 'risky' civic behaviour. Indeed, a cynical observer might point out that while the rainbow armband attracted most media attention, his decision to also wear a Manchester United jersey at the weigh--in – a gesture no doubt intended to provoke the Liverpudlian Smith – calls into question the sincerity of his support for the LGBTQ+ community. Nevertheless, I suggest that Eubank Jr.'s actions should not be so casually dismissed – for three reasons.

First, boxing is a sport with a very long history of homophobia and, as we have seen, this issue remains as prevalent today as it was in the past. As already noted, Eubank Jr. was surprised and even amused by Smith's homophobic remarks but his decision to actively demonstrate solidarity with the LGBTQ+ community raised the profile of this issue, transforming it from a mere 'talking point' to a central narrative in media coverage of the event. This in turn ignited a wider conversation about homophobia in men's sport, provoking responses from a range of stakeholders, including advocacy organizations, community groups, new outlets, and fans. For example, the boxing event became a news item and discussion point for all of the following: Stonewall (a leading UK-based LGBTQ+ rights organization), Gaye (a social platform for the LGBTQ+ community), Outsports (a sports media platform dedicated to covering LGBTQ+ athletes and issues), Gaydio (a UK-based LGBTQ+ radio station), Mygwork (a global networking and recruitment platform connecting LGBTQ+ professionals), Pink News (an online LGBTQ+ news outlet), and Gay Times (a long-running UK-based LGBTQ+ magazine and online platform).

Second, Kian (2017) notes that while popular culture is increasingly a source of positive representation for gay and lesbian people, sport has lagged far behind. Indeed, he argues that men's sport in particular provides few openly gay role models. Within men's sport, combat sports such as boxing have shown most resistance to wider processes of inclusion and newer forms of masculinity (Woodward 2007). In this context, Eubank Jr.'s active and visible support for the LGBTQ+ community – including a social media post aimed at *normalizing* the participation of gay athletes in boxing – is especially noteworthy. As already highlighted, Eubank Jr. has a considerable online following, which amplifies his influence. Indeed, his decision to post a message of support on Instagram is also significant because some research suggests that Instagram has a stronger social amplification rate than any other social media platform (Burke 2017: 23). Eubank Jr. is also in many respects a stereotypical *alpha male* – strong, confident, attractive, able to 'handle' himself – yet he embodies a less aggressive and more open and even ambivalent form of masculinity, which arguably makes him rather a suitable queer advocate. Indeed, at the aforementioned press conference, he went so far as to claim that he would rather be gay than a cheat. Lastly, the events described here offer a reminder that sport activism is not

separate from but interwoven with larger social movements and can help build legitimacy and momentum for such movements (Hartman 2019). As Neumayer and Svensson (2014: 139/40) suggest, by making issues 'visible' and forcing them onto the media agenda – even for a relatively brief period of time – sporting figures potentially help set the ground for more contentious and consequential types of activism. Negative media attention also puts pressure on sport's governing bodies to take action. For example, following the press conference described above, the British Boxing Board of Control launched an official inquiry and subsequently fined Chris Eubank Jr. and Liam Smith for their comments. Six months before the events described here, the World Boxing Council (WBC) declared itself an 'LGBTQ+ ally' and announced that it would be supporting the World Gay Boxing Championships, the first of which occurred in Australia in February 2023 – just one month after Eubank Jr. vs Smith.

A cynic might dismiss Chris Eubank Jr. as a mere 'armband activist' and argue – albeit with some justification – that his actions will have done little to reduce homophobia in men's boxing or make the sport more welcoming for non-heterosexual athletes. Nevertheless, I have suggested that even small symbolic gestures such as wearing an armband or posting a message of support online can resonate both within and beyond the world of sports and potentially energize larger collective struggles for justice.

References

Andrews, D. L., & Jackson, S. J. (2001). Introduction: Sports celebrities, public culture, and private experience. In D. L. Andrews & S. J. Jackson (Eds.), *Sport stars: The cultural politics of sporting celebrity* (pp. x-x). London: Routledge.

Burke, K. E. (2017). *Social butterflies—How social media influencers are the new celebrity endorsement* (Doctoral dissertation, Virginia Tech). Retrieved from https://vtechworks.lib.vt.edu/handle/10919/78221

Cooper, J. N., Macaulay, C., & Rodriguez, S. H. (2019). Race and resistance: A typology of African American sport activism. *International Review for the Sociology of Sport, 54*(2), 151-181. https://doi.org/10.1177/1012690217718170

Deacon, D., Pickering, M., Golding, P., & Murdock, G. (1999). *Researching communications: A practical guide to methods in media and cultural analysis.* London: Arnold.

Greer, B. (2007). Craftivism. In G. L. Anderson & K. G. Herr (Eds.), *Encyclopedia of activism and social justice* (pp. 401-402). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. https://doi.org/10.4135/9781412956215.n218

Hartmann, D. (2019). The Olympic "revolt" of 1968 and its lessons for contemporary African American athletic activism. *European Journal of American Studies, 14*(1), 1-15.

Kian, E. M. (2017). Sport and LGBTQ issues. In A. C. Billings (Ed.), *Defining sport communication* (pp. 121-134). New York: Routledge.

McIntyre, A. (2020). James McClean's poppy protest and the cultural politics of diasporic non- assimilation. In N. O'Boyle & M. Free (Eds.), *Sport, the media and Ireland: Interdisciplinary perspectives* (pp. 280-293). Cork: Cork University Press.

Neumayer, C., & Svensson, J. (2016). Activism and radical politics in the digital age: Towards a typology. *Convergence, 22*(2), 131-146. https://doi.org/10.1177/1354856514553395

O'Boyle, N. (2023). The events before the event. Paratexts, liveness, and the extended presence of sports events. *MedieKultur, 75*, 76-93. Available at: https://tidsskrift.dk/mediekultur/article/view/138196/186253

Woodward, K. (2007). *Boxing, masculinity and identity: The 'I' of the tiger*. London: Routledge.

Resistance, rebellion, renunciation: Ultra trail running as an act of civic dissidence

Helen-Mary Cawood

"The real question is not to know why people rebel, but why they don't rebel."
- Wilhelm Reich (quoted in Gros 2020, p. 1)

Introduction

We live in a time of a severe environmental crisis. We have exhausted the earth, and its potential for renewal is rapidly waning. And yet we still seem to ask ourselves over and over again: How can we continue to allow this disaster to unfold before our eyes? Why aren't we doing more? And perhaps, what can we possibly do, as ordinary individuals, to resist, rebel against, and ultimately renunciate the continued practices that are leading us towards unmitigated disaster?

It has become more than apparent that we cannot rely on governments, corporations, industries, or to an extent, new technologies, to bring about a real, tangible change in our collective ways of obediently allowing the continued exploitation of what is left of the natural world around us. Now, more than ever, a different consciousness of our place in the world is needed. This needs to take place at both individual and societal levels, and as such could be framed as an ethical-existential imperative. As the atoms of society, our collective values should surely be determining political, economic, and technological interests and progress, rather than being determined by them. What has happened to our individual and collective will to dissent, to disobey?

In response, this paper will first briefly draw from critical literature by Frederic Gros and Bernard Stiegler that tries to uncover what lies at the heart of this suppression of the individual and collective will to act in the face of such intolerable systematized power.

In the second section, the paper will argue, along with Gros, that it is crucial to create spaces for reflection through resistance, by first stepping away from our "illusions about the essential" (Gros 2014, p. 14). Moreover, removing oneself from the expectations of society is essentially a rebellious act through moving beyond oneself in transcending social conventions. Finally, we also need to renunciate the *status quo*, experience a true harmonisation of the self with the world, and thus recognise oneself as being part of a greater natural world (as opposed to separate from it). Gros, along with many thinkers from different walks of life across history, finds such potentials for personal transcendence, and thus potentially also civic dissidence, through walking in so-called 'nature'.

The final section of the paper will elaborate on these insights by extending them to the context of ultra trail running, a leisure activity that is growing in popularity worldwide. This is because not only does ultra trail running also open up the individual reflective spaces mentioned above, trail runners in these communities are

also often inspired, encouraged, and empowered to collectively resist destructive consumerism and commodification of the natural environment.

From otium to negotium: why don't we disobey?[1]

Building on the philosophical works of Max Horkheimer and Theodor Adorno's 'Culture Industry Thesis' (1944 [1997]), in his 2011 book *Technics and Time, Vol. 3*, philosopher Bernard Stiegler provides a critique of contemporary leisure industries through the concepts of *otium* and *negotium*. The notion of *otium* (Stiegler 2011, pp. 99, 116-123), or use of leisure time to enrich oneself intellectually, has become increasingly negated in the *negotium* of the commodification of free time and leisure activities (see Amiradakis and Cawood, 2023). In terms of an individual's sense of personal development and edification, Stiegler (2011, pp. 116- 123) links the notions of self-love, individuation, and genuine willing to the concept of *otium*. In his reconstruction of the term, the contemporary definition of *otium* refers to leisure time during which the practice of self-improvement and upliftment of an individual through self- care can take place, the process of which in fact makes up *culture*. *Negotium*, as a differentiated but interrelated term, refers in contemporary society to the non-existence of leisure time, in which there is an alienation of the self through a culture of need, as opposed to genuine individuation. In other words, *negotium* signifies the commodification of free time.

Additionally, the commodification of leisure (i.e. from *otium* to *negotium*) is considered as contributing to the breakdown of true individuation (which, for Stiegler (2009, pp. 4-5), is the process whereby a person becomes an individual self, not only 'becoming' in the sense of developing along with the quasi-causal flow, but rather against the flow not only in resistance but also reinvention in and through others), as well as fostering the so-called 'pathology of normalcy' (Fromm, 1976 [2002], pp. 12-20) or, in Stieglerian terms, the loss of the "feeling of existing" (Stiegler, 2009, p. 39), and as such lose their willingness to act 'differently'.

In other words, this process leads to the dis-individuation of the individual – conforming to herd behaviour, and lacking the will or desire to act towards the necessary reinvention of the world through new (and reimagined) individual and collective practices. Moreover, what is dampened is the will to act – to resist, reinvent, and reimagine, both individually and collectively.

With such a seemingly outlook on the commodification of leisure time, is there any hope for the critical individual, and collectives by extension, to resist such a 'pathology of normalcy', reevaluate one position towards and in the world, and potentially engage in life-affirming ways of existing in and with the world around us?

Stiegler (2018) argues convincingly that the politics of resistance to the *status quo* is not truly sufficient to bring about significant individual and social change, but rather that we should instead engage in processes of noetic invention or reinvention of the practices with which we engage with and in the world. However, it will be argued that for such a reinvention to take place, there first needs to be an act of resistance on the part of the individual to the process of relentless forward-motion, an interruption, a moment of saying 'no!' and as

1. This section draws from an already-published journal article by the author. See Amiradakis & Cawood, 2023.

such creating a space for reflection and imagining how to proceed. It will also be argued that in the freedom of walking, a different space of resistance will open up, one that is creative, imaginative, poetic, and embodied, and that only such spaces of resistance can allow the individual to step out of the *status quo* and imagine new processes of individuation through which one can reinvent actions towards self, others, and the world. It is from a number of insights from Frederic Gros' *A Philosophy of Walking* (2014) that the following section on the freedoms of walking will draw.

Walking as resistance[2]

> "We do not belong to those who have ideas only among books, when stimulated by books. It is our habit to think outdoors — walking, leaping, climbing, dancing, preferably on lonely mountains or near the sea where even the trails become thoughtful."
> - Frederic Nietzsche (1974, p. 322)

For Gros, along with countless others, walking is one of those activities that can indeed be understood as an act of resistance to the above-mentioned process of dis-individuation, as well as contributing to experiencing presence of the self. It occurs outdoors in so-called 'nature', there is an element of solitude to it (not that one need necessarily walk alone), and importantly it is non-instrumentalised.

In fact, walking, for Gros (2014, pp. 14-20), offers at least three 'freedoms' which are intrinsically linked to many of the critiques of the commodification of culture and leisure, as discussed in the previous section. It is in a space where one can open up a conversation with oneself – as Stiegler also recognised during his time in prison – that one's own thoughts can be given a voice as they are not merely being sublimated but are free from social restraints in that moment. This has been affirmed over and over again by various thinkers from different walks of life. For example, Wendell Berry notes in his essay *What Are People For?* (1990, p. 11): "True solitude is found in the wild places, where one is without human obligation. One's inner voices become audible… In consequence, one responds more clearly to other lives." Listening to and hearing oneself, allowing oneself to give expression to one's own thoughts, and resisting societal obligations and the often-invasive voices of others, seems, for many great thinkers, to come from "a state in which the mind, the body, and the world are aligned," (Solnit, 2000, p. 18). And one activity in which such a state is achieved is that of walking.

First, Gros points to a "suspensive freedom" (Gros 2014, p. 14) found in walking, which is a freedom of *resistance*. Suspensive, in this case, is a moment in which distance is created between oneself and the demands of the external world, and follows from disruption. What this means is that in walking, one is suspended first from the "illusions about the essential" (ibid.), or in other words, the things we believe are essential to everyday life such as the speed of transport, a wide selection of food or products to choose from, different technological gadgets, or more recently, the internet. As it is suspensive, it is also temporary, in that one returns to them after the activity, whence "… the old inertias are back at once: speed, neglect of the self, of others, excitement and fatigue. The appeal of simplicity has lasted for the time of a hike. 'The fresh air's done you good.' A blink of liberation, and straight back to the grindstone." (Gros 2014, p. 16) The temporariness

2. This section draws from an already-published journal article by the author. See Amiradakis & Cawood, 2023.

of the hike may not be the reinventive action that Stiegler demands for true individuation, but it is instead a disruptive moment in which an alternative may be imagined, and it is arguably in small acts of imagination that alternative futures may be conceived of.

As Gros notes, with walking, we are reliant on our legs to carry us, what we have in our rucksacks (such as food and water), the knowledge and intuition we have about ourselves in nature (relating to the weather, wildlife, and how one's body is feeling), and having to improvise using one's imagination (if the weather should turn nasty, for example, or the best path to choose). Because of all the possible and unknown variants involved in setting out for a walk, one is also alienated from the kind of speed we both expect and are used to in our everyday life, such as with transport, acquiring facts, or uploading photos to the net. This is also part of the suspensive nature of walking – slowing down both physically and in terms of having to rely on oneself to think things through and intuit certain decisions and resultant actions to take.

A final suspension then – following that of illusions about the essential and the alienation from speed – is that of belonging to the "web of exchange" (Gros 2014, p. 15). Gros suggests that the simplicity of reevaluating what is truly essential, as well as the act of slowing down, is often seen as deprivation; the walker, however, "considers it a liberation to be disentangled from the web of exchanges, no longer reduced to a junction in the network redistributing information, images and goods; to see that these things have only the reality and importance you give them." (ibid.)

The second freedom which Gros (2014 pp. 16-18) finds in walking is that of the freedom to remove oneself from the expectations of society. This is an inherently *rebellious* act of freedom, whereas the suspensive freedom is one of resistance. Where suspensive freedom is temporary, allowing oneself to have a taste of certain freedoms that are simple in relation to the quagmire of what contemporary life considers necessary, removing oneself from the expectations of society involves moving beyond oneself in actually breaking down the boundaries of societal convention or expectation by in fact transcending this outer limit of the self. In other words, this form of freedom involves becoming a self that doesn't have to be limited by the 'normal' or determined conceptions of identity (how we do and are expected to identify ourselves); identity is thus transcended for genuine individuation to occur. This is because, for Gros, being *someone* is a social obligation. We are often expected to think, act, and feel defined by certain frames, whether political, generational, ideological, etc. By absorbing that externally-determined identity into oneself as the primary way of defining or describing oneself, one is placing limits to the process of individuation that could unfold and instead prostrating oneself to a condition of automated subjectivity.

While walking, these boundaries of identity tend to become secondary to simply being with and in oneself, a sensation of existing. Even the distinction between self and nature becomes moot, as one comes to feel oneself in nature and nature in oneself. Humanity, as an ontologically separate being from nature, is rejected. Ideally, as these boundaries of identity are broken down, the acts of genuine feeling, thinking, and willing become arts that are practiced, reflected upon, changed, refined, and declared in new and imaginative ways without being at least somewhat determined by obligatory social identities. It is in this freedom, at least for Gros (2014 p. 20), that a dream can be glimpsed: "... walking to express rejection of a rotten, polluted,

alienating, shabby civilization." Within this dream is the idea of a new humanity that needs to be brought about by the willingness of people to act in original ways not determined wholly by societal expectations.

This revolutionary act of rejecting the contemporary *status quo* then relates to the third freedom found in walking, namely the freedom of *renunciation* (Gros 2014, p. 20). Such a freedom follows on from the stages of learning (as a child, scholar, etc., where one learns of the world), producing and social respect (as one learns to care for oneself and family through production and consumption – not only of goods but also societal expectations), contemplation and meditation (as one begins to question this way of living as being 'normal' and reflects upon different ways of being in the world), resulting finally in a pilgrimage that induces the harmonisation of the self with the world. One can glimpse it on long hikes, Gros indicates, when one focuses completely on presence of the body, mind and environment. This freedom is not related to age, as Gros finds it in the lives of many philosophers, poets and writers who died young, but rather to the various stages that could potentially come about when one is able to suspend one's interaction with the speed and space of everyday life – especially as it takes place online, one's journey to reject social obligations and become an individual, and ultimately renunciate this way of life in favour of reinventing different way of living.

This journey that allows one to move from reflection to recognising oneself as being part of a greater natural world (as opposed to separate from it) can arguably be found through walking. Stiegler (2020, p. 3) himself recognises the importance of such a space, which for him was experienced in confinement of lockdown during the Covid-19 pandemic, but which could also be found in the act of walking: "a number of things are interrupted, and this moment can make it possible to create opportunities for reflection, both individually and collectively, if this is accompanied a little."

Ultra trail running as collective dissidence

This final section will draw from the author's own and other trail runners' personal experiences of running a number of ultra trail events of varying distances, from 42kms to 100 miles. First, a brief overview will be provided as to how ultra trail running, like walking, has the potential to open up spaces for resistance to, rebellion against, and renunciation of the status quo, as mentioned in the previous section. Additionally, these spaces, in ultra trail running like walking, which have led to a different reconfiguration of the relationship between one's sense of self and the natural environment through a disruption of the 'normal' will be laid out, as well as the subsequent development of an ethical imperative to change one's own consumptive habits. Finally, a few examples of the role of several running communities that collectively speak out and create awareness of the continued active destruction of the world and communities around us will be pointed out.

Trail running is an activity that takes place in so-called nature, often through woods, mountains, or deserts. If the activity is longer than a marathon distance of 42kms, it is considered an ultra distance; there are usually different distances in ultra trail running events that range between 42kms to 200 miles, sometimes even further. This means that (average / non-professional) runners will be moving very slowly over long distances in natural environments, often for more than 24 hours, through varying weather conditions. The runner carries their own nutrition and hydration in a bag on their backs, relies on minimal technology (often

a GPS watch that shows the route and a cell phone for emergencies), and they have to improvise according to weather conditions or which paths to take. Moreover, the runner will generally find themselves moving mostly on their own, although occasionally they will spend time with other runners on the trail. Often there is a mutual need for support – perhaps needing water or nutrition, but more often for moral support.

It is also important to note that ultra trail running events have set distances, routes, and cut- off times, unlike Gros' conception of non-instrumental walking, which is without times, results, or set routes. In fact, Gros does not consider walking a 'sport'. In spite of these differences, they are both considered leisure activities and as such, both should ideally be activities of the *otium*, as discussed in the first section. It should, moreover, be noted that as trail running has become more popular, it has also been increasingly commodified. However, the potential for the critically aware and reflective trail runner to still edify themselves through experiences of resistance, rebellion, and renunciation is still possible.

With that in mind, as it relates to ultra trail running, the first suspensive freedom of resistance to the 'illusions of the essential' is similar to that of walking. Like the walker, the runner takes only what is absolutely necessary and can fit into their bags, they are alienated from the speed of their usual everyday lives, and they are disconnected from social media and the internet (the "web of exchange").

Secondly, the journey of an ultra trail marathon fully removes one from societal expectations and from imposed identities – the second freedom of rebellion. Out on the trails, one is simply another journeyer: age, race, class, occupation, gender, sexuality, political affiliation, and so on, have no bearing, as the journey is simply about the self moving in nature. As one also needs to at times rely on other runners around one for safety and comfort, one needs to be humble. The ego is almost fully stripped away as the body and mind get more and more fatigued. One cannot control the weather, injuries, or sickness; one cannot predict how one's body might respond to nutrition on the day, or if equipment might break. The boundaries between self and nature begin to dissipate – the terrain dictates how one moves; one must be fully aware of the weather; the senses must be completely in tune with what is happening around one immediately, and with one's body as an extension.

This overlaps with the third freedom, that of renunciation of expected ways of being in the world. The runner spends hours alone, reflecting on the beauty and majesty of nature, awed by it, feeling part of it, having to submit to it, struggling, suffering, and at times questioning one's sanity. At times the runner will have conversations with the self and at times they will feel completely removed from any sense of self as the body and mind fatigues and suffers. One becomes fully cognisant of body and mind and environment as a single entity and experiences a moment complete self-transcendence where one is part of the greater world around one, not separate from it.

In these moments, for ultra trail runners, is a sense of disruption from the norm. They are able to experience a different way of perceiving the natural world, being in it and a part of it (for better or worse), very far removed from the endless consumption and commodification of it that is practiced in most contemporary ways of life. If the individual is introspective and reflective about this experience, even once it has passed, one's perception of the need to respect and preserve the natural environment becomes a pressing ethical obligation.

Once this moment of rupture has been experienced, the following questions could – and should – be asked: how can one ever return to 'normalcy'? How can one *not* feel the imperative to agitate against alienation in and from the natural world? How can one bear the guilt of contributing to its destruction and devastation? Are we not compelled to individually and collectively resist, disobey, and reject the destruction of our natural environment through acts of dissidence in the face of general apathy and inertia?

In response to these questions, there are a number of trail running communities of runners who have actively responded to the devastation of natural environments through resistance and dissidence. Trail runners in these communities are inspired, encouraged, and empowered to collectively resist destructive consumerist habits and commodification of the natural environment by reducing their carbon footprints through how they travel, what they eat, the clothing they wear, and by speaking out and creating awareness of the continued active destruction of the world and people around us. At the heart of these communities is the recognition that activism is in fact the act of disruption of the 'normal', such as reducing plastic wastage or reducing meat consumption; in other words, a reconfiguring of attitude and lifestyle, as responsibility cannot be deferred. A few examples of such running communities will briefly be discussed.

The founders of the Green Runners community (https://thegreenrunners.com) in the UK wrote the COP26 (Runners against Climate Change) ode in 2021. This encouraged a number of environmentally--aware activist runner to join the group, including a number of non- professional as well as professional ultra runners such as Damian Hall and Jasmin Paris. They also actively took part in protests at the COP26 convention in Glasgow.

The ethos of the Green Runners is based on four pillars, which members make action-based pledges to engage with. They are: 1) how we move; 2) how we kit up; 3) how we eat; 4) how we speak out. The first speaks to awareness of one's carbon footprint when travelling; the second to awareness of how much and what kit one buys and the ethical status of the companies one buys from; the third to awareness of what one eats and whether it is ethically sourced; and the fourth to speaking out about issues of environmental destruction. They have recently partnered with England Athletics to help clubs and running groups take steps towards being more environmentally conscious. Their pilot project has just been concluded where they tested the following practices, and were subsequently nominated for the BBC's Green Sport Awards 2024 in the category of 'Grassroots Organisation of the Year' (taken from their website):

- 35 clubs signed up to the pilot- Kit swaps for unwanted kit held across a number of clubs
- Meeting locations for club runs changed to enable active transport and public transport
- Vegan food options at club socials and AGMs – and real cutlery, no single use
- Used shoe collections
- Sustainability leads on club committees
- Sustainability values incorporated into club mission statements and constitutions

- Car-sharing initiatives and proper advertisement to make things easier for everyone!
- Reusing kit – kit is often a bit of a stumbling block as club colours and logos are important. One pilot club has been exploring sublimating (a type of heat press printing) badges for events and club logos onto existing kit. This is a really clever way to produce some desirable and unique club kit without buying new – while still generating income.

Another activist running community is Runners for Public Lands in the USA (https://runnersforpubliclands.org). Their mission is to:

> ... better connect our love for running, our communities, and the natural world to urgent and much-needed transitions and transformations that limit climate change and minimize its impacts, and reduce pollution, as much as possible. As the largest outdoor recreational group in the country, 60 million strong, runners can make a difference. RPL applies its passion for human endurance, beautiful landscapes, and coming together to inspire and support runners
>
> for environmental advocacy, conservation work, and promoting environmental corporate responsibility and international cooperation.

Their four tenets are 1) climate action by supporting climate-friendly running practices; 2) ensuring the environmental sustainability of trails and events; 3) protecting public lands and natural landscapes; 4) ensuring equitable access to public lands for underserved communities.

Finally, in South Africa, Run West (https://runwest.co.za) partners with and supports local communities to protect and preserve the traditional lands of the Wild Coast from international mining corporations. Similarly, the mission of Wild Child Africa's Pondo Ultra (https://wildchildafrica.com) is "...to safeguard the environments in which we operate through community focused and sustainable eco-tourism." Their ultra trail running event raised over R400 000 in 2024 towards the Pondoland Conservation Trust.

Conclusion

This paper has attempted to argue that while the world today faces a crises of environmental destruction and devastation, an inescapable factor of this problem is also a sense of apathy at both individual and social level in terms of willingness to engage in acts of disruption of the *status quo*. Part of the problem, as noted by Stiegler, is that leisure activities that should ideally be spaces for noetic edification and transformation of the individual (*otium*) have also become largely commodified and determined by consumerist habits (that are also at the heart of the continued devastation of the natural environment). Unless we actively engage in practices that, through deep reflection and contemplation of our place in the world, allow us to transcend our current collective values, we will simply continue on this path of destruction.

Gros shares similar concerns to Stiegler, and turns to leisure activities that still potentially offer a space for resistance, rebellion, and ultimately renunciation of the *status quo*. For Gros, the individual needs to experience a moment of disruption in order to see that things could – and should – be otherwise, a sense of which

the continuation of obedience becomes intolerable. He argues that non-instrumentalised walking for leisure has the potential for such a disruptive experience.

The position of this paper is that while it agrees with Stiegler's and Gros' positions, there is also the need for active and activist communities in which such journeys of dissidence are supported and furthered. It is suggested that ultra trail running has the potential for the critical and reflective individual to have such disruptive experiences in which they irreversibly become aware of their relationship to the natural world as radically other to what is expected.

Communities of trail runners, all who have been through their own experiences of the breaking down of boundaries between self and nature, have the potential to change their own consumptive and destructive habits, to share their spaces and experiences with others, and to have the courage to be civic dissidents, as they simply fathom how it is possible to continue to ignore such moments of awareness and transcendence. Activism as dissidence thus becomes an individual and collective ethical obligation and responsibility.

References

Amiradakis, M., & Cawood, H. (2023) 'From otium to opium (and back again?): Lockdown's leisure industry, hyper-synchronisation and the philosophy of walking'. Indo-Pacific Journal of Phenomenology, 22. Available at: https://doi.org/10.1080/20797222.2022.2109331.

Berry, W. (1990) What Are People For? North Point Press.

Fromm, E. (2002) To Have or To Be? Continuum. (Original work published in 1976). Gros, F. (2014) A Philosophy of Walking. (J. Howe, Trans.). Verso.

Gros, F. (2020) Disobey! A Philosophy of Resistance. (D. Fernbach, Trans.). Vero.

Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1997) Dialectic of Enlightenment. (J. Cumming, Trans.). Verso. (Original work published 1944).

Nietzsche, F. (1974) The Gay Science (W. Kauffman, Trans.). Vintage Books. (Original work published 1887).

Solnit, R. (2000) Wanderlust: A History of Walking. Penguin Books.

Stiegler, B. (2009) Acting Out (D. Barison, D. Ross, & P. Crogan, Trans.). Stanford University Press. (Original work published in 2003).

Stiegler, B. (2011) Technics and Time, Vol. 3 (S. Barker, Trans). Stanford University Press. (Original work published in 2010).

Stiegler, B. (2018) The Neganthropocene (D. Ross, Trans., Ed.). Open Humanities Press.

A escuta do lógos em Foucault

Giovane do Nascimento

Estudei filosofia e música. Em vez de me decidir por uma, sempre tive a impressão de que perseguia a mesma coisa em ambas
Theodor Adorno

A partir de 1976, Foucault realiza o que se poderia chamar de virada interpretativa, buscando um olhar mais atento para a ética do sujeito como forma de prática de si; e, desse modo, diferentemente de seus escritos anteriores, «o cuidado de si» torna-se uma prioridade nas suas análises. No mesmo momento, a partir da década de 80, as publicações de Foucault inauguram uma questão central, que parecem deslocar a figura do sujeito da posição de um ser fragmentado e transgredido, para aquela de um sujeito preparado e, portanto, protegido das intempéries do mundo da vida. Contudo, parece ser possível vislumbrar esse ponto em comum capaz de nos orientar na empreitada dos dois projetos, nas palavras do próprio Foucault:

> Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornaram sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de subjetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos – o saber, o poder e a ética – [...] Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa.[1]

Será em 3 de março de 1982, num curso intitulado «A Hermenêutica do sujeito» que Foucault irá se ocupar de um tema central para suas análises: encontrar-se a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um *discurso verdadeiro*, mas a subjetivação de um discurso da verdade em uma *prática de si* e em um *exercício de si sobre si*.

E, por isso mesmo, Foucault retornará à temática antiga da desagregação da polis grega, da perda do sentido de democracia e dos movimentos que esse esvaziamento de seu lugar de referência ocasionaram, por parte daqueles que se viam na premência de um ajuste para enfrentar o novo mundo que se apresentava. Foucault retoma alguns conceitos da época, examinados, agora, a partir de outro contexto.

A filosofia helenística[2] se pautava pela preocupação com a ética (arte de bem viver), já que que os gregos, sob o império macedônio, perderam suas principais referências éticas e políticas, orientadas para a vida em comunidade e a participação como cidadãos, tanto quanto por seus valores culturais. Tendo sua participação política restringida, o sujeito se sentia desenraizado, perdia sua referência, que era a polis – necessitando, portanto, de uma ética com forte conteúdo prático que lhe desse novas referências, novas regras de conduta, apontando um caminho para a busca de uma felicidade pessoal nesse novo contexto.

---

1. FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense

2. Período (323 - 30 a.C.) que sucedeu ao apogeu da democracia, que se deu durante o período «clássico» (séculos V e IV a.C.). É inaugurado pela morte de Alexandre o Grande e vai até o início da dominação romana, com o suicídio de Cleópatra.

> Interpreta-se frequentemente a importância assumida pelo tema do voltar-se sobre si ou da atenção que se deve consagrar a si mesmo, no pensamento helenístico ou romano, como a alternativa que se propunha à atividade cívica e às responsabilidades políticas. É bem verdade que se encontra em certas correntes filosóficas o conselho de se afastar dos assuntos públicos, dos problemas e das paixões que eles suscitam. Mas não é nesta escolha entre participação e abstenção que reside a principal linha de divisão; e não é em oposição à vida ativa que a cultura de si propõe seus valores próprios e suas práticas. Ela busca, antes de qualquer outra coisa, definir o princípio de uma relação consigo que permita fixar as formas e as condições a partir das quais uma ação política, uma participação nos encargos do poder, o exercício de uma função serão possíveis ou impossíveis, aceitáveis ou necessárias. As importantes transformações políticas que tiveram lugar no mundo helenístico e romano puderam induzir certas condutas de fechamento; mas, sobretudo, elas provocaram, de uma maneira bastante mais geral e mais essencial, a problematização da atividade política (FOUCAULT, 1984, p.107).

E é a busca dos sujeitos frente a um mundo fragmentado e instável que Foucault analisará, propondo-se a compreender as alternativas elaboradas, seja por um estoicismo que visava a construção de um sujeito autossuficiente, e, portanto, a busca pelo domínio de si (*autarkéia)*, seja pela atitude cristã de renúncia de si, ou recusa de si para a salvação: para tanto, o autor irá se valer do confronto entre as expressões *ascese* cristã e a *áskesis* helênica. Essa última estava relacionada à prática de si, a uma conversão de si mesmo com o objetivo de prevenir-se contra «os acontecimentos possíveis da vida»; a *áskesis* conferiria os modos de preservação a partir de uma relação sempre pessoal com a verdade. Desse modo, diferentemente de uma ascese que levaria o sujeito a uma renúncia de si, a *áskesis* helênica buscaria equipar (*paraskeué*) esse sujeito para que se constituísse a si mesmo.

Resta saber como se daria, ou que percurso seria adotado para a aquisição dessa perspectiva desse sujeito. Para Foucault, a etapa inicial da *áskesis,* «concebida como subjetivação do discurso verdadeiro» se vale de todas as práticas e técnicas relacionadas à *escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar.*

É interessante reparar que, na perspectiva de Foucault, a *audição* se apresenta como o ponto de partida para a *áskesis* ou a ascese filosófica – destaque bastante surpreendente, sobretudo se observarmos que, na história da filosofia, de Platão a Kant, a visão sempre possuiu um *status* privilegiado no campo do conhecimento – privilégio jamais reservado à audição, relegada a um papel secundário em razão da suposta passividade de processo de ativação sensível.

É nesse sentido que pretendemos nos deter numa análise mais acurada da prática da escuta como subjetivação do discurso verdadeiro, enfatizando a ambiguidade da relação passividade-atividade no processo de escuta.

A ambiguidade da escuta como condição do acesso ao lógos

> *A passagem da alétheia ao êthos (do discurso verdadeiro ao que será regra fundamental de conduta) começa seguramente com a escuta* (Foucault, 2006, p. 402)

Retomando um antigo tratado de Plutarco (*O tratado da escuta*), Foucault irá partir da afirmação de que a «audição, o ouvir, é o mais *pathetikós* (passivo) e o mais *logikós* (capaz de receber o lógos) de todos os

sentidos». O mais passivo pelo fato de que, na audição, nos encontramos totalmente expostos ao mundo exterior, e a todos os acontecimentos. Podemos fechar os olhos para não ver um acontecimento, não tocar um objeto, não degustar tal iguaria: no entanto, no que se refere à audição, nos encontramos o tempo todo expostos à sonoridade do mundo.

> Não se aprende a virtude pelo olhar. Ela é aprendida e só pode ser aprendida pelo ouvido porquanto a virtude não pode ser dissociada do lógos (...). Este lógos só pode penetrar pelo ouvido e graças ao sentido da audição (FOUCAULT, 2006, p. 404)

Contudo, é evidente os riscos da exposição aos acontecimentos e ensinamentos sem critérios, para uma escuta que se caracterizaria pela pura passividade, como entendeu Sêneca. Por isso mesmo, atento aos riscos de se entender a audição com mera passividade, Foucault questiona:

> Temos, pois, aí (...) a matriz da seguinte questão: dado que o *lógos,* porque diz a verdade, é capaz de produzir espontaneamente e como que automaticamente efeitos sobre a alma, como se explica que ela não produza indefinidamente, na própria passividade da atenção, efeitos positivos? Pois bem, é porque a atenção está mal dirigida. É porque ela não está dirigida para o bom objeto ou alvo. Donde a necessidade de uma certa arte, ou em todo caso, uma certa técnica, uma certa maneira conveniente de se escutar (FOUCAULT, 2006, P. 406)

As dificuldades para refletir sobre os efeitos da ambiguidade da audição levam Foucault a Epitecto (*Colóquio* II,23), que *amplia* essa ambiguidade para o próprio campo do *logikós* – ou seja: mesmo no campo da audição entendida como atividade, ou no «recolhimento do *lógos* (palavra de verdade)» ela não escapa dos riscos do equívoco. A palavra de verdade (*lógos)* não pode ser apresentada em «estado nu»:

> «É por meio da palavra e do ensino (*dià lógou kai paradóseos)* que se deve avançar no sentido da perfeição». É portanto necessário escutar, escutar o *lógos* e receber a *parádosis*, que é o ensino, a palavra transmitida. (FOUCAULT, 2006, p. 407)

Mas isso exigirá um modo adequado de dizer, uma retórica o cuidado «na fineza dos termos», na variação semântica, o que o autor irá denominar de *léxis* (a maneira de dizer). Contudo, não estaríamos aqui caindo novamente na armadilha da teia dos significados? Na medida em que o ouvinte poderia dirigir sua atenção muito mais para os elementos linguísticos ou representacionais da coisa dita, e não mais para a própria coisa, e retornando ao equívoco de tomar o discurso de segunda ordem como substituto da própria coisa? Por isso**,**

> Quer tomemos o aspecto do patético, quer do *logikós,* de qualquer maneira a audição está sempre submetida a erro. Está sempre submetida a contrassensos, a faltas de atenção" (FOUCAULT, 2006, p. 408)

Epitecto irá pensar a escuta por analogia à fala: para o discurso, é necessária uma técnica (*tekhné*) visando o falar útil e distinguindo-se da fala inútil, e é a partir do domínio dessa *tékné* nos orientamos para um discurso não nocivo. Ora, não se poderia no que se refere à audição, também falar de uma escuta proveitosa? Mas teríamos, no que se refere à escuta, uma técnica própria, uma arte? No caso da *escuta*, em lugar de uma arte (técnica), talvez o mais adequado fosse dizer uma *empeiria*: uma *experiência* que dá lugar a uma *habilidade adquirida*, somada à uma *aplicação*, ou prática assídua (*tribé*). Mas importa observar que

> a escuta não pode ser definida como *tékhne,* porquanto com ela estamos no primeiro estágio da ascese. Na escuta, começamos a ter contato com a verdade. E como então poderia a escuta ser uma *tékhne,* se a *tékhne* supõe um conhecimento, conhecimento que só podemos adquirir pela escuta? Consequentemente, o que poderíamos chamar – mas banalizando a palavra – uma "arte da escuta" não pode ser uma "arte" no sentido estrito. Ela é experiência, competência, habilidade, uma certa maneira de se familiarizar com as exigências da escuta. *Empeiria e tribé*, não ainda *tékhne.* Há uma *tékhne* para falar, não há *tékhne* para escutar" (FOUCAULT, 2006, p. 409)

Embora, nesse contexto, a noção de audição tenha se dedicado muito mais à relação com o *êthos*, orientada para o discurso (acesso ao *lógos*), visando o preparo desse sujeito para lidar no mundo, penso que um retorno ao fenômeno sonoro possa nos ajudar a pensar o modo como lidamos com outras formas de habitar o mundo. O que nos é apresentado como *audição* pela cultura não se refere apenas ao fato biológico de um sujeito capaz da sensibilidade sonora, mas, muito mais do que isso, ao fato de ele estar necessariamente circunscrito numa cultura, sendo formado, instituído e envolto num mundo de ruídos e sons que antecipam valores estéticos que se convertem dobram em valores éticos¼ nesse sentido, Gerd Bornheim tem razão quando diz que

> o homem é consubstancialmente culto, porque é necessariamente mundano, ou seja, formado pelo mundo no qual vive; mesmo sem ter recebido uma iniciação especificamente musical, todo homem tem «educação» musical já que recebe a música dentro de certos padrões culturalmente estabelecidos no evolver da história e aos quais não se poderia furtar. (BORHEIM, 2001, p. 137-138)

A não aceitação de uma linguagem musical pode significar a rejeição de um mundo de valores simbólicos, de significados¼ em suma, rejeição a modos de vida. Um bom exemplo pode ser aqui mencionado: Pierre Boulez, em sua famosa obra *A música de hoje*, que muito inspirou o próprio Foucault, nos diz:

> É certo que a hierarquia, na qual viveu o Ocidente até agora, praticamente exclui o ruído de seus conceitos formais; a utilização que dele se faz depende naturalmente de um desejo de ilustração "para-musical", descritiva. Não vejamos aí uma coincidência ou uma simples questão de gosto: a música do Ocidente recusou, durante muito tempo, o ruído porque sua hierarquia repousava no princípio de identidade das relações sonoras *transponíveis* para todos os graus de uma escala dada; sendo o ruído um fenômeno não diretamente redutível a um outro ruído, é, pois, rejeitado como contraditório ao sistema (BOULEZ, 2017, p. 40-41).

Concebida como linguagem e, como tal, composta por símbolos, regras e entonações, a música talvez possa ser igualmente entendida em suas limitações formais, mas também nas inúmeras possibilidades de variações linguísticas, sotaques e pela plasticidade, pela constante criação, na medida em que entendemos a língua como língua viva. As noções de «ruído», «barulho», «sons desconexos», qualificam negativamente, em muitos momentos, aquilo que simplesmente escapa aos princípios de regras estabelecidos hierarquicamente como música, nos limitando a compreensão dos variados modos de habitar o mundo.

Nas palavras de José Miguel Wisnik, por não nos abrirmos à audição de um outro mundo – para outras melodias, ritmos, enfim, vozes, silêncios, barulhos, acordes, nos privamos da compreensão do «som dos anjos, dos astros, dos deuses, dos demônios; música dos homens, das musas, das máquinas» (WISNIK, 2011, p. 9). Nos privamos de

> apenas aproximar daquele limiar em que a música fala ao mesmo tempo ao horizonte da sociedade e ao vértice subjetivo de cada um, sem deixar reduzir às outras linguagens. Esse limiar está fora e dentro da história. (WISNIK, 2011, p. 13)

Mas como seria pensar esses sons? Eles, que nos causam estranhamento e equívocos – por exemplo, ao classificar preces como música, ou na exigência de estruturas rítmicas, ou melódicas de forma determinada e que pudesse definir uma forma musical padronizada. Os ruídos que nos incomodam e que, no entanto, compõem uma certa ecologia sonora, nos levam a pensar novamente com Wisnik numa *antropologia do som*.

Uma antropologia do som – o processo formativo pela sonoridade

> *Para fazer música, as culturas precisam selecionar alguns sons entre outros (...) alguns sons são sacrificados, isto é, jogados para a grande reserva dos ruídos, em favor de outros que despontarão como sons musicais doadores de ordem*. (WISNIK, 1989, p. 54)

Como dissemos anteriormente, é fundamental pensar a audição para além dos aspectos fisiológicos, que permitem a explicação causal do simples ouvir um som. Não se trata apenas de entender o som como onda, a vibração dos corpos e que essa vibração atinge a atmosfera, como uma propagação de ondas captadas pelos nossos ouvidos e sendo interpretada pelo cérebro, conferindo-lhes, finalmente, configurações e sentidos. Mais do que isso, o acesso ao âmbito sonoro a essa realidade se dá pela percepção e, assim, ouvimos este ou aquele som tal como vemos uma cor ou como saboreamos uma fruta.

Resta saber em que consiste um tal movimento perceptivo e como habitamos esse âmbito sonoro: afinal, compreender o processo perceptivo pelo esquema sujeito-objeto seria limitar toda a complexidade dessa relação aos limites de uma epistemologia. Podemos, assim, aqui concordar com Gerd Bornheim:

> privilégio excessivo à linguagem abstrata, ao pensamento analítico – o que de resto está de acordo com a melhor tradição metafísica ocidental: a superioridade da *ratio*, do *logos, e* a consequentemente inferioridade de tudo que se prende à estesia, ao sensível. (BORHEIM, 2001, P. 137-138)

Esse esforço se justifica pela evidência da limitação de um cientificismo que ainda que explicasse causalmente a relação, certamente não evitaria a "zona cinza" dessa relação, afinal, seria mais do que conhecer um algo estranho e posto diante de mim como uma espécie de objeto. O desafio se coloca na medida em que se busca uma compreensão nos moldes de uma *conaturalidade* entre o som e o ato perceptivo, não é algo "fora" que se prestaria a uma análise, analogia, comparação ou que se deixa explicar por uma relação causal. E aqui parece oportuno lembrar as palavras de Hans Ulrich Gumbrecht:

> Ao dizer que qualquer contato humano com as coisas do mundo contém um componente de sentido e um componente de presença, e que a situação da experiência estética é específica, na medida em que nos permite viver esses dois componentes em sua tensão, não pretendo sugerir que o peso relativo dos dois componentes é sempre igual. (...) A dimensão de sentido será sempre predominante quando lemos um texto (...) inversamente, acredito que a dimensão da presença predominará sempre que ouvirmos música. (...) Mas penso que a experiência estética – pelo menos em nossa cultura – sempre nos confrontará com a tensão, ou a oscilação, entre presença e sentido. (GUMBRECHT, 2010, p. 139)

Como escapar do peso metafísico que nos modela numa perspectiva dualista de formação? O fato é que essa luta não é simples e, por conseguinte, ainda está muito longe de ser superada. O empreendimento cartesiano propiciou uma série de análises de tal forma esquizofrênicas que reduziu a tarefa da investigação filosófica à determinação do que seja o objeto ou o mundo, a partir de representações do sujeito. A cisão entre sujeito cognoscente e realidade conduziu ao que Merleau-Ponty denominou de «estrabismo da ontologia ocidental».[3] A dicotomia entre sujeito e objeto inaugurou o equívoco de compreensão da relação entre consciência e mundo apresentando duas vertentes. Por um lado, como dissemos, reduz as relações de mundanidade a meras ideias ou conceitos de mundo – o que Merleau-Ponty chamará de pensamento de sobrevoo. A perspectiva subjetivista conduz-nos a um idealismo, transformando o que há de real em sombras, ou nas ideias constituídas pelo sujeito.

Sem dúvida, o tema da corporeidade anunciada por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* nos ajuda a retomar um outro entendimento da constituição do sujeito no mundo, ao lidar com o som, ruído e o silêncio, como formas de comunicação que devem levar o corpo em consideração, de modo a se aproximar dos significados que os atores atribuem às suas práticas culturais e aos seus modos de vida. O corpo é o meio que se impõe e legitima os fenômenos sensíveis e como parte do mundo é o que permite que o som impacte os homens, porque o próprio corpo é, ele mesmo, sonoridade.

O esforço para compreender o sentido da *audição* em Foucault me parece desafiador, mas, ao mesmo tempo, necessário para um entendimento mais amplo do sujeito no mundo. O privilégio da fala, o prazer de falar em detrimento da escuta, parece ser, ainda hoje, um hábito a ser reconsiderado. O que antes já produzia prejuízos à possibilidade da democracia se manifesta, nos dias atuais, como uma agenda a ser urgentemente enfrentada. O estabelecimento de uma escuta plural – e podemos ampliar ainda mais a esfera dessa terminologia a partir daquilo que, na *Hermenêutica do sujeito*, Michel Foucault denominou "disponibilidade de escuta" e "flexibilidade da audição" – parece ser indispensável, em tempos em que a violência sobre os corpos se anuncia como prática de recusa do jogo dialógico de fala e escuta, como rejeição de qualquer possibilidade de abertura a outros modos de vida.

Referências bibliográficas

BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOULEZ, Pierre. **A música hoje.** Trad. Reginaldo de Carvalho e Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CASTORIADIS**,** Cornelius**. Instituição Imaginária da sociedade**.5. ed. Trad. Guy Reynaud; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. *In:* DREYFUS, H. RABINOW, P. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, Michel. **L' Herméneutique du sujet. Cours au Collège de France (1981-1982).** Hautes Études. EHESS, Gallimmard- seuil, 2001.

3. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible.* Paris: Gallimard, 1964, p. 219.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso no Collège de France (1981-1982). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUMBRECHT, Hans. **Produção de Presença**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le visible et l'invisible.** Paris: Gallimard, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido:** uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Translating the more-than-human: an ecosemiotic approach to animal activism as translation

Xany Jansen van Vuuren[1]

Introduction

Philosophers Jeff Sebo and Peter Singer have argued that animal activism is rife with arguments about which tactics are morally right and most effective (Sebo and Singer 2018). Similarly, Translation Studies scholar, Maria Tymoczko says that "activists cannot simply oppose or resist social and political constraints: they must also be able to initiate action, change direction, construct new goals, articulate new values, seek new paths" (Tymoczko 2010a, viii). In response to these statements, this paper is the first in a series of papers that aim to explore the taking of action at the intersection of animal activism and translation. In particular, it approaches translation activism from the recent ecological shift in Translation Studies, where it has been argued that engaging in the act of translation has allowed translators and activists to realise that "there have been and are other ways of seeing, interpreting, reacting to the world" (Cronin 2003, 70).

I will first introduce the framework of ecosemiotics after which I will provide introductory discussions on animal activism, followed by translational activism. After this I will attempt to bring activism and translation together within the framework of ecotranslation followed by a concise conclusion.

Ecosemiotics

Ecosemiotics has its roots in semiotics. It was introduced in 1998 by Winfried Nöth to describe the semiotics of human/more-than-human relationships, focusing on what meaning humans make of the natural world (Nöth 1998). Ecosemiotics sees humans as perceiving animals and the so-called 'natural world' in various ways and gathering different forms of meaning from a particular animal or a particular aspect of nature, which, in turn, is followed by "an action of representation, in which this perception is shaped, "packaged" and handed over to a receiver (virtual or actual, human or not)" (Martinelli 2010, 10). Conversely, ecosemiotics also sees more-than-human semiosis (meaning making) as equally important and, as such, ecosemiotics extends the "scope of a central concept of semiotics – the sign [...] – from human culture to other species and, [...] ecological systems" (Maran 2020, 1). It takes a holistic approach to understand how different organisms make sense of their environment and other organisms.

Within an ecosemiotic way of thinking, this paper, with its focus on translation and activism, takes for granted that meaning making (or the understanding of the other) is not merely a human activity. Rather, it allows for the understanding of the other (in this case, the animal) as a subjective (rather than objective) participant in its own lifeworld through understanding the more-than human *Umwelt*, and opens transla-

1. University of the Free State, Bloemfontein, South Africa jansenvanvuurenx@ufs.ac.za

tion up to more than human and more than linguistic (Marais 2019; 2021). In other words, very simply put, becoming aware, perhaps, of what *we* mean to *animals* at the same time as studying what *animals* mean to *us*. This can be done through understanding what the late biologist, Jakob von Uexküll termed human an animal Umwelten.

A rather literal translation of the word into English (which also captures the concept of the word) could be 'surrounding world', while a more adequate English translation for the word (rather than the concept) would probably be environment. However, an Umwelt, rather, refers to a subjective environment of a particular species. The premise of the Umwelt theory holds that all organisms experience the world based on their own species-specific modelling devices (which often starts with their available senses), thereby creating their own species-specific subjective experiential world through semiosis (meaning making). An Umwelt is, as Kalevi Kull summarises it, "the semiotic world of [an] organism [...], it all the semiotic processes of an organism into a whole" (Kull, 1998a). It is the subjective, meaningful, phenomenological world of any particular species of organism, in that animals are actively semiotically involved in (and creating) the environment in which they find themselves.

There is a lot of technicality surrounding the concept of the Umwelt, of which I won't go into too much detail due to space and time constraints (see Bains 2001; Deely 2014; Von Uexküll 2010; Kull 2010 for in-depth discussion on the concept). But in short it can be summarised in the following way: if we were to share a particular space (like a lecture hall) with a dog, a horse, a spider, a snake, and a cockatiel – all of us would have different perceptual realities of the space. The spider might not even know that we are here, unless we touch her web, the horse might not be able to see us unless we move, and so forth. In this way, understanding translation to include not only humans and not only language allows for us to redefine who we include in the translation process.

Animal advocacy and activism

Animal advocacy has a rich and long history, with the some of the first established societies to advocate for animals being established in the 19th century: the American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA) in 1866 in America (Beers 2006), and the Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (RSPCA) in the UK in 1824 ("Eurogroup for Animals," n.d.) . In South Africa, where I am from, the oldest animal advocacy organisation, the Cape of Good Hope Society for the Prevention of Cruelty to Animals dates back to 1872 (Cape of Good Hope SPCA, n.d.). Since then, animal advocacy has expanded into various branches and philosophies that includes "animal welfarists, protectionists, zoophilists, humanitarians, rightists, and, most recently, liberationists" (Beers 2006, 3).

Similarly, research into animal all forms of animal advocacy also has a long history, with some seminal works spanning more than 50 years. One of these is Peter Singer's 1975 "Animal Liberation" (Singer 1975), where he builds on the concept of 'speciesism' as coined by Richard Ryder (Ryder 1975) to argue that humans have an inherent bias toward their own species that ultimately goes against members of other species (Singer 1975). More recent works, such as Carol Adams' "Sexual Politics of Meat" (Adams 2010) take place

at the intersection of feminism and animal activism, culminating in what is now known as ecofeminism, exploring the interconnectedness of oppressions. Besides for these seminal works, academia has seen an increased interest in animal advocacy from various viewpoints and within various intersections within the recent Animal Turn (Ritvo 2007; Andersson Cederholm et al. 2014). These include research on moral emotions and animal activism (Herzog and Golden 2009), animal ethics and the media (Almiron, Cole, and Freeman 2015), visual art and activism (Cherry 2016), and even translation and animal advocacy (Cronin 2017; Jansen van Vuuren 2023), which is the focus of this paper.

While explorations into animal advocacy, and activism in particular, are wide and varied, it can probably be agreed that animal activists, as with other activists, "make it their responsibility and task to challenge and transform institutionalized morality" (Jacobsson and Lindblom 2016, 9). Animal activism, as Jacobsson and Lindblom expand, invites persons to extend beyond humanity into thinking about other species, and as such, "provide society with moral tests" (Ibid.). The agency of animal activists, then, extends into acting on behalf of other species. Animal advocates such as activists act on a moral grounding that they hold regarding the treatment of the more- than-human (Jasper and Nelkin 1992), and as a result often find themselves in a position where they challenge the moral norms of a particular society and "in their work for social change activists also come into conflict with existing social norms" (Jacobsson and Lindblom 2013, 56).

Activism and Translation

Translation and activism often connect translation and social movements. The focus here is either on the translator as activist, or the translator who translates activist material. Maria Tymoczko says that "[t]ranslation is seen as an ethical, political, and ideological activity, not simply as a mechanical linguistic transposition or a literary art" (Tymoczko 2010b, 3). As such, activism in translation has often been underpinned by sociological[2] and cultural turns in translation, with specific reference to feminist, power, ideological and postcolonial approaches to translation (Berman 2021; Venuti 2018; Tymoczko 2010b; Gould and Tahmasebian 2020; Wolf 2014). In particular, the 1990s showed deliberate calls for translators to become involved in cultural, power and ideological exchanges from their positionalities as intercultural mediators (Tymoczko 2010b). One way in which this became observable was the criticisms of the translators' so-called 'invisibility' by translation scholars such as Lawrence Venuti (Venuti 2018) and his calls for translators to become more visible and for translations be read and perceived as translations, rather than as original texts. According to Venuti, translators become invisible when they translate 'fluently' between languages, and when translated texts are produced in the target language in such a way that the reader is under the illusion that the translated text is the original text. This, Venuti argues, should be countered, and translators should become more visible through a process of foreignisation, which entails "choosing a foreign text and developing a translation method along the lines of which are excluded by dominant cultural values in the target language" (Venuti 2018,

2. The variety of topics that overlap with Translation Studies have naturally led researchers to explore translation beyond the transfer of meaning from one language to another. The cultural and sociological turns imply two of these significant shifts, where, with regard to the former "an enduring expansion of the frames of research and the elaboration of broader questions which enabled the inclusion of historical perspectives and contextual information in the discussion of translation procedures and translation as cultural products" (Wolf 2014, 9) took place. The sociological turn, on the other hand, refers to increased focus within Translation Studies on the agency of the translator as well as the social contexts and factors that influence the translation process.

242). The translators thereby make themselves more visible as well as the text that was in need of translation. In terms of activism, this means that a translator becomes a visible participant in ideological discourse and power relations through the process of translation. As we will see in the next section (translating the more-than-human) activist translators not only make themselves and the texts more visible, but also other agents in the translation process (such as animals).

Generally, similar to other forms of activism, an activist translation is seen as a form of activism in terms of the contributions it makes to a particular social or political context. Michaela Wolf speaks of a 'politically oriented habitus', borrowing the term from Bourdieu, where the "translator's intervention is shaped by a specific pattern of beliefs or convictions which follow a certain political program mostly connected with solidarity and social claim" (Wolf 2014, 18). Mona Baker (Baker 2010), similarly, argues that the aim of activist translation is to challenge power structures. She approaches activism from a narrative perspective and argues that power creates narratives, and these narratives need to change (and be changed by translators) in order for societal change to take place. In other words, and simply put, activist translators take sides. In this way, an activist translation has an impact on a particular society through mobilisation of certain people and/or affecting some form of change (Tymoczko 2000).

According to Tymoczko, activism, which is almost always politically engaged, is tied into the translator's agency, which is linked to the translator's ability to make decisions. The consequences of this is that choice in translation "inevitably involves values, ethics, responsibility" (Tymoczko 2010b, 8). The choices that translators make during the translation process serve to create "representations of their source text [...] that are also partial" (Tymoczko 2000, 24). This partiality, she argues, is what enables texts to participate in the dialogue of power, political discourse and social change

So-called traditional approaches to translational activism are firmly situated within language and human issues, but in the posthuman society, and more pertinently, in the Anthropocene, we should look at translational activism beyond language, beyond the linguistics and beyond the human to account for those who are hardly ever translated – who do not have the luxury of speaking in a language that might get translated. Recent conceptual shifts in translation studies are allowing for this to take place, which the subsequent section will discuss briefly.

Translating the more-than-human

As already stated, this paper is framed within an ecosemiotic conceptualization of translational processes and translators, the relevance of which lies in the ability of ecosemiotics to "transcend "Cartesian", conceptual dichotomies such as nature/culture, society/nature, mental/ material" (Hornborg 2001, 122). In this way it eclipses the conceptualisation of nature as purely material, and human society as purely communicative, and recognises these systems as integrated systems that are both material and communicative (and by extension translational). An ecosemiotic approach to translation allows for the analysis of respective translational processes as semiotic, communicative processes without the burden of dualism. And more importantly, it implies becoming aware of the Umwelten of all animal species.

What makes the Umwelt theory relevant for contemporary attempts at understanding translation with, and of, the more-than human other, is that it sees other species as subjective, non- anthropomorphized, non--anthropocentrised semiotic *others*. With this theory it is not necessary to in any way argue that animals are "just like humans", or that they have language, or that they are intelligent. They are subjective, experiential beings who, through the process of translation, we can argue, would not need to jump through hoops (both literally and figuratively) to be able to be recognized as deserving of better treatment in many circumstances.

The question to ask here is: how can this be done through translation?

Most recently, within the broader animal turn, translation is being approached as more-than- verbal, involving the more-than-human (Marais 2019; 2021; Petrilli 2016; Cronin 2017). In translation scholar, Kobus Marais' biosemiotic theory of translation, for instance, he argues that "advances in ecological and environmental thinking require of human animals, including translation-studies scholars, to rethink our relationship with nonhuman animals, which cannot be done as long as human animals consider themselves and their language to be unique in absolute terms" (Marais 2019, 121). Extending the act of translation to the non-human as well, will, in accordance with the purpose of translation – that of mediating difference – help with the understanding of the non-human other, he says (Marais 2021). His call for the expansion of translation to include animals has allowed for the opening up of translation studies to consider animals as not merely being translated, but to also be translators. The scholarly consequences of this are far reaching, not least of it being that the emphasis of animals in the conceptual space of translation studies shifts from that of objects to that of subjective participants.

Another novel way in which translation and activism of the more-than-human other has been explored in translation studies is through ecotranslation, defined by leading scholar in the field, Michael Cronin, as "all forms of translation thinking and practice that knowingly engage with the challenges of human induced environmental change" (Cronin 2017, 2). Similarly, Badenes and Coisson have argued that "at the heart of ecotranslation lies the idea that, if Western thought has traditionally produced grave consequences upon nature, should ecological ideas gain predominance, there should be a positive impact upon the environment" (Badenes and Coisson 2015, 360).

Although ecotranslation is a new focus in translation studies, several scholars have addressed the need for ecological approach to translation to renew the human relationship with the more-than- human in the Anthropocene. This includes work on interspecies translation (Jansen van Vuuren 2023), plasticity and the more-than-human (Shread 2023), and seminal work by Michael Cronin (Cronin 2017).

The purpose of ecotranslation is as much about translating the ecological space as it is to expand the role of translators (in terms of who can be regarded as translators – which in this case can be activists as well) and those who, and that which, gets translated; ultimately giving agency to both translators and translated (both human and more-than-human). Carolyn Shread adds to this argument by saying that "[t]he empowerment of human translators is [...] qualified by reckoning with vast forces of translation beyond humankind" (Shread 2023, 113). Furthermore, contained within the scope of ecotranslation is the notion of activism, since ecotranslation encapsulates ethical, ecological and sociocultural awareness from those involved in ecotrans-

lation. Building on a call for empowering translators, Shread affirms the restorative potential in practicing translation, by arguing that "[e]xpanding the category of translators and interpreters [...] and redistributing power amongst them as we learn to receive new forms of translation, the call to empower translators is, then, far more radical than it even thinks" (p, 114).

With regard to the human relationship with more-than-human animals, Cronin (2017) has argued that due to human exceptionalism (the idea that humans are radically different to the rest of the animal kingdom), humans have gradually been shifting animals out of centralised human awareness. What is needed, he says, is that animals need to be translated back into human thinking, which can be approached in three ways, namely: the rehabilitation of the animal subject, engaging difference, and cross species agency.

With the first, the rehabilitation of the animal subject, Cronin asks "when we look at [...] animal welfare we might ask where are the current 'mediators' who will organise a 'form of resistance' against the established anthropocentric order?" (p. 77). He says that one of the challenges of the Anthropocene is "the mobilisation of translation to construct a notion of animal subjectivity" (Ibid.). According to him (and other ecotranslation scholars cited above), interspecies communication and translation is a critical ecotranslational task.

With regard to the second, engaging difference, Cronin argues that anthropomorphism has removed animals' animality to such an extent that they have disappeared as true animals. He uses examples of Mickey Mouse, Peter Rabbit and Peppa Pig, where these cartoon characters have as many human characteristics as animal characteristics, and where, notably, their forms of communication have been replaced by human speech.

The third way in which animals can be translated back into human thinking is through emphasis on cross-species agency. Humans have made the world an unsafe space for animals, Cronin argues, and, in fact, the "ethical trace of the failure of communicative engagement with other species [...] goes far back into human time" (p. 83). Here the translation of animals out of human thinking is quite evident in the silencing of the suffering of animals used for food, for example. The ecotranslator's role is to re-translate animal suffering into understandable, meaningful, experiences by "opening the 'black box' not only of food production but of inter-species relatedness" (p. 85).

In all three of these forms of translation, the more-than-human Umwelt takes center stage. By translating the agency, experiences and subjectivity of animals, activists can, in line with the purpose of activism, mobilise communities and affect change.

Concluding: How can a translational approach assist animal activism

Within ecotranslation and ecosemiotics, Venuti's call for choosing a "foreign text and developing a translation method along the lines of which are excluded by dominant cultural values in the target language" (Venuti 2018, 242) can be expanded to not only the more-than-human, but also to those who do not necessarily regard themselves as translators (such as animal activists). Animal activists can be seen as ecotranslators

who choose the so-called *foreign text* (the plight of animals) and translate it into a target community regardless of the aforementioned dominant values ascribed to the target culture. From a translational perspective the question about activism has mostly centred around how translators can contribute to the disruption of various forms of power relations and ideology through translation of and within various forms of social movements. However, from an ecosemiotic and ecotranslational perspective (and by translating the more-than-human Umwelten), the question should include how these power relations and ideologies that affect the more-than-human can be addressed through various forms of ecological and interspecies interventions. As Cronin says, a "dimension to inter-species translation then is the ethical responsibility implicit in caring about and responding to the conditions of treatment of other large animal populations on the planet" (2017, 84).

References

Adams, Carol J. 2010. The Sexual Politics of Meat. New York & Hove: Continuum.

Almiron, Núria, Matthew Cole, and Carrie P. Freeman, eds. 2015. Critical Animal and Media Studies: Communication for Nonhuman Animal Advocacy. New York: Routledge. https://doi.org/10.4324/9781315731674.

Andersson Cederholm, Erika, Amelie Björck, Kristina Jennbert, and Ann-Sofie Lönngren (eds.). 2014. Exploring the Animal Turn: Human-Animal Relations in Science, Society and Culture. Lund: The Pufendorf Institute for Advanced Studies.

Badenes, Guillermo, and Josefina Coisson. 2015. "Ecotranslation: A Journey into the Wild Through the Road Less Travelled." European Scientific Journal 11 (10): 356–68.

Bains, Paul. 2001. "Umwelten." Semiotica 134 (1/4):137–67.

Baker, Mona. 2010. "Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community." In Translation, Resistance, Activism, edited by Maria Tymoczko, 23–41. Amherst: University of Massachusetts Press.

Beers, Diane L. 2006. For the Prevention of Cruelty: The History and Legacy of Animal Rights Activism in the United States. Athens: Ohio University Press.

Berman, Antoine. 2021. "Translation and the Trials of the Foreign." In The Translation Studies Reader, edited by Lawrence Venuti, 4th edition, 247–60. London: Routledge.

"Cape of Good Hope SPCA." n.d. SPCA. http://www.spca-ct.co.za/about.asp. Accessed February 10, 2024.

Cherry, Elizabeth. 2016. "'The Pig That Therefore I Am': Visual Art and Animal Activism." Humanity & Society 40 (1): 64–85. https://doi.org/10.1177/0160597615586620.

Cronin, Michael. 2003. Translation and Globalization. London: Routledge.

———. 2017. Eco-Translation: Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene. Oxon & New York: Routledge.

Deely, John. 2014. "Semiotic Entanglement: The Concepts of Environment, Umwelt, and Lebenswelt in Semiotic Perspective." Semiotica 199:7–42.

"Eurogroup for Animals." n.d. https://www.eurogroupforanimals.org. Accessed February 10, 2024.

Gould, Rebecca Ruth, and Kayvan Tahmasebian, eds. 2020. "Introduction: Translation and Activism in the Time of Now." In The Routledge Handbook of Translation and Activism, 1st ed. Routledge Handbooks in Translation and Interpreting Studies. New York: Taylor and Francis.

Herzog, H.A, and LL Golden. 2009. "Moral Emotions and Social Activism: The Case of Animal Rights." Journal of Social Issues 65 (3): 485–98.

Hornborg, Alf. 2001. "Vital Signs: An Ecosemiotic Perspective on the Human Ecology of Amazonia." Sign Systems Studies 29 (1).

Jacobsson, Kerstin, and Jonas Lindblom. 2013. "Emotion Work in Animal Rights Activism: A Moral-Sociological Perspective." Acta Sociologica 56 (1): 55–68. https://doi.org/10.1177/0001699312466180.

———. 2016. Animal Rights Activism: A Moral-Sociological Perspective on Social Movements. Protest and Social Movements 10. Amsterdam: Amsterdam University press.

Jansen van Vuuren, Xany. 2023. "Translation between Non-Humans and Humans." In Translation beyond Translation Studies, edited by Kobus Marais, 219–30. London: Bloomsbury.

Jasper, James M, and Dorothy Nelkin. 1992. The Animal Rights Crusade: The Growth of a Moral Protest. New York: The Free Press.

Kull, Kalevi. 2010. "Umwelt and Modelling." In The Routledge Companion to Semiotics, edited by Paul Cobley, 43–56. New York: Routledge.

Marais, Kobus. 2019. A (Bio)Semiotic Theory of Translation: The Emergence of Social Cultural Reality. New York: Routledge.

———. 2021. "Tom, Dick and Harry as Well as Fido and Puss in Boots Are Translators: The Implications of Biosemiotics for Translation Studies." In Translating Asymmetry - Rewriting Power, edited by Ovidi Carbonell i Cortés and Esther Monzó-Nebot, 101–21. Benjamins Translation Library. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Maran, Timo. 2020. Ecosemiotics: The Study of Signs in Changing Ecologies. Cambridge, New York, Port Melbourne, New Delhi: Cambridge University Press.

Martinelli, Dario. 2010. A Critical Companion to Zoosemiotics: People, Paths, Ideas. Dordrecht: Springer.

Nöth, Winfried. 1998. "Ecosemiotics." Sign Systems Studies 26:332–43. Petrilli, Susan. 2016. "Translation Everywhere." Signata 7:23–56.

Ritvo, Harriet. 2007. "On the Animal Turn." Daedalus 136 (4): 118–22.

Ryder, Richard. 1975. Victims of Science: The Use of Animals in Research. London: Davis- Poynter.

Sebo, Jeff, and Peter Singer. 2018. "Activism." In Critical Terms for Animal Studies, 33–46. Chicago: University of Chicago Press.

Shread, Carolyn. 2023. "Ecological Approaches." In The Routledge Handbook of Translation Theory and Concepts, by Kobus Marais and Reine Meylaerts, 1st ed., 113–25. London: Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003161448-9.

Singer, Peter. 1975. Animal Liberation: A New Ethics for Our Treatment of Animals. 1st ed. New York: New York Review.

Tymoczko, Maria. 2000. "Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts." The Translator 6 (1): 23–47.

———. 2010a. "Foreword." In Translation, Resistance, Activism, vii–ix. Amherst: University of Massachusetts Press.

———. 2010b. "Translation, Resistance, Activism: An Overview." In Translation, Resistance, Activism, 1–22. Amherst: University of Massachusetts Press.

Venuti, Lawrence. 2018. The Translator's Invisibility: A History of Translation. London: Routledge.

Von Uexküll, Jakob. 2010. A Foray into the Worlds of Animals and Humans, with a Theory of Meaning. Minneapolis & London: University of Minnesota Press.

Wolf, Michaela. 2014. "The Sociology of Translation and Its 'Activist' Turn." In The Sociological Turn In Translation and Interpreting Studies, edited by Claudia V. Angelelli, 7–21. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Narratives Of Working-Class Lives Across the North-South Divide: A Discussion Guided by Original Photography and Ethnographic Video Interviews

Jelena Gligorijević[1],
Tamara Kolarić[2]

Introduction

This project aims to address big political questions such as the hierarchies of place and related social inequalities, the concept of class in the contemporary neoliberal economy, the imminent crises and futures of the world and humanity at large. It will do so using ethnographic video material from two in-depth interviews with two natives from across Europe, one from a west-northern EU country (Ireland) and the other from a south-eastern non-EU country (Serbia). Specifically, the following lecture-discussion will be divided into three parts, each dedicated to one debate topic: (1) the North-South divide, (2) concepts of class and class solidarity today, and (3) imaginaries of the present and the future. Note that the medium of photography will be used primarily for the introductory considerations in which we present our case studies.

Few words about the countries of our choice are in order.

On Ireland: Historically a long-held British colony, Ireland has been independent since 1922 and has operated as a representative democracy, for a long time as a largely two-party system (with two center-right parties), with one, Fianna Fáil, governing most of the time and the other, Fine Gael, holding power for brief periods with small coalition partners. The country has since moved towards more coalition governments and the party system has expanded somewhat. The country has also undergone a significant transformation in the 1990s, with modernization (following Ireland's EEC membership in 1973), cultural changes (such as a significant reduction in the influence of the Catholic Church and the rise of progressive values), a significant increase in population numbers due primarily to immigration[3], and strong economic growth (once known as the "Celtic Tiger" and driven by a strong shift towards the service industry, as well as exhibiting some elements of a tax haven for foreign companies). However, this has also meant a significant increase in income and wealth inequality; the country has also been experiencing the most severe housing crisis, not unrelated to government policies. In 2008, Ireland was one of the European countries hardest hit by the financial crisis and subsequent austerity measures. However, unlike Spain or Greece, it has not seen significant success for left-wing parties as a result (although there have been some public protests and the radical left populist People Before Profit, founded in 2005, has had some electoral success since). The left-wing tradition in Ireland, while consistent since pre-independence, has been largely fragmented, with the exception of one party, Sinn Féin,

1. Music and Minorities Research Center, Vienna.

2. Dublin City University

3. According to the last population census in 2022 (presented by the Central Statistics Office), 12% of the Irish population were citizens of other countries, and this number has since risen to an estimated 15.5% in 2024 (out of a total population of 5.38 million). The current year has also seen the fastest population growth since 2008.

which has been contesting elections since the 1980s and has grown since then. Interestingly, however, despite seemingly optimal conditions, Ireland has not had a significant right-wing populist party either – most plausibly explained by the left-wing Sinn Féin paradoxically absorbing the culturally right-wing electorate (see O'Malley, 2008) – but has recently (since the pandemic) seen a rise in anti-immigrant, populist protests that have crystallized into several political options with an uncertain future in the upcoming November 2024 elections.

On Serbia: As someone born in 1978 in ex-Yugoslavia, I have lived in **5 different countries**: 1) SFRY (Socialist Federal Republic of Yugoslavia, consisting of 6 republics: Slovenia, Croatia, Bosnia and Herzegovina, Montenegro, Macedonia, and Serbia with two autonomous provinces, Vojvodina and Kosovo), 1945–1991; 2) FRY (Federal Republic of Yugoslavia, consisting of Serbia and Montenegro), 1992–2003, when it was reconstituted as 3) State Union of Serbia and Montenegro, 2003–2006; 4) Republic of Serbia, 2007–2008; and 5) Serbia without Kosovo (declared independence in February 2008), since 2008. Within this time frame, **4 main historical-political periods** should be distinguished: 1) the socialist era – largely remembered as a period of prosperity, modernization, peace and stability (especially during the 1960s and 1970s); 2) the Milošević era (the 1990s) – a period of suspended normality characterized by militant nationalism, a series of wars (in Croatia, Bosnia, Kosovo, the 1999 NATO bombing), refugee flows, massive migrations, international sanctions, hyperinflation, poverty and the total collapse of the country; 3) the post-Milošević era, the beginning of which was marked by a mass demonstration in Belgrade on October 5th (also called the "October 2000 Revolution") against the election fraud shortly before Milošević's fall (2000–2012) – a period of recovery and democratic transition; and 4) the Vučić era (since 2012) – a period of authoritarian and populist rule, kleptocracy, mafia state and media capture. Serbian poet, literary critic, essayist and publisher Gojko Božović succinctly described the poor state of Serbia today during his recent TV appearance on the iconic Serbian political talk show *Utisak nedelje* [An Impression of the Week] (October 8, 2024). To paraphrase him:

> Neither Serbia nor Belgrade look like themselves anymore. We can see this on several levels. In terms of architectural and urban planning, it is a glittering collection of Potemkin villages. In the political sense, it is the restoration of the authoritarian order; the destruction of democratic institutions, political parties as organized groups with clearly profiled programs and ideologies, and politics as a profession in general; the expulsion of critical thinking from public life; the radical polarization of society (along political-ideological lines such as left-right, East-West, modern-traditional, national-cosmopolitan) and the fragmentation of political life (through a focus on localized political issues). In the social sense, there is "the rise of the insignificant" to prominent positions, the production of helplessness and apathy as the basic feeling of the wider population, the imposition of cunning as the basic model of social functioning, and the total collapse of the moral value system. This is the first regime after the ex-Yugoslav one that managed to form its SNS [Serbian Progressive Party] bourgeoisie, which was created not on the basis of knowledge, vocation, qualities and merits, but on the basis of flaws and willingness to serve the master. The taste of this new class, which wants to fundamentally change the cultural history of the capital and the country, is embodied in the new design of our cities.

The social profile of our interviewees is as follows:

Irish interviewee (JS) is 51 years old and identifies (strongly) as a white male, as well as Irish. He has an Irish Advanced Certificate education (NFQ 6/NFQ 5); he mentions having started but has not completed

his Bachelor's degree. He started working at the age of 21, has had several mostly menial jobs, and is currently working as a Heavy Goods Vehicle driver, a job he has mostly done for the last 25 years, assisting drivers with problems on the road. He takes pride in his work, which he describes as a "moderately skilled job", and gets "a bit of satisfaction from helping other people".

Serbian interviewee (NM) is a nearly 53-year-old white man, a journalist, radio host and DJ by profession, currently working as an entrepreneur – owner and author of a Serbian portal documenting cultural events and phenomena in the capital. In the past, he identified himself as a citizen of the world, now only as a Serb, not because he is a nationalist (on the contrary, he recognizes ideological and cultural affinities across borders with people all over the world), but because historical contingency (he just happens to be there) and the grim political situation in the country and the world force him to belong somewhere. The best frame of reference for this is identification at the level of the country, because Serbia is a widely accepted historical fact and political subject, while the suburb (Borča) and the city (Belgrade) where he lives have become too alien for him to incorporate them into his identity structure.

Debate Topic 1: North vs. South

Excerpt 1: NM on the hierarchization of the world using the example of the opening ceremony of the Paris 2024 Olympic Games, on the position of Serbia within Europe, and on the rejection of Orientalist and Occidentalist stereotypes associated with both (West) Europe and Serbia.

Both of our interviewees are fully cognizant of the status of their respective countries within the current world order. Their perceptions of Ireland (as "a rich first-world country, but still fifth-world in some aspects", such as the health care system and poorly managed public transportation) and Serbia (as "a second-class nation" compared to the West) correspond well with the available classifications of these countries from the Cold War political discourse (the distinction between First, Second, Third and Fourth World), the MSCI[4] market classification (the distinction between a *developed*, *emerging*, *frontier* and *standalone market*), and the UN Human Development Reports (the distinction between *very high*, *high*, *medium*, and *low human development countries*). By all of the above criteria, Ireland is indeed considered a first-world nation with a developed market and a very high Human Development Index [HDI][5], while Serbia is considered a second-or third-world country (depending on the interpretation)[6] with a frontier market[7] and, perhaps surprisingly, a very high HDI[8].

4. Morgan Stanley Capital International (MSCI) is a leading U.S. financial firm that provides critical decision support tools and services to the global investment community.

5. "The index considers the health, education, income and living conditions in a given country to provide a measure of human development which is comparable between countries and over time" (Banton 2024).

6. By its affiliation to the Eastern Bloc it is a Second World country; by its affiliation to the Non-Alignment Movement it is a Third World country.

7. In terms of a market's economic development, accessibility and investability, frontier markets have modest or low economic indicators (see https://www.msci.com/our-solutions/indexes/market-classification).

8. According to the Human Development Report 2023–24, European countries ranked from 1 to 69 were assigned a "very high" HDI in 2022, with Ireland ranked 7th and Serbia 65th on the list.

With these preliminary descriptions and classificatory remarks in mind, we ask the following:

- Is the North-South divide real? What categories/metrics/criteria do you use to think about the hierarchies of places across different spatial scales (from local to global)? Is it easier to be poor in the North or in the South?

In his insightful book "The Divide: A Brief Guide to Global Inequality and its Solutions" (2017), Jason Hickel provides hard evidence that the North-South divide is very real. Using a variety of data sources and statistical models, he argues that the income gap between the rich countries of Europe and North America (together with Australia, New Zealand and Japan) and the poor countries of Africa, Asia and South America has roughly tripled since 1960[9]. Global poverty and growing inequality are part and parcel of the global economic system, which since the onset of colonization has been designed to serve the interests of the richest and most powerful nations. Developing countries continue to keep the rich countries afloat by exporting cheap raw materials and labor and importing Western manufactured goods. This neo-colonial relationship is maintained by the existing trade rules, which are shaped by a majority vote of the U.S., the G8 and a few other rich countries in global financial institutions such as the World Bank and the International Monetary Fund. What we are dealing with here, then, is a kind of global apartheid in the system of global economic governance.

At another level, growing inequalities extend beyond the North-South divide to include socioeconomic divisions within individual countries. Political economist, writer, activist and politician Yanis Varoufakis (2017) goes so far as to describe the current situation as a "class war" waged since the late 1970s by "a North-South alliance of oligarchs against everyone else"[10]. Indeed, in the current global economic system, the richest 1% determine what the rest of the world's population should produce and for whose benefit. By following the capitalist imperatives of perpetual growth and profit maximization, the system continues to engage in perverse forms of production: instead of investing in renewable energy technologies and sources, capital chooses to invest in highly profitable fossil fuels and highly polluting activities; instead of overcoming severe social crises, both in the periphery (where people suffer unnecessary deprivation) and in the core[11], capital chooses to exacerbate them. In this way, the 99% of the world's population remain hostage to this insane logic of capital accumulation (Hickel 2024).

Debate Topic 2: Conceptions of Class and Class Solidarity Today

Excerpt 2: JS's definition of the working class.

---

9. According to Hickel (2017), the total flow of money from North to South is ca. $2 trillion (including remittances and development aid), while the total flow of money from South to North (not only in the form of raw materials and cheap labor, but also in the form of payment of fees for patent licenses and interest on foreign debt) is ca. $5 trillion. In other words, since 1960, the Global South has lost $152 trillion in unequal exchange with the Global North (Sullivan 2021).

10. For more details on the economic changes in the early 1980s that paved the way for U.S. hegemony and the flawed foundations of the global economic system that benefits the oligarchy and harms the working class across the North- South divide, see Varoufakis 2020.

11. For example, half of US citizens lack access to adequate health care; 25% of Americans live in substandard housing; 100 million people in Europe live in extraordinary economic insecurity.

Two questions stand out when discussing class: what are the social classes today, and do individuals feel class solidarity – and if not, why not? Our interviewees offer complicated, insightful answers to both questions. On the one hand, they struggle to clearly situate themselves: while both recognize —and JS explicitly— the working class as those who derive their primary source of income from offering their labor on the market, rather than from interest, rent, or dividends (capital ownership), they find it difficult to place themselves in one class category, instead shifting between working and middle class. JM shifts between labor as an income source (working class), consumption (middle class) and others' perception of him as "lower ... in the food chain (status)" (working class through identification by others) as class markers; NM between self-perception as low-paid (working class) and both a conventional Marxist (both renting property, i.e. capital, to others and being self-employed) and Bourdieusian[12] (cultural capital) markers of the middle class. For the latter in particular, class is also contextual – middle-class status in Serbia would hardly be comparable in terms of income to the same status in Ireland or any other European country — which taps into one potential reason for the lack of global class solidarity: the lack of basic similarity and recognizability of class members across borders; yet the Third World comparison also seems false, because the income gap persists in the opposite direction.

The complexity of identifying one's own class — something that is objectively an issue in an era of stratified, often precarious work — does not, however, fully explain the lack of class solidarity; the other dimension is the perception of society at large. NM perceives Serbian society as lacking social cohesion and social solidarity, emphasizing that there is instead a radical desire to see the "other" fail. JS feels little solidarity with other workers, even though he recognizes them as workers. This is true of both domestic workers (e.g., teachers, who appear privileged and "lazy" to him) and foreign workers. Stereotypes associated with the individual cases observed in both groups seem to prevent solidarity: teachers are all about "time off"; foreign workers do not just want "any job... they want a good job" – implying also a difference in the level of hard work others are willing to put in (emphasizing his own work ethic in contrast), with foreign workers also being blamed for lowering wages in the long term (while lacking qualifications for the jobs they do). People in seemingly similar position (which could be described as class positions) thus appear not as comrades, but as "less than". Finally, they are often perceived through identity dimensions other than class: sexual/gender identity or nationality, for example, as abstract categories, are perceived as more politically salient than possible class membership, despite the fact that on an individual level JS accepts difference.

Questions for further discussion:

Is the concept of class still a relevant dimension of identity for individuals, and if so, why is it so unsuccessful as a category of mobilization?

Debate Topic 3: Looming Crises and Future Prospects of the World

Excerpts 3: NM on the Serbs being their own worst enemy, on neo-colonial relations with the West, on populism and idiocracy as ubiquitous global phenomena, and on the permanence of crisis, people's resilience and a Star Trek utopia.

12. For the breakdown of Bourdieu's forms of capital and the class differences this generates, see e.g. Riley, 2017.

Excerpts 4: Mix of what JS says about his fears, which are very much in line with conservative thinking (structural problems: industry and globalization, threat of AI), mostly fueled by right-wing populism (racism, Islamophobia, anti-LGBTQ+ and anti-EU sentiment, loss of national sovereignty and identity, conspiracy theories).

What is implied by these two excerpts is the following:

Neither interviewee believes that change is likely to come through the system of political representation. At first glance, their positions seem similar: both oppose representative elites because they lack integrity and do not have the people's best interests at heart. Yet their contexts reveal a difference: NM rejects the political elites (which for him are not elites at all, because elites, he notes, should also imply knowledge, which Serbia's ruling class lacks), speaking from a context often described in the academic literature as populist and competitive authoritarian[13]. In contrast, speaking from a democratic environment, JS criticizes the electoral process, the inefficiency ("The political class is completely useless.") and inauthenticity of elites, and adopts elements of the typ- ical populist narrative that sees the world as divided between the "good people" and the "bad elites" – although it is not clear who constitutes the "people" in this context: the Irish people as a general idea features prominently, and certain groups, e.g., farmers, are seen as being punished by (European) elites; but in practice, what might normally be identified as other "ordinary people" (e.g., teachers; see above) are also described in derogatory terms. His overall narrative partly fits Mudde's (2009) understanding of the populist radical right: seeing the world in the black-and-white division (with the elites being primarily European, but also domestic elites who give citizenship for votes and are hence implicated) and demonstrating some xenophobia through the idea of foreigners replacing the Irish. He also shows resistance to progressive values that are a typical driver of support for the populist right (e.g., he is frustrated with the Pride celebration, whose participants are seen as both lax and imposing something that should be kept private; trans identity as anti-natural; globalization/free movement as destroying the indigenous, etc.). And there are signs of nostalgia for a mythical better time: not economically, but culturally, for a country that was once distinctly Irish and can no longer be so because of immigration and European influence.

- The Other (Blacks, Muslims, foreigners, LGBTQ+ people) is at least partly to blame for the breakdown of the system, for example by "cheating" the system (e.g., for JS, Black citizenship recipients are spongers on the system; there is no recognition of discrimination as a factor, even when prompted) or by destroying social cohesion (e.g., foreigners don't say hello on the street)

- Humans are resilient (they will survive the inevitable catastrophe) but too corrupt as a species to change society for the better

- The possibility of social organization on a national, let alone transnational, level is beyond the horizon of thinking

We would like to discuss with congress participants how they feel about these statements and reflect with them on the sources of contemporary social anxieties, conspiracy theories, and general distrust and dis-

13. For the concept of competitive authoritarianism, see Levitsky and Way 2002; for Serbia specifically, see Bieber 2018.

illusionment with the current system. For our part, we offer several possible answers to these questions, using some of the theories from both academic and activist discourses.

To begin with, people's disenchantment with the current political system can be explained by Slavoj Žižek's theory of "cynical reason" as a dominant form of capitalist liberal-democratic ideology. Combining Marxist and psychoanalytic theories, Žižek describes "cynical reason" as the "paradox of an enlightened false consciousness". This means that individuals today are well aware of the corrupting elements and particularistic interests behind official political acts, but still do nothing to renounce them. This is where ideology works in its purest form, "[encouraging] individuals to be as dismissive as they desire precisely so that they find their conformity bearable as something depersonalized, disowned, and thereby held at arm's length" (Johnston 2004: 266). A psychoanalytic device that makes this possible is called "fetishism" and is interpreted here as a structural feature of social reality, a coping mechanism, and thus a universal pathological feature of the human condition. If the fetish object – which in the context of contemporary society translates into people's salaries, technological gadgets, or popular cultural choices – were taken away from the fetishists, their cynical veneer of pragmatic resignation and pessimistic realism would instantly shatter.

From a radical leftist perspective, the main source of popular discontent today lies in the incapacity of mainstream political elites, especially social democrats, to ignore widening class divisions and instead focus on class-blind identity politics. Austerity measures, the housing crisis, stagnating wages and the further dismantling of social support systems only give wings to the rise of populist and authoritarian right-wing forces (Varoufakis 2020). A new international economic order must be established to counteract these negative social trends (*Progressive International*, 2024, Varoufakis 2021). For example, Jason Hickel (2017) proposes five solutions to global inequality: 1) the democratization of global economic institutions (such as the World Bank, the WTO, and the IMF) and democratic control over society's productive forces; 2) debt cancellation; 3) tax justice; 4) a global minimum wage (calculated as 50% of a country's median income); and 5) the restoration of the commons, including public services.

Lastly, comparative politics struggles to explain voter disenchantment and the preference of large segments of the electorate for political radicalism today. That anti-elite preferences exist is well known; in the *longue durée* view, a shift in traditional party cleavages that opens space for new actors also seems logical, even if the cleavages have not been completely abandoned (Bornschier & Kriesi 2012). But while cases like Greece (Syriza) and Spain (Podemos) show that the left can be successful, recent electoral patterns in Europe and beyond (e.g., their long history of success in Latin America) indicate that it is the right-wing politicians who present themselves as anti-system that are more successful. In the 1980s or 1990s, the electoral success of such figures as Jean-Marie Le Pen in France or Jörg Haider (whose FPÖ moved to the right) in Austria might have been seen in part as a "protest vote"; but is this explanation still viable as these figures repeat their electoral successes (including the re-election of Donald Trump in the US)? Populism – in itself a pitting of the "good people" against the "bad elites" – is often offered as an explanation. But its conceptualization and use as an explanatory factor is also contested (see, for example, Hunger and Paxton 2022); the question of whether it is the "demand" side (e.g., populist attitudes that people hold) or the "supply" side (what politicians offer) that matters more for electoral choice is often raised; the role of opportunity structures – from electoral systems to unclaimed political issues – across different contexts and political systems is also relevant (and complex);

and the role of the media in communicating messages (and normalizing certain policies and discourses) is surely important, but their causal role is difficult to estimate. Moreover, on the "demand" side, while the literature identifies both economic and cultural grievances as possible drivers of support for populists (Berman 2021), it seems more likely, even when voters tend to anecdotally cite the economy as a driver of their support or vote (not always the same thing), that the primary driver of right-wing voting among the *skilled* working class is resistance to modernist change – opposition to immigration, European integration, as well as the progressive values of the "New Left" – rather than precariousness per se, and that the true economic "losers of globalization" prefer not to vote at all (Bornschier & Kriesi 2012). Some additionally argue that while working-class voters are surely present, it is relative or nostalgic deprivation (Gest, Reny & Mayer 2017) or perceptions of the overall economy rather than voters' own experiences of material deprivation that drives this kind of voting. Such explanations might help us understand why, for example, the January 6 riots in the US were largely driven by middle-class Trump supporters, or why Republican voters in the US are much more likely than Democratic voters (those who turned out in the last election) to say their economic situation has worsened, even though their income categories are not so dramatically different overall; while others constantly point to the diversity of the electorate and the absence of a single "populist voter" (Roodujin 2017; Betz 1993). The current non-voters (including the millions who apparently stayed home in last week's American elections, but who did turn out last time) may hold potential for the left; but if voters are reluctant to endorse economically redistributive policies that are also culturally progressive – two things that now tend to go hand in hand in most contexts[14] – what is the Left to do?

Bibliography

banton, C. 2024. Third World Countries: Definition, Criteria, and List of Countries. *Investopedia* (last updated on February 23). https://www.investopedia.com/terms/t/ third-world.asp.

Berman, S. 2021. The Causes of Populism in the West. *Annual Review of Political Science*, 24: 71–88.

Betz, H-G. 1993. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe. *Comparative Politics*, 25(4): 413–427.

Bieber, F. 2018. Patterns of Competitive Authoritarianism in the Western Balkans. *East European Politics*, 34(3): 337–354.

Bornschier, S. and Kriesi, H. 2012. The Populist Right, the Working Class, and the Changing Face of Class Politics. In: Rydgren, J. (ed.) *Class Politics and the Radical Right*, 10–30. London: Routledge.

Gest, J., Reny, T., and Mayer, J. 2018. Roots of the Radical Right: Nostalgic Deprivation in the United States and Britain. *Comparative Political Studies*, 51(13): 1694–1719.

Hickel, Jason (with Yanis Varoufakis). 2024. A Vision for the Future | Podcast 8. Interviewed by Raoul Martinez. *Eye of the Storm Podcast* (YouTube), June 5. https://www.youtube.com/watch?v=6_3j3sHP6eg

Hickel, Jason. 2017. *The Divide: A Brief Guide to Global Inequality and its Solutions*. London: Penguin Random House UK.

14. There are also exceptions; see e.g. the recently formed Bündnis Sahra Wagenknecht in Germany, or the recently electorally successful Communist Party of Greece (KKE).

Johnston, Adrian. 2004. The Cynic's Fetish: Slavoj Žižek and the Dynamics of Belief. *Psychoa- nalysis, Culture & Society*, 9: 259–283.

Levitsky, S. and Way, L. 2002. Elections Without Democracy: The Rise of Competitive Authori- tarianism. *Journal of Democracy*, 13(2): 51–65.

Mudde, C. 2009. *Populist Radical Right in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

O'Malley, E. 2008. Why is There No Radical Right Party in Ireland? *West European Politics*, 31(5): 960–977.

Progressive International. 2024. *Program of Action on the Construction of a New International Economic Order*, Sep 23. https://progressive.international/wire/2024-09-22-a-manual-for-mu- tiny/en.

Riley, D. 2017. Bourdieu's Class Theory: The Academic as Revolutionary Catalyst, 2(1): 107–136.

Rooduijn, M. 2018. What Unites the Voter Bases of Populist Parties? Comparing the Electorates of 15 Populist Parties. *European Political Science Review*, 10(3): 351–368.

Sullivan, Dylan. 2021. The Global South has lost $152 trillion through unequal exchange since 1960. *Progress in Political Economy*, June 8. https://www.ppesydney.net/the-global-south-has- lost-152-trillion-through-unequal-exchange-since-1960/.

Varoufakis, Yanis. 2021. *Another Now: Dispatches from an Alternative Present*. Brooklyn, NY: Melville House.

Varoufakis, Yanis. 2020. Europe's Recovery Fund: An instrument of class war against weaker Eu- ropeans everywhere. DiEM25, June 29. https://diem25.org/europes-recovery-fund-instrument- class-war-against-weaker-europeans-everywhere/.

Varoufakis, Yanis. 2017. The High Cost of Denying Class War. *Project Syndicate*, December 8. https://www.project-syndicate.org/commentary/class-warfare-fuels-trump-and-brexit-by-yanis-varoufakis-2017-12.

Narrar memórias do futuro e ativar "inabilidades" políticas[1]

Juliano André Kreutz[2],
Raquel Trentin Oliveira[3]

Como nascem as revoluções? Parece óbvio que mudanças radicais dependem da combinação de capacidades e de poderes de subjetividades políticas, dissensuais. Christoph Menke (2020), no ensaio *The Possibility of the Revolution*, sustenta, entretanto, que não tem sentido perguntar quais as condições apropriadas à revolução. O gesto revolucionário envolve um uso reverso das capacidades construídas historicamente, a revitalização das forças de produção contra seus produtos (Menke, 2020, p. 251). O acontecimento instituinte, a experiência do litígio e da surpresa, decorre da interação entre as estruturas de repetição, as faculdades (o que pode um corpo) e uma meta-habilidade, a "inabilidade.

A "inabilidade", "the indeterminate capacity or the capacity of indeterminacy" (Menke, 2020, p. 248), corresponde à não funcionalidade, ao que não se adapta ao presente (aos modos de fabricar mundos, aos esquemas perceptivos, de inteligibilidade e sensório-motores). De onde viria esse excesso, essa potência de ruptura com um universo axiológico, a quebra da repetibilidade da História? De que modo acontece esse rompimento que é condição de emergência de sujeitos políticos?

Ao apelar-se a um ator revolucionário que romperia com os códigos de seu tempo, é necessário situar sua formação, indicar como se desestabilizam as formas de vida instituídas. Uma hipótese consideraria a preexistência do *Ser*, situaria o *Ser* a-histórico como reserva de uma diferença fundamental em constante atrito com o mundo[4]. Outra, proporia a ação intencional como causa das transformações, a razão orientaria as formas de viver. Pressupõe-se, nesse caso, as faculdades do sujeito como transcendentes, não construídas, exclui-se o que ultrapassa o entendimento, afirma-se o humano como "convenção normativa" (Braidotti, 2015). Uma terceira possibilidade seria *reativar* e *reencenar* potências instituintes contra o instituído no ecossistema geo-bio-tecno-sociocultural, o que implicaria *rememorar* as *condições de possibilidade* do que existe, tornar o passado presente (Menke, 2020*), ativar as multiplicidades virtuais* não desdobradas no mundo atual, mas esboçadas, nascentes, sementes de futuros encontradas nas ruínas do passado e nas forças impessoais dos afetos. O *logos* (razão e discurso) se situa como uma forma contingente, não universal, em fricção com forças pré-reflexivas, condições de sua possibilidade.

---

1. Ensaio elaborado para apresentação no IX Congresso Internacional em Estudos Culturais, *Culturas, ativismos e mudanças culturais*, entre 13 e 15 de novembro de 2024, na Universidade de Aveiro, Portugal. O presente trabalho foi realizado com os apoios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

2. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: julianokreutz@gmail.com.

3. Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: raquel.trentin@ufsm.br.

4. Koselleck (2001) atribui essa perspectiva aos neokantianos.

A explorar essa última proposição, articulada aos conceitos de memória como escritura dos corpos, dos corpos como conjuntos de práticas e dessas como instaurações das memórias (Vinciguerra, 2020), *o poder de afetar* (inscrever-se no outro) *e de ser afetado* (outrar-se, inscrever o outro em si), emerge como "capacidade de indeterminação". Isso não tem nada a ver com lembranças e evocações de formas (normas das relações), de figuras (hábito das formas) e de emoções passadas. Há diferentes tipos de memória. A potência de ruptura não vem das funções de recognição e de reconhecimento do mundo[5], associadas à "memória-contração", que opera como singularizadora das percepções, ao condensar as "vibrações da matéria" em qualidades, e à "memória-lembrança", que é um repertório de *percepções* passadas (Lapoujade, 2017, p. 25). Essas memórias envolvem as impressões sensíveis *adaptadas* aos sistemas de mundiação, às sensibilidades habituais, aos esquemas de percepção e de inteligibilidade do presente. Excluem as qualidades sensíveis não funcionais. Lapoujade (2017) nomeará de memória-espírito[6] esse "outro presente que não passa" (p. 25), que não se confunde com a percepção atual (memória-contração), nem com o repertório de imagens do passado (lembranças), que é "alguma coisa que foi presente, que foi sentida mas não foi agida, alguma coisa portanto, que está na reserva, um pouco como a planta acumula uma energia que servirá depois para o animal" (p. 26). A memória-espírito, presença "de alguma coisa que de certa maneira não se viveu" (p. 26), é uma "potência para romper", uma potência de variação. As "vibrações" das matérias inúteis à adaptação das ações de quem percebe o mundo são retidas (vestígios, rastros, traços) como potências. "Trans-outros virtuais de si mesmo" é outro nome atribuível a essas potências de invenção, que ultrapassam e interagem com o "eu-mesmo", com "a face do sujeito que corresponde a seu personagem na cartografia sociocultural de um mundo" (Rolnik, 2022, p. 278-279). Não há aqui excepcionalidade dos humanos. Afirmam-se subjetividades pós-humanas, pós-identitárias, não unitárias, transversais, polimorfas, relacionais e, portanto, *situadas*, que compõem ecossistemas geo-bio- tecno-socioculturais, entre corpos humanos e não humanos (Braidotti, 2015).

A partir dessas reflexões e interrogações sobre as revoluções e as insurreições em geral, propõe-se aqui a análise de uma potência singular de experiências estéticas e, em específico, de narrativas ficcionais, *de indeterminação de sentidos, de expressão, de ativação e de experimentação de "inabilidades"* políticas, insurrecionais.

O gesto crítico deste ensaio tende à descolonização da sensibilidade[7], à conexão da potência de pensamento aos afetos (às memórias do futuro). Concentra-se em narrativas ficcionais, lidas como composições de universos que excedem as percepções vividas (adaptadas ao presente) e que põem em jogo formas e modos de fabricar mundos do texto narrativo; mundos sócio-históricos (a entrecruzar os contextos de produção e de recepção da obra); e *sensações estéticas*, que não remetem a objetos de referência, nem a qualidades da obra e provocam "movimentos salutares", incrementam o poder de agir dos corpos (Zourabichvili, 2020).

---

5. Conclusão de Lapoujade (2017), a ler *Matéria e Memória*, de Henri Bergson [1896] (2010).

6. Trata-se de uma releitura das proposições de Henri Bergson, realizada por David Lapoujade (2017).

7. Parte-se da afirmação de Suely Rolnik sobre a formação, na modernidade/colonialidade, de um regime do inconsciente que separa o espírito (potência de pensar) dos afetos, que inclina a experiência à reprodução dos repertórios culturais. Esse regime constituiu-se na confluência da "caça às bruxas", da escravização e dos genocídios indígenas, processos históricos que atacaram as micropolíticas ativas do desejo, as sensibilidades e os dispositivos culturais de formas de vida que favoreciam a conexão entre as forças vitais, as potências de variação, as artes e os modos de existência. Rolnik (2021, 2022, 2023, 2023a) compreende esse fenômeno em diferentes publicações e apresentações e denomina-o de "neurose estrutural".

Escolheu-se, a título de exemplo, um trecho do romance *A ordem natural das* coisas, de António Lobo Antunes (1992). Quase todos os eventos narrados na obra se passam no regime autoritário salazarista português (1933-1974), rememorados após a Revolução dos Cravos e o fim da ditadura. Há um tópico ético-político óbvio. Após os movimentos de libertação em África e a perspectiva de democratização das instituições da vida em comum, é preciso inventar outras maneiras de viver. Um mundo novo não nasce de um só golpe. O passado não passa. Contém estruturas de repetição, de conservação das relações autoritárias, mas também as potências de ruptura. O romance explora o atrito entre o instituído e possíveis impulsos de transformações. Não apela, entretanto, à lucidez de um projeto revolucionário, de mudanças radicais. Joga nas sombras, na atmosfera do sonho, da loucura, do torpor. Lança-se nas zonas confusas, desordenadas, das ambivalências, dos paradoxos, da imprevisibilidade, em que qualquer coisa pode acontecer e talvez nada aconteça (nos universos ficcionais e sócio-históricos).

A considerar a brevidade do texto, analisa-se um aspecto do romance, a manifestação da sensação de torpor como um modo de *inabilitar* as faculdades do sujeito (o intelecto, a razão, os automatismos sensório-motores etc.) na fabricação de mundos, isto é, como uma "incapacidade" que reencena as forças de produção (decomposição, seleção e combinação de elementos diversos) contra as lógicas e as formas convencionais.

Potências das distorções

A prosa de António Lobo Antunes é povoada por "malogros existenciais", que se manifestam em séries de "frustrações e agonias", "mal-estares", "sofrimentos", "vivências penosas", "enfermidades afetivas", personagens com "sexualidade desviada e desviante" (Arnaut, 2009, p. 46–48)[8]. Fracassos, doenças, desviados, desviantes, o "alcoolismo ou a loucura" explicariam "de modo trivial" o "maravilhoso antuniano" (Cazalas, 2011, p. 67). Formas de vida, percepções, imaginações e entendimentos não adaptados às normas sociais floresceriam no cortejo em direção à morte "mediante a inexorável decadência do corpo humano" (Cazalas, 2011, p. 54). A exploração das fronteiras, dos limiares entre o "normal" e o "patológico", entre vida e morte, repercutem também na escrita vertiginosa, "em abismo" (Gil, 2011, p. 161). O texto se move "entre a repetição que cria vida e a repetição mortífera, traduzindo-as uma na outra, sem fim à vista" (Gil, 2011, p. 170). Por que procurar nesse emaranhado confuso, em que a vida parece falhar, reverberações das potências de variação, experiências de reapropriação das forças vitais, de acessos às potências de criação, de avivamento dos corpos (afetos de vitalidade) e de impulso de atos de criação? Um trecho de uma entrevista de Francis Bacon sugere pistas para a resposta:

8. Ana Paula Arnaut (2018, p. 19) afirma, ainda, que a presença de "personagens diversamente desequilibradas, (quase) patologicamente anormais" seria uma tendência da ficção portuguesa do novo milênio.

> "nós somos carne, somos carcaça em potencial. Sempre que entro num açougue penso que é surpreendente eu não estar ali no lugar do animal. Mas usar a carne dessa maneira particular talvez seja igual à maneira como alguém usaria a coluna, porque estamos sempre vendo imagens do corpo humano através de chapas de radiografia e isso obviamente modifica o modo como se pode usar o corpo. Você deve conhecer o belo pastel de Degas na National Gallery, de uma mulher lavando suas costas. E você pode ver bem lá no alto da coluna que *o osso quase sai para fora do corpo. Isso dá uma tal força e imprime uma tal distorção que você passa a perceber a vulnerabilidade do resto do corpo*, mais do que se Degas tivesse desenhado a coluna subindo naturalmente até o pescoço" (Bacon; Sylvester, 2007, p. 46, grifo nosso).

Um mínimo desvio insinua e evoca uma força que reverbera. Outras partes estremecem. Uma distorção torna suas interfaces perceptíveis. Os enfermos, malogrados e agônicos aparecem como encenações das forças de diferenciação de formas de vida. Compreende-se, de partida, que "a saúde não pertence à ordem dos cálculos" (Caponi, 2003, p. 59), não corresponde a normas *a priori*, universais (juízos de valor), nem se deduz da análise de frequências nas populações (normas estatísticas). Nos limiares entre normal e patológico, estão em jogo singularidades e suas possibilidades de "enfrentar as infidelidades", as variações das relações de um modo de existência (Caponi, 2003, p. 63).

A questão passa a ser como entram em cena as distorções das formas, as forças, na ficcionalização dos afetos/sensações. A análise de *A ordem natural das coisas* sugere um contraponto entre um modelo visual e um modelo afetivo de definição das perspectivas narrativas, de composição de mundos. As agências dos objetos, os pensamentos que se constroem durante a fala e as fusões de temporalidades instauram um jogo que desestabilizam as faculdades perceptivas e de entendimento.

Publicado em 1992 em Portugal e em 1996 no Brasil, o romance divide-se em cinco seções. Dez vozes alternam-se na tecitura da narrativa. Os narradores participam da trama e proliferam a construção de universos alternativos. Em linhas gerais, é um drama familiar (Joaquim, 2014). Julieta, a nascida de uma relação extraconjugal, presa no sótão dos Valadas, é o ponto de contato entre as diferentes fabulações. Dessa vida subjugada, nasce outra, o anônimo narrador do *Livro primeiro*, origem do fragmento analisado a seguir. Maria Antônia, a certa distância, nas bordas dos acontecimentos, na vizinhança de onde tudo se passa, "a apodrecer por dentro" (Antunes, 1996, p. 245), uma forma de vida a decompor-se, a tornar-se outra[9], é o ventre em que crescem as personagens, a criadora das histórias: "e comigo morrerão as personagens deste livro a que se chamará romance, que na minha cabeça povoada de um pavor de que não falo tenho escrito" (Antunes, 1996, p. 259). Como em um jogo de espelhos, Lobo Antunes afirmou que *A ordem natural das coisas* "[é] a dissolução de um cérebro" (Antunes; Martins, 2008, p. 159). Em um salto ousado, dir-se-ia que é a condição favorável para uma narrativa que "toca diretamente o sistema nervoso", em contraponto a outra que contasse

9. Destaca-se: "e não era eu que conversava, era outra, embora usasse as minhas roupas e o meu nome" (Antunes, 1996, p. 255).

"a história num longo discurso através do cérebro", roubadas e alteradas as palavras de Francis Bacon sobre a pintura[10]. Mas isto expõe pouco.

Torpor: força de indeterminação de mundos

Recorta-se um pequeno trecho de *A ordem natural das coisas*, para destrinchar um modo singular de composição de mundos, que nasce na tensão entre o entendimento, as memórias (lembranças e excessos não funcionais, inconscientes) e o enxame de impressões sensíveis:

> É então que me lembro dos equinócios que transviavam as arvéolas poisadas na cristaleira, nos enfeites do corrimão e no torpor das sinusites, e no temporal a varrer o larguinho em frente da pensão, com um antiquário às escuras e vitrinas de leques espanhóis e de budas remendados, é então que me lembro da garagem do mecânico albino que consertava os automóveis no verão, arrastando-se para a barriga dos motores. Os mochos, Iolanda, esmagavam-se no postigo do meu cubículo, pegado ao compartimento da cozinheira com uma retrete ao pé da cama e a vazante sempre a ferver no ralo, e a lotação do hotel éramos nós os dois mais a minha madrinha e os três polícias secretos, embora, quando chegava Julho, limpassem a praia de detritos, um calor amargo viesse tranquilizar as ondas, e de imediato a cozinheira e a velhota se revezassem no vestíbulo, de crochet no colo, na ilusão de que um táxi milagroso desembarcasse um grupo de americanas transidas, derrotadas pela angústia dos pinheiros e as molas dos estofos (Antunes, 1996, p. 11).

O velho funcionário público, insone, "à espera do efeito do *valium*" (Antunes, 1996, p. 9), tece o solilóquio, ao lado de Iolanda, a jovem com quem vive, que não quer escutá-lo e que dorme. Lembra-se da infância, dos primeiros seis anos, em que não conhecera a família da mãe e vivia na região da Ericeira (Antunes, 1996, p. 12), em um hotel, com uma cozinheira, sua madrinha (que também chama de "velhota") e "três polícias secretos". As reminiscências criam um desfile de cenas, de imagens de um tempo distante da narração, ainda vívidas, marcadas por detalhes como os "leques espanhóis", os "budas remendados", a "retrete ao pé da cama". Esses "quadros" de memória não formam uma galeria, uma série linear, ordenada. Aparecem em um redemoinho, como se os ventos do temporal, que varria "o larguinho em frente da pensão", também dispersassem os fragmentos do passado. Vestígios, restos, resquícios de experiências que se estendem em "espaços intersticiais", caracterizados "pela disjunção: nem vigília nem sono, nem isto nem aquilo" (Gil, 2020, p. 29)[11].

Não há comentários, explicações, ponderações ou outras intrusões do narrador. Os vestígios do passado manifestam-se crus, como uma torrente que é a causa de si própria. As imagens, as cenas evocadas estão repletas de impressões sensoriais, memórias da infância. Figuram fenômenos naturais e relances da paisagem (equinócio, temporal, vazante, calor, praia, ondas, pinheiros), seres humanos (mecânico, madrinha, cozinheira, polícias), outros humanos imaginados nos devaneios das mulheres da casa (o grupo de americanas), viventes não humanos (arvéolas, mochos) e uma coleção de objetos (cristaleira, corrimão, larguinho, antiquário, leques, budas, automóveis, retrete, etc.).

10. Referência à afirmação de que "[é] uma coisa muito, muito difícil e íntima saber por que certa pintura toca diretamente no sistema nervoso e outra lhe conta a história num longo discurso através do cérebro" (Bacon; Sylvester, 2007, p. 18).

11. Empresta-se a definição de espaços intersticiais, de José Gil, elaborada nas análises da obra de Fernando Pessoa.

Os fragmentos de cenas iterativas marcam a monotonia, a repetição dos acontecimentos: o mecânico que consertava automóveis no verão, os mochos que "esmagavam-se no postigo" (Antunes, 1996, p. 11), etc.. Não há um acontecimento singular, único. Os personagens não são descritos, a perspectiva da criança, evocada nas memórias, não tem contornos definidos, não se revela o que pensa, sente, imagina naquele tempo, no tempo da experiência, não se define um *estado* de quem vê as imagens heterogêneas, que aparentam a projeção de um cinematógrafo, como se a "fábrica de mundo" fosse *uma interface de contato entre pedaços diversos*. A composição é singular, de uma subjetividade-sem-sujeito, pré-pessoal, impessoal.

Não há a continuidade de um plano de visão. Os cortes são abruptos. Se nas primeiras linhas é plausível conceber o deslocamento contínuo do olhar no interior da casa, a acompanhar os pousos das arvéolas na cristaleira e no corrimão, a focar, do lado de fora o "larguinho em frente da pensão" (Antunes, 1996, p. 11) e as vitrines do antiquário, de repente irrompe outro espaço, a "garagem do mecânico" (Antunes, 1996, p. 11), desta salta-se de volta para a casa, à pequena janela do quarto. Não se evocam emoções, temas ou ideias que predeterminariam as conexões entre estes fotogramas. Há apenas o *rastro de uma sensação*, o "torpor das sinusites" (Antunes, 1996, p. 11).

O torpor instaura-se como o modo singular de mundiação. O agenciamento torporoso, a composição de relações do humano com outros objetos, práticas, multiplicidades e forças, instaura as condições de possibilidade de fabricar mundos. As propriedades e a agência deste "compositor" não dependem de uma substância, de um núcleo ordenador dos sentidos, mas das conexões imanentes, é uma composição de relações, sempre reaberta, afetada pelo mundo, e registra as marcas destas afecções, como uma interface sensível. Não há um princípio de individuação, mas séries de encontros. Há um processo de contínuos deslocamentos, conexões e variações de redes de relações. Formam-se circuitos entre humanos, objetos, intensidades, instauram-se corpos- agenciamento[12], compõem-se singularidades, mas não individualidades. Institui-se uma multiplicidade de origens de sentido, os objetos também agem, isto é, "qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator" (Latour, 2012, p. 108). É preciso atentar-se aos objetos mobilizados em diferentes cursos de ação; ao que um ator-rede impessoal faz, pois um "fazedor" não precede um "feito"[13]. Atentar-se às transformações, distorções, estranhamentos, rupturas e outras variações das relações constitutivas destes circuitos inumanos, desses modos singulares de composição de mundos.

Há quem siga outros caminhos na leitura. É possível fazer cálculos aproximados, caracterizar o personagem anônimo "informador", recolher "informações" de outros pontos de vista, procurar descrever *um sujeito* que vê. Assim, a memória estilhaçada, confusa, talvez se explicasse a partir de uma patologia, do ser "sob os efeitos da doença depressiva" (Sá, André Correia, 2013, p. 280). Apareceria o contorno da figura, do indivíduo que unifica a dispersão de imagens. A forma da existência (doente, depressiva) motivaria essa emergência disparatada de retalhos de vivências da infância. A afinidade entre as partes, os limites

12. Esta ideia referencia-se em leituras de Deleuze e Guattari, na compreensão de que "o eu é apenas um limiar, uma porta, um devir entre duas multiplicidades" (Deleuze; Guattari, 2012, p. 34–35). Para a análise literária, um dos subsídios é o texto *The Inhuman Circuit*, de Jeffrey Jerome Cohen (2003), que considera, na Idade Média, a cavalaria como um dispositivo de subjetivação: homens e cavalos co-engendram-se. Aqui, não se estabelece um diagrama único às conexões entre humanos e não humanos, destaca-se a multiplicidade de interfaces e de afecções nos agenciamentos entre viventes, coisas e intensidades.

13. Nos termos de Nietzsche (2009, p. 33), "não existe 'ser' por trás do fazer, do atuar, do devir; o 'agente' é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo".

das memórias, os esquecimentos decorreriam de um estado do "informador". As marcas do percepiente inscrevem-se no percebido. As variações na composição de mundos derivariam de um princípio de individuação, da anormalidade diagnosticada do sujeito, da repetição do quadro nosológico, sem potência de variação. Críticos, analistas poderiam reconstruir os mundos, corrigir as falhas, a partir de chaves simbólicas. O especialista veria o que o sujeito *anormal* não vê. O leitor preencheria as lacunas, a partir de outros pontos de vista ou indícios textuais indisponíveis a um determinado ponto de vista.

Os romances de Lobo Antunes incorporam temas como traumas, violências de diferentes tipos e ficcionalizam maneiras de sentir, de pensar e de agir inadaptadas às normas (que entrelaçam discursos morais, científicos, publicitários etc.). Essas inadaptações se inscrevem nas analogias, nos jogos entre as existências ficcionais e as referências, os repertórios evocados na leitura (lembranças, emoções, sensações). Há um entrecruzamento: a normalidade implica a mútua inclusão de convenções do mundo factual e do universo ficcional. Transgressões se definem a partir de padrões e da suposição de diferenças de valores entre modos de existência ou, nos termos de Canguilhem (2009), de que uma "norma de vida" é superior a outra. Nesse jogo, por vezes, as leituras explicam a construção das personagens com referências nosográficas. A análise de personagens se configura como uma "patologia dos casos", a tomar emprestado a expressão de Foucault (2021, p. 113), ao se "dirigi[r] a um conjunto de signos, de sintomas e de manifestações cuja coerência devia ser procurada em uma estrutura natural". Supõe-se que o caso-personagem compõe uma série, agrupada e determinada por causas e atributos comuns. Lembranças, esquecimentos, apetites e ações seriam regidos por leis próprias de um fenômeno patológico. Pressupõe-se que há uma gramática própria das potências de variação. Negligenciam-se os afetos não individuados, pré-pessoais, transindividuais e as possibilidades de que "seres vivos que se afastam do tipo específico são, muitas vezes, inventores a caminho de novas formas", como lembraria Safatle (2011, p. 24), a acompanhar Canguilhem. Quando a leitura tende ao "mínimo desvio" do presente (Ryan, 1991) e adapta-se aos esquemas habituais de percepção, de inteligibilidade e de emoção, reafirmam-se dispositivos dominantes de poder, saber e subjetivação. De qualquer modo, se o leitor "ocupa a diferença e paralisa o jogo através da significação encontrada" (Iser, 1996, p. 275), a interpretação instaura-se como um suplemento, a obra permanece aberta.

Redes abertas e instáveis

Os pontos de vista narrativos na obra antuniana são análogos aos propícios à invenção nas leituras. O jogo que se instaura nas narrativas do escritor português envolve a desestabilização das coordenadas do "eu". Leitores se deparam com personagens com limiares subjetivos borrados, que se fundem às paisagens, que encenam falas e pensamentos afetados por micropartículas que os rodeiam, por falhas em uma cômoda, à vista de uma árvore, irritados por ruídos; arrastados por avalanches de memórias confusas, de lembranças entrecortadas, indefinidas, que sugerem a fusão de vivências diversas, delírios, devaneios, sonhos. Proliferam subjetividades-sem-sujeito, constelações de elementos em constante variação, sem causas formais determinadas, assinaladas por nomes próprios que não designam particularidades, indivíduos, mas potências de metamorfose, de transformação de conjuntos, de composições de elementos heterogêneos que compartilham

ritmos e velocidades[14], não semelhanças. Não há essência, nem identidade definida por traços comuns entre as partes. Um nome próprio, a constituição de um círculo familiar, de um "em-casa", as repetições que marcam a experiência de alguma mesmidade apresentam-se em tensão com forças de dissipação, de dispersão, de dissolução dos contornos das personagens. As diferenças entram em jogo. E neste jogo, as distorções das perspectivas narrativas ressoam como potências de variação nas maneiras de ler, funcionam como máquinas de proliferação de associações e concatenações (máquinas de sonhos), como superfícies suscetíveis e sensíveis aos encontros (não normativas, imoralistas). A instabilidade e indefinição dos pontos de vista nas narrativas (das fábricas de mundo) aparecem como um olho que "*quase sai para fora do corpo*". Compreendo, em um jogo com a ponderação de Francis Bacon, que "*isso dá uma tal força e imprime uma tal distorção que você passa a perceber a vulnerabilidade do resto do corpo*"[15].

A narrativa ficcional é um laboratório de insurreições do sensível, em composição e atrito com as formas da razão, do entendimento. *Encena* e produz como *efeito* o mal estar e a inquietação de formas de vida inadaptadas, a tatear na escuridão, à procura de fragmentos de um mundo a desmoronar, para compor outros possíveis, incertos. Essa revolução sensível, a suspensão dos poderes, das faculdades da razão, não se confunde, entretanto, com a "insurreição hippie dos sentidos"[16]. Não se elogia a suposta harmonia essencial, que derivaria da regressão às verdades da natureza humana, liberadas dos constrangimentos da cultura. Não se procura uma reserva de *diferença* a-histórica, nem a autoridade transcendente de alteridades absolutas (como a Loucura). As personagens e as leituras localizam-se em encruzilhadas *por vir*, em zonas de impasse, de caminhos não bifurcados, pontos de tensão, de ambivalência, em que um signo incorpora sentidos contrários.

A experimentação desse laboratório de ofensivas sensíveis[17], em fricção com a razão, não se opõe às interpretações de outras repercussões políticas do romance. As prisões arbitrárias, as torturas, os rastros da política do regime salazarista, do extrativismo colonial em África, da violência patriarcal povoam as páginas. Selecionou-se, aqui, uma operação política bastante específica, em que a inabilidade e a disfuncionalidade de um estado de sensibilidade reduzida, o torpor, dá pistas sobre possíveis modos de desestabilização das fábricas de mundo da modernidade/colonialidade, de suas epistemologias e políticas pouco porosas aos afetos, às sensações sem gramática social. Pontua-se, que não há no romance a figuração de uma forma de vida dissidente inspiradora, que projete possíveis saídas de regimes políticos e sociais opressores. A cena em foco, neste ensaio, é dominada pelo torpor. Nada parece se opor mais à emancipação, às insurreições, à invenção do que o estado torporoso, entorpecido, anestesiado. O torpor combina insensibilidade e imobilidade. E é na expressão desse torpor que se chafurda à procura de "forças vitais".

Sabe-se dos limites desta proposição, circunscrita à esfera institucionalizada dos objetos estéticos, ao se analisar o texto de um escritor português, canônico, com reconhecimento dos discursos críticos e teóricos e das instituições editoriais. Combate-se com as armas que se têm à mão e da posição em que se está. Não se trata, contudo, da repetição do gesto dos Românticos, que procuravam experiências estéticas liberadas das

14. Referência à noção spinozista de individuação (Deleuze, 2019; Deleuze; Guattari, 2012).

15. Repete-se trecho de citação anterior da fala de Francis Bacon, entrevistado por David Sylvester (2007, p. 46).

16. Recupera-se o alerta de Rosi Braidotti (2015), ao escrever sobre o pós-humano.

17. A expressão é de Diego Sztulwark (2019) e inspira a formação do argumento deste ensaio.

formas da razão e do entendimento, a supor uma sensibilidade universal. Compreende-se que que "[i]n decolonial aesthetics universality gives way to pluriversality of various experiences" (Tlostanova, 2017, p. 36). Narrativas com autorias, protagonistas, linguagens e temáticas subalternizadas, ficcionalizações de formas de vida dissidentes, de culturas e sistemas de mundiação mais sensíveis aos "saberes do corpo", provocariam outras questões, diferentes caminhos e possibilidades às leituras. Sacudiriam de outras maneiras, no jogo entre o mundo encenado e o sócio-histórico, as lógicas da modernidade/colonialidade.

Aqui, apostou-se na virada afetiva, a situar as obras de arte como "blocos de sensações" (Deleuze; Guattari, 2010), como um modo de *rememorar e revitalizar as condições de possibilidade* da própria Estética, a *Aesthesis*, as forças impessoais, inconscientes, forças estéticas (Menke, 2013), a multidão de impressões sensíveis que afetam e movimentam o *continuum* extensão-pensamento, corpo-espírito, contra as *formas* habituais de sensibilidade, de percepção e de inteligibilidade no sistema colonial, patriarcal, racial e capitalista. Narrativas ficcionais podem ser laboratórios de alteração do *sensorium*. O torpor pode se tornar um modo disruptivo de fabricar mundos, das formas de vida inadaptadas, dos "filhos da noite", que exploram na imobilidade e na indiferença, nas condições de sustentação dos regimes totalitários, do capitalismo e do colonialismo, possibilidades de usos reversos da insensibilidade historicamente construída. Reafirma-se que a potência de ruptura é uma incapacidade (do sujeito da modernidade/colonialidade). As narrativas ficcionais podem ser laboratórios e práticas de ativação e de experimentação de inabilidades políticas.

Referências

ANTUNES, António Lobo. **A ordem natural das coisas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. ARNAUT, Ana Paula. **António Lobo Antunes**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BACON, Francis; SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon**. tradução: Maria Teresa Resende Costa. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. tradução: Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BRAIDOTTI, Rosi. **Lo Posthumano**. tradução: Juan Carlos Gentile Vitale. Barcelona: Gedisa, 2015. CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. CAPONI, Sandra. A saúde como abertura ao risco. *In*: CZERESNIA, Dina (org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

CAZALAS, Inès. O romanesco na obra de Antônio Lobo Antunes: herança, desconstrução, reinvenção. *In*: ANTÓNIO LOBO ANTUNES: A ARTE DO ROMANCE. 1. ed. Lisboa: Texto Editores, 2011.

COHEN, Jeffrey Jerome. The Inhuman Circuit. *In*: COHEN, Jeffrey Jerome; WEISS, Gail (org.). **Thinking the limits of the body**. Albany: State University of New York Press, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs IV: capitalismo e esquizofrenia 2**. tradução: Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que** é **filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. EAGLETON, Terry. **A Ideologia da estética**. tradução: Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. GIL, José. Fechamento e linhas de fuga em Lobo Antunes. *In*: CAMMAERT, Felipe (org.). **António Lobo Antunes: a arte do romance**. 1. ed. Lisboa: [*s. n.*], 2011.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. **Rio de janeiro: UERJ**, 1996.

JOAQUIM, Carolina da Costa. **O discurso sobre o feminino na ficção romanesca antuniana: a emergência de um género**. 2014. 155 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Aberta, Lisboa, 2014. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/10400.2/3668. Acesso em: 26 out. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia**. tradução: Daniel Innerarity. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. tradução: Hortencia Santos Lencastre. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: ROQUE, Ricardo; NUNES, João Arriscado (org.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência.** Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2008.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador - Bauru: Edufba - Edusc, 2012.

MENKE, Christoph. **Force: A fundamental concept of aesthetic anthropology**. tradução: Gerrit Jackson. New York: Fordham University Press, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.5422/fordham/9780823249725.001.0001.

MENKE, Christoph. The Possibility of the Revolution. *In*: TELIOS, Thomas; THOMÄ, Dieter; SCHMID, Ulrich (org.). **The Russian Revolution as Ideal and Practice**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 243–260. Disponível em: http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-14237-7_14. Acesso em: 5 jun. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna**. tradução: Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017a.

ROLNIK, Suely. **A neurose estrutural: política de subjetivação dominante sob o regime inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalista**. Disciplina do Núcleo de Estudos da Subjetividade. São Paulo: PUCSP, 2023a.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia Zumbi**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

ROLNIK, Suely. As aranhas, os Guarani e os Guattari: por que importa ativar a força micropol[itica do trabalho com o inconsciente?. *In*: SANTOS, Anderson (org.). **Psicanálise e esquizoanálise**. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 269–332.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023b.

RYAN, Marie-Laure. **Possible worlds, artificial intelligence, and narrative theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

SAFATLE, V.. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Scientiae Studia**, v. 9, n. 1, p. 11–27, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/VfqSSxvQ7WBQyrKKbJwjpWx/. Acesso em: 22 fev. 2024.

SZTULWARK, Diego. **La ofensiva sensible**: neoliberalismo, populismo y el reverso de los político. Buenos Aires, Argentina: Caja Negra Editora, 2019. (Colección Futuros próximos, v. 28).

TLOSTANOVA, Madina. How to Disengage from the Coloniality of Perception. *In*: TLOSTANOVA, Madina. **Postcolonialism and Postsocialism in Fiction and Art**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 23–44. Disponível em: http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-48445-7. Acesso em: 8 out. 2024.

VINCIGUERRA, Lorenzo. **La semiótica de Spinoza**. tradução: Fernando Venturi. 1. ed. Buenos Aires: Cactus, 2020.

ZOURABICHVILI, François. Individual identity in spinoza. **parrhesia**, v. 32, p. 211–232, 2020. Disponível em: http://www.parrhesiajournal.org/parrhesia32/parrhesia32_zourabichvili.pdf. Acesso em: 4 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO

programa doutoral em estudos culturais universidade de aveiro

NECO Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio

GECE Grupo Género e Performance

cllc universidade de aveiro centro de línguas, literaturas e culturas

FINANCIAMENTO

fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Projetos UIDB/04188/2020 e UIDP/04188/2020.